U.PORTO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOMÉDICAS ABEL SALAZAR
UNIVERSIDADE DO PORTO

# Contextos de Socialização e Reconstrução Identitária de Adolescentes com Consumos de Drogas

Tese de Candidatura ao grau de Doutor em Ciências do Serviço Social, submetida ao Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar da Universidade do Porto

Orientadora - Celina Paula Manita Santos

Categoria – Professora Associada

Afiliação – Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto

RESUMO

O objecto de investigação de que damos conta nesta dissertação prende-se com as relações existentes entre constrangimentos sociais e estruturas psicológicas específicas de adolescentes originários de meios sociais altamente vulneráveis. Prende-se, igualmente, com as relações acima referidas e o consumo de drogas. Trata-se, pois, de analisar a existência de possíveis relações entre as trajectórias de vida, atravessadas por vários tipos de rupturas, e a entrada numa carreira de dependência de psicotrópicos. Interessa-nos, para além disso, levar a cabo uma reflexão aprofundada sobre as respostas que é necessário criar para interromper este tipo de processo comprometedor da possibilidade de o indivíduo se desenvolver mais plenamente como pessoa e como cidadão.

Ao longo da primeira parte, procuramos relacionar o enfraquecimento generalizado da vida colectiva e a emergência do individualismo negativo, para mostrar como o actual contexto social contribui para a instalação de predisposições favoráveis ao consumo de drogas. Admitimos, pois, que a origem das dependências dos produtos psicotrópicos não descarta a influência dos factores internos ao indivíduo, mas também acreditamos que tais factores se desenvolvem em estreita relação com os processos, mecanismos e lógicas inerentes à acção social, no seu conjunto.

Na segunda parte deste trabalho continuamos a investir na construção de uma síntese teórica e práxica para este fenómeno, no cruzamento de diversas abordagens disciplinares especificamente voltada para esclarecer os processos sociais que conduzem à formação de estruturas psicológicas de risco face ao consumo de substâncias psicotrópicas. Muito particularmente entre os jovens cujas histórias recolhemos. Para conseguir ultrapassar a concepção da droga como doença, delinquência ou vício e substituí-la pelo conceito da droga – plano de significação existencial, proposto por Cândido da Agra, que nos aparece como mais integrador e adequado à leitura deste fenómeno, consideramos importante integrar outros contributos, mais voltados para o reconhecimento dos processos macro-estruturais e das dinâmicas de interacção social responsáveis pela privação severa dos recursos que condicionam o desenvolvimento pessoal e social dos jovens que nos ocupam.

Por último, na terceira parte procuramos analisar a intervenção desenvolvida no âmbito de uma comunidade terapêutica, a Clínica do Outeiro. Orientamos fundamentalmente a reflexão para a (in)adequação deste tipo de estrutura aos problemas e necessidades muito específicos dos adolescentes cujas histórias evidenciam uma acumulação de rupturas, indissociáveis, como mostramos, da

insipiência das políticas de família, de educação, de redistribuição, de ordenamento urbano e de emprego.

As interrogações que fomos desenvolvendo ao longo do trabalho têm por suporte empírico as trajectórias de vida de 18 jovens que, à data da entrevista, tinham idades compreendidas entre os 12 e os 19 anos, e que conheceram profundas rupturas no seu processo de socialização. No momento do estudo encontravam-se, por intervenção das Comissões de Protecção de Menores/Tribunais, na Comunidade Terapêutica da Clínica do Outeiro

Socializados nos consumos de álcool e drogas, estes jovens conviveram desde sempre com progenitores e/ou outros adultos consumidores e consumidores/traficantes, familiares ou não, e sempre lhes foi fácil o acesso aos produtos. Desde muito cedo aprenderam a naturalizar tanto as práticas de consumo quanto as estratégias a mobilizar (entre outras, os roubos e o tráfico) para as manter. Não será, pois, de surpreender que tanto as idades de início de consumos tivessem sido precoces (para a maioria deles a primeira experiência verificou-se entre os 9 e os 10 anos) como, e sobretudo, lhes estivesse facilitada a iniciação a práticas delinquentes, senão mesmo as etapas que já percorreram na “carreira” de delinquência.

RÉSUMÉ

Les relations existantes entre les contraintes sociales et les structures psychologiques très particulières d'adolescents originaires de milieux sociaux particulièrement vulnérables constituent l'objet de recherche de cette dissertation. Tout comme les liens entre ce premier ensemble de relations et la consommation de drogues. Il s'agit donc d'analyser l'existence de liens entre des trajectoires de vie, dominées par toute une série de ruptures, et le développement d'une carrière de toxicomane, afin de pouvoir mener une réflexion approfondie au sujet des réponses qu'il est nécessaire créer pour interrompre ce type de processus qui affectent la possibilité de se développer comme personne et comme citoyen.

Dans la première partie, nous établissons la relation entre l'affaiblissement généralisé de la vie collective et l'émergence de l'individualisme négatif, afin de montrer comment le contexte social actuel contribue à installer des dispositions favorables à la consommation de drogues.

Nous admettons parfaitement que les facteurs internes aux individus jouent un rôle dans la genèse des dépendances de produits psychotropes, mais nous montrons que ces facteurs, eux-mêmes, se développent en étroite relation avec les processus, mécanismes et logiques inhérentes à l'action sociale, dans son ensemble.

Dans la deuxième partie de ce travail, nous continuons notre travail de construction d'une synthèse théorique et praxique, au croisement de diverses disciplines et perspectives, mettant en lumière les processus sociaux qui conduisent à la formation de structures psychologiques de risque face à la consommation de drogues. Tout particulièrement chez les jeunes dont nous avons recueilli l'histoire de vie. Afin de parvenir à dépasser la conception de la drogue comme maladie, délinquance ou vice et à la remplacer par le concept de drogue – visée ayant une signification existentielle, proposé par Cândido da Agra, il faut absolument intégrer d'autres apports, qui permettent, notamment, de reconnaître les processus macro structuraux et les dynamiques d'interaction qui sont responsables de la très sévère privation de ressources indispensables pour le développement personnel et social des jeunes dont nous parlons.

Finalement, dans la troisième partie, nous analysons l'intervention développée dans le cadre d'une communauté thérapeutique, la «Clínica do Outeiro». Notre réflexion vise fondamentalement élucider l'adéquation (ou não) de ce type de structure aux problèmes et besoins très spécifiques d'adolescents dont l'histoire de vie est marquée par une accumulation de ruptures, indissociables, comme nous le

montrons, du caractère très embryonnaire des politiques de famille, éducation, redistribution, aménagement urbain et emploi.

Les interrogations que nous développons tout au long du travail s'appuient sur l'observation empirique des trajectoires de vie de 18 jeunes qui, au moment des interviews avaient entre 12 et 19 ans et qui tous connurent de profondes ruptures dans leur processus de socialisation. Ils se trouvaient dans la Communauté Thérapeutique en vertu de l'intervention de Commissions de Protection des Mineurs ou de tribunaux.

Il s'agit de jeunes qui furent socialisés dans des milieux très perméables à la consommation d'alcool et de drogues. Ayant généralement vécu avec des parents et/ou d'autres adultes toxicomanes et toxicomanes/trafiquants, il leur fut toujours très facile d'accéder aux substances consommées. Ils apprirent très tôt à naturaliser aussi bien les pratiques toxicomanes que les stratégies auxquelles recourir (entre elles, le vol et le trafic) afin de les maintenir. Il n'y a donc pas lieu de se surprendre ni de l'âge précoce auquel ils commencèrent à consommer (dans la majorité des cas, entre 9 et 10 ans), ni de leur initiation facile aux pratiques délinquantes, ni du trajet déjà parcouru dans la carrière délinquante.

SUMMARY

The object of research of this dissertation concerns the relations between the social constraints and the psychological structure among teenagers from vulnerable environments, as well as the close link between those relations and drug abuse are. We will try to analyze the relationships between life pathways dominated by social ruptures and drug dependency, with the purpose of finding how to stop this circle that enables youngster to develop themselves as persons and citizens.

In the first part, we try to relate the generalized weakening of collective life and the dawning of the negative individualism, with the purpose of showing how the present social context contributes to the settlement of favorable predispositions to drug use. We assume that the origin of the dependence on psychotropic products is influenced by individual internal factors. However, we also believe that these factors develop in close relationship with the processes, the mechanisms and the logics behind the whole social action.

In the second part we continue to build a theoretical synthesis, crossing different disciplinary approaches and aiming to clarify the social processes that lead to the development of the risk psychological structures regarding the psychotropic substances consumption. This analysis will focus mainly on the youngsters whose histories we collected. Moreover, in order to be able to replace the concept of drug as a disease, an addiction or delinquency for the concept of drug as a level of existential signification – as suggested by Cândido da Agra – it is important to integrate other contributes concerning the recognition of the macro-structural processes and the dynamics of social interaction responsible for the severe deprivation of the resources that condition the individual and social development of the teenagers.

Finally, in the third part, we will analyze the work developed by a therapeutic community - Clínica do Outeiro. The focus of the discussion will be set on the (in)adequacy of these kind of structure to respond to the specific problems and needs of the teenagers whose history shows successively breakdowns, closely connected to the inefficiency of the policies of family, education, redistribution, urban planning and employment.

The empirical support of the questions that have been put during the current study relies on the life course of 18 teenagers aged between 12 and 19, and who suffered deep fractures in their socialization process. At the time of the study, these teenagers where institutionalized, by court order, in the therapeutic community of Clínica do Outeiro.

Socialized in the context of drugs and alcohol strong consumption , these teenagers have always lived together with drug users or users/dealers – parents or other adults both in and out of the family – and, hence, the access to these products have always been easy for them. Moreover, they learned very soon how to naturalize both the drug/alcohol use and the strategies to keep it, such as theft and traffic. Therefore, it is not surprising the precocity of the beginning of using (most of the teenagers had their first experience between 9 and 10 years old) and, mainly, the ease of developing practices of delinquency, the same steps they had already taken in their 'career' of delinquency.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....1

I - CRISE GENERALIZADA DOS MECANISMOS DE INTEGRAÇÃO SOCIAL: *A* SOCIEDADE DE RISCO.....9

Capítulo 1 - NOVO CAPITALISMO E DECLÍNIO DO COLECTIVO.....27

1.1. O mal-estar identitário e o problema dos usos de drogas e das toxicodependências.....27

Capítulo 2 - CRISE DOS MECANISMOS DE INTEGRAÇÃO SOCIAL PELA FAMÍLIA: O INDIVÍDUO E A FAMÍLIA.....47

2.1. Dinâmicas familiares: fraco envolvimento afectivo, fortes tensões e conflitos, rejeição mútua.....49

Capítulo 3 – CONSIDERAÇÕES SOBRE O MÉTODO.....66

3.1. Objecto e objectivos.....66

3.2. Posicionamento metodológico.....66

3.3. O mundo vivido e a atribuição de significados.....69

3.4. Das narrativas aos conteúdos de vida: vida subjectiva e singularidade de cada mundo vivido.....71

3.5. A entrevista como método de recolha de "histórias de vida" – procedimentos e reflexões em torno da violência simbólica na relação social entre investigador e investigado.....72

3.6. Análise de conteúdo e interpretação das entrevistas.....75

3.7. A selecção dos entrevistados. "amostra intencional" versus "amostra estatística".....76

Capítulo 4 – HISTÓRIAS NARRADAS, VIDAS REVISITADAS: O QUE OS PRÓPRIOS DIZEM A RESPEITO DO SEU INÍCIO DE VIDA.....77

Capítulo 5 – A RETIRADA DA FAMÍLIA: REPRODUÇÃO DA MARGINALIZAÇÃO/ INTERRUPÇÃO DO DESTINO SOCIAL?.....119

II – CONTRIBUTOS PARA A CONSTRUÇÃO TEÓRICA E PARA UMA PRAXIS CIENTIFICAMENTE SUSTENTADA EM TORNO DO FENÓMENO DA TOXICODEPENDÊNCIA: UMA ABORDAGEM TRANSDISCIPLINAR**……145**

Capítulo 6 – SERÃO OS CONSUMIDORES DE DROGAS PORTADORES DE ALGUMA CARACTERÍSTICA PSICOLÓGICA PRÓPRIA**?.....146**

Capítulo 7 – DA "DROGA-DOENÇA", "DROGA-DELINQUÊNCIA", "DROGA-VÍCIO" À DROGA – PLANO DE SIGNIFICAÇÃO EXISTENCIAL**" ……166**

7.1. Jovens de lugares de exílio**……178**

7.2. A crise do laço social: emergência de um modo de socialização e de individualização inédito**……217**

III– DAS MODALIDADES DE TRATAMENTO: MODELO PORTAGE**…….....238**

Capítulo 8 - ABORDAGEM TERAPÊUTICA DA CLÍNICA DO OUTEIRO**……239**

8.1. Componente comportamentalista do programa Portage**……...244**

8.2. Componente cognitivista do Programa Portage**……246**

8.3. Contributo da teoria da aprendizagem social para o Programa Portage**……252**

Capítulo 9 – COMO SUPERAR AS RUPTURAS QUE OCORRERAM NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE**……266**

9.1 Desenvolver sentimentos de pertença e de auto-valorização**……...267**

9.2 Dimensão moral do comportamento humano**……..269**

9.3 Será que a oferta de um meio terapêutico fechado pode suprir as falhas persistentes que avassalam o mundo social dos adolescentes em causa?**.....281**

REFLEXÕES FINAIS E CONCLUSÕES: NOVO PONTO DE PARTIDA.....**328**
BIBLIOGRAFIA.....**345**
ANEXOS.....**354**

# INTRODUÇÂO

O objecto de investigação de que damos conta nesta tese prende-se com as relações existentes entre constrangimentos sociais e estruturas psicológicas específicas de adolescentes originários de meios sociais altamente vulneráveis. Prende-se, igualmente, com as relações acima referidas e o consumo de drogas. Trata-se, pois, de analisar a existência de possíveis relações entre as trajectórias de vida destes jovens, atravessadas por vários tipos de rupturas, e a entrada numa carreira de comportamentos desviantes e dependência de psicotrópicos. Digamos que nos interessa esclarecer como certos constrangimentos estruturais induzem formas específicas de inter-relação entre o indivíduo e a sociedade, que, por sua vez, organizam estruturas subjectivas, também elas específicas.

Para dar conta desta reflexão, organizamos a tese em três partes, a primeira das quais designamos por **Crise Generalizada dos Mecanismos de Integração Social: A Sociedade de Risco.** Ao longo desta primeira parte, procuramos relacionar o enfraquecimento generalizado da vida colectiva e a emergência de um individualismo negativo, instalando predisposições favoráveis ao consumo de drogas. Admitimos, pois, que a origem das dependências dos produtos psicotrópicos não descarta a influência dos factores internos ao indivíduo, mas também acreditamos que tais factores se desenvolvem em estreita relação com os processos, mecanismos e lógicas inerentes à acção social, no seu conjunto.

Assim, no primeiro capítulo, reflectimos sobre o conjunto de transformações na economia que, desde há trinta anos, têm ocorrido nas sociedades ocidentais, entre as quais Portugal se encontra, e que conduziram à produção de um vasto número de vulnerabilidades sociais. São já vários os autores a abordar o tema da generalização dos riscos nas modernas sociedades e que analisam o enfraquecimento da vida colectiva como um factor de sério agravamento das fragilidades individuais.

As sociedades actuais deixaram de garantir pontos de referência sociais capazes de favorecer a identificação colectiva. Neste contexto, os indivíduos, sobretudo os das jovens gerações, deixam de ter à sua disposição as referências construídas pelas gerações anteriores, muitas vezes, à custa de esforços consideráveis. Deixam de poder partilhar valores e projectos colectivos que conferem um sentido à existência e alimentam a verdadeira capacidade de criar o novo e exercer a liberdade.

.A nova forma de individualização/fragilização que ocorre nas nossas sociedades remete para o facto de o indivíduo se sentir, ao mesmo tempo, mais vulnerável, em termos económicos e sociais, mas, também, mais frágil psiquicamente. É precisamente porque a vida ocorre num universo mais aleatório e menos organizado, que os indivíduos se encontram hoje mais abandonados a si próprios.

Também no domínio da vida familiar, que será abordado no segundo capítulo, as mudanças ocorridas apontam no mesmo sentido da fragilização do laço social, muito em especial pela adopção de modas educativas que parecem ignorar alguns dos mecanismos da vida psicológica mais essenciais. Um deles, abordado por Freud e amplamente estudado por numerosos psicólogos depois dele, é o que se refere à aprendizagem da consciência moral a partir de um diálogo entre os princípios do prazer e da realidade.

O enfraquecimento dos laços sociais em praticamente todos os campos e contextos de interacção, é um fenómeno com contornos perigosos no que respeita à compreensão e aprendizagem do exercício da liberdade humana. O sentido da independência e autonomia individual tende, cada vez mais, a ser equiparado à isenção de toda e qualquer obrigação para com a sociedade. O enfraquecimento do laço social toma uma pluralidade de manifestações que vão desde o desvanecimento do sentido dos valores morais comuns, ao enfraquecimento dos laços de solidariedade, e, muito importante, até à recusa do compromisso e à falta de exigência dos adultos na educação das crianças.

A sociedade favorece condutas incoerentes que fragilizam a organização interior da pessoa, o que é particularmente verdade no indivíduo que se droga. Neste caso, o que está em causa é que o dependente de drogas procura encontrar um apaziguamento e uma satisfação que nunca conheceu, nem conhecerá desse modo. Estamos, pois, em presença de uma situação verdadeiramente paradoxal, pois que a droga ajuda o indivíduo a não identificar e a fugir aos seus desejos. O drama da toxicodependência reside, assim, no facto de o sujeito, pensando que o seu desejo está satisfeito, ficar numa situação em que é ainda maior o seu confronto com as privações. Julga ter chegado, finalmente, ao fim da sua espera, mas falta-lhe o objectivo. Este é o drama da toxicodependência.

Factores como o fosso comunicacional entre gerações, a inconsistência da autoridade, a indefinição das regras e normas, a ambivalência do exercício do poder disciplinar, hoje muito recorrentes nas dinâmicas familiares, estão na origem de

uma aprendizagem deficiente dos constrangimentos e limitações que a vida social impõe aos indivíduos. A indefinição das regras e a ausência de clarificação de normas, a ausência de confiança entre pais e filhos, sustentam, muitas vezes, a aprendizagem de papéis sociais e de padrões de conduta marcados pela incerteza, insegurança, falta de disponibilidade e de abertura para aceitar o diferente e incapacidade para expressar sentimentos e opiniões sem recorrer à agressividade, física ou verbal.

Atendendo às especificidades do nosso objecto e objectivos, assim como do método que utilizamos, optamos por organizar as partes e capítulos da nossa tese de uma forma que, não sendo a mais frequente ou ortodoxa, será aquela que, em nosso entender, melhor permitirá que a leitura da dissertação flua e seja absorvida, nos conteúdos e interpretações que ao longo dela são feitos, ao mesmo ritmo das produções narrativas dos sujeitos entrevistados e das interpretações que delas fomos fazendo, com vista à produção de conhecimento sobre este fenómenos e à concomitante e inter-relacionada análise das *praxis* junto destes problemas e destas populações. Dessa forma, será ainda nesta primeira parte, no capítulo terceiro, que daremos conta da metodologia utilizada no nosso estudo, realizando uma descrição e uma reflexão sobre o método biográfico e as histórias de vida e, dando, logo de seguida, no quarto capítulo, voz aos jovens que entrevistamos, para que se manifestem sobre os seus pontos de partida na vida, sobre as fases iniciais das suas trajectórias de vida. Esta alternância e/ou integração entre conteúdos mais teóricos e dados empíricos, ilustrados pelo discurso dos próprios jovens e interpretados à luz das teorias por nós revistas, estará, a partir deste momento, presente em toda a dissertação.

Por ser um dos conjuntos de dados empíricos mais directamente relacionado com os aspectos teóricos abordados nos primeiros capítulos teóricos desta primeira parte, concluímos esta parte com um capítulo destinado a analisar em que medida a retirada à família e a institucionalização de alguns dos jovens constituiu ou não um processo de interrupção do seu destino social.

Na segunda parte desta tese, que intitulamos **Contributos para a construção teórica e para uma *praxis* cientificamente sustentada em torno do fenómeno da toxicodependência: uma abordagem transdisciplinar,** continuamos a investir na construção de uma síntese teórica, no cruzamento de diversas abordagens disciplinares, especificamente voltada para o esclarecimento dos processos sociais que conduzem à formação de estruturas psicológicas de risco face ao consumo de substâncias psicotrópicas. Esta análise será aplicada, muito particularmente, aos jovens cujas histórias recolhemos.

A construção desta síntese teórica é, no nosso entender, imprescindível para deixar bem claro que o consumo regular de drogas não pode ser entendido apenas como resultado de características psicológicas, mas sim de uma complexa articulação de fenómenos sociais de cariz estrutural e de fenómenos do domínio da interacção social e simbólica, que estão na génese da construção da subjectividade. Para evitar a armadilha de interpretações de carácter predominantemente individualista, recorremos aos valiosos contributos de H.S. Becker, destacados no capítulo 6. Deste autor retivemos, em particular, a tese de que todo o comportamento desviante (de que o consumo de droga é apenas um exemplo) se aprende e que se aprende no seio de grupos cuja cultura e mecanismos de controlo social se afastam significativamente dos que prevalecem na sociedade global. Demos, ainda, particular atenção a outra ideia verdadeiramente elucidativa das práticas de consumo que nos interessam: a que consiste em reconhecer que todos os indivíduos experimentam tentações desviantes, mas que o que distingue os indivíduos que cedem a tais tentações dos que conseguem superá-las é a exposição dos primeiros a privações e rupturas sociais tão fortes que não têm nada a perder ao afastarem-se dos valores e padrões de conduta socialmente aceites. Finalmente, o processo de estigmatização que resulta da rotulação pública de um indivíduo como desviante, destacado por Becker, é ainda outro factor social cuja importância não pode ser menosprezada nos casos que nos ocupam, sobretudo quando o relacionamos com a dinâmica de relegação social que, na escola em particular, inviabilizou as oportunidades de crescer dos jovens que entrevistamos.

Para poder ir ainda mais longe e conseguir ultrapassar a concepção da droga como doença, delinquência ou vício e substituí-la pelo conceito da droga – plano de significação existencial, proposto por Cândido da Agra, consideramos que seria importante integrar outros contributos, mais voltados para o reconhecimento dos processos e dinâmicas macro-estruturais responsáveis pela privação severa dos recursos que condicionam o desenvolvimento pessoal e social, o que fazemos no capítulo 7. Neste plano, é marcante a actualidade das teses de Durkheim acerca da importância dos laços de interdependência entre indivíduos e grupos para que os indivíduos aprendam a relativizar os seus desejos, frustrações e interesses narcísicos. Assim como a pertinência da sua preocupação com os riscos que a perda de coesão social e os estados de anomia comportam para a própria integridade da vida humana. A crise profunda dos laços sociais que perpassa a sociedade contemporânea, a desorientação de muitos pais face à pluralidade de concepções de vida e de educação e as suas imensas dificuldades em conciliar disciplina e afecto no processo de educação quotidiano são, sem dúvida, importantes exemplos de vulnerabilidades

socialmente produzidas a ter em conta na análise da génese da predisposição para o consumo de droga. O crescimento generalizado das aspirações ocorre precisamente numa altura em que, por força do individualismo dominante, escasseiam as oportunidades de os indivíduos adquirirem, na família ou na escola, capacidades internas de resistência e superação face aos obstáculos e frustrações.

Mas a perspectiva teórica susceptível de enriquecer a problematização do fenómeno da toxicodependência e de melhor contribuir para o desenvolvimento de uma *praxis* mais adequada e cientificamente sustentada, implica ainda que se direccione a reflexão para as relações dialécticas entre estruturas sociais objectivas que determinam a posição do indivíduo na estrutura social e representações que os próprios sujeitos constroem acerca de si próprios e do seu lugar na sociedade. Sendo que um dos objectivos da nossa pesquisa incide na problematização dos contextos e dinâmicas relacionais que constituíram suportes da socialização dos adolescentes e dos correlativos processos sócio-psicológicos que induzem a predisposição interior para o consumo de droga, nesta problematização não poderíamos deixar de dar especial relevo às lógicas profundamente desigualitárias que inviabilizam, para alguns grupos sociais, o acesso aos recursos económicos, relacionais e simbólicos necessários para ocupar um lugar na sociedade e desenvolver um projecto de vida socialmente incluída.

Condenados a viver em lugares de exílio por políticas de habitação fundamentalmente economicistas que conduzem à segregação, expostos a modos de vida cujo traço característico mais forte será a capitulação dos adultos face aos pesados constrangimentos que sofrem e à competição social, estes jovens não tiveram a mínima oportunidade, na vizinhança como na escola, de encontrar figuras significativas dispostas a construir com eles uma relação implicada. Foram drasticamente privados de interacções com adultos capazes de lhes transmitir segurança e de ser modelos consistentes para aprender a viver em sociedade.

Entende-se, pois, que quando a escola confirma a experiência de separação social já vivenciada no meio familiar e na residência, a prática de consumo possa surgir como resposta possível ao vazio instalado por uma vida sem sentido. Entende-se também que a emergência de subculturas desviantes é efeito das lógicas estruturais que separam os grupos sociais no espaço em função do seu poder económico e segregam os socialmente idênticos para espaços territoriais separados e violentamente estigmatizantes. E entende-se, no plano teórico, que a teoria da associação diferencial, por exemplo, ou outro contributo da corrente interaccionista está bem longe de abordar a interacção como um mero encontro entre entidades

individuais, sendo, antes, plenamente compatível com uma abordagem da emergência das subculturas e identidades desviantes como efeito de lógicas estruturais.

As imbricações possíveis entre a análise das lógicas estruturais responsáveis pela produção das desigualdades de recursos económicos, culturais, sociais e simbólicos e as diferentes perspectivas interaccionistas sobre o desvio e as reacções possíveis face à ameaça de anulação social, permitem captar a conjugação de factores que, no decorrer da vida dos jovens que cruzamos, comprometeram o trabalho de elaboração dos impulsos e desejos e a aprendizagem dos valores e regras colectivas. Não é apenas a desqualificação profissional, a ausência de emprego e a inexistência de meios de ganhar a vida em moldes socialmente legítimos que definem o quadro de vida dos adultos que povoam o universo dos jovens cujas vidas pretendemos conhecer. Outras privações bem mais graves do ponto de vista da obtenção de um lugar social estiveram presentes nas suas ainda curtas vidas, designadamente a restrição das redes de relacionamento social aos iguais e a desvalorização simbólica indutora de relegação social. Todos estes factores externos são indissociáveis de processos internos que, tal como a necessidade de pertencer ou a busca de compensação psicológica para a inexistência social, contribuem para produzir indivíduos com predisposição para o consumo de droga.

Termina-se esta parte com um retorno ao tema da profunda crise do laço social, a fim de melhor entender que a toxicodependência não é somente o desfecho da frustração profunda que decorre da morte social dos mais desmunidos mas atinge também a vida de jovens que, ao contrário da privação, conhecem a abundância e a satisfação quase ilimitada de vontades e desejos. Graças aos contributos de Lipovetsky, fica claro que a cultura pós-moderna que dá lugar ao individualismo total, ou seja, a uma forma de individualidade dominada por um narcisismo exacerbado, priva os indivíduos de todas as origens sociais de razões para tratarem uns dos outros e de causas colectivas universais que lhes permitiriam dar sentido às suas biografias. Num contexto onde predominam o narcisismo e o social pulverizado, por toda a parte encontramos a solidão, o vazio, a dificuldade de sentir, de ser transportado para *fora de si* que precipitam a fuga para a frente, à procura de “experiências” emocionais fortes. Tal como o espaço público se esvazia emocionalmente, por excesso de informações, de solicitações e de animações, também o *Eu* se tornou um “conjunto frouxo”, se dissolveu por força da nova ética permissiva e hedonista. O esforço deixou de estar na moda, tudo o que possa significar coerção ou disciplina austera é desvalorizado em proveito do culto do desejo e da sua realização imediata.

Mesmo que atinja todos os cidadãos, essa pluralidade de mudanças não se repercute indiferenciadamente sobre todos, independentemente dos recursos por

estes detidos. Por isso mesmo, S. Paugam, por exemplo, distingue dois grandes tipos de rupturas cumulativas: a *aprendizagem insucedida* e a *degradação estatutária.*

Se é certo que é o primeiro tipo que directamente caracteriza as histórias dos jovens que seleccionamos para a amostra do nosso estudo, não é menos verdade que o segundo, paradigmático da história de homens e de mulheres que, num dado momento da sua vida, são precipitados numa espiral de fracassos e de rupturas, inclui, entre outros fenómenos, a toxicodependência dos indivíduos originários das classes mais dotadas em capitais económico, cultural, social e simbólico.

Na terceira parte, **Das modalidades de tratamento: Modelo Portage**, procuramos analisar a intervenção desenvolvida no âmbito de uma comunidade terapêutica do sector privado, a Clínica do Outeiro, uma das poucas, no contexto nacional, com um programa de intervenção orientado para a população de jovens com características similares às dos da nossa amostra e na qual, aliás, contactamos com a maioria dos jovens que a integram. Neste ponto orientamos fundamentalmente a reflexão para a (in)adequação deste tipo de estrutura aos problemas e necessidades muito específicos dos adolescentes cuja histórias evidenciam uma acumulação de rupturas indissociáveis, como nos capítulos anteriores mostramos, da insipiência das políticas de família, de educação, de redistribuição, de ordenamento urbano e de emprego.

Começamos por apresentar, no capítulo 8, os princípios orientadores fundamentais da clínica, que são a abstinência, a modelagem do comportamento e a reestruturação dos grupos primários, assim como a estrutura organizativa na qual se desenvolve todo o trabalho de desmontagem das fantasias que instalam o toxicodependente fora da realidade. Explicitamos como se desenvolve o processo psico-educacional e relacionamos as diversas técnicas terapêuticas mobilizadas com os pressupostos teóricos das teorias comportamentalista, da aprendizagem social e do cognitivismo.

À luz de vários outros contributos teóricos, entre os quais se destacam os de E. Erikson, de W. Glasser e, no campo da sociologia, de P.Berger e T. Luckmann, problematizamos, a seguir, as condições institucionais, as oportunidades sociais e as posturas profissionais indispensáveis para realmente poder reparar as profundas rupturas sofridas no processo socializador pelos jovens cujos percursos de vida reconstruímos.

Tendo sempre presente as fortes vulnerabilidades geradas no processo de formação da identidade destes adolescentes, pelas condições de existência que lhes foram impostas, procurou-se circunscrever os principais obstáculos que se

interpõem, no contexto da clínica, à sua capacitação para se tornarem juízes da qualidade dos seus actos, como recomendam, e bem, no nosso entender, o programa Portage e a terapia da realidade. Assim, chegamos a interrogar se a oferta de um meio terapêutico fechado pode suprir as falhas persistentes que avassalam o mundo social dos adolescentes em causa, em particular, no que toca à sua crucial necessidade de usufruir de um espaço contentor onde possam reelaborar os sentimentos de inferioridade. Ou, ainda, em tudo o que se prende com a reunião das condições necessárias para assegurar um retorno bem-sucedido ao trabalho escolar e às tarefas da aprendizagem.

Outra limitação do programa terapêutico implementado que ressalta da nossa observação passa pelo insuficiente investimento na superação das lógicas sociais que impediram estes jovens de diversificar e enriquecer o seu capital de relações sociais e, por esta via, precipitaram a sua fragilidade psicológica. Ficamos, pois, com sérias dúvidas quanto à possibilidade de suscitar as aprendizagens cruciais para a adaptação ao mundo social num contexto que não deixa de ser artificial e não pode, só por si, reproduzir toda a gama de problemas e desafios que o mundo real impõe aos indivíduos.

É nesta parte que procuramos dar fundamentação suficiente à tese segundo a qual o programa terapêutico adoptado privilegia a terapia e secundariza outros domínios de aprendizagem e socialização que são, todavia, cruciais para a inserção social de adolescentes a quem não foi permitido superar os dilemas e tarefas próprias do normal desenvolvimento psicossocial, nos termos definidos por Erikson, por exemplo. Em função de todas as constatações e reflexões anteriores, esta parte termina com a assunção de uma convicção: a de que a formação/reconstrução da identidade pessoal e social dos adolescentes de que falamos exige a construção de uma rede interinstitucional que, a par do tratamento terapêutico do adolescente, assuma a (re)organização do seu sistema familiar, ou de sistemas que o substituam realmente, o seu retorno à formação em condições adequadas às suas necessidades e o seu envolvimento em redes de relacionamento que verdadeiramente signifiquem uma ampliação do seu capital social.

Por outras palavras, desencadear mudanças duradouras da identidade não nos parece possível sem uma intervenção global em que a implicação pessoal de cada técnico se enquadra na oferta de condições globais de vida, tomada como um todo indissociável. Se o seu mundo fora da Clínica permanece o mesmo, corre-se um sério risco de não despertar a motivação para mudar profundamente e/ou de não ser possível conservar e actualizar as aprendizagens realizadas no contexto terapêutico.

# I - CRISE GENERALIZADA DOS MECANISMOS DE INTEGRAÇÃO SOCIAL: *A SOCIEDADE DE RISCO*

As modernas sociedades mais desenvolvidas são protagonistas de uma série de dinâmicas evolutivas de contornos contundentes do ponto de vista dos processos de socialização dos indivíduos e da coesão social.

A partir de meados da década de setenta, com a ascensão do liberalismo económico e a destruição, relativamente rápida, do contrato social que havia vigorado nas chamadas sociais-democracias europeias e norte americana, vem-se assistindo à progressiva e imparável destruição de muitas instituições geradoras do laço social.

Esta análise é corroborada por inúmeros autores, de proveniências disciplinares diversas, que analisam as modernas sociedades de risco em termos de desagregação dos costumes e do indivíduo.

## Capítulo 1 - NOVO CAPITALISMO E DECLÍNIO DO COLECTIVO

As modernas sociedades ocidentais, em que Portugal se inclui, não obstante as particularidades do seu desenvolvimento, enfrentam, desde há três décadas, uma pluralidade de transformações cuja aceleração tem conduzido à produção massiva de um conjunto de vulnerabilidades sociais.

Se a origem das dependências dos produtos psicotrópicos não descarta a influência dos factores internos ao indivíduo, isso não significa que tais factores se desenvolvam independentemente dos processos, mecanismos e lógicas inerentes à acção social, no seu conjunto. A extraordinária generalização dos riscos nas modernas sociedades, ditas desenvolvidas, é um tema de estudo assumido por numerosos autores que analisam o enfraquecimento, também ele generalizado, da vida colectiva como um factor de sério agravamento das fragilidades individuais.

As condições em que ocorre a socialização dos mais jovens, nos diversos contextos que, ao longo da vida, asseguram a aprendizagem da vida social, apresentam contornos verdadeiramente problemáticos do ponto de vista da incerteza face às contingências da vida. Ora, um dos domínios da evolução que mais incerteza e insegurança terá gerado é precisamente o que remete para o funcionamento da economia, na actual era da chamada globalização. A ***crise dos mecanismos de integração social pela economia*** parece ser um facto incontornável, não obstante a

crença optimista nas virtualidades do regresso ao mercado, enquanto regulador único de toda a vida social.

Seguindo as análises de diversos autores[1], o fenómeno designado por globalização é um fenómeno muito violento, designadamente pela destruição, em massa, de estruturas que haviam assegurado a criação de laços sociais verdadeiramente protectores de derrapagens para trajectos de privação aos níveis material, social, e simbólico. A competitividade e os lucros das empresas deixaram de ser compatíveis com o emprego, com a luta pela supressão das desigualdades, enfim, deixou de ser possível compatibilizar enriquecimento e coesão social.

Além das incertezas geradas pela exclusão de milhões de indivíduos da participação nas actividades de produção da riqueza colectiva, as modificações decorrentes da economia global acarretaram a falência das representações coerentes da vida social e do trabalho, assim como da participação cívica e dos projectos pessoais[2].

Uma das desregulamentações mais contundentes é a que decorre da liberalização das transacções financeiras, permitindo que o capital fosse investido em qualquer parte do mundo, independentemente da sua proveniência. O movimento especulativo, que assim foi gerado, deu lugar a uma rede financeira global cada vez mais complexa e mais difícil de controlar, com efeitos de grande peso no desempenho e destinos das economias nacionais. A pressão dos investidores financeiros, apostados em criar capital a partir do capital e em aumentar o seu valor nominal exponencialmente, sobre as actividades propriamente produtivas impõe que as empresas se entreguem a uma busca contínua de aumentos de produtividade, sempre à custa do factor trabalho.

A internacionalização da produção, um processo que foi extraordinariamente acelerado durante a década de noventa, tem sido acompanhada de efeitos devastadores no que respeita à oferta de emprego, à qualificação dos trabalhadores, à sua organização colectiva e, até, no que toca às identidades profissionais. Mais concretamente, a organização dos sectores produtivos em redes de empresas espalhadas pelo mundo tem sido um meio eficaz para obter trabalho, lá onde ele é mais barato, tirando partido de sistemas políticos não democráticos, que

---

[1] Cfr. Manuel Castells, *The Network Society,* Backwell, Oxford, 1997; Richard Sennett, *A Corrosão do Carácter*, Terramar, Lisboa, 2001; Jean Paul Fitoussi e Pierre Rosanvallon, *A Nova Era das Desigualdades,* Celta, Oeiras, 1997.

[2] Richard Sennett, *A corrosão do carácter. As consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo,* Terramar, Lisboa, 2001.

não reconhecem direitos há muito consagrados nos chamados países de capitalismo maduro.

Seja pela deslocalização das empresas para outros países, seja pelos efeitos da pressão dessa deslocalização sobre as capacidades de resistência dos assalariados nos países mais ricos, assiste-se nestas sociedades à explosão de uma série de rupturas com um forte impacto no plano dos laços e da coesão social.

Na realidade, o avanço da chamada flexibilização das relações e dos vínculos laborais introduziu uma ruptura da sociedade de classes bem ordenada, desde logo pela diversidade de vínculos laborais, dentro de um mesmo grupo sócio – profissional, designadamente contrato a prazo, trabalho temporário, trabalho independente, subcontratação e ameaça de desemprego.

O medo dos amanhãs incertos, a percepção do futuro como resultado de circunstâncias aleatórias, a perda de domínio sobre o futuro, tudo isso desencadeia uma retracção dos indivíduos sobre si próprios, segundo uma lógica de oscilação entre o temor e a culpabilidade. Viver sob o peso do medo de vir a ser impedido de participar na produção e, assim, ser tornado inútil ou desnecessário, desencadeia formas de individualismo negativo[3], que, por sua vez, fragilizam o indivíduo no que toca às suas possibilidades de gerir o futuro.

Na linha dos estudos de Robert Castel [4] sobre a evolução da "questão social" ao longo da história do capitalismo ocidental, assiste-se hoje a uma mutação da natureza da ideologia individualista, configurando-se esta, nas sociedades actuais, mais em termos negativos do que positivos.

Se é certo que se pode ver uma componente positiva no individualismo moderno, nomeadamente enquanto perspectiva que reconhece os indivíduos como portadores de direitos e como vector de autonomia e de emancipação dos mesmos, há que analisá-lo segundo um outro ângulo. Até que ponto pode cada um gerir o seu futuro, e dar um sentido à sua própria vida em face de forças exteriores que, como se viu mais acima, baseiam o seu poder na organização de redes que envolvem a concertação colectiva, embora instável.

Como diz Robert Castel, os anos 70 e 80 representam um período em que a face positiva do individualismo prevaleceu em face da criação de oportunidades para cada um afirmar a sua diferença e se libertar das imposições colectivas.

---

[3] Robert Castel, *As metamorfoses da questão social – Uma crónica do salário*, Editora Vozes, Petrópolis, 2003.
[4] Robert Castel, *As metamorfoses da questão social – Uma crónica do salário*, op.cit., p. 93.

É inegável que a centralidade que foi conferida aos direitos do homem nas modernas sociais-democracias europeias traduz o reconhecimento político do individualismo e que a história da individualização foi em grande medida, uma história da emancipação. Emancipação relativamente às tradições que aprisionavam a vida quotidiana, emancipação relativamente a todas as figuras da dependência social, de que a libertação da mulher do círculo familiar, ou a conquista da independência por parte dos jovens, são exemplos dos mais notáveis. Mas esta fase "globalmente positiva" do individualismo moderno, enquanto meio de progresso e de libertação, está hoje a chegar ao fim, na sequência do lento, mas inexorável, apagamento das instituições sociais que organizavam e canalizavam os comportamentos individuais.

O domínio do trabalho assalariado é precisamente um daqueles em que as normas prescritas conheceram recuos severamente devastadores dos laços sociais, muitos deles conquistados à custa de enormes sacrifícios e sofrimentos dos assalariados. Crenças e normas colectivas que haviam garantido as bases do exercício da liberdade esboroam-se, ao mesmo tempo que os corpos intermédios. Exemplo disso é a criação de uma "nova" legislação do trabalho destinada a destruir a eficácia da organização e acção colectivas que os sindicatos haviam dinamizado.

O desaparecimento da classe operária como força de integração e de identificação, a erosão dos sindicatos que haviam alimentado a afirmação das classes trabalhadoras, são fenómenos que ilustram bem até que ponto o esbatimento dos pontos de referência sociais habituais tornou problemáticos os mecanismos de identificação colectiva nas sociedades actuais. As reivindicações e as aspirações, que anteriormente podiam ser agregadas, canalizadas e instrumentalizadas pelas organizações sindicais, deixaram de tomar a luta de classes como motor da regulação e da integração social e transformam-se em apelos directos ao Estado.

Em face da destruição do colectivo e do desaparecimento das representações positivas sobre o progresso social, assiste-se ao recrudescimento dos interesses particulares e a formas inéditas de crispação na sociedade. Se já não existe uma representação positiva do progresso capaz de gerar uma união, prevalece a conservação do *statu quo* e a defesa das "regalias adquiridas".

A conquista da independência pessoal que, durante muito tempo, foi um vector da evolução positiva surge hoje acompanhada de factores mais negativos. Ou seja, a individualização ocorre num contexto de generalizada desligação, pelo que existem fortes probabilidades de a independência se transformar em vulnerabilidade.

Tal como Norbert Elias[5] analisou, a dinâmica de emancipação individual nas sociedades mais desenvolvidas é indissociável da constituição de um sentimento de abandono. Isto significa que o processo civilizacional inerente ao movimento da modernidade produziu dinâmicas, relações e concepções que favoreceram a transposição das tensões que outrora opunham os grupos sociais para o foro íntimo de cada um. Envolvendo a superação das dependências que outrora os indivíduos experimentavam nos diferentes domínios, quer da empresa, quer da família, com a contrapartida de solidariedades e de apoios, o movimento da modernidade suscitou a ascensão de um tipo de individualismo que, numa primeira fase, ficou circunscrito a meios bastante restritos (no século XIX, a aprendizagem da emancipação era uma experiência circunscrita aos poetas ou artistas).

Apesar de historiadores e sociólogos se haverem concentrado, desde Tocqueville, na análise do movimento de destruição dos laços sociais tradicionais que permitiu a libertação do indivíduo, a verdade é que a questão do individualismo assume hoje uma outra natureza. Alguns estudiosos assinalam que entre o individualismo concebido como afirmação positiva do indivíduo e o individualismo que lhe atribui a totalidade da responsabilidade pela sua própria vida existem diferenças significativas.

A nova forma de individualização/fragilização que ocorre nas nossas sociedades remete para o facto de o indivíduo se sentir, ao mesmo tempo, mais vulnerável, em termos económicos e sociais, mas, também, mais frágil psiquicamente. É precisamente porque a vida ocorre num universo mais aleatório e menos organizado, que os indivíduos se encontram hoje mais abandonados a si próprios. O que actualmente torna mais nítida a percepção do carácter ambivalente da ligação entre individualismo e emancipação é o facto de a incerteza se ter tornado um fenómeno de massa. A incerteza deixou de ser um modo de vida resultante das escolhas de certos círculos restritos, tal como no tempo em que se identificava com a vida boémia.

A generalização de uma relação mais frágil e mais incerta com os homens e as coisas emerge à medida que se dissipa quer o apoio das instituições de enquadramento, quer a força das normas sociais reguladoras do comportamento. Na ausência de uma lúcida análise dos mecanismos que precipitam a insegurança e a incerteza, emerge uma angústia tão difusa quanto premente.

A acumulação das pequenas mudanças que recompuseram, em profundidade, a vida de cada um, no trabalho, na escola, no domínio da saúde, ou na

---

[5] Norbert Elias, *A civilização dos mortos,* Paris, Calmann-Lévy*, 1973 e A dinâmica do Ocidente* Paris, Calmann-Lévy*,* 1975.

relação com outrem, tem instalado em cada um, e por toda a parte, a convicção de que somos responsáveis por nós próprios.

Desde o início dos anos 90, milhões de pessoas confrontam-se com o "desemprego estrutural" que as impede de se integrar socialmente. Deste modo, os problemas da vida privada passam a estar inexoravelmente relacionados com os da vida profissional, ocasionando uma crise identitária que é, ao mesmo tempo, pessoal e colectiva, psíquica e social. "As pessoas sentem-se cada vez mais "temporárias" no seu coração e no seu corpo"[6]. A questão da identidade torna-se, então, central: como conseguir ser alguém numa "sociedade de trabalhadores sem trabalho"?[7]

O mundo do trabalho organiza-se hoje segundo uma lógica que valoriza, acima de tudo, a capacidade de mudar rapidamente e de não ficar preso a fidelidades e a projectos assentes na continuidade. Só se pode adaptar à competição desenfreada, que hoje impera no mundo económico, quem é capaz de mudar de empresa, de desempenhar tarefas que nunca estiveram no seu horizonte, quem consegue aprender novos conhecimentos, se disponibiliza a mudar de actividade, a tomar iniciativas para criar o seu próprio emprego, mesmo que isso obrigue a mudar de cidade ou, mesmo, de país.

Como diz Richard Sennet[8], os valores que hoje são tidos como os melhores para manter uma posição no mundo económico chocam profundamente com os valores que poderão conferir à instituição familiar a sua coerência e consistência. A lógica económica instala uma forte tendência para desligar sucesso material e estabilidade profissional, inclusive entre os indivíduos com elevadas qualificações académicas e profissionais. No capitalismo flexível "o truque é não deixar nada agarrar-se a nós"[9], é levar os indivíduos a responsabilizar-se pelo seu próprio *downsizing social,* que o mesmo é dizer, a assumirem riscos, adaptarem-se à incerteza, enveredarem pela busca de alternativas de trabalho mesmo que estas envolvam tarefas humildes, tendo em conta a formação inicial, e a redução de privilégios.

As exigências do emprego entram, cada vez mais, em contradição com as sociabilidades de longo prazo, inclusivamente, com a disponibilidade de tempo para a vida social e familiar[10]. Os indivíduos altamente qualificados que protagonizam uma

---

[6] Jean Paul Fitoussi, Pierre Rosanvallon, *A nova era das desigualdades*, Celta, Oeiras, 1997, p. 20.
[7] Jean Paul Fitoussi, Pierre Rosanvallon, *A nova era das desigualdade*, op.cit. p. 20.
[8] Richard Sennett, *A corrosão do carácter*, op. cit. p. 21.
[9] Richard Sennett, *A corrosãodo carácter*, op. cit. p. 20
[10] Richard Sennett, *A corrosão do carácter*, op. cit., p. 33 "Chegamos a casa às sete, faz-se o jantar, tenta-se arranjar uma hora para os trabalhos de casa dos miúdos, e depois tratar da nossa própria papelada" …"Quando as coisas ficam difíceis durante meses a fio na sua empresa de consultoria, "é

mobilidade social ascendente só podem conservar a sua posição social à custa de maneiras de organizar o tempo de trabalho que entram em colisão, diz Sennett, com as qualidades do bom carácter[11]. O quadro de curto prazo das instituições modernas limita o amadurecimento da confiança informal[12], desde logo porque o tempo de convivência não tem a duração suficiente para tecer vínculos sociais. O lema "nada de longo prazo" que impera no mundo do trabalho é incompatível com a confiança, a lealdade e a entrega mútua[13]. Nas sociedades actuais procura-se arduamente "eliminar as formas burocráticas e instalar organizações mais flexíveis e menos hierárquicas, por via da constituição de redes facilmente decomponíveis ou redefiníveis. As promoções e as demissões tendem a não se basear em regras claras e as tarefas no trabalho não são vivamente definidas; a rede está constantemente a redefinir a sua estrutura"[14].

Como observa o sociólogo Mark Granovetter,[15] as redes institucionais modernas são marcadas pela "força de laços fracos", significando que as formas passageiras de associação são mais úteis para as pessoas do que as ligações de longo prazo e que fortes laços sociais como a lealdade deixam de ser convincentes. Se a organização do trabalho assenta em equipas que se deslocalizam constantemente e cuja composição muda nesse processo, compreende-se que fica comprometida qualquer possibilidade de criação de laços fortes. A lealdade institucional é vista por este sociólogo como uma armadilha numa economia em que conceitos, tais como o de negócio, desenho de produtos, informações sobre o concorrente, dotação de capital, para apenas dar alguns exemplos, têm prazos de vida muito menores.

---

como se eu não soubesse quem são os meus filhos" …. "preocupa-se com a frequente anarquia em que a sua família mergulha e por não prestar atenção aos filhos, cujas necessidades não podem ser programadas de forma a ajustar-se às exigências do seu emprego" …. "o medo de uma falta de disciplina ética persegue-o, especialmente o medo de que os filhos se tornem "ratos de centro comercial", parando sem objectivo, à tarde, nos parques de estacionamento de centros comerciais enquanto os pais permanecem sem contacto nos seus escritórios".

[11] Richard Sennett*, A corrosão do carácter*, op. cit. p. 34.

[12] Richard Sennett, *A corrosão do carácter*, op. cit., p. 38 "Uma violação particularmente egrégia da entrega mútua ocorre frequentemente quando novas empresas são vendidas pela primeira vez. Em empresas em princípio de actividade, são exigidos a todos horas extraordinárias e esforço intenso; quando as empresas se tornam sociedades anónimas – isto é, quando oferecem inicialmente acções publicamente transaccionáveis – os fundadores estão prontos a vender e a receber o dinheiro, deixando para trás os empregados de nível mais baixo".

[13]Richard Sennett, *A corrosão do carácter*, op. cit., p. 35 "As sociedades descartaram muitas das tarefas que outrora realizavam permanentemente dentro de portas para pequenas empresas e para indivíduos empregados com contratos de curto prazo. O sector de mais rápido crescimento da força de trabalho americana, por exemplo, é o das pessoas que trabalham para agências de trabalho temporário …o mercado é demasiado dinâmico para permitir que se façam coisas da mesma maneira ano após ano, ou que se faça a mesma coisa…".

[14] Richard Sennett, *A corrosão do carácter*, op. cit., p. 36.

[15] M. Granovetter, "The strengh of weak ties", American Journal of Sociology, 78 cit. In Serge Paugam*, Le Lien Social,* Puf, 2008, pág 19

Muito mais do que o comportamento baseado em valores de lealdade e serviço, o desprendimento e a disponibilidade superficial para cooperar constituem uma protecção muito mais segura para lidar com as realidades correntes. Não é propriamente da evolução tecnológica ou da globalização do comércio e das actividades económicas em geral que decorrem directamente os principais efeitos para a vida emocional das pessoas. No novo capitalismo, é a dimensão temporal que afecta mais directamente a vida emocional das pessoas fora do local de trabalho. Transposto para o campo da família, "nada de longo prazo" significa continuar a mudar-se, não se comprometer e não se sacrificar. Como evitar que as relações familiares sucumbam ao comportamento de curto prazo e, sobretudo, à fraqueza da lealdade e da entrega que assinala o local de trabalho moderno? Como será possível prosseguir valores de longo prazo numa sociedade de curto prazo? Como sustentar relações sociais duradouras? Como conseguirá um ser humano desenvolver uma narrativa de identidade e história de vida numa sociedade composta de episódios e fragmentos? [16]

A argumentação de Sennett para sustentar que o capitalismo de curto prazo ameaça corroer o carácter, em particular as qualidades de carácter que vinculam os seres humanos uns aos outros e conferem a cada um uma sensação de eu sustentável, passa por demonstrar que os indivíduos são submetidos a contradições tais que neles se instala uma clivagem interna[17].

Citando a história de Rico, um engenheiro originário de um família operária, destaca que este vê a incerteza e a assunção de riscos como desafios, mas confronta-se com a circunstância de essas formas de comportamento flexível não serem compatíveis com os seus papéis de pai ou de membro de uma comunidade. Quer manter relações sociais duradouras e é contra os laços apertados no trabalho. Quer resistir à erosão ácida de qualidades de carácter como a lealdade, a entrega, o propósito e a resolução, que são, por natureza de longo prazo, mas considera que nada há de injusto quando as empresas reduzem as suas operações.

Perante as constantes reformulações das empresas, considera que é responsabilidade dos indivíduos lutar para superar as consequências que isso acarreta para as suas vidas. Assume a responsabilidade por acontecimentos que estão fora do

---

[16]Richard Sennett, *A corrosão do carácter,* op. cit., p. 41

[17]Richard Sennett, *A corrosão do carácter*, op. cit., p. 42. "O exemplo de Rico é evidência de que, ao contrário do que disse Schumpeter acerca do desinteresse dos empresários a respeito da destruição criativa inerente à mudança, as pessoas estão longe de ver a mudança de forma despreocupada e negligente. Embora na luta brutal pela sobrevivência se tenha saído bem, preocupa-se que as suas crianças se desviem ética e emocionalmente. As lições que quer dar-lhes são tão eternas como o seu próprio sentido de determinação, o que significa que os seus preceitos éticos se aplicam a todo e qualquer caso. Todavia, as confusões e ansiedades da mudança impulsionaram nele a oscilação para o extremo oposto, isto é, para a aceitação da imprevisibilidade e do risco como fatalidades quase naturais que configuram oportunidades de demonstração de qualidades de carácter supremas, tais como a força de vontade e a determinação".

seu controlo e, com grande determinação, resiste ao downsizing, considerando que a força de vontade é a qualidade de carácter mais essencial para resistir. Ao mesmo tempo, e contraditoriamente, defende valores eternos num mundo marcado, em vez disso, pela flexibilidade e fluxos de curto prazo. Um mundo que, económica e socialmente, não favorece a organização de narrativas.

As sociedades separam-se ou juntam-se, os empregos aparecem e desaparecem, como acontecimentos sem ligação[18]. As condições de tempo no novo capitalismo criaram um conflito entre carácter e experiência. Ancorada nas práticas quotidianas de um capitalismo vigoroso, a experiência do tempo desconexo passa a ser vista como normal. A diferença cultural entre o velho e o novo capitalismo assenta na circunstância de a vida dos indivíduos haver passado a ser constrangida pelo isolamento e pela deriva.

A análise que Richard Sennett [19] desenvolve a respeito da cultura no novo capitalismo assinala que as mudanças profundas que actualmente se expandem nas sociedades ocidentais estão longe de representar a libertação do indivíduo. Crítico dos analistas que advogam a ascensão da liberdade na sociedade moderna, este autor sustenta que as inegáveis mudanças das instituições, das competências e das formas de consumo tornaram o indivíduo mais frágil e vulnerável.

Devido à propagação mundial da produção, ao desenvolvimento tecnológico e à globalização da finança e dos mercados, a economia moderna passou a ser atravessada por uma intensa instabilidade, ao mesmo tempo que induziu a exclusão económica e social de contingentes significativos da mão-de-obra activa. No entanto, não são poucos os que defendem que estas mudanças, longe de nos mergulharem numa deriva sem rumo, representam uma página nova da História[20].

---

[18] Richard Sennett, A corrosão do carácter, op. cit., p. 46. “A destruição criativa disse Schumpeter, pensando nos empresários, exige pessoas que não se aflijam por não saber as consequências da mudança, ou o que vem a seguir”.

[19] Richard Sennett, *A Cultura do Novo Capitalismo*, Relógio D’ Água Editores, Viseu, 2007.

[20] Richard Sennett, *A Cultura do Novo Capitalismo,* op. cit. pp. 21-22. “Na Grã-Bretanha, por exemplo, quatro mil famílias possuíam 43% da riqueza nacional logo antes da crise agrícola da década de 1880. Nas duas últimas décadas do século XX, a desigualdade era diferente no seu contexto, mas também pronunciada. Nesse período, tanto na Grã-Bretanha como nos Estados Unidos, a quinta parte das famílias mais ricas aumentou a sua riqueza, a décima parte aumentou-a ainda mais e a riqueza de um por cento cresceu de forma exponencial. Mesmo que os imigrantes da base da pirâmide tenham visto aumentar também as suas fontes de rendimento, os rendimentos de três quintos da população anglo-americana, do meio da escala, estagnaram… Um estudo recente da Organização Mundial do Trabalho afina este quadro da desigualdade: enquanto a desigualdade dos rendimentos foi aumentando nos anos 90, a perda de participação na riqueza foi particularmente acentuada no caso dos trabalhadores a tempo parcial ou dos subempregados. O incremento da desigualdade afecta também a população idosa em todo o espectro britânico – americano”.

Como muito bem observa Sennett, o capitalismo do séc. XIX e início do séc. XX era "primitivo" a ponto de gerar défices de legitimidade e incentivar os ideais revolucionários. No entanto, no espaço de um século, de 1860 a 1970, as empresas aprenderam a arte da estabilidade, conseguindo, em simultâneo, assegurar a longevidade dos negócios e aumentar o número de empregados. Não foi ao mercado livre que se ficou a dever essa mudança estabilizadora, mas, muito mais, ao investimento das empresas na sua organização interna, muito em especial às formas de racionalização inspiradas na análise weberiana da vida institucional. No capitalismo militar e social, analisado por Weber, o tempo era linear, previsível e a longo prazo. O tempo racionalizado permitia que os indivíduos pensassem as suas vidas como histórias, isto é, que antecipassem as probabilidades de ocorrerem nas suas vidas determinadas mudanças, segundo uma ordem ou sequência de experiências e de metas[21].

A racionalização do tempo marcava profundamente a vida subjectiva[22], instalando um processo de formação pessoal que preparava o indivíduo para adoptar uma conduta ao longo da vida. A estabilidade dos objectivos e a hierarquia eram as condições que tornavam possível a organização de uma compreensão do indivíduo por si próprio. Todavia, as instituições que permitiram pensar em termos de historial de vida volatilizaram-se e a organização do tempo típica do capitalismo social está em desintegração. O fim do emprego para toda a vida, o declínio das carreiras profissionais forjadas numa única instituição, a imprevisibilidade das redes de protecção social, todos estes factos são a evidência empírica de que os indivíduos deixam de poder prever e controlar as suas vidas[23]

---

[21] Richard Sennett, *A Cultura do Novo Capitalismo* op. cit., p. 24. Por exemplo, tornou-se possível definir como e quais deviam ser as etapas de uma carreira, ou relacionar o serviço a longo prazo numa empresa com passos específicos para aumentar a riqueza. Muitos trabalhadores manuais puderam planificar pela primeira vez a compra de uma casa. A realidade das convulsões e das oportunidades no mundo dos negócios tinha impedido a materialização deste pensamento estratégico. No fluxo do mundo real, particularmente no fluxo do ciclo económico, a realidade não se acomodava obviamente a nenhum plano previamente traçado, mas nessa época a própria ideia de ser capaz de planificar definia o campo da actividade e da potencialidade individuais.

[22] Richard Sennett, *A Cultura do Novo Capitalismo* op. cit., p. 26. "Os seus resultados concretizaram-se e foram expostos em muitas obras de meados do século como *The Organization Man,* de William Whyte, *White Collar,* de C. Wright Mill e *Bureaucracv* de Michel Crozier".

[23] Richard Sennett, *A Cultura do Novo Capitalismo* op. cit., p. 26 e 27. Sennett cita a experiência dos programadores de *software* de Silicon Valley que se mostravam verdadeiramente entusiasmados com as possibilidades da tecnologia e as perspectivas de enriquecimento imediato. Esses jovens especialistas de electrónica possuem uma mentalidade que em nada se assemelha à dos jovens burocratas descritos por Whyte e Crozier. Desprezavam a permanência de um objectivo e, quando falhavam, não raramente, evidenciavam uma grande tolerância perante o fracasso, como se não se sentissem pessoalmente implicados. Quando, subitamente, Silicon Valley entra em crise com a deslocalização das actividades para outros lugares, os jovens programadores sentiram-se sós. Sós, descobriram brutalmente o tempo informe que tanto os entusiasmara, a ausência de regras de procedimento, de regras para seguir adiante. A sua nova página estava em branco.

O que mais essencialmente distingue a cultura no novo capitalismo por relação à sua fase anterior remete para a transferência de poder, nas grandes empresas, da direcção para os accionistas e a correlativa libertação de um enorme excedente de capitais em busca de investimentos à escala mundial[24]. Com o aparecimento dos accionistas, uma nova fonte de poder lateral surgiu no topo, muitas vezes literalmente estranha, ou mesmo, indiferente à cultura forjada no longo prazo pelas associações e alianças no seio da grande empresa. Por outras palavras, os investidores tornaram-se juízes activos com capacidade para criar ou desfazer empresas inteiras perante a impotência da sua administração. A ascensão do chamado "capital impaciente"[25] transformou a estrutura das empresas, tornando-as mais atractivas para os investidores. Pressões consideráveis foram exercidas sobre as empresas para que investissem na rentabilidade a curto prazo o que precipitou transformações organizacionais em busca da tão proclamada flexibilidade dinâmica, mesmo quando a empresa estável funcionava perfeitamente. A solidez institucional e a estabilidade passaram a ser vistas como sinal de fraqueza, de incapacidade de inovar e de gerir a mudança, logo como características negativas.

A coesão das empresas e das instituições que fundaram o capitalismo social vem sofrendo rudes golpes a partir da expansão de formas de organização do trabalho que não permitem construir identidades relativamente claras e estáveis. Nas organizações burocráticas da fase anterior do capitalismo, os operários aprendiam a conhecer-se através das frustrações ou da cólera que experimentavam a respeito de

---

[24] Richard Sennett, *A Cultura do Novo Capitalismo* op. cit., p. 28. Nomeadamente nos países do Médio Oriente, ricos em petróleo, nos bancos dos Estados Unidos, do Japão e da Alemanha, bem como na rede de etnia chinesa do Pacífico, houve uma grande sede de investimentos. Nos anos 80 e 90, gigantescos fundos de pensão e pequenos investidores privados seguiram o movimento, em busca de novas oportunidades além-fronteiras. Os negócios bancários transformaram-se, para fazer frente a este como de abundância. A banca comercial tornou-se verdadeiramente internacional. Em Londres, por exemplo, as redes que os banqueiros tinham forjado no antigo império britânico passaram a ser propriedade dos bancos norte-americanos, japoneses e alemães quando estes compraram as firmas britânicas. Actualmente, a Bolsa de Londres continua a ser um centro da finança mundial, mas a própria Bolsa já não é uma instituição britânica. Os bancos comerciais centraram-se cada vez mais nas fusões e aquisições e também eles perderam a conexão com os interesses do Estado-nação. Nos anos *50,* Siegmund Warburg fora o pioneiro das técnicas de compras hostis de grandes empresas com base nacional. Uma das consequências deste fluxo de riqueza foi o facto de a absorção hostil se ir convertendo numa arte, à medida que o dinheiro procurava novas vias de instalação.

[25] Richard Sennett, *A Cultura do Novo Capitalismo* op.cit., pág. 36. E, facto decisivo, para eles foi mais a cotação das acções que os dividendos da empresa que se tornou o indicador dos resultados. Comprar e vender acções num mercado fluido e aberto proporcionava lucros mais rápidos e mais importantes do que guardar títulos a longo prazo. Por isso, quando em 1965 os fundos de pensão norte-americanos detinham as acções por um período médio de 46 meses, em 2000, grande parte das carteiras desses investidores institucionais mudava de mãos, em média, todos os 3,8 meses. A cotação das acções inverteu as medidas tradicionais de comportamento, como as relações custos/benefícios, como foi o caso bem conhecido dos anos 90, em que o valor dos títulos disparou em flecha em empresas que não apresentavam quaisquer benefícios.

uma realidade social arquitectada fora da sua decisão. As burocracias de trabalho fixo eram uma promessa de inclusão social[26]. No novo paradigma, essas condições institucionais desapareceram, designadamente através do fim do trabalhador estável e disciplinado e do fim do princípio de autodisciplina baseada na obtenção de uma gratificação diferida no tempo. A poupança para o futuro, a própria essência da ética protestante, está viciada pela debilidade das estruturas: já não há portos seguros. Mesmo que o trabalho possa permanecer um valor importante para os indivíduos, o prestígio moral do trabalho é transformado devido à inviabilização do princípio da gratificação diferida, tal como da reflexão estratégica a longo prazo.

Para os trabalhadores desprovidos de poder, o problema mais delicado reside na questão da identidade laboral. Nas sociedades actuais, milhões de indivíduos confrontam-se com a possibilidade de serem tornados inúteis e submetidos a um futuro incerto. Como diz Sennett, três forças moldam o espectro da inutilidade como ameaça moderna: a oferta mundial do trabalho, a automatização e a gestão do envelhecimento.

Graças à revolução na informática e na microelectrónica, os industriais podem responder não só rapidamente às variações da procura, pois as máquinas são susceptíveis de reconfigurações rapidíssimas, como também executar num escasso intervalo de tempo bruscas adaptações da produção quando essas variações ocorrem, mantendo assim poucos bens em reserva. Hoje, a automatização proporciona assim verdadeiros benefícios na produtividade e permite fazer economias na mão-de-obra[27]. Isto equivale a dizer que os trabalhadores modernos estão finalmente confrontados com o espectro da inutilidade automatizada. As máquinas de que dispomos hoje podem absorver qualquer tipo de tarefas. Como observou o analista do trabalho

---

[26] Richard Sennett, *A Cultura do Novo Capitalismo* op. cit., pág. 30 e seguintes. Weber via na organização piramidal uma certa forma de justiça social, embora houvesse acabado por observar que quem faz toda a sua carreira laboral numa instituição desse tipo vive numa "jaula de ferro". O indivíduo conforma-se com o modelo de vida que alguém definiu para ele. O que leva as pessoas a procederem desse modo? A resposta de Weber é que as burocracias ensinam a disciplina da gratificação diferida. É na expectativa de uma recompensa futura, que um dia acontecerá se, entretanto, obedecermos às normas, que nos dispomos a executar actividades imediatas que nos são impostas. Subir os escalões da burocracia pode converter-se num modo de vida. Apesar de ser uma prisão, a "jaula de ferro" também se pode tomar um lar psicológico. As "jaulas de ferro" estruturaram o tempo de convivência com os outros. Mais ainda, as estruturas burocráticas fornecem a oportunidade para interpretar o poder, para lhe conferir um sentido no terreno. Desse modo, dão aos indivíduos a sensação de serem agentes. Assimilamos a burocracia à estabilidade e à solidez.

[27] Richard Sennett, *A Cultura do Novo Capitalismo* op.cit., pág. 68 Dois exemplos: de 1998 a 2002, a Sprint Corporation aumentou em 15% a sua produtividade graças a um *software* avançado de reconhecimento vocal e aumentou em 4,3% as suas receitas de ano para ano, dispensando ao mesmo tempo 11 500 trabalhadores; de 1982 a 2002, na indústria pesada, a produção de aço nos Estados Unidos passou de *75* para 102 milhões de toneladas, enquanto o número de trabalhadores caiu de 289000 para 74 000. Esses empregos não foram exportados; na sua maioria foram substituídos por máquinas sofisticadas.

Jeremy Rifkin, o domínio da inutilidade expande-se à medida que as máquinas obtêm resultados com valor económico fora das possibilidades dos seres humanos. Tanto a migração dos postos de trabalho globalizados como a verdadeira automatização são casos particulares que afectam certos trabalhos, mas não todos.

Na economia moderna, o envelhecimento define um campo muito mais vasto de inutilidade, não só porque a idade está associada a certos preconceitos que tendem a tratar os empregados mais velhos como indivíduos parados, lentos, em perda de energia, apesar da medicina moderna permitir viver e trabalhar mais tempo do que no passado[28], mas também porque as competências adquiridas se extinguem rapidamente em virtude das rápidas transformações tecnológicas. A «extinção das competências» acelerou-se, não só no trabalho técnico, como na medicina, no direito e em diversas outras profissões. Na informática, calcula-se que os reparadores de computadores têm de se reciclar três vezes durante a vida profissional e o número é praticamente o mesmo para os médicos. Por outras palavras, adquirir uma competência não equivale a possuir um bem permanente. Nos nossos dias, criar empregos para todos à maneira antiga equivale a desafiar ou a ignorar o moderno poder tecnológico. À medida que a automatização avança, o domínio das competências humanas fixas reduz-se e, cada vez mais, o indivíduo é pressionado para adquirir novas competências, mudando a sua «base de conhecimento». Na realidade, esse ideal é impulsionado pela necessidade de continuar à frente da máquina.

As mudanças estruturais implicadas no desmantelamento da "jaula de ferro" burocrática engendram três défices sociais, a *fraca lealdade institucional*, a diminuição *da confiança informal* entre os trabalhadores e o *enfraquecimento do conhecimento institucional*.

As instituições de vanguarda da sociedade civil inspiram graus de *lealdade* extremamente baixos. Não é difícil descobrir porquê. "Se um empregador disser a alguém que terá de se desenvencilhar sozinho, que a instituição não o ajudará quando estiver em apuros, por que haveria essa pessoa de ter um forte sentimento de lealdade em relação à instituição? A lealdade é uma relação de participação; nenhum projecto empresarial, por muito belo e lógico que seja, pode, por si só, obter a lealdade

[28]Richard Sennett, *A Cultura do Novo Capitalismo* op.cit., pág. 69 e 70. Como a idade da reforma continua a vigorar aos níveis antigos, os homens dispõem agora de quinze a vinte anos em que poderiam ser empregados de maneira produtiva, mas não são.

daqueles a quem ele é imposto pela simples razão de que os empregados não participaram na sua gestação”[29].

Um segundo défice social, menos evidente do que uma baixa *lealdade,* é aquele que afecta a *confiança*, formal e informal. Ora, assinala Sennett, no novo capitalismo é a confiança informal que sofre rudes golpes. Neste tipo de confiança, é sobretudo nas situações de pressão e de crise que podemos descobrir com quem contar, quem se afundará e quem se mostrará à altura das circunstâncias. Numa equipa ou numa rede, os pequenos sinais referentes ao comportamento ou ao temperamento dos seus integrantes aparecem lentamente, à medida que os acontecimentos se sucedem, ou seja, à medida que a máscara que apresentamos aos outros se vai tornando mais transparente. Nas burocracias orientadas para o curto prazo, muitas vezes, não há tempo para adquirir esse conhecimento sobre os outros. Uma equipa com uma duração de vida de seis meses revela muito menos sobre o comportamento provável dos seus membros quando sujeitos a tensão do que uma rede cuja duração de vida se pode medir em anos[30]. Por isso, a *confiança informal* leva tempo a desenvolver-se. Em suma, na medida em que gira em torno do tempo organizado, a escassez de *confiança informal* representa muito mais um défice organizacional do que um simples problema relativo ao carácter pessoal.

Para os empregados de empresas tão voláteis, cuja organização privilegia os aspectos superficiais da cooperação e instala relações mais impessoais e opacas (do que as instituições cujos empregados fazem longas carreiras profissionais conjuntamente com os colegas), é impossível adquirir um bom conhecimento mútuo. O resultado é a fácil volatilidade das redes relacionais construídas no e pelo trabalho.

O terceiro défice social tem a ver com o *enfraquecimento do conhecimento institucional*. Um vício da antiga pirâmide burocrática era a sua rigidez, a inamovibilidade dos seus postos, o conhecimento que o pessoal tinha daquilo que se esperava de cada um. A pirâmide tinha, contudo, a sua virtude de ser compatível com a acumulação de conhecimentos sobre a maneira de fazer funcionar o sistema, inclusive a respeito das situações em que era legítimo abrir excepções às regras ou chegar a acordos por vias indirectas de comunicação. Muitas das pessoas que

[29] Richard Sennett, *A Cultura do Novo Capitalismo* op. cit., p. 50.
[30] Richard Sennett, *A Cultura do Novo Capitalismo* op. cit., p. 52.

possuíam esse conhecimento institucional encontravam-se na base da hierarquia da empresa[31].

Numa análise muito próxima da que temos vindo a explicitar, Richard Sennett[32] utiliza a expressão "pronome perigoso" para assinalar quanto o recurso ao vocábulo "nós" se tornou problemático nas sociedades de hoje. O capitalismo moderno desafia de modo radical a questão do carácter, designadamente por ter posto em marcha um sistema gerador de indiferença. Um sistema em que impera a ausência de confiança, onde a reengenharia das instituições trata as pessoas como seres descartáveis, onde a ligação entre risco e recompensa é quase nula, onde o sentido da importância da pessoa é brutalmente reduzido, instala uma situação paradoxal no que respeita à relação "eu" – "nós".

Por comparação com o velho capitalismo de classe, em que a indiferença era severamente material, o capitalismo flexível, dos nossos dias, precipitou uma indiferença, também ela, mais flexível e mais pessoal, precisamente porque estamos em presença de um sistema menos severamente marcado e bem menos legível na forma. Nas circunstâncias actuais, a suprema complexidade, mesmo confusão, que caracteriza a realidade das sociedades contemporâneas não tem cessado de induzir nos indivíduos um estado de confusão quando confrontados com a pergunta «quem na sociedade precisa de mim?»

Exemplos dessa perturbação do carácter são as práticas de flexibilização das comunidades laborais, nomeadamente as que provocam o *downsizing* à custa dos trabalhadores de meia-idade. Redes e equipas enfraquecem o carácter, entendido este como ligação ao mundo, de tal modo que cada ser se concebe como necessário aos outros. Sob a pressão das incertezas da flexibilidade, da ausência de confiança e empenhamento, da superficialidade do trabalho em equipa, emergem, nos locais de trabalho, certas condições emocionais que precipitam uma ânsia de retorno à comunidade, nela esperando satisfazer o desejo de apego e intensidade.

Perante a perda de poder dos sindicatos e a diluição das alternativas políticas do espectro partidário, perante, ainda, a perda do poder político por relação

---

[31] Richard Sennett, *A Cultura do Novo Capitalismo* op. cit., p. 54 - Nas fábricas, os delegados sindicais têm um melhor conhecimento do que os seus chefes de colarinho branco; nos escritórios, as secretárias e as assistentes são portadoras do saber institucional; nos hospitais, as enfermeiras são notoriamente mais competentes em matéria administrativa do que os médicos para quem trabalham. Este tipo de conhecimento institucional completa a confiança informal; com o tempo, à medida que a experiência se vai acumulando, o burocrata aprende a olear a engrenagem da burocracia.

[32] Richard Sennett, *A corrosão do carácter*, op. cit. pág. 207 e segs.

ao económico, o uso do «nós» torna-se, cada vez mais, um acto de autoprotecção e, cada vez menos, um acto de genuína ligação em torno de um projecto de sociedade.

O carácter defensivo do desejo da comunidade, meramente arquitectada em função de uma ordem económica hostil, assume contornos muito claros nos movimentos xenófobos e racistas que remetem para os imigrantes a responsabilidade da perda de poder social. Neste caso, estamos em presença de um «nós» fictício, de uma expressão falsa, precisamente porque originada por uma defesa contra uma vigorosa nova forma de capitalismo.

O retorno defensivo ao local assegurará a espécie de partilha que é necessária para resistir à nova economia política, em vez de fugir dela? Que espécie de relações pessoais sustentadas no tempo podem estar contidas no uso do «nós»?

A resposta a estas questões justifica uma pequena incursão pela análise de alguns princípios fortemente assumidos pelas instâncias de produção e difusão da visão legitimadora do novo capitalismo. De facto, bastará atentar, por exemplo, nalgumas críticas que hoje são movidas ao Estado Providência para percebermos quanto a ideologia que sustenta a nova ordem económica trata a dependência como uma condição vergonhosa. O ataque ao Estado-Providência, que começou no regime neo-liberal anglo-americano e se vem espalhando a outras economia políticas, trata os que dependem do Estado como parasitas sociais, e não como verdadeiros indefesos. Na mesma linha, aponta a justificação que apoia a destruição das redes e dos direitos de previdência, assinalando a necessidade de libertar a economia dos constrangimentos que não a deixam progredir.

A crítica das necessidades de previdência social, de direitos e de redes de segurança está hoje fortemente impregnada de insinuações de parasitismo, impondo uma severa humilhação aos que são remetidos para fora do mercado de trabalho. Mas, por sua vez, há que não esquecer, quanto mais vergonhoso for o sentido de dependência, mais a pessoa será propensa à raiva dos humilhados.

A mesma ideia que condena os que dependem do trabalho para sobreviver ao estatuto de parasitas sociais está presente em todas as práticas que, apostando na “flexibilidade” das relações laborais, mais não representam do que um poderoso instrumento disciplinador no local de trabalho.

O discurso dominante sobre as virtudes do liberalismo não se cansa de elogiar a capacidade de assumir riscos e de não se sujeitar ao que é dado como meios privilegiados de auto realização. Libertar estruturalmente as pessoas da dependência é palavra de ordem que invade todos os domínios da vida social. Dentro das empresas modernas, esse novo lema do “nada de longo prazo” limita o amadurecimento da

confiança informal, acaba por corroer a confiança, a lealdade e a entrega mútua. Estes vínculos sociais levam tempo a desenvolver-se.

Nas palavras de Mark Granovetter as redes institucionais modernas são marcadas pela "força de laços fracos", o que equivale a dizer que as formas passageiras de associação são mais úteis do que as ligações de longo prazo. Decorrentes de uma longa ligação, os laços sociais fortes como a lealdade deixaram de ser convincentes.

Numa economia em que o conceito de negócio, o desenho de produto, a dotação de capital, as informações sobre o concorrente têm um período de vida cada vez mais curto, a lealdade institucional passa a ser uma armadilha. Desprendimento e disponibilidade superficial para cooperar constituem melhor protecção para lidar com as realidades correntes do que o comportamento baseado em valores de lealdade e serviço. É a dimensão temporal do novo capitalismo que afecta mais directamente a vida emocional das pessoas fora do local de trabalho. Transposto para o campo da família, "nada de longo prazo" significa continuar a mudar-se, não se comprometer e não se sacrificar[33].

Num tal contexto compreende-se como emergiu a ideologia que repudia a dependência como coisa vergonhosa, assim como se compreende a dificuldade de os indivíduos desenvolverem entre si fortes vínculos de partilha.

Essa visão negativa da dependência ignora que o vulgar contraste entre dependência e independência esconde um enorme simplismo na apreensão da relação indivíduo e sociedade. Ao contrário do que nos diria o senso comum, o eu forte está longe de ser o eu independente, assim como o eu fraco não se confunde com a dependência. Sennett cita o psicólogo inglês John Bowlby para sustentar que esta oposição ilude a realidade. A pessoa verdadeiramente autoconfiante, diz Bowlby, não é, de maneira nenhuma, tão independente como os estereótipos culturais fazem admitir. Facto é que na vida adulta, a «pessoa saudavelmente autoconfiante» é capaz de depender de outros, assim como sabe de quem é apropriado depender. Ao contrário dessa visão que associa eu forte a eu independente, o que a psicologia permitiu descobrir é que o medo de nos tornarmos dependentes de alguém representa o fracasso da autoconfiança.

No desenvolvimento da sua argumentação crítica contra a ideologia que associa dependência mútua a condição digna de vergonha, Sennett socorre-se da análise de Albert Hirschmann, designadamente do contributo que este deu para demonstrar que, no início do capitalismo, a confiança nas relações de negócios era formada através do reconhecimento aberto da dependência mútua. Noutros termos, o

[33] Richard Sennett, *A Cultura do Novo Capitalismo*, op. cit., pág. 39.

reconhecimento de que uma pessoa não é, só por si, suficiente para se bastar a si própria está longe de significar que tal dependência envolve uma relação entre fortes e fracos. A prova de que a nova ordem económica e social não eliminou esse facto brutal da dependência é que, por exemplo, nos EUA, a taxa de auto-emprego a tempo inteiro, se manteve constante nos últimos quarenta anos, não havendo ultrapassado cerca de 8,5% da população activa.

Os temas da «confiança», da «responsabilidade mútua», do «empenhamento» tendem hoje a ser apropriados pelo movimento «comunitarista» que promete a realização emocional e a força mútua, sendo para tal necessário reforçar os padrões morais, exigir aos indivíduos que se sacrifiquem pelos outros, assim como a obediência a padrões comuns. A afirmação do "nós" segundo a ideologia do comunitarismo assenta, todavia, num equívoco que, como salienta Sennett, consiste em ignorar que a força da comunidade depende mais da sua capacidade de gerir conflitos do que da homogeneidade e unidade. Os conflitos numa comunidade não são necessariamente uma ameaça aos vínculos sociais.

No ensaio clássico de Lewis Coser, *The Functions of Social Conflict,* Sennett encontra uma visão bem mais realista sobre a maneira como as comunidades se mantêm unidas. Aí é argumentado que as pessoas se unem mais através do conflito verbal do que do acordo verbal. O conflito obriga-as a trabalhar mais a comunicação, a negociação obriga a descobrir regras básicas que unem as partes em conflito. O conflito acaba por se tornar uma comunhão, no preciso sentido em que as pessoas aprendem a ouvir-se e a responder umas às outras, mesmo que as suas diferenças sejam apercebidas com mais força. Este ponto de vista do «nós» comunitário é, de longe, mais profundo do que a partilha de valores comuns no comunitarismo moderno, precisamente porque os vínculos criados pelo conflito interno são muitíssimo mais sólidos do que qualquer solidariedade gerada por reacções defensivas contra o deslocamento económico.

A comunidade só existe quando no seu seio forem reconhecidas as diferenças. É, aliás, muito esclarecedora a comparação, por exemplo, com o trabalho em equipa para dar conta do papel do conflito na criação do "nós". A equipa é uma forma fraca de comunidade devido à circunstância de não reconhecer diferenças de privilégios ou de poder, pois ao pressupor que todos os membros partilham uma motivação comum, enfraquece a verdadeira comunicação. A vinculação forte entre pessoas significa um compromisso no tempo com as suas diferenças, pois que, mais

do que a declaração de "princípios correctos, o que mais liga as pessoas é a expressão evolutiva do seu desacordo"[34].

O processo de conflito da comunidade é sinal de que todos partilham a mesma atenção sobre o que está a ser disputado e, talvez ainda mais importante, é a oportunidade de gerar um processo de dissonância cognitiva, uma das condições essenciais para gerar mudança nos modos de entendimento e de percepção. Se partirmos do ponto de vista da sociologia do conflito e da confrontação segundo o qual o conflito verbal constitui uma base mais realista para as ligações entre as pessoas de poder desigual ou com interesses diferentes, podemos dar conta da profundidade da crise civilizacional nas sociedades hoje consideradas mais avançadas.

Na realidade, face às muitas rupturas que atravessam os diversos contextos de vida social e à correspondente desorganização social que daí decorre, não deixa de ser significativa a diluição das diferenças ideológicas entre organizações partidárias assim como o esvaziamento da negociação entre agentes com interesses não coincidentes. Para imaginar comunidades dispostas a enfrentar o novo capitalismo, é indispensável voltar a encontrar formas de ligação, ou seja, é preciso que os seres humanos encontrem razões profundas para cuidarem uns dos outros. Dito isto pelas palavras do filósofo Paul Ricoeur, é somente porque "alguém está a contar comigo" que me sinto "responsável pelos meus actos perante um terceiro»[35]. Essa responsabilidade só pode, todavia, acontecer se o que fazemos e dizemos for testemunhado por observadores que, muito longe da indiferença, nos façam sentir que somos necessários, logo, nos façam sentir que somos fiáveis.

## 1.1. O mal-estar identitário e o problema dos usos de drogas e das toxicodependências

O declínio dos corpos intermédios, de que a profunda erosão do fenómeno sindical a partir de meados da década de 70 é um exemplo, entre muitos outros, representa uma profunda mutação das relações entre o individual e o colectivo. A referência ao colectivo enquanto meio fundamental de satisfação das necessidades individuais, às normas sociais e instituições enquanto instrumentos que ajudavam cada um a conquistar o seu lugar é, nas sociedades actuais, uma hipótese cada vez

[34] Richard Sennett, A Corrosão do carácter, op. cit., p. 219.
[35] Paul Ricoeur: *Oneself as Another*, University of Chicago Press, Chicago, 1992, cit. in Richard Sennett, *A corrosão do carácter*, op. cit., p. 222

menos provável. Hoje há cada vez menos a possibilidade de contar com uma acção colectiva para negociar, reivindicar e enfrentar as dificuldades, cada vez que se torna mais evidente que o futuro dos indivíduos está menos ligado ao destino comum. Neste contexto, aumenta exponencialmente a pressão sobre o indivíduo, agora tornado o único responsável sobre o seu destino. A sociedade em que vivemos faz pesar sobre cada um, tomado isoladamente, o duplo imperativo de se empenhar num perpétuo auto aperfeiçoamento e de investir permanentemente na construção da sua auto-estima.

Analisemos, mais de perto, algumas manifestações deste processo global de destruição dos laços sociais, começando a orientar a reflexão para as condições sociais geradoras da propensão para o consumo de psicotrópicos.

### *O problema dos usos de drogas e das toxicodependências*

> "A juventude não está preparada para viver nesta "stressante" sociedade. Os jovens precisam de desenvolver urgentemente resistência intelectual e emocional para suportar perdas, derrotas, humilhações e injustiças. O que diferencia os jovens que fracassam dos que têm sucesso não é a cultura académica, mas a capacidade de superar as adversidades da vida." Augusto Curry, *Nunca desista dos seus sonhos*, Pergaminho, 2004

Nas últimas três décadas, a toxicomania - ou, de acordo com designações mais recentes, a(s) toxicodependência(s) - conheceu uma evolução considerável, havendo passado do consumo com fins de evasão ao consumo motivado pela necessidade de o indivíduo se sentir mais forte e à-vontade consigo próprio[36].

[36] "Num estudo realizado em 2006[36] sobre a subcultura juvenil "trance", a *cannabis* aparece como uma substância valorizada positivamente, consumida não só nessas festas mas também no quotidiano e, de uma forma geral, vista como inofensiva e de consumo banalizado.
Ainda de acordo com os resultados do estudo realizado em Portugal, em 2006, é possível verificar uma tendência de crescimento dos consumos de ***cocaína*** em contextos recreativos "trance", verificando-se a adesão de novos públicos. De notar que, até esta data, a cocaína não figurava nas drogas consumidas neste tipo de festas sendo mesmo desvalorizada negativamente, à semelhança da heroína e do álcool. No entanto, esta droga é ainda percepcionada como uma substância associada a outros estilos de vida e de diversão, como uma droga perigosa e "gulosa", de consumo esporádico.
Já no que se refere à heroína, esta surge como uma substância rejeitada por completo. Conotada com outros estilos de vida, esta droga é valorizada muito negativamente, é vista como perigosa e de efeito contrário ao pretendido pela população inquirida. A análise dos discursos sugere um consumo nulo desta substância nas festas "trance".

Prevalências de consumo na população total e na população jovem adulta em percentagem

A carência de referentes culturais e simbólicos que permitem criar uma identidade e alimentar uma interioridade, a falta de valores colectivos que o indivíduo possa interiorizar, são hoje uma componente pesada da vida social, gerando um vazio que tende a ser, cada vez mais, preenchido pelos psicotrópicos. A impotência das famílias e dos ambientes sociais para que os indivíduos adquiram um património de defesas interiores, tornando-as menos frágeis, é uma evidência que numerosos estudiosos têm vindo a constatar nas sociedades modernas, cujas dificuldades de socializar as gerações mais jovens os submetem a fortes tensões. Exigir-lhes que construam uma identidade que é, ao mesmo tempo, constantemente ameaçada, desde logo pela profunda desorganização social decorrente da chamada "nova economia", equivale a tudo remeter para o indivíduo.

Como vimos em ponto anterior, a fragilização do indivíduo é uma realidade incontornável numa sociedade que faz a defesa da competição como o mais eficaz mecanismo de regulação social, em que não se vislumbram formas de organizar a reflexão e a união em torno da defesa de princípios de vida colectiva coerentes com os direitos humanos. Numa sociedade dominada pela pressão de uma economia divorciada dos seres humanos, em que se dissipam as formas de vida colectiva, que haviam permitido descobrir e defender valores e normas capazes de definir limites e pontos de referência normativos, o indivíduo está cada vez mais entregue a si próprio.

---

| Tipos de drogas | Prevalência de consumo na população entre 15-64 anos | | Prevalência de consumo na população entre 15-34 anos | |
|---|---|---|---|---|
| | 2001 | 2007 | 2001 | 2007 |
| Cannabis | 7,6% | 11,7% | 12,4% | 17% |
| Cocaína | 0,9% | 1,9% | 1,3% | 2,8% |
| Heroína/Opiáceos | 0,7% | 1,1% | 1,1% | 1,1% |
| Ecstazy | 0,7% | 1,3% | 1,4% | 2,6% |
| Anfetaminas | 0,5% | 0,9% | 0,6% | 1,3% |
| LSD | 0,4% | 0,6% | 0,6% | 0,9% |

Fonte: II Inquérito nacional ao consumo de substâncias psico-activas na população portuguesa, 2006

Taxas de continuidade de consumo na população total e na população jovem adulto em percentagem (*)

| Tipos de drogas | Taxas de continuidade de consumo na população entre 15-64 anos | | Taxas de continuidade de consumo na população entre 15-34 anos | |
|---|---|---|---|---|
| | 2001 | 2007 | 2001 | 2007 |
| Cannabis | 43,2% | 30,5% | 50,3% | 39,4% |
| Cocaína | 34,1% | 32,2% | 46,4% | 41,4% |
| Heroína/Opiáceos | 26% | 24% | 28,2% | 34,6% |
| Ecstazy | 53,5% | 32,7% | 59,8% | 35,1% |
| Anfetaminas | 13,20% | 20% | 19,4% | 29,2% |
| LSD | 27,8% | 20,5% | 40,5% | 28,3% |

(*) Proporção de indivíduos que, tendo consumido uma dada substância ao longo da vida, declaram ter consumido essa mesma substância no último ano

Em média, 23% dos rapazes e 17% das raparigas experimentaram drogas ilícitas pelo menos uma vez ao longo da vida. O termo "qualquer droga ilícita" inclui cannabis, anfetaminas, cocaína, crack, ecstasy, LSD e
A cannabis é a droga ilícita mais frequentemente consumida".

No domínio da vida familiar, as mudanças ocorridas não deixam de apontar no mesmo sentido da fragilização do laço social, muito em especial pela adopção de modas educativas que parecem ignorar alguns dos mecanismos da vida psicológica mais essenciais. Um deles, abordado por Freud e amplamente estudado por numerosos psicólogos depois dele, é o que se refere à aprendizagem da consciência moral a partir de um diálogo entre os princípios do prazer e da realidade.

Atribuindo à socialização familiar um papel decisivo no desenvolvimento cognitivo e emocional dos indivíduos, a teoria sistémica da família[37] identifica uma pluralidade de situações que podem precipitar a predisposição para os consumos. O elevado grau de conflito conjugal, a disciplina excessivamente severa, ou, pelo contrário, a inconsistência do exercício da autoridade parental, a ausência de clarificação de regras e o escasso controlo exercido pelas figuras parentais sobre os contextos de interacção dos filhos, são alguns dos principais factores que condicionam estilos de vida particularmente permeáveis aos consumos precoces de psicotrópicos.

Factores como o fosso comunicacional, a inconsistência da autoridade, a indefinição das regras e normas, a ambivalência do exercício do poder disciplinar, hoje recorrentes nas dinâmicas familiares, estão na origem de uma aprendizagem deficiente dos constrangimentos e limitações que a vida social impõe aos indivíduos. A indefinição das regras e a ausência de clarificação de normas, a ausência de confiança entre pais e filhos, sustentam, muitas vezes, a aprendizagem de papéis sociais e de padrões de conduta marcados pela incerteza, insegurança, falta de disponibilidade e abertura para aceitar o diferente e incapacidade para expressar sentimentos e opiniões sem recorrer à agressividade, física ou verbal.

Para pensar sobre a pluralidade dos factores que predispõem os indivíduos a tornar-se consumidores de drogas, vale a pena tomar conhecimento da reflexão desenvolvida por Tony Anatrella[38], na sequência do seu já longo trabalho como psicanalista especializado no tratamento de toxicodependentes.

Comecemos por reter a pergunta que, a nosso ver, melhor sintetiza o pensamento deste autor: “Como é que uma civilização profundamente animada pelas ideias de progresso, de felicidade e de esperança num futuro necessariamente melhor do que o das gerações precedentes chega exactamente ao inverso?”[39].

Na procura de resposta a esta pergunta, T. Anatrella desenvolve uma ideia forte que nos parece conter uma pista de reflexão teórica muito rica e profunda, a de que a melhoria das condições económicas está longe de induzir, por si só, a

[37] Madalena Alarcão: *(Des) Equilíbrios familiares*, Quarteto, Coimbra, 2000, pp. 237 e seguintes.
[38] Tony Anatrella, *Liberdade Destruída*, Principia, S. João do Estoril, 2004.
[39] Tony Anatrella, *Liberdade Destruída*, Principia, S. João do Estoril, 2004, p. 22.

concretização da felicidade humana. Como o autor observa, “nas sociedades modernas impôs-se, pouco a pouco, a ideia de que a maior parte dos problemas humanos poderia ser resolvida graças às descobertas da biologia, aos novos meios de comunicação e a uma certa forma de democracia que se apoia mais na flutuação dos costumes do que na noção de bem comum”[40].

No entanto, se é verdade que a compreensão das estruturas biológicas da vida humana mantém toda a sua legitimidade, da mesma maneira que o progresso técnico, o desenvolvimento económico e a própria democracia, não é menos certo que o modelo de construção social requer muito mais do que isso. Em seu entender, a resposta à questão da felicidade evidencia bem o impasse a que uma visão idílica do progresso científico nos conduziu, privilegiando o conforto e o bem-estar, assegurados pela sociedade de consumo, em notório detrimento dos valores morais.

O que o autor quer sublinhar é que os avanços técnicos não são suficientes para honrar as expectativas profundas do homem na sua busca da felicidade e que o uso da droga decorre da diluição paulatina do papel regulador das exigências morais nas sociedades individualistas, onde o homem fica entregue a si próprio, completamente autónomo e, acima de tudo, preocupado com a sua inserção a nível económico.

Na sociedade mercantil, onde a economia assume o papel de principal regulador da sociedade, assiste-se a uma profunda transformação da relação com o prazer, a dor e o consumo. É por isso que o uso exponencial das drogas coloca três questões que se articulam em planos diversos: o psicológico, o moral e o educativo.

Numa reflexão estimulante acerca das modas educativas que hoje prevalecem nas sociedades mais ricas, Tony Anatrella[41], um psicanalista que não hesita em recorrer a um olhar verdadeiramente sociológico, sublinha o papel dos processos de individualização exacerbada que estão em marcha nas sociedades modernas. O enfraquecimento dos laços sociais, em praticamente todos os campos e contextos de interacção, é um fenómeno com contornos perigosos no que respeita à compreensão e aprendizagem do exercício da liberdade humana. O sentido da independência e autonomia individual tende, cada vez mais, a ser equiparado à isenção de toda e qualquer obrigação para com a sociedade. O enfraquecimento do laço social toma uma pluralidade de manifestações que vão desde o desvanecimento do sentido dos valores morais comuns, ao enfraquecimento dos laços de solidariedade, e, muito importante, até à recusa do compromisso e à falta de exigência dos adultos na educação das crianças.

---

[40] Tony Anatrella*, Liberdade Destruída,* op. cit. p. 22
[41] Tony Anatrella, *Liberdade Destruída*,op. cit. p. 24

Na busca de um eventual tipo psicológico mais frequente entre os toxicómanos, Anatrella[42] tece um conjunto de reflexões sobre o processo de elaboração da singularidade e da autonomia psíquica.

Começa por destacar que há um certo número de tarefas psíquicas que estão obrigatoriamente envolvidas na construção da personalidade e que não dependem unicamente dos pais ou da educação, mas do indivíduo. Mais concretamente, a estruturação da personalidade envolve sempre interesses e conflitos internos, resolvidos ou não, uma determinada configuração de desejos, e formas de expressão desses desejos mais primitivos (o que encaminha para a neurose) ou mais elaboradas (o que canaliza para condutas mais maduras e mais enriquecedoras). Para tomar posse de si próprio e diferenciar a sua personalidade, o indivíduo tem que ser capaz de trabalhar os estímulos do meio exterior, aprendendo a diferenciar os seus problemas dos problemas dos outros" [43].

A análise da relação edipiana tem interesse, desde logo para dar conta dos desejos profundos que foram instalados nesta fase precoce da vida, assim como do que dificultou a sua elaboração.

No que toca ao plano psicológico, este autor desenvolve uma reflexão sobre o desejo, começando por assinalar que este não se destina a ser agido, porquanto traduz o movimento interno da vida psíquica. Por definição, o desejo não tem fé nem lei, relaciona-se, muitas vezes, com os objectos perdidos da infância, em particular com os objectos imaginários que não serão encontrados no decurso da vida, a menos que se procure violar a realidade e outros. O desejo é um facto psíquico, a partir do qual se constroem diversas representações mentais que deverão ser trabalhadas no seio da vida psicológica para saber o que é exprimível, ou não, no mundo exterior. Trabalhar o desejo equivale a saber como coadunar as exigências subjectivas com as necessidades e limites da realidade, bem como com os valores universais que vão permitir que o individuo se humanize.

Resumindo a questão ao essencial, é fundamental, diz o autor, compreender que o desejo é uma actividade constante que anima a vida psíquica da pessoa humana cujas raízes remetem para o passado psíquico de cada indivíduo. Constituindo os elementos activos que conferem dinamismo à vida interior, os desejos actuam sob o impulso das aspirações e tendências mais irracionais. É isso que faz com que, por vezes, se apresentem e imponham com uma força que ultrapassa a compreensão do sujeito, acabando por perturbá-lo. Mas, se todos os desejos são

---

[42] Tony Anatrella,*Liberdade Destruída,* op. cit., p. 54
[43] Tony Anatrella, *Liberdade Destruída* op. cit., p. 54

imagináveis, a verdade é que nem todos são, na mesma medida, realizáveis. Cabe à educação ajudar a criança a saber agir consequentemente e não de maneira impulsiva.

A complexidade da experiência do desejo humano remete para o facto de este não ser redutível, nem à experiência da necessidade, nem à do pedido. É por este facto que a pessoa fica muitas vezes dividida entre desejos que procuram impor-se sem ter em conta a realidade. Por isso, o sentido do desejo deve ser educado, para que se liberte dos seus aspectos imaginários e, logo, inacessíveis. Pertencentes a um registo que escapa muitas vezes à racionalidade humana, os desejos veiculam imagens de apetites idealizados. São esses apetites que o toxicodependente pensa poder satisfazer, fechado como está num desejo todo-poderoso que nada o ajuda a envolver-se com os prazeres reais que podem gerar uma existência positiva.

O ponto forte da argumentação de Anatrella remete para a importância decisiva que assume o trabalho de elaboração do desejo, sempre em função das características da realidade exterior e das exigências da vida moral. Se, no sentido psicológico do termo, o desejo remete sempre para cenários imaginários, que é importante reconhecer para nos compreendermos pessoalmente, se o desejo é uma inspiração proveniente das profundezas da psicologia humana que participa no dinamismo íntimo do sujeito, nem assim devemos considerá-lo como uma realidade que se deve realizar. Essa é a armadilha em que o toxicodependente cai, precisamente porque não possui os meios para discernir as fantasias e expectativas infantis e elaborar os meios de as coadunar com a realidade exterior e com os valores morais.

Portadores de uma história íntima, infantil e familiar, mas também de um espaço interior no qual se elaboram desejos, que, na sua maioria, nunca foram satisfeitos, não podemos ceder a todos os desejos, sobretudo quando estes são irrealistas e ligados a expectativas impossíveis da infância. Quando somos cativos dos desejos não elucidados, a procura que realizamos no mundo exterior não é mais do que a projecção das primeiras experiências da vida ligadas a determinadas pulsões e a certas satisfações.

Ora, o que acontece é que o nosso contexto social valoriza, por vários meios, a fragmentação e a dispersão da vida pulsional e incita os indivíduos a permanecerem nas agitações mais fantasiosas e anti-sociais da infância. A sociedade favorece condutas incoerentes que fragilizam a organização interior da pessoa, o que é particularmente verdade no indivíduo que se droga. Neste caso, o que está em causa é que o dependente de drogas procura encontrar um apaziguamento e uma satisfação que nunca conheceu, nem conhecerá desse modo. Estamos, pois, em

presença de uma situação verdadeiramente paradoxal, pois que a droga ajuda o indivíduo a não identificar e a fugir aos seus desejos. O drama da toxicodependência reside, assim, no facto de o sujeito, "pensando que o seu desejo está satisfeito, ficar numa situação em que é ainda maior o seu confronto com as privações. Julga ter chegado, finalmente, ao fim da sua espera, mas falta-lhe o objectivo. É este o drama da toxicomania"[44].

É, por isso, fundamental que, quer no trabalho educativo, quer no terapêutico com toxicodependentes se estabeleça bem a diferença entre as componentes que são o desejo, a necessidade e o pedido, sendo que cada uma delas, apesar de ligada às restantes, representa uma determinada função.

Na maioria das vezes, o toxicodependente põe de lado a interacção entre os desejos (que têm as suas raízes no imaginário e relevam, portanto, do discernimento), as necessidades (que são necessárias ao desenvolvimento da vida) e os pedidos (que se dirigem sempre a outrem) para se acantonar, em parte, ou na totalidade, apenas na esfera do desejo imaginário. O seu discurso e a sua atitude evidenciam um posicionamento à margem dos outros e da vida, "fecha-se num mundo de sensações e de imagens para escapar à condição humana", porque não dispõe dos instrumentos que permitiriam enfrentá-la. "Apesar de tudo, o seu desejo procura impor-se, e acaba por fechá-lo sobre si próprio"[45].

O trabalho do desejo implica necessariamente uma luta entre a vontade de auto-suficiência do sujeito e a aceitação dos limites, por isso a sua clarificação deve suscitar a superação de atitudes defensivas em relação aos outros e às realidades. Ora, a utilização da droga inscreve-se precisamente no funcionamento psicológico que alimenta o encerramento do indivíduo em si próprio, assim como alimenta a ideia de que se pode viver no imaginário. Neste caso, o indivíduo lança-se num caminho verdadeiramente impeditivo da sua existência.

Centrando-se sobre o funcionamento psicológico do toxicómano, Anatrella destaca que este cai num logro incontornável, uma vez que se deixa comandar pela busca permanente de prazer para preencher aquilo de que se encontra privado. É porque quer pôr termo ao sofrimento que o toxicómano se droga, sendo que a incapacidade para encontrar as verdadeiras fontes do prazer o precipitam no círculo fechado da interminável sucessão de desilusões[46].

---

[44] Tony Anatrella, *Liberdade Destruída*, op. cit., p. 51
[45] Tony Anatrella, *Liberdade Destruída*,op. cit., p. 51
[46] Tony Anatrella, *Liberdade Destruída*, op. cit., p. 52 - Este autor refere certas obras cinematográficas que encenaram de forma muito expressiva, essa corrida desenfreada pela satisfação dos desejos, tal como eles se apresentam na vida psicológica, às vezes, sem nenhum espírito de discernimento. Filmes como, por exemplo, *Laranja Mecânica*, *O Último Tango em Paris*, *A Grande Farra* ou *Instinto Fatal* descrevem a violência dos desejos que se exprimem contra os outros e terminam sempre na morte.

Muitos jovens, que não aprenderam ou se recusaram a aprender o sentido dos limites, vivem na ilusão de preencher, a todo o custo, os seus desejos, acabando por cair na negação do próprio desejo e da própria existência. Resumem a vida a um estado de privação que, deste modo, tornam inaceitável. O consumo da droga é então subjectivamente vivido como a prova de que agem de acordo com o que lhes apetece, quando o que na realidade acontece é não saberem o que desejam.

Assim concebido, o prazer é apenas a experiência do nada que está muito longe de proporcionar uma real satisfação. "Quem segue os seus impulsos cria as condições objectivas da toxicomania, caso em que o prazer não é mais do que o alívio passageiro de um sofrimento" [47].

Evitar o trabalho interior de reorganizar os desejos, o que verdadeiramente conferiria significado à vida, é o que o toxicómano acredita conseguir à custa da droga. Preencher o vazio de si mesmo e dos outros, vazio que fica quando não se aprendeu a enfrentar a vida com todos os seus limites e frustrações, é a necessidade irresistível e imperiosa que se impõe ao toxicómano. Pode dizer-se que, uma vez que o desejo é vivido através de uma sensação de vazio que urge preencher, a qualquer custo e por todos os meios, o problema psicológico do toxicómano se resume a uma reacção defensiva contra a própria ideia de privação. "É o medo da privação que serve de motor à sua acção"[48].

A profundidade da reflexão de Anatrella, patente numa visão da psicanálise que assume a centralidade dos valores e da organização social no funcionamento psíquico dos indivíduos humanos, atinge, quanto a nós, um ponto alto quando aborda os fundamentos do bem-estar humano. Reconhecer o que falta, o que existe de inacabado em cada um de nós, é a condição sem a qual não podemos libertar-nos dos aspectos ilusórios do desejo humano e, logo, nos permite ficar abertos a um "para além do desejo", indispensável para nos encaminharmos para as relações reais.

Permanentemente em aberto, a questão do bem-estar humano é reavivada sempre que uma sociedade deixa de conseguir educar para o sentido da existência, o que nas sociedades actuais remete para uma ideologia que despreza a questão crucial da compreensão e da finalidade do desejo humano. Se não existe uma educação dos desejos, é a liberdade de existir que fica ameaçada, pois não podemos desenvolver a interioridade, enriquecê-la e construir a sua coerência própria. Pelo contrário, ao querer reter os desejos, tal como eles se apresentam, de forma autónoma e impulsiva, a personalidade pode deixar de discernir aquilo de que

---

[47] Tony Anatrella, *Liberdade Destruída*, op. cit., p. 53.
[48] Tony Anatrella, *Liberdade Destruída,* op. cit., p. 53.

necessita. Quando uma pessoa se deixa conduzir desta forma, não constrói nada, pelo contrário, alimenta sobretudo um tédio e um sofrimento existencial que pode chegar a exprimir-se através da violência.

No que respeita ao plano educativo, T. Anatrella salienta que o aumento do consumo de droga remete para o facto de os adultos haverem enveredado por concepções educativas que não ajudam o desenvolvimento da criança e do adolescente. Movidos pelo desejo de serem reconhecidos e amados pelas crianças, os adultos evitam contrariá-las e acabam por negligenciar a sua educação moral.

Num contexto ideológico francamente culpabilizante de tudo o que possa ser identificado como imposição de limites e constrangimentos, para o que muito contribuem psicólogos e meios de comunicação, muitos pais e adultos não ousam afirmar-se diante das crianças, colocando-lhes limites. Tudo permitem sob o pretexto de respeitar a vontade da criança e, assim, acabam por criar verdadeiros tiranos. Não sabem fazer respeitar as horas das refeições, de deitar, nem os diferentes rituais da vida quotidiana em família, já não sabem transmitir às gerações jovens, apesar de estas lho pedirem, as simples referências que permitem definir o que é o bom e o que é o mau, demitem-se de ditar as regras e, confundindo dar atenção com tudo permitir, impedem a aprendizagem da obediência, do autocontrolo, assim como a interiorização de normas e valores que permitam construir a personalidade.

A imagem de menino-rei remete, segundo este autor, para uma concepção de educação que é preciso ultrapassar criticamente, se queremos libertar as sociedades modernas desse problema civilizacional que é a dependência das drogas.

Se o consumo de droga coloca uma pluralidade de problemas a nível médico, social, político, económico, não deixa de colocar, igualmente, problemas a nível educativo. Esclareça-se que a dimensão educativa que está na origem da toxicodependência remete para uma abordagem que não deve ser meramente assimilada a um ponto de vista terapêutico, este pautado por uma atitude neutra e benevolente. A atitude dos pais, professores e educadores deve centrar-se noutras referências, designadamente na dimensão moral que ajuda a organizar as escolhas e os comportamentos.

É, pois, numa perspectiva educativa e moral que aborda este fenómeno que põe em perigo o sentido da liberdade humana, propondo-se discutir os problemas inerentes à educação e à formação moral. A tese principal em torno da qual gira o seu esforço de reflexão é a de que as jovens gerações das sociedades contemporâneas mais desenvolvidas se encontram hoje expostas a processos educativos que são atentatórios da liberdade própria de seres humanos responsáveis.

É uma tese tanto mais paradoxal quanto, como assinala este autor, a afirmação da independência e da autonomia individuais recolhe uma adesão sem precedentes na história da humanidade. Contudo, se formos mais fundo na análise da concepção de liberdade que impera nas sociedades contemporâneas, podemos descobrir que essa concepção remete para um individualismo exacerbado inscrito num processo, mais amplo, de autêntica destruição dos elos sociais. Da desvinculação entre o indivíduo e a sociedade, uma das características mais fortes das modernas sociedades mais desenvolvidas, resulta um conjunto de efeitos francamente perversos no que respeita às possibilidades de se poder ser efectivamente livre.

O enfraquecimento dos laços colectivos (que é possível constatar em todos os contextos de socialização, desde a religião, ao trabalho, à família, passando pela escola e instâncias da vida partidária e política) é um fenómeno visível no desvanecimento do sentido dos valores morais comuns e dos laços de solidariedade, na recusa do compromisso e falta de exigências dos adultos na educação das crianças.

Numa sociedade em que a liberdade e a independência individuais são ditas e reafirmadas com uma intensidade jamais alcançada em outros tempos, assiste-se precisamente ao desencadear de uma pluralidade de lógicas e de processos que, pelo contrário, matam as possibilidades de se ser livre. Quando o indivíduo não tem outras referências a não ser ele próprio, a não ser os seus desejos, os seus interesses, a sua necessidade de reconhecimento social, essa estranha liberdade deste século, então, estão criadas as condições para se lançar numa imaginária vida de inovação, expondo-se a experiências que contêm o risco de desencadear comportamentos, muitas vezes, regressivos nos planos individual e cultural.

Num contexto de crise generalizada dos mecanismos de integração social, em virtude de uma fragilização sem precedentes das normas colectivas, os indivíduos, sobretudo os das jovens gerações, deixam de ter à sua disposição as referências construídas pelas gerações anteriores, muitas vezes, à custa de esforços consideráveis. Deixam de poder partilhar valores e projectos colectivos que conferem um sentido à existência e alimentam a verdadeira capacidade de criar o novo e exercer a liberdade.

Sem essa ligação à realidade colectiva que, como analisou Durkheim, proporciona a consciência dos constrangimentos reais e, desse modo, ajuda a situar os desejos individuais num quadro de possibilidades objectivas, aumentam as probabilidades de ocorrerem processos de individualismo auto-destrutivo. O estudo clássico deste autor acerca do suicídio, demonstrando a relação entre a fraqueza da coesão social e a incidência das taxas de suicídio continua a ser uma referência

incontornável para compreender até que ponto as dinâmicas especificamente sociais podem contribuir para a emergência de fenómenos como o das toxicodependências. E é uma referência incontornável por ter demonstrado que as normas colectivas com capacidade para constranger e coagir o comportamento dos indivíduos estão longe de representar um mero atentado contra a liberdade individual.

Um tal simplismo equivale a não compreender que as normas colectivas, a que os indivíduos reconhecem uma superioridade moral, desempenham o importantíssimo papel de os preservar dos riscos de enveredar por experimentações sem controlo, dos riscos de almejar objectivos descolados dos meios realmente compatíveis e exigíveis para a sua concretização. Mas as normas colectivas são igualmente importantes porque constituem um mecanismo de auto regulação decisivo para o controlo e elaboração dos impulsos, das emoções, das frustrações, o que, por sua vez, confere alguma capacidade de relativizar os sentimentos individuais e assim superar as frustrações. Ao fim e ao cabo, proporcionam o desenvolvimento do fenómeno que Freud designou por sublimação.

Não menos importante, ainda, é que o património cultural produzido pelas gerações anteriores e transmitido às mais jovens constitui um ponto de partida, uma referência essencial cuja crítica e reformulação pode dar lugar à criação do novo. É precisamente a incapacidade de ligação à realidade, isto é, ao social, que interdita, em absoluto, a capacidade de a influenciar e mudar, que o mesmo é dizer, interdita a possibilidade de ser livre.

Não deixa de ser interessante que um psicanalista tenha enveredado por uma abordagem das toxicomanias como fenómeno cujas causas mais profundas se inscrevem na organização social, na cultura e no conjunto dos valores e concepções que enquadram a educação das jovens gerações. Como ele próprio diz, o que explica mais profundamente as dependências, sejam elas fisiológicas, psicológicas, sociais ou culturais, é o contexto de perda do sentido da verdadeira liberdade. “Aquilo que o indivíduo acredita encontrar no consumo da droga ou de medicamentos de conforto são os recursos que ele já não consegue descobrir na cultura, no fundo moral e religioso acumulado pelas gerações precedentes”[49].

Os padrões da vida familiar nas sociedades contemporâneas são um exemplo ilustrativo, entre outros, dessa carência cultural que se traduz por uma quase ausência do mundo dos adultos tornados incapazes de propor aos adolescentes actividades e compromissos que os ajudem a construir-se.

As concepções de educação que se afirmaram nas últimas décadas conduziram a uma autêntica demissão dos adultos no que respeita ao desempenho do

[49] Tony Anatrella, *Liberdade Destruída*, op. cit., pág. 20.

seu papel de educadores para a vida. Entregues a si próprias, as jovens gerações têm, assim, que descobrir sozinhas, os caminhos de entrada no mundo dos adultos. São, deste modo, atiradas para a ilusão de que possuem uma liberdade quase absoluta que, por sua vez, desencadeia um sentimento de poder absoluto, levando a pensar que tudo pode ser vivido sem nenhuma necessidade de pensar racionalmente sobre a natureza dos próprios desejos e dos comportamentos.

Nas sociedades democráticas, onde os pais se demitiram progressivamente da sua função educativa e, assim, privaram os jovens dos meios para existirem e progredirem, vamos assistindo a um profundo enfraquecimento dos elos entre as gerações e entre os próprios jovens. Aqui reside uma situação de grave risco, nomeadamente de uso de drogas.

Face à ausência de convicção de que existem no seio da civilização recursos que merecem o respeito individual pelos quais vale a pena lutar, as jovens gerações que foram privadas de transmissões educativas têm grande dificuldade em descobrir os verdadeiros prazeres da vida, o que as expõe a práticas auto destrutivas. Ora, como diz Anatrella, o desenvolvimento do verdadeiro sentido da liberdade requer discernimento, desde logo indispensável para descobrir o que é bom e justo para si e para os outros. A liberdade e a responsabilidade, inerentes à pessoa humana, só podem ser conseguidas à custa da educação que honra tudo o que favorece a vida.

Na ausência de uma educação que não prescinde de marcar os limites que tornam possível a aprendizagem do valor das coisas, que, no fundo, é aprendizagem do prazer diferido no tempo, em resultado do exercício e desenvolvimento de capacidades e conquistas individuais, a passagem à vida adulta torna-se verdadeiramente problemática. “Os jovens imaginam então tremendos ritos de iniciação ou de passagem em que possam provar a si próprios que são alguém, que sofreram e que souberam ultrapassar fronteiras”[50].

Face a modelos educativos submetidos ao império do prazer, transformado em princípio absoluto que tudo deve comandar, a adolescência deixou de ser marcada pela necessidade de lançar desafios a si próprio, de viver experiências intensas e correr riscos que promovam uma consistente auto-estima e uma verdadeira valorização individual.

Se atentarmos que esta carência das transmissões educativas ocorre em simultâneo com uma crise social profunda, que contradiz as promessas de vida fácil que, quer a família, quer a escola contribuíram para instalar, logo poderemos concluir quanto as condições de existência de muitos jovens estão longe de favorecer uma imagem positiva da vida, de valorização e de auto-estima.

---

[50] Tony Anatrella, *Liberdade Destruída* op. cit., pág. 20.

De facto, basta atentar nas tremendas dificuldades que hoje enfrentam os jovens a respeito da inserção profissional, da criação do seu próprio lar, da existência de referências sólidas em matéria de valores morais que favoreçam uma imagem positiva da vida para não nos surpreendermos com as estranhas formas de descoberta da "verdadeira vida", hoje tão frequentes entre os jovens. Referimo-nos a actividades lúdicas como as *"rave parties"* ou outras experiências radicais que põem a própria vida em risco e de que o uso de estupefacientes é apenas um exemplo.

A procura desvairada do prazer, para utilizar as palavras do autor, sem discernir racionalmente sobre os reais constrangimentos que se impõem à existência, que está entre os factores mais determinantes do recurso maciço à droga entre os jovens, é o sintoma alarmante de uma evasão colectiva para o imaginário, de uma atracção pelas sensações mais extremas. E é nesse contexto ideológico que certas representações sobre a droga elegem a afirmação da liberdade individual, a procura do prazer, o convívio com os outros ou a fuga à vida vazia de sentido que se leva como as motivações mais fortes que estão na base dos consumos.

Diz Anatrella que "as representações veiculadas pelos media e pelos adolescentes fazem cada vez mais da droga um percurso obrigatório para um bem - estar que a maioria deles não aprendeu a descobrir de outra maneira"[51]. Na realidade, essas representações não são mais do que uma espécie de conformismo face aos riscos sociais que fazem hoje parte da vida dos cidadãos das modernas sociedades mais desenvolvidas. A quase naturalização do fenómeno leva a considerar que nada mais resta fazer do que aprender a viver com a droga e estar simplesmente atentos à redução dos seus riscos. Nada mais será possível fazer do que nos habituarmos a lidar com o problema, do mesmo modo que no caso de uma doença crónica não é possível fugir à dependência química de certos medicamentos.

Para compreender com mais profundidade essa degradação moral que se expande sem cessar nas modernas sociedades desenvolvidas e democráticas, Tony Anatrella dedica algumas páginas à questão da deslocação e do desaparecimento do interdito. Segundo ele, vem-se assistindo, nos últimos anos, a uma deslocação dos interditos, podendo dizer-se que, entre os adolescentes, o interdito sexual foi substituído pelo interdito da droga. De facto, o abandono das reservas relativamente à passagem ao acto sexual por parte dos adolescentes e a disponibilização dos meios técnicos compatíveis com a contracepção e o aborto, sem intervenção das figuras parentais, criaram as condições que remetem para os jovens a responsabilidade de se desenvencilharem e de sozinhos identificarem os seus desejos e sentimentos.

---

[51] Tony Anatrella, *Liberdade Destruída*, op. cit., p. 23.

Sendo certo que a maioria dos adolescentes está longe de ter alcançado a aptidão para proceder a estas operações, o mais frequente é enveredarem por uma sucessão de experiências, não raro com uma perturbadora acumulação de decepções que acabam por precipitar uma economia afectiva regressiva.

Na sua análise das relações entre lei psíquica, lei moral e lei civil, o autor começa por assinalar que a lei no sentido psíquico, a lei no sentido civil e a lei moral não são confundíveis. Todavia, a possibilidade de os indivíduos integrarem os sistemas de leis que regulam a vida pessoal e social, que o mesmo é dizer, a sua capacidade de lidar com a lei moral e com a lei civil, depende da qualidade da função paterna. "Os interditos, designados pela lei do pai, são estruturantes e permitem fazer face às diferentes tarefas psíquicas que se apresentam na infância e na adolescência para que o sujeito possa situar-se no lugar na filiação, inscrever-se no sentido das gerações e assumir a diferença entre sexos. A lei do pai favorece a separação e a individuação, a descoberta da diferença sexual e a renúncia à posse edipiana"[52].

Dito isto, Anatrella encaminha-se para uma crítica da intervenção legislativa do Estado que, em seu entender, procura prevalecer sobre os outros sistemas de leis com graves prejuízos para a vida psíquica e a reflexão moral, a começar pela lei edipiana. Um exemplo de como a lei civil pode entrar em contradição com a realidade psíquica é o caso, hoje muito generalizado, da ausência do pai na educação dos filhos na sequência do divórcio ou da moda da chamada produção independente. A legislação vigente continua a conferir à mãe o principal, e quase exclusivo, papel na educação das crianças, quando o conhecimento acumulado no campo da psicologia aconselharia a não excluir o pai da vida quotidiana dos filhos, remetendo-o para os pequenos tempos livres que ficam fora das principais rotinas da vida.

Não respeitar as leis psicológicas equivale a criar obstáculos sérios ao processo de humanização dos indivíduos, o mesmo se podendo dizer a respeito das leis morais, que, sendo a expressão de valores que transcendem os homens, tendem a ter um carácter universal. A crítica de Anatrella aponta para a irresponsabilidade que, a seu ver, está presente nas iniciativas que tendem a criar situações de direito a partir das situações de facto. Ou seja, critica as iniciativas legislativas que pretendem legitimar todo e qualquer tipo de organizações afectivas e, desse modo, gerar uma nova ordem moral. No decurso deste processo legislativo, pouco atento às leis psíquicas e morais, diz Anatrella que chegamos a um ponto em que já apenas restam dois interditos que congregam uma rejeição severa, são eles a pedofilia e a agressão sexual.

---

[52] Tony Anatrella, *Liberdade Destruída*, op. cit., pág. 42.

No que respeita ao domínio da sexualidade, assiste-se à enunciação de um discurso sobre um certo tipo de educação sexual muito pouco atento ao que pode ser a psicologia sexual da adolescência. Na realidade, nas sociedades democráticas dos dias de hoje estamos muito longe de fornecer uma bagagem cultural que ajude os adolescentes a terem acesso ao sentido da vida sexual e da procriação. Como muito bem assinala o autor, os programas ditos de educação sexual inscrevem-se numa perspectiva meramente higienista que falseia, de maneira muito perversa, o sentido da sexualidade humana. Servem simplesmente para fazer a promoção da contracepção, do aborto, do preservativo, e das orientações sexuais múltiplas, sem ligação ao dado muito real que é a identidade sexual de cada pessoa.

Sem uma produção cultural capaz de fornecer respostas aos problemas envolvidos na sexualidade humana, designadamente a afectividade, os sentimentos do valor próprio, o estabelecimento de laços e vínculos, as questões do poder e da posse, entre outros, os discursos sobre a contracepção e o aborto evidenciam bem, até que ponto, o poder político banaliza as leis psicológicas que regulam a sexualidade.

Nesse movimento de desestruturação, a dissolução do interdito da agressão contra os outros sofre um agravamento sem precedentes, em nome das exigências impulsivas e da necessidade primária do sujeito afirmar o que bem quer e lhe apetece.

Em síntese, o problema, diz o autor, está na recusa, por adultos e políticos, em compreender e antecipar as consequências dos comportamentos e das leis nos indivíduos[53].

> O canal de música MTV é, actualmente, um dos factores mais importantes na formação de gosto dos pré-adolescentes.
>
> Com 11 e 12 anos, Vera e Sabina, já pediram aos pais para as deixarem fazer um “piercing”; e, perante a recusa dos progenitores, com base num argumento que um “piercing” deixa marcas irreversíveis no corpo, Sabina contrapôs que não era bem assim, “ que a Anastácia tinha tirado um “piercing” e conseguira apagar a marca do furo”
>
> “A maioria destes procedimentos escapa aos adultos”. Alguns pais percebem os riscos associados a este padrão: a solidão do quarto; a internet mostra tudo; e frivolidade da televisão. Têm, no entanto, a ideia de que tudo isso é preferível a outros comportamentos. Que o mais importante por agora é travar aproximações ao universo clandestino dos adolescentes marcado pela iniciação no álcool e no tabaco e pela apetência pelas diversões nocturnas”. Mesmo quando os pais reconhecem os riscos, no entanto, nem sempre é fácil lutar contra essas tentações. A mãe de Sabina, por exemplo, conta que a filha já confessou ter experimentado fumar. E que já quis festejar o seu aniversário

[53] Tony Anatrella, *Liberdade Destruída*, op. cit., pág. 44.

dos 12 anos numa discoteca. “Não deixei. Mas para o ano acho que já vai ter de ser...”.

**“Hormonas aos saltos na discoteca”**

“O Paradise Garage” está completamente cheio de crianças e adolescentes: a média de idades rondará os 13, 14 anos, mas há - os com 12, porventura menos. O instrumental acelera e acompanha agora uma voz brasileira suave e sexual: “vem fazer amor comigo, quero você dentro de mim.” A audiência vai ao rubro, de braços no ar, soltando gritinhos entusiasmados, por esta hora já se vêem olhos vermelhos, efeito da bebida e do tabaco.

Às 23.30h, a fila cá fora para entrar contava mais de trinta metros; e em frente à porta continuavam a parar táxis e carros de gama alta com pais ao volante, com expressão soturna, uns sonolentos outros apreensivos.

Dispostas em pequenos círculos, as raparigas aguardavam por uma amiga mais atrasada para subirem para a pista, algumas acendendo o cigarro mal o pai dobrava a rua. Vestiam quase todas tops justos de cores vivas, mostrando as primeiras curvas, o peito inflado pelo soutien “wonderbra”, e o umbigo; e calças apertadas com a cintura caída pronunciando as ancas.

As mais ousadas tinham também os olhos e os lábios pintados e as unhas arranjadas. Rui, nome fictício, por exemplo, apenas 13 anos acercou-se do porteiro e nem precisou de mentir dizendo que tinha deixado o bilhete de identidade em casa...Por 12 euros, deram-lhe de imediato quatro senhas para bebidas e mandaram-no subir. No caso das raparigas, como se não bastasse poderem consumir gratuitamente o que quiserem, o acesso era ainda mais facilitado, porque são mais desenvolvidas e porque funcionam como um íman para os rapazes.

O desleixo quanto à verificação da idade não se repetia, todavia, no controlo de armas e outros objectos perigosos. Os seguranças homens feitos, vestidos de escuro, revistavam e obrigavam todas as crianças a passar por um detector de armas e de outros objectos perigosos.

Uma vez lá dentro, entrava-se definitivamente num espaço de liberdade, com os clientes, sôfregos, a acenderem cigarros e aproximando-se do bar pelas 0h30m já a discoteca estava meia cheia, elas encostadas ao balcão do lado esquerdo, eles obrigados a consumir no balcão do lado direito. O alinhamento imposto com o propósito de que as meninas usufruíssem do direito exclusivo de poderem beber gratuitamente, criava uma disposição na sala que lembrava o jogo do bate - o – pé. Elas, de um lado, sorridentes, olhando subtilmente para eles, procurando, o colega de turma, ainda numa dança tímida; eles hisurtos, do outro, copo de Malibu na mão, galando-as descaradamente. A sedução à distância, civilizada acabou contudo, rapidamente. Minutos depois, ocorria uma movimentação fulminante. Em meia hora, a discoteca encheu-se, toda a gente se misturou a dançar e começou o corrupio junto dos balcões, com crianças, com pouco mais de um metro de altura empoleirando-se na trave dos pés, crescendo para o barman.
Os licores e a cerveja saíam como pastéis de Belém...Um rapaz de uns 14 anos, talvez 15, por exemplo, bebericava com deleite uma vodka puro, só com gelo: “Hum, isto é tão bom”, comentou com o amigo, os olhos aguados.

... A forma como meneavam as ancas, ao som de Eminem e Nelly Furtado, era uma cópia das coreografias lascivas que aparecem nos vídeos da MTV e do MCM. Duas das adolescentes simulavam mesmo jogos eróticos, encaixando os corpos uma na outra... À medida que a noite avançava, outros números parecidos aconteceram. Dançava-se muito, dançava-se muito próximo uns dos

outros. E embora alguns arriscassem experiências mais perigosas – como os rapazes no WC a beber *penaltis* de uma garrafa clandestina de absinto -, a maioria comportava-se na pista com a exuberância natural de quem vive o sobressalto das hormonas, envolvendo - se em engates infantis.

A noite para a grande parte dos adolescentes, terminaria pelas 3h30. Cá fora, e frente à porta, recomeçava a caravana automóvel.
Desta vez, no entanto, viam-se muito mais táxis do que carros descaracterizados, sinal de que muitos dos pais das crianças já haviam sucumbido ao sono".

Não é fácil pertencer-se a um grupo, a Sofia sabe-o bem. No final do verão, entendeu que era altura de evoluir, mudar de estilo: que estava farta de ser uma "dread", queria algo mais profundo, mais sentimental, alguém com quem pudesse partilhar as emoções da alma. Influenciada por uma rapariga brasileira de 16 anos que conhecera num "chat", acabou por decidir -se sobre os góticos, "um grupo de pessoas que veste preto porque está de luto com o mundo".

Acontece que esse estatuto não seria conseguido de forma automática. A "tribo" dos góticos não estava a aceitar leigos. E, portanto, antes do veredicto final, agendado para o dia 31 de Outubro, Dia da Bruxas, Sofia teria que ser posta à prova através de um processo de avaliação, conduzido a partir do Brasil, pela amiga que a iniciara no movimento.

Sofia tem apenas 11 anos. Mesmo percebendo-se que a opção pelos "góticos" terá, porventura, mais que ver com a extravagância da imagem, em alta no canal de música MTV, do que com uma identificação genuína com essa tendência, o mais natural, com a idade que tem, era que o seu imaginário estivesse mais próximo da Barbie do que de uma jovem enlutada e com olheiras.

O caso é, no entanto, apenas um exemplo de um fenómeno mais vasto. De há uns anos para cá, as características dos pré-adolescentes começaram a mudar. Os rapazes e as raparigas estavam a crescer mais depressa e, portanto estavam também a entrar mais cedo na crise da puberdade: de consumismo, do individualismo, da rebeldia, da sexualidade.

As explicações para a alteração de padrão são, naturalmente, difusas. Mas parece óbvio que a maior ausência dos pais – a independência das mulheres – empurrou muitas crianças para a autonomia extemporânea.
Este factor não pode, contudo, ser dissociado da massificação dos meios tecnológicos: a televisão, o computador, a música e o tornaram-se mais baratos, mais acessíveis do ponto de vista da linguagem, banalizando-se entre a juventude e acabando por substituir, em parte, o lento e focado processo de aprendizagem familiar.
Para o bem e para o mal, com uma simples ligação à internet, crianças de 9, 10 anos têm o mundo em casa: a música, o cinema, os ídolos, os amigos e os namorados virtuais.

E podem viver o mundo em casa, na solidão dos seus quartos. Os tweens revelaram ter muitas características em comum, um contexto social idêntico, são filhos de pessoas com livros didácticos em casa, música erudita e "homecinema" com "surround system"; todos eles têm pais com um entendimento relativamente liberal e moderno da educação.

"... a escola é também o sítio onde alguns quebram as primeiras regras. Dentro e fora das salas de aula, os intervalos – o recreio – são o espaço por excelência para concretização dessa irreverência. Num intervalo, numa escola até ao 9ºano – ou nas imediações - pode acontecer muita coisa: o primeiro

> cigarro, a primeira cerveja, o culto do calão, a refinação dos piropos, o primeiro beijo.
>
> Raparigas e rapazes têm o seu grupinho e só se juntam raramente " para curtir" – ocasião que se proporciona, quase sempre, entre uma rapariga precoce e um rapaz mais velho "
>
> Terminadas as aulas, uma ou outra actividade extra curricular, os "tweenies" voltam para os quartos. E, então, o mundo entra-lhes pela casa dentro. Está tudo ali, naquelas quatro paredes: a playstation, o televisor com telecomando, a aparelhagem, os animais de estimação, as revistas, os livros do Harry Potter, os telemóveis e o computador. O quarto é uma referência.
>
> Os pais, normalmente, ficam de fora deste espaço de intimidade, respeitam a sua privacidade, tentam não violar o templo – sentem não ter razões para violar o templo...A sua maior transgressão é, porventura, a música. A música é, assim, uma pulsão. Como se o ouvido fosse o sentido mais ávido dos tweenies. Como se fosse sempre necessário o ritmo, a electricidade das percussões e das guitarras
>
> Os seus grupos preferidos coincidem praticamente com os de todos os outros "tweenies". E estão, naturalmente, associados a uma imagem "cool" e rebelde, inspirada nos "rappers" americanos, estilo a que se convencionou chamar "dread".
>
> Entre os "posters" que forram as paredes do quarto, o do controverso Eminem repete-se, em poses agressivas, o corpo tatuado. O célebre rapper americano, que tem letras em que maltrata a mãe e o presidente dos EUA, é, de resto, um dos retratos mais cobiçados de revistas como a "Bravo".
>
> Apesar das diferenças musicais todas estas estrelas planetárias cultivam o conceito de "bad girl" ou "bad boy", cantam amores em crise e criticam a sociedade que oprime os jovens, os negros e os espíritos livres e artísticos.
>
> *In Jornal Público, Revista Pública nº 450," "sobre os tweens". Este texto, de Ricardo Dias Felner, descreve com algum pormenor mudanças nos padrões de regulação dos adolescentes, que ilustram esse esbatimento dos interditos e assinalam a progressiva ausência dos adultos na vida das crianças, assim como revelam a precocidade das experiências relacionadas com a sexualidade.*

Encontrar o prazer, o bem-estar, uma maior liberdade interior e exterior, um maior à vontade são as motivações que mais directamente explicam a origem de qualquer prática toxicodependente.

A questão de saber como encontrar prazer assume nos dias de hoje uma centralidade indiscutível na análise das concepções sobre o que é educar. Na verdade, a sociedade em que vivemos elevou o prazer ao estatuto de valor supremo, desvalorizou o sentido do esforço, da responsabilidade e do respeito pelo outro. Sob o império de um hedonismo muito mal compreendido, os jovens de hoje não aprenderam a viver face às contingências e às dificuldades de existência. Não aprenderam a suportar actividades que requerem esforços e tempo, que, por vezes,

geram frustrações, insucessos e esperas, e que tanto podem trazer muitas alegrias como sofrimento.

A crença ingénua na possibilidade de obter o prazer sem enfrentar dificuldades[54] está enraizada, por exemplo, nas pedagogias que pretendem fazer acreditar que na escola se aprende em primeiro lugar por prazer. Sem rejeitar a importância das condições pedagógicas favoráveis ao ensino, designadamente as que remetem para relações estimulantes que incitam o sujeito a participar activamente na sua própria educação, é preciso, contudo, não iludir a necessidade do esforço de disciplina, de concentração, de memória e de reflexão. Não há aprendizagem de conteúdos e a utilização de instrumentos de conhecimento sem trabalho, sem esforço, sem persistência[55]. As concepções educativas que imperam hoje na escola não cessam de desvalorizar essa aprendizagem, acabando, assim, por ter grande responsabilidade na produção massiva do infantilismo entre os mais jovens.

A questão do prazer na sociedade contemporânea está longe de ser objecto de um tratamento adequado. Não admira, por isso, que a toxicomania seja um dos seus problemas.

A maioria dos estudos sobre a prevenção das drogas não analisou suficientemente a importância do prazer que está em jogo na relação entre o toxicodependente e o produto. Se essa forma de prazer é ilusória e isoladora, então, quer do ponto de vista psicológico, quer do ponto de vista moral, permanece em aberto a questão de saber o que pode representar o prazer.

Uma tese que ganha adeptos é a que associa a "procura desvairada" do prazer entre os jovens à secreta esperança de estes se libertarem de um tédio existencial ou das preocupações da vida. Drogar-se é, no fundo, abrigar-se daquilo que parece insuportável na existência, numa procura de mais serenidade.

O recurso maciço à droga, que se desenvolveu em alguns anos, é um sintoma bastante alarmante de uma evasão colectiva para o imaginário, de uma atracção pelas sensações mais extremas, de uma demanda hedonista desvairada, motivada pelo tédio ou pelo desespero. Perante a constância do fenómeno não

---

[54] Augusto Curry, *Nunca desista dos seus sonhos*, Pergaminho, 2005, p. 14. A juventude de todo o mundo está a perder a capacidade de sonhar. Os jovens têm muitos desejos, mas poucos sonhos. Os desejos não resistem às dificuldades da vida, os sonhos são projectos de vida, sobrevivem ao caos. A culpa não é, porém dos jovens. Os adultos criaram uma estufa intelectual que lhes destruiu a capacidade de sonhar. Eles estão a adoecer colectivamente: são agressivos, mas introvertidos; querem muito, mas satisfazem-se pouco. Os sonhos trazem saúde à emoção, equipam os frágeis para serem autores da sua história, renovam as forças do ansioso, animam os deprimidos, transformam os inseguros em seres humanos de raro valor. Os sonhos fazem os tímidos terem rompantes de ousadia e os derrotados serem construtores de oportunidades."

[55] Augusto Curry, *Nunca desista dos seus sonhos*, Pergaminho, 2005, p. 14. Para o filósofo Kant, "a paciência é amarga, mas os seus frutos são doces"
Augusto Curry, *Nunca desista dos seus sonhos,* op. cit., p. 20.

poderemos deixar de questionar como foi possível que uma civilização profundamente animada pelas ideias de progresso tivesse chegado exactamente ao inverso.

## Capítulo 2 - CRISE DOS MECANISMOS DE INTEGRAÇÃO SOCIAL PELA FAMÍLIA: O INDIVÍDUO E A FAMÍLIA

A fragilização dos vínculos e a desligação social também se alimenta de certas transformações profundas que têm ocorrido no seio da família. A baixa da nupcialidade, as taxas de divorcialidade, a baixa impressionante das taxas de fecundidade, a proporção das famílias recompostas e de famílias monoparentais, assinalam um enfraquecimento dos laços entre as diferentes gerações. Da estrutura familiar "clássica" que, segundo a tradição do século XIX, proporcionava um espaço privado no qual o indivíduo aceitava que a sua liberdade fosse limitada pelas regras da autoridade paternal, foi-se assistindo paulatinamente à redução da família a um espaço meramente contratual.

A prevalência da família nuclear e o quase total desaparecimento das estruturas familiares alargadas, que se evidenciam com notória nitidez nos tempos actuais, são dois traços característicos das profundas mudanças que ocorreram no domínio da organização familiar. As suas repercussões, no que respeita ao enfraquecimento dos laços de filiação na cadeia das várias gerações, podem ser analisáveis através de um conjunto de manifestações, de entre as quais vale a pena salientar algumas: a entrega dos filhos aos cuidados de instituições, remetendo uma boa parte das tarefas educativas para profissionais especializados; a escassez da atenção que os pais dedicam aos seus filhos, porque o seu tempo se esgota na luta pela obtenção dos rendimentos necessários à satisfação das necessidades de consumo; enfim, o isolamento e a institucionalização da geração dos avós.

Espaço exclusivamente privado, a família tradicional proporcionava um ponto de apoio e de referência ao indivíduo, mostrando-lhe que se inseria numa história e que o mundo não começava com ele. Não obstante o seu carácter mais autoritário, contribuía para instalar um sentimento de segurança entre seus membros, sentimento esse que hoje tende a dissipar-se.

Tornada possível pela lei, a explosão da divorcialidade é uma evidência em todas as sociedades ocidentais. E se é precipitado interpretar este fenómeno como sinal de uma tendência negativa ou de desagregação das sociedades, já não parece

muito arriscado admitir que o laço conjugal se tem enfraquecido significativamente nos dias que correm. O indicador conjuntural da divorcialidade, a proporção de famílias recompostas e de famílias monoparentais aumenta, tornando evidente que a paisagem familiar se tornou plural e diversa.

Do ponto de vista sociológico, não é propriamente o facto de haver projectos conjugais que se malogram que constitui, em si, um facto preocupante. O problema reside, antes, na atitude que consiste em trivializar a questão, quando, na realidade, ela exigiria que se encontrassem respostas compensatórias. Como assinalam Fitoussi e Rosanvallon[56], assistimos hoje a "uma espécie de "momento liberal" caracterizado por um optimismo indiferenciado, que esquiva a "seriedade da vida humana" e recalca a questão propriamente política"[57].

Em termos mais concretos, é fundamental reter que a revolução da conjugalidade tem custos sociais elevados que nunca foram calculados. Como é possível demonstrar através dos muitos inquéritos realizados a beneficiários de rendimento mínimo, a toxicómanos ou a presos, o isolamento familiar é determinante nos fenómenos de ruptura social.

Se a pertença familiar tanto pode ser um tesouro como uma sepultura, daqueles que não se inscrevem em qualquer percurso familiar estruturante, compreende-se quanto a referência a um modelo comum de família representa um extraordinário desinvestimento da política democrática a este respeito. Isso porque a crise do laço conjugal engendra pelo menos dois fenómenos: o primeiro é a desigualdade das pessoas perante a aplicação do direito da família; o segundo é a fragilização dos laços do parentesco, com todas as consequências que isso inclui. É também a este propósito que podemos falar, como Robert Castel, de "desfiliação".

Se é indiscutível que a modernidade trouxe consigo uma certa libertação do autoritarismo nas relações, nomeadamente no seio da família, não deixa de ser igualmente pertinente considerar que a família representa muito mais do que um conjunto de micro contratos. Ela constitui uma referência última, mais forte do que outras instituições socializadoras, porque, apesar de todas as suas vicissitudes, preenche um "espaço" que nenhuma outra preenche, um "espaço" deixado vazio.

Pela multiplicidade das trocas de dom e contra-dom que organizam o quotidiano, pelo processo de transmissão intergeracional, a família constitui o "lugar" onde ocorrem as relações de longa duração.

Ora, faz todo o sentido interrogar se e até que ponto o movimento da individualização, concebida como "liberdade sem limite da instituição de si próprio",

---

[56] Jean Paul Fitoussi, Pierre Rosanvallon, *A nova era das desigualdades,* op. cit., p. 25.
[57] Jean Paul Fitoussi, Pierre Rosanvallon, *A nova era das desigualdades* op. cit., p. 25.

fragiliza a dimensão de enraizamento na família, ou seja, dilui o sentido dos deveres e de solidariedade precisamente para com aqueles que nos permitem concretizar o desejo de sobrevivermos a nós próprios. Joga-se aqui uma parte importante da crise da identidade e da interioridade que parece hoje em vias de se desenvolver.

### *2.1. Dinâmicas familiares*: *fraco envolvimento afectivo*, *fortes tensões e conflitos, rejeição mútua*

A revisão de literatura especializada sobre a relação entre as dinâmicas familiares e o uso e abuso de drogas, deixa concluir que os factores familiares desempenham uma influência directa na génese e desenvolvimento do fenómeno[58].

Se existe aspecto consensual entre a diversidade de estudos sobre as famílias que são confrontadas com o problema da toxicodependência[59], a existência de marcantes e graves carências no domínio dos cuidados parentais, em fase precoce da vida, é seguramente um deles.

Os estudos sobre a qualidade dos laços afectivos e dos padrões de funcionamento familiar têm levado a concluir que as mudanças ocorridas nas famílias, tais como o "enfraquecimento do consenso social sobre os direitos e os deveres dos jovens e sobre as regras educativas, a desvalorização social da função paterna, o esvaziamento progressivo da função social da família e o seu isolamento, o evitamento do conflito aberto entre pais e filhos" [60], instalaram dinâmicas familiares em que o esbatimento de fronteiras entre gerações e/ou, por vezes, até, a sua inversão são regra. A ambiguidade na definição das funções e papéis parentais e filiais tem dado lugar à difusão do mito da «criança-reizinho» ou do «jovem redentor» cujos pais, inseguros, não são capazes de conter o seu agir, por vezes, tirânico. Educados numa cultura consumista e fortemente individualista, os filhos ascendem rapidamente ao estatuto de adultos, sem haverem conquistado esse estatuto.

Como já tivemos ocasião de analisar, algumas das mudanças ocorridas na instituição familiar produzem efeitos muito significativos na coesão familiar, tomada esta no sentido durkheimiano. A canalização de uma boa parte das tarefas inerentes à

---

[58] Cit in Manuela Fleming, *Família e Toxicodependência*, Afrontamento, Porto, 1995, pág. 53. A autora refere que nos mais importantes trabalhos de revisão feitos nas últimas décadas (Harbin & Maziar, 1975; Klagsbrun & Davis, 1977; Stanton, 1979; Seldin, 1972; Kaufmann & Kaufmann, eds., 1979; Angel & Angel, 1983; Stanton & Todd, 1982) se conclui sobre o papel crucial desempenhado pelos factores familiares no desencadear e na manutenção da toxicodependência.

[59] Maria da Purificação Bagagem: "O grupo familiar de pertença dos jovens em estudo" in *Droga: A desintegração familiar e social dos jovens*, Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2000, pág. 155.

[60] Manuela Fleming, *Família e Toxicodependência,* op. cit., pág. 58.

socialização para outras instituições não pode deixar de esvaziar em alguma medida o significado das funções paterna e materna. Por seu turno, a própria institucionalização de muitas crianças logo que nascem, ou em idade muito precoce, o «bebé-creche» e a «criança-infantário», com o correlativo encurtamento do tempo disponível dos pais, não deixará de induzir acrescidas dificuldades no que toca à sedimentação de vínculos familiares sólidos e estruturantes do devir humano.

Neste contexto, em que a emancipação feminina joga um papel central, desenvolveram-se concepções educativas algo paradoxais e manifestamente contraditórias. Compensar a falta de disponibilidade para uma conversa, a falta de disponibilidade para impor limites e suportar os conflitos que tal envolve, com consumo e mais consumo é uma prática que, de certo, pouco, ou nada, contribuirá para a coesão entre as gerações. A tudo isso acrescem as atitudes de superprotecção ou de super-apreciação dos filhos, suprimindo tudo o que possa representar conflito, mal-estar, incómodo, desvalorização, frustração. Assim é criado um meio artificial onde a criança é impedida de aprender, por experiência própria, a lidar com tais situações. "A super-apreciação gera um escudo narcísico que não favorece o desenvolvimento de um narcisismo normal"[61]. Pensando preservar os filhos de tudo o que é risco, os pais de hoje precipitam os seus filhos no maior de todos: o risco de não haverem corrido risco algum.

É sabido que em termos de origem social, os toxicodependentes se diversificam consideravelmente, pelo que se poderá concluir que estamos em presença de um fenómeno transversal a todas as classes sociais. Tanto ocorre em jovens oriundos de famílias das classes médias e altas, como em jovens provenientes de grupos socialmente mais vulneráveis como é o caso dos que se integram nas categorias dos pobres e dos excluídos. Pena não existirem estudos que se tenham interessado em explorar as possíveis especificidades que toma o fenómeno nos jovens das diversas classes sociais. Será a sua origem exactamente a mesma? Os problemas que precipitam o consumo são idênticos? Os problemas familiares serão do mesmo tipo?

Procurando encontrar as relações entre funcionamento familiar e toxicodependência, Manuela Fleming cita dois modelos de separação no seio do sistema familiar: o modelo centrípeto e o modelo centrífugo, que corresponderiam às vicissitudes extremas deste processo. O modelo familiar centrípeto corresponde àquelas famílias, "altamente captativas e aglutinadoras dos seus membros", onde os comportamentos infantis dos adolescentes são gratificados, e onde os "movimentos de

[61] Manuela Fleming, *Família e Toxicodependência,* op. cit., pág. 59.

individuação, de autonomia, de afirmação da diferença não são estimulados", provocando no adolescente "sentimentos de culpa face à separação, e sentimentos de incapacidade e dependência"[62]. Opostamente, o modelo centrífugo "corresponde às famílias que tendem a rejeitar os seus membros, a empurrá-los precocemente para comportamentos adultos". Não sendo, em si mesmos, modelos que remetem para dinâmicas familiares necessariamente patológicas, podem, todavia, conduzir a dificuldades no processo de autonomia dos filhos.

Quando, caso do primeiro modelo familiar, os conflitos de acorrentamento tomam uma dimensão preponderante, o adolescente tenderá a permanecer ligado por laços de uma lealdade arcaica. As possibilidades de resolver este conflito oscilam entre a expulsão dramática das figuras parentais, o que pode induzir um crescimento posterior, e o retraimento progressivo do adolescente com o correspondente abandono da sua luta pela autonomia. No caso do segundo modelo, se prevalecem os conflitos de expulsão, a maior facilidade para estabelecer relações extra-familiares não significa que o adolescente haja necessariamente conseguido uma autonomia, uma vez que o fracasso das experiências de intimidade com os seus pais tendem a prolongar-se no relacionamento com os outros, revelando dificuldade em estabelecer relações profundas, estáveis e consistentes.

Percorrendo os trabalhos que pretendem descobrir uma relação entre dependência de drogas e funcionamento familiar, nomeadamente sobre os modos como as famílias lidam com a autonomização dos seus filhos, o que nos surge é que a adolescência não pode ser tratada como um mecanismo universal, sem particularidades específicas em função das condições de existência e dos modos de vida das famílias. .

Se o processo de autonomização dos filhos adolescentes envolve necessariamente o desafio ao poder e à autoridade dos pais, um processo que nem sempre decorre harmoniosamente, a verdade é que, dizem os psicólogos, a capacidade da família se adaptar às mudanças individuais postas pelo crescimento e desenvolvimento psicológico dos seus membros condiciona o seu crescimento psicológico.

Quando os padrões de interacção são particularmente rígidos, então, a conquista da autonomia pode ficar seriamente comprometida. A sua ocorrência é muito provável nas famílias fusionais, em que os limites entre indivíduos são esbatidos. Diz Manuela Fleming que, apesar de a fusão constituir o primeiro tempo de todo o contacto interpessoal, ela não é mais do que um estádio que deve dar lugar aos estádios seguintes da diferenciação entre *selfs.* Está estabelecido nos manuais de

[62] Manuela Fleming, *Família e Toxicodependência,* op. cit., p. 37.

psicologia que quando a fusão perdura para além desse primeiro estádio, se estruturam relações simbióticas entre *selfs* que acabam por levar à indiferenciação e «morte» do próprio[63]. Mais uma vez nos surge uma questão que nos acompanha desde o início – ora, os adolescentes que estudamos estão nas antípodas deste tipo de experiência fusional, logo desde o início das suas vidas; existirão, então, diferentes vias para o vazio e para "a morte" dos sujeitos?

Um outro contexto relacional que pode comprometer o caminho para a autonomia do adolescente é o que remete para a existência de um padrão de relacionamento conhecido como triangulação. Trata-se de uma situação em que, na maior parte das vezes, um dos progenitores está aliado ao filho adolescente, com este constituindo uma coligação contra o outro progenitor. Acontece quando a tensão entre os pais atinge um nível tal de desconforto, a ponto de ser necessário recorrer a um filho a fim de reduzir esta tensão para níveis mais toleráveis. Sob a pressão de ter que desempenhar funções para conservar o equilíbrio familiar, o adolescente descura a sua individuação.

Também a fraqueza ou a inexistência de alianças entre as figuras parentais são factores de grande perturbação das tarefas da adolescência, parecendo haver alguma evidência empírica de que as famílias perturbadas são marcadas pela preponderância de coligações pais-filho e uma correspondente coligação parental fraca, bem como por uma relação marital conflituosa[64].

A este nível, é possível encontrar alguns dados relativamente dispersos, por vezes, sem grande coerência entre si. Por exemplo, Manuela Fleming diz que, independentemente da sua idade, o toxicodependente tende a viver com os seus pais e a maioria conserva laços estreitos com a sua família de origem. Acrescenta, mesmo, que, segundo alguns autores,[65] a dependência psicológica da família de origem é prévia à dependência das drogas: «Qualquer que seja a idade e o facto de o toxicómano viver ou não com a família de origem, as condutas toxicómanas estão em relação directa com a dinâmica familiar e com a alternativa da separação e da individuação».

A observação realizada junto dos adolescentes cujas vidas aqui estamos a analisar mostra que esta conclusão é, no mínimo, relativa. Faltaria saber se existe

---

[63] Manuela Fleming, *Família e Toxicodependência,* op.cit., pág. 44. "Não raro, encontramos adolescentes que nos dizem: «eu e a minha mãe somos uma só pessoa» ou «quando ela chora eu choro, quando ela ri eu rio, somos muito unidos», denunciando uma relação fusional da qual não têm consciência, da qual tiram «vantagens» mas também a terrível desvantagem de viver com um espartilho inibidor da realização pessoal".

[64] Manuela Fleming, *Família e Toxicodependência*, op. cit., p. 45.
[65] Manuela Fleming *Família e Toxicodependência*, op. cit., pág. 54.

uma correlação estatística mais forte entre o consumo de drogas e a permanência na família do que a existente entre esta mesma prática e ter nascido numa família do tipo altamente problemática em termos de condições de existência e de valor simbólico. Noutros termos, falta averiguar se a exposição a situações de grande vulnerabilidade económica, social, cultural e simbólica acrescenta alguma especificidade ao fenómeno da toxicodependência nos jovens das camadas socialmente mais desqualificadas.

O que diferencia as famílias confrontadas com o problema das toxicodependências das que não experienciam esse problema em nenhum dos seus membros? Apesar de não ser possível afirmar que as famílias com membros toxicodependentes partilham entre si padrões de interacção específicos, é, no entanto, possível identificar alguns padrões, algumas tendências mais comuns a essas famílias.[66] Existirão padrões de funcionamento familiar independentes do estatuto social da família?

Numa determinada linha de investigação[67] são sistemáticas as referências ao fraco envolvimento afectivo entre os adolescentes e os familiares, às fortes tensões e conflitos entre figuras parentais e entre estas e os filhos, a comportamentos de indiferença dos elementos familiares sobre a vida de cada um dos outros, e, mesmo, a situações de forte rejeição mútua. Assinala-se, ainda, que a passagem de consumos de cannabis para drogas como a heroína e/ou a cocaína tende a ser precedida por uma ou mais perdas, por morte ou separação na vida familiar. O recurso à droga é visto como uma estratégia de adaptação à dor da perda.

Nesta perspectiva, carências de cuidados parentais muito precocemente, perda de um ou mais elementos da família, na sequência de morte ou de separação física, separação dos pais, acontecimento dramático e devastador do ponto de vista do equilíbrio afectivo e emocional, ausência de modelos identificatórios, são acontecimentos que induzem dor e desencadeiam formas de a anestesiar, aliviar ou mascarar.

O recurso à droga é um caminho muito acessível, desde logo pela facilidade de chegar ao produto, até, mesmo, em lugares onde tal não seria de esperar, como é o caso da escola. Ora, é talvez pertinente admitir a hipótese de os problemas de identificação que estão subjacentes à predisposição para consumir drogas tanto poderem ocorrer em famílias que tendem a reduzir a sua acção à prestação do conforto material sem limites e descuram o envolvimento relacional, como naquelas em que a perturbação relacional decorre de condições de existência

---

[66] Manuela Fleming *Família e Toxicodependência*, op. cit., pág. 54.
[67] Amaral Dias, 1980; Fleming, et all., 1981, 1988; Hagglund & Pylkkanen, 1977; Rosch, 1988., in Manuela Fleming, op. cit., p. 55.

muito penosas, ou ainda, nas famílias que se excedem em superprotecção e bloqueiam o processo de autonomia.

Serão os impactos do funcionamento familiar que secundariza a implicação relacional e privilegia as condições materiais compatíveis com a manutenção de padrões de consumo muito exigentes e os do funcionamento familiar oprimido pela miséria material e moral idênticos no que respeita à construção da identidade do indivíduo? A nossa hipótese é a de que os filhos das famílias mais afectadas pela miséria são mais gravosamente privados do acesso à identidade individual em virtude da insuficiência dos recursos culturais que os atinge, desde logo por não haverem encontrado na escola a oportunidade de fazer aprendizagens cruciais para o desenvolvimento do auto conceito. Se em todas as situações familiares anteriormente delimitadas há probabilidades fortes de ocorrerem problemas identificatórios, será que são da mesma natureza? Quando a *ausência* do pai decorre da sua entrega árdua ao trabalho para acumular bens materiais consideráveis ou quando decorre da incapacidade para controlar a vida e da desistência de si próprio, entregando-se ao álcool ou à droga, serão os obstáculos à construção da identidade do mesmo tipo?

Serão a desarmonia familiar e a inconsistência da disciplina equiparáveis em famílias tão díspares do ponto de vista das condições de existência material, prestígio social, redes de relacionamento social, valores e padrões de conduta? Produzirá a desarmonia das famílias socialmente valorizadas o mesmo tipo de problemas que a desarmonia nas famílias que se encontram instaladas na "cultura da pobreza"?[68]

Os psicólogos não se cansam de relacionar o consumo de drogas com o exercício do poder ou da autoridade parental, referindo que a frequência de problemas de disciplina é maior nas famílias onde existem toxicodependentes do que nas outras. Mas será o *laisser faire* das famílias socialmente bem posicionadas equiparável ao que se observa nas que são devastadas pela precariedade das condições de existência? Serão a inconsistência das normas e a carência de definição de limites equiparável nas famílias destes dois tipos?

Ora, voltando aos modelos educativos que tendem hoje a ser dominantes nas famílias, é preciso introduzir alguns elementos de problematização no sentido do questionamento crítico das abordagens que falam da família em geral, desprezando

---

[68] Óscar Lewis, Cfr. Marielle Christine Gros, *Espaço Residencial e Modo de Vida - Contributos da Sociologia para a Reabilitação de uma Área Urbana Degradada*, Tese de Doutoramento, Universidade de Aveiro, 1998.

ou, pelo menos, não dando relevância, à diversidade económica, social e cultural das famílias numa dada sociedade.

Nas famílias das classes médias e altas, a predominância do modelo educativo que acima referimos é uma evidência empírica. Os jovens desses meios tendem a não associar o consumo a uma infância infeliz[69], desde que nasceram foram desordenadamente elogiados e admirados, mesmo que cometessem faltas ou falhas graves. "Estas crianças, a quem o espelho do olhar do outro sempre devolveu uma imagem de ser grandioso, desenvolveram uma auto-admiração acrítica que se transforma numa fonte exclusiva de auto-estima. Vivem na dependência de uma apreciação e aprovação irrealista do seu valor e da sua importância porque a sua falsa auto-estima tem de ser mantida à custa do alimento narcísico"[70].

Mais frequentemente provenientes das classes média alta e alta, estas crianças não foram expostas a factores de risco e também não se conhecem na história da sua vida familiar situações de perda, separações, acidentes ou outros factores de frustração. A fragilidade interna que assim é estruturada irrompe face aos primeiros obstáculos que surjam no horizonte: um mau resultado escolar ou uma reprovação; a perda inesperada de um amigo; o primeiro desgosto amoroso; um acontecimento negativo na vida profissional; o confronto com um irmão que é mais brilhante ou tem mais sucesso social.

A falta de defesas contra as inevitáveis dificuldades e obstáculos da existência quotidiana, contra a possibilidade de em algum momento da vida sermos desvalorizados por alguém que não está disposto a conceder-nos a confirmação gratuita a que nos habituamos, precipita os indivíduos num profundo vazio, desencadeando sentimentos de desvalorização e indignidade. Profundamente auto centrados, estes indivíduos vivem as frustrações como profunda injustiça que contra eles foi cometida, oscilando entre a raiva e o desespero. Para restaurar a harmonia interna construída na grandiosidade infantil lançam-se, então, na procura de novos objectos ideais. Compreende-se assim que os efeitos poderosos e mágicos do tóxico possam satisfazer de imediato o desequilíbrio e reparar o dano narcísico. Em suma, estamos a falar de crianças que "não travaram as lutas inerentes à realização do ser humano, que não correram riscos dinâmicos e por isso também nunca perderam mas também nunca ganharam"[71].

---

[69] Manuela Fleming, *Família e Toxicodependência*, op. cit., pág. 20. "Tive uma infância feliz. Os meus pais, os meus avós, davam-me tudo o que desejava e sem ter de pedir…sempre fui mimado e admirado, não percebo como é que isto agora me pode acontecer a mim!"
[70] Manuela Fleming, *Família e Toxicodependência*, op. cit., pág. 21.
[71] Manuela Fleming, *Família e Toxicodependência*, op. cit., pág. 21.

Os problemas inerentes ao desenvolvimento psicológico que acima explanamos ocorrem dominantemente, como já se disse, nos contextos familiares cujo modo de vida é típico das classes médias, muito embora se possam encontrar esses modelos educativos noutras camadas sociais, quanto mais não seja por força do papel socializador dos *media*. No entanto, estaríamos a enveredar por um caminho francamente redutor se não nos detivéssemos na observação das especificidades que toma este processo nas famílias das classes mais desfavorecidas, nas famílias cujas condições de existência multi-problemáticas as precipitam num quotidiano atravessado pela privação de conforto, de segurança, de satisfação de necessidades básicas elementares, de emprego, de qualificação profissional, de relacionamentos sociais portadores de valorização simbólica e de dignidade social, de conhecimento e de cultura. Famílias, enfim, privadas de bem-estar social e, por esse mesmo motivo, privadas de bem-estar psicológico. Viver o dia-a-dia sob a pressão da sobrevivência, sem trunfos que permitam encarar realisticamente a possibilidade de melhorar, é uma condição que não raro instala o mecanismo da psicoadaptação que mais não representa do que a aceitação conformada das condições de existência. O processo de descrença nas próprias capacidades, de auto desvalorização, em simultâneo com a identificação com os modelos de consumo e o estilo de vida socialmente dominantes, expõe estes indivíduos a tensões e conflitos interiores que não podem deixar de se repercutir nas relações familiares, ou seja na qualidade dos modelos e dos vínculos que ligam os elementos entre si.

Se não existe grande risco de errar quando se afirma que a toxicodependência é um problema ligado às perturbações do desenvolvimento psicológico decorrentes do processo de separação/individuação, iniciados na infância precoce, processo esse que envolve o funcionamento familiar, não deixa de ser necessário, a nosso ver, tratar com a profundidade possível a questão dos condicionantes sociais da vida familiar das classes mais desprotegidas, que o mesmo será dizer, tratar os condicionantes sociais das perturbações psicológicas.

O terreno psicológico favorável ao consumo da droga nos jovens oriundos de famílias multi-problemáticas, digamos assim, não será certamente o mesmo que acima analisamos a respeito das famílias cujo posicionamento na estrutura social é mais favorável. Que problemas psicológicos afectam os jovens que não se podem orgulhar dos seus pais ou que vivenciam uma vergonha profunda associada à sua origem? Que problemas do foro psicológico experimentam os jovens que não conhecem, sequer, o nome do seu progenitor? Que problemas psicológicos desenvolveram ao confrontarem-se com a ambivalência dos sentimentos de quem lhes deu a vida? Que amor-próprio podem desenvolver se a escola representa a

experiência da impotência e do fracasso? Que amor-próprio podem desenvolver se as expectativas dos professores a seu respeito são as mais baixas? Que amor-próprio podem desenvolver se os pais, toxicodependentes, os abandonam a si próprios e para eles remetem as tarefas da sobrevivência?

Como tivemos ocasião de expor em pontos anteriores, existe um consenso considerável em torno da tese que analisa a toxicodependência como efeito de uma sociedade em que o valor dos laços e das relações afectivas se vai perdendo, uma sociedade em que o químico e o consumo preenchem o vazio de valores e de elos colectivos. Todavia, importa sublinhar que esse processo de desfiliação social, de que fala Robert Castel[72], atinge de modo particularmente drástico os que menos recursos detêm. A ascensão do individualismo que abordamos em pontos anteriores aumenta exponencialmente a vulnerabilidade social dos mais pobres em capital económico, social e simbólico. Que implicações tem essa vulnerabilidade no plano psicológico? Que contornos assume o processo de separação/individuação nas famílias cuja existência se encontra muito próximo dos limites em que a vida deixa de ser possível, em que as carências no plano alimentar se acumulam à falta de condições de higiene, de cuidados básicos de saúde, de habitação condigna?

Que particularidades assumirá esse processo de separação/individuação quando os membros da família são todos ou quase todos analfabetos, desempregados ou com empregos muito esporádicos? Que especificidades decorrem da forte visibilidade da situação das famílias e dos indivíduos que vivem em bairros de lata, bairros degradados, ou bairros de habitação social?

Que peculiaridades atravessam o processo de individuação/separação em circunstâncias que tornam a família incapaz de gerar os recursos, materiais ou simbólicos, que permitem participação activa no jogo das relações sociais? Que contornos toma esse processo quando se cresce numa família carente das competências para procurar meios de vida? Serão possíveis relacionamentos familiares compatíveis com o estabelecimento de uma vinculação saudável, nos termos em que a definem os psicólogos nestas condições? De que modo poderá a miséria, profundamente desvalorizada do ponto de vista simbólico, ameaçar as tarefas da construção identitária? Poderão os que existem ao abrigo da caridade, pública ou privada, estabelecer com os seus filhos o tipo de relação que neles pode gerar sentimentos de segurança?

---

[72] Robert Castel, *As metamorfoses da questão social - uma crónica do salário*, Editora Vozes, Petrópolis, 2003.

Quando a vida é um suceder de dias e noites sem perspectiva de melhorar, quando se instala o sentimento de ser vítima de um destino inabalável que desacredita qualquer ideia de futuro enquanto projecto, quando o presente é resignado e inevitável, onde encontrar forças para as tarefas educativas?

E mesmo que não tenham caído na miséria mais drástica, muitas famílias vivem um dia a dia ameaçado pela luta pela sobrevivência, de tal modo que "a preocupação da quantidade se sobrepõe forçosamente ao equilíbrio e à qualidade" [73], na mais absoluta submissão às necessidades básicas do dia seguinte e da rentabilização máxima dos recursos que as possam satisfazer. Se a representação que construíram da sua posição social as associa a um estatuto de inferioridade social ou de menor dignidade pessoal, que esperar das suas capacidades para estabelecer com os seus filhos a relação de vinculação de que falam os especialistas? Se a conjugação de tais condições objectivas de existência com a representação subjectiva francamente negativa da sua própria situação social instalam uma consciência da pobreza como uma condição de que se não pode sair, que esperar da relação com os filhos?

O processo de vinculação precoce tem sido aduzido como uma das causas que mais directamente determinam as práticas de consumo de substâncias psicotrópicas. Ora, o que nos parece importante para avançar nesta reflexão é dar, agora, conta de que o processo de vinculação abordado pela psicologia de algum modo naturaliza o fenómeno, na precisa medida em que descura a grande distância que separa um quadro relacional de superprotecção, de hiper-valorização e de super-estimulação de certas capacidades e competências e, no pólo oposto, um quadro relacional onde a criança é exposta à carência dos mais variados cuidados, privada de elogios e de estímulos. O que a teoria da vinculação parece descurar é, sobretudo, o facto de os problemas da vinculação não se encontrarem exclusivamente associados à privação. Ora, a incursão que anteriormente fizemos pela análise dos factores de desagregação dos laços sociais nas modernas sociedades mais desenvolvidas deixa perceber que a vinculação nas famílias consideradas mais funcionais constitui um problema cujos contornos são eminentemente culturais e políticos.

A toxicodependência é certamente um fenómeno cujo conhecimento muito ganharia se enveredássemos por uma sociologia psicológica, nos termos em

[73]João Ferreira de Almeida, Luís Antunes Capucha, António Firmino da Costa, Fernando Luís Machado, Isabel Nicolau e Elizabeth Reis, *Exclusão Social, Factores e Tipos de Pobreza em Portugal,* Celta Editora, Oeiras, 1992, pp. 83-107. "As roupas baratas são usadas até ao limite, a habitação com espaço e condições deficientes para comer e dormir, as cartas ou o dominó a servirem de distracção".

que fala Lahire[74]. Para isso, será importante perceber que se a vinculação constitui um processo singular de relacionamentos afectivo-emocionais que delimitam uma matriz decisiva para o indivíduo se compreender a si próprio e aos outros, não deixa de ser fundamental dar conta de que os problemas da vinculação podem ocorrer em situações bem distintas. Excesso e privação ocasionam rupturas que condicionam a capacidade de estabelecer ligações afectivas, tal como a ampliação das capacidades de abstracção da diferenciação entre si e o outro[75]. Mas o que diferencia as capacidades de uns e de outros?

Bowlby acreditava que a privação prolongada do cuidado materno a uma criança pequena pode ter repercussões de grande alcance no seu carácter, assim como na sua vida futura[76]. Sob o título *Cuidados Maternos e Saúde Mental*, este autor publicou os resultados de uma pesquisa[77] onde realçava o facto de as crianças que, desde cedo, haviam sido privadas das suas mães, particularmente as que vieram a ser criadas em instituições, apresentarem sofrimentos com efeitos no seu desenvolvimento emocional, intelectual, verbal, social e inclusive físico.

De resto, Bowlby entendia mesmo que as experiências de separação precoce das mães, ao impedirem a vivência de afecto continuado, de relações de intimidade, eram responsáveis pela formação de perturbações de personalidade, podendo mesmo gerar deterioração cognitiva, angústia e depressão.

Mas em que consiste a privação da mãe? Os jovens que dispõem de computador, *play station*, ligação à Internet, aparelhagem de som, que são transportados pelos pais à discoteca e que, à saída, têm um táxi à sua espera para retornarem a casa, que vestem roupas das marcas mais *in*, que praticam actividades extra escolares, tais como música, desporto ou outras, que dispõem de explicadores, sempre que disso tenham necessidade para elevar os resultados escolares, podem considerar-se privados da mãe?

Se numa primeira fase da vida, diz Bowlby, essa figura particular proporciona ao bebé cuidados elementares que asseguram a sua sobrevivência, são os actos repetidos da realização sistemática desse papel que irão possibilitar que essa figura se transforme numa *figura de vinculação* vivida e sentida, ao longo do tempo, como alguém capaz de gerar sentimentos de segurança perante situações de medo, ameaça, ou desconforto.

---

[74] Bernard Lahire, *Portraits sociologiques – Dispositions et variations individuelles*, Nathan, Paris, 2002.
[75] F. Atger, "Vinculação e Adolescência" in *Vinculação: Conceitos e aplicações*, Coordenação de Nicole Guedney e Antoine Guedney, Climepsi, 2004.
[76] Bowlby cit. in Howe, David: *Attachment theory for social work practice*, Mcmillan Press Ltd., London, 1995.
[77] Bowlby, "Cuidados Maternos e Saúde Mental", cfr. in D. Anzieu, J. Bowlby, at all: *A Vinculação, Attachment,* Socicultur, Lisboa, 1978.

A qualidade da interacção com a figura de vinculação, no sentido em que esta é mais ou menos sensível às iniciativas da criança, mais ou menos capaz de compreender os sentimentos que estão subjacentes ao contacto requerido, é entendida como determinante na experimentação de sentimentos de segurança/insegurança, conforto/desconforto. Como analisar a qualidade desta interacção? Quais as variáveis pertinentes para tornar exequível essa análise?

As investigações que, desde a década de 50, foram desenvolvidas por este autor permitiram identificar o tipo de experiências que mais seriamente podem conduzir a uma vinculação insegura [78]. Situações de isolamento social, tal como, por exemplo, ser criado em orfanatos, onde os contactos físicos são esporádicos, limitando-se a situações como a troca da fralda, e as trocas sociais quase inexistentes induzem um fraco desenvolvimento social, mesmo que a alimentação e os cuidados de higiene sejam assegurados com eficiência. Os bebés criados em tais condições tendem a evidenciar insaciáveis exigências de atenção e amor individualizado, acabando, na sua maioria, por se tornarem crianças apáticas e fugidias dos adultos.

Os diversos autores que reflectem sobre os problemas da vinculação admitem que, quer no domínio social, quer no domínio emocional, é possível identificar consequências a longo prazo: comportamentos de delinquência, agressividade e indiferença relativamente aos outros; grandes dificuldades no domínio da linguagem e do raciocínio abstracto com implicações negativas no desenvolvimento cognitivo.

De resto, também alguns estudos que abordaram os comportamentos anti-sociais e a iniciação ao consumo de drogas segundo uma orientação psicanalítica[79] vêm reforçar a ideia de que a privação afectiva, a carência de cuidados parentais, podem ser considerados factores decisivos na predisposição dos indivíduos para o consumo de substâncias psicoactivas. Esses estudos salientam que a relação precoce de vinculação pode ser seriamente afectada em duas situações, igualmente perniciosas: carência na ligação precoce mãe-criança, devido à falta de ajustamento da primeira às necessidades da criança; excesso de ajustamento ansioso da mãe à criança, o que, não raro, expressa a incapacidade desta em investir a criança como um objecto real, distinto de si própria e das suas projecções imaginárias.

Poderá, então, concluir-se que a precariedade do vínculo objectal precoce, que pode comprometer a constituição de bases narcísicas estáveis, tanto pode decorrer da privação dos sinais de amor como do excesso desses sinais. O conhecimento dos constrangimentos ao processo de investimento do sujeito em si próprio, dificultando a realização de um processo diferenciador em relação ao objecto

[78] René Zazzo: "A Vinculação – Uma nova Teoria sobre a origem da afectividade" in D. Anzieu, J. Bowlby et all *A Vinculação- "Attachement"*, Socicultur, Lisboa, 1974.
[79] Winnicott, 1956:, in Manuela Fleming, *Família e Toxicodependência*, op. cit., pág. 57.

sem que, por isso, a sua identidade se sinta ameaçada[80], não poderá, pois, dispensar uma análise bem mais fina e objectivante do que é a vinculação.

Por excesso de protecção, por insuficiência de cuidados ou por inconsistência comportamental, as figuras parentais podem induzir instabilidade afectiva e emocional nos seus filhos e instalar dificuldades em estabelecer a proximidade com novas figuras de vinculação[81]. Resta saber até que ponto a difusão da ideologia consumista/hedonista que impregna de modo alargado as concepções educativas nas sociedades actuais contribui para fragilizar os laços intergeracionais no seio da família. Até que ponto a redução do bem-estar ao ter instala nas próprias famílias consideradas funcionais a tendência para não partilhar medos, sentimentos, emoções, gostos e expectativas.

Bowlby identificou[82] padrões de funcionamento parental que configuram relações de vinculação inseguras e que, por isso mesmo, criam fortes constrangimentos a que o processo de desenvolvimento social e emocional se realize de forma harmoniosa e equilibrada.

As crianças que precocemente conhecem, entre outras, a imprevisibilidade e negligência nos cuidados parentais, a rejeição e depreciação face ao seu comportamento de vinculação, as ameaças persistentes de deixarem de ser gostadas, a indução de culpa, através da sua responsabilização pela doença ou morte da figura parental, ou a atribuição prematura de responsabilidade pela vida dos adultos, têm fortes probabilidades de virem a desenvolver comportamentos marcados por elevada e constante ansiedade ou a manifestar reacções de evitamento por medo de rejeição.

Pelo contrário, uma criança que desde cedo frequentou uma estrutura de socialização onde as relações de vinculação são firmes acaba por demonstrar um comportamento de maior auto-confiança do que a criança que experienciou contextos de socialização marcados pela manifesta insuficiência de trocas sociais, pela falta de brincadeiras, de trocas de palavras, de afectos, de contactos físicos.

Estas crianças, cujas figuras de vinculação são capazes de funcionar como uma base segura, de actuar de forma “sensível” são mais capazes de

---

[80] Carlos Farate: “Dependência e Dificuldades Relacionais, *in O Acto do Consumo e o Gesto que Consome*, Capítulo I, Editora Quarteto, Coimbra, 2001.

[81] René Zazzo “A Vinculação – Uma nova Teoria sobre a origem da afectividade”, op. cit., p. 35.
A investigação empírica e a experiência clínica revelaram que a busca de segurança pode levar a criança a estabelecer fortes laços de dependência com adultos, sem todavia se verificar uma vinculação positiva com os mesmos. O medo do desconhecido pode produzir uma vinculação ao objecto familiar, mesmo quando se constitui num agente frequentemente agressivo; na situação em que a criança é punida pelos pais, esta pode tornar-se fortemente dependente deles, pois é justamente junto deles que pode procurar segurança. Ao atingirem a adolescência, estas crianças manifestavam problemas na construção de relações sociais estáveis.

[82] Bowlby, (1988), Cf. Isabel Soares, “Vinculação: Questões Teóricas, Investigação e Implicações Clínicas*”, Revista Portuguesa de Pedopsiquiatria*, nº 11, 1996, p. 37.

desenvolver uma organização segura, ou seja, de construírem uma imagem positiva de si próprias e dos outros e de se revelarem competentes na exploração do mundo. Experiências promotoras de vinculação segura, de uma organização interna constituída por referências e expectativas positivas por relação às figuras de vinculação, são, pois, potenciadoras de um self que se representa a si próprio como merecedor de cuidados, afecto e atenção.

Inversamente, a experimentação de situações de confronto precoce com uma figura de vinculação que, de forma regular e sistemática, ora desenvolve comportamentos de excesso de protecção (intromissão excessiva, restringindo a descoberta autónoma do mundo pela criança), ora manifesta ignorância a respeito das iniciativas da criança, não permite o desenvolvimento de formas de vinculação adequadas. A criança fica então impossibilitada de atingir os objectivos de procura de afecto, protecção e segurança, uma vez que se confronta sucessivamente com comportamentos que lhe devolvem uma imagem de desvalorização de si própria e das suas capacidades para aceder a outros, através de mensagens tipo "eu não te compreendo" ou "o que tu fazes e sentes não é significativo ou relevante"[83].

Os modelos internos de vinculação representam matrizes de interpretação das experiências e, como tal, não só orientam os comportamentos de vinculação, como norteiam a leitura, compreensão e interpretação das situações, configurando os comportamentos futuros em situações relevantes para a criação de novos laços de vinculação.

Daqui decorre uma segunda afirmação relevante, empiricamente testada[84]: que o isolamento social e a precariedade dos laços afectivos e emocionais tendem a expressar-se, quando as crianças atingem idades escolares, através de comportamentos de maior agressividade, menor capacidade de comunicação com os outros, maiores dificuldades na resolução de problemas e dificuldades significativas no relacionamento com outras crianças.

Na medida em que a vinculação precoce configura um modelo de funcionamento interno que actua sobre o self, quer em termos do não reconhecimento

---

[83] Bowlby (1969) afirmou que, desde os primeiros tempos de vida, e a partir das suas experiências com as figuras de vinculação, todo o ser social vai construindo *modelos internos de vinculação* constituídos por conhecimentos e expectativas sobre a *figura de vinculação.* Mas estas experiências repetidas também se repercutem sobre o *self*, adquirindo um significado específico em termos do reconhecimento do valor pessoal que esse ser atribui a si próprio e à sua capacidade de afectar a figura de vinculação.
São as interacções repetidas com as suas figuras de vinculação que permitem construir os modelos internos, na medida em que as experiências vão sendo internamente organizadas como representações generalizadas sobre o self, sobre as figuras de vinculação e sobre as relações com outros.
Os modelos internos constituem a base de uma tendência emocional persistente que se mantém ao longo do tempo. Tendo início nos primeiros relacionamentos que o ser social estabelece com o adulto cuidador, são resistentes à mudança e tendem a afectar todas as relações íntimas futuras. Cit in Isabel Soares, "Vinculação: Questões Teóricas, Investigação e Implicações Clínicas" op. cit., pp. 38-40.

[84] Keith Oatley, e Jenniffer Jenkins,: "Modelos de funcionamento interno da ligação afectiva" in *Compreender as Emoções*, Instituto Piaget, Lisboa, 2002, pág. 233 (Main, Kaplan e Cassidy, 1985).

do valor pessoal, quer condicionando a construção de relações com outros em etapas posteriores da vida, não será por certo despropositado admitir que a experiência que os adultos tiveram na sua infância influencie o estilo parental que vão desenvolver com os seus próprios filhos[85]. É a essa a ideia trabalhada pelas teorias da transmissão intergeracional da qualidade da vinculação. Eis, então, como Bowlby [86] se aproxima da perspectiva sociológica, dando conta de que a qualidade da vinculação se transmite ao longo de gerações, não pelos genes, mas pela micro-cultura familiar. De facto, são vários os estudos empíricos que têm vindo a sustentar esta tese, assinalando uma significativa concordância intergeracional na qualidade da vinculação. Os modelos internos que os indivíduos constroem sobre si próprios e sobre as suas figuras de vinculação, constituídos por expectativas e crenças, vão guiar e orientar o seu comportamento noutras relações e, nesse sentido, é de prever a possibilidade de uma perpetuação da qualidade da vinculação[87].

Admitindo que o conhecimento do processo de vinculação é relevante para explicar o que precipita os indivíduos no consumo de substâncias psicotrópicas, é chegado o momento de nos determos sobre o modo de medir ou operacionalizar este conceito, assim como de reflectir sobre os instrumentos técnicos adequados à referida operação de mensuração.

George, Kaplan & Mary Main conceberam uma entrevista biográfica, de tipo clínico e semi-estruturada, direccionada para a identificação das estratégias que o indivíduo acciona para regular a proximidade psicológica com aqueles que ele próprio elege como significativos[88], o mesmo é dizer, direccionada para a avaliação da capacidade do indivíduo analisar pensamentos, sentimentos e comportamentos relativos às experiências precoces de vinculação, assim como a sua capacidade de analisar o impacto que estes possam ter na sua própria vida. Sabendo-se que o

---

[85] Keith Oatley, e Jenniffer Jenkins, *Compreender as Emoções*, op. Cit., pág. 233.

[86] Keith Oatley, e Jenniffer Jenkins,: *Compreender as Emoções* op. Cit., pág. 234 e Isabel Soares, op. cit., pág. 60.

[87] Isabel Soares, "Vinculação: Questões Teóricas, Investigação e Implicações Clínicas*",* op. cit., pág. 37. A análise do discurso e das narrativas das experiências de vinculação tem vindo a sustentar a noção da existência de uma certa continuidade dos modelos internos de vinculação…. Durante longo tempo direccionada para o domínio comportamental, a avaliação da vinculação passou a centrar-se, desde a década de 80, na dimensão interna do indivíduo, elegendo a representação e a linguagem relacionadas com a vinculação como domínios fundamentais de acesso à compreensão dos modelos internos dinâmicos de vinculação em jovens e adultos.

O recurso a instrumentos de avaliação distintos, consoante se tratou de avaliar a vinculação em crianças ou em jovens e adultos, obedeceu, contudo, a um princípio constante defendido pela teoria da vinculação: o de aceder à compreensão da relação de vinculação, pela intensificação/activação do sistema comportamental da vinculação.

[88] Main et al., 1985: cit in Soares & Machado, "Avaliação da Vinculação em Jovens e Adultos" in L.Almeida e I. Ribeiro (orgs.) *Avaliação Psicológica,Formas e* Conteúdos, Alfor, Braga, 1993 págs. 58 e 59. Os procedimentos de avaliação da vinculação em Jovens e Adultos contou com a colaboração preciosa de Mary Main que, através da criação de um instrumento de avaliação - Adult Attachment Interview (AAI) – viabilizou a reconceptualização do conceito de vinculação, realçando a importância dos modelos internos dinâmicos da vinculação

modelo interno de vinculação[89] condiciona a interiorização de sistemas de regras que, não só servem para orientar comportamentos e sentimentos, como, também, estruturam a organização e direcção da atenção, da memória e da cognição, os autores acima citados propuseram-se identificar as distintas[90] organizações da vinculação[91].

As investigações permitiram identificar três tipos de organização comportamental: *inseguro–evitante*; *seguro*; *inseguro–resistente ou ambivalente*[92].

No adulto, o tipo de *organização insegura–desligada* expressa-se através da tendência para desactivar o sistema de vinculação através da exclusão de informação relevante sobre esta matéria. Nos indivíduos que experienciaram este tipo organização encontra-se uma atitude de sistemática desvalorização das relações e experiências da vinculação. A sua história pessoal é recordada de forma imprecisa, com referência a conteúdos muito reduzidos sobre a vinculação. É frequente, durante a entrevista, manifestarem profundos hiatos, no sentido de se poderem verificar graves contradições, entre as situações recordadas e descritas como relevantes e os discursos que proferem numa avaliação global. São ainda comuns as atitudes de negação do sofrimento quando se reportam às experiências negativas, bem como não admitem quaisquer interferências ou efeitos desses acontecimentos no seu processo de desenvolvimento pessoal.

---

[89] Main, Kaplan & Goldwyn: cit in Soares & Machado, "Avaliação da Vinculação em Jovens e Adultos", 1985, op. cit., págs. 60 a 62.

[90] Main, & Goldwyn,: cit in Soares & Machado, "Avaliação da Vinculação em Jovens e Adultos", 1988 e 1993 op.cit., pág. 63.

[91] Cf. In Isabel Soares, "Vinculação: Questões Teóricas, Investigação e Implicações Clínicas" op. cit. págs. 56 e seguintes.

[92] Cf. In Isabel Soares, "Vinculação: Questões Teóricas, Investigação e Implicações Clínicas" op. cit., págs. 43-44. "Na criança, o tipo de organização *insegura – evitante* caracteriza-se pelo predomínio do comportamento exploratório sobre o comportamento de vinculação. O bebé ignora a figura de vinculação, afastando-se dela, expressando uma recusa manifesta em estabelecer proximidade com ela. À luz das investigações conduzidas por Ainsworth, estes bebés experimentaram situações de rejeição por parte da figura de vinculação. A marca mais característica da organização do comportamento dos bebés evitantes consiste no forte conflito que desenvolvem entre aproximação e evitamento. A frustração gerada quando não consegue atingir os objectivos que suscitaram o comportamento de vinculação expressa-se frequentemente por manifestações de raiva e agressividade dirigidas, contudo, não para a mãe ou a figura de vinculação, mas para objectos.

Para estes bebés, o contacto corporal tende, frequentemente, a ter associações desagradáveis, o que poderá contribuir para experienciarem um conflito entre aproximação e evitamento: uma estratégia de procura de contacto poderá ter como consequência uma experiência de rejeição e causar um conflito doloroso e, por isso, em vez de procura de contacto, tenderá a existir evitamento. Neste sentido, o evitamento da figura de vinculação poderá ser concebido como uma estratégia de desactivação do comportamento de vinculação por medo de rejeição. A desactivação é, pois, o modo como estes bebés lidam com o sistema de vinculação. Os bebés que conheceram experiências de vinculação *securizantes* caracterizam-se por uma alternância equilibrada entre comportamentos de vinculação e de exploração. A figura de vinculação é vivida e sentida como uma base segura a partir da qual o bébe é capaz de regressar à exploração do meio, tanto na sua ausência como na sua presença. Embora manifeste um declínio dos comportamentos exploratórios sempre que a figura de vinculação se ausenta, podendo mesmo manifestar protestos perante esse acontecimento, quando a figura de vinculação regressa o bébé desencadeia inicialmente comportamentos de proximidade e, de seguida, retoma a exploração do meio.

A compreensão permanece exclusivamente a nível cognitivo. Este parece ser o caso paradigmático da experimentação de comportamentos de vinculação marcados pela rejeição. De resto, é comum entre estes entrevistados encontrar indivíduos que assumem uma atitude de manifesta rejeição quando convidados a falar sobre as vinculações precoces. Por vezes, não são tão afirmativos mas tendem a evitar reflectir sobre o passado.

Os indivíduos adultos que vivenciaram uma situação de organização *segura–autónoma* revelam estar capacitados para abordar, com objectividade e rigor, as experiências e relações de vinculação. Desenvolvem um discurso coerente sem receios de referir tanto os aspectos considerados positivos como negativos dessas experiências, estando aptos a reconhecer as figuras parentais com quem tiveram experiências que consideram positivas e negativas. Revelam capacidade para se autoavaliarem na actualidade relativamente às figuras de vinculação, estão capazes de expressar, numa linguagem simples e clara, medos, raivas, ansiedades, sentimentos e emoções experimentados nas situações de vinculação, recordando, não raro, as solicitações e respostas que obtiveram para a satisfação das suas necessidades. As relações de vinculação experimentadas no passado são tidas como relevantes no seu processo de desenvolvimento emocional e cognitivo.

Para concluir, vale a pena sublinhar os resultados da investigação e da experiência clínica relativamente aos processos de (re)construção de novas significações, de vivências inovadoras e enriquecidas, que tornam possível a mudança do modelo de organização interno da vinculação. Bowlby[93] defende que, apesar das experiências de vinculação precoce serem estruturantes de um modelo de organização interna que regula quer a construção das futuras relações com outros quer a da imagem de si próprio, é possível transformar, tanto na adolescência como na idade adulta, os padrões de vinculação interiorizados na infância.

Constituindo a comunicação emocional o processo de estruturação precoce do comportamento de vinculação é, precisamente, através da experimentação de situações de comunicação emocional significativas e inovadoras que se processa a (re)aprendizagem do processamento interno das experiências de vinculação e que pode emergir a capacidade para o estabelecimento de novos vínculos. O que se pretende afirmar é que o envolvimento numa relação emocionalmente significativa, que se constitui em "experiência emocional correctiva", potencia a introdução de

[93] René Zazzo: *A Vinculação- "Attachement"*, op.cit.,pág. 21.

rupturas no modelo de organização interna e a elaboração de modelos alternativos de pensar, sentir e agir a vinculação[94].

## Capítulo 3 – CONSIDERAÇÕES SOBRE O MÉTODO

### *3.1. Objecto e objectivos*

O objecto do nosso estudo empírico são as relações existentes entre constrangimentos sociais e estruturas psicológicas específicas de adolescentes originários de meios sociais altamente vulneráveis, assim como a sua relação com a emergência de comportamentos desviantes, em particular, com o consumo de drogas.

Temos, por consequência, como objectivos principais na nossa investigação empírica: (i) conhecer as trajectórias de vida de adolescentes oriundos de contextos familiares fortemente desestruturados, (ii) procurar identificar, nessas trajectórias e nas dinâmicas e processos a elas associados, constrangimentos sociais e psíquicos que tenham condicionado as suas opções e influenciado os seus comportamentos desviantes, mais especificamente, o envolvimento no consumo de drogas; (iii) conhecer as percepções e significações que os jovens constroem sobre os seus próprios comportamentos. São nossos objectivos, para além disso: (iv) conhecer o impacto da iniciação precoce de consumos de substâncias psicoactivas na formação da identidade dos adolescentes, a partir dos sentidos que estes atribuem aos seus próprios comportamentos; (v) perceber até que ponto a iniciação precoce dos consumos de substâncias psicoactivas compromete a socialização futura, inviabilizando a formação da identidade; (vi) identificar os processos sócio-psicológicos e os contextos e dinâmicas relacionais que constituíram um suporte à socialização dos adolescentes, tenham ou não estado sujeitos a processos terapêuticos; e, por último, (vi) compreender as potencialidades e limites dos modos de funcionamento das instituições que, responsáveis por assegurar a inserção social de adolescentes desprovidos de contextos familiares, constituíram alternativa aos sistemas familiares.

### *3.2. Posicionamento metodológico*

Para concretizar os objectivos atrás definidos, optamos, após aprofundada reflexão sobre as diferentes metodologias de investigação existentes e

[94] Isabel Soares, **"**Vinculação: Questões Teóricas, Investigação e Implicações Clínicas**"** op. cit., p. 61.

ponderação das suas vantagens e limitações por, em estreita relação com a natureza do objecto e os objectivos definidos, escolher uma metodologia de tipo qualitativo, filiada na fenomenologia e na filosofia hermenêutica.

Tomamos por referência a proposta de Cândido da Agra[95] quando afirma que a compreensão dos comportamentos de consumo de drogas requer uma abordagem teórica que privilegie a análise das estruturas, dos funcionamentos e processos dos indivíduos consumidores nos seus contextos sociais, permitindo a compreensão do fenómeno da droga no plano da significação existencial.

Partilhamos com o autor a ideia de que as virtualidades de um método se inscrevem nas possibilidades que ele oferece para a compreensão do objecto em estudo e as metodologias qualitativas são particularmente úteis na desocultação de processos e de significados, logo, particularmente adequada no caso presente, quando se pretende aceder a posições sociais, a trajectórias de vida, à compreensão do processo de construção de significações no tempo, em estreita relação com as dinâmicas e influências das estruturas de socialização com as quais os adolescentes, com comportamentos de consumo de drogas, foram interagindo ao longo da sua vida.

Sendo o nosso objecto de investigação fenómeno ao mesmo tempo social e individual, simultaneamente induzido pelo social exterior e pelo social interiorizado pelo sujeito, será aconselhável, segundo Giddens[96], enveredar por uma estratégia metodológica pluralista que capte as acções individuais investidas de significados, acções que traduzem ou revelam o efeito das estruturas sociais mas são também decisivas para a própria definição dessas estruturas. De facto, e segundo este autor, a acção não é redutível à intencionalidade dos actores, ela produz-se nas (para além de reproduzir as) condições fixadas pela estrutura. É, assim, a partir da ruptura com as filosofias idealistas, que reduzem a acção humana a um mero processo resultante das subjectividades individuais, mas também com as correntes funcionalistas e estruturalistas, que subestimam a importância da consciência prática dos actores, que Giddens desenvolve a sua teoria da estruturação como dialéctica das estruturas objectivas e subjectivas.

Esta perspectiva do social enquanto realidade ao mesmo tempo exterior e interior foi igualmente desenvolvida por Pierre Bourdieu, um autor obrigatório sempre que nos confrontamos com a necessidade de reflectir sobre as estratégias metodológicas de recolha e tratamento de informação empírica. O seu modelo de "construtivismo estrutural" inspira-se numa reelaboração exaustiva e profunda das

---

[95] Cândido da Agra, "Sujet autopoiétique et toxicodépendance". Centre International de Criminologie Comparée de Montréal, 1991 (documento policopiado).

[96] Giddens, Anthony (1989): *A Constituição da Sociedade*, Livraria Martins Fontes Editora, São Paulo.

produções inspiradas no interaccionismo simbólico, na etnometodologia, na dramaturgia social de Goffman, assim como nos estudos inspirados no paradigma estruturalista, de que Durkheim e Marx são dois exemplos clássicos.

A revisão crítica dos paradigmas atrás referidos levou Bourdieu a questionar as dicotomias teóricas e metodológicas instaladas na sociologia, que, a seu ver, constituem um obstáculo dos mais perniciosos ao desenvolvimento da produção científica sobre o social. Através do conceito de *habitus*, este autor constrói um caminho para apreender os modos como as condições sociais de existência passam a fazer parte da consciência dos indivíduos, e, por sua vez, a condicionar as suas práticas de interacção e adaptação ao mundo externo. A análise dos comportamentos dos indivíduos não pode prescindir, de acordo com uma tal perspectiva, da observação do real exterior em que o sujeito foi e é socializado. Realidade social objectiva, ela é também realidade social subjectiva quando interpretada, logo, objecto de atribuição de significações por parte dos actores sociais. Mas o processo de interiorização e significação, de criação de gostos e inclinações é condicionado pelo contexto social no qual se inscreve[97].

A síntese peculiar de autores como Marx, Durkheim, Weber, Elias e Goffman conduziu Bourdieu a uma construção teórica particularmente rica, com consequências metodológicas muito relevantes para o afinamento dos instrumentos de recolha e interpretação dos factos empíricos. A problematização avançada por Giddens e, em especial, por Pierre Bourdieu representa um avanço teórico e metodológico muito valioso, precisamente por terem recuperado as perspectivas provenientes do interaccionismo e da etnometodologia, evitando, ao mesmo tempo, reduzir a acção humana a uma produção de seres com capacidade para reflectir sobre o que fazem. Se é verdade que todo o ser humano dispõe de capacidade para interpretar os contextos da sua acção, podendo, por isso, ser considerado um "teórico social prático", isto é, um sujeito que acciona conhecimentos, esquemas de interpretação, "recursos práticos cuja utilização é precisamente a condição para a produção de qualquer encontro", não é menos verdade que essa mesma capacidade é social e historicamente condicionada.

As consequências teórico-metodológicas desta perspectiva apontam, pois, para a necessidade de construir instrumentos de análise, interpretação e problematização das próprias representações dos actores sociais e dos processos que levaram os indivíduos a construir as suas representações. Neste quadro de referência, o trabalho do investigador não acaba na recolha das representações expressas pelos

---

[97] Berger, Peter e Luckmann, Thomas (1976): *A Construção Social da Realidade*, Editora Vozes, Petrópolis.

actores, como se estas não fossem, elas próprias, objecto de interpretação e de produção científica, ele tem de avançar para a interpretação e simbolização teoricamente sustentada dos dados recolhidos.

O interesse por nós conferido ao significado da acção social levou-nos, então, a privilegiar a imersão nas formas de vida concretas, procurando conhecer o ponto de vista dos actores, a sua cultura, o seu universo de sentidos. Adoptando o ponto de vista das teorias interpretativas, entendemos que os seres humanos, dotados de auto-reflexividade, regulam reflexivamente as suas acções e são dotados de competência para explicar as razões que os levam a fazer o que fazem. A consideração da reflexividade como característica determinante da acção humana não pôde, por consequência, deixar de implicar uma outra postura específica no plano metodológico: a de adoptar metodologias narrativas, por serem particularmente adequadas ao estudo de trajectórias e histórias de vida e à compreensão dos processos de construção de significados que regulam a acção humana.

### *3.3. O mundo vivido e a atribuição de significados*

Em conformidade com a natureza do objecto e dos objectivos, e tendo em conta as considerações atrás formuladas, foram, portanto, privilegiadas as metodologias qualitativas, fazendo-se uso de métodos biográficos e escolhendo-se a entrevista semi-estruturada – realizada com base num guião de entrevista especificamente construído para este estudo (cf. anexo 1) – como instrumento central para a recolha de dados, mas especificamente, para a recolha de histórias de vida e de narrativas de adolescentes que revelassem os processos e dinâmicas, os constrangimentos externos e internos, os factores de risco social, familiar e individual, as percepções e significações que estão associados às suas trajectórias desviantes e/ou de consumo de drogas.

Recordando, muito sinteticamente, o processo de atribuição de significados à luz das abordagens construtivistas[98], valerá a pena sublinhar a ideia de que estas abordagens concebem o processo de atribuição de significado como uma construção simbólica e inter-relacional. Da linguagem depende a possibilidade de construção de significados para a realidade social experienciada. Ou seja, o valor de uso da linguagem reside, justamente, no facto de constituir uma forma de acção através da qual os sujeitos em interacção social produzem significações para as

[98] Miguel M. Gonçalves e Óscar F. Gonçalves (Coords.): *Psicoterapia, discurso e narrativa: a construção conversacional da mudança*, Quarteto Editora, Coimbra, 2001, pp. 95-106.

experiências vividas. A subjectividade interpretativa do vivido constitui, assim, uma prática discursiva da realidade que resulta de um contexto de interacção social onde intervêm os significados que o outro atribui à situação e os sentidos que o próprio atribui em função de experiências de vida anteriores.

Em cada nova situação o sujeito mobiliza os significados construídos para dar sentido ao facto social que experimenta. Mesmo quando o sujeito se encontra isolado, o diálogo que estabelece consigo próprio é sempre um processo dinâmico, de produção de sentidos e significados que remete para a relação com outros significativos, "diferentes vozes" e "posições subjectivas"[99]. Particularmente importante, então, neste contexto, a ideia oriunda das teorias do Interaccionismo Simbólico[100] de que o significado que os seres humanos atribuem às coisas é o resultado da interacção social que os indivíduos mantêm com os outros.

Manipulados e modificados através de um processo interpretativo, os significados elaborados são estruturadores da acção humana, pelo que os seres humanos reagem às situações de acordo com os significados que lhes atribuem. Na base dos processos de interacção social está, assim, a capacidade humana de partilhar símbolos e significados. Na construção da história pessoal, o que se vive consigo próprio e com o outro permite ir elegendo coerências preferenciais, imagens sobre si próprio, os modos de pensar e agir que mais e melhor parecem ajustar-se ao sentido que cada um atribui ao que é e ao que pretende ser e fazer. Sempre, em alguma medida, condicionados pelo contexto social no qual nos inscrevemos[101].

Como refere Giddens[102], os membros da sociedade desenvolvem acções investidas de significados, acções essas que são decisivas para estruturar as estruturas, mas, como também diz o autor, a acção não é redutível à intencionalidade dos actores, ela produz-se nas condições fixadas pela estrutura.

A acção humana apresenta como traço mais característico o facto de ser produzida por seres com capacidade de reflexivamente controlarem o que fazem. Isto é, todo o ser humano dispõe de capacidade para tornar inteligíveis os contextos da sua acção podendo, por isso, ser considerado um "teórico social prático": em qualquer interacção acciona conhecimentos, esquemas de interpretação, "recursos práticos cuja utilização é precisamente a condição para a produção de qualquer encontro".

A trajectória de vida dos indivíduos está marcada por uma socialização feita de uma multiplicidade de interacções em condições diversificadas, possibilitadora de experiências acumuladas que estão na origem da aquisição de uma "estrutura de

---

[99] Miguel M. Gonçalves e Óscar F. Gonçalves (Coords.), op. cit., p. 97.
[100] Blumer : *El interaccionismo simbólico: perspective y método*, Hora, Barcelona, 1982.
[101] Peter Berger, e Thomas Luckmann: *A Construção Social da Realidade*, Editora Vozes, Petrópolis, 1976.
[102],Anthony Giddens : *A Constituição da Sociedade*, Livraria Martins Fontes Editora, São Paulo, 1989.

interpretação da realidade social"[103]. Dotadas de uma autonomia relativa, elas são mediatizadas pela subjectividade das estruturas de consciência, ao mesmo tempo que desempenham o papel de mediação entre as estruturas sociais e as estruturas de consciência.

### *3.4. Das narrativas aos conteúdos de vida: vida subjectiva e singularidade de cada mundo vivido*

Mais do que meras sequências de situações factuais, as narrativas são um registo não neutro dos acontecimentos que evocam. A memória selecciona acontecimentos, oculta outros, interpreta, reelabora motivos que permitem, ao próprio e aos interlocutores, compreender o como e o porquê dos acontecimentos vividos e dos efeitos que estes provocaram.

Produto do acto do sujeito enunciador numa situação de interacção com um narrador, a narrativa apresenta-se como um objecto de síntese entre o registo do tempo e o da articulação significante[104]. Ponto central do método biográfico, a narrativa reporta o investigador para o tempo vivido pelo investigado, permitindo-lhe a reorganização dos conteúdos de vida, segundo o sentido que o próprio atribui ao que narra. No dizer de Ferraroti[105], a vida da subjectividade é a que torna possível reconstruir o alcance objectivo de uma consciência individual, num tempo próprio.

A leitura psicossocial das histórias de vida que a abordagem biográfica promove, para além de permitir aceder a constrangimentos e condicionantes sociais da existência social dos sujeitos, dota-nos de informações necessárias para compreender o modo como cada um dos sujeitos actualiza, em si próprio, as informações exteriores a si[106].

O potencial explicativo e interpretativo da abordagem biográfica reside ainda no facto de se inscrever numa perspectiva de leitura das toxicodependências (perspectiva fenomenológica) que concebe as práticas desviantes como resultado de um processo de construção na interacção social. Perceber o modo de aquisição de

---

[103] M. Molitor, "L'Herméneuthique Collective", in J. Remy e D. Ruquoy (Dir.), *Méthodes d'Analyse de Contenu et Sociologie,* pp. 19-53. Cit. in, J. Machado Pais: "Dos relatos aos conteúdos de vida" in *Ganchos, Tachos e Biscates – Jovens, trabalho e futuro*, capítulo 4, Ambar, Porto, 2001.

[104] Guy de Villers,: "L'histoire de vie comme méthode clinique", in Penser La Formation, Cahiers de la Section des Sciences de l'Education – Pratiques et Théorie, nº 72, Université de Genève – Faculté de Psychologie et des Sciences de l'Education, Genève, 1993, p. 147.

[105] F. Ferraroti, "Sobre la autonomia del método biográfico" in J. M. Marinas e C. Santamarina (Ed.), *La Historia Oral. Métodos y Experiencias*, Debate, Madrid, 1993.

[106] Rui Tinoco, & Severiano Pinto: "Abordagem biográfica das toxicodependências – o biograma como instrumento de intervenção clínica" in *Toxicodependências*, volume 7, nº 1, 2001, pág. 18.

uma identidade desviante, o conhecimento partilhado pelos actores na sua experiência de vida quotidiana, os contextos e processos que estão na génese da construção de certas subculturas, revela-se indispensável para aceder à compreensão dos actos e cognições dos indivíduos consumidores[107].

### *3.5. A Entrevista como método de recolha de "histórias de vida": procedimentos e reflexões em torno da violência simbólica na relação social entre investigador e investigado*

Para a recolha dos dados foram realizadas 18 entrevistas junto de adolescentes com idades compreendidas entre os 12 e os 19 anos que estavam submetidos a tratamento terapêutico numa clínica particular – a Clínica do Outeiro. As características destes sujeitos serão mais desenvolvidas no ponto seguinte.

Foram realizadas entrevistas prévias, de conhecimento entre entrevistadora e entrevistados e "aquecimento", seguidas, algum tempo depois, de entrevistas de cariz biográfico para recolha de histórias de vida e outras narrativas significativas.

A existência de um guião prévio (cf. anexo 1), ditada pela convicção de que os problemas teóricos constituem uma matriz indispensável para controlar os enviesamentos inconscientes de redução da prática científica ao hiper-empirismo, não deixou de nos recordar a pertinência das observações de J. Machado Pais[108] quando refere ser necessário evitar qualquer excesso de directividade que só poderia retirar o espaço próprio de narratividade ao entrevistado, submetendo-o às sequências narrativas da rigidez de um guião.

Com a realização das entrevistas biográficas pretendeu-se não só recolher informação sobre as condições objectivas de existência sócio-familiar dos adolescentes, como aprofundar o conhecimento das vivências subjectivas que os adolescentes foram construindo ao longo de trajectórias de vida marcadas por uma iniciação precoce de consumo de drogas.

A realização das entrevistas biográficas foi, assim, precedida da elaboração de um guião onde constam, várias dimensões: (i) trajectórias de vida e contextos de socialização, (ii) dinâmicas familiares, realçando-se as relações entre progenitores e progenitores e filhos, para compreender designadamente os processos

---

[107] Rui Tinoco, & Severiano Pinto: op. cit., pág. 19.

[108] J. Machado Pais,: "Dos relatos aos conteúdos de vida" in *Ganchos, Tachos e Biscates – Jovens, trabalho e futuro*, capítulo 4, Ambar, 2001, Porto.

de comunicação intra-familiares, a clareza na definição de limites, o clima familiar, os acontecimentos significativos e as perdas e rupturas dos laços familiares; (iii) comportamentos anti-sociais e desviantes; (iv) trajectórias dos consumos, eventuais tratamentos, meios que permitiram garantir os consumos, hipotético percurso judicial/criminal e razões que os adolescentes atribuem para o início dos consumos.

Consideramos pertinente registar, desde já, as reflexões de J. Machado Pais[109], a propósito da interpretação da informação recolhida, muito em particular da que diz respeito às descrições e avaliações formuladas pelos entrevistados, quando refere ser necessário que o investigador assuma uma atitude vigilante, de rigor, perante "juízos de valor" emitidos segundo uma "matriz ideológica muitas vezes inconsciente" cuja compreensão só pode realizar-se no quadro do contexto em que é produzida.

Situação de interação entre sujeitos reflexivos, a entrevista é uma relação social onde inevitavelmente interferem efeitos, independentes da vontade dos agentes, que decorrem das estruturas objectivas dos agentes em presença, com consequências sobre os resultados obtidos[110]. Conhecer e dominar os efeitos das dissimetrias sociais entre investigador e objecto é uma exigência da prática reflexiva e metódica, indispensável à redução da violência simbólica que a relação de entrevista contém.

Duas dimensões configuram a violência simbólica nesta relação social: uma decorre do facto de ser o investigador a fixar, unilateralmente, o tipo de entrevista, os objectivos e a utilidade das informações a recolher; uma outra, das desiguais posições hierárquicas que os actores em presença detém, desde logo pela desigualdade de capitais, cultural, linguístico e simbólico, que possuem. Assim, o conhecimento dos efeitos que a situação de entrevista, pela intrusão inevitável que comporta, pode gerar no inquirido, o conhecimento das percepções do inquirido sobre a situação em estudo, das condições em que se inscreve e dos seus objectivos e a explicitação das razões que levam o inquirido a aceitar participar na interacção, é uma prática prudente na redução da violência da relação de entrevista. Paralelamente, a escuta activa e metódica[111] permite agir, controladamente, sobre a própria estrutura da relação.

Da disponibilidade total do investigador para com o investigado, da sua capacidade para se posicionar, numa espécie de submissão controlada à singularidade da sua história pessoal, colocando-se o investigador numa atitude de aceitação vigilante, da linguagem (verbal e não verbal), perspectivas, sentimentos e

---

[109] J. Machado Pais: "Dos relatos aos conteúdos de vida" in *Ganchos, Tachos e Biscates – Jovens, trabalho e futuro*, capítulo 4, Ambar, 2001, Porto.

[110] Pierre Bourdieu: "Comprendre" in *La misère du monde,* Éditions du Seuil, Paris, 1993, p. 904.
[111], Pierre Bourdieu: op. cit. p. 906.

interrogações do entrevistado depende, em boa medida, a possibilidade de construir as condições que tornam possível uma relação de pesquisa o mais próxima possível da escuta activa e metódica[112].

A compreensão exigida para que a problemática proposta e os interesses do investigador ganhem sentido efectivo para o inquirido, não só requer que as questões sejam inteligíveis para o inquirido, que a entrevista se processe num clima de confiança e com implicação do inquiridor, como, acima de tudo, que o entrevistador revele uma atitude de atenção, abertura e disponibilidade para o outro, ou seja, constitua o inquirido no centro de interesse, ficando o inquiridor numa situação de "invisibilidade".

Aparentemente paradoxal, esta atitude ganha expressão na capacidade do inquiridor formular questões que, retomadas pelo inquirido e perante as suas respostas, possam suscitar a formulação de muitas outras interrogações, numa situação não prevista. Trata-se, afinal, da capacidade do inquiridor deixar fluir a relação, sabendo ajustar as perguntar pertinentes ao ritmo, sentimentos e filosofia de acção do próprio inquirido, de "salvaguardar o predomínio da escuta sobre o saber já feito: escuta que passa também pela valorização interpretativa dos silêncios" [113].

Sendo a memória afectiva, a situação de entrevista provoca, não raro, o revisitar de acontecimentos onde os sentimentos são revividos tão intensamente como se os factos estivessem, aqui e agora, presentes. A capacidade do inquiridor estar atento à situação da pessoa interrogada, para saber ouvir e improvisar questões pertinentes em função das formulações do inquirido, para saber esperar a oportunidade de introduzir novas questões, para se "anular" perante a expressão do sentimento do vivido do outro, é um saber prático através do qual o inquiridor revela, em concreto, o interesse, compreensão e afecto investidos na relação de interacção.

Esta é, de resto, uma das situações que exemplificam como o processo de comunicação, numa situação de interacção entre investigador e investigado, exige uma constante ligação entre problemas práticos e teóricos.

Trazendo de novo à discussão o estudo que realizamos, salientamos, a propósito, que a opção pela entrevista semi-estruturada e aberta e pela recolha doa dados em mais do que um momento, incluindo sempre entrevistas prévias, de conhecimento e "aquecimento", inscreveu-se, justamente, na convicção de que esta técnica permite criar um espaço para o desenvolvimento de uma relação de confiança, dando lugar ao indivíduo para ir lançando as questões que foram retomadas pela entrevistadora em função dos domínios de conhecimento pré-estabelecidos. Constituiu, com efeito, objectivo das entrevistas prévias estabelecer uma primeira

---

[112] Pierre Bourdieu,: op. cit. p. 907.

[113] J. Machado Pais : "Dos relatos aos conteúdos de vida" in *Ganchos, Tachos e Biscates – Jovens, trabalho e futuro*, capítulo 4, Ambar, 2001, Porto.

interacção com o adolescente que permitisse a estruturação de uma relação promotora de confiança para posteriormente realizar entrevistas biográficas abrangendo múltiplos domínios da vida social dos adolescentes.

Relembre-se que através das entrevistas se pretendeu perceber os significados que os adolescentes atribuem às suas experiências de vida precoce e às práticas de consumo e os sentimentos que experimentam pelas representações que constroem sobre as suas práticas, compreender a forma como configuram e significam a família de origem, as sucessivas rupturas familiares e sociais de que foram alvo, as instituições de socialização com que contactaram, as suas opções desviantes, etc.

### *3.6 Análise de conteúdo e interpretação das entrevistas*

A informação recolhida foi objecto de tratamento através da codificação e categorização das narrativas, recorrendo-se ao método de análise de conteúdo de tipo categorial. Antes de nos reportarmos ao processo mais específico de codificação por nós desenvolvido, importa salientar, desde já, o tipo de problemas que o investigador tem de superar no domínio da transcrição e análise dos conteúdos narrados. A passagem do texto oral a escrito exige mudanças que não podem pôr em causa a condição de fidelidade e respeito pelo sujeito que produz o discurso e, consequentemente, pela informação veiculada, pelo que são vários os constrangimentos a que o autor da transcrição fica sujeito quando produz um texto escrito sobre o discurso verbal recolhido[114].

A transferência de cargas significativas dos discursos para o papel – através da transcrição e, posteriormente, através de codificações e categorizações – são, em si mesmas, já, uma interpretação. Fixemo-nos, a título de exemplo, nos enviesamentos que podem emergir, na transcrição, de uma pontuação ou de um sublinhado que, pretendendo realçar um sentimento transmitido pelo entrevistado, acabam por gerar perdas semânticas ou rupturas num discurso onde a força da expressão foi dada por um ritmo, uma entoação, um gesto ou um silêncio não registados.

Idêntico efeito pode ocorrer da descodificação/categorização dos sentidos do discurso que a análise de conteúdo pode gerar, ao recodificar sentidos que se pretendem interpretativos. Como sublinha J. Machado Pais , (…) “ao acumular deste modo as descodificações, ao passar ao lado dos mecanismos de segurança dos sentidos expressos, ao pôr a interpretação do *dito* em roda livre, todas as tentativas de descodificação acabam numa codificação; e é por esta razão que toda a interpretação

[114], Pierre Bourdieu, : op. cit. p. 921.

decifra e não decifra, ao produzir ou amontoar linguagens, deixando-se infinita e incansavelmente atravessar por elas”[115].

A consciência da não neutralidade de qualquer tipo de leitura, de que todas as leituras são orientadas por esquemas interpretativos[116], é um passo essencial para a atenção e controlo constante que o investigador terá de exercer, em diversos momentos: na realização da entrevista, no registo de todas as notas necessárias à reconstituição da força de um discurso feito de ritmos, repetições de frases, suspensões de palavras, mímicas, hesitações, etc.; na interpretação das entrevistas, na explicitação das notas e objectivação dos acontecimentos narrados e dos sentidos atribuídos, tornando-os inteligíveis para o leitor.

Não parece, por isso, descabido recordar a este propósito o conceito de "dupla hermenêutica" referenciado por Giddens[117]. Com este conceito o autor pretende enfatizar a natureza duplamente interpretativa da análise social. "Os conceitos sociológicos obedecem ao que chamo de hermenêutica dupla"[118]: a) por um lado, porque o processo de produção de esquemas teóricos interpretativos é também uma actividade prática de construção de interpretações; b) por outro lado, porque alimentam as análises sociais, reinterpretando universos de sentido socialmente produzidos pelos actores sociais, dentro dos seus esquemas teóricos e através de uma "linguagem comum e de uma linguagem técnica"[119] .

### *3.7 Da selecção dos entrevistados: “amostra intencional” versus “amostra estatística”*

A selecção dos adolescentes foi determinada pela relevância que cada um representou por relação ao ponto nodal do que se pretende investigar: trajectórias de vida marcadas pela iniciação precoce de consumo de drogas, significações e sentidos atribuídos pelos adolescentes. O número de entrevistados não foi previamente fixado, por não ser a representatividade estatística o critério relevante, mas sim a sua significatividade, como destacam as teorias e métodos *grounded.*

O objectivo deste tipo de metodologias é o de construir teoria fundamentada acerca de um problema específico e/ou uma população específica e não o de generalizar[120]. Compreende um processo indutivo de colecção de dados, no

---

[115] Cit in, J. Machado Pais : “Dos relatos aos conteúdos de vida” in *Ganchos, Tachos e Biscates – Jovens, trabalho e futuro*, capítulo 4, Ambar, Porto, 2001.
[116] Pierre Bourdieu, op. Cit. p. 923.
[117] A. Giddens, Novas Regras do Método Sociológico - Uma crítica positiva das Sociologias Compreensivas, Zahar, Rio de Janeiro, 1978.
[118] A. Giddens, : op. cit., pág. 170.
[119] A.: Giddens op. Cit., pág. 171.
[120] Charmaz, 2006; Strauss & Corbin, 1998.

qual o investigador não tem ideias preconcebidas para comprovar ou refutar, devendo os aspectos importantes para os participantes emergir das histórias que contam a respeito de um interesse que têm em comum com o investigador (Strauss & Corbin, 1998).

No quadro das metodologias qualitativas, a relevância da amostra mede-se pela compreensão informativa que se consegue atingir, pela capacidade que cada sujeito detém para elucidar o investigador sobre o objecto a investigar, pela capacidade que cada indivíduo tem de revelar experiências, vivências, conhecimentos pessoais e sociais, a partir da sua história e experiências de vida singulares e não pela sua representatividade estatística. É ao nível da representação que aos poucos se vai construindo, a propósito do objecto de pesquisa, que se processa a tendência para a saturação. Como sustenta J. Machado Pais[121], a ideia de representação não se circunscreve a um universo de estudo, mas ao estudo metodológico desse universo.

## Capítulo 4 – HISTÓRIAS NARRADAS, VIDAS REVISITADAS: O QUE OS PRÓPRIOS DIZEM A RESPEITO DO SEU INÍCIO DE VIDA

Da história de vida dos dezoito jovens seleccionados, em consonância com as hipóteses teóricas que, a nosso ver, poderão fornecer alguma luz sobre as especificidades que toma o fenómeno da dependência nos “herdeiros” das camadas sociais mais desfavorecidas, ressalta, com grande evidência, uma primeira característica comum a todos eles. É que nenhum deles teve a oportunidade de nascer numa família possuidora de alguns dos recursos mais decisivos para a construção de uma identidade individual e social positiva. Referimo-nos aos recursos simbólicos e culturais, sem dúvida dos que mais influenciam o acesso ao reconhecimento e respeito sociais.

Os doze rapazes e as seis raparigas, cujas idades, à data da entrevista, variavam entre os 12 e os 19 anos, conheceram profundas rupturas no seu processo de socialização primária, porque os seus progenitores eram simultaneamente dependentes e traficantes de substâncias psicotrópicas ou dependentes do álcool.

[121] Cit in, J. Machado Pais : “Dos relatos aos conteúdos de vida” in *Ganchos, Tachos e Biscates – Jovens, trabalho e futuro*, capítulo 4, Ambar, Porto, 2001.

Apenas dois destes jovens são provenientes de famílias onde não existiu dependência de drogas ou de álcool.

Em todos os casos, de dependência, ou não, de drogas ou álcool, os pais que lhes deram a vida física revelaram a mais completa ausência de capacidades de envolvimento coerente, sem ambiguidades, nas tarefas parentais.

A negligência foi uma constante na vida destes adolescentes desde a sua mais tenra infância, negligência essa evidenciada na privação da multiplicidade de cuidados que a vida quotidiana de uma criança exige, desde a higiene, a alimentação cuidada e a horas, a atenção ao choro e à necessidade de experimentar a fusão com o objecto materno, a estimulação do desenvolvimento motor, da inteligência e da linguagem que requerem a disponibilidade dos adultos para proporcionar situações de jogo lúdico com a criança.

Tendo deambulado por múltiplos contextos de socialização, num constante vai e vem, entre famílias de origem, famílias recompostas, colégios/lares, famílias de acolhimento, todos eles foram severa e dolorosamente impedidos de ser envolvidos em processos comunicacionais emocionalmente significativos. Dez destes jovens passaram, mais do que uma vez, pela mudança de residência e de grupo doméstico, se é que se pode dar este nome a um colégio. As rupturas foram tantas, tão profundas e tão dolorosas, sobressaindo nitidamente como o aspecto mais relevante e significativo das suas memórias familiares. A consciência da rejeição de que foram e são vítimas é notória nos relatos que fazem acerca do jogo de “empurra” de mãe para pai, de pais para avós, envolvendo, não raro, outros adultos companheiros dos progenitores.

A ausência de ligação afectiva estável prolonga-se com a retirada das famílias de origem e a entrada em colégios, supostamente criados para reparar o que a família não deu e assegurar condições de educação compatíveis com o crescimento psicológico e social. Todavia, nenhum deles conseguiu encontrar nessas instituições a confiança, as ligações e as aprendizagens que os fizessem crescer como pessoas equilibradas. As fugas e as expulsões dos colégios para, de seguida, serem novamente inseridos em outros colégios ou retornarem às famílias é uma constante que evidencia a persistente carência de laços suficientemente consistentes para gerarem a vontade de investir num projecto de vida. Ser filho de pais toxicodependentes será provavelmente a situação em que a vivência da insegurança, tal como da indefinição do lugar físico e emocional, atingem uma intensidade difícil de transmitir por palavras. Em face de tão profunda desvalorização, emergem as reacções que oscilam entre o desejo da morte, algumas vezes verbalizado, e a

identificação com os agressores, enveredando pela revolta, pela violência, o consumo de drogas, o abandono escolar.

Socializados em famílias onde estão instalados os consumos de álcool e drogas, estes jovens que, além disso, desde muito cedo conviveram, no seio familiar e residencial, com o tráfico de drogas, aprenderam a ver esta prática como normal, consideram-na um meio legítimo de ganhar a vida, porque, como costumam dizer, ninguém é obrigado a comprar. Se as pessoas não têm como sustentar os seus filhos, é legítimo que trafiquem droga, para, assim, os não deixarem morrer à fome. Eis como o seu discurso sobre as drogas, em especial sobre o tráfico, evidencia uma naturalização do fenómeno, ao mesmo tempo que evidencia uma grande ambivalência a seu respeito. Se, por um lado, a droga conduz à decadência física e psíquica, por outro, ela representa o acesso imediato a bens que de outra maneira não seriam acessíveis. Não será pois de surpreender que as idades de início de consumos tivessem sido precoces (na maioria deles, a primeira experiência ocorreu entre os 9 e os 10 anos) como, e sobretudo, lhes estivesse facilitada a iniciação em práticas delinquentes, o que, em alguns casos, os precipitou numa "carreira" de delinquência.

Existe, entre muitos sociólogos que se dedicaram ao estudo das novas formas de delinquência juvenil nas sociedades democráticas mais avançadas, a ideia de que os fenómenos da delinquência e da droga têm muito a ver com a desligação social e com a correspondente fragilização psicológica que temos vindo a analisar nos pontos anteriores.

Muito mais relevante do que a fragilidade económica, que compromete o desejo de possuir bens para satisfazer necessidades materiais socialmente legitimadas (roubos), são as "patologias do laço social" que constituem o móbil principal dos actos contra a ordem estabelecida. Incivilidade, violências sexuais, perturbações sociais e familiares são a parte visível de um fenómeno muito menos evidente: o acesso a uma identidade social que é negada pelas instâncias de socialização supostamente vocacionadas para proporcionar essa construção.

Ora, o caso que aqui estamos a analisar, dos jovens oriundos de meios sociais fortemente vulneráveis, desde logo devido a uma inserção económica muito frágil das suas famílias, só aparentemente está em contradição com esta ideia de que, mais do que a precariedade económica, são as "patologias do laço social" o factor que mais determina as práticas de delinquência juvenil. Tal como alguns analistas especializados nos estudos da pobreza e da exclusão social têm observado[122], a pobreza não é mensurável em termos quantitativos objectivos, é um fenómeno acerca

[122] Vincent de Gaulejac, Isabel Taboada Léonetti, *La lutte des places*, Desclée de Brower, Paris, 1994.

do qual se produzem interpretações histórica e socialmente variáveis. Nas modernas sociedades de consumo, os valores e a cultura dominantes conduzem a uma visão profundamente negativa das situações que não se coadunam com os padrões de consumo e de vida colectivamente valorizados e vistos como sinal de uma vida digna. Por outro lado, o avanço da sociedade de consumo, que ocorreu a par e sob o impulso do Estado Providência, envolveu o acesso massivo a padrões de consumo outrora concentrados no pequeno número dos ricos. Se anteriormente ser pobre, ou seja, ser destituído dos meios para possuir automóvel, televisão, frigorífico, aspirador, fogão, aparelhagem de som, fazer férias longe de casa, jantar no restaurante, etc, era a situação mais comum, nas sociedades ocidentais construídas a partir da Segunda Guerra Mundial, essa situação deixou de ser normal e passou a ser sinal de atraso ou de subdesenvolvimento.

Se tomarmos em consideração que a desvalorização simbólica da pobreza produz efeitos sobre o modo como os que por ela são atingidos se percepcionam a si próprios e, além disso, tivermos em conta que as políticas de ordenamento do território promovem a separação espacial dos mais pobres, remetendo-os para espaços simbolicamente desvalorizados e desvalorizadores, percebe-se quanto, em certas situações, a crise do laço social pode agravar severamente as possibilidades de construir uma identidade social. Ser pobre representa, por si só, ter um estatuto social desvalorizado. Ser pobre e ser habitante de um espaço, também ele, conotado com a pobreza, equivale a uma dupla desvalorização. Chegar à escola e ser visto como incapaz porque aquilo que se aprendeu em casa e na comunidade de residência entra em contradição, não se adequa ou choca a sensibilidade e os valores dos agentes educativos equivale a mais uma desvalorização. De facto, se a coesão social convocasse o investimento consistente das instâncias políticas e da sociedade civil, a pobreza não seria remetida para espaços separados, como que escondida. Se além de tudo o que se disse, tivermos em conta o trabalho ideológico profundo e camuflado que as políticas de educação põem hoje em marcha, não poderemos evitar um sentimento de perplexidade em face dos terríveis limites e obstáculos que tão precocemente pesam sobre a vida de muitos jovens. Em termos concretos, o que queremos dizer é que ser obrigado a ir à escola está longe de ser equivalente a ter efectivamente direito à educação. Ficar na escola, ano após ano, sem haver realizado efectivas aprendizagens, por vezes, obtendo classificações suficientes para transitar de ano sem ter adquirido os conhecimentos que condicionam as aprendizagens posteriores, é um processo que instala visões da realidade profundamente ilusórias, que instala a ilusão de que se pode ter acesso a tipos de trabalho e a formas de vida a que, na

realidade, nunca chegarão. No entanto, longo tempo habituados a uma vida escolar cuja “doçura” das regras contrasta muito com as do mundo do trabalho, estes jovens evidenciam uma profunda desafeição pelo trabalho. Tomando as palavras de Pierre Bourdieu, rejeitam o único trabalho a que poderão ter acesso, que o mesmo é dizer não adquiriram as disposições necessárias para aguentar a dureza do trabalho físico que aprenderam a desvalorizar, a disciplina e o poder hierárquico das empresas. O desfasamento entre objectivos socialmente assumidos e os meios de que se dispõe para os atingir é um fenómeno socialmente produzido que remete para o funcionamento das instituições. É um desfasamento que priva, acima de tudo, o acesso à identidade.

Ora, se as famílias não possuem os trunfos culturais indispensáveis para proporcionar uma adaptação à escola, quer dizer, não transmitiram os valores e os saberes que condicionam a aprendizagem das matérias escolares, quem deverá cuidar da interiorização dessas bases indispensáveis para progredir escolarmente? Está hoje bem adquirido que as promessas de democratização da escola se encontram bem longe da concretização, assim como está adquirido que essa pseudo-democratização induziu alguns efeitos particularmente perversos nos jovens das categorias sociais socialmente mais vulneráveis.

Viver sob o peso de constrangimentos tão pesados é certamente uma condição indutora de estados interiores “preenchidos” pelo sofrimento, a frustração, a perda do valor pessoal e do respeito por si próprio, um estado subjectivo que não pode deixar de se projectar na relação com os filhos. Se nas próprias categorias sociais inscritas nas classes médias, inclusive na sua fracção superior, a vida familiar está fortemente afectada pela pressão dos investimentos na angariação dos meios económicos compatíveis com padrões de consumo elevados, que dizer das famílias em que a pobreza material interage perniciosamente com a desvalorização simbólica profunda?

As entrevistas que tivemos ocasião de realizar deixam ver que, além da privação de pais que algum dia lhes hajam prestado uma atenção incondicional, da privação de pais que os tenham desejado e planeado, estes adolescentes foram, sem excepção, os objectos de projecção do mal-estar dos seus próprios pais. Vivenciaram, desde que nasceram, relações familiares onde imperava a agressividade física e verbal entre os cônjuges, assistiram a actos violentos entre os pais e eles próprios foram objecto dessa mesma violência.

As suas próprias narrativas parecem indiciar, com clareza, o que os estudiosos acima citados designam por organização *insegura emaranhada.* De facto, os seus discursos traduzem um certo estado de confusão face às figuras de

vinculação. Tanto manifestam uma profunda raiva ao recordar certas situações, como, de imediato, desenvolvem uma narrativa de valorização da mesma figura, como se pretendessem “limpar” a imagem que dela acabaram de apresentar. A incoerência discursiva é a marca preponderante dos indivíduos classificados neste padrão. Ao longo da entrevista, o indivíduo balança constantemente entre a apreciação positiva e a valorização negativa das figuras de vinculação, projectando a seu respeito sentimentos de raiva e culpabilidade, na sequência de memórias que são sempre descritas de forma difusa.

Apesar de se mostrarem capazes de identificar os efeitos que as relações de vinculação exerceram sobre o seu percurso pessoal, fazem-no de forma inconsistente e com evidentes dificuldades de encontrar uma explicação coerente para os seus próprios modos de pensar e agir a relação com as figuras que lhes são mais significativas.

Que consciência têm acerca do que levou os seus progenitores a situações de tão grande incapacidade? Como lêem a história dos que lhes deram a vida?

Sabendo-se que a qualidade da relação vivida com quem está próximo determina, em grande medida, o relacionamento consigo próprios e com os outros, que possibilidades terão estas crianças de evoluir e de se libertarem do seu universo infantil? Se o que interiormente aprendemos e vivemos na infância é o que podemos transferir para o exterior, na família, na escola e na sociedade, em geral, será possível restaurar a vulnerabilidade e fragilidade estruturais instaladas nestas crianças? Sabendo-se que a acumulação de vivências traumáticas desemboca em respostas psíquicas que vão desde a angústia de separação, ao desespero, sinal de um luto emocional pela pessoa ou coisa perdida, até à desistência, como preencher esse vazio e restaurar a confiança necessária para investir em futuras vinculações? Que tipo de intervenção pode reparar essas falhas narcísicas básicas e evitar/interromper as várias saídas patológicas para o sofrimento que assim é instalado?

**Carla** (16 anos)

Do seu trajecto de vida, Carla realça a transição da família de origem para um colégio/lar, quando tinha 7/8 anos e, um ano depois, a transição para uma família que a adoptou. Conhecemos Carla na Comunidade Terapêutica, onde estava por decisão dos pais adoptivos. Carla considera que os pais adoptivos tiveram razões para desistirem dela. Entende que criou muitos problemas, que quebrou muitas

regras e que fez escolhas de amigos que tinham comportamentos como os dela, abandonando os outros amigos, “os positivos”. Contudo, Carla revela sentimentos ambivalentes para com os seus pais adoptivos, ora reconhecendo o investimento deles em si, ora negando qualquer tipo de afecto por eles. Relativamente aos pais biológicos, Carla quer manter a distância, manifestando o sentimento de por eles ter sido rejeitada.

Para reflectir sobre os laços com outros adultos, Carla convoca a ligação que tinha com a avó adoptiva, mãe da sua mãe adoptiva, com quem falava sobre a sua vida lembrando com tristeza a insegurança e, até, certo arrependimento que a mãe chegou a revelar por ter feito a adopção. Com um trajecto inicial de vida em que os laços sociais são muito frágeis, em que o sentimento que predomina é o de ter sido maltratada, abandonada e rejeitada, Carla reconhece o investimento dos pais [adoptivos] nela, mas, simultaneamente, recusa e evita os comportamentos de vinculação dos adultos para com ela.

A história da sua curta existência é bem uma ilustração de quão patológica pode ser a relação entre pais e filhos[123]. Filha de pais toxicodependentes vivenciou desde o seu nascimento a ausência de adultos significativos na sua vida afectiva, situação que se consolidou com a sua entrada no colégio. Desde sempre conviveu com a inconstância da atenção dos seus pais que ora estavam, ora não estavam, sempre em função de si próprios. Exposta ao risco de construir uma ideia de si própria e do mundo que a rodeia marcada pela falha da confiança básica, Carla evidencia sinais de ser dominada por um constante sentimento de desconforto que a não deixa estar plenamente em lado nenhum. Manifesta incapacidade de atribuir significado ao que sente e pensa, assim como revela fracas expectativas sobre futuras possibilidades de viver experiências de afecto e conforto. O seu meio envolvente e, nomeadamente, as relações distorcidas que os seus personagens de referência, materno e paterno, com ela estabeleceram, inviabilizou uma estruturação da sua personalidade. Face aos modelos imprevisíveis a que os seus progenitores a submeteram, Carla é um exemplo vivo de quanto os sentimentos de imprevisibilidade que vivenciou no início da sua existência nela acabaram por instalar um sentimento de suspeição em relação à fiabilidade dos adultos. É assim que interpretamos a sua recusa em se ligar à família adoptiva.

> “Vivi com os meus pais biológicos, desde o início. Eram toxicodependentes. Primeiro começaram num bairro social em Lisboa, mas como não pagavam a renda foram despejados. O meu pai batia-me a mim e à minha mãe. Eu fui violada por ele. A polícia recebeu queixas dos vizinhos e fui para um lar da

[123] Pedro Strecht, *Preciso de ti*, Assírio & Alvim, Lisboa, 1999, p. 97.

Santa Casa da Misericórdia … Eram sempre discussões. O meu pai trabalhava numa bomba de gasolina. Tudo para a droga. Começamos a pedir, eu e a minha mãe, nos semáforos. … a minha mãe também se drogava. … Eu tinha cerca de três anos, lembro-me disso … a minha mãe punha-me sozinha a pedir nos semáforos porque percebia que dava mais. Quando não havia dinheiro, o meu pai batia-nos e por isso íamos pedir … tinha muito medo, escondia-me, percebi que não gostavam de mim … Precisavam de mim porque era uma maneira de terem dinheiro, era mais fácil … eu era uma criança … de momentos bons, não me lembro de quase nenhum ou, mesmo, de nenhum … Via a minha avó às vezes. Era alcoólica. Foi o meu pai que estragou a vida da minha mãe. Lembro-me de sentir medo, revolta e rejeição. Sentimentos de revolta. Tinha medo, escondia-me, percebi que não gostavam de mim. Precisavam de mim porque era uma maneira de terem dinheiro, era mais fácil, eu era uma criança ".

[a minha vida] foi sempre má. Os meus pais viviam muito bem, em Cascais. Tinha uma nova família, com avós e tudo. A relação entre mim e os meus pais adoptivos foi sempre muito complicada. Desistiram de mim. (…) O ambiente era de muita desconfiança de mim. Eu também fazia certas coisas que eles não gostavam, roubos e assim . . .Com o meu irmão havia uma relação diferente. Ele era mais pequenino, e ele gostava muito deles e os meus pais gostavam muito dele".
Desiludi os meus pais. Os meus pais desistiram de mim porque estavam fartos de serem apunhalados pelas costas, porque fizeram tudo por mim e sempre os desiludi. Porque quando me tratavam bem, eu acabava por fazer montes de porcarias. (…) Eles queriam controlar-me mas não conseguiam. Eu fazia coisas que eles nem imaginavam… fazia surf, andava de moto, eu até já entrava em competições no surf, tenho patrocínios, assim, coisas que eles não deixavam".
Não gosto deles [dos pais adoptivos] … Olhe, eu costumava muitas vezes fazer um exercício relativamente aos meus pais, sempre aos meus pais adoptivos. Até a pensar sobre isso, se gostava ou não deles. Que opções eu faria se tivesse de escolher entre a minha melhor amiga e a minha mãe ou entre o namorado e o meu pai, e eu nunca fazia a escolha dos meus pais adoptivos. Só o meu irmão é que está acima de tudo…quanto aos meus pais biológicos, nunca mais soube nada deles. Mas acho que também não quis saber. Esses não me quiseram.

Olhe, falava às vezes com a minha avó, mãe da minha mãe adoptiva. E falávamos sobre a adopção. E ela a certa altura começou a dizer que a minha mãe fez uma má escolha. Que no Lar a enganaram porque lhe disseram que eu era uma criança sossegada. A minha avó chegou a dizer-me que a minha mãe estava arrependida. Era difícil ouvir estas coisas, magoavam… depois estamos sempre a competir, a ver quem magoa mais. E o meu pai estava sempre de fora. Punha-se de fora.
(…) Mas às vezes com o meu pai conversávamos, ele dizia que eu pensava mais nos outros que em mim, mas também se zangava e discutíamos. (…) mas a minha mãe adoptiva não queria ouvir eu falar sobre o passado. Quando lhe disse que o meu pai me violou, ela não quis ouvir, e disse que eu estava a inventar. Mandou-me calar. Sempre disse que eu vivia muito do passado. Dizia que eu tinha de esquecer".

**Amélia** (17 anos)

Amélia já conheceu a passagem por cinco estruturas de socialização. No seu trajecto de vida, começou por viver, até aos quatro anos, numa família de acolhimento, passando a viver com o pai biológico a partir dos 9 anos; circulou por vários colégios, entre os 14 e os 17 anos e, por fim, ingressou numa Comunidade Terapêutica, por decisão do Tribunal. Foi nesta Comunidade que nos cruzamos.

Até aos 14 anos, Amélia realça o deambular entre as casas das companheiras com quem o pai viveu, a rua, o namorado, em casa de quem esteve duas a três semanas, e do qual se "fartou", e o colégio de transição do qual fugiu. Destes anos, Amélia recorda a violência familiar entre o pai e as companheiras, situações que acabaram por conduzi-la a ela e ao pai a uma vida na rua. Ao longo deste trajecto, a jovem lembra as fugas sistemáticas até ter sido apanhada pela polícia, por denúncia de uma senhora em casa de quem tinha passado uns dias e de onde fugiu.

Guarda ainda na memória sentimentos e comportamentos ambivalentes relativamente aos progenitores, não deixando de manifestar sentimentos de culpa quando procura explicação para não aceitar o início da relação com a mãe, quando esta a procura, pela primeira vez. Com 14 anos, reconhece que já é muito tarde para aprender regras.

Pesa sobre a sua vida a mais avassaladora ausência e incapacidade parental, havendo vivido entregue a si própria, como se não pertencesse a ninguém. A multiplicidade de pessoas e de locais que conheceu, sem jamais haver criado uma ligação especial, é a evidência de que nunca lhe foi possível conhecer o que é o sentimento básico de pertença. A sua institucionalização aos 14 anos de idade não constituiu uma real oportunidade de construir um projecto de vida, prolongando a mesma carência de vinculação que a acompanha desde o início da sua curta vida.

Face ao sentimento de desconforto repetidamente sentido na relação com um pai absolutamente incapaz de o ser, Amélia encontra uma defesa contra o seu sofrimento e insatisfação, investindo um enorme esforço de parentalização do pai, assumindo o papel de mãe do seu próprio pai.

> "Não vivi com os meus pais … nem com a minha mãe … nem com o meu pai. Vivi entregue a uma família de acolhimento até aos quatro anos … Até essa idade não me lembro de nada, nem sei de nada … fiquei nessa família até aos nove anos …com esta idade fui viver com o meu pai. Nessa altura, o meu pai ainda trabalhava. O meu pai vivia com uma senhora. Fui eu e a minha irmã. … o meu pai pôs-nos num colégio. Mas eu portava-me mal e

voltei para casa … andava sempre em brigas, partia coisas, chamava nomes … assim coisas … mas, o ambiente em casa era muito mau. O meu pai começou a beber mais e mais e ficou sem trabalho. Não havia dinheiro. Passávamos fome, não tínhamos água, nem luz, nem comíamos nada. O meu pai, a nós, andava sempre a bater-nos….houve vezes que sentia raiva, outras vezes sentia pena dele … sentia pena dele quando o via a chorar ou a cair pelos cantos … outras vezes, tinha raiva, ódio … apetecia-me fugir … quando ele fazia certas coisas apetecia-me fugir … chamava nomes à minha mãe e dizia que eu ia ser igual a ela … dizia que não prestava para nada … fazia e dizia estas coisas quando bebia … batia na minha irmã e eu odiava … não gostava nada da minha madrasta … nunca gostei … ela, uma vez, partiu-me uma vassoura nas costas … ela não acreditava em mim … uma vez, passou-se uma cena … ela tinha deixado uma caixa de chocolates em cima da mesa, uma caixa que o meu pai lhe tinha dado, e saiu. Acho que a minha irmã lhe tirou um … ela, quando chegou, perguntou-me se tinha sido eu e eu disse que não…ela chamou-me mentirosa e não acreditou em mim … isto passou-se logo no princípio em que fomos viver para lá, em Gaia. … ela não acreditava em mim … e eu não gostava dela também porque ela, ali, não estava a fazer nada … pronto … quem devia estar ali era a minha mãe. …. Sempre me dei bem com a minha irmã e defendia-a …não me dava bem era com as outras pessoas … com colegas e professores … mas tinha notas e comportamentos bons ….aos 14 anos, as coisas começaram a correr cada vez pior e, um dia, a senhora do meu pai não nos quis mais lá e uma vez o meu pai chegou a Gaia e não pôde entrar …então, fomos para Valongo … fomos para casa de uma senhora amiga do meu pai … as relações aí eram más … fiz amigos do bairro e comecei a faltar à escola e ia ter com os meus amigos. O meu pai ainda esteve um tempo sem trabalho e continuava a beber, beber … eu saía quando queria, mesmo à noite … mas era tudo mau, o meu pai batia-lhe, ou, antes, o meu pai não lhe batia, espancava-a … sim, espancava-a …. O meu pai, entretanto, arranjou um emprego como servente de trolha …. Mas, com a senhora ainda lá continuamos uns tempos … só que um dia não pudemos mais entrar … ela chegou a estar internada no hospital de S. João, mas acabou por pedir ao meu pai que a tirasse de lá … ele tirou … mas não se entendiam e, um dia, ela não o deixou mais entrar … uma vez, à noite, eu vinha para casa e encontrei o meu pai que me disse que não podíamos continuar lá. …nessa noite, ficamos a dormir no carro … Antes de eu ir para Amarante, a minha mãe veio cá e tentou, tentou restabelecer a relação comigo, mas eu não quis. Já era tarde. Eu já não tinha regras. Eu não queria. Não lhe perdoava. Tinha a versão do meu pai. Ela abandonou-nos. O meu pai sempre foi o meu ídolo e eu era a filha, pode-se dizer, a filha querida dele. Sempre me deu tudo. Mas não sei o que aconteceu depois. Não sei que «bite» lhe deu. Talvez ele tivesse medo que eu o rejeitasse quando soubesse a versão da minha mãe. Aí as culpas seriam de ambos. Talvez ele tivesse receio que eu não o quisesse mais … não sei, não sei … Ele começou a beber, beber, beber … Cheguei a ir buscar garrafas de wisky, a roubar no supermercado para ele. Chegou a beber, quando já não havia dinheiro, álcool puro, sabe … para as feridas? Depois, um dia, eu disse-lhe que não ia mais. Acabou. Não roubava mais para ele, nem lhe dava mais álcool. Pronto. E ele tornou-se outro. …

A minha mãe tem, de relações diferentes, antes do meu pai, uma filha de 23 anos e outra de 20 anos. Da última relação que teve, o homem morreu no Natal (2004), tinha sida, e tem uma filha de 9 anos. Esta eu conheço melhor, a miúda é engraçada. As outras … não estou tão próxima. Conheço-as. Com a de 20 anos, até cheguei a estar algumas vezes. A de 23 anos sempre viveu com o pai. A de 20 anos cresceu em casa da avó, mas chegou a passar uns dias com a minha mãe e foi aí que a conheci, quando fui uns dias com a minha irmã a casa da minha mãe a Lisboa, quando vivíamos em Gaia. Esta de 20 anos … agora tem a vida dela. Está na faculdade."

**Daniela** (16 anos)

Daniela encontra-se na Comunidade Terapêutica por decisão do Tribunal. Foi justamente nessa Comunidade que nos cruzamos. Ao longo destes anos de vida, Daniela passou por cinco estruturas de socialização, incluindo a actual. Invoca a passagem transitória pela família de origem, a separação dos pais e a recomposição da família inicial, a vida com os avós, o colégio/internato e a Comunidade.

Do período de "vai e vem" entre contextos de socialização, Daniela só tem memórias a partir dos 6 anos, altura em que ainda vivia com os progenitores e dois irmãos. Desse tempo, recorda a violência entre os progenitores e o abandono dos filhos pela mãe.

Depois desse período, Daniela recorda uma vida de fugas constantes, de vai -vem sistemático entre a casa de cada um dos progenitores e da avó, recusando-se a viver com a mãe. Expressa relativamente à mãe a mágoa de ter sido por ela rejeitada. A tristeza emerge sob a forma de raiva e ódio. A repetição de experiências profundamente frustrantes e traumáticas, especialmente na relação com a mãe, explode ao longo das conversas, inviabilizando a disponibilidade para reflectir acerca do que terá levado os seus pais a uma situação de tal decadência. Como analisam os especialistas[124], se o ódio toma o lugar predominante no campo dos afectos, as crianças tornar-se-ão adolescentes vulneráveis, desde logo, porque tenderão a ser agidas por impulsos extremamente auto ou hetero-destrutivos. A organização distorcida do «eu» tende a expressar-se por via da projecção dos "maus objectos internos" no meio exterior, designadamente através de comportamentos desviantes.

Viveu num ambiente familiar em que a violência do seu pai, em virtude da desinibição derivada do consumo de álcool, e a indiferença da sua mãe nela terão desencadeado o mecanismo de identificação ao agressor, respondendo da mesma forma, numa verdadeira compulsão de repetição[125].

---

[124] Pedro Strecht, *Preciso de Ti,* op. cit., pág. 98.
[125] Pedro Strecht*, Preciso de Ti, op. cit., pág. 99.*

" só me lembro a partir dos 6 anos … vivia com o meu pai, a minha mãe e dois irmãos mais velhos … uma irmã que tem agora 19 anos e um irmão que tem 20. … Lembro-me que o meu pai era assim … muitas vezes, chegava a casa sempre a vomitar … a minha mãe raro aparecia em casa … e os meus pais começaram a dar-se mal … e o meu pai batia na minha mãe. … a minha mãe ia trabalhar e o meu pai começou a desconfiar .. e, um dia, foi esperá-la ao trabalho e viu-a de mão dada com o meu padrasto. … nós estávamos sempre sós e o meu pai não suportava aquilo da minha mãe … e, um dia, no S. João, quase a ia matar com uma faca … O meu pai, todos os dias, batia à minha mãe … eu tenho um trauma disso … eu era muito pequena, mas lembro-me disso. Até que houve um dia em que a minha mãe me abandonou … nessa altura, vivíamos muito mal …nem comíamos, nem nada … era sempre ovos estrelados …O meu pai não podia com nós os três, nem trabalhava, nem nada … e depois eles foram ao tribunal e foi mau … a juíza disse à minha mãe o que ela preferia … "ou prefere as chávenas ou um dos seus filhos" … e a minha mãe escolheu as chávenas … e depois, o meu pai queria que eu fosse para a minha mãe, porque o meu pai não podia com os três. … Mas, a minha mãe não me queria … ela queria era uma vida … ela e o meu padrasto. … Mas, o meu pai não podia e, um dia, disse-me: arranja as tuas roupas que vou levar-te à tua mãe. … E eu arranjei e o meu pai levou-me ao trabalho da minha mãe, esperou-a e quando ela saiu disse-lhe que eu ia ficar com ela … tinha eu 7 ou 8 anos …Não gostava do meu padrasto … nunca fui com a cara dele … não suportava aquilo ao meu pai e de um momento para o outro a minha mãe teve um esgotamento, uma depressão …sei lá, ainda um dia destes dias ela veio cá e não está bem … parece outra pessoa … ela já chegou a estar internada … sabe …num desses hospitais para pessoas que são doentes, de malucos, de problemas psicológicos, acho que se diz assim, ou lá o que é … sabe … ela às vezes começa a partir tudo, louças, tudo … recusava-me sempre a viver com a minha mãe … eu passava o tempo a fugir, passava o tempo entre a casa do meu pai, da minha mãe e da minha avó. … os meus irmãos estavam com a minha avó … e eu ia estar com eles … até que, depois, o meu pai foi para o Algarve… arranjou uma madrasta e, depois, eu fui com ele … mas não muito tempo … porque era muito longe e eu não queria lá ficar … embora me desse bem com a minha madrasta … depois, vim e fui para casa da minha avó … ..e depois, ai é que me meti nas drogas … Quando vivia com o meu pai e a minha mãe, o meu pai chegava a casa bêbado … eu sentia-me descontrolada … em relação ao meu pai e à minha mãe era sempre conflitos … não me lembro de passar uma tarde com o meu pai e a minha mãe e estar quietinha a ver um filme … darmo-nos bem … A minha mãe era sempre. . . não digo que fosse indiferente, mas nunca me deu carinho, sei lá, não suportava aquilo, apetecia-me foder a casa toda. Sentia-me só, rejeitada, triste, zangada, revoltada, sei lá, impotente de estar sempre a viver as mesmas coisas, traída pela minha mãe. O meu pai foi o único que me recebeu …Depois, daí para a frente, foi distância total com a minha mãe. Tanto a minha mãe cagou para mim como eu caguei para ela. …

Depois fui para casa da minha avó … Primeiro a minha avó tinha "posses" para mim, como quem diz, dava regras, impunha-se, dizia não podes sair, podes ir aqui e ali, tens de vir a estas horas … mas, depois, eu já tinha para aí uns 14 anos e eu só fiz o que quis … depois eu portei-me mal e isso, roubos e assim, e a minha avó não me quis mais e disse para ir para casa do meu pai. …

O meu pai já vivia no Porto. O meu pai dizia: tens meia hora para chegar a casa, sais às 6h da escola, tens tempo para chegar às seis e meia, a essa hora tens de chegar a casa. Mas eu ficava lá a consumir com os meus amigos …

**Isabel** (16 anos)

Isabel conheceu no seu trajecto de vida a passagem por três estruturas de socialização, incluindo a Comunidade Terapêutica onde nos conhecemos. A primeira transição, com 6/7 anos processa-se da família de origem para a avó e tem como motivo a necessidade da mãe ir trabalhar e não ter a quem a deixar.

A história de Isabel remete para problemas relacionados com a socialização em espaços socialmente relegados onde se criam subculturas específicas, frequentemente dissidentes relativamente à cultura dominante.

Nestas condições de existência em guetos sujeitos a fortíssima desvalorização simbólica, em que as próprias famílias sofrem a pressão de um meio hostil no que respeita à possibilidade de educar, desde logo pela concentração espacial de múltiplos problemas, designadamente o do tráfico da droga, é difícil descobrir a utilidade das teorias psicológicas sobre a adolescência e os seus problemas.

Viver no bairro do Cerco do Porto significa, na melhor das hipóteses, ser impedido de desenvolver sentimentos de pertença. E dizemos na melhor das hipóteses porque se trata de um tipo de território que, quer pela forte separação da cidade, quer pela estigmatização que sobre ele recai, incentiva formas de convivialidade entre iguais que, por sua vez, instalam a entrada em gangues, ou seja, a necessidade de pertencer induz a integração em grupos cujo traço de união é a partilha de uma escala de valores invertida. A impossibilidade de desenvolver o sentimento de pertença à sociedade "normal" desencadeia um processo de inserção nas margens[126], uma vez que o acesso à identidade só é possível por via de uma afirmação negativa. Quanto mais se desafiam as normas estabelecidas e quanto mais esse desafio for a evidência de coragem e ousadia, maior o prestígio e o respeito do grupo.

> "Vivia com o meu pai, a minha mãe e um irmão que era mais velho do que eu, mais ou menos, dez anos. Quando eu tinha dois anos de idade, os meus pais divorciaram-se. Nessa altura, como o meu irmão era filho do primeiro casamento do meu pai, ficou com o meu pai e a minha mãe ficou com a minha custódia. Aos fins – de - semana, ia para casa do meu pai. Isto foi até aos seis anos…não me lembro se havia conflitos entre os meus pais…[depois dos seis anos] a minha mãe decidiu que eu não continuava a ir para o meu pai porque ele disse que não ia mais buscar-me, a não ser que a minha mãe me levasse . . .[a minha mãe] deixou de me levar, a minha mãe não era «escrava» do meu pai. . . Quando entrei para a escola (em S. Roque), a minha mãe ia trabalhar e eu ficava todo o dia em casa da minha avó. . . Aos sete anos, tinha lá (bairro do Cerco) um grupo de amigos da

[126] Vincent de Gaulejac, Isabel Taboada Léonetti, *La lutte des places*, Desclée de Brower, Paris, 1994.

> minha idade que eram filhos de traficantes e de consumidores. . .. … o que eu queria era liberdade … lembro-me que os meus amigos não tinham prisão dos pais … eu queria era essa liberdade e quando me contrariavam eu sentia era revolta … contra as pessoas da minha família porque o que eu queria era a vida que tinham os meus amigos … eu achava que eles me prendiam … nunca me passou pela cabeça que eles queriam o meu bem . … nunca me passou isso … nunca. … ninguém me ajudou … ninguém me ajudou como eu queria … quando me davam regras já não aceitava nada porque já tinha ido muito longe, muito longe nessa liberdade … mas também sentia que ninguém me ajudava … na minha família, só o meu padrinho falava comigo … com a minha mãe não havia conversas , não havia amizade … acho que nunca tive um pai ….”
>
> Quando tinha 14 anos, andei com um namorado, andei quase um ano e meio. Acabei com ele porque me traiu. Depois, comecei uma nova relação com outro rapaz que tinha conhecido noutro grupo de amigos. Os namorados eram importantes para mim porque me sentia segura. Não sentia tanto a falta da minha família. Se calhar, eu estava era a tentar fazer uma família … não me sentia só … de algum modo, eles substituíam a família de que sentia falta. … Eles já me impunham regras, pediam-me para ir para casa.
> Aos 15 anos fugi de casa durante quinze dias. Quando voltei, a minha mãe abriu a porta mas não queria falar dos assuntos…tinha medo … tinha medo da minha reacção. Que eu lhe batesse.” …. “o que eu nunca tive … foi um pai” … O choro brota apesar da tentativa de o amordaçar …

**Sílvio** (14 anos)

Encontramos Sílvio na Comunidade Terapêutica. Está nesta estrutura por decisão do Tribunal. No seu trajecto de vida passou por duas transições a que atribui relevância: há uns anos, mudança da família de origem para um Colégio, em regime de internato, quando tinha cerca de 11/12 anos e, posteriormente, inserção na Comunidade Terapêutica. Contudo, a passagem pelo Colégio é lembrada de forma breve, uma vez que fugiu nos primeiros dias. Refere, no entanto, que o motivo que esteve na origem da ida para o Colégio foi o ambiente familiar conflituoso e o abandono a que os filhos eram votados pelo facto de os pais serem consumidores de drogas.

O habitat residencial onde nasceu é um caso típico de território socialmente relegado, que o mesmo é dizer, separado, colocado à parte, visto pela cidade como lugar perigoso, habitado por marginais, gente que é preciso pôr à distância. Viver da droga é, nestes locais, um modo de vida tanto mais aceite quanto os que o adoptam pouco ou nada têm a perder com isso. A droga é um meio de sobrevivência em torno do qual se organizam muitas vidas, fazendo parte do mundo de muitos meninos como o Sílvio, desde a sua mais tenra infância. São socializados nessa cultura de sobrevivência em que os valores morais se dissipam sob o peso constrangedor das condições extremamente adversas e da falta de expectativas de

melhoria. O passado opressor a ponto de ser insuportável nele pensar, o futuro inexistente e o presente vivido num contexto relacional produtor de subculturas desviantes, eis o quadro que melhor caracteriza, a nosso ver, a história do Sílvio. O universo relacional que lhe foi dado quando nasceu não lhe permitiu conhecer outras referências que não fossem as que são típicas das subculturas desviantes, nem lhe permitiu outra possibilidade de integração que não fosse nas "margens da sociedade". Num universo social deste tipo, fechado no gueto, que possibilidades existem de encontrarmos adultos capazes de desempenhar os papéis parentais de acordo com o que dominantemente se aceita como bom desempenho? Quando as condições de vida remetem os indivíduos para a total descrença nas suas próprias capacidades, para o abandono de si próprias, submetidas à impotência quanto às possibilidades de sair da privação, que emoções serão desencadeadas? Será pertinente falar em ausência física e psíquica de pais, eles próprios privados de uma identidade, eles próprios devastados pelas privações ao longo da sua vida? Nestas situações, é nossa convicção que as abordagens psicológicas que analisam os problemas destas crianças como resultantes da ausência de contacto ou proximidade emocional da mãe ou do pai apenas se centram na parte mais visível do problema. O que queremos dizer é que certas condições de existência material e social interditam qualquer possibilidade de equilíbrio psíquico, que há lógicas de organização da vida social verdadeiramente perversas deste ponto de vista. É o caso das políticas de habitação que concentram populações socialmente homogéneas em espaços relegados, demitindo-se completamente do tratamento das relações sociais nestes espaços.

> "Eu vivia com a minha mãe, o meu pai e a minha avó materna e os meus 5 irmãos. … gostava de estar com a minha mãe … a minha mãe fazia-me protecção … a minha mãe, por exemplo, quando o meu pai berrava e lhe batia e não me deixava sair, a minha mãe dizia-me: toma lá a chave, deixa-a à entrada … havia um vaso à entrada que era para pôr lá a chave e eu sempre a deixava nesse sítio para depois poder entrar sem o meu pai me ouvir … do meu pai eu gostava, mas, o meu pai não me tratava bem … eu gostava do meu pai, mas, por exemplo, mandava-me ir buscar uma cerveja … eu não queria e o meu pai batia-me …e já não me deixava sair de casa … castigava – me …o meu pai já consumia naquela altura (drogas e álcool) e não era simpático, nem bom para mim … nem para toda a família … eu gosto mais da minha mãe do que do meu pai … naquela altura só me apetecia que ele morresse … e tinha vontade de o matar … quando o meu pai batia nos meus irmãos, que eram todos pequeninos … eu desatinava …eu até chorava … não gostava … e só queria tomar droga … e pegar numa faca … dar-lhe com ela e acabar … acho que a melhor coisa que a minha mãe fez na vida foi separar-se do meu pai … eu sei que a minha mãe gosta muito de mim e o meu pai também … e ele, depois, também a meteu por maus caminhos … o meu pai quando recebia gastava tudo em droga , meu pai consumia álcool, ganza, coca e heroína… e a minha mãe ia com ele … sentia-me muito triste porque via a minha mãe drogada … a ele

> quase nunca o via drogado, eu só o via bebido, do álcool, mas a minha mãe … sentia tristeza porque foi a minha mãe que me deu de comer, tratava de mim e eu ficava muito triste, só me apetecia desaparecer …
> o meu pai, quando vê o meu padrasto diz que quer matá-lo … o meu pai não gosta dele …com o meu padrasto dou-me bem … às vezes, até brinco … às vezes, fico triste porque eu não queria um pai assim … eu queria um pai direito …que me tratasse bem e que brincasse comigo … o meu pai nunca me deu carinho …nunca brincou comigo … mas está melhor … ele é o meu pai … não é assim? …eu dou a vida pelos meus irmãos … porque não quero que eles levem a vida que eu levei …eles viam o meu pai, e não sabiam o que era aquilo, mas não era bom, não era bom …
> Tenho vários irmãos, somos seis, são todos mais novos, eu sou o mais velho. A minha irmã mais nova tem dois anos e meio. Vivem num colégio, em BB, na Misericórdia. …
> Agora vou passar o fim-de-semana a casa da minha mãe. Em G. Dantes vivia no C, agora vou com a minha mãe para G. No C é mau, há más companhias, gajos, droga."

**Filipe** (19 anos)

Filipe é um jovem que estava numa Comunidade Terapêutica quando nos conhecemos. No seu trajecto de vida experimentou duas transições significativas entre diversas estruturas de socialização. A primeira foi a transição da família de origem para um colégio em regime de internato, quando tinha treze anos; a segunda foi a transição do Colégio para a Comunidade, aos 18 anos. Da história da sua vida realça a primeira transição para o colégio, considerando-a um marco negativo em torno do qual se desenrolou toda a sua vida.

Sublinhando no seu discurso a forte agressividade do pai e a ausência da figura materna, a separação dos irmãos é ainda por ele considerado um factor que serviu para piorar a vida que teve. Na sua história de vida sobressaem sentimentos como o medo, a raiva e a violência, contra si próprio e contra os outros, traduzindo um modo de estar permanente e duradoiro.

Para o Filipe, como para muitas das crianças originárias de famílias que desde sempre conheceram forte precariedade das condições económicas, o fechamento das sociabilidades a grupos de iguais, a desestruturação dos laços familiares, a falta de investimento afectivo entre os elementos do agregado familiar, e até mesmo a incapacidade parental para assegurar os cuidados básicos aos filhos, a violência torna-se a única porta de saída. A violência é antes de mais, e sempre, uma reacção de medo, de revolta, ou de afirmação de si[127]. Desde muito cedo entregue a si próprio, Filipe cresceu sem ver as suas necessidades essenciais satisfeitas e tudo indica que a violência que desde sempre pautou o seu comportamento foi aprendida por identificação ao pai, revelando o desconhecimento de outros meios de expressão.

[127] Marie-Catherine Ribeaud et les equipes A.T.D. Service et Science: *Les Enfants des Exclus* –L'avenir enchaîné des enfants du sous-prolétariat, Lutter/Stock, pp. 78-81.

Com a figura paterna estabeleceu uma relação ambivalente que hoje recorda como alguém que ora lhe suscitava sentimentos de revolta ora lhe proporcionava "ensinamentos", fazendo-o sentir que, apesar de tudo, constituía para si a única protecção. A consciência de que a mãe os abandonou e de que a figura paterna era inconsistente na definição de limites, na protecção e no investimento emocional, desenvolveu nele um sentimento de parentalização dos irmãos que deu lugar a manifestações de isolamento e solidão quando foram separados, assim se rompendo os poucos vínculos afectivos que ainda lhe restavam.

A violência incontrolada que desde sempre o caracterizou, em muitos momentos auto-destrutiva, revelou-se de forma mais exacerbada em pelo menos uma tentativa de suicídio; este comportamento não deixa de ser um indicador do asfixiamento do seu desenvolvimento, revelando a fragilidade do seu eu. Viveu situações de sofrimento emocional muito intenso que, ao que parece, nunca chegaram a ser devidamente entendidas e ultrapassadas, tendo gerado um sentimento de mal-estar para o qual não via qualquer saída.

Tudo parece indicar que a violência permanente que caracterizou o seu modo de estar constitui uma manifestação de sofrimento típica de quem cresceu numa ausência de sentimentos de protecção, de pertença, de quem não fez a experiência de ser gostado, de ser respeitado e de ter orgulho da sua própria vida.

A raiva e a revolta que recorda, como outros dos sentimentos sistemáticos que experimentou, não deixam de ser indicadores de uma forte intolerância à frustração, uma falta de confiança em si próprio, sintoma de que as frustrações vividas não tiveram as compensações afectivas suficientes para assegurar o desenvolvimento da confiança em si e nos outros.

Numerosos estudos confirmam a ideia de que, para atravessar com êxito as fases da primeira infância, as crianças não precisam apenas de não passar privações; precisam de cuidados sensíveis e afectivos para poderem formar as capacidades de confiança, empatia e solidariedade[128].

Vítima, como tudo indica, de pessoas tão vulneráveis social e emocionalmente quanto ele, não aprendeu a gostar de si próprio porque não chegou a ser um "bom objecto" de ninguém.

> "Vivi em Lisboa, com o meu pai e os meus irmãos, até aos 13 anos. Depois, fui para um colégio, em Oeiras…. Tinha vivido, mas foi pouco tempo no Casal Ventoso … saí de lá quando tinha 4 meses. … sempre fui um revoltado … sentia uma grande revolta … tive comportamentos maus … considero o meu padrasto como meu pai … foi com ele que vivi … que me

[128] Ver em particular T. Berry Brazelton e Stanley I. Greenspan: *A Criança e o seu mundo - requisitos essenciais para o crescimento e aprendizagem.* Editorial Presença, 5ª edição, Lisboa, 2006, págs. 27 e 28.

criou …só soube que ele não era meu pai quando ele morreu, tinha eu 17 anos …. A minha mãe estava sempre a abandonar-nos … ia e vinha … ia e vinha …entre eles havia muita violência…eu sou o mais velho de 4 irmãos, um rapaz que tem 19 anos e duas irmãs, uma de 18 e outra de 15 anos … até aos meus 13 anos, vivemos juntos com o meu pai … vivíamos com muitas dificuldades…faltava dinheiro para comer…para a água, para a luz, para tudo…depois, fui para um colégio … foi pior daí para a frente …vivia revoltado, sempre revoltado…eu quase não vivi com a minha mãe . Ela ia e vinha. … não queria saber … ela teve pouca importância na minha vida. .. quem teve mesmo foi o meu pai … sentia raiva porque ela só estava poucos dias … ela dizia que abandonou a nós por o meu pai ser alcoólico …Mas deixou-nos muitas vezes. O meu pai trabalhava e nós íamos para a escola … O meu pai era calceteiro…vivíamos mal…também às vezes não comíamos em condições…havia pouco dinheiro, … éramos muitos, só com o meu pai a trabalhar…

Quando eu tinha 12 anos, as minhas irmãs foram para um colégio … foi pior … o meu pai falava muito connosco, de madrugada … falávamos muito. Falávamos de coisas da vida, do que devíamos ser. Aos 13 anos fui para um colégio. O meu pai esteve de acordo e eu achei que ia ser bom, ia estar com as minhas irmãs, íamos voltar a estar todos juntos, porque o meu irmão também foi para o colégio … Achei que podia ser bom…mas não foi… foi pior…fiz muitas coisas más…como já lhe disse, até querer morrer…O meu pai visitava-me. O meu pai quis que fossemos para o colégio porque já metia tribunal e tudo. Outros… (a paróquia), outros pensavam ser melhor para todos. A minha mãe não sei o que pensava, só foi lá uma ou duas vezes com o meu pai…. mas também já metia assistente social e tribunal… era difícil continuar a viver só com o meu pai, naquele ambiente… ele era alcoólico, mas dizia coisas importantes…

Hoje eu sei que eram importantes. Falávamos de como sermos, do futuro, de como tínhamos que ser para ser gente. O meu pai dizia que eu podia ser alguém. Podia ser o que eu quisesse. Da minha mãe é que não falávamos. Esse é que era o ponto fraco. O meu pai tinha um ponto fraco que éramos nós. Esse era o seu ponto fraco. O meu pai era capaz de matar por nós, se alguém nos quisesse fazer mal…

A vida era difícil… o meu pai batia-me, mas eu não ligava, já não sentia…. bater-me ou não era indiferente… os meus irmãos tinham medo… no início eu também tinha, mas, depois, não tinha. Eu também tinha medo. Tinha, tinha muito medo. Eu agia revoltado e era só medo. Medo de tudo à minha volta…. tanto fazia que me batesse como não… nada me importava… só queria proteger os meus irmãos… o meu pai batia-me só a mim… eu não deixava que batesse aos meus irmãos… batia-me quando bebia… eu já não sentia… não sentia nada… não queria saber, o que me importava eram os meus irmãos… e porque percebia que o meu pai também tinha conversas importantes connosco…

**Vasco** (17 anos)

Conhecemo-nos numa Comunidade Terapêutica. O seu percurso de vida engloba duas transições relevantes: uma primeira transição, da família de origem para um Colégio, em regime de internato, quando tinha 7 anos; e uma segunda, quando ingressa na Comunidade. De notar, contudo, que entretanto passou por vários Colégios, dos quais fez fugas sistemáticas. Desse período da vida, até aos 7 anos, Vasco recorda ter vivido com o pai, a mãe e um irmão mais velho, cerca de 10 anos, e

destaca o doloroso ambiente familiar – o pai era alcoólico e diariamente chegava a casa embriagado.

Da vida familiar recorda ainda sentimentos de medo, raiva e tristeza, suscitados pelo comportamento do pai, e a impossibilidade da mãe contrariar esses comportamentos, uma vez que ela própria era objecto de violência por parte do seu pai. Lamenta também a rejeição de que foi objecto por parte dos progenitores. Sobre o seu percurso de vida, Vasco sublinha que se desenvolveu no sentido da auto-destruição. De ano para ano foi vendo a sua vida deteriorar-se.

A história de vida de Vasco é um caso ilustrativo de como as interacções emocionais precoces não só promovem o desenvolvimento cognitivo mas também um sentido moral do que é certo e do que é errado. No balanço que faz da sua existência Vasco refere que a sua vida foi um processo evolutivo de degradação pessoal com expressão numa perda progressiva de valores, na incapacidade de sentir, compreender ou de se importar com os sentimentos dos outros, bem como de construir relações duradouras. As únicas relações que permaneceram foram as que se criaram unicamente para sustentar o consumo de drogas, numa perspectiva mais objectal do que propriamente de vínculo efectivo. Sobressaem, no seu discurso, os sentimentos de medo e raiva que o caracterizaram desde criança. Nas suas memórias não há lugar para experiências infantis onde pudesse ter brincado ou passeado com os pais, onde os "nãos" fossem acompanhados de diálogo ou de qualquer explicação. Dificilmente este jovem poderia ter aprendido sentimentos de empatia e altruístas, na medida em que cresceu sem alguém ter sido empático e afectuoso com ele, apesar de ter tido, como reconhece, uma mãe que, nos primeiros anos, lhe garantiu alguma protecção. Contudo, ninguém pode sentir a consistência e a intimidade de um amor duradoiro a não ser que tenha tido essa experiência com alguém ao longo da sua vida[129].

> "Vivi com os meus pais até aos 7 anos em Gaia. (…) O meu pai era alcoólico… chegava a casa e havia muito mal-estar. (…) Vivíamos nós e o meu irmão que era mais velho do que eu, mais ou menos, 10 anos. Aos 7 anos, fui para um colégio… foi a segurança social que me foi buscar… e o meu irmão saiu de casa… devia ter 16 anos. O ambiente em casa era mau… muito mau… nem sempre havia dinheiro… nem sempre o meu pai trabalhava… tinha trabalho quando era chamado para as obras, outras vezes não tinha… às vezes não comíamos… em casa ficava eu, a minha mãe e o meu irmão. (…) O meu pai saía para trabalhar… sempre que chegava havia barulho… vinha sempre bêbado e batia-nos, à minha mãe e a mim…. Sentia medo, sentia raiva… não percebia porque o meu pai me batia… não conseguia falar com ele… sentia medo, ficava triste, tinha medo de ficar em casa… sentia medo e pensava no que ia ser quando saísse de lá, pensava se ia parar ao hospital… o meu pai batia-me sempre… por

[129] T. Berry Brazelton e Stanley I. Greenspan: *A Criança e o seu mundo,* op. cit., pp. 32-36.

> exemplo, ao fim de semana, eu dizia, como qualquer miúdo, olha vamos dar uma volta, vamos aqui ou acolá … e ele dava-me encontrões e mandava-me para o "caralho" e assim… e eu metia-me debaixo da cama… a minha mãe não podia fazer nada porque ele também lhe batia… lembro-me de ela querer entrar no quarto, se encostar à porta e o meu pai não deixar e fechar o quarto à chave. (…) lembro-me que, uma vez, a minha mãe chamou a polícia e esta não fez nada… disse que eram coisas familiares e não podia fazer nada … e o meu pai batia na minha mãe …
> O meu pai batia-me sem eu perceber porquê e eu sentia ódio, era triste, era ódio mesmo. … até que um dia uma assistente social decidiu com eles que era melhor eu ir para um colégio… nunca mais estive com os meus pais … nunca me visitaram nos colégios e eu não ia a casa. Era medo, era medo de ir lá e de acontecer o que se passava na minha infância. Eles rejeitaram-me!.. e isso ainda hoje não consigo esquecer… estou melhor, já consigo falar com o meu pai, mas é difícil… e sei que cresci sem ele, mas que preciso dele… de colégio em colégio fui andando, a maior parte das vezes acabava por ser expulso, por causa dos meus comportamentos marginais… roubava as pessoas no colégio, não acatava ninguém, desrespeitava professores e vigilantes e era violento com os colegas… nos colégios por onde andei não me liguei a ninguém… só me ligava a quem consumia… dessa altura lembro-me que comecei a ter cada vez mais problemas. Já não ligava muito para os meus amigos. Tinha uma "chavala" e não ligava para ela. Tinha mau aspecto, mas não queria saber, não queria saber de nada. Só pensava naquilo. Só pensava em mais. Já não fazia mais nada… era mesmo a degradação… era o fim… acabei aqui, na clínica, já não me interessando por nada… nem por ninguém… já só queria morrer… vivia a drogar-me e a roubar para me drogar… se era certo ou errado?... nem sequer pensava nisso…

**Ilídio** (16 anos)

Ilídio é um jovem que, por decisão do tribunal, era residente numa Comunidade Terapêutica quando nos conhecemos. No seu trajecto de vida passou por três estruturas de socialização, incluindo esta Comunidade. Da primeira transição, família de origem para Colégio em regime de internato, Ilídio recorda, como motivos para esta decisão, os conflitos familiares vividos entre a mãe e a avó e a incapacidade da mãe para os criar a todos, sozinha. Até aos 10 anos considera que esse tempo foi bom, brincava com os irmãos e nunca tinha ido à escola.

Ilídio fala-nos da sua história de vida manifestando tristeza por não ter vivido com a mãe, por esta o ter entregado num colégio, por se sentir rejeitado, sublinhando que só à entrada do colégio a mãe o informou dessa decisão. Esta é uma história de vida onde o crescimento se realizou praticamente com substitutos parentais. Se nos primeiros anos de vida, por morte do pai, a mãe representou uma figura intermitente, o seu vínculo à avó materna não deixou de ser pautado por uma manifesta ausência de controlo sobre o seu processo de crescimento, favorecendo antes um modo de viver entregue à (má) sorte de não pertencer a ninguém.

Institucionalizado aos dez anos de idade, estabelece um vínculo mais consistente com a directora do colégio, mas revela sérias dificuldades em criar laços

com jovens da sua idade e com outros adultos. Quando nos conhecemos, Ilídio revelava uma grande incerteza quanto ao futuro, não sabendo muito bem o que iria fazer da sua vida. Tendo conhecido vários adultos e locais, acabou por não experimentar, nem durante a sua formação escolar, ligações especiais, o que de algum modo o deixou sem um sentimento básico de pertença. Realçando os tempos iniciais do colégio em que experimentava sentimentos de raiva face à mãe, não deixa todavia de sublinhar que o seu desejo é poder vir a obter o seu reconhecimento.

Tudo indica que, para se sentir vivo e superar os sofrimentos de uma história sem vínculos sólidos, sem afectos e sem oportunidades de construir o gosto por si, a idealização da mãe ausente constituiu a defesa que pôs em funcionamento, "como quem mantém viva a esperança de uma saída mágica"[130].

Reflectindo sobre a história deste jovem, pode deduzir-se que o sentimento de rejeição associado ao abandono por parte da mãe potenciou uma espécie de suspeição básica em relação à fiabilidade dos adultos, tornada extensiva a tudo ou todos que o rodeiam. Nas estruturas mais intervenientes na sua socialização secundária, não se chegaram a gerar as oportunidades para conquistar a confiança básica que permita acreditar nos adultos, para conquistar os recursos relacionais e escolares necessários para elevar a crença em si próprio, e delinear um projecto de vida. Não usufruiu de oportunidades para reparar uma estrutura psicológica profundamente marcada pelo vazio afectivo e modelos de relação inseguros e rejeitantes.

> "Quando nasci, vivia com o meu pai, a minha mãe e 9 irmãos, três mais velhos do que eu. (…) Tinha dois anos, quando o meu pai morreu com um ataque cardíaco… era muito pequeno… não me lembro do que senti… na altura, quem me disse foi a minha mãe, mas não me lembro dele. O meu pai não sei o que fazia, cresci sem pai, mas a minha mãe era cozinheira, num restaurante… entretanto, fomos todos viver com a minha avó, mãe da minha mãe, …em Campanhã, só trabalhava a minha mãe e a minha avó tomava conta de todos nós… era uma vida de dificuldades, de pobreza, mas eu lembro-me de me sentir bem… depois elas tiveram uma discussão, as duas, porque a minha mãe chegava tarde a casa e não ajudava nos trabalhos em casa, e a minha avó meteu a minha mãe fora de casa… nós todos … meteu todos em colégios. Dois em Matosinhos e eu e um irmão mais velho em Campanhã, no Centro Juvenil de Campanhã. Sobre os outros não sei. Eu tinha dez anos nessa altura… nesse tempo, em que vivi com a avó era bom. Dávamo-nos todos bem. Eu andava por lá com os meus irmãos e até ir para o colégio, com dez anos, nunca tinha ido à escola. No colégio estava com o meu irmão, um primo e um sobrinho … eu nem sabia da existência deste sobrinho, nem o conhecia. Foi ele que me disse que era filho de uma minha irmã… mas não sei o nome dela porque só descobri quando ele me disse…foi um tempo triste… eu e o meu irmão chorávamos muitas vezes… como eu já lhe tinha contado, a minha mãe tinha-nos abandonado… foi ela que nos levou, mas nem nos tinha avisado… não é fácil viver com esse sentimento… desse tempo, no princípio do colégio, lembro-me que foi difícil porque tinha saudades da

[130] Pedro Strecht, *Preciso de Ti*, op. cit., pág. 99.

> minha mãe, da minha avó e dos meus irmãos, mas ao mesmo tempo não conseguia deixar de sentir revolta porque a minha mãe nos tinha abandonado… sim, rejeitado… ela nunca mais nos visitou… mas eu também não quis mais saber dela…até hoje… eu era muito sossegado… muito só… no colégio fiz amizade… com a directora do colégio que gostava de mim, mas não me dei muito com amigos… era mais só com o meu irmão… mesmo quando fiz o curso de hotelaria não fiz amizades… não me dava mal com os outros, nem com os professores, mas… era eu …
> O meu pai afinal morreu, mas a minha mãe, eu sei que está viva… talvez quando eu sair desta clínica eu a vá visitar… talvez já tendo eu um trabalho… acho que se vai sentir orgulhosa deste filho… mas tenho medo, não sei se quero… é difícil este sentimento.

**Leonel** (14 anos)

Conhecemos Leonel numa Comunidade Terapêutica. No seu trajecto de vida conta a transição da família de origem para a comunidade de residência, bairro social, e desta para a Comunidade Terapêutica. Até aos 14 anos perdeu todos os elementos da sua família de origem, pelo que acabou a morar com amigos mais velhos no espaço de residência até vir, por indicação do Tribunal, para a Comunidade Terapêutica. As sucessivas perdas dos familiares que o atingiram constituem a referência que consegue incorporar no relato da sua vida. No que se refere à perda da mãe, ela vulnerabilizou-o a ponto de não a desejar referir enquanto acontecimento, mas transforma esse acontecimento num marco temporal em torno do qual organiza a sua história de vida.

Os sentimentos de raiva, desânimo, culpa, revolta e perda são referidos como os únicos que é capaz de recordar.

A história deste jovem recorda-nos o grande consenso que existe entre os estudiosos da toxicodependência a respeito da influência do funcionamento familiar sobre a predisposição para o consumo de drogas. Segundo estes, é fundamental reflectir sobre os problemas psicológicos específicos da adolescência em contextos sociais segregados, ou, dito de outro modo, será necessário compreender os problemas próprios dos adolescentes que não chegaram a ter infância, precisamente porque o processo de separação começou cedo demais, na própria infância.

Vítima de inúmeros traumatismos decorrentes das perdas do pai, da mãe e de um irmão, em curto espaço de tempo, o caso do Leonel parece ser um daqueles em que o «assassinato da alma» é a imagem mais poderosa da desestruturação psíquica e da desagregação interior que as vivências traumáticas de perda, separação e morte podem gerar. A brusquidão e violência dos acontecimentos inundam o aparelho psíquico de emoções tão fortes que interferem na capacidade do sistema

defensivo a ponto de este apresentar dificuldades para poder continuar a pensar, sentir e viver[131].

Nestas crianças, o vazio gerado pelo profundo e doloroso sentimento de perda, pode ser responsável por uma desagregação psíquica que não deixará de marcar o relacionamento futuro com elas próprias e com os outros.

Indicador pertinente da fragilização da sua estrutura psíquica na sequência dos acontecimentos traumáticos que, mentalmente pouco elaborados, refere de passagem no seu discurso é, a nosso ver, o predomínio de afectos como a raiva e o ódio e a violência invocada contra tudo e todos. É assim que somos levados a interpretar o seu discurso sobre o desejo de destruição, ou seja, a violência como uma forma de exteriorizar as tensões geradas pelos sentimentos de ansiedade, culpa e medo.

> "Quando nasci, o meu pai logo morreu na cadeia por causa da droga … porque vendia … vendia e consumia… Depois, fiquei com a minha mãe … e, depois, o meu irmão morreu … o meu irmão era mais velho mas não consumia. Depois aí roubei droga à minha mãe e tomei … a minha mãe vendia droga, não consumia. Não me lembro que idade tinha quando a minha mãe morreu, talvez 12 anos… depois dela morrer fiquei sozinho… sem família… morreram praticamente seguidos… passei então a viver com amigos, mais velhos, no mesmo local… era num bairro do Porto, no Aleixo…adultos que tomaram conta de mim… eles consumiam, traficavam e roubavam … foi com eles que vivi, que fiquei… não quero falar desse tempo depois que a minha mãe morreu. Não quero viver esses sentimentos... era sentimento de culpa, de rejeitado, sentimento de estar só porque não tinha a minha mãe perto, que falasse. Desde que a minha mãe morreu ……era de perda, sentimento de magoado… vivia revoltado… de raiva… andava no bairro e com eles aprendi a consumir… e outras coisas que não quero falar… sentia muita raiva e só me apetecia destruir tudo à minha volta…

**Bernardo** (17 anos)

Quando nos cruzamos Bernardo encontrava-se numa Comunidade Terapêutica. A sua vida construiu-se num rodopio constante entre mãe, tia e avó, mas as referências mais significativas, as verdadeiras ligações no sentido de trocas reais e profundas foram, até transitar para a referida Comunidade, construídas no gang que desde muito cedo dominou a sua vida.

Nasce em Aveiro e aos 12/13 meses vai viver com a avó materna, com quem fica até aos 3 anos. A mãe estudava e trabalhava e não podia ficar com ele. Aos 3 anos, depois de a mãe concluir o curso universitário de hotelaria, Bernardo volta a

[131] Pedro Strecht, *Preciso de Ti*, op. cit., pág. 91.

viver com a mãe, em Gaia, onde fica até aos 6/7 anos. Quando tem cerca de 10 anos vai novamente para casa da avó onde permanece até aos 14 anos. Nessa época, recorda, já tinha relações ambíguas com a mãe. Do pai recorda-se muito vagamente, na infância, mas passa a ter contactos esporádicos com ele, durante a adolescência. Sobre o padrasto refere não constituir para si uma figura significativa, bem pelo contrário, considera que o viu como um rival na relação com a mãe. A partir do momento que a mãe foi trabalhar para a Bélgica, durante um ano, reside com a avó. Todavia, a sua integração no gangue, de que há muito fazia parte, assumiu contornos tão graves que acabou por ter de vir tratar-se na Comunidade Terapêutica quando foi obrigado a apresentar-se em Tribunal, aos 15 anos de idade.

Este é, a nosso ver, um caso típico, de construção da identidade individual em total dependência da identidade social. É, de resto, um exemplo dos adolescentes com evoluções marginais que "vagueiam literalmente ao sabor do *grupo,* da *crew,* ou do *gangue*"[132] .

Com efeito, a história da infância do Bernardo aponta para a não existência de trocas afectivas significantes, para uma inadequada delimitação e interiorização de regras e limites, o que contribui de forma decisiva para que a sua adolescência fosse marcada por uma verdadeira carreira marginal. Com uma estrutura individual fragilizada, pobre de referências e afectos, a iniciação e adesão a um grupo marginal processaram-se paulatinamente, à medida que cumpria as tarefas que o grupo lhe ia atribuindo a fim de obter o seu reconhecimento.

Tudo indica que o gangue, onde desde cedo se viu envolvido, acabou por desempenhar um papel fortemente socializador, tanto a nível da sua organização psíquica como dos padrões de comportamento.

Com os elementos do gangue não somente aprendeu os procedimentos necessários para ser sucedido no consumo e tráfico de drogas, como adquiriu regras, valores e estratégias exigidas à sobrevivência do bando. Desenvolveu competências necessárias ao desempenho eficaz das tarefas requeridas ao exercício das práticas marginais e aprendeu a processar as racionalizações que permitiram superar os constrangimentos morais que o olhar da família, ainda que de modo inconsistente, lhe ia devolvendo sobre o seu modo de vida. Foi justamente no gangue que este jovem construiu uma identidade marginal, "conquistando" o acesso a um estatuto social reconhecido no grupo. O grupo constituiu o espaço de afirmação do seu valor pessoal, superando as dúvidas e incertezas que por vezes lhe foram surgindo quando interpelado pelos adultos do seu meio familiar sobre os seus comportamentos. No grupo encontrou o espaço relacional e simbólico para satisfazer a necessidade de

---

[132] Pedro Strecht, *Vontade de Ser*, Assírio & Alvim, Lisboa, 2000, pág. 87-89.

provar a si próprio o quanto era forte, retirando prazer das práticas marginais sucedidas, porquanto durante muitos anos não foram identificadas pelas autoridades.

> "Nasci em Aveiro, vivi com a minha mãe até aos 12/13 meses… foram-me buscar lá. … a minha tia … e passei a viver com a minha avó, em Gaia, até aos três anos. … A minha mãe estava a acabar um curso de hotelaria na universidade. … depois de acabar, passei a viver com ela até aos 6/7 anos… mas vivia mais com a minha avó do que com a minha mãe…. Vivia assim, ora cá ora lá… passei a adolescência sempre com a minha avó por perto… depois, mais ou menos aos 10 anos, fui outra vez para a minha avó, até aos 14 anos, porque já tinha muitos problemas em casa com a minha mãe … não sei dizer se me sentia ligado a elas… acho que nunca respeitei muito o que me diziam… porque já andava "agarrado" e tinha muitos problemas com a minha mãe… por exemplo, não deixava que me contrariasse, não aceitava as regras dela… quando falávamos, não respondia, mas só fazia o que eu queria … Depois, aos 15 anos, estava quase a fazer 16, a minha mãe saiu de casa. … depois eu passei a viver com a minha avó. (…) Com 16 anos, quase um ano passado, eu entrei para esta comunidade. A minha mãe não tinha possibilidades. Trabalhava e estudava e não podia estar comigo. A minha tia e a minha avó quiseram ajudar. É da parte da minha mãe… nesse tempo a minha mãe não vivia com o meu pai … acho que deixou o meu pai pouco antes de eu nascer, porque ele foi toxicodependente … consumia. (…) O tempo em que vivi com a minha mãe, entre os 6 e os 7 anos, foi um tempo de mais afecto, mais alegria em casa … até aos 8 anos. Aos 8 anos "agarrei-me" … comecei a consumir droga… queria fazer parte daquele grupo de amigos… todos mais velhos… queria ser como eles… sempre consumi até vir para aqui… e fui marginal… com eles aprendi muito do que sei na vida e com eles tirei muitos momentos de alegria…
>
> Acho que a minha família não queria ver, saber… claro que sabiam… mas tinham medo… medo da minha reacção… desconfiavam que eu me drogava… como já lhe disse, eu em casa calava-me mas depois vinha para a rua e só fazia disparates… agredia os outros, partia coisas, batia, era violento com todos… fui eu que decidi ir viver com a minha avó porque a minha avó controlava-me menos … a minha mãe controlava-me muito mais… assim podia levar a minha vida com o gangue sem que se apercebessem…
>
> Conheci o meu pai quando era pequenino … mas não havia aquele afecto … só a partir dos meus 8 anos, o meu pai quando soube que eu estava "agarrado" veio ter comigo … ele vivia com a minha avó e o meu tio … mas já não consumia há muitos anos… o meu pai faz um mês daqui a dois dias que morreu … o meu pai e minha mãe nunca viveram juntos …
>
> A minha mãe está na Bélgica há dois anos … foi trabalhar para uma empresa … a minha mãe viveu muitos anos com o pai da minha irmã … de 6 anos… nunca me dei bem com o companheiro da minha mãe… fui eu que acabei com a relação deles … chegou a um ponto de violência … não era bem violência … maus tratos … mas agora dou-me bem com ele … dou-me bem com todos … com a minha mãe nunca me dei mal, sempre me dei bem … é a pessoa que mais gosto no mundo … é ela e a minha irmã … a minha mãe foi sempre positiva para mim … a minha avó também … o meu pai também… Sentia ciúmes do meu padrasto … e um homem quando sente ciúmes … é terrível … perde a cabeça … eu passava muito tempo agarrado à minha mãe, aos abraços, e queria-a só para mim, e não o queria ali … e, por muito que eu estivesse com ela, nunca era suficiente, eu queria mais … e mais … e mais … e mais … nunca chegava …. A ele nunca o considerei nem pai nem padrasto, nada disso, era o Vítor …era intruso… eu tinha ciúmes e passei-me … comecei a stressar dentro de casa … mas não me

> lembro bem desse tempo … não sei se não me lembro ou se não quero lembrar-me…

**Clara** (15 anos)

Clara já passou por quatro estruturas socializadoras, incluindo a Comunidade Terapêutica onde nos conhecemos. A sua primeira transição verificou-se da família de origem para uma família de acolhimento. Os motivos desta primeira mudança estão relacionados com os maus tratos e o abandono físico e emocional a que esteve sujeita por parte da família biológica, razão pela qual foi entregue a uma família de acolhimento.

Bowlby[133] assinalou que os maus tratos e os cuidados parentais inadequados são factores determinantes na aprendizagem de comportamentos de vinculação insegura que, por sua vez, se podem repercutir em comportamentos anti-sociais na adolescência. A vida de Clara é um exemplo, muito nítido, de como a reiterada omissão dos pais bloqueou a satisfação das suas necessidades físicas e psicológicas básicas[134], podendo, mesmo, dizer-se que foi pautada pelo abuso emocional.

Os seus depoimentos sobre a vida familiar expressam o sentimento de ter sido sistemática e violentamente hostilizada pelas figuras parentais que, frequentemente, a confrontaram com a violência e a indiferença mais absoluta, a ponto de nem os alimentos lhe providenciarem.

Desde cedo conviveu com a imprevisibilidade e a negligência dos progenitores, assim como desde cedo enfrentou a angústia de não ser gostada pelos que lhe “deram” a vida. Uma crónica ansiedade, a insegurança e agressividade face aos outros são traços salientes na sua conduta.

Como Bowlby analisou, quando o mau trato acontece muito precocemente, as crianças são, não somente menos capazes de reconhecer as expressões emocionais dos outros, como manifestam um excesso de expressões negativas. Em termos sócio-emocionais, apresentam, com muita frequência, um padrão de vinculação desorganizado/ desorientado, em que o medo e a desconfiança face aos outros e a auto-desvalorização vão marcar o desenvolvimento das relações inter-pessoais. A ausência de confiança em si próprias e nos outros, para além de

---

[133] Bowlby (1951) cit. in Howe, David : *Attachment theory for social work practice*, Mcmillan Press Ltd., London, 1995.

[134] Madalena Alarcão, *(des) Equilíbrios Familiares, Quarteto Editora*, Coimbra, 2000, pág. 299.

condicionar o desenvolvimento da capacidade empática pode, sobretudo, quando associada ao fraco poder de regulação das emoções negativas, conduzir a níveis baixos de raciocínio moral e a formas moderadas de comportamento agressivo.

A combinação de uma falta de interiorização moral e de uma falta de confiança em si próprio e nos outros pode conduzir ao comportamento anti-social e criminoso grave quando não houver uma rede de relações de vinculação segura para compensar a ausência de experiências de relações precoces gratificantes.

Clara evidencia, em algumas das suas condutas, as consequências psicológicas típicas das vicissitudes da vinculação parental, designadamente na resolução das diferentes tarefas evolutivas necessárias a um desenvolvimento saudável. Os problemas de comportamento, absentismo, indisciplina e baixo rendimento escolar, comportamento agressivo e delinquente, o consumo de álcool e de drogas, as fugas de casa marcam, desde muito cedo, a vida quotidiana da jovem. No seguimento de Bowlby, outros autores têm assinalado a particular predisposição para o uso e abuso de drogas entre estes adolescentes e crianças que precocemente foram vítimas de maus tratos. Clara parece ser precisamente um caso em que o uso de substâncias psicotrópicas preenche a função de a ajudar a adaptar-se aos seus traumas precoces e a distanciar-se da realidade dessas experiências. Escapar emocional e psicologicamente a experiências precoces de abuso[135], procurar ganhar controlo sobre as experiências negativas de vida como estratégia de investimento para aumentar a auto-estima, tentar reduzir sentimentos de isolamento e solidão através da integração num grupo de pares e, por último, enveredar por um comportamento auto-destrutivo, derivado do baixo nível de auto-estima e dos sentimentos de vergonha e desamor, todas estas possibilidades foram assinaladas por diversos autores que privilegiaram a hipótese de existir uma relação entre vinculação precoce e consumos de drogas[136]. A história de Clara parece ser um caso explicável à luz destas abordagens.

> "Vivi em Valongo até aos 4 anos com os meus pais … depois, os meus pais abandonaram-me, rejeitaram-me e havia maus tratos e muita violência e fizeram queixa à Segurança Social e depois a Segurança Social tirou-me … puseram-me numa família de acolhimento. … a Segurança Social tratou do caso e os meus irmãos que são 4 também os puseram em famílias de

---

[135] Cathy Spatz Widom, Barbara Luntz Weiler Linda B. Cottler "Childhood Victimization and Drug Abuse: A Comparison of Prospective and Retrospective Findings" in Journal of Consulting Clinical Psychology, American Psychological Association, Inc., vol. 67, nº 6, 1999, pp. 867-880.
Downs, Miller & Testa, 1991; Gomes-Schwartz et al., 1985; Harrison, Hoffman & Edwall; 1989, etc.,…); (II) Cavaiola & Schiff, 1989; Downs et al., 1991,…); (III) , Testa, Miller, Downs & PaneK, 1992,…); (IV) Singer et al., 1989); (V) Green, 1978; Miller, 1993; Widom, 1994).
[136] Cit. in Cathy Spatz in Widom,; Weiler, Barbara Luntz ; Cottler, Linda B., op. cit., p. 868.

> acolhimento. … um deles, mais novo, foi comigo para a mesma família… e os outros … foi cada um para a sua. Lembro-me do meu pai a bater à minha mãe, a minha mãe a bater ao meu pai. O meu pai a bater –me e aos meus irmãos … a minha mãe … estava eu na cama , a atirar-me abaixo da cama e eu rachar a cabeça… havia muita agressão porque eles eram alcoólicos e todos os dias chegavam a casa bêbados. Muitas vezes … a minha mãe ia-se prostituir e deixava-nos aos cinco fechados em casa. E depois, a minha avó é que ia lá e deixava-nos comida na janela. O sentimento que me lembro desse tempo era triste…vivíamos no monte. Depois, a Câmara é que deu uma casa à minha mãe e mudaram para um bairro, mas quando eu saí de lá ainda vivíamos no monte … as relações mesmo importantes são a minha família de acolhimento … não quero estar com os meus pais porque acho que não vai ser bom para mim, porque me dão muita liberdade e a liberdade é perigosa para mim … ainda, para a idade que tenho … se os meus pais gostassem de mim … se se preocupassem mais comigo … eu já não os vejo para aí há 4 anos … eles são capazes de me ir ver naquele dia e depois ficam mais de um ano ou dois sem me ver, sem dizer nada … acho que, tirando o meu pai, porque eu gosto mais do meu pai do que da minha mãe, parece que ele tem afecto por mim … a minha mãe não gosta de mim e porque eu sei muitas coisas da minha mãe que se o meu pai soubesse até a matava … como, por exemplo, dela se prostituir … e ela pedia para eu não contar e eu nunca contei com medo … medo de dizer que acho que os meus pais não gostam de mim … penso que os meus pais não gostam de mim … ”
>
> “... já depois de estar numa família de acolhimento, eu comecei a ter comportamentos de faltar à escola, chegar a casa fora de horas, andar por aí, tinha por aí cerca de 12/13 anos e a minha técnica decidiu que eu ia para um colégio …e fui retirada desta família. Senti-me triste, triste, porque ela disse - me que só quando eu me portasse bem é que voltaria para casa. Até lá tinha que ficar no colégio. Os meus irmãos foram cada um para o seu colégio porque um deles também já estava a roubar os meus tios. …Nessa altura andava a roubar, chegava tarde, não ouvia ninguém, fumava tabaco, já bebia álcool … chegava às horas que queria … roubava fora e já cheguei a roubar em casa, dinheiro também … mas isso era mais para eu comprar coisas, brinquedos, *tamagochis*, *piercings*, guloseimas, também, colares e pulseiras …Mais ou menos, um ano depois de estar no colégio, eu fugi, fugi para Braga com uma colega e também já tinha começado a consumir …já tinha começado a traficar …

**Rui** (12 anos)

Conhecemos Rui na Comunidade Terapêutica. Nunca viveu com os pais. Mal nasceu a mãe entregou-o aos cuidados da avó, com quem residiu até aos 12 anos, momento em que ingressa na referida Comunidade.

Abandonado pela mãe e pelo pai, à nascença, foi entregue aos cuidados de uma avó que se foi revelando incapaz de lhe prestar os cuidados de que necessitava e de conferir um mínimo de ritmo e contenção ao seu quotidiano. Grande parte do seu tempo foi passada na rua, regressando a casa de noite, num padrão de comportamento pautado pelo desconhecimento de regras ou limites. Em geral tinha por companheiros dois ou três rapazes sensivelmente da sua idade ou um pouco mais velhos, os quais acompanhava em situações relacionadas com o consumo de drogas

e a realização de pequenos furtos. Rui revela, ao longo dos nossos encontros, uma elaboração mental incipiente sobre os acontecimentos que marcaram a sua história de vida.

Dando prova de sérias dificuldades em manifestar alguma auto-censura ou sentimento de culpa, devolve a sua história numa sequência de episódios sucessivos, num discorrer de experiências absorvidas parecendo, contudo, não ter consciência do impacto emocional que elas podem ter gerado[137]. De resto, no seu discurso não há lugar para adultos que lhe tenham demonstrado afecto ou valorizado alguns dos seus comportamentos. O adulto com quem diz querer viver, o tio que reside na Holanda, é o adulto que lhe permite fazer só o que gosta…brincar. A rejeição das regras é preponderante no seu discurso.

Com um mundo interno povoado por memórias onde prevalece a ausência de carinhos e afectos, a não valorização do seu comportamento e a incompreensão de ter sido rejeitado pelos seus progenitores, pensamos que a idealização que desenvolveu sobre a relação com a mãe é o mecanismo que encontrou não só para sobreviver, silenciando o sofrimento que o atinge, como que para reparar todas as fragilidades da sua auto-estima.

A quase total ausência de vínculo parental, já que mesmo na avó não encontrou um substituto adequado dos pais, impediu o desenvolvimento de sentimentos de protecção e de reconhecimento necessários à sua existência social. A vida de rua acabou por se tornar no marco essencial da construção da sua identidade. Junto dos companheiros da vida de rua procurou alimentar sentimentos de protecção e pertença, neles depositando a esperança de conseguir enganar uma solidão que significava a pouca importância e o pouco valor que os outros, para quem deveria contar – pai, mãe, avó, tios – lhe atribuíam.

> Nasci em Lisboa, a minha mãe pariu-me. (…) disse para a minha avó ficar comigo até eu crescer… a minha avó aceitou… o meu avô separou-se da minha avó e disse: quem faz filhos é que os deve criar… depois a minha avó disse: então, separamo-nos… e criou-me até eu crescer… Depois, fazia maus comportamentos… eu não gostava dela … eu fugia sempre de casa … Depois, um dia, disse para a minha avó que ia beber um bocadinho de leite e saltei de uma janela e fugi de casa… a polícia não me apanhou … eu é que voltei. (…) voltei a fugir de casa… saltei da janela do 1º andar, depois dormia na rua… depois uma senhora tomou conta de mim… deu-me de comer… e roupa… e tomei banho… e depois eu disse que não queria ficar lá e fugi pela janela. Depois fui ter com um amigo meu que foi para a casa da namorada. Eu fui com ele e fiquei cá em baixo à entrada e ele disse para tomar conta quando a mãe dela chegasse. Depois adormeci, então, entrou um senhor do prédio e perguntou o que eu estava a fazer e eu disse que estava à espera

[137] Pedro Strecht, *Preciso de Ti*, op. cit., pág. 66.

> de um amigo. Então o senhor subiu e depois chamou a polícia. Depois a polícia levou-me para a esquadra e para um colégio e fiquei lá só uma noite e manhã. Deram-me de comer e depois a polícia levou-me à casa da minha avó e preparamos as coisas porque a polícia disse que eu vinha para um colégio, a clínica. Foi há cinco meses e dez dias.
> Não gostava muito da vida na casa da minha avó porque aquele bairro tinha mau ambiente e uma vez a minha avó mandou-me uns dias para a Holanda onde vive um tio meu, ele disse para eu ficar mas a minha avó não queria mas o meu tio não queria que eu viesse porque cá havia mau ambiente… com o meu tio eu gostava de estar… andava a brincar, jogar *playstation*… não gostava da minha avó porque, às vezes, me batia e porque, às vezes me dava muitas regras e havia lá visitas e eu tinha que lavar a loiça… e ela dizia que se eu lavasse, depois, me deixava brincar… ela dizia assim: faz as coisas e depois vais para a rua… não me lembro de me dar carinhos… a minha mãe está no Algarve… já estive algumas vezes com a minha mãe… vi-a às vezes, até já fui ao Algarve, uma vez estar com ela… agora, a minha mãe está presa e já não a vejo… traficava droga e consumia haxixe… não sei porque é que a minha mãe me entregou à minha avó… a minha avó nunca me disse porquê… eu acho que não tinha dinheiro para me sustentar… o meu pai tinha dinheiro… só que ligava mais aos outros filhos que a mim… só o via uma vez por mês… ele ia uma vez por mês a casa da minha avó e dava-lhe cinquenta euros para fazer compras. (…) Os meus pais viveram sempre separados… o meu pai teve duas mulheres… e filhos das duas… só que o mais velho com 22 anos e uma rapariga de 16 anos são da outra mulher. Eu conheço-os, vi-os porque fui uma vez passar o Natal com eles… sentia-me melhor com a minha mãe, com a minha mãe é que eu desabafava e que ela dava mais carinho… até tive com a minha mãe uma vez no Algarve… gosto de muita gente menos do meu pai… gosto também dele mas às vezes é uma seca… tenho que ir à igreja com ele, porque às vezes sai e fico em casa, às vezes não deixa dinheiro para comer… esquece-se… ou não quer dar… como disse a si eu gosto deles todos, pai, mãe, avó, tias, e eles sempre gostam de mim, mas quero é viver com o meu tio na Holanda…

**Júlia** (17 anos)

Conhecemos Júlia na Comunidade Terapêutica onde residia há 10 meses. Júlia foi para a comunidade por decisão da Direcção de um colégio/lar da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, lugar onde cresceu desde os três anos de idade. Nunca viveu com os pais nem com a irmã, mais velha do que Júlia três anos.

Até aos dois anos Júlia viveu com os avós, a quem foi entregue pela mãe logo que nasceu. Com dois anos passou a frequentar um primeiro colégio, lugar onde só residiam crianças pequenas da sua idade. Aí permaneceu durante um ano. Depois transitou para outro colégio, onde esteve até vir para a Comunidade Terapêutica.

Ainda que tenha conhecido, até aos dois anos, uma relação afectuosa com a sua avó, o contexto relacional em que viveu não parece ter propiciado o estabelecimento de interacções afectivas com a estabilidade necessária para que possa empreender, com segurança, as tarefas do crescimento. Como referem os teóricos desta fase inicial do desenvolvimento, tais interacções não só são

responsáveis pela formação de um sentido de identidade, de vontade de ser, da capacidade de afirmação, como permitem que a criança aprenda a controlar e modular o seu comportamento e os seus sentimentos[138].

A institucionalização aos dois anos de idade veio agravar ainda mais as privações afectivas de Júlia. Esta ruptura da ligação mais significativa que até aí vinha criando, com a sua avó, ampliou a probabilidade de Júlia não poder construir a relação de confiança básica nos adultos e na vida que predispõem a criança a aprender a suportar a necessidade de esperar e, mais tarde, a gostar de ir à escola e aprender.

Impedida de se envolver em interacções duradouras e consistentes, quer em matéria de segurança afectiva, quer no que respeita à introdução do princípio da realidade, Júlia parece ter desenvolvido uma grande fragilidade no domínio do controlo das emoções, manifestando, desde cedo, dificuldades em lidar com a mais pequena frustração. Aborda as tarefas da adolescência dominada por um sentimento, muito mais consciente, de abandono e rejeição que, por permanecer largamente incompreensível, gera a raiva e a revolta que a levam a precipitar as rupturas não somente com a mãe e a irmã, como com as próprias normas sociais. As fragilidades do Eu que logo na primeira infância se foram instalando, na sequência de uma comunicação com os adultos pautada por padrões de abandono ou de presença de qualidade distorcida, estabelecendo as bases para os padrões futuros[139], não foram reparadas no contexto institucional. Acabaram pois por reforçar na adolescência, comportamentos de fuga e desligação, estados de humor frequentemente instáveis e sentimentos variando entre a excitação e a tristeza. O comportamento ambivalente que desenvolveu face à sua mãe não só é indicador da fragilidade do laço de filiação como sugere a dificuldade de se libertar de uma imagem identificadora com alguém que, apesar de tudo, constitui ainda um adulto significativo.

> " Até aos dois anos estive com a minha avó. O meu avô era alcoólico e batia-me a mim e à minha avó, quando bebia… Batia também à minha irmã quando, de vez em quando, ela ia lá dormir… Eu não sei se fiquei algum tempo com os meus pais, só sei que eles me entregaram à minha avó. A minha irmã vivia na altura com a minha mãe e o meu pai. Mas também foi por pouco tempo… vivi desde que nasci com a minha avó porque a minha mãe teve-me com 23 anos e só queria festas. A minha mãe não se drogava nem bebia, ou melhor, drogava-se mas com produtos como haxixe… mas o meu pai era consumidor e fazia grandes festas lá em casa onde consumia droga e álcool com os amigos… o meu pai morreu quando eu tinha três anos. Morreu de droga. Nunca vivi com os meus pais, mas tinha medo dele.

---

[138] Pedro Strecht, *Vontade de Ser*, op. cit., pág. 130.
[139] Bowlby (1951) cit. in Howe, David : *Attachment theory for social work practice*, op. cit., p. 35.

Não o deixava tocar-me. Ele também às vezes batia na minha mãe… A minha mãe trabalhava numa fábrica, não sei de quê, e o meu pai era professor de Kung-Fu. Não sei se havia dificuldades económicas…mas devia haver porque eles gastavam muito… A relação com a minha mãe foi sempre complicada. Mais tarde, aí por volta dos meus treze anos, retomei o contacto com ela. Houve um tempo em que a minha mãe nos recebia, a mim e à minha irmã, aos fins-de-semana porque eu e a minha irmã tentamos aproximar-nos dela, mas ela só ligava à minha irmã, ou então punha-me a tomar conta do meu irmão (filho da minha mãe e do meu padrasto). Depois, numa discussão com a minha irmã ela disse-me que eu não tinha sido planeada, que nasci por acaso. A minha mãe confirmou. Entretanto deixei de querer ir à minha mãe, e a minha irmã também…a minha mãe não nos ligava, éramos só nós que telefonávamos, e por isso decidi "cagar" para ela…eu ficava triste, revoltada, não percebia porque é que ela não queria saber de nós… isso foi sempre uma coisa que me magoou…mas eu tinha de ser eu… tinha de ir para a frente… e foi no colégio, quando cheguei à adolescência que de repente tudo se mudou…eu estava farta de fazer o que os outros queriam…eu queria ser eu… e não queria mais saber dos outros… estava farta de ser mandada… não suportava mais ser contrariada…a minha mãe não queria saber de mim…"caguei"…

Do tempo em que vivi com os meus avós lembro-me que fui muito acarinhada pela minha avó… eram os dois reformados. O meu avô sempre trabalhou na construção civil e a minha avó tinha sido empregada doméstica em casas de pessoas ricas. Não me faltava nada, mas também não havia muito dinheiro. Quando eu tinha nove anos o meu avô morreu com cancro da bexiga. O ambiente em casa era bom durante o dia, mas à noite era mau porque o meu avô bebia muito, era alcoólico. Nessas ocasiões ele agredia fisicamente a minha avó e eu lembro-me disso. A mim acho que só me bateu uma vez porque ele gostava muito de mim… Houve três razões principais pelas quais a minha avó nos pôs no colégio, a mim e à minha irmã. Uma foi essa, por o meu avô ser alcoólico e pelas cenas que havia de agressão. A outra foi porque o meu avô tinha cancro, tinham muitas vezes que se deslocar ao hospital, não tinham com quem nos deixar. Mas para além disso, a minha avó teve que ajudar outras netas e não havia dinheiro para nos sustentar a todos… sempre fui uma menina que gostava de fazer o que queria. Não gostava de ser contrariada e isso, mais tarde no colégio, não foi muito bom para mim… mas acho que também foi porque a minha avó quis compor o que me faltou… pais… então dava-me muita atenção… da minha mãe acho que comecei cedo a ter raiva… mas as coisas foram melhorando (…) às vezes…mas também acho que sou parecida com ela… não gosto que me digam não, mas também não aprendi a dizer não aos desafios… ao que é diferente… sempre gostei de experimentar de tudo… sem limites…

**Virgílio** (13 anos)

Há 5 meses numa Comunidade Terapêutica, Virgílio veio por decisão da Direcção do Lar onde se encontrava, com a anuência da mãe. Verbaliza ter algumas dificuldades em falar de si, mas manifesta o desejo de participar na entrevista, começando por referir que nasceu numa prisão onde a mãe cumpria pena por assassinato. Do pai, que desconhece, pouco quer falar, mas adianta que

é traficante e que já esteve duas vezes preso. Sobre a sua vida diz que se pode traduzir num poema que “inventou” para ser cantado em ritmo “Rap”.

> “Pouco amor e pouca graça
> Trancado num quarto
> Não lamentava o amor nem a desgraça
> Foi assim que eu me aguentei
> Destino cruel, destino diabólico
> Tu não imaginas o que é ter um pai alcoólico
> Mãe que sofreste, mãe que ainda choras
> Mãe que me criaste
> Mãe que ainda me adoras.
> Escola da vida
> Nunca deu resultados
> Apenas aflições
> E momentos descontrolados
> Eu quero esquecer
> Mas não sou capaz
> Porque o passado não me deixa em paz
> Trágicas memórias
> De um puto que sofreu
> E esse puto sou eu.”
> (Virgílio)

Durante toda a nossa conversa, Virgílio mostra claramente que as circunstâncias muito particulares da sua entrada na vida suscitam nele uma enorme vergonha, tão grande a ponto de afirmar que não quer sequer saber o que levou a mãe a praticar um crime, que jamais lhe irá perguntar. Um pouco como se esta quase negação da realidade pudesse preservar um pouco a imagem da mãe cujo amor continua a idealizar.

O seu testemunho leva a perguntar até que ponto é positivo para a criança, que nasce nestas condições, permanecer num contexto tão estigmatizante, tão carregado de desvalorização, tão separado da vida “normal” no pressuposto de que um bebé não deve ser separado da sua mãe biológica. A questão de saber o que é aconselhável para as crianças de mulheres que foram penalizadas com longas sentenças foi debatida por vários teóricos, sendo relativamente consensual o reconhecimento da necessidade de criar regimes alternativos à detenção em estabelecimento prisional, consoante as idades das crianças e o tempo de pena das mães[140].

---

[140] T. Berry Brazelton e Stanley I. Greenspan: *A Criança e o seu mundo- requisitos essenciais para o crescimento e aprendizagem* - Editorial Presença, 5ª edição, Lisboa, 2006, pág. 63 e 64.

Há bons motivos para pensa que os comportamentos que Virgílio desenvolveu na adolescência traduzem uma grande fragilidade psíquica, não sendo mais do que tentativas de escapar a um profundo mal-estar interior, ainda que pouco consciente para ele próprio[141].

Assumindo claramente que a sua vida foi perpassada por sentimentos de insatisfação pessoal, tristeza, insegurança e desvalorização, Virgílio é um dos casos típicos de adolescentes cuja vida quotidiana é dominada por padrões de comportamento impulsivos, orientados para a busca de uma resposta imediata aos desejos interiores, fruto de uma baixa tolerância à frustração e de total ausência de reconhecimento de qualquer autoridade, na escola como no contexto familiar.

Tendo crescido sem um ambiente familiar de referência, sem laços afectivos consistentes, num contexto pautado por uma muito escassa comunicação entre adultos e crianças, pela inconstância na definição de regras e limites, a sua vida de criança foi marcada por um vazio afectivo, particularmente propício aos sentimentos de desamparo, insegurança e tristeza.

Os seis primeiros anos da sua vida foram expostos a uma visão distorcida da realidade, à inversão da escala de valores, desde logo porque as únicas experiências afectivas que conheceu ocorreram com adultos significativos que cometeram crimes de morte. Não surpreende então que a entrada no contexto escolar possa ter sido vivida como um choque brutal, pondo em causa a sua identidade e mergulhando-o em dolorosos sentimentos de vergonha e inferioridade social.

A história de vida deste adolescente faz também ressaltar a particular importância que o grupo de pares pode adquirir na adolescência para amparar a fuga da tristeza e os movimentos de revolta, através dos quais o jovem tenta iludir a fragilidade ou a distorção da sua auto-imagem. De resto, o trajecto deste jovem é bem demonstrativo de como na sequência de uma auto-imagem negativa surgem o desinvestimento na aprendizagem escolar e na construção da relação com outros e, por fim, as práticas destrutivas, quer em relação ao próprio quer em relação aos outros. Parece-nos que este caso torna bem evidente como os comportamentos de fuga ao sofrimento, para tentar anestesiar a dor psicológica insuportável provocada pela carência de investimento afectivo e de imposição de regras e limites, conduzem a práticas auto-destrutivas.

> "Tenho 13 anos, sou de Lisboa, nasci numa prisão onde a minha mãe se encontrava. A minha mãe estava presa porque matou uma senhora. Não sei porque foi assim a vida da minha mãe… não sei nem nunca vou-lhe perguntar porque é que ela teve as atitudes com aquela pessoa que depois

[141] Pedro Strecht, *Vontade de Ser*, op. cit., pp. 132-136.

matou. Da vida da minha mãe antes de eu nascer não sei nada, a não ser que a relação com o meu pai foi muito pequena. Nunca cheguei a conhecer o meu pai. Do meu pai não quero falar… não o conheci. Não gosto dele, nunca quis saber de mim… não sou eu que o vou procurar… nem põe dinheiro no banco para mim… ele tinha de o fazer. Olhe, do meu pai sei que é traficante, vende drogas, nasceu em Cabo Verde mas agora está em França… pelo menos estava… tem vários filhos e uma mulher cá, a quem deu um carro. Tenho cinco irmãos, uma da parte de mãe e outros quatro da parte de pai. Também sei que já esteve preso, duas vezes. Foi preso uma vez porque matou e a outra vez porque o apanharam com droga, muita droga.

A minha mãe continuou presa, vivi lá com ela até aos 6 anos. Desse tempo não quero lembrar-me, sinto-me mal… sinto-me inferior às outras pessoas que nasceram num sítio normal… tenho vergonha… lá na cadeia a minha vida era normal e um bocado lixada… uma vida normal? Sim, era como a dos outros bebés. Uma vida lixada porque estava preso e só… só com a minha mãe. A minha mãe não tinha muito tempo para mim, eu estava pouco tempo com a minha mãe, porque lá tinha regras e… não me lembro mais… só sei que não podia estar com a minha mãe quando queria. As memórias que eu tenho desse tempo são de pouco amor e pouca alegria. Fechado num quarto, não me lamentava, estava triste com uma educadora, às vezes duas ou três, e outros dois meninos. Não tinha amor, de outros adultos, só da minha mãe… era um tempo tão triste que olhe, quando fui para casa da minha tia não era capaz de dormir sozinho…

Com aquela idade fui viver com uma tia …. Nessa altura, quando a minha mãe estava presa, a minha irmã da parte de mãe, mais velha do que eu, estava a viver em França em casa de um tio… quando fui viver com a minha tia fui também para a escola mas comecei a fazer "porcaria", comecei a fazer "merda" … primeiro na escola, comecei a faltar às aulas, não acatava ninguém…a escola não era o meu mundo… e comecei a ter amigos negativos que roubavam e comecei a roubar com eles. Roubávamos carros… depois fizemos um "gangue", o "gangue das seis e meia".

Quando a minha mãe saiu da cadeia fui viver com ela e com a minha irmã. A minha mãe trabalhava mas não me pergunte em quê porque eu não sei. Vivíamos num bairro…era um bairro só de pessoas negativas…fumavam ganza, havia tiroteio, traficavam … um gueto, sabe, um gueto…Um dia, como eu sempre continuava a fazer "porcaria", um dia a minha mãe e um meu tio trancaram-me numa despensa, para me "acalmar" e eu rebentei com a porta e fugi e só pensava em matar-me… eu queria matar-me… nunca pensei que a minha mãe me fosse fazer isso na vida…eu achava que ela gostava de mim… mas como ela me trancou eu comecei a pensar que a minha mãe não me queria, que não gostava de mim…dizia que eu não lhe dava sossego na vida… e então eu dizia para mim, ai é isso que queres, pois então já vais ter sossego, vou-me matar. O meu padrasto, que não vivia connosco, foi atrás de mim e eu sempre a fugir, fugir, fugir… e ele não conseguiu apanhar-me. Sabe, eu era um revoltado mas não gostava da vida que estava a ter… era uma vida de ladrão, uma vida de perdição. Mas foi o que aprendi no lugar onde vivi. Não falo da prisão, falo do bairro… Desse tempo da prisão nem quero falar… era triste…

Bem, então, fui ter à escola e quis falar com a minha psicóloga mas o porteiro não me deixou entrar. Então eu saltei o portão da escola e fui ter com ela…ela perguntou-me como eu tinha entrado e eu menti, disse que manipulei o porteiro e que ele tinha permitido, deixou-me entrar… quando falaram à minha mãe ela pediu que me internassem de emergência num lar, ou em qualquer sítio que ela já não me aguentava. E assim fui, levado pela polícia. Tinha na altura 12 anos.

**Juliano** (16 anos)

Cruzámo-nos com Juliano na Comunidade Terapêutica onde se encontra há cerca de um ano. Veio por decisão do Tribunal por ter processos acumulados de roubos e outros comportamentos desviantes. Convidado a falar sobre a história da sua vida, Juliano começa por sublinhar a doença da mãe e a ausência de pai, circunstâncias essas que obrigaram a que fosse viver com outra família amiga da mãe, entre os dois e os nove anos. De seguida, realça a mudança de residência e o facto de ter ido viver para um bairro, como outro acontecimento muito negativo da sua curta história de vida.

Residente num território onde a transgressão não era objecto de manifestações de mal-estar colectivo, constituindo antes um elemento de uma subcultura juvenil, forte era a probabilidade de Juliano iniciar precocemente práticas marginais. Neste contexto propício à estigmatização ligou-se a um grupo de jovens na busca de reconhecimento por parte dos pares e de laços que pudessem conferir sentido à sua existência de criança rejeitada pelo pai. Foi adoptando um estilo de vida que quebrou a intimidade inicial entre a mãe e os filhos e a possibilidade de partilhar e avaliar os bons e os maus momentos. Cedo começou a isolar-se, deixou de partilhar sentimentos e dificuldades com a mãe, desenvolvendo paralelamente estratégias de evitamento para poder prosseguir com as práticas de consumo sem vir a ser descoberto por ela.

Ainda que o contexto familiar fosse propiciador de uma certa estabilidade e segurança material, a instabilidade e a desesperança inscritas no habitat reforçaram a necessidade de se juntar ao grupo que poderia proporcionar poder e protecção. A partir daí mais difícil se tornou superar construtivamente as frustrações da infância e da adolescência, mais longínqua a possibilidade de se envolver em relacionamentos que promovessem o cumprimento das normas de convivência social. É no grupo de pares, pelo desenvolvimento de modos de estar ajustados às expectativas do grupo, que cada vez mais o jovem espera alcançar um estatuto social reconhecido.

> "Quando nasci vivia com a minha mãe, mas ela teve um acidente de mota e ficou paraplégica e eu, com dois anos, fui viver com uma amiga da minha mãe a quem chamava tia. Embora tenha mais cinco irmãos só vivi com o meu irmão gémeo. Os outros estavam distribuídos assim: três estavam em colégios e uma minha irmã estava com o meu pai. Os meus pais separaram-se antes de eu nascer, por isso eu nunca conheci o meu pai. Só desde que estou na Comunidade Terapêutica é que estive com ele.
> A minha mãe, apesar de nunca estar com o meu pai, aguentava a casa. Ela trabalhava como segurança no XXX e vivíamos bem. Sobre o que fazia o meu pai, nunca soube. Sei é que não dava dinheiro nenhum à minha mãe.

> Eu nunca quis saber nada do meu pai e sabe porquê? Por que a minha mãe me contou a história dela e contou-me que o meu pai me rejeitou. Então eu decidi para mim que não iria querer saber dele mesmo que ele aparecesse. Saber-me rejeitado revoltou-me e fez-me sentir grande tristeza. Disse para mim mesmo que nunca iria contar com ele para nada… só poderia ter a minha revolta e a minha raiva.
> Como a minha mãe foi internada no hospital de Alcoitão, decidiu que eu e o meu irmão gémeo íamos viver enquanto fosse necessário com uma família amiga, a tal senhora a quem tratávamos por tia…era uma casal com três filhos mais velhos do que nós. Tinham um negócio de "ferro velho". Vivi nesta família até aos 9 anos, durante todo o tempo de recuperação da minha mãe. Vivi bem, gostava de lá estar, era bem tratado e tinha tudo o que precisava… era um tempo muito "fixe"… havia tempo para tudo. Eles eram do Norte, sabe, e viviam tipo à moda antiga, quer dizer, tinham uma casa boa, com lareira, e era preciso ajudar nas tarefas em casa. Todos ajudavam…nós e os meus primos, todos ajudavam… havia harmonia… era muito bom ambiente. Andava na escola e tudo corria bem…aos 6 anos entrei para a primária e fiz até à 4ª classe ainda em casa deles.
> A partir dos 9 anos fui viver com a minha mãe. Apesar dela andar de cadeira de rodas, sempre foi uma mulher muito forte e destemida e fazia tudo. Aprendeu a lidar com a sua doença e a ser, dentro dos possíveis, muito independente. Mas os problemas comigo começam a partir desse momento, quando tivemos de ir viver para um bairro… sempre foi um bairro com muito mau ambiente… ainda hoje é um lugar de muitos conflitos, assaltos, violência, roubos e tráfico de droga… ainda valeu o ambiente familiar que era bom… a minha mãe é e sempre foi uma pessoa muito preocupada comigo e com o meu irmão… estava sempre atenta a ver se havia algum problema e sempre que tomava conhecimento de algum, como por exemplo de faltar às aulas, ela ia à escola e depois sentava-me no colo dela e falava comigo. Nunca houve violência em casa nem agressões… como estava a dizer, foi por volta dos nove para os dez anos que começaram os meus problemas e eu acho que teve a ver com a vinda para este bairro e eu ser muito impulsivo e revoltado. Aos 10 anos estava a frequentar o 5º ano e ia para a escola que ficava dentro do bairro. Passei para o 6º ano sem negativas, mas foi nesta fase da minha vida que começaram os primeiros consumos, comecei a deixar de ir à escola e a ter um grupo de amigos com quem fazia a minha vida…já não cheguei a concluir o 6º ano…"

**Manuel** (18 anos)

Conhecemos Manuel na Comunidade Terapêutica, onde residia há cerca de 18 meses. Tendo ingressado por solicitação do pai, Manuel apresentava já uma trajectória de vida marcada por muitos roubos, furtos, consumos e tráfico de drogas. Filho de pais alcoólicos, refere ter resistido mal à sua separação, sublinhando ainda nunca ter conseguido perceber o motivo pelo qual os pais se separaram e nunca ter conseguido falar desse acontecimento com eles. Da sua história de vida realça um clima relacional marcado pela ausência de comunicação com os adultos que assumiam os papéis parentais, onde nunca pôde falar dos seus medos, sentimentos e emoções, nem tão pouco do que poderia ser o seu futuro. Relata, ainda, uma vida de "vai vem" entre Açores e

Canadá, entre mãe, pai e avó, para a qual nunca descobriu o sentido. Não falavam com ele, nunca lhe diziam porque tinha de ser assim. A sua vida parece estar marcada, desde muito cedo, por um crescimento sem interlocutores, em que os laços com outros significativos são ténues ou, mesmo, ausentes. Da sua infância recorda ter sido muitas vezes punido pela mãe embora a inoportunidade de alguns castigos se devesse ao facto de a mãe se encontrar alcoolizada, emocionalmente muito instável. Tudo parece indicar que estamos perante uma situação em que a fragilidade dos laços familiares, a ausência de modelos consistentes e a inexistência de comunicação afectiva foram responsáveis por uma iniciação precoce no consumo de drogas e outras práticas marginais. Com uma vida interior marcada por forte escassez de afectos e de referências significativas em matéria de regras, limites e laços sociais, a fragilidade da sua estrutura individual tornou-o fortemente vulnerável, no início da sua adolescência, a formas de vida marginais. Manifestação de fuga e simultaneamente tentativa de reorganização interna, é no grupo de pares que procura experimentar sentimentos de reconhecimento e valorização de si próprio. Inseguro de si, com uma baixa auto-estima, confrontado com a desvalorização e, por último, a rejeição da mãe, foi nos laços de amizade temporária que começou a estabelecer que procurou a superação das suas inseguranças, provando a si mesmo o seu valor pessoal.

> Nasci no Canadá e tive uma infância junto da minha mãe, do meu pai e de uma irmã mais velha, até aos 6 anos. Nesta idade os meus pais separaram-se e fui com a minha mãe viver para os Açores, em Fenais da Ajuda, em S. Miguel. É uma freguesia com muita gente envolvida em drogas. Não é freguesia boa. Aí vivi a minha vida até aos 9 anos, com a minha avó, a minha mãe e uma irmã mais velha. Desse tempo lembro-me que vivíamos com muitas dificuldades económicas. Quando vivi nos Açores, a minha mãe trabalhava como empregada de limpeza no Centro de Saúde. Aos 9 anos regressei com a minha mãe ao Canadá e fiquei lá até aos 12 anos. No Canadá, a minha mãe trabalhava como empregada de limpeza num hotel, mas tínhamos ajuda do Welfare, tínhamos um subsídio tipo da Segurança Social para ajudar a viver. Vivíamos numa zona muito distante da cidade onde a minha mãe trabalhava. Era em London/Ontário. Vivíamos num prédio onde havia muitos, muitos apartamentos, mas não havia confusão entre os vizinhos. O apartamento onde vivíamos era bom, chegava para os dois. Era uma zona mais ou menos, não muito pobre, mas muito afastada. Já a minha mãe vinha de uma família que vivia em situação pobre. A minha mãe foi adoptada por uma tia-avó porque a minha avó verdadeira tinha sete filhos e não tinha dinheiro para os criar.
> O meu pai trabalhava, e ainda trabalha, em agências de viagem. Do meu pai pouco sei. Sei que tenho duas meias-irmãs… uma irmã, praticamente da minha idade, é filha de uma relação que o meu pai teve enquanto estava casado com a minha mãe. Outra, mais nova, é filha de uma outra relação do meu pai, já depois de estar separado da minha mãe. Depois de regressar aos Açores, aos 12 anos, fiquei a viver com a minha tia-avó e, mais ou menos nessa idade, a minha mãe abandonou-nos, arranjou um

> companheiro e foi viver para a América. Eu fiquei só com a minha avó adoptiva porque a minha irmã que já tinha 20 anos já tinha saído de casa.
> Do tempo em que vivi com a minha mãe lembro-me que foi uma infância turbulenta… a minha mãe tinha graves problemas de depressão e esgotamento e era uma consumidora de álcool… desse tempo lembro-me ainda que não percebia muito bem a vida que levava, porque andava a viver entre Açores e Canadá… lembro-me de ser um tempo difícil, com falta de dinheiro para muitas coisas, mas não passamos fome… lembro-me de a minha mãe só estar comigo à noite, de pouco falarmos e de muitas vezes me dar castigos, sobretudo quando estava sob o efeito do álcool… a relação com a minha mãe era… acho que estávamos um bocado afastados, mas ela também me dava carinhos… até que nos abandonou…
> Eu não sei porque é que eles se separaram mas nunca aceitei bem esse acontecimento… ainda hoje acho isso… podia estar bem com eles os dois, mas nunca a minha mãe me quis explicar os motivos da separação… eu tentei falar com ela sobre o assunto mas ela não falava… falar de gostos ou sentimentos nunca era possível… com o meu pai nunca toquei no assunto… acho que não havia espaço… embora ao longo da minha vida estive todas as semanas com o meu pai… ele ia ter comigo e com a minha irmã aos fins-de-semana e nós saíamos com ele.
> A partir dos 14 anos fui viver com o meu pai porque ele quis e eu também e, daí para a frente, até vir para a Clínica, com 17 anos, passei a vida entre a casa do meu pai e da minha avó adoptiva. A vida com o meu pai foi correndo mais ou menos bem, mas às vezes também era difícil porque ele também consumia álcool… chegou a fazer tratamentos… mas nos três últimos anos a minha vida complicou-se muito…
> Eu já tinha começado a consumir "ganza" aos 11 anos, foi com essa idade que comecei a ter os primeiros comportamentos delinquentes… acho que porque eu era só, quero dizer, fazia o que bem queria e não havia consequências… eu era dono e senhor da minha vida… mas então a partir dos 14 anos é que já ninguém tinha mão em mim, não havia regras que eu respeitasse e os limites que me queriam impor só respeitava às vezes… mas nada me acontecia…fiz-me à vida… passei a viver para consumir e traficar drogas, para ter o meu negócio…

**Leonardo** (16 anos)

A primeira vez que nos encontrámos com este jovem, residia numa Comunidade Terapêutica há cerca de dois meses. Aí tinha ingressado por decisão do Tribunal e a pedido da sua mãe.

Logo no início do relato da sua vida Leonardo refere como um acontecimento significativo o seu pai ter querido vendê-lo. São várias as referências a um pai ausente que assume como fonte de sofrimento. Sobre a mãe este jovem descreve episódios que fazem crer que existe uma constante preocupação para controlar a sua vida. Embora reconheça que a mãe esteve sempre presente, o seu relato parece indicar que não existia uma relação de boa qualidade emocional.

Crescendo num contexto de pobreza material que, de certo modo, contribuiu activamente para o desamparo que o atingiu, foi num habitat desqualificado, próximo da sua residência, junto de um grupo de pares que protagonizava valores

invertidos e negativos, que procurou encontrar um espaço de confirmação narcísica e reconhecimento social. Contudo, mesmo aí se confrontou com experiências emocionais negativas, já que os outros tinham acesso a bens que, ao lhe serem negados confirmavam os seus sentimentos de inferioridade. Com a experiência da frustração sistemática e da não valorização, mesmo entre os pares, a agressividade transforma-se, neste caso, num padrão de comportamento em relação a todos os que o rodeiam, inclusivamente as irmãs.

A insuficiência afectiva e o sentimento de um permanente desfasamento entre o que recebeu e tem, por uma lado, e aquilo que deseja ou quer[142], por outro lado, alimentaram a sua baixa auto-estima e a projecção nos mais próximos de um profundo mal-estar.

Socorrendo-nos, de resto, da análise de Pedro Strecht a propósito dos consumos de drogas, podemos admitir que este caso poderá ser explicado como alguém que mesmo que não tenha sido atingido no seu preenchimento narcísico, se organizou num modelo de funcionamento submetido ao desejo imparável de ter mais, de omnipotência, que o impede de se sentir afectivamente satisfeito. Consciente ou inconscientemente, a preponderante sensação de vazio gera o desejo ávido de o preencher, consumindo substâncias que, transitoriamente, produzem sensações de plenitude, bem-estar, alívio físico e psicológico.

> Sou do Barreiro, vivi sempre com a minha mãe e mais três irmãos mais novos do que eu… uma é filha do mesmo pai… os outros dois, uma menina e um menino, são filhos de pais diferentes… todos vivem com a mãe. Vivia num prédio, na cidade, numa zona calma, mas mais à frente havia uma zona de muito vandalismo… ali só havia prédios.
> Quando tinha um ano a minha mãe separou-se do meu pai porque ele queria vender-me a um casal de italianos… Quando conheci o meu pai tinha eu nove anos… a minha mãe tem o 6º ano de escolaridade, dado por um curso profissional de hotelaria…sempre foi cozinheira num café… sobre o meu pai não sei nada…
> Aos 9 anos fui viver com o meu pai porque a minha mãe me mandou… eu portava-me mal, já começava a ter comportamentos desviantes, como por exemplo deixar de ir às aulas, começar a dar-me com amigos da minha idade que chegavam às horas que queriam, bebiam álcool, fumavam ”ganza”, não cumpriam regras, roubavam no supermercado coisas para comer, assim, esta vida… era muito rebelde e muito agressivo com os meus irmãos. (…) O meu pai vivia com uma senhora e tinham uma filha… vivi com eles durante dois meses mas a minha madrasta deu-me tareia forte porque bati na minha irmã e, ao fim desse tempo, a minha mãe foi-me lá buscar…eu não gostava de viver com eles porque nunca me dei bem com o meu pai desde que comecei a conhecê-lo… não sei dizer porquê, mas acho que não me sentia desejado…
> Do tempo em que vivi com a minha mãe, até aos 9 anos, desde que comecei a dar-me com esses amigos, lembro-me que só fazia o que queria… não ouvia a minha mãe, faltava ao respeito, não cumpria horários, roubava em casa e fora…depois de ter estado a viver com o meu pai,

[142] Pedro Strecht, *Interiores*, Assírio & Alvim, Lisboa, 2001, pág. 218

quando regressei, foi cada vez pior… cheguei a assaltar o café onde a minha mãe trabalhava… roubei uma máquina de chocolates para tirar o dinheiro e roubei mais dinheiro.
Quem nos ajudava era o meu avô, porque havia pouco dinheiro… a minha mãe tinha muitas dificuldades, vivíamos em situação de pobreza, embora a minha mãe tivesse trabalho, havia muitas despesas…
Eu não era nada feliz… via os outros a terem coisas e eu não… andava sempre a dizer à minha mãe que queria isto, queria aquilo, queria uma playstation portátil, queria uma bicicleta,… e ela estava sempre a dizer-me que não dava, que não havia dinheiro… eu tinha conversas com ela, ela dava-me conselhos para eu não andar com aquelas companhias, mas eu não ligava, só fazia o que queria… eu roubava porque via os meus colegas a fazerem isso e também porque queria ter coisas como eles… por exemplo, roubei dinheiro para comprar uma máquina de fazer desenhos na cabeça, quando cortas o cabelo… de outra vez roubei para arranjar material para pôr piercings…outra para fazer tatuagens… todos os meus amigos andavam assim e eu queria ser como eles…
Eu não sentia medo por roubar… achava que nunca me ia acontecer nada porque eu roubava e saía a correr e não me iam apanhar… a minha mãe sabia e vivia aflita mas não conseguia fazer-me parar… a minha mãe desistiu de me chamar a atenção porque quando ela começava a "mandar vir comigo" eu começava a "tripar" com ela e dizia-lhe logo "tu em mim não mandas" e virava as costas e andava… eu sentia-me muitas vezes triste, zangado, inferior aos outros… e humilhado… porque muitas vezes as pessoas começavam a dizer-me "tenho isto e tu não tens" e eu sentia-me injustiçado e magoado… eu achava que algumas vezes a minha mãe não podia comprar mas que quando tinha dinheiro não me dava de propósito… fazia chantagem comigo porque eu só queria as coisas para mim e agredia os meus irmãos… não sei porquê, mas fazia-lhes maldades… cheguei a meter um na máquina de lavar… a minha mãe chegou a tempo de o tirar…até que aconteceu que tive uma pega com a minha mãe e parti-lhe a cabeça… ela fez queixa no hospital e este deu a conhecer ao tribunal…o tribunal mandou-me para aqui, para a Comunidade Terapêutica… eu tinha 14 anos e roubei-lhe 50 euros e, no dia seguinte de manhã ela descobriu, bateu-me, eu reagi e mandei-lhe com um prato de sopa na cabeça e parti-lhe a cabeça… quatro ou cinco dias depois é que vim para a Comunidade…o Tribunal ouviu toda a minha família, estes estiveram de acordo e disseram que sim… eu vim muito contrariado, vim com raiva… achava que eles não tinham o direito de me fazer isto…em relação à minha mãe sentia-me culpado das coisas que fiz… era a primeira vez que eu estava a ver as consequências dos meus comportamentos, porque até aí não tinha acontecido nada…

**José** (15 anos)

A primeira vez que nos cruzamos com este jovem encontrava-se há cerca de um mês na Comunidade Terapêutica. A sua inserção nesta estrutura decorreu da solicitação de um Centro de Apoio ao Toxicodependente que o vinha acompanhando, sem sucesso, há pelo menos dois anos. Convidado a falar sobre a sua vida desde criança, o discurso deste jovem remete-nos para o ambiente residencial, o qual classifica como o lugar de aprendizagem das práticas marginais.

Esta é uma história que parece ilustrar a tese de que nos territórios de residência onde prevalece a decomposição das relações sociais se favorece a aprendizagem de comportamentos de violência, consumo de drogas, desvalorização das normas, bem como a construção de uma identidade pessoal e social negativa. Aos jovens oriundos de famílias instáveis e conturbadas e residentes em espaços segregados não só faltam modelos de referência parentais capacitados para transmitir os valores e as condutas socialmente aceitáveis, como faltam os controlos colectivos estáveis que lhes facilitem a aquisição de capacidades para controlar os impulsos que socialmente são considerados desajustados[143]. São jovens que muito precocemente experimentam a instabilidade identitária, a confusão, porque a busca de si próprios se realiza na constatação de que os modelos e padrões de conduta valorizados na estrutura familiar não são compatíveis com as regras, valores, gostos e expectativas que os outros (escola, trabalho…) promovem como adequados. "As vozes e gestos das pessoas ordeiras que os cercavam ensinavam-lhes desde a infância quão pouco eles e seus familiares eram apreciados. Não havia como extrair orgulho e um grande sentimento de orientação do facto de se saberem idênticos e identificados com famílias pouco respeitadas pelos outros"[144]. Inseguros da sua própria identidade social, sistematicamente confrontados com a desvalorização e a rejeição das suas famílias e de si próprios, por partilharem os seus códigos e valores, sob muitos aspectos a sua identidade individual constrói-se segundo uma imagem negativa e contraditória. Na ausência de sentimentos de valor, de orgulho pessoal, de confiança básica, de estabilidade e segurança para desenvolver uma auto-estima que estimule a crença nas possibilidades de valorização pessoal, tornam-se inseguros do seu valor, da sua função e do seu papel na sociedade, revelando sérias dificuldades em estabelecer vínculos sólidos. De resto, as angústias e inseguranças comuns da adolescência acerca da própria identidade são agravadas pela instabilidade familiar e pela baixa estima em que as suas famílias são tidas. A fragilidade do seu eu torna-lhes ainda mais difícil, do que para os adolescentes comuns, enfrentar o mundo em que vivem como indivíduos isolados, ao saírem da débil protecção familiar.

> Sou de Olhão. Tive uma vida muito difícil… Sempre vivi com os meus pais e os meus irmãos… somos três, eu a minha irmã de 13 anos e o meu irmão

[143] Norbert Elias e John L. Scotson, *Os Estabelecidos e os Outsiders, op.cit* ., pág. 142.
[144] Norbert Elias e John L. Scotson , *Os Estabelecidos e os Outsiders, op. cit., p*ág. 143.

de 17 anos, mas tenho mais sete irmãos da parte de pai e sete da parte de mãe… filhos de anteriores casamentos dos meus pais.
Quando era pequeno vivia em Olhão, mesmo na cidade, num bairro onde havia muitos problemas, de "porrada" e um permanente "guerrear" entre vizinhos e entre familiares… chegou a haver tiroteio… havia muita droga e muito tráfico… muito negócio… no meu bairro era só droga… se não todas, quase todas as famílias traficavam… era uma zona onde vivia gente pobre e menos pobre, mas gente com muitas dificuldades… eu também vivia com muitos problemas económicos… tive sempre de comer e de vestir mas éramos pobres…
Sou cigano da parte de mãe, o meu pai é alentejano… o meu pai agora está reformado… a minha mãe nunca trabalhou e recebe o rendimento social de inserção… o meu pai era camionista de uma empresa de transportes…o meu pai é alcoólico… está reformado porque lhe deram muitas tromboses… acho que a minha mãe não tem estudos mas sabe ler e fazer contas… acho que é assim… não sei bem… o meu pai, esse sim, tem estudos… não sei o grau mas sei que tem estudos… talvez o 5º ano ou o 9ºano, não sei bem… lá em casa só a minha irmã estuda porque o meu irmão deixou há muito de estudar… quando se começou a drogar… agora está a tratar-se, esteve numa comunidade no Alentejo mas já recaiu… eu também deixei de estudar ainda estava na C+S, para aí com 9 anos… deixei de ir às aulas… também não gostava de lá estar… nem percebia para que me servia a escola... os meus amigos também não iam…
Os meus pais sempre se deram bem… discutiam… às vezes… mas a família da minha mãe é que não aceitou bem o meu pai… tinham inveja dele… e isso trouxe alguns problemas… guerras e discussões… o meu pai é muito famoso em Olhão, em Faro, é muito conhecido… porque sempre foi um bom vizinho… sempre ajudou os outros… nunca tiveram queixas dele… na zona onde vivia nunca houve problemas com a minha família… também era tudo parentes… no meu bairro só vivem ciganos e só houve problemas em casa quando eu me comecei a drogar… muitas vezes era a família (tios e primos) que me arranjava a droga e isso trouxe zaragatas e às vezes guerrear entre famílias… com os meus pais não me lembro de alguma vez ter tido problemas… eu fazia e andava por onde queria… só quando deram conta que me drogava, aí sim, começaram muitas discussões e zangas…às vezes havia era discussões entre mim e os meus irmãos… também havia discussões com o meu irmão que também se drogava…
Em casa não me lembro de o ambiente ser agressivo, era sim o bairro… no bairro é que é sempre guerras e problemas… afinal tudo sempre entre famílias… são os negócios… a droga… aí é que aprendi a saber o que era a droga e o que fazer com ela… também fiz muitos roubos e coisas assim… tinha um grupo de amigos, mas nem sempre fazia as mesmas coisas que eles, por exemplo, eu consumia outras drogas, mas roubávamos juntos… no meu bairro quase todos vivem do negócio… é um sítio onde tudo é mau… nada se aproveita… as casas são feias, as paredes, os muros, tudo cinzento… e tudo à volta não presta…as pessoas, as pessoas são todas família… dão-se bem e mal, mas há muita confusão…

## Capítulo 5 – A RETIRADA DA FAMÍLIA: REPRODUÇÃO DA MARGINALIZAÇÃO/ INTERRUPÇÃO DO DESTINO SOCIAL?

Os adolescentes e jovens cujas vidas aqui estamos a analisar vivenciaram e vivenciam condições de existência que lhes impuseram traumas suficientemente pesados, a ponto de neles desencadearem, como diz Pedro Strecht, um verdadeiro «assassinato da alma»[145]. Noutros termos, foram submetidos a um sofrimento cujos níveis, no limite do insuportável, submergem o aparelho psíquico a emoções acerca das quais não podem pensar. Dito ainda de outra maneira, a tomada de consciência dessas emoções acarreta uma tal dor, a ponto de não ser possível sobreviver a não ser que se enverede pelo recalcamento ou pela denegação. A acumulação de experiências de vida marcadas por presenças intrusivas ou ausências dolorosas não raro desencadeia estratégias psicológicas defensivas que interditam a capacidade de pensar e elaborar as emoções.

A acumulação de distorções relacionais induz estados de vulnerabilidade e fragilidade estruturais que, por sua vez, desencadeiam determinados tipos de resposta psíquica, muito em especial a desistência, que mais não é do que uma desvinculação emocional defensiva.

A interiorização de modelos de relação distorcidos implica a estruturação de um padrão de comportamento que se irá sistematicamente repetir nas relações posteriores. Se não existe uma intervenção terapêutica reparadora, as crianças que crescem no vazio afectivo, ou submetidas a modelos de relação inseguros, ambivalentes ou rejeitantes, não podem libertar-se do seu sofrimento a não ser por caminhos patológicos. Um deles, muito frequente, aliás, é a prática de actos de extrema violência, agressividade e destrutividade, isolados ou em grupo, expressando sentimentos de raiva e de ódio muito intensos. A acumulação progressiva de episódios traumáticos implica uma total incapacidade defensiva para lhes fazer face, assim como um inevitável «handicap» nas futuras relações emocionais.

Os jovens cujos trajectos de vida temos vindo a analisar partilham a comum situação de haverem nascido em famílias que se podem considerar em situação de exclusão nos mais importantes domínios da vida social, e, mesmo, em processo de desinserção social. As suas famílias são protagonistas de modos de vida atravessados pela privação em domínios essenciais da vida, desde a privação do emprego e do salário, à privação das relações sociais, passando pela privação do prestígio e da dignidade social. No plano económico, o desemprego ou o emprego instável e intermitente determinam não só a inexistência ou escassez dos rendimentos indispensáveis à sobrevivência, mas, igualmente, a perda da identidade social, do sentimento de utilidade social e de pertença. Do ponto de vista social, os jovens que

[145] Pedro Strecht, *Preciso de ti – Perturbações Psicossociais em Crianças e Adolescentes*, op. cit., p. 91.

aqui estamos a analisar foram todos remetidos para sociabilidades restritas e restritivas, vivendo fechados num universo dos iguais, sem outras referências culturais que não sejam as que decorrem da psicoadaptação à miséria. No que respeita à dimensão simbólica, a sua privação é das mais gravosas, já que as condutas dos seus pais convocam a produção de estereótipos altamente estigmatizantes. O sofrimento destes jovens não está apenas associado à fragilidade das relações que os seus pais com eles mantêm, mas, também, ao descrédito de que as condutas dos seus progenitores são objecto. Para o seu sofrimento concorre igualmente a desvalorização colectiva que severamente atinge o seu auto conceito. Como muito bem analisou Goffman, o rótulo que não pode ser contestado, por falta de poder para tal, isto é, o rótulo aceite, marca o início de uma carreira que precipita o indivíduo nas "margens" da sociedade. Não se podem orgulhar dos seus pais, experimentam sentimentos de vergonha que recalcam e que neles desencadeiam o mecanismo de identificação com os agressores. Estamos, pois, em presença de uma conjugação perniciosa de factores, diríamos uma autêntica engrenagem de que não somente é muito difícil sair, como da qual não é possível sair sozinho.

Poderíamos dizer, numa curta síntese, que as suas famílias maltratantes são igualmente famílias maltratadas, sujeitas a lógicas e dinâmicas sociais que exacerbam os efeitos mais perniciosos da competição social.

Em face de uma interacção tão perversa de factores surge-nos a interrogação central neste ponto. A institucionalização de crianças e adolescentes pode constituir uma oportunidade de reparação de todas as aquisições e aprendizagens que é suposto serem realizadas na socialização primária e que estes jovens não tiveram oportunidade de realizar?

A exclusão social na infância é um problema social grave, não só porque os seus protagonistas nada fizeram para merecer tal sorte, mas, ainda, porque desse problema decorrem outros bem mais difíceis de reverter, designadamente, e voltando a Goffman[146], a interiorização de uma imagem de si próprios desencadeadora das carreiras de delinquência, toxicodependência, pobreza, desinserção social.

A exclusão social na infância é, além disso, um problema social grave porque atinge, de modo muitas vezes irreversível, a possibilidade de crescer como ser humano e de construir uma identidade positiva. Os adolescentes de que aqui falamos permaneceram tempo demasiado no mais absoluto abandono e na mais avassaladora ausência de motivação para aprender a amar, por haverem passado os primeiros anos da existência no mais completo vazio de objectivos, entregues a si próprios, numa

---

[146] Erving Goffman: *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, Zahar, Riode Janeiro, 1982.

deriva sem qualquer espécie de controlo, constrangidos a suportar figuras paternas dominadas pelo abandono de si mesmas, sem a mínima capacidade para controlar a vida.

O Decreto-lei nº 2/86 de 2 de Janeiro [147] parece reconhecer plenamente a gravidade deste problema ao estabelecer, logo na sua primeira frase, que «as crianças e jovens, quando desinseridos do meio familiar, quer transitoriamente, quer por forma continuada, devem ser objecto da atenção privilegiada do Estado» e que «deve ser preocupação prioritária da Segurança Social a criação de condições que garantam as formas de resposta mais adequadas às crianças e aos jovens naquela situação, tendo em vista o seu desenvolvimento físico, intelectual e moral e a sua inserção na comunidade».

Para compreender até que ponto podem as palavras contrastar com as reais práticas do poder político bastará confrontar alguns dos artigos mais importantes da lei de protecção de crianças e jovens em perigo com a verdadeira realidade quotidiana de muitas das crianças supostamente protegidas.

Actualmente, a distância entre o que pretende a lei e a realidade concreta de muitos lares não deixa dúvidas quanto à existência de uma séria contradição entre as boas intenções dos textos normativos e do discurso político e a violência, nem sempre evidente, dos modos de intervir que mais não fazem do que reproduzir a miséria.

Começando por analisar as finalidades educativas atribuídas aos lares estabelecidas no texto legal, não é possível evitar uma profunda consternação, tal a dimensão da distância entre as frases teoricamente correctas e a acção concreta.

Num dos artigos da lei[148] é dito que é obrigação dos lares promover o desenvolvimento integral da personalidade e potencialidades dos menores, devendo ser-lhes assegurada a prestação dos cuidados de saúde, a formação escolar e profissional e a participação em actividades culturais, desportivas e recreativas.

Apesar de não dispormos de estudos científicos sobre o funcionamento destas instituições, o relacionamento com numerosos adolescentes ao longo da nossa vida profissional tornou possível a formulação de algumas interrogações e hipóteses sustentadas na observação directa.

Um dos aspectos que ressalta com particular visibilidade é a insuficiência das respostas destas instituições no domínio da formação escolar das crianças e dos adolescentes retirados do meio familiar, ao fim e ao cabo, um domínio crucial, quer para o desenvolvimento da auto-estima, quer para gerar a sua inclusão social. Sem

[147] Lei nº 147/99 de 1 de Setembro estabelece os princípios para a protecção das crianças e jovens em perigo.
[148] Art. 53º da Lei nº 147/99.

pretendermos fazer generalizações e apresentar aqui uma análise rigorosa do funcionamento dos colégios, julgamos pertinente problematizar o que seria a resposta capaz de responder às exigências que quer a análise psicológica, quer a sociológica, identificam como essenciais na socialização mais precoce.

Para começar seria preciso assumir que a vivência do insucesso escolar, desde a mais tenra infância ou, pura e simplesmente, o abandono da escola são realidades que só podem agravar a privação do sentimento de ser uma pessoa com valor, assim como enfraquecer a vontade e o gosto de estudar e aprender, interditando a conjecturação sobre o futuro e os possíveis projectos de vida. Compreendida a centralidade desta questão, impor-se-ia o diagnóstico e o tratamento cuidadosos das lacunas da formação básica que estas crianças apresentam, por vezes no decurso de sucessivas passagens de ano sem a correspondente aquisição de verdadeiras aprendizagens. Conhecer as razões profundas que instalaram nas crianças sérios obstáculos à aprendizagem das matérias escolares e apostar na reunião de meios adequados ao que não lhes foi permitido aprender no seu processo de vida seria, a nosso ver, uma exigência incontornável para "arrancar" estes "herdeiros" a um destino de marginalização social.

Se analisarmos a qualidade dos recursos humanos previstos pela lei [149] não será muito arriscado concluir que a formulação impecável do texto legal não resiste à mais superficial observação da constituição das equipas técnicas existentes nestas instituições. De facto, a regra geral pauta-se pelo número reduzidíssimo de técnicos, tendo em conta o volume de crianças concentradas nestes estabelecimentos e, tendo igualmente em conta, a complexidade e gravidade dos problemas. Registe-se, a título de exemplo, que num estabelecimento que reúne à volta de sessenta crianças e adolescentes a tutela se limita a impor a presença de dois licenciados, em psicologia e serviço social. Os números falam por si.

As condições de desempenho do trabalho técnico constituem um problema tão ou mais sensível, ainda, muito em especial porque nem sempre as direcções são constituídas por elementos que, por razões ideológicas ou por insuficiente formação cultural, são favoráveis ao tratamento científica e moralmente sustentado dos problemas. Quando uma direcção institucional cria obstáculos intransponíveis à perspectiva técnica, muitas vezes porque a sua visão vulgar dos problemas não lhe permite entender a necessidade de continuamente pesquisar e aperfeiçoar as soluções, para onde vai o trabalho técnico? Quando a direcção não

[149] Diz o artigo 54º da lei nº 147/99 que "as instituições de acolhimento dispõem necessariamente de uma equipa técnica, a quem cabe o diagnóstico da situação da criança ou jovens acolhidos e a definição e execução do seu projecto de promoção e protecção".

concorda com o diagnóstico técnico e persiste em posições que inviabilizam o desenvolvimento integral da personalidade, tal como pretende a lei, que fazer? Quem vigia os atropelos à autonomia técnica nestas instituições?

A posição da tutela nesta matéria não poderia ser mais ambígua, já que, ao mesmo tempo que impõe a presença dos técnicos se demite de fiscalizar, controlar e sancionar as práticas que não são compatíveis com o desenvolvimento integral da personalidade das crianças.

A relação entre o Estado e as instituições privadas de solidariedade social, em que é delegada a responsabilidade de prestar às crianças as condições de desenvolvimento pessoal e social que não encontraram na família, é uma questão que merece uma reflexão aprofundada. Merece, muito em particular, a tomada de posições claras sobre a defesa da autonomia técnica dos profissionais, assim como sobre as matérias específicas que devem ser objecto de tratamento rigoroso e sistemático nestas instituições.

Entre os domínios mais decisivos para elaborar um projecto educativo, verdadeiramente digno desse nome, seriam de destacar o sucesso escolar e educativo, a oferta de actividades culturais e artísticas valorizadas e de lazeres enriquecedores, a qualidade das relações humanas no conjunto da instituição, o estabelecimento de redes de relacionamento com outros meios sociais simbolicamente valorizados, a reelaboração das atitudes e valores aprendidos na primeira infância, a aprendizagem de um sistema de regras socialmente adequado, o auto conhecimento.

Sem a especificação das metas a alcançar e dos processos a implementar em cada um dos domínios acima identificados não tenhamos dúvidas sobre a natureza da relação que a tutela do Estado, entregue à Segurança Social, mantém com as instituições a quem confia a missão de desenvolver física, intelectual, moral e socialmente jovens seres cujas vidas foram iniciadas nas mais severas e variadas privações.

O trabalho a desenvolver com estas crianças envolve conhecimentos profundos de matérias muito variadas de áreas científicas, tais como a sociologia e a psicologia cuja aplicação não deveria ser descurada, muito menos desvalorizada. Se à tutela cabe o poder de decidir a retirada da família, assim como a responsabilidade de financiar as instituições, igualmente caberia a responsabilidade de assegurar uma efectiva reparação das rupturas vividas na primeira socialização.

Se tivermos em conta valiosos contributos teóricos que muito ajudam a compreender o que está em causa no processo de socialização primária, muito em especial quando o mundo dos pais está carregado de conotações pejorativas, e entra violentamente em choque com os novos conhecimentos que é preciso adquirir para

concretizar socializações secundárias socialmente inclusivas, não é muito difícil concluir que as instituições se ficam por uma intervenção assistencialista, incapaz de interromper o ciclo de reprodução da condição social herdada.

**Júlia**

Abandonada pela mãe e entregue à avó para dela cuidar, Júlia é, por constrangimentos da vida com os avós, entregue aos dois anos num colégio. Aos quatro anos transita para um outro colégio que frequenta até aos 16 anos, altura em que dá entrada na Clínica do Outeiro, por solicitação da direcção do colégio. A reflexão que faz sobre a vida no colégio é bem ilustrativa das limitações do funcionamento institucional, para que se verifiquem a reparação e reconstrução emocional desta adolescente.

> Com esta idade, quase a fazer três anos, fui para um colégio, em Lisboa, com a minha irmã… Durante a primeira ida para o colégio a minha mãe foi, algumas vezes, visitar-me. Gostava de estar ali porque toda a gente me fazia festas e dava mimos. Desse tempo lembro-me de viver bem… a minha avó ia praticamente todos os dias ver-me. Quando tinha quatro anos mudei para outro colégio… que tinha gente mais velha do que eu. Durante uns tempos estive bem, era a menina preferida de uma monitora, mas as coisas começaram a complicar-se quando eu tinha cerca de sete anos. Entrou para o colégio uma menina muito mais nova e a mim começaram a pôr-me a trabalhar, passando a exigir muito mais de mim… também fui para a escola com essa idade. No colégio, no início, era tudo muito rigoroso. Havia tarefas como pôr a mesa, limpar casas de banho, e quando chegava da escola tinha um tempo para fazer os trabalhos. Havia um educador que nos apoiava (éramos cerca de vinte), mas depois, aí aos doze anos já fazia os trabalhos da escola sozinha… no colégio propuseram dar-me para a adopção mas a minha mãe não autorizou… mas começou a deixar de aparecer e passou a ir cada vez menos… eu sentia falta de carinho… comecei a crescer e a perceber que tinha sido abandonada pela minha mãe…foi nesta fase da minha vida que comecei a ter sentimentos de revolta. Por um lado não gostava das tarefas que me eram atribuídas. Achava que eram as empregadas que deviam fazer essas tarefas e resistia a realizá-las. Tudo bem que temos de aprendê-las, agora sempre, com as empregadas a conversar enquanto nós estávamos a fazer o trabalho que lhes competia… quando me recusava tinha um castigo, por exemplo, lavar a louça durante uma semana, mas muitas vezes eu não obedecia, não cumpria… hoje percebo porque devia fazer essas tarefas, mas na altura achava que me humilhava… não, ninguém falava sobre isso… era só castigos quando não cumpria… o castigo era mais dias a fazer a mesma tarefa… deixei de ser uma menina bem comportada e passei a ser uma revoltada, arrogante, sentia-me só, rejeitada pela minha mãe, usada, inferior e impotente. Nesse tempo só a minha avó me visitava e saíamos para passar umas horas e eu regressava ao colégio… tinha sentimentos de revolta, inferioridade e zanga, por exemplo com a minha irmã… lá no colégio eles arranjavam uma espécie de voluntários que iam buscá-la para passar os fins-de-semana e férias, e ela vinha sempre cheia de chocolates e isso. Entretanto, já com dez anos, também me arranjaram voluntários que

me levavam aos fins-de-semana, mas tive de deixar de ir porque a filha deles, da minha idade, tinha ciúmes de mim e a directora do colégio achou que isso não me fazia bem. Entretanto o colégio mudou de instalações e houve várias mudanças. Houve rapazes e raparigas que fugiram e começaram a entrar pessoas da minha idade, aí com dez, doze e catorze anos, e alguns mais novos. Éramos um grupo de catorze ou quinze pessoas. Mudaram alguns educadores e começou a ser cada vez mais liberal, ou seja, tínhamos mais acesso a fazer outras coisas, como por exemplo sair de tarde, ir dormir a casa de colegas… eu normalmente tentava esconder que vivia num colégio porque me fazia viver sentimentos de inferioridade e tinha medo que me rejeitassem por eu não viver com os meus pais… no colégio não falava de nada, era desconfiada, não contava nada dos meus sentimentos. No colégio, com excepção de uma monitora, não me ligava a ninguém. Era a única pessoa que eu respeitava e ouvia os seus conselhos. De todo o tempo no colégio a vida foi educativa e passaram-me valores, só que eu punha-os um bocado de lado. Hoje acho que as regras que existiam no colégio, respeitar, levar a sério as refeições, ter horários para cumprir, dizer com quem vou, avisar para o jantar, se me atrasar telefonar para avisar… o normal, o que se faz em casa normalmente, em qualquer família, eram importantes… mas e o afecto, e a atenção, e a amizade… Mas de resto, a principal regra que eu não cumpria regularmente era a dos horários. Considerava isso como estarem a limitar a minha liberdade. Como eu era muito impulsiva, já não cumprir regras também tinha a ver com isso porque não sabia contrariar-me e quando me confrontavam eu continuava a agir impulsivamente e não ouvia nada nem ninguém. Não tinha limites… se me contrariavam muito eu destruía as coisas. Nunca me virei às pessoas, era às coisas…

Considero que as condições de vida no colégio eram boas, eram óptimas. Tinha o que precisava. Bens materiais, tinha tudo, mas afectivamente não deixava que as pessoas se aproximassem de mim. No colégio só mantive ligação com uma educadora. Era a única de quem gostava. Há cerca de dois ou três anos entrou outra de quem também gosto… mas por isso eu só respeitava essa educadora de quem gostava. Mas também só passei a dar valor à ligação com outros adultos desde que vim para a Clínica. Até aí não dava grande importância…

O colégio pode ser bom e gratificante para quem quer aproveitar a ajuda que lhe está a ser oferecida, mas também tem contras que se relacionam com a equipa técnica e o funcionamento da casa… devia haver menos trabalhos físicos e mais contacto afectivo.

Para se estar bem não basta dar comida, cama e assim, é preciso dar afecto. Não havia tempo para falar connosco… eles diziam que tinham de dar atenção aos mais novos e por isso, nós, adolescentes, não tínhamos essa atenção. Falta de proximidade para nos ouvirem e falar do que nos preocupa… e os tempos livres… também nada se organizava… na verdade tínhamos autorização para sair, mas ai cada um fazia o que queria… às vezes andava nas ruas com as amigas, algumas da escola, ou íamos para casa de uma de nós… era o que quiséssemos… claro que nessa altura eu gostava era daquela vida, embora também me sentisse só… no colégio onde fiz a minha vida, eu diria que tive uma vida “complicadamente boa”… o colégio acabou por ser uma oportunidade para eu não ficar perdida na vida, pelo menos isso …este colégio foi bom mas eu sei que nem todos são assim. Lá é para dar educação, como outros, ajudar a crescer, mas é difícil ter afectos à medida que vamos crescendo… do ponto de vista afectivo acho que a minha vida foi marcada pelo “crescer sozinha”… são duas situações que contribuíram para isso: crescer sem mãe e não ter criado laços fortes com as pessoas no lar…talvez por isso as minhas amizades fossem sobretudo pessoas mais velhas… fora do colégio eu era extrovertida e fazia amigos facilmente, mas nem sempre me ligava realmente… foi sempre o meu problema…

**Filipe**

No relato de Filipe sobre a sua institucionalização sobressaem os sentimentos de abandono e solidão, a vontade de desaparecer do mundo para se libertar do insuportável, quem sabe se, num último alento de esperança, descobrir alguém que genuinamente com ele se implique e comprometa. Os actos de violência contra si próprio, e mesmo uma tentativa de suicídio indicam um intenso sofrimento depressivo, em que os afectos predominantes são negativos, de desvalorização, perda, abandono, isolamento ou solidão, com a sensação de não haver esperança ou ajuda possível, características do designado pensamento terminal, onde entre viver ou morrer não existe grande diferença.

A crise no desenvolvimento emocional, tem sempre as suas origens mais profundas, em tempos anteriores, e por isso é necessário estar atento, porque o que está subjacente a um comportamento deste tipo é sempre um apelo à vida; e, mesmo sendo nesse contexto, como refere Pedro Strecht, o seu valor é justamente esse de chamar a atenção: «Ninguém vê que estou mal e preciso de ajuda?»[150]. Quem pratica o acto transmite uma mensagem e essa mensagem, mais do que a agressividade contra si próprio dirige-se para todos os que, à sua volta, não estiveram aptos a compreender ou foram indiferentes ao seu sofrimento. Alguém que vive num intenso sofrimento que precisa de ser descodificado para que se torne possível superar as experiências dolorosas do passado e abrir perspectivas para o futuro.

> "Até aos meus 13 anos, vivemos juntos com o meu pai. Depois fui para um colégio. Foi pior daí para a frente… Sentava-me muitas vezes a um canto, só e não queria saber de nada e começava a pensar coisas … coisas más, como, por exemplo, o suicídio…
> Tentei algumas vezes… tentei… mandar-me de um muro cá para baixo, de um muro alto… outras vezes andava de telhado em telhado, a saltar, a brincar, sozinho, mas não era a pensar nessas coisas, só que eles, no colégio, os monitores, achavam que era, que só pensava nisso, não confiavam, tinham medo, tinham medo que fizesse coisas. O monitor, lá no colégio, não confiava em mim. Tinha medo porque eu era um revoltado, sempre revoltado e não me interessava por nada. Fez-se parecer o meu amigo mas não era. (…) Eu confiei tudo nele, as coisas mais íntimas, mas ele não mereceu …mas começou a ficar tudo mal… comecei a fumar no colégio… a consumir haxixe… sim, cheguei a fazer o 6º ano… no ensino à noite… repeti algumas vezes, porque faltava à escola.
> Com os meus irmãos não havia problemas… mas eu sentia raiva… Ninguém acreditava em mim. Tinha muitos amigos no colégio. Gostavam de mim. Mas o pior, pior, foi quando o meu pai morreu. Ninguém me dizia nada, ninguém me contava nada. Todos sabiam mas não me diziam. Os outros, os adultos, tinham medo. Medo que fizesse disparates. Neste tempo do colégio só me lembro que tinha medo, raiva, revolta, muita revolta e

[150] Pedro Strecht, *Vontade de Ser*, op. cit., p.167.

> injustiça. Ninguém me acreditava. O monitor fazia-se passar por amigo. É psicopedagogo mas não percebe nada. Não percebe nada do que é a amizade. Sobre isso posso-lhe ensinar muito.
> Houve uma vez em que agredi uma rapariga. Ela acabou por me pedir desculpa e eu a ela. Mas eles expulsaram-me. Foi injusto porque eles não acreditaram no que eu dizia. Ela andava sempre a pisar-me e há muito que eu a mandava estar quieta e ela sempre a pisar-me. E eu tinha um cravo no pé e magoava-me. Dei-lhe um murro. Das outras vezes, antes, dava empurrões, não lhe bati, mandava-a estar quieta. Dava encontrões. Mas estava farto e dei-lhe o murro porque já lhe tinha dito muitas vezes e ela estava sempre a magoar-me.
> Não se justificava que me expulsassem, porque eles não acreditaram em mim. Só os meus irmãos e os meus amigos é que percebiam. Mas eu também fui sempre amigo dos meus amigos."

Na realidade, e na grande maioria dos casos, as crianças e adolescentes institucionalizados só podem aceder à inclusão social se lhes for proporcionada a participação num autêntico processo de ressocialização. Vale, então, a pena, a este respeito, sintetizar alguns contributos teóricos relevantes para compreender a complexidade dos problemas que estão em causa na ressocialização destas crianças e adolescentes[151].

Uma primeira ideia relevante para determinar as tarefas que os colégios deveriam cumprir remete para a circunstância de as aprendizagens interiorizadas na socialização primária serem subjectivamente vividas como realidade inevitável. O que se aprende com os que são mais significativos, ainda que estes sejam maltratantes, nunca é apercebido como realidade relativa. Adquire uma consistência e uma preponderância tais que a posterior tomada de consciência da sua inadequação, noutros meios sociais, tende a ser vivida como perda de si.

Uma segunda ideia a reter é que as interiorizações realizadas na primeira socialização podem entrar em competição com outras definições desenvolvidas noutros contextos sociais, tais como a escola, o trabalho, etc. Se todos os indivíduos se confrontam ao longo do seu trajecto de vida com definições da realidade que competem com as que aprenderam em casa e com os outros significativos que povoaram o seu mundo, certo é que casos existem, como o dos jovens que aqui estamos a estudar, em que esse confronto toma a forma de verdadeira ameaça à sua identidade. Falamos dos casos em que, o que é apreendido como normal, em casa e com os que fazem parte da sociabilidade quotidiana, entra em choque radical com a cultura dominante. Na linha da variante da sociologia interaccionista, que associa a associação diferencial à produção de subculturas, algumas claramente desviantes[152],

---

[151] Peter Berger e Thomas Luckmann, *A construção social da realidade*, Editora Vozes Lda., Brasil, 1973.
[152] David B. Brinkerhoff, Lynn K. Whi, "Deviance, Crime, and Social Control" in *Sociology*, West Publishing Company, St. Paul, New York, Los Angeles, S. Francisco, 1985, pp. 191 - 215.

podemos considerar que os jovens de cujas vidas aqui damos conta são exemplos vivos do que é crescer no seio de subculturas pouco ou nada compatíveis com a inclusão social.

Uma terceira ideia a reter do importante trabalho de Berger e de Luckmann é que na socialização secundária, a que ocorre em contextos de interacção muito menos propícios à ligação afectiva, a realidade subjectiva interiorizada é mais vulnerável às definições desafiadoras, menos profundamente arreigada na consciência, enfim, mais susceptível de deslocamento.

Uma quarta ideia é que a conservação da realidade interiorizada pode ser assegurada por duas vias, a conservação rotineira e a conservação crítica. A primeira destina-se a manter a realidade interiorizada na vida quotidiana, a última, destina-se a manter a realidade em situações de crise.

A realidade da vida quotidiana mantém-se graças à sua corporização em rotinas, à sua contínua reafirmação na interacção do indivíduo com os outros. Da mesma maneira que a realidade é originariamente interiorizada por um processo social, também a sua conservação na consciência só acontece por via de processos sociais. No processo social de conservação da realidade, é possível distinguir entre os outros significantes e os outros menos importantes. Para conservar a confiança de que é na verdade a pessoa que é, o indivíduo necessita da confirmação explícita e carregada de emoção que lhe é outorgada pelos outros significativos. Na vida do indivíduo, os outros significativos são os principais agentes da conservação da realidade subjectiva. Os outros menos significativos funcionam como uma espécie de coro.

No caso dos jovens que nos ocupam neste trabalho é, por demais, evidente que entre as pessoas adultas que fizeram parte da socialização primária e as que vão encontrar em posteriores contextos de socialização existe profundo desacordo que obriga a enfrentar o problema da coerência. Perante as injunções contraditórias que aprisionam o indivíduo num *double bind*, várias possibilidades de reacção são concebíveis: modificar a realidade ou as relações que se mantêm com a sua realidade; aceitar a identidade como um malogro; degradar algumas dessas pessoas da condição de outros significativos e voltar-se, em lugar delas, para outras, em busca de confirmações da sua realidade significativa. As complexidades possíveis na organização de relações conservadoras da realidade, tal como na organização das relações que possam favorecer a reelaboração e a distanciação crítica em relação à realidade que foi interiorizada, é um assunto da maior centralidade teórica para quem pretende pensar as condições susceptíveis de transformar a organização interna que regula a auto imagem, a relação com os outros, a identidade social.

Para pensar e conceber situações de comunicação emocional significativas e inovadoras capazes de desencadear rupturas no modelo de organização interna e a elaboração de modelos alternativos de pensar, sentir e agir é indispensável partir de uma teoria da socialização que tome as questões da mudança do *habitus* como objecto privilegiado de análise.

Dizem Peter Berger e Luckmann[153] que a reelaboração da realidade interiorizada na infância é, além de doloroso, um processo que só pode ocorrer desde que inserido numa *estrutura de plausibilidade*, um *aparelho de conversa*, que o mesmo é dizer, um contexto relacional permanente e estruturado que ofereça ao indivíduo o contacto com uma outra forma de pensar e dizer a realidade. Além disso, dizem estes autores, o sucesso desta reaprendizagem, que envolve ruptura com a realidade passada, implica condições emocionais e afectivas bastante próximas das que supostamente existem nas relações familiares. Dito noutros termos, a reelaboração da realidade pressupõe o estabelecimento de relações intensas, de implicação e envolvimento afectivo, trocas verbais constantes e sistemáticas sobre os acontecimentos da vida quotidiana, inclusive os mais triviais, obriga, enfim, a que se faça um investimento forte na qualidade das relações humanas, na personalização dos indivíduos, na reflexão sobre os factos e acontecimentos da existência.

Ora, voltando ao tema central deste ponto, o de questionar os termos em que as instituições acolhem menores retirados da família, já se vê que um bom fio condutor da reflexão obrigatoriamente remeterá para a qualidade técnica e humana das equipas a quem competem os objectivos enunciados na lei de protecção de menores.

Uma evidência de que este assunto não colhe a atenção e investimento coerentes e consistentes é, desde logo, a atribuição do trabalho directo com os menores a monitores sem formação minimamente compatível com a dificuldade das tarefas a levar a cabo. O miserabilismo das medidas de política social é inquestionável se tivermos em consideração a exigente missão que é formar pessoal, social e escolarmente crianças e adolescentes com problemas tão complexos.

Como pode um monitor recrutado entre os internados que, em face do abandono dos estudos, sem probabilidades de aceder a um posto qualificado no mercado de trabalho, abdica de uma vida pessoal e passa a viver na própria instituição, sem qualquer perspectiva de valorização profissional, com um salário mais do que exíguo, ser um importante agente de transformação da relação com a escola, com o saber e com as expectativas profissionais? Como pode um adulto, ele próprio

[153] Peter Berger e Thomas Luckmann, A construção social da realidade, op.cit.,, pag. 202

ter crescido sem afecto e não dispondo de aconselhamento para o seu desempenho estar capaz de enfrentar as dificuldades que decorrem dos comportamentos destas crianças, sem acabar, até, a maltratá-las e a negligenciá-las? Como pode um adulto sem projecto de vida ser a referência que é imperioso proporcionar às crianças para que elas próprias possam desejar, acreditar e aderir a um projecto de vida?

Na realidade, não faltam exemplos de que a prática corrente nos lares em matéria de apoio à formação escolar se pauta por rotinas, tais como conceber a "organização do estudo" segundo moldes verdadeiramente minimalistas. De facto, esperar que as crianças se dediquem ao estudo sozinhas, bastando haver alguém que as mantém na frente dos livros e cadernos e assegura a sua permanência no lugar durante o tempo atribuído ao estudo, esperar que se mantenham concentradas na realização das propostas de trabalho do professor, que cuidem do material escolar e o transportem diariamente para a escola sem a intervenção individualizada de adultos é o mesmo que acreditar que todos esses hábitos dependem de capacidades genéticas que nada devem à estimulação e ao treino.

E que pensar da deslocação diária das crianças para a escola sem acompanhantes, esperando que não se percam no caminho quando encontram os companheiros de infortúnio que, também eles, não conseguiram descobrir interesse numa actividade que lhes é tão mais estranha quanto o valor da escola nunca lhes foi transmitido por quem os pôs no mundo? Que pensar da actuação de uma instituição que não cuida de controlar as faltas à escola e cujas crianças chegam a reprovar por faltas no final do primeiro período? Bastaria reunir informação relativa às faltas na escola para não haver dúvidas sobre a qualidade do investimento na formação escolar das crianças.

Como interpretar a completa ausência de trabalho pedagógico especializado por via do recurso a materiais concebidos para facilitar a aprendizagem? Como interpretar a ausência de comunicação com os professores quando se constata, dias a fio, que os trabalhos de casa não permitem superar os défices de conhecimento das crianças e que não existem programas individuais de recuperação em função dos problemas de cada uma?

**Carla**

Retirada à família e colocada num lar, Carla mantém contactos esporádicos com a mãe, a qual inicialmente a visita. Da vida no colégio, recorda o

desafecto, a rispidez e a falta de apoio. Muito tempo só, a realizar as tarefas, lembra ainda a falta de conforto do espaço onde residiu. Nota ainda a frequência dos castigos, sem que muitas vezes soubesse porquê. Carla é, então, adoptada aos 9 anos, ela e um irmão de 3 anos, que Carla desconhecia.

Recorda que passou a ter uma família nova que vivia economicamente muito bem. Todavia, considera que a sua vida foi sempre má, designadamente no plano da relação com os pais adoptivos. Dizem os especialistas que a organização da vinculação na adolescência se vai desenrolar distintamente consoante o tipo de modelos operantes internos construídos durante a infância. A vinculação segura na infância parece ser preditiva de processos bem sucedidos de futuras vinculações. Carla evidencia grandes dificuldades em se ligar à família adoptiva, não acredita que gostem dela, não sabe como se ligar, a dor que a domina não deixa disponibilidade para acreditar.

> "No princípio a minha mãe visitava-me. Quando ela me visitava as nossas conversas eram sempre que eu ia fugir, mas ela dizia-me que eu ficasse, só para ela se tratar, e depois fugíamos as duas. Depois deixou de aparecer… sentia-me só… era pequenita mas tinha a tristeza de estar sozinha…no colégio não falavam comigo sobre isso… pelo contrário, acho que esperavam que eu aprendesse a ultrapassar essa dificuldade…que esquecesse… eu não gostava de estar lá… tratavam-nos mal. (…) desse tempo do lar lembro-me que havia muitas educadoras. Algumas eram espectaculares, mas havia uma que era horrível. Estava sempre a castigar, batia, não deixava lavar, como castigo… os castigos eram muito frequentes, mas não explicavam… não havia lugar para conversar… havia regras a seguir… como, por exemplo, ir à escola, fazer deveres, deitar a horas,… mas afecto e carinho não havia… fazíamos tudo sozinhas… éramos muitas, mas passávamos muito tempo só entre nós… no lar era tudo mau, a alimentação, os quartos… era tudo ao molhe... nunca tive afecto nem havia ajuda para nada, nem para os trabalhos de casa.
> Com 9 anos fui adoptada. Lembro-me de, um dia, uma educadora sair comigo e fomos comprar roupa e aí conheci o meu irmão que tinha três anos. Fomos os dois adoptados pela mesma família. Mas só aí é que eu soube que tinha um irmão. Também era filho dos meus pais biológicos".

**Amélia**

Com nove anos, Amélia foi colocada pelo pai algum tempo num colégio. Todavia, desencadeia comportamentos desajustados para conseguir que a mandem embora, o que de facto acontece. O pai vai buscá-la. Depois de viver algum tempo na casa do pai, Amélia começou uma vida errante, mudando rapidamente de lugar, até acabar por viver na rua, em Valongo. A situação de abandono da Amélia acabou por ser denunciada pela vizinha na casa da qual tinha vivido algum tempo, acabando por

passar de novo por vários colégios, em regime de internamento. Desse tempo recorda já não haver lugar ao respeito pelas regras, bem como grande dificuldade em ligar-se a alguém. A passagem pelos colégios recorda-lhe tempos de desamparo, solidão e sem afecto. Igual ao que sempre teve… na rua.

> O meu pai vivia com uma senhora. Fui eu e a minha irmã. O meu pai pôs-nos num colégio. Mas eu portava-me mal e voltei para casa… fazia de propósito… não gostava de lá estar, tinha saudades do meu pai… dele eu gostava … lá andava sempre em brigas, partia coisas, chamava nomes … assim coisas… então o meu pai trouxe-nos embora.
> Uma vez à noite, eu vinha para casa e encontrei o meu pai que me disse que não podíamos continuar lá, como lhe disse em casa da senhora com quem ele vivia. Nessa noite, ficamos a dormir no carro. Depois fui viver para casa de um namorado …. Tinha um namorado quando tinha 15 anos e fui viver com ele, em Valongo. O Tiago tinha mais três anos do que eu, sim, ele é mais velho do que eu três anos, tem agora 20 anos … vivia com o pai. Eu vivi lá duas ou três semanas e depois acabei por me chatear e vim embora. Fui para casa de uma senhora lá do bairro que tomou conta de mim. Mas só lá estive para aí uma semana. Depois fugi e vivi na rua. Às vezes ia ter com o meu pai mas normalmente andava por aí, na rua, em Valongo. (…) o meu pai tinha aquele trabalho e dormia num barraco lá nas obras. Bebia muito. Eu roubava para ele, às vezes … Depois um dia a polícia, por denúncia da senhora que tinha tomado conta de mim lá no bairro, veio atrás de mim e fui para um colégio em Amarante… não gostei… não sentia que ali pudesse ser mais feliz...éramos muitas e estávamos muitas vezes sozinhas… não havia quem falasse connosco… Havia as regras, como ter de ir à escola, respeitar horários, levantar, deitar e refeições, mas tínhamos de fazer tudo sozinhas… era um colégio de emergência, de transição. Só enquanto esperava resposta de outros colégios. Fiquei lá três semanas e depois fugi de lá.
> A polícia um dia «deitou-me a luva» e puseram-me num colégio em Ramalde do Meio. Lá, elas meteram-me na escola. Já estava a fazer o 9º ano. Tinha então 15 anos. (…) Fiquei neste colégio, o último, cerca de dois meses. Não, não gostava… estudava só, não havia carinhos… eu achava que era tudo uma porcaria…cada uma fazia pela vida…claro que tinham muitas regras mas eu aí já não estava capaz de aceitar a autoridade de ninguém… já tinha muito tempo de rua… eu andava só do colégio para a escola, por isso eu nunca ia à escola… ia ter com os meus amigos que consumiam…e foi então que depois vim para a clínica… eu sabia que não queria esta vida, mas não via saída… durante todo este tempo pensava que não precisava de ninguém, que podia viver assim, que não havia ninguém que me conseguisse ajudar….

**Daniela**

Da última estadia em casa do pai [que já vivia no Porto] Daniela recorda os tempos de consumo de drogas, a imposição de regras, horários e normas de controlo que rejeitava. Desta última situação, e por via do Tribunal, Daniela transita para um colégio em regime de internato. Aí começa a sua vida de deambulação por vários colégios de onde frequentemente foge ou é expulsa. Pouco tempo passa em

cada um. Dificilmente aceita a autoridade e nunca se conforma com a distância que lhe impõem face à família. O sentimento de vazio é contínuo e não consegue relacionar-se com ninguém. A escolha parece ter sido feita… vida de rua porque já não acredita em ninguém e ninguém acredita nela.

> O meu pai começou a desconfiar e um dia foi-me esperar e viu-me lá atrás de um barraco a consumir … Depois meteu-se o tribunal e a assistente social e estive em muitos colégios… de muitos fugi… estive nalguns durante semanas, noutros alguns meses… ninguém me aguentava… eu parecia que só queria sarilhos… e era… queria vir embora… o meu pai e a minha avó ainda eram importantes para mim… mas eles não me percebiam… e no colégio muito menos… também eu me recusava a falar com todos… faltava às aulas… mas também comecei tarde, lembra-se? Fui para a escola a primeira vez com 9 ou 10 anos… foi a minha avó que me pôs… mas eu já só fazia o que queria… eu estava-me a "cagar" para tudo… O último colégio, antes de vir para cá (para a comunidade terapêutica), foi em Braga. Mas só fazia "merda". Não respeitava regras nenhumas, não fazia nada do que me diziam. A intenção era mesmo essa, era que me mandassem embora. E foi. E depois vim para aqui [Comunidade Terapêutica]. É isto. É isto a minha vida e pronto.

**Clara**

Na sua história de vida Clara começou por transitar da família de origem para uma família de acolhimento e, posteriormente, passou para um colégio. Do colégio foge e é trazida pela polícia para a Clínica do Outeiro. Da passagem pelo colégio recorda que ansiava pelos fins-de-semana, momento em que podia estar com os "tios" [designação que atribui aos adultos que a acolheram], mas que não gostava de lá estar. A imposição de regras, a ausência de afecto e os castigos, sempre foi o que viveu como mais penalizador.

> A minha família de acolhimento vivia em Ermesinde… tinha dois filhos e tinha mais dois miúdos de acolhimento. Vivi lá oito anos com todos e o meu irmão. (…) Durante este tempo não tinha contacto com os meus pais. A família de acolhimento é que era a verdadeira… Eu não gosto dos meus pais. Na família de acolhimento, eu tinha tudo, mãe, pai, tios, avós, irmãos, tudo… guardo sentimentos bons, memórias boas, deste tempo na minha família de acolhimento. Davam-me tudo o que precisava, às vezes davam-me o que eu queria, mas sempre dependendo dos meus comportamentos. Punham regras e se eu falhava, então não me davam logo, por exemplo, não me deixavam ir ter com os amigos. Mas saiamos juntos, brincavam comigo, íamos almoçar fora, íamos ao cinema, eram sempre carinhosos, meiguinhos, nunca, nunca me batiam. Todos os dias eu tinha guloseimas, quando me castigavam era tirar a televisão do quarto ou puxão de orelhas ou não me deixavam ir brincar com os colegas, mas nunca me batiam, castigavam-me. Os meus tios, como chamo, até me deram telemóveis, que eu estragava e depois deixaram de dar porque era muito pequena. … As

> relações mesmo importantes são a minha família de acolhimento, os meus tios.
> Quando fui para o colégio detestei… era uma revolta grande que eu sentia… sentia saudades da minha família de acolhimento… eles davam-me afecto e ali não tinha nada… havia regras e eu não aceitava… sentia-me injustiçada… no colégio não era como com os meus "tios"… com eles era mesmo uma família e, como lhe disse, também havia regras… mas ali estávamos muito sozinhas e havia castigos por qualquer coisa… falar?, ninguém falava connosco… só dar ordens… eu já não ligava e foi quando comecei a consumir drogas… com amigas que estavam lá… faltava às aulas… ninguém sabia por onde eu andava… até cheguei a traficar… lembro-me agora que não devia ter fugido do colégio.. que eu devia pensar mais no que queria, não era assim à toa… sempre agi sem pensar… era o impulso e pronto… Devia pensar mais antes de fugir porque eu, no colégio, pelo menos podia ir aos fins-de-semana a casa e agora, aqui, não posso. Podia estar com os meus tios nos fins-de-semana e agora não. Devia ter pensado mais … Deu-me um "bite" na cabeça e fugi …

**Ilídio**

Deixado pela mãe num colégio quando tinha dez anos, Ilídio refere como um marco significativo esta mudança, momento que viveu com tanto mais sofrimento quanto só soube que ia lá ficar justamente quando chegou à porta do colégio.

> "Com dez anos fiquei num colégio (Centro Juvenil de Campanha) com um irmão, um primo e um sobrinho. (…) Para o Colégio foi a minha mãe que nos levou… desse tempo recordo que fiquei magoado, triste, quando fui para o Colégio porque a minha mãe não me disse nada. Ela levou-me e disse: "tens aqui um primo e um sobrinho, vens com o teu irmão e eles vão tomar conta de ti… fiquei zangado… zangado… era só raiva e revolta…
> Nunca no colégio me propuseram estar com a minha mãe e eu não procurei estar com ela, porque ela tinha-me abandonado e eu não quis saber mais … Eu e o meu irmão falávamos disso e começávamos os dois a chorar… não, não falava com outros adultos… aquele era o meu problema… e depois queríamos fazer as coisas direitas e se alguém lhe tocasse, eu cobria-lhe as costas. (…) No princípio gostei do colégio… lá tinha amigos e gostava da directora…mas não me dava com outras pessoas… a directora gostava de mim e isso fazia-me sentir bem, mas houve muitos momentos em que chorava muito com o meu irmão… tinha saudades da vida em casa da minha avó, até aos dez anos… tinha saudades dela e dos meus irmãos… nos tempos livres às vezes vínhamos fazer piqueniques aqui a Vila do Conde e eu gostava e cheguei a cozinhar para setenta e cinco pessoas… sim, eu estudei um curso de hotelaria… sozinho no colégio, mas os professores também ensinavam… eu queria fazer alguma coisa… havia regras e eu acatava, mas também comecei a desobedecer e a ser mais rebelde à medida que fui crescendo… acho porque sentia revolta… por causa da minha mãe…
> Durante esses anos no colégio nunca mais estive com a minha mãe. Eu estava mesmo interno. A minha mãe nunca mais me visitou. Com a minha avó via-a no Natal. Só nessa altura é que ia a casa. Com os meus irmãos nunca mais estive. Só com um que me veio visitar à clínica. Este está num colégio em Matosinhos. O irmão que foi comigo para o Centro Juvenil de Campanhã sei que continua lá porque ele também veio cá visitar-me. Sobre

> o meu primo, sei que ele ia sair de lá porque já não tem idade e sobre o meu sobrinho, sei que foi expulso por ter consumido lá dentro do colégio ”.

**Vasco**

Vasco é retirado à família com sete anos de idade. Cresceu sendo objecto de violência familiar, assim como assistiu à violência entre os seus pais. Percorreu vários colégios sendo expulso deles mais do que uma vez. A sua vida conta com múltiplas fugas. Foram anos sem contacto com os pais, sendo que a única pessoa que o visitava era o seu irmão. Com este, de resto, aprendeu a aderir às práticas marginais sem que algum dia pudesse ter contado com o carinho e afecto, a não ser, como refere, do seu próprio irmão. Com ele tudo aprendeu, o bom e o mau…

> Aos 7 anos fui para um colégio. Quem decidiu foi uma assistente social e os meus pais quiseram. Os motivos tiveram a ver com maus tratos e violência familiar. Até aos 11 anos, andei num colégio na Granja.
> Quando fui para o colégio, sentia a tristeza de sair de casa, mas já sentia a dor que sentia quando eu estava com os meus pais. Achei que podia ser uma oportunidade… Durante o tempo em que estive no colégio, sentia-me bem. Não me faltava nada. Mas comecei a crescer e aí meti-me na droga e roubos e era só agredir os outros. Quando me queriam falar eu respondia torto… então acho que desistiam… deixavam-me só… No princípio gostava de estar no colégio, mas tinha o pensamento em casa. Se a minha mãe estava bem, como era… depois soube que o meu irmão foi condenado por tráfico de drogas, a dois anos de pena suspensa…
> Lá no colégio só o meu irmão é que me visitava… A minha mãe não… se calhar o meu pai não deixava, ou havia problemas, não sei. O meu irmão, esse visitava-me porque era eu a única família dele. Ele vivia em Gaia, na Vila d’ Este, mas quando me visitava ficava dois dias. Deixavam-no lá ficar. No colégio havia regras, castigos e punham-nos respeito mas eu comecei a não aceitar nada… faltava à escola e ia drogar-me… também eu saia e ninguém sabia para onde ia… mas o meu irmão depois foi preso… Quem me deu a notícia foi o monitor do colégio… só me disse isso… eu fiquei desesperado, mas não havia com quem falar… o meu irmão era a minha ligação à família… não tinha mais ninguém… é verdade que com ele aprendi o caminho da droga, dos roubos e por aí fora, mas também era com ele que eu sentia que havia carinho… amigos… eu tinha mais dois amigos com quem consumia sempre…
> Algumas vezes fugi do colégio e fui para casa do meu irmão. Isto durante o tempo em que ele esteve com os dois anos de suspensão…eu já não suportava estar no colégio…
> … A minha vida até aos 17 anos, dos 10 aos 17 anos não foi nada, foi uma merda” para mim, foi como se tivesse morrido, não valeu de nada, de nada.

Serão os monitores, com uma formação que, regra geral, e no melhor dos casos, não vai além do 12º ano de escolaridade, capazes de conceber estratégias de

comunicação que despertem as crianças para a compreensão e valorização de formas culturais distintas das que herdaram no seio da família?

Remeter o acompanhamento diário das crianças para os profissionais menos qualificados, sem cuidar de apostar na sua formação contínua e na sua valorização, é entregar o trabalho mais complexo a quem não o pode fazer. Esta é, entre outras, uma maneira de condenar as crianças à perpetuação da exclusão social.

Mas para compreendermos porque é que os lares de acolhimento dificilmente conseguem, e dificilmente conseguirão, interromper o ciclo vicioso de reprodução da exclusão social é preciso olhar para outras dimensões do problema.

Serão as instituições a quem não é exigida a elaboração anual de um projecto educativo, segundo critérios objectivos definidos pela tutela e, além disso, cujo desempenho não é rigorosamente avaliado, capazes de promover a formação pessoal, escolar e social das crianças?

Não seria obrigação do Estado, que, em nome da defesa dos direitos das crianças, impõe a sua retirada de um meio familiar considerado incapaz, definir as dimensões que devem fazer parte do projecto educativo? Ou o conteúdo do projecto educativo é matéria que não pode ser objectivada e deve ficar sujeita ao critério subjectivo de cada um?

Não deveria a exigência de um projecto educativo em todas estas instituições ser a condição essencial de que decorreria a possibilidade de obter o financiamento público?

O observador, com alguma formação teórica ou apenas com sensibilidade, aperceber-se-á rapidamente que a cultura instalada nestas instituições perpetua nas crianças a mesma incapacidade de se projectar no tempo, a mesma impossibilidade de resistir à frustração, a mesma compulsão para procurar satisfações imediatas, os mesmos comportamentos agidos pela impossibilidade de elaborar e comunicar as emoções, a mesma incapacidade de dominar o quotidiano, a mesma tendência para se valorizar à custa da inferiorização do mais fraco, afinal, traços bem característicos da cultura da pobreza que receberam em casa.

A experiência profissional, durante um período que já se pode considerar longo, leva-nos a pensar que não é exagero concluir que não existem nestas instituições projectos educativos verdadeiramente merecedores desse nome. Projectos que terão que ser construídos a partir de diagnósticos rigorosos da situação real de cada criança, em vez das actuações avulsas e rotineiras concebidas para crianças inexistentes.

O projecto educativo deve integrar respostas consistentes aos seguintes problemas: desafeição pelo estudo e pela escola; implicações da segregação social ou

das sociabilidades fechadas entre os iguais (que os colégios perpetuam); as vinculações afectivas ambíguas ou inexistentes e o auto-conceito muito negativo; modos de pensar, sentir e agir próprios de uma cultura da pobreza; projecção no futuro e construção da identidade.

No que toca à desafeição pelo estudo e pela escola, o objectivo de assegurar a todos um trajecto escolar compatível com uma vida profissional qualificada e socialmente inclusiva deveria constituir uma componente incontornável do projecto educativo, através da incansável procura de meios compatíveis com a sua concretização.

Só se compreende a incrível demissão e passividade a respeito das dificuldades de relacionamento das crianças com a escola e com o estudo se a concepção dominante, entre políticos, técnicos e gestores, é que não vale a pena investir em crianças com tal começo de vida, uma vez que jamais poderão aprender, nem sair da miséria. O máximo que poderão ambicionar é tornar-se pobres bem comportados.

Perguntamos nós, pode a tutela aceitar uma tal concepção a respeito das possibilidades de inteligência, sensibilidade e vontade das crianças e jovens oriundos dos meios profunda e severamente desregulados? É esta uma concepção educativa aceitável?

Numa sociedade moderna, em que a inclusão social é cada vez mais dependente da posse de certificações escolares valiosas, como explicar que a segurança social não exija um programa, bem detalhado, de acções adequadas à obtenção do sucesso escolar e educativo das crianças? Mais, não deveriam os resultados escolares das crianças internadas ser tomados como um dos mais importantes indicadores para avaliar os desempenhos das instituições por parte da tutela?

Valerá a pena despender recursos financeiros significativos em medidas que, na realidade, não fazem mais do que reproduzir a pobreza e a exclusão social nas jovens gerações oriundas dos meios socialmente mais vulneráveis?

São certamente muitos os que desacreditam das possibilidades de evolução destas crianças e jovens, muito em especial no que toca ao desenvolvimento cultural e à formação escolar. Mas é aceitável que quem tem a responsabilidade de gerir os recursos públicos ignore, ou finja ignorar, os contributos que os muitos e valiosos conhecimentos acumulados por ciências como a psicologia e a sociologia dão para a concepção e organização de práticas pedagógicas efectivamente geradoras da motivação e da capacidade de aprender?

Além disso, dirão muitos, é à escola que cabe a obrigação de cumprir a missão de assegurar o acesso à escolarização. Aos dirigentes dos lares não competiria mais do que garantir a presença das crianças na escola e esperar que os professores cumpram a sua obrigação.

As instituições escolares têm certamente uma responsabilidade não desprezável nesta matéria, uma vez que, regra geral, estão longe de conseguir oferecer a estas crianças e jovens o tipo de acompanhamento que lhes permitiria ir vencendo obstáculos e inseguranças. Todavia, a qualidade de encarregados de educação, que o tribunal de menores atribui aos dirigentes dos lares, impõe que se encarreguem de interagir com a escola e, com ela, com outras organizações da comunidade ou com recursos próprios, de reunir todos os meios indispensáveis para que as crianças e jovens possam desfrutar de condições de aprendizagem respeitadoras dos seus direitos e da sua dignidade.

Em suma, e para terminar este ponto, não podemos deixar de formular uma nova pergunta: até quando a prestação da formação escolar prevista na lei vai permanecer uma figura de retórica? Quando será assumida a ideia de que sem formação escolar, e de qualidade, as instituições só podem contribuir para reproduzir a pobreza e a exclusão social?

Na ausência de um investimento sério, desde a infância, para desenvolver o hábito de cumprir as tarefas escolares, o gosto pelo esforço e a capacidade de persistir no empreendimento, como aprender a fazer face à disciplina bem mais rigorosa do mundo do trabalho, como aprender a não desligar as aspirações da conquista de reais aprendizagens?

O problema da transição para a vida adulta implica não só uma aposta forte na formação escolar, mas também um investimento sério na exploração das actividades profissionais susceptíveis de conduzir as crianças e jovens a uma situação de autonomia material e de realização pessoal.

Proporcionar o conhecimento do mercado de trabalho e das profissões, através da reunião de informação sobre as tendências da procura, assim como de informação detalhada sobre a natureza, exigências e estatuto das diversas profissões, é uma prática inexistente nestas instituições, apesar da sua importância para evitar idealizações da realidade, aliás, muito frequentes entre estes jovens.

Numa família que usufrui de estabilidade relacional e económica, o futuro dos filhos é objecto de um projecto que merece uma longa e cuidadosa preparação. Não terão estas crianças e jovens o mesmo direito?

É admissível que o seu futuro profissional continue a depender de factores perfeitamente aleatórios, em função da oferta de cursos dos Centros de

Formação Profissional, muitos deles inúteis face às reais necessidades do mercado de trabalho?

E será admissível remeter os jovens para formações de baixíssimo nível de exigência que mais não representam do que um desinvestimento na carreira, desde logo porque acabam por inviabilizar a evolução e o desenvolvimento cognitivo e cultural?

Para além das carências e necessidades anteriormente assinaladas, é imperioso não esquecer que a transformação interior profunda a operar não será realizável e ficará seriamente comprometida enquanto os colégios funcionarem como espaços de segregação social, não cuidando de enriquecer e multiplicar as relações das crianças e adolescentes com meios sociais externos à instituição. Provocar e incentivar sociabilidades sociais inter-classistas seria certamente uma condição a garantir para proporcionar a *estrutura de plausibilidade* de que falam Berger e Luckmann.

Socializar para incluir, que o mesmo é dizer, para reparar as carências instaladas, implica uma organização rigorosa do quotidiano e uma atenção incansável a todos os momentos da vida das crianças.

Que imagem de si própria é devolvida às crianças e jovens cujos lazeres são fatalmente confinados ao mais incipiente[154]? Pode considerar-se que uma instituição que descura as ocupações lúdicas e educativas cumpre a sua missão protectora? Não estará antes a afundá-las na desesperança e, por esta via, a precipitar a sua entrada no caminho da violência? Não raro, os tempos livres são vividos num vazio total, numa autêntica luta contra o tempo, onde os minutos parecem

---

[154] Artigo 58º – Lei 99 - direitos da criança e do jovem em acolhimento
A criança e o jovem acolhidos em instituição têm, em especial, os seguintes direitos:
a) manter regularmente, e em condições de privacidade, contactos pessoais com a família e com pessoas com quem tenha especial relação afectiva, sem prejuízo das limitações impostas por decisão judicial ou pela comissão de protecção;
b) receber uma educação que garanta o desenvolvimento integral da sua personalidade e potencialidades, sendo-lhes asseguradas a prestação dos cuidados de saúde, formação escolar e profissional e a participação em actividades culturais, desportivas e recreativas;
c) usufruir de um espaço de privacidade e de um grau de autonomia na condução da sua vida pessoal adequados à sua idade e situação;
d) receber dinheiro de bolso;
e) a inviolabilidade da correspondência;
f) não ser transferidos da instituição, salvo quando essa decisão corresponde ao seu interesse;
g) contactar, com garantia de confidencialidade, a comissão de protecção, o ministério público, o juiz e o seu advogado.
Diz o Decreto-Lei nº 2/86:
«Os lares são equipamentos sociais que têm por finalidade o acolhimento de crianças e jovens, proporcionando-lhes estruturas de vida tão aproximadas quanto possível às das famílias, com vista ao seu desenvolvimento físico, intelectual e moral e à sua inserção na sociedade» (Artigo 2º)

anos e os dias parecem séculos. *Os jovens são filhos da solidão*! Como diz um dos jovens: *o tempo vai longe…não passa! Sinto-me inútil!*

Os fins-de-semana e os períodos de férias são momentos de particular angústia e de depressão, pois não existindo planeamento de actividades lúdicas, nem profissionais disponíveis para satisfazer as necessidades de todos, permanecem vedados de estabelecer relações gratificantes com o mundo exterior e entregues a si próprios.

Muitos optam por "matar" o tempo, durante os longos fins-de-semana, deambulando pelas ruas da cidade, praticando actos que denunciam um autêntico desprezo pela vida, nomeadamente quebrando vidros, praticando pequenos furtos, agredindo verbal e fisicamente as pessoas mais fracas que com eles se cruzam.

**Rafael**

> Eu não consigo compreender-me a mim próprio. Muitas vezes fujo dos meus problemas porque não os consigo enfrentar. Por exemplo, viver no Colégio, sem poder ver e ter o afecto da família, faz-me sentir dor porque penso que não tenho ninguém que me dê aquilo que eu gostava de ter. Gostava de ter uma casa onde estivessem o meu pai e a minha mãe juntos. Gostava que o meu irmão fosse bem aceite pela família. Gostava de voltar a poder ver o meu irmão e estar com ele. Gostava de ser uma pessoa normal, isto é, que me aceitassem tal como eu sou, que gostassem de mim com as minhas qualidades e os meus defeitos e que nunca desistissem de mim.
> O que mais me magoa na vida é estar longe das pessoas de quem gosto. Esse é o problema mais difícil de enfrentar. Então, quando a necessidade de afecto e a saudade apertam eu procuro sobressair pela negativa, maltratando as pessoas que me rodeiam. Desvalorizo os outros para me sentir superior a eles… Aos fins-de-semana ando por aí… vejo passar o tempo…

Será possível um jovem mal amado amar as outras pessoas?

**Virgílio**

> Quando entrei para o lar passei a ir à escola. Mas continuei a ter problemas porque era revoltado e muito agressivo, não suportava que ninguém me provocasse ou me fizesse frente… por exemplo, uma vez um colega da escola deu-me uma chapada e um outro colega emprestou-me uma faca porque eu queria esfaqueá-lo… não cheguei a fazê-lo porque aí pensei nas consequências e acabei por não lhe fazer mal. Fui suspenso

cinco dias e no meu lar deram-me um comprimido para dormir e trouxeram-me para aqui, para a Clínica do Outeiro… teve de ser assim porque se não fosse a dormir eu não vinha. Nessa altura eu já tinha 13 anos feitos…
No lar vivi cerca de cinco meses. Tinha amigos, estava mais liberto, ia à escola, mas nem sempre ia às aulas… faltava para andar com os amigos… na vadiagem… olhe, por exemplo, roubava, destruía coisas… podia passear com os meus colegas antes de retornar ao lar… tinha horas para estudar e às vezes tinha monitores que me ajudavam a estudar. A vida no lar era boa quando comparo com o bairro… no lar eu gostava porque interagia com outras pessoas, pessoas normais… mas não sei se vou voltar ao lar… mas eu preferia uma família com carinhos… eu também não tive pai… é como se não tivesse… acho que na minha vida me fartei de viver sem paz… eu gosto de ajudar as pessoas. Houve um colega meu que lhe morreu a mãe e eu ajudei-o… e gostei de o fazer. Também tive uma amiga que morreu, e com um amigo comum fizemos um poema… faz bem.

"Ei, melancolia
Desta tua partida
Amiga Isabel
Foste embora sem dar aviso
Deus fez a chamada
Respondeste ao seu pedido…
Ainda hoje não acredito
Naquilo que te aconteceu
Tanta pureza e bondade
Foste transferida para o Céu
Eras amada por todos
Tanta gente que sofreu
Lágrimas ainda escorrem
De quem te ainda adora Isabel"

(Virgílio e amigo: poema musicado)

No lar havia regras, horários e eu cumpria, às vezes… mas muitas vezes não queria aceitar as regras… também tinha saudades da minha mãe…de ter uma família… afinal nunca tive, não é? Antes de eu poder ir aos fins-de-semana a casa, a minha mãe ia-me visitar…depois eu comecei a ir a casa. A minha mãe dava-me atenção, amizade e carinho, dava-me presentes, e também me dava dinheiro para levar para a escola…eu tenho uma mota que ela me deu nos anos, sabe?
Mas da minha mãe, dos meus sentimentos para com ela também não quero falar…não gosto de falar dos problemas que tive com ela, custa-me muito porque tenho pena e dá-me a culpa pelo que fiz. Os sentimentos que eu vivo eu acho que estão ligados com o bairro onde cresci… são sentimentos de culpa e de revolta… eu preferia estar no lar do que estar com a minha mãe, eu prefiro o lar porque se eu viver no sítio onde a minha mãe vive, eu vou continuar com aqueles comportamentos. Se a minha mãe mudar de casa para outro sítio eu quero ir viver com ela. Ela agora trabalha numa loja, é vendedora … ao balcão. Mas há muitas coisas que nunca falei com a minha mãe nem vou falar… sobre a vida dela…

Os jovens cujas vidas temos vindo a reconstruir apresentam histórias de um profundo sofrimento, histórias de onde estiveram ausentes as oportunidades para criar laços firmes, protectores e securizantes, tanto com as suas mães como com outros adultos. Muitos deles originários de famílias em que os pais são toxicodependentes, experimentaram desde que nasceram a ausência de adultos significativos na sua vida afectiva, situação que foi reforçada com a passagem pelos colégios.

O abandono e rejeição de que foram alvo por parte dos pais levou-os a construírem uma ideia de si próprios de não serem merecedores de afectos e atenções, o que acabou por neles instalar um sentimento de suspeição em relação à fiabilidade dos adultos. Sobre as suas vidas pesou a incapacidade parental, vivendo entregues a si próprios "como se" não fossem pertença de ninguém.

Outros viveram experiências familiares em que a violência dos progenitores só contribuiu para gerar ódios que, no campo dos afectos, remeteu para o desenvolvimento de impulsos auto e hetero-destrutivos. Nestes, os sentimentos de tristeza manifestaram-se sobre a forma de raiva e ódio, e, por isso mesmo, por comportamentos de grande violência. O mais certo é terem crescido desenvolvendo mecanismos de identificação com os agressores. Vítimas de pessoas com vidas profundamente vulneráveis social e emocionalmente, não aprenderam a gostar de si próprios porque nunca foram gostados por ninguém.

Chegados à adolescência, sem terem conhecido qualquer sentimento de pertença, os grupos de pares representaram os lugares de acesso à identidade, afirmando-se sempre pela negativa para conseguirem o respeito do grupo. São jovens que vagueiam pelas ruas sem rumo à procura de um preenchimento emocional gerado na agressividade e na violência, num total desligamento de qualquer sentimento de amor e de ligação à vida.

Com uma estrutura psicológica marcada pelo vazio afectivo e por modelos de relação inseguros e rejeitantes, estes jovens ficaram impedidos de criar a confiança básica necessária para acreditar nos adultos.

Como refere Pedro Strecht, a propósito de alguns crimes verdadeiramente chocantes[155], os jovens que não conheceram senão o abandono e a rejeição, que foram criados sem regras nem limites, que nunca foram desejados nem pertenceram a ninguém, que só conheceram famílias e bairros sem dignidade para

[155] Pedro Strech refere o caso James Bulger, incluindo o julgamento dos dois rapazes de Liverpool que, então com 10 e 11 anos, raptaram uma criança de dois anos e, depois de a terem espancado, a deixaram em cima de uma linha de caminho de ferro para o seu corpo ser depois trucidado pelo primeiro comboio que passou; ou o crime que aconteceu entre um grupo de adolescentes acolhidos numa instituição do Porto e um sem-abrigo que sucumbiu aos seus ataques violentos.

poderem construir o gosto por si e pelos outros, em que, não raro, a violência emerge como uma forma de exteriorizar as tensões geradas pelos sentimentos de ansiedade, culpa e medo, estes jovens não podem senão "*andar perdidos".*

Sem terem tido oportunidade para aprender a contenção emocional, estes jovens desenvolveram comportamentos que mais não visaram do que prolongar estados emocionais de ilusão sobre o que é a desinibição e o bem-estar. Jovens em que a incapacidade de lidar com as adversidades, geradoras de frustrações com as quais não estão capacitados para enfrentar, são, não raro, "tratados "como se" a gravidade destes casos não tivesse uma clara explicação no passado de risco psíquico de muitas vítimas que, aos poucos, se vão perdendo e desligando da vida e do amor, para se tornarem vitimizadores"[156].

Para estes adolescentes que cresceram no desconhecimento de valores, na ausência total de comunicação emocional com outros, não será de surpreender que desenvolvam sentimentos muito negativos face à vida, sentimentos de desamparo, insegurança e tristeza, representando a violência dos seus actos, contra si próprio e contra os outros, a mais profunda falta de esperança para poderem dar um novo sentido à sua própria vida.

> "Podemos dizer que quando há rapazes autores de crimes tão chocantes, então eles são cometidos por alguém que está profundamente perdido e que sempre, sempre foi tratado "como se…"
> Perdido porque, muitas vezes, antes de nascer nunca foi desejado por ninguém. E mesmo depois de nascido, nunca pertenceu a alguém.
> Perdido porque, muitas vezes, foi precocemente cedido aos cuidados de outrem.
> Perdido porque, quase sempre, sem pai e/ou mãe presentes durante o seu crescimento, nunca conhecendo um traço contínuo de afecto minimamente digno desse nome.
> Perdido porque, quase sempre criado sem regras nem limites, em bairros, ruas e casas que nem dignidade têm para ser referidas por esse nome, logo, criado sem qualquer sentimento de identidade ou pertença.
> Perdido porque as suas dificuldades emocionais, quase sempre expressas precocemente, nunca foram realmente atendidas ou tratadas.
> Perdido porque colocado em instituições, sem projecto de vida, onde muitas vezes o que conheceu no seu dia-a-dia mais não foi do que uma trágica e triste repetição daquilo que já conhecera anteriormente (como o abandono emocional ou a violência física retaliatória), embora em palcos e roupagens diferentes.
> Tratado "como se" nenhum destes problemas existisse, num país que definitivamente deveria ter um momento de longa reflexão sobre as culpas que arrasta na forma como desprotege algumas vidas de crianças e adolescentes em desvantagem social.
> Tratado "como se" a gravidade destes casos não tivesse uma clara explicação no passado de risco psíquico de muitas vítimas que, aos

[156] Pedro Strecht, Jornal Público

> poucos, se vão perdendo e desligando da vida e do amor, para se tornarem vitimizadores.
> Tratado "como se" as respostas da Segurança Social ou do sistema de justiça fossem as necessárias ou mesmo suficientes e ninguém as quisesse realmente mudar.
> Tratado "como se" nada pudesse voltar a repetir-se no futuro, tal como sistematicamente se repetiu no passado, em contínuos ciclos de perpetuação dos problemas.
> Quando há adolescentes ou crianças (mais grave ainda!) que matam, chegou-se a um ponto final. Actores em cenários da vida onde a violência é a expressão última de um pensamento terminal, que acima de tudo se caracteriza pela ausência de esperança e de possibilidade de ajuda possível, também a parte mais importante do funcionamento das suas personalidades se encontra já morta quando acabam por matar. Aqui, como Sigmund Freud explicou há mais de cem anos, o instinto de morte, vence: Tanatos derrota Eros, porque tudo o que nestes rapazes significava pulsão de vida era quase inexistente.
> Por isso, no ponto final em que nos encontramos como sociedade, já só resta registar e, como em tantas e tantas outras vezes no passado (e seguramente, em dias futuros), passivamente lastimar. A não ser que, muito profundamente, muito seriamente, alguém deseje reescrever histórias de vida, episódios de amor, onde surja uma nova cultura de investimento na infância e na adolescência".
> "Se eu voltasse ao ponto onde estava, morria. Por isso, ali, era matar ou morrer" (V., 13 anos)

## II – CONTRIBUTOS PARA A CONSTRUÇÃO TEÓRICA E PARA UMA PRAXIS CIENTIFICAMENTE SUSTENTADA EM TORNO DO FENÓMENO DA TOXICODEPENDÊNCIA: UMA ABORDAGEM TRANSDISCIPLINAR

Na obra Outsiders, Becker desenvolve uma reflexão que constitui uma referência incontornável para quem se propõe reflectir sobre os motivos que conduzem os indivíduos ao consumo de substâncias psicotrópicas, apesar desta prática ser condenada pela lei e pela opinião pública. A partir da questão "como é que alguém se torna fumador de marijuana", este autor procura descortinar as causas profundas subjacentes a este fenómeno cuja expansão crescente é hoje motivo de preocupação para muitos.

Existe uma predisposição ou motivação derivada de certas características individuais específicas responsável pelo consumo de drogas? Serão os fumadores de marijuana portadores de alguma característica psicológica própria que os impele a fugir aos problemas e a refugiar-se em "fantasmas"?

Becker responde a estas interrogações, assumindo que todas as teorias que se apoiam nos pressupostos acima identificados estão longe de ser capazes de explicar adequadamente o uso de marijuana.

## CAPÍTULO 6 – SERÃO OS CONSUMIDORES DE DROGAS PORTADORES DE ALGUMA CARACTERÍSTICA PSICOLÓGICA PRÓPRIA?

A abordagem teórica em que se situa Becker, o interaccionismo simbólico, está na base de uma ideia que contradiz de modo contundente o senso comum. Ao contrário do pensamento corrente, a génese das motivações desviantes, diz este autor, é determinada pelo próprio decurso das actividades desviantes. Ou seja, não são as motivações desviantes que conduzem ao comportamento desviante mas, ao contrário, é a prática recorrente do comportamento desviante que acaba por produzir a motivação desviante. Impulsos e desejos vagos, entre os quais a curiosidade acerca do tipo de experiência que a droga pode provocar, podem transformar-se em formas de actividade recorrentes. Um indivíduo que adopta um modo de consumo regular de marijuana não somente tem que aprender a gostar dela, mas tem, também, que ultrapassar os poderosos controlos sociais que consideram o seu uso imoral ou imprudente.

Só a desconfiança a respeito dos controlos sociais, que habitualmente tendem a manter os comportamentos em conformidade com as normas e os valores fundamentais da sociedade, induz o comportamento desviante. Numa sociedade heterogénea, este processo pode tomar contornos complexos, desde logo porque as desconfianças a respeito do controlo social podem ser aprendidas através da socialização em grupos cuja cultura e controlos sociais próprios se opõem aos da sociedade global.

Os controlos sociais influenciam o comportamento individual, desde logo através da aplicação de sanções, em função da conformidade ou da distância em relação aos valores socialmente estabelecidos. É, todavia, sabido que o controlo social seria impossível de manter se fosse apenas baseado no constrangimento externo. Outros mecanismos mais subtis são indispensáveis para assegurar o controlo social. Becker refere o controlo social interno, equivalente ao super-ego de que falava Freud, adquirido na relação com os outros significativos que povoaram a socialização primária. As concepções transmitidas por pessoas dignas de estima são validadas

pela experiência, em circunstâncias tais que os indivíduos acabam por não se envolver nas práticas que divergem dessas concepções. Como explicar, então, a génese dos comportamentos desviantes? Que acontecimentos anulam a eficácia das sanções e que experiências modificam as concepções que os indivíduos fazem dos comportamentos que se desviam da norma?

Tomando o exemplo do uso da marijuana, Becker analisa a sequência de acontecimentos e de experiências através das quais uma pessoa se torna capaz de continuar a fumar marijuana, apesar das formas de controlo social que actuam para impedir esta prática.

Sendo a utilização da marijuana uma prática ilegal, susceptível de penas severas, sendo, igualmente, difícil o acesso à droga, expondo o indivíduo a diversos obstáculos e ao risco permanente de captura e de prisão, como explicar o consumo? Se corre o risco de lhe serem atribuídas características acessórias que acompanham geralmente o uso da droga, pela família, pelos amigos ou pelo empregador, o que leva o fumador a manter esse consumo? Se arrisca ser visto como irresponsável e incapaz de se controlar, talvez mesmo como louco, se corre o risco de os seus próximos lhe retribuírem com diversas sanções informais mas muito eficazes, tais como o ostracismo ou a retirada do afecto, o que faz fracassar a eficácia destas sanções? Se certos lugares comuns, representações tradicionais que definem a prática como uma violação de imperativos morais fundamentais, como um acto conducente à perda do controlo de si, à paralisia da vontade e, finalmente, à submissão à droga, contribuem poderosamente para impedir o seu uso, como explicar a ineficácia desta forma de controlo em muitos indivíduos?

Enquanto a psicologia, pelo menos uma certa psicologia, tende a remeter o acto desviante para as motivações do indivíduo, que o mesmo é dizer, para a deliberação intencional de quem o comete, a sociologia procura descobrir as tensões socialmente estruturadas.

A análise dos actos de desviância intencional em termos de motivações pressupõe que a diferença fundamental entre os desviantes e os não desviantes reside na experiência individual precoce, experiência esta que engendra necessidades inconscientes que o indivíduo deve satisfazer para manter o seu equilíbrio.

As teorias sociológicas, essas interessam-se em demonstrar como aqueles que ocupam posições sociais submetidas a exigências contraditórias são tentados a resolver esse problema por meios ilegítimos. Por exemplo, a teoria bem conhecida de Merton sobre a anomia procura demonstrar como o funcionamento das instituições produz uma clivagem interna nos indivíduos, fazendo-os desejar objectivos que não podem concretizar por meios legítimos.

Becker propõe uma abordagem que, embora destaque aspectos distintos dos abordados por Merton, não nos parece contraditória com a deste autor. Ao contrário dessa ideia corrente segundo a qual apenas os desviantes estão efectivamente predispostos para agir assim, Becker sustenta que a maior parte das pessoas tem frequentemente tentações desviantes. Por isso, em vez de nos perguntarmos porque é que os desviantes fazem coisas que são reprovadas, seria mais esclarecedor se nos interrogássemos acerca das razões pelas quais aqueles que respeitam as normas, mesmo tendo tentações desviantes, não passam ao acto. A resposta que o autor encontra para esta interpelação é que esses teriam muito a perder caso transgredissem as normas socialmente estabelecidas.

Por exemplo, se os adolescentes das classes médias não abandonam a escola é porque o seu futuro profissional depende da duração da escolarização de que beneficiaram. Do mesmo modo, as pessoas que vivem segundo as convenções estabelecidas não devem ceder a uma tentação da droga porque o uso desta implica abrir mão de muitas coisas que não estão dispostas a perder, tais como o emprego, a reputação, a confiança dos outros. Se um indivíduo «normal» é capaz de reprimir a tentação desviante é porque, pensando nas múltiplas consequências que se seguirão ao acto, descobre que tem mais a perder do que a ganhar.

Uma tal perspectiva de análise dos actos de desviância intencional implica que nos interroguemos sobre os modos pelos quais o envolvimento do indivíduo no mundo convencional não ocasiona quaisquer consequências para si.

Primeiro, todos os que não têm, nem reputação a preservar, nem emprego a conservar no mundo convencional, nada ganham com a manutenção das aparências conforme as convenções. São, pois, livres de obedecer aos seus impulsos. Isto não significa que, na maior parte dos casos, as pessoas deixem de ser sensíveis aos códigos convencionais de comportamento ou que não experimentem fortes tentações de respeitar a lei, comportando-se de acordo com ela. Como demonstraram Sykes e Matza, é essa tentação que explica o facto de os delinquentes recorrerem a racionalizações e técnicas de neutralização, encontrando «justificações» do desvio que entendem ser válidas, apesar de divergirem da justiça e da sociedade global[157].

---

[157] Howard Becker, *Outsiders*. *Études de sociologie de la deviance*, A. M. Métailié, Paris, 1985, p. 52.
«Na medida em que o delinquente pode considerar que não é responsável pelas suas actividades desviantes, a eficácia do freio que é a reprovação (a dos outros ou a sua própria) fica grandemente diminuída. O delinquente concebe-se quase como uma “bola de bilhar”, vê-se atirado, com toda a impotência, de situação em situação. Aprendendo a considerar-se muito mais como passivo do que como activo, o delinquente prepara-se para se desviar do sistema de normas dominantes sem que lhe seja necessário opor-se frontalmente às próprias normas.
Uma segunda técnica fundamental de neutralização está centrada no prejuízo que pode engendrar o acto delinquente. Para o delinquente, o carácter justificado ou não do seu acto desviante pode depender da questão de saber se alguém foi manifestamente lesado por ele; ora este aspecto está sujeito a interpretações variadas. Um roubo de carro pode ser considerado como uma “luta” entre bandos, como

Uma segunda possibilidade de a não conformidade com a norma ocasionar um benefício superior ao custo ocorre em circunstâncias particulares em que uma acção é desencadeada para satisfazer interesses legítimos, embora não totalmente em conformidade com a norma.

Becker cita o exemplo do médico que, encontrando grandes dificuldades em satisfazer o desejo de ampliar a sua clientela, acaba por praticar um aborto ilegal. Apesar de admitir que o acto é irregular, considera-o necessário à sua carreira.

A manutenção desta forma de desvio durante um longo período de tempo acaba por transformar a desviância em género de vida e conduzir à organização de uma identidade baseada num modo de comportamento desviante. Um dos mecanismos que leva o indivíduo a passar de uma primeira experiência ocasional para uma actividade mais constante é a aprendizagem no decurso das interacções com desviantes mais experimentados. O que pode ter surgido de um impulso fortuito torna-se num gosto permanente a partir da participação numa subcultura organizada em torno de uma actividade desviante particular.

Para compreender o processo de transformação de um indivíduo num delinquente é preciso enveredar por outros aprofundamentos. Diz Becker que ser tomado e publicamente designado como desviante constitui, provavelmente, uma das fases mais cruciais do processo de formação de um modo de comportamento desviante estável. As práticas delinquentes dependem menos das próprias acções do indivíduo e mais da decisão dos outros em favor da defesa da norma que foi transgredida. No entanto, pode acontecer que o autor do acto se estigmatize a si próprio como desviante, mesmo se ninguém descobre, nem reprime o seu acto.

Ser tomado e estigmatizado como desviante desencadeia efeitos consideráveis sobre a posterior participação do indivíduo na vida social, tal como sobre a evolução da imagem que este constrói acerca de si próprio. O principal efeito remete para o facto de o estatuto do indivíduo sofrer uma alteração profunda aos olhos dos outros, os quais, a partir do carácter mais ou menos grave da falta cometida,

---

uma questão privada, um combate mutuamente aceite entre duas partes que não dizem mais respeito ao conjunto da comunidade.

A indignação moral testemunhada pelos outros ou ressentida pelo delinquente pode ser neutralizada através do argumento de que o prejuízo causado, em circunstâncias de acção, não é injusto. … As agressões contra os homossexuais (ou aqueles que se presumem como tal), os ataques contra os membros de minorias acusados de não saberem «ficar no seu lugar», o vandalismo concebido como uma vingança contra um professor ou um agente da administração escolar que não foi «correcto», os roubos nos grandes armazéns em que os patrões são “corruptos”, todas estas acções podem constituir, aos olhos dos delinquentes, prejuízos infligidos a alguém que transgrediu os costumes.

Uma quarta técnica de neutralização parece implicar uma condenação daqueles que condenam. Estes, sustenta o delinquente, são hipócritas, desviantes, simulados, ou indivíduos que agem por um rancor pessoal. Atacando os outros, é-lhes mais fácil justificar o carácter injustificado do seu próprio comportamento».

passarão a atribuir-lhe uma personalidade diferente da que anteriormente lhe reconheciam, passarão a etiquetá-lo e a tratá-lo em conformidade.

Becker socorre-se da distinção, avançada por Hughes, entre características principais e acessórias de um estatuto para analisar com maior aprofundamento as consequências que decorrem do facto de haver adquirido uma identidade desviante. Se tivermos em conta que, em geral, os estatutos têm uma característica principal que serve para distinguir aqueles que ocupam um dado estatuto dos que não o ocupam, e que, além disso, existem certas características que, apesar de acessórias, não deixam de pesar sobre o processo de aquisição de uma identidade desviante[158], estaremos em melhores condições para compreender o que está em causa no processo de formação deste tipo de identidade.

Casos há, em que o acesso a um estatuto bem considerado pode ser recusado porque o indivíduo não reúne as características acessórias consideradas adequadas, apesar de possuir as qualificações formais requeridas para aceder a esse estatuto.

Já no que respeita ao estatuto desviante, a posse de uma certa característica desviante pode ter um valor simbólico geral, levando as pessoas a associar automaticamente outras características ao sujeito em função dessa primeira característica. Todas as características acessórias passam a ser inevitavelmente inquinadas pela característica principal que é ter praticado um delito. Basta um único delito oficialmente reconhecido para que lhe seja atribuído um conjunto de características acessórias, aliás como a todos os que são classificados com a etiqueta de desviantes. Aquele que é reconhecido como culpado e qualificado como delinquente é visto como alguém que pode, com grande probabilidade, cometer outras infracções. Apesar de ter sido julgado por um único acto desviante corre o risco de ser considerado como desviante ou indesejável noutros aspectos. “Tratar uma pessoa que é desviante sob um certo aspecto como se ela o fosse em todos os outros, é enunciar uma profecia que contribui para a sua própria realização. Assim se põem em jogo

---

[158] Howard Becker, *Outsiders*. *Études de sociologie de la deviance*, A. M. Métailié, Paris, 1985, pág. 55 – 56.
“Assim um médico, sejam quais forem as suas outras características, detém um diploma atestando que ele satisfaz certas exigências e que ele está autorizado a praticar a medicina. No entanto, de maneira informal, espera-se de um médico que possua certas características acessórias. A maior parte das pessoas espera que ele seja membro das fracções superiores das classes médias, que seja homem, branco e protestante. Se tal não for o caso, tem-se o sentimento que, de uma certa maneira, ele não satisfaz todas as exigências. Do mesmo modo, a cor da pele é a característica principal que distingue os negros dos brancos, mas também se espera dos negros, de maneira informal, que possuam certas características de estatuto e não outras; as pessoas consideram surpreendente e anormal que um negro revele ser médico ou professor da universidade. Os indivíduos possuem frequentemente a característica principal sem possuir as características acessórias esperadas de modo informal; por exemplo, certos médicos são mulheres ou negros.

diversos mecanismos que concorrem para modelar a pessoa à imagem que os outros fazem dela”[159].

No que respeita ao uso das drogas opiáceas, ocorre que a pessoa que ganhou a reputação de toxicodependente tem todas as hipóteses de vir a perder o emprego mesmo que isso não afecte necessariamente as suas capacidades de trabalho. Pode concluir-se que este tipo de constrangimento contribui para atirar o indivíduo para outros tipos de actividades ilegítimas, tais como o roubo.

Também as modalidades de tratamento, especialmente as que privilegiam a repressão, podem contribuir para aumentar a desviância. Em face da impossibilidade de obter a droga por vias legais, nasce um mercado clandestino que faz subir os preços muito para além do que seria o preço corrente no mercado legal. Assim se torna, para muitos, impossível aceder ao consumo, a não ser por vias ilegítimas. É em resultado da reacção social ao consumo das drogas que o toxicodependente é remetido para uma posição tal que lhe facilitará o recurso à fraude e ao delito para aceder à sua dose habitual. Pode, então, dizer-se que a sua conduta resulta menos de propriedades inerentes à acção desviante do que das reacções dos outros à sua desviância, que o mesmo é dizer, a maneira como se tratam os desviantes equivale a recusar-lhes os meios de realizarem as actividades rotineiras da vida quotidiana. É devido a esta recusa que o desviante deve necessariamente pôr em acto práticas rotineiras ilegítimas[160].

A última etapa de uma carreira desviante consiste em entrar num grupo desviante organizado. Os procedimentos precisos que acompanham a entrada da pessoa num grupo organizado influenciam fortemente a concepção que o indivíduo tem de si mesmo. A vivência em comum da desviância faz nascer o sentimento de ter um destino comum, de estar no mesmo barco. É essa consciência de partilhar um mesmo destino e de conviver com os mesmos problemas que engendra uma sub - cultura desviante, isto é, um ”conjunto de ideias e de pontos de vista sobre o mundo social e sobre o modo de a ele se adaptar, assim como um conjunto de actividades

---

[159] Howard Becker, *Outsiders*. *Études de sociologie de la deviance*, op. cit., pág. 57.

[160] Howard Becker,, *Outsiders*. *Études de sociologie de la deviance*, op. cit., pág. 59 a 60. Becker nota que nem todos os indivíduos que cometem um acto desviante e que são qualificados de desviantes se comportam, inevitavelmente, de modo a acentuar a sua desviância, que nem sempre as profecias se verificam e os mecanismos funcionam. Quais são, então, os factores que tendem a impedir ou a interromper o processo de amplificação da desviância e em que circunstâncias entram em acção?
Se o indivíduo é preso pela primeira vez em circunstâncias e num momento em que ainda tem a escolha entre duas linhas de conduta opostas, o seu acto não engendra necessariamente uma amplificação da desviância. Colocado, pela primeira vez, perante as consequências últimas e brutais que a sua acção pode tomar, ele pode decidir que não é desejável envolver-se mais na via da desviância e arrepiar caminho. Se ele faz a boa escolha, o seu regresso à comunidade das pessoas que respeitam as normas será bem acolhido por estes; mas se ele toma a má direcção, ele será rejeitado e estabelecerá um ciclo de amplificação da sua desviância”.

rotineiras fundadas sobre estes pontos de vista. A pertença a um tal grupo cristaliza uma identidade desviante”[161].

A entrada num grupo desviante organizado tem várias consequências sobre a carreira do desviante. Desde logo, os grupos desviantes são levados, mais do que os indivíduos desviantes, a racionalizar a sua posição. Nos casos extremos, elaboram justificações históricas, jurídicas e psicológicas complicadas da sua actividade desviante.

A maior parte dos grupos desviantes tem um sistema de autojustificação, uma «ideologia», que contribui para neutralizar o que lhes resta de atitudes conformistas e que aos olhos do indivíduo fornecem razões sólidas para manter a linha de conduta.

Becker dedica largas páginas a demonstrar que um indivíduo não pode começar sozinho a fumar marijuana, que só o pode fazer se estiver integrado num grupo, desde logo porque a posse e a venda de droga estão sujeitas a penas severas. A sua distribuição encontra-se restrita a fontes ilícitas que não são facilmente acessíveis a todos, pelo que, a não ser que se integre num grupo que lhe dê acesso a estas fontes, grupo esse geralmente organizado em torno de valores e de actividades que se opõem às convenções da sociedade global, o indivíduo não tem possibilidades de aprovisionamento do produto[162]. A participação no grupo não somente cria as condições de uma primeira experiência da marijuana, como condiciona a passagem ao estado seguinte de utilização ocasional, ou seja, um estádio em que o indivíduo fuma a marijuana de maneira intermitente e irregular. A frequência do consumo tende, primeiro, a depender directamente da disponibilidade da droga, o indivíduo toma-a quando está na companhia daqueles que a têm, e unicamente nestas circunstâncias. Pode, então, dizer-se que o consumo tende, assim, a variar em função das condições do aprovisionamento, que, por sua vez, depende da frequência dos encontros com outros consumidores[163].

---

[161] Howard Becker, *Outsiders*. *Études de sociologie de la deviance*, op. cit., p. 60.

[162] Howard Becker, Outsiders, *Études de sociologie de la deviance* op.cit., pág. 85 e segs. ..“ Estava com estes tipos desde a escola, e um deles tinha-a; eles preparavam-se para planar e … acreditavam que eu também … eles não me pediram nada; então como eu não queria fazer ofício de corpo presente ou qualquer coisa como isso, eu nada disse e fui com eles. Eles preparavam-se para enrolar alguns cigarros.”
“Nenhum de nós sabia onde a encontrar, nem onde era preciso procurá-la. Mas havia lá aquela rapariga … ela tinha algumas companheiras negras e já tinha planado antes com elas. Talvez uma ou duas vezes. Mas ela sabia um pouco mais do que nós. Então ela obteve um pouco de droga graças às suas amigas negras, e uma noite ela trouxe-nos alguma droga“

[163] Howard Becker, Outsiders, *Études de sociologie de la deviance* op.cit., pág. 86 “Um músico que tinha chegado a este estado declarava, por exemplo: a maior parte do tempo, é quando eu trabalho que plano. Nestes últimos tempos quase que não consumi. Eu estou casado há doze anos e não fiz grande coisa desde aí. Obtive um trabalho de dia e não pude consumir muito. Não tive muitas ligações e portanto não fumei verdadeiramente com frequência. Como já disse, as únicas vezes em que eu plano

O modo de consumo mais sistemático e regular só é possível quando existe uma fonte de aprovisionamento que não dependa de encontros, mais ou menos aleatórios, com outros consumidores, que o mesmo é dizer, implica entrar em contacto com pessoas que fazem da venda de estupefacientes profissão[164]. A partir do momento em que são realizadas compras em quantidade, um novo tipo de consumo passa a ser possível[165]. Mais uma vez, é preciso ultrapassar uma série de obstáculos que se prendem com o facto de a venda da droga ser ilegal. Para lidar com os revendedores é preciso saber onde os encontrar, e para que eles não hesitem em vender, é preciso ser conhecido deles. Tudo isto é impossível de realizar se não existir ligação com grupos que utilizam a droga. À medida que se integra nestes grupos e ganha a sua confiança, o indivíduo pode obter informações sobre os vendedores, ser-lhes apresentado, e, finalmente, ser considerado por eles como alguém em quem se pode ter confiança. Acontece, diz Becker, que muitos indivíduos não usam esta possibilidade, dado o risco de serem capturados.

Todavia, esses receios tendem a desaparecer a partir do momento em que a primeira compra foi bem sucedida, que o indivíduo adquire uma capacidade de avaliação do perigo e uma experiência que lhe conferem uma prudência realista e a tomada das precauções elementares[166].

A aplicação da lei limita o uso da marijuana, não pela dissuasão directa dos consumidores, mas porque, ao desestabilizar as fontes de aprovisionamento,

---

verdadeiramente são quando eu trabalho com rapazes que fumam… então eu também. Há seis meses que não plano. Não fumei nada durante todo este tempo. Mas desde que estou neste trabalho, faz três semanas, planei todas as sextas e sábados.(a observação deste homem durante várias semanas revelou que ele depende completamente, para o seu aprovisionamento de marijuana, dos outros membros da orquestra na qual ele trabalhava e dos músicos que passavam no cabaret onde ele tocava)"

[164]Howard Becker, *Outsiders, Études de sociologie de la deviance* op.cit., pág. 87 "Naquela época, eu saia com um bando que consumia. Eram sempre eles que ma forneciam e isso acabava por me incomodar. Eu estava verdadeiramente aborrecido por nunca a possuir, de não poder oferecer-lhes na minha vez. Perguntei pois onde a poderia encontrar, eu acabei por descobri-la pela primeira vez".

[165] Howard Becker, *Outsiders, Études de sociologie de la deviance* op.cit., pág. 88 e segs. "Se a venda fosse livre, eu utilizá-la-ia todo o tempo. Mas (tu queres dizer se não fosse contrária à lei?). Sim. (quer isso dizer que não desejas ser implicado?) É isso, eu não desejo ser muito implicado. Eu não quero estar em contacto muito estreito com pessoas que fazem este tráfico, que estão completamente lá dentro. Eu nunca tive dificuldade em obtê-la. … há sempre alguém que a tem e podes obtê-la quando tu queres. É por isso, somente por isso, que nunca me foi necessário entrar em contacto mais ou menos directamente com revendedores; tu explicarás isto, suponho, pelo facto de eu nunca ter tido necessidade de cravar ou de ir procurar alguém ".

[166] Howard Becker*, Outsiders*, *Études de sociologie de la deviance* op. cit., pág. 90 e segs. "Para os que conseguiram estabelecer contactos, o uso regular é frequentemente interrompido pela prisão ou desaparecimento do seu fornecedor. Nestas circunstâncias, o uso regular não se mantém a não ser que o utilizador seja capaz de encontrar uma nova fonte de aprovisionamento. Eis como um jovem deixou de fumar durante algum tempo: "Aquele foi preso , como Tom. Em seguida, Cramer, eu devia-lhe algum dinheiro, não o tinha visto durante bastante tempo; quando tentei vê-lo, ele tinha partido, e ninguém me soube dizer para onde ele tinha ido. [então tu não sabias mesmo onde o encontrar?] Não. [então tu paraste?] Sim."

torna o acesso à droga mais difícil. Neste sentido, os mecanismos sociais, que actuam para limitar a disponibilidade da droga, limitam também o seu consumo.

Todavia, a participação em grupos em que se fuma marijuana cria condições que tornam inoperantes as pressões que limitam o uso da droga. Esta participação reforça a sensibilidade aos controlos do grupo que utilizam a droga, o que empurra o fumador a recorrer a novas fontes de aprovisionamento. As mudanças no modo de aprovisionamento criam, por seu lado, as condições de uma progressão em direcção a uma utilização mais intensa. Pode, então, dizer-se que, numa situação em que a droga é distribuída por vias ilegais, a pertença e a participação em grupos conduzem a modificações na intensidade da utilização da marijuana, agindo sobre o acesso a esta.

**Manuel**

> "Comecei aos 11 anos a consumir haxixe e até aos 13 anos só consumi esta droga. Consumia na escola, em festas, aos fins-de-semana, em grupo de amigos e, às vezes, quando tudo estava deitado, também consumia em casa. Comecei com a minha irmã e com um amigo dela… foram eles que me disseram se eu queria experimentar e eu quis… tive medo, mesmo medo, mas eles começaram a dizer-me que aquilo dava prazer, que me punha alegre, bem disposto, aliviava o estado de espírito… eu andava bem só que lembro-me que eles me disseram que aquilo fazia a pessoa andar mais feliz, rir mais… e eu caí na asneira…
> Eu tinha medo porque já tinha ouvido dizer que as drogas faziam mal e porque sabia que ia fazer qualquer coisa de mal, que não devia fazer, que era um risco, que ia contra as normas… mas mesmo assim alinhei, embora soubesse que era um risco… eles convenceram-me… mas eu também gostava de estar sempre a pisar os riscos…eu sempre gostei de brincadeiras que iam contra as regras, como por exemplo chatear polícias, queimar coisas, não cumprir com horários de chegar a casa, nem horários para estudar, nada, embora tivesse respeito pelos meus pais e a minha avó… mas não tinha grandes limites…n aquela altura eu achava que as regras eram exigências a mais que eles me punham e não cumpria… embora às vezes me castigassem, só que eu contrariava sempre… às vezes castigavam e outras não. Dependia… mas quando me castigavam era, por exemplo, impedir de sair no dia seguinte, ou não me darem dinheiro para sair…só a minha mãe é que às vezes me batia.
> Não gostei das primeiras experiências com a droga. Vomitava, não me sentia bem, ficava tonto, ganhava paranóias com o haxixe, do tipo de pensar que todas as pessoas estavam a olhar para mim, não sabia o que se passava comigo… foram eles [a minha irmã e o amigo] que me ensinaram a preparar a droga, a preparar os filtros e assim, que insistiam para eu não desistir, dizendo-me que os efeitos eram só das primeiras vezes, que depois que me habituasse eles iam desaparecer… e foi. Com eles consumi três ou quatro vezes, depois comecei a consumir sozinho e com um grupo de amigos que eram os meus companheiros da escola.
> As primeiras vezes que comecei a consumir era só ao fim-de-semana e uma vez ou duas durante a semana, quando havia mais dinheiro. Mas era a minha irmã que me dava… não sei como ela arranjava mas ela, nessa altura, já trabalhava… outras vezes era com os amigos. Fazíamos uma colecta entre todos, cada um dava uns tantos euros e eu ia comprar… ia eu porque já conhecia os dealers…a minha irmã às vezes usava-me e dizia que íamos sair e íamos ter com o amigo

dela e os amigos que vendiam, e eu já sabia quem eram as pessoas… vendiam na rua, cafés e assim.
As primeiras vezes que fui comprar tive medo… tinha medo que me batessem, que não me vendessem… que não quisessem vender-me por eu ser puto… por ser arriscado para eles… só que eles também já me conheciam, já sabiam de quem eu era filho e de quem era irmão… porque eles me aceitaram eu já não tinha esse medo… então ganhei confiança e passei a ir à vontade. Isto enquanto comprava em pequenas quantidades… assim, durante dois anos consumi haxixe e cannabis sem ter de roubar… era dada, comprada com dinheiro de todos, ou traficada porque, seis ou sete meses depois de começar a consumir, também comecei a vender…assim foram esses dois anos.
Eu vendia na escola, na rua, nas festas aos meus amigos. Às vezes, as pessoas vinham ter comigo a casa, usando uma desculpa de emprestar um CD ou um livro e eu vendia em casa… mas isto mesmo no princípio, porque eu vendia às escondidas dos meus pais, mas só deles, porque eu não tinha medo de vender, achava que aquilo me dava poder…claro que tinha medo de ser apanhado pela polícia, mas fazia com cautela para não ser apanhado nem pela polícia nem pelos meus pais.
Quando tinha saídas ao fim de semana, a minha família dava-me algum dinheiro e eu comecei a juntar de semana para semana e isso permitiu-me juntar o suficiente para começar a comprar em maior quantidade e começou a dar para eu vender.
Depois, através de dois amigos mais velhos que consumiam outras drogas, iniciei o consumo de heroína. Tinha então 13 anos… foram estes amigos que me ensinaram a preparar a droga… também não gostei da primeira experiência, mas fui insistindo, tal como tinha acontecido das primeiras vezes, e comecei a gostar… tinham-me falado que era uma droga mais poderosa e disseram-me que não dava dependência… que podia ser feita de semana a semana que não havia problema… eu descobri que esta droga dava dependência quando comecei a ver os meus amigos a quererem consumir todos os dias e comecei a ver outros também dependentes do consumo… é claro que tive medo… é uma droga nova que uma pessoa experimenta e nunca se sabe os factores de risco daquela droga… faz sempre medo… era uma droga que comecei a experimentar e a ver que me dava outro tipo de poder perante os meus amigos, e foi isso que me fez perder o medo… eu naquela altura só pensava em controlar tudo… era poder mas não era bem só isso, é mais o querer ser mais do que os meus amigos… afinal eu fui o primeiro entre o grupo de amigos (gente até aos 20 anos) que tinha começado a arriscar com os consumos de heroína… eles só consumiam “ganza” naquela altura… claro que depois vieram a consumir também heroína. Eu sentia-me superior, com alcance, melhor do que eles. Eu acho que não havia nenhuma razão, que eu me lembre, para eu querer ser melhor que eles, porque eles eram iguais a mim… mas a verdade é que eu acho que vivia sentimentos de inferioridade… eu acho que queria mesmo era viver uma experiência que me fizesse ser mais do que os outros.
Havia facilidade de comprar, mas quando comecei eram os meus amigos que compravam. No princípio eu não pagava, mas quando comecei a evoluir mais nos consumos, comecei a pagar… tinha dinheiro da venda do haxixe e foi na heroína, fumada, que passei a investir. Mas como não chegava, roubava em casa, roubava dinheiro, telemóveis e clonava os pin dos cartões multibanco… aprendi a fazer isso com um amigo meu que é técnico de informática e também consumia.
Nessa altura tinha medo de muitas coisas… tinha medo do meu pai, tinha medo das autoridades… para ir superando esses medos protegia-me e andava sempre atrás dos meus amigos que faziam as mesmas coisas… apesar de ter esses medos acabava sempre por fazer as coisas, embora estivesse consciente das consequências que aqueles comportamentos me podiam trazer… nessa altura a relação com o meu pai era boa, embora às vezes ele me interrogasse, só que eu negava sempre… mas o meu pai também tinha problemas graves com o álcool… não havia muito controlo sobre mim  e eu fazia muito o que queria.

Nesta fase acabei por deixar quase de traficar haxixe e passei a traficar heroína e cheguei a altos níveis de venda. Comecei a montar um grupo de pessoas também "agarradas" que trabalhavam para mim… eu comprava em grandes quantidades e depois distribuía por 3 ou 4 pessoas que tinham o compromisso de vender para mim… a esses eu dava droga e se a pessoa quisesse consumir tudo consumia, se quisesse guardar parte e vender era com ela… com este negócio vivi para aí uns três anos.
Nessa altura o que eu queria era fazer dinheiro, investir mais, investir mais, investir mais… não pensava em nada, como sentimentos de culpa ou isso… sabia que não era um trabalho "normal" mas não pensava se era bom ou mau, legítimo ou não, a única coisa que pensava era em consumir e vender… era um negócio de alto risco, ia contra muitas regras, e por isso, também, usava as pessoas para venderem para mim… eu ficava mais protegido…
Aos 15 anos comecei a consumir cocaína. Como já tinha experimentado outras drogas e me disseram que esta dava "speed", comecei a ficar ansioso por ter essa experiência… a primeira vez que comecei foi com crack – cocaína que se usa em pedra, mistura-se com cinza e aquece-se e quando fica meia líquida fuma-se em cachimbo… isto foi durante dois meses… depois comecei a consumir cocaína mas injectada.
A partir do momento que iniciei o negócio a grande parte das vezes comecei a consumir sozinho… o mesmo aconteceu com a cocaína… embora tivesse começado com um amigo, continuei depois a fazê-lo sempre só… a verdade é que nesse período da minha vida comecei a querer isolar-me. Não sei bem se isso se devia às drogas se aos problemas familiares que comecei a ter consciência… mas gostava de sentir o efeito das drogas sozinho… era prazer, era poder, era um estado de bem-estar, era esquecimento… só consumia com os meus amigos quando ia para as festas, tipo concertos e festas de *transe*… os meus problemas familiares passavam por ter pais alcoólicos e por não aceitar a realidade de o meu pai ter abandonado a minha mãe… talvez eu também não ter mãe presente… sentia que podia viver melhor se fosse de outra maneira, e isso revoltava-me… todos os meus amigos consumiam e, assim, não falava dos meus problemas com eles, nem com ninguém… assim continuava a minha vida…mas tinha o meu negócio e traficava tudo, desde haxixe, cocaína e heroína…aliás eu antes de consumir cocaína já a traficava…mantive o meu negócio até 6 meses antes de vir para a Clínica… nessa altura consumi tudo até uma overdose… e parei… houve a possibilidade de fazer um tratamento nos Açores mas acabei por ir a tribunal e vir para à Clínica.
Mais para o final do tempo do meu negócio, fui algumas vezes apanhado pela polícia por posse de drogas… ficavam lá com o meu registo e mandavam esperar porque iria a tribunal. Depois o meu próprio pai fez denúncia na polícia porque eu andava com comportamentos de fugir de casa, sempre muito revoltado, não acatar nada do que me dizia, roubos, etc, e foi aí que fui finalmente chamado a tribunal.
Neste processo tive medo, muito medo, e em tribunal deram-me a escolher ou ser preso ou vir tratar-me e eu escolhi vir tratar-me…
Acho que consumir é um acto de fuga às normas, mas também é doença porque afecta muito psicologicamente… quando comecei foi por um interesse experimental, mas que é de fuga às normas… a doença aparece depois como consequência dos consumos. Sobre o traficar eu achava que fazia isso principalmente para correr um risco e pensava que era legítimo porque era um modo de ganhar dinheiro fácil… não precisava de grandes exigências… só é exigente quando precisamos dos outros para os nossos consumos, porque ficamos dependentes e revoltados para termos os produtos para consumir… com o próprio negócio tudo se torna mais fácil… hoje acho que traficar é uma má actividade, porque muita gente morre por causa da droga… acho que traficar e consumir são duas actividades bem graves… não posso dizer que uma seja mais grave do que a outra… na altura, para mim, traficar estava justificado porque consumia, era uma maneira de acesso aos consumos.
As drogas são diferentes mas não sei bem explicar o que vem de cada uma… sei que a minha preferida era a cocaína… deu-me sempre uma sensação de

grande prazer, que eu gostei muito e isso levou-me a continuar sempre a consumir".

Além da ilegalidade, outros factores concorreriam, em princípio, para limitar o uso da droga, designadamente a percepção dos prejuízos advindos das interpretações que esta prática suscita entre os não consumidores. O utilizador acredita ser rejeitado por aqueles cuja estima e aprovação deseja manter e, esperando que as suas relações com os não fumadores não venham a ser alteradas ou rompidas, caso seja desmascarado, limita e controla a sua prática em função da importância que atribui a estas relações. Também, este tipo de controlo tende a desaparecer com a experiência prolongada da droga, quando o utilizador se apercebe que não será necessariamente descoberto. Esta convicção reforça-se, possibilitando a passagem a um nível superior.

A observação dos fumadores mais experientes que se entregam à droga sem temor apazigua o receio de ser descoberto e fornece ao principiante as racionalizações para realizar uma primeira tentativa. Persistindo em utilizar a marijuana, aperceber-se-á que pode consumir droga tantas vezes quanto queira, desde que seja prudente e que se assegure de que os não fumadores não o conseguirão interromper.

Todavia, a passagem ao estado em que o consumo se torna regular implica enfrentar o obstáculo que se prende com o facto de os universos dos fumadores e não fumadores não estarem completamente separados. Os pontos de contacto entre estes dois universos aparecem ao fumador ocasional como perigosos e, em consequência, este procura limitar a utilização às ocasiões em que tais contactos são improváveis. Duas atitudes são possíveis face ao consumo regular, uma que consiste em admitir que se pode fumar diante dos não fumadores, sem correr o risco de ser desmascarado, a outra que consiste em suprimir quase todos os contactos com os não fumadores[167].

A antecipação das consequências da descoberta do seu segredo impede o indivíduo de conservar as doses indispensáveis a um consumo regular. O uso da droga mantém-se irregular, uma vez que o indivíduo não pode fumar toda a vez que o deseja, mas somente em função dos seus reencontros com outros utilizadores. Se não

[167] Howard Becker, *Outsiders, Études de sociologie de la deviance* op.cit., pág. 91 a 92. " As observações de um jovem, que tentava em vão utilizar regularmente a droga vivendo em casa de seus pais, ilustram o primeiro tipo de risco:
Eu nunca gostei de a ter em casa. Porque eu penso que a minha mãe podia encontrá-la, ou qualquer coisa assim. [O que é que ela te teria dito a esse respeito?] Eh, bom…eles nunca falam disso, dos drogados e tudo isso mas no meu caso seria verdadeiramente atrapalhante, sei-o bem, porque eu faço parte de uma grande família: os meus irmãos e as minhas irmãs julgar-me-iam muito mal. [E tu não o desejas?] Não, eu creio que não".

descobrir um meio de superar esta dificuldade, o fumador não consegue um consumo regular a menos que rompa as relações com aqueles que o desencorajam de recorrer à droga. No início, as pessoas raramente abandonam a sua família, acabando, no entanto, por se afastar e, desse modo, o consumo, que até aí era proscrito, torna-se possível e regular[168]. Becker observa que se os laços familiares são restabelecidos, o fumador tende a retornar a uma utilização ocasional[169]. Quando o indivíduo se integra quase completamente num grupo de fumadores, o problema deixa de existir e instala-se, então, um modo de consumo regular que se manterá enquanto o indivíduo fica à margem das relações com o mundo convencional.

**Carla**

> Iniciei os consumos de drogas aos 11 anos, com o irmão mais velho da minha melhor amiga. Comecei logo a consumir vários produtos, haxixe muito frequentemente, fumado; cocaína, esporadicamente "snifada"; heroína, pouco, injectada; ácidos e ecstasy, esporadicamente, via oral.
> Quando comecei a consumir frequentava a escola e era uma estudante razoável… ninguém da minha família adoptiva desconfiava da vida que eu começava a levar… durante uns 3 anos fiz muitas coisas que os meus pais não autorizavam mas que não imaginavam que eu fizesse, como por exemplo andar de moto, fazer surf e entrar em campeonatos… até tinha patrocínios, acho que já lhe disse…
> Tinha facilidade de arranjar droga, através desse meu amigo… eu não precisava de andar à procura dos vendedores, porque ele sempre me arranjava… dinheiro, eu tinha da semanada que os meus pais me davam…com o grupo de amigos com quem comecei a consumir aprendi a não ter medo da droga nem medo de ser descoberta… eu achava que podia consumir e que não me ia acontecer nada… ninguém tinha de saber, a não ser o grupo de amigos com quem o fazia… e eu podia parar quando eu quisesse, controlar os consumos… afinal eu tinha experimentado, tinha gostado de tudo e quando quisesse eu ia parar…era uma vida livre… assim pensava… fugia das regras e era dona de mim mesma…
> Fui descobrindo, à medida que ia consumindo cada vez mais, que tinha uma vida de vazio, de nada. Mas os outros amigos, os positivos, passaram a não ter interesse para mim. Com os amigos da vida que fazia, não há nada, não há conversa, nada, é só a droga. E a droga não deixa lugar para mais nada entre as pessoas... acabei por escolher amigos que tinham coisas em comum, amigos dependentes, amigos que consumiam drogas, amigos com problemas com a família… acabei por abandonar todas as relações que podiam ter sido positivas… acabei por agravar as relações com a minha família adoptiva e fui tendo cada vez mais conflitos e cada vez mais graves… o meu mundo era o mundo das drogas e das vidas

[168]Howard Becker, *Outsiders, Études de sociologie de la deviance* op.cit., pág. 92 "Eu não casaria com alguém que me fizesse guerra se eu fumasse. Eu quero dizer, não casaria com uma mulher que desconfiasse ao ponto de pensar que eu faria qualquer coisa de … qualquer coisa como fazer-me mal ou tentar fazer mal a alguém".

[169]Howard Becker, *Outsiders, Études de sociologie de la deviance* op.cit., pág. 93. Assim, um homem que tinha fumado de forma muito intensiva e que depois se deparou com a oposição da sua mulher sublinhava:
"Certamente que o que me fez parar foi a minha mulher. Houve vezes em que eu sentia … não era realmente uma necessidade, mas eu teria simplesmente gostado de fumar um pouco" (de facto, ele não podia continuar a utilizar a droga a não ser irregularmente, em certas ocasiões, na ausência da sua mulher e fora do seu controlo.)

> marginais… foi essa a vida que tinha conhecido e da qual tinha memória… mesmo quando a minha nova família me dizia que eu tinha de esquecer o passado… não sei porquê mas foi esse passado o que sempre pesava na minha vida... até que arranjei um namorado bastante mais velho do que eu, um meu vizinho e fugi de casa… aí os meus pais souberam e trouxeram-me para esta Comunidade Terapêutica…
> Hoje penso que o papel que as drogas representaram na minha vida serviu para esquecer, para me refugiar da vida que tinha… que tive… eu acho que não gosto de mim… Eu sei que fiz muita porcaria, fiz muitas coisas, olhe, por exemplo, no ano passado fomos ao Brasil. Eu saí e meti-me nos copos, era álcool, álcool, tinha 14 para 15 anos… parece que tirava prazer de provocar os meus pais adoptivos.
> Acho que os meus comportamentos se ficaram a dever à vida que tive em miúda… fiquei sempre revoltada, fiquei desconfiada, não deixava que me tratassem bem. Quando os meus pais adoptivos me ofereciam outras oportunidades eu não aceitava, rejeitava-os e achava que os odiava… ainda não decidi se é ou não esta a vida que quero para mim…

Aqueles que tendem para uma utilização regular da droga organizam-se de maneira a evitarem o dilema entre satisfazer a necessidade de "planar" e o medo de serem descobertos, temendo que alguns dos seus comportamentos, por exemplo, a sua dificuldade em concentrar a sua atenção e em manter uma conversação corrente, sejam interpretados como sinais do efeito da droga. Nesta circunstância, pode acontecer que acabem por se integrar, quase completamente, no subgrupo cultural no qual se exerce esta actividade, acabando por ter um mínimo de contactos com os não fumadores cuja opinião tem importância para eles.

Todavia, como o isolamento por relação à sociedade só raramente pode ser absoluto, o fumador, pode tentar evitar o dilema através da aprendizagem de uma outra técnica, que consiste em aprender a controlar os efeitos da droga quando se encontra na companhia de não fumadores. Poderá, assim, guardar o seu segredo e continuar a encontrar-se com eles. Aquele que não consegue aprender esta técnica não ousará drogar-se em certas situações e não poderá utilizar regularmente a marijuana[170].

Os fumadores partilham, na maioria, estes sentimentos e só podem tornar-se fumadores regulares se forem capazes de dissimular e controlar os efeitos do consumo na presença dos outros[171]. Se forem capazes de esconder dos outros que

---

[170] Howard Becker, *Outsiders*. *Études de sociologie de la deviance*, op.cit. pág. 94 "Escuta, eu vou dizer-te o que mata, meu velho, o que acho verdadeiramente terrível. Alguma vez te aconteceu planar e de nesse preciso momento teres de fazer face à tua família! Eu tenho horror a isso. Ser obrigado a falar ao meu pai, à minha mãe ou aos meus irmãos é demasiado para mim. Não, eu não consigo fazê-lo. Eu tenho como que a impressão de que eles estão sentados a ver-me e que eles sabem que eu plano. É um sentimento horrível; detesto isso."

[171] Howard Becker, *Outsiders, Études de sociologie de la deviance* op.cit., pág. 94. "Tu fumavas frequentemente no início? Não, não muito. Como eu disse, eu tinha certo receio disso. Mas por volta de 1948, finalmente, comecei verdadeiramente a forçar. (de que tinhas medo?) Tinha medo de planar e de não ser capaz de trabalhar, percebes? Não ousava deixar-me ir e ver o que aconteceria. Em particular,

se encontram sob a influência da droga. É na sequência de uma ou várias experiências deste tipo que descobrirá que o seu desvio pode permanecer secreto e que a sua prudência era excessiva e sem fundamento. Se deseja tomar regularmente droga, não será mais dissuadido pelos seus receios.

Mas, como assinala Becker, o problema não é igualmente agudo para todos os fumadores. Alguns deles estão protegidos pelo seu modo de participação na vida social, caso dos que estão completamente integrados num grupo desviante. Todas as pessoas que o frequentam sabem que fumam marijuana e ninguém se preocupa com isso, ao mesmo tempo que os seus contactos com o mundo convencional são raros e sem importância.

**Bernardo**

> "Aos oito anos agarrei-me, foi a primeira vez que consumi, substâncias pesadas … a primeira vez, foi mais por prazer. Eu dava-me com pessoal de 20 anos que consumia coca e eu queria ser como eles. E fui parar ao hospital. Quando vim do hospital, fiquei uns meses sem consumir mas depois voltei a fumar charros, entre os 8 e os 10 anos, e depois aos 10 anos foi alucinogénios e coca. ...
> Os meus dias passaram a ser dias normais de só fazer "merda". De consumo… quando não ia à escola, isto é, à tarde e à noite, assaltava ourivesarias, stands, lojas, orientava-me na rua… comecei a dar os primeiros passos, acharam que os planos davam e, então, eu mandava naquela "porra" toda. Nem sei bem dizer o que eram aqueles dias. Não sei o que tirar dali. Mas os roubos, os assaltos que fazíamos eram sempre para termos o que queríamos, roupa, motos, coisas, coisas para carros e às vezes para comprar acessórios de desporto ou certas coisas que também traficávamos, «enchousas» … enchousas são coisas, substâncias ilegais que se compram para nos fazermos à vida, no grupo, por exemplo, tantos

---

no trabalho, eu não podia estar seguro de mim quando planava. Receava planar demasiado e relaxar-me completamente ou fazer coisas idiotas. Eu não queria quebrar. (Como saíste disso?) Ora bem, meu velho. São coisas que acontecem. Uma noite eu consumi e de repente senti-me verdadeiramente bem, relaxado, tu sabes, verdadeiramente em forma. Desde esse dia eu fiquei perfeitamente capaz de fumar sempre que o desejava sem ter aborrecimentos. Eu posso sempre controlar tudo isso."
(Eu sugeri que numerosos fumadores achavam difícil serem eficazes no seu trabalho quando estavam sob a influência da droga. Em resposta, o operário da máquina entrevistado contou-me como tinha ultrapassado este obstáculo)
"Não é isso que me atormenta. Fiz uma experiência uma vez que me persuadiu disso. Eu estava de saída de uma vigilância e foi uma noite sagrada! Planei verdadeiramente. Tínhamos consumido erva e também álcool. Eu tinha planado de tal maneira que ainda não tinha reencontrado o meu espírito no dia seguinte quando fui trabalhar. E tinha um trabalho muito importante a fazer, um trabalho de precisão que devia ser feito na perfeição. O patrão tinha-me explicado alguns dias antes e tinha-me dito com se deveria fazer tudo isso." (Ele foi trabalhar sob a influência da droga e ele conseguiu fazer o trabalho, ainda que o seu estado não lhe tivesse permitido guardar dele uma memória clara). "Por volta das quatro horas menos um quarto, eu acabei por vir a mim mesmo e disse a mim próprio: "em nome de Deus! O que é que eu estou em vias de fazer?" Foi o tempo de cortar a electricidade e fui para casa. Quase não dormi nessa noite. Estava inquieto, perguntava-me se eu tinha feito "merda" neste trabalho ou não. Eu regressei lá np dia seguinte de manhã; o patrão pôs o assunto à discussão: eu tinha conseguido executar este trabalho na perfeição. Depois disso, nunca mais me preocupei. Há algumas manhãs em que estou a trabalhar sem estar totalmente no meu espírito, asseguro-te, mas eu nunca tive aborrecimentos".

quilos de coca, tantos de heroína, tantos de ecstasy e outras. Era para o grupo se fazer à vida. Éramos oito. Por semana gastávamos aí 22 mil contos, 23 mil e depois vendíamos… Por semana estava tudo certinho. Eram os mais velhos que faziam esses negócios muito grandes. Eles é que faziam esses negócios com muitas coisas. Isto passou-se entre os meus 10/12 anos. … os outros do grupo tinham entre os 18 e os 33/34 anos. Já eram da velha guarda, como uma pessoa chama. Havia eu com essa idade, um de 18, cinco com 33 a 34 anos e já havia lá um de 47 anos que era o sábio. A alcunha dele era o sábio. Com esta idade, eu andava de mãe para avó e de avó para mãe. Passava o tempo de casa para casa. Todos os dias estava com a minha mãe, mas ficava na minha avó. … Estava ligado a este grupo de *gangsters* que mandava em Gaia. Eu sou o único que está cá fora. Os outros foram todos presos e condenados a 14 anos de cadeia por todos os crimes que cometeram… depois de eles serem presos ainda andei um ano fora. Comecei a fazer um grupo novo. Procurávamos continuar aquelas coisas. Com o primeiro grupo, assaltávamos bombas de gasolina, também fazíamos as montras, tráfico de veículos, principalmente de motos, às vezes fazíamos de carro, uma vez por outra, assalto à mão armada… Eles diziam que eu era o inteligente. Ficava horas, uma ou duas horas sozinho e arranjava plantas dos estabelecimentos, fazia os planos para os assaltos e depois apresentava aos outros. Também tínhamos uma casa de vender droga. Com o 2º grupo já era muito diferente. Estávamos no começo. Mas o primeiro acabou: um dia houve tiroteio com polícia, fugimos para o pinhal, em S. João da Madeira, e um foi apanhado e, então, quando é assim, se vai um vão todos. Todos presos. Sabe é que nós também fazemos a nossa lei. Se vai um, vão todos. Foi um dos momentos mais assustadores da minha vida. Mas eu chegava juntos deles com os planos e eles diziam: chegou aí o professor pardal! Entretanto, eu continuava a estar com a minha mãe. Sempre tinha uma moto, também é um dos meus sonhos, e ia ao café da minha mãe muitas vezes, posso dizer todos os dias…

O grupo novo era já com primos e irmãos dos outros. Nós éramos um grupo de muita gente, para aí 32, mas o núcleo era de 8… achávamos que éramos os maiores. Uma vez chegamos a entrar num bairro de ciganos e partimos aquilo tudo. Mandávamos em tudo. Por isso é que tenho medo de chegar a Gaia. Medo de chegar a acontecer o que aconteceu a outro que levou dois tiros na cabeça. Felizmente está vivo. Mas por isso tenho medo. Os que estão presos estão a tentar cobrir-me. Já mandaram muitos processos porque não querem é que vá lá para dentro. Eu já tenho processos limpos…

Os sentimentos que tiro da minha vida? (…) não sei mandar sentimentos para aí... talvez medo, frustração, impotência… sim, de me sentir impotente e sentir frustração, muita frustração. São muitos sentimentos …

Um exemplo, sempre gostei de *skate*. Já fui por três vezes campeão nacional de amadores. E eu, se me tiravam os três lugares do pódio, eu virava-me à pessoa que mo tirava. Por isso cheguei a ter um processo. Eu não suportava não ficar num dos três primeiros lugares. Já que eu era bom…

Já tirei sentimentos de alegria no meio daquilo tudo… Eu não ficava contente no momento, era só passado algum tempo. Eu pensava assim: hei! já passou um ano e ninguém descobriu. Já passei por muita coisa, muita coisa, muita coisa… passei também pelo mundo artístico. Trabalhei como DJ numa discoteca… por isso é que o pessoal se safava bem. Dos oito do grupo, seis eram seguranças no… e o outro era contabilista. Olhe só, um contabilista a andar connosco, era de mais! …

Acho que tudo isso tem a ver com a minha família… também não ter atenção de certas pessoas… Afinal todos sabiam que eu fazia aquilo. Só que não me queriam dizer nada … A minha mãe percebeu quando fui parar ao hospital… então uma mãe que sabe que um filho aos oito anos esteve no hospital quase a morrer com overdose! A minha mãe a partir daí percebeu!…Tinham medo de fazer alguma coisa. Medo do que eu podia

> fazer depois de sair de casa. Em casa eu ouvia tudo o que me diziam, sem responder, parecia que acatava, mas depois fazia muita "merda". Mas a minha cabeça fervia tanto que eu tinha comportamentos, que virava quase, que parecia um monstro! Eu em casa, não fazia nada por respeito, ouvia tudo calado. Mas depois saía e ia ter com as pessoas que não gostava e só arranjava sarilhos…".

Todos os casos acima retidos parecem ser um exemplo bem ilustrativo da tese de Becker acerca do caso particular das pessoas que dispõem de soluções individuais que lhes permitem drogar-se sem se fazer notar. É o caso dos que, havendo adquirido má reputação, sendo vistos como incapazes ou em alguma medida alienados, podem consumir à vontade que isso não alterará a imagem que acerca de si já foi construída[172].

Em síntese, os indivíduos limitam o seu consumo de marijuana em função da intensidade do seu medo, justificado ou não, de que os não fumadores, cuja opinião lhes importa, descubram que eles consomem droga e os sancionem. Esta forma de controlo desaparece quando o fumador, apercebendo-se que os seus receios são excessivos e injustificados, adquire a convicção de que lhe é relativamente fácil manter este comportamento secreto, como pode desaparecer sempre que sobre os indivíduos já haja recaído uma desvalorização por força de outras características que não o consumo de drogas.

No que respeita à regulação do consumo de marijuana, outros factores há a considerar, designadamente os imperativos morais fundamentais que prescrevem a obrigação de cuidar da saúde e do equilíbrio pessoal. A descrição mais corrente, estereotipada, do drogado associa-o a uma pessoa que viola estes imperativos, sendo que, não raro, são os próprios consumidores que confirmam este estereótipo.

Becker retém a descrição de um fumador de marijuana que ilustra os principais aspectos deste estereótipo. Segundo as suas próprias palavras, nos primeiros estados de intoxicação, a vontade é anulada, as inibições abolidas, as barreiras morais dissipam-se e frequentemente dão lugar à sexualidade e ao deboche. Nos indivíduos mentalmente instáveis, o comportamento torna-se geralmente violento. As tendências latentes irrompem sem controlo e, mesmo que o indivíduo compreenda o que se passa, perde todo o poder de se opor. A utilização contínua torna-o incapaz

---

[172] Howard Becker, *Outsiders*, *Études de sociologie de la deviance* op.cit., pág. 96. "Tu vês, desde que eu estou na classe de fim de estudos, eu tive sempre a reputação de ser um pouco alienado, então eu posso fazer tudo o que quero, ninguém dá atenção. Então, posso ir para todo o lado planando."

de trabalhar e perturba a vontade. O fumador torna-se escravo da droga, abandona-se voluntariamente a uma habituação da qual não consegue escapar.

Ora, se o consumidor leva a sério um tal estereótipo não pode deixar de se deparar com uma imagem muito negativa de si próprio. Para poder começar ou continuar a utilizar a droga, ou aumentar o seu consumo, precisa de neutralizar a sua sensibilidade a este estereótipo, adoptando uma outra interpretação da sua prática. Se não consegue realizar esta neutralização, condenar-se-á a si mesmo, ao olhar da maior parte dos membros da sociedade, a ser visto como um desviante na margem desta sociedade.

Apesar de haver aderido aos pontos de vista convencionais acima referidos, o indivíduo que passa a frequentar um meio não conformista é susceptível de adquirir um ponto de vista mais afastado das normas morais implicadas na caracterização habitual do utilizador de droga. Tal ponto de vista deve fornecer uma explicação que justifique a não rejeição do uso da droga, e que, de algum modo, desvalorize as convenções estabelecidas que o condenam. A observação recorrente dos outros consumidores incita o noviço a não reconhecer a aplicabilidade das normas convencionais ao caso particular da marijuana, ao mesmo tempo que lhe proporciona as condições que permitem escapar à influência destas normas. No decurso da frequentação de grupos utilizadores de marijuana, o noviço vai adquirindo um conjunto de racionalizações e de justificações úteis para responder às objecções contra a utilização da droga. Uma das racionalizações mais habitualmente utilizadas é a que assinala que as pessoas respeitadoras das convenções se permitem actividades bem mais nocivas do que fumar marijuana, por exemplo, o uso do álcool[173].

**Amélia**

> Comecei a consumir por volta dos 15 anos… o consumo de drogas surgiu na minha vida como a via para buscar felicidade, esquecer os problemas, um processo para "anestesiar" os sentimentos, uma forma de me sentir viva… porque eu pensava assim, se eles consomem parece que ficam felizes, então deixa experimentar também…

[173] Howard Becker, *Outsiders, Études de sociologie de la deviance* op.cit., pág. 98: «Tu não gostas de álcool?] Não, isso não me diz nada. [Porquê?] Não sei. Não gosto, é tudo. Bom, escuta, eis o que se passou. Antes de atingir a idade em que os rapazes se põem a beber, eu já tinha o hábito de planar, e eu via as vantagens, eu quero dizer que não havia mal nenhum e que era melhor do ponto de vista do mercado. Foi uma das primeiras coisas que eu aprendi. Para quê beber? É muito menos caro planar, isso não te põe doente e demora menos tempo. Eu acabei por aí encontrar justamente o que precisava. É por isso, percebes, que eu planei em vez de beber.
[O que pretendes dizer com: "é uma das primeiras coisas que eu aprendi" ?] Ora bem! Como te dizia, eu acabava justamente de começar a trabalhar como músico quando consumi marijuana; eu poderia também beber no trabalho, tu sabes. Os meus companheiros disseram-me simplesmente que era um disparate beber. Eles também não bebiam.» «Algumas vezes quando consumo, tenho a impressão de estar verdadeiramente…revigorado, e isso dá-me apetite. Isso dá-me uma fome terrível. É provavelmente bom para as pessoas com falta de peso.»

> Como lhe contei, o meu pai era alcoólico e eu vivi na rua com ele durante muito tempo… teve tempos que trabalhava a trolha, nas obras, outros em que esteve sem trabalho… e eu, antes de ir para o colégio já me dava com pessoas que consumiam… durante uns tempos não consumi mas depois achei que era uma forma, uma maneira de estar na vida… era uma via para procurar ser feliz… quando pensava, eu percebia que tinha problemas, o meu pai, a vida que levava, mas eu não queria que fosse assim, eu não queria aquela vida…o não fazer nada…não, não ia à escola… era um dia a dia de revolta e de tristeza… mas eu acabava por me sentir bem sempre que consumia… acontecia-me como aos outros com quem o fazia… éramos um grupo e consumíamos juntos… nunca precisei de comprar a outros… sempre me deram no grupo… às vezes também roubava produtos no supermercado para ajudar o grupo na compra dos produtos…havia sempre uns que faziam as vendas e arranjavam as drogas…depois habituei-me àquela vida, e quando me puseram no colégio interna eu já fugia, não ia às aulas e ia ter com esses amigos do bairro, em Valongo, onde eu tinha passado uns tempos… consumia "charros", haxixe…

Nesta fase da carreira, o fumador é capaz de prever a utilização da droga e de escolher os momentos em que pensa poder fazê-lo. É esta antecipação que o leva a adquirir a convicção de que domina a droga e de que o seu consumo é inócuo. Não se concebe como escravo da droga porque se sente capaz de não consumir durante certos períodos, o que, aos seus olhos, é a prova de que continua livre da dependência[174]. Adquiriu a convicção de que as noções convencionais a respeito das drogas não se aplicam ao seu caso.

**Rui**

> Comecei a fumar haxixe com 9 anos… era drogas, assim. Era haxixe… mas não era tipo sempre a consumir, era às vezes, só… fumava charros, alguns dias fumava todos os dias mas outros não… era quando arranjava… sentia-me bem… era como se fosse mais forte e ocupava o tempo sem medo… e era como os outros mais velhos… eu queria ser como eles…a droga arranjava com dinheiro, eu e mais três amigos… agora um está no Porto, num colégio interno, mais um amigo brasileiro, mais um que era cigano. O que está no colégio era mais velho do que eu um ano, o outro tinha 14 ou 15 anos…fomos todos mandados, pelo tribunal e as famílias, para colégios ou como eu para a Comunidade… mas nem sei para quê…diz que era para me tratar e mudar os meus comportamentos… não fazia nada de especial, fazia o que os outros faziam… se roubava era para os consumos… mas lá no bairro era assim … era esse ambiente…
> Também havia pessoas muito pobres, mas outros nem tanto… eu já lhe disse que vivíamos com dificuldades porque a minha avó ajudava muitos filhos e o meu pai nem sempre dava o dinheiro para mim… a minha mãe

[174] Howard Becker, *Outsiders*, *Études de sociologie de la deviance* op.cit., pág. 99 "Gosto bem de consumir, e a maior parte das vezes é o que faço, quando quero relaxar, fazer algo que me dá prazer, como ouvir um disco clássico verdadeiramente bom, ouvir uma emissão de rádio, ver um filme, ou algo semelhante. Qualquer coisa que eu possa usufruir com tranquilidade, não qualquer coisa em que participo, como…eu jogo golfe no verão e entre as pessoas com quem jogo, há quem consuma e plane durante o jogo; isso eu não posso compreender, porque quando se participa em algo, desejamos ter o espírito concentrado no que se faz e em nada mais, porque eu creio…eu sei que isso me desconcentra e…eu penso que não se pode fazer assim bem".

> não mandava dinheiro, estava no Algarve, e agora foi presa… agora lá no bairro havia era muitas zaragatas… assaltos … droga… mau ambiente…
> Para ter dinheiro para a droga ia roubar gajos, mais velhos que nós… betinhos… roubava dinheiro e telemóveis e assim, e ia comprar droga num bairro em PP … às vezes negavam, para não comprarmos droga, só tabaco, mas não era difícil porque há sempre amigos e conhecidos que consomem e vendem… Comprava a um que já me conhecia…já namorei com a irmã dele. Ele não queria que eu tomasse drogas…mas acabava por fazer o negócio… também era a vida dele, qual era o problema?... eu consumia sempre com o mesmo grupo de amigos… foi com eles que aprendi a fumar e a gostar… sim, porque nas primeiras vezes não gostei logo, ficava tonto e enjoado, mas depois aprendi a gostar… mas nós também íamos a uma casa, lá no bairro, ao 5º andar, só para fumar drogas. Uma vez fui lá com o meu amigo brasileiro e depois era só gajos a fumar e depois tinham a porta presa com um pau e veio a polícia e a mãe do dono da casa disse a todos para saírem porque ela estava a trabalhar e só voltou porque tinha esquecido uma coisa. Depois a polícia entrou a fazer uma rusga mas nós tínhamos escondido a droga por toda a casa e a polícia não encontrou nada e foi embora. Depois fomos para lá outra vez com o dono da casa fumar drogas e a polícia voltou e, então, levou-me à casa da minha avó… eu não tinha medo porque eu sempre fugia…esta última vez é que foi diferente, mas das outras vezes a própria polícia levava-me a casa da minha avó…
> Ora, traficar e consumir eram coisas que lá aconteciam e havia muita gente a traficar… era a vida deles que também tinham filhos para criar e se não tinham trabalho era dessa maneira que tinham de viver… e quem é que diz que consumir haxixe faz assim mal? Eu até fumava pouco… era só quando eu queria… o álcool é pior… por isso acho que não devia estar aqui.

Mas se a utilização da droga se torna regular e sistemática, o fumador pode novamente colocar a si próprio questões morais, porque começa, aos seus próprios olhos, a parecer-se com o mito do «drogado» que perdeu todo o controlo de si mesmo, em conformidade com a representação do senso comum. Se quer continuar a fumar regularmente, precisa de se persuadir de que não ultrapassou esta linha[175].

A racionalização que atribui à droga efeitos benéficos pode atingir uma elaboração relativamente sofisticada, embora se confronte com alguns elementos contraditórios, designadamente o receio de não ser capaz de dominar a droga e de se ter tornado escravo de um hábito perverso, ou, a associação do consumo a um qualquer desequilíbrio nevrótico que a torna necessária. A convicção de que o facto de fumar marijuana é um sintoma de fragilidade psíquica e, no fundo, de fragilidade moral, dissuade o indivíduo de continuar a fumar regularmente e engendra um retorno

[175] Howard Becker, Outsiders, *Études de sociologie de la deviance* op.cit., pág. 100. ”Eu sei que isto não cria habituação, mas inquietava-me um pouco saber se me seria fácil parar agora que experimentei. Eu tinha o hábito de fumar todo o tempo; eu parei durante uma semana para ver o que iria passar-se. Nada se passou. Percebi então que tudo corria bem. A partir daí, eu fumava sempre que tinha vontade. É claro que eu não queria ser escravo da droga, mas eu não penso que isso pudesse acontecer-me, a não ser que eu sofresse de nevrose ou qualquer coisa desse género, mas não me parece que eu o seja, pelo menos a esse ponto”.

ao uso ocasional, a menos que este descubra um novo sistema de justificação[176]. Se não for capaz de se justificar, não poderá, de modo algum, fumar. O nível de utilização da droga parece depender da intensidade da recusa do senso comum sobre o uso da droga e da sua substituição por racionalizações e justificações correntes entre os utilizadores.

Em resumo, um indivíduo sente-se capaz de fumar marijuana na medida em que consegue convencer-se que as concepções convencionais deste uso não são mais do que ideias de pessoas ignorantes, ideias essas que substitui pelos pontos de vista adquiridos na companhia de outros fumadores.

## Capítulo 7 – DA "DROGA-DOENÇA", "DROGA-DELINQUÊNCIA", "DROGA-VÍCIO" À "DROGA–PLANO DE SIGNIFICAÇÃO EXISTENCIAL"[177]

O aumento do consumo de substâncias tóxicas como o álcool e as drogas nos países economicamente mais desenvolvidos é uma evidência que nos confronta, como mais acima assinalamos, com uma contradição surpreendente: como é que as sociedades que conhecem níveis de bem - estar sem precedentes na história da vida humana criaram esse fenómeno tão severamente autodestrutivo que é a dependência de substâncias psicotrópicas? O fenómeno tem convocado a atenção de especialistas de áreas disciplinares as mais diversas, designadamente a psicanálise, a psicologia, a psiquiatria, a sociologia. Apesar disso, é nossa convicção que falta percorrer um caminho no sentido da articulação das perspectivas teóricas

---

[176]Howard Becker, Outsiders, *Études de sociologie de la deviance* op.cit., pág. 101. "Bom, eu pergunto-me se o melhor não será de nada consumir. É o que se diz. No entanto eu ouvi alguns psiquiatras dizerem: "Consumam toda a erva que quiserem, mas não toquem na heroína". [Sim, isso parece-me razoável]. Sim, mas quantas pessoas o podem fazer? Há muitas pessoas…eu penso que setenta por cento, ou talvez mais, pessoas que fumam que têm um tipo de comportamento que as conduz a consumirem cada vez mais erva e a evadir-se cada vez mais da realidade. Eu penso que comigo se passa o mesmo. Mas penso que tenho consciência disso e portanto posso lutar contra isso".
"Bom, eu creio que as pessoas que se entregam à droga, ao álcool, à bebida, a todos os excitantes desta espécie, procuram provavelmente escapar a um estado mais grave que o utilizador mais ou menos ocasional. Seja lá isso o que for, não tenho ideia de estar a fugir. No entanto, eu creio…dou-me conta que tenho ainda bastante a fazer para encontrar o meu equilíbrio…eu não posso dizer que eu sofro de uma nevrose grave ou de uma incapacidade que tratarei de cuidar. Mas no caso de algumas das minhas relações, de pessoas que são alcoólicos crónicos, ou utilizadores de opiáceos, ou que fumam com bastante regularidade, eu notei que estas práticas se fazem acompanhar de um certo desequilíbrio da sua personalidade".

[177] Cândido da Agra, **"***Droga: Dispositivo crítico para um novo paradigma "* in Actas do Seminário «Droga: Situação e Novas Estratégias», promovido pela Presidência da República, Centro Cultural de Belém, Lisboa, 1997.

correspondentes às áreas disciplinares acima assinaladas. Falta promover análises de carácter interdisciplinar que possam esclarecer os processos conducentes à formação de estruturas psicológicas de risco para o consumo de tóxicos.

Durkheim deu contributos relevantes para analisar até que ponto as dinâmicas sociais podem instalar nos indivíduos a predisposição para cometerem suicídio. Formulou a hipótese teórica de que a coesão social é um factor protector que preserva os indivíduos de se entregarem a procuras individuais sem outras balizas que não sejam os seus desejos e as suas procuras. A partilha de normas colectivas portadoras de grande autoridade moral, isto é, de normas que, colectivamente, os indivíduos reconhecem como valiosas e pelas quais estão dispostos a lutar, tal a importância da sua preservação, é o "cimento social" que os ajuda a relativizar os seus desejos, as suas frustrações, os seus interesses pessoais, as suas ambições. O indivíduo não se concebe a si próprio fora de um quadro de valores em que acredita e que reconhece serem superiores ao seu interesse meramente individual. Durkheim mostrou como as organizações e as culturas que incentivam o individualismo, caso, por exemplo, da Igreja protestante, aumentam a predisposição individual para o suicídio, o mesmo se podendo dizer a respeito do crime. Quando o ambiente cultural remete exclusivamente para o indivíduo a responsabilidade de fazer as suas escolhas, de tomar decisões, de experimentar caminhos, enfim, a responsabilidade de conduzir a sua vida, quando o exercício da liberdade individual envolve a secundarização dos outros, a subordinação dos compromissos inter-individuais aos imperativos da procura individual, estão criadas condições externas que favorecem estruturações psicológicas vulneráveis ao consumo de drogas.

A sexualidade é hoje um domínio que consideramos bem ilustrativo dos riscos que corre o ser humano que é precocemente entregue a uma "liberdade" perseguida na ausência de quaisquer referências culturais. Tomando distância em relação aos discursos moralistas, não será, todavia, exagero afirmar que os adolescentes de hoje se confrontam com os desafios inerentes a este domínio da vida na mais absoluta ausência de referências culturais sobre o assunto. Aquilo a que hoje se chama educação sexual, tão acarinhada por ideólogos pretensamente preocupados com as gerações mais jovens, não vai além de um conjunto de informações e conhecimentos do foro biológico, quer para que saibam como prevenir a gravidez, quer para que conheçam como prevenir doenças, como se a sexualidade humana nada tivesse de específico por relação à sexualidade do animal. Como se a sexualidade humana não fosse cultura.

Ora, os adolescentes de hoje confrontam-se sozinhos com a sua vida sexual. Além de para ela partirem em idade cada vez mais precoce, fazem-no sem

outras referências que não sejam a queda dos limites que outrora remetiam a sexualidade para a vida adulta. Cada um terá que descobrir, por si, como regular este tipo de relações, terá que expor-se aos riscos da frustração e da perda do seu próprio valor, num vazio de regras que indiquem o que é, ou não, legítimo fazer um ao outro, assim como o que é, ou não, legítimo esperar ou aceitar do outro. Este é um exemplo claro da anomia de que falava Durkheim, precipitando os indivíduos numa profunda solidão. A norma indica o limite, permite tomar contacto com a realidade, assim como tomar consciência de que esta impõe limites aos desejos, permite, igualmente, tomar consciência de que quando desconhecemos ou negamos a realidade esta se encarrega de nos frustrar.

Não deixa de ser estimulante, quanto a nós, que decorrido quase um século desde a obra a que acima aludimos, o tema do individualismo e da anomia assuma uma importância crucial na análise dos funcionamentos sociais actuais.

Diz Pedro Strecht que o traço comum dos que cedo começam exageradamente a consumir é a fragilidade narcísica, uma baixa auto-estima, originada por uma insuficiência afectiva ou por uma falha sentida entre o que se recebeu e tem, e aquilo que se deseja ou quer[178]. Diz, ainda, que o toxicodependente é alguém que se viu privado de uma boa sensação de preenchimento narcísico, ou, essa é outra possibilidade, alguém que, não tendo essa falha, se organizou num modelo de funcionamento submetido ao desejo imparável de ter mais, de omnipotência, que o impede de se sentir afectivamente satisfeito. Em ambos, consciente ou inconscientemente, a preponderante sensação de vazio gera o desejo ávido de o preencher, consumindo substâncias que, transitoriamente, produzem sensações de plenitude, bem-estar, alívio físico e psicológico.

Mas, perguntamos nós, será que quando falamos em afectividade nos estamos a referir a fenómenos evidentes, a realidades que não carecem de objectivação, que o mesmo é dizer a factos incontroversos e de conteúdo inequívoco? Como definir afectividade? Como medir o investimento afectivo de um ser noutro ser? Que relação existe entre afectividade e cultura? São as manifestações da afectividade independentes da cultura em que os indivíduos se constroem? Poder-se-á concluir que os pais que facultam aos filhos uma inesgotável série de consumos lhes dão afecto? Poder-se-á concluir que os pais que se preocupam exclusivamente com o bem - estar material dos seus filhos, ignorando que a educação das emoções é crucial no processo de preparação para a vida adulta não lhes providenciam afecto? Será legítimo dizer que os pais que não conhecem os seus filhos não se envolvem afectivamente com eles? Será legítimo considerar que os pais que evidenciam grande

[178] Pedro Strecht, *Interiores*, Assírio & Alvim, Lisboa, 2001, pág. 218

contraste entre o que dizem e o que fazem, que dissimulam os seus verdadeiros sentimentos e passam uma falsa imagem de si próprios fazem um insuficiente investimento na relação afectiva com os seus filhos? Poder-se-á afirmar que os pais que não cuidam de que os seus filhos percebam que a sua satisfação individual só é legítima quando não implica o sofrimento dos outros evidenciam fraco investimento afectivo nos seus filhos? Quando os pais reservam a maior parte do seu tempo quotidiano às actividades profissionais, restando-lhes apenas o mínimo compatível com os cuidados mais elementares, quando não têm tempo, nem disponibilidade, para conversar, brincar, para partilhar as dificuldades vividas, poderemos dizer que estamos em presença de um fraco investimento afectivo? Serão os pais que investem esforços consideráveis no bem-estar físico, assim como na formação escolar e cultural dos seus filhos, descurando valores como a solidariedade, bons exemplos de investimento afectivo nos seus filhos? Os pais que descuram a formação crítica dos seus filhos a respeito da publicidade, dos programas de televisão e da discriminação social serão um bom exemplo de investimento afectivo? Poderão considerar-se afectuosos, os pais que não ensinam os filhos a enfrentar problemas, a conhecer os seus limites e a sua força? Poderá dizer-se que os pais que não ensinam os seus filhos a pensar, seja por negligência, seja por ignorância, evidenciam uma atitude afectiva consistente? Será legítimo dizer que os pais que deixam os filhos, horas a fio, entregues aos jogos de computador e a viajar na NET evidenciam uma atitude afectiva negativa? Serão aqueles que se demitem de gerar nos seus filhos capacidades contemplativas um exemplo de não afecto na relação pais - filhos? Serão os pais que incentivam fortemente os seus filhos a procurar o sucesso no estudo, no trabalho e nas relações sociais um bom exemplo do que é o investimento afectivo? Poderá considerar-se que preparar os filhos para o sucesso, levando-os a ter medo do insucesso, não os preparando para enfrentar derrotas e fracassos, nem para reconhecer falhas e enfrentar críticas, é sinal de falta de investimento afectivo? E que dizer da afectividade dos pais que não proporcionam a aquisição da perseverança, que não ensinam os filhos a enfrentar e a crescer com os seus próprios erros? Que dizer da afectividade dos pais que não pedem desculpas, que nunca revelam os seus temores, que não ensinam os seus filhos a ver nas perdas oportunidades para serem mais fortes e experientes? Que pensar da afectividade dos pais que não se encarregam de educar a emoção? E os pais que não dialogam, que não falam sobre o mundo que nos cerca, que não falam sobre o mundo que somos, que não dialogam sobre os seus medos, perdas e frustrações, os seus sonhos, alegrias, decepções?[179]

---

[179] Augusto Curry, *Pais brilhantes, professores fascinantes*, Pergaminho, Cascais, 2007 e *Nunca desista dos seus sonhos*, Pergaminho, Cascais, 2005.

Até que ponto as ideologias sobre o que é educar e as restrições da vida quotidiana se imiscuem com os afectos, conferindo-lhes um lugar e uma expressão adequados?

A necessidade de se estabelecerem limites, de organizar e orientar a vida da criança é amplamente reconhecida no campo disciplinar da psicologia. Todavia, quanto às formas de ir de encontro de tais necessidades, o consenso é bastante mais frágil. Há quem pense que as abordagens que privilegiam a explicação do «porquê» das coisas constituem o melhor caminho para a interiorização dos limites. Há quem veja na imposição de padrões de disciplina muito severos, mesmo para crianças pequenas, com ênfase na disciplina, na organização e no respeito a via mais eficaz para que a criança tome consciência dos limites que não podem ser ultrapassados, sacrificando os seus desejos[180].

Não deixa de ser interessante observar como estes temas continuam a ser debatidos cinquenta anos volvidos sobre as primeiras polémicas em torno da oposição entre teorias educativas mais estruturadas e mais flexíveis. Mas, como sugerem T. Berry Brazelton e Stanley Greenspan só é possível responder cabalmente a esta questão se compreendermos o modo como as crianças aprendem. Dizem estes autores, aliás, em perfeita consonância com Bowlby, que toda a aprendizagem, mesmo a dos limites e da organização, começa com o carinho. É a partir daí que as crianças aprendem a confiar, a sentir calor humano, intimidade, empatia e afeição pelas pessoas que as rodeiam.

Os limites e a organização começam com o afecto, uma vez que a parte mais decisiva da tarefa de ensinar as crianças a interiorizarem os limites é alicerçada no desejo que a criança tem de agradar aos adultos que fazem parte do seu mundo. Seja porque amam as pessoas que cuidam delas e querem a sua aprovação e o seu respeito, seja porque têm medo dos adultos, as crianças aprendem a modelar as suas atitudes a partir das atitudes de quem está com elas. “A moral desenvolve-se a partir da tentativa de querer ser como um adulto admirado”[181].

As crianças que limitam as suas agressões e «mau comportamento» exclusivamente por medo, estão mais predispostas a comportarem-se bem em situações em que está presente uma figura com autoridade, porque é ela quem aplica o castigo. Quando atinge níveis excessivos, o medo pode provocar ansiedade e inibição e chegar ao ponto de tornar impossível a expressão de formas saudáveis de assertividade. À medida que vão crescendo, as crianças que foram disciplinadas

---

[180] T. Berry Brazelton e Stanley I. Greenspan: *A Criança e o seu Mundo, requisitos essenciais para o crescimento e aprendizagem*, op.cit, pág. 187.
[181] T. Berry Brazelton e Stanley I. Greenspan: *A Criança e o seu Mundo, requisitos essenciais para o crescimento e aprendizagem*, op. cit., pág. 189.

através do medo tornam-se mais vulneráveis a problemas relacionados com o abuso do álcool e de drogas e a comportamentos delinquentes.

Quando a disciplina é estabelecida como uma aprendizagem e é reforçada com muita empatia e carinho, as crianças sentem-se bem por seguirem as regras[182]. Por sua vez, os castigos corporais não podem ser considerados como uma alternativa para interiorizar a disciplina, uma vez que esta tem tudo a ver com ensinar, *não* com punir. Os castigos corporais tendem a destruir a auto-imagem e, por isso, podem instalar sentimentos negativos que, uma vez armazenados, virão a ser extravasados mais tarde. Além do mais, o facto de vivermos numa sociedade violenta pode ser apreendido pela criança como uma confirmação da mensagem de que a violência é a forma de lidar com a frustração ou a raiva.

Em lugar da punição física, é preciso aproveitar todas as oportunidades para explicar à criança que de cada vez que cometa um acto inaceitável será impedida de o fazer, até que seja capaz de se controlar a si própria. O próximo passo será explicar os motivos da necessidade de impedir os actos em questão. A disciplina é uma tarefa de longo prazo[183].

A sensação de ser acarinhado pelos outros instala o sentimento de ser respeitado, o que, por sua vez, induz o sentido de objectivos interiores e de valores profundos. Estando isto estabelecido, as crianças são capazes de se auto-motivarem constantemente através da tentativa de alcançarem os objectivos. O afecto e o carinho são, assim, os fundamentos de qualquer sentido de disciplina e moral duradouros[184].

---

[182]T. Berry Brazelton e Stanley I. Greenspan: *A Criança e o seu Mundo, requisitos essenciais para o crescimento e aprendizagem*, op. cit., pág. 189.
"Quando a criança sentir o olhar de desapontamento por ter batido no irmão, tem uma sensação de perda porque não recebe o olhar carinhoso de quando se porta bem. Se nunca tivesse experimentado estes sentimentos positivos, não haveria sensação de perda ou de frustração que a motivassem *interiormente* a modificar o comportamento".

[183]T. Berry Brazelton e Stanley I. Greenspan: *A Criança e o seu Mundo, requisitos essenciais para o crescimento e aprendizagem*, op. cit., pág. 190.
"As crianças continuam a precisar de ajuda, quando as tentações são fortes, quando se zangam ou estão com pressa de ir a algum lado? Claro que sim. Aqui, os pais devem associar o afecto com a organização: «Desculpa querido mas não podemos ir a lado nenhum enquanto não apanhares esses brinquedos. Vamos chegar uns minutos mais tarde.» Há, portanto, sanções e discussões e tentativas de compreender a natureza do comportamento. Mais tarde, a criança disciplinada desta maneira, vai querer o respeito dos professores porque também eles são adultos que podem ser carinhosos e lhes dão admiração e aprovação. Desta maneira, a sensação de ser amado e acarinhado e a empatia que se gera, constituem as bases das sensações de ser respeitado e admirado, que, por sua vez, são as bases de uma sensação interior de respeito e admiração, os padrões internos que guiam o comportamento".

[184] T. Berry Brazelton e Stanley I. Greenspan: *A Criança e o seu Mundo, requisitos essenciais para o crescimento e aprendizagem*, op. cit., pág. 192. As *expectativas* encontram-se no cerne de qualquer abordagem da disciplina. Os pais esperam que a criança aprenda na escola, seja membro de uma comunidade, se preocupe com os outros e gere empatia. Ao mesmo tempo, esperamos que as crianças lutem por objectivos que sejam seus. Esperamos que se sintam realizadas por alcançarem objectivos que são importantes para si, em vez de simplesmente seguirem o caminho traçado pelos pais.
Nos nossos debates, estabelecemos alguns princípios orientadores. O princípio - chave é que as crianças aprendem através das relações que estabelecem connosco e desenvolvem expectativas a partir destas relações. No entanto, aprendem não apenas por aquilo que dizemos, mas pela forma como o dizemos e pela maneira de nos relacionarmos com elas. A empatia, por exemplo, não é ensinada dizendo à criança

Daqui decorre que ninguém será capaz de gerar empatia nas suas relações com outros se não teve a oportunidade de a sentir na sua relação com os outros significativos, o mesmo se podendo afirmar a respeito do amor. Só poderemos compreender o seu significado se o tivermos sentido. É preciso que experimentemos nós próprios esses complicados sentimentos para os compreendermos e aprendermos a utilizá-los com os outros.

Um segundo aspecto importante é proporcionar à criança objectivos amplos através do modo de vida da sua família e das coisas que esta encoraja. Ter objectivos amplos significa aprender e descobrir coisas sobre o mundo e suscitar o entusiasmo pelo processo de aprendizagem tão necessário numa sociedade complexa[185]. Estabelecer objectivos amplos não significa apenas um sermão sobre a importância de ser inteligente, significa, isso sim, que a criança tem de sentir o entusiasmo do adulto, modelar-se à sua curiosidade enquanto explora a floresta ou lhe lê um livro, discute política ou joga um jogo de forma inovadora.

O passo seguinte na criação de expectativas saudáveis é aumentar o sentido de respeito da criança pela sua individualidade, permitir-lhe desenvolver a capacidade de identificar aquilo que é único e especial em si. As crianças que se sentem únicas e especiais são muito mais capazes de desenvolverem elas mesmas um conjunto de expectativas acerca das relações, da carreira e da aprendizagem, com alguma independência em relação às expectativas dos outros.

Finalmente, é de reter um outro detalhe decisivo para o desenvolvimento das expectativas e dos objectivos que permitam à criança tentar alcançar metas significativas ditadas pelo seu íntimo. É necessário que desenvolvam um sentido de mestria nos aspectos da vida que são considerados mais importantes, um sentido que, desde logo, começa com o próprio processo de aprendizagem.

Sermos dotados para alguma coisa proporciona uma sensação de recompensa e satisfação[186]. Muitas crianças que se revoltam contra as expectativas dos adultos a seu respeito, fazem-no, muitas vezes, por não possuírem as capacidades para ir ao seu encontro. Daí a importância de pais e educadores criarem

---

para ser simpática com os outros ou tentar compreendê-los, mas através da paciência que os pais têm para a escutar e fazer sentir compreendida.

[185] T. Berry Brazelton e Stanley I. Greenspan: A Criança e o seu Mundo, requisitos essenciais para o crescimento e aprendizagem, op. cit., pág. 193.

[186] T. Berry Brazelton e Stanley I. Greenspan: *A Criança e o seu Mundo, requisitos essenciais para o crescimento e aprendizagem*, op.cit., pág.193-194 “Uma criança de três anos que não consegue copiar um círculo ou um triângulo pode tirar grande satisfação do simples rabiscar. Se a criança e um adulto pegarem num lápis e fizerem uns rabiscos um ao outro, ela pode sentir-se orgulhosa do seu trabalho. Se os rabiscos dão gradualmente origem a uma linha, ao fim de algumas semanas, e se essa linha der origem a um círculo, a criança aprende pouco a pouco a ter prazer em desenhar formas. Outra pode começar com os círculos e estar a desenhar letras ao fim de algumas semanas. Cada criança necessita de sequências diferentes, mas se respeitarmos as necessidades de elas desenvolverem as capacidades à sua maneira, ao seu ritmo, estamos a dar-lhes um sentido de mestria e prazer, em vez de frustração”.

oportunidades para a mestria, associando cada pequeno passo a um sentido de prazer e satisfação. Esclareça-se, dizem T. Berry Brazelton e Stanley I. Greenspan isto não significa fugir do trabalho sério, muito pelo contrário. As crianças estão dispostas a trabalhar muito mais quando sentem esse prazer e essa satisfação[187].

Afecto e disciplina são duas componentes indissociáveis no processo de educação de cujo equilíbrio resultará uma grande probabilidade de desenvolvimento dos seres humanos.

Todavia, assiste-se, nos dias de hoje, a uma evidente dificuldade dos pais em lidar com os limites, muito em especial dos pais que gastam a maior parte do tempo quotidiano com o trabalho. A sua capacidade de estabelecerem limites diluiu-se em virtude de uma espécie de culpabilização derivada da escassez do tempo que dedicam aos filhos. A frase «Não posso estar fora de casa o dia todo e depois chegar a casa e querer impor a disciplina" é recorrente no discurso dos pais, evidenciando que não percebem quanto a disciplina é importante para a criança. Não percebem que o que leva as crianças a fazerem disparates ao fim do dia, quando os pais chegam a casa, é precisamente a necessidade da segurança que advém dos limites.

Se os pais entendem que não estão tempo suficiente com a criança, não se sentem com direito a pedir-lhe que esteja quieta enquanto falam um com o outro sobre assuntos importantes. Todavia, os limites também são importantes para a criança e é preciso que os pais não tenham dúvidas quanto a isso[188]. Importa que compreendam que para aprender a disciplina não basta observar e testemunhar, que só através da interacção com a criança é possível levá-la a perceber limites, a

---

[187] T. Berry Brazelton e Stanley I. Greenspan: *A Criança e o seu Mundo, requisitos essenciais para o crescimento e aprendizagem*, op.cit., pág. 195 "Os pais que deixam uma criança pequena frente à televisão durante horas encorajam a passividade, em oposição aos que se sentam no chão e brincam com a criança, seguindo a sua vontade. A brincadeira imaginativa, as conversas orientadas para a formulação de opiniões, em que os pensamentos da criança são importantes, e os debates activos, promovem a atitude assertiva, não apenas no comportamento, mas também nas ideias. A utilização do método socrático para suscitar soluções ou o papel de advogado do diabo são pontos importantes numa abordagem mais assertiva. Desde os primeiros dias de vida, até aos últimos, existem oportunidades de aprendizagem assertiva, em contraste com experiências passivas. O recém-nascido que é incentivado a olhar em volta para perceber de onde vêm todos aqueles sons interessantes enquanto segue a voz do pai, está a afirmar-se na descoberta do seu mundo. É muito diferente do bebé cujos pais se sentam frente a ele e lhe falam, ou apenas o embalam ou o acarinham. O educador de uma criança de 16 meses que lhe dá o brinquedo preferido está a encorajar a passividade, enquanto o pai que lhe dá a mão e lhe sugere irem juntos à procura do brinquedo, lhe está a dar uma oportunidade de resolver um problema e promover a mestria. Assim também se ensina à criança a suportar a frustração e a lidar com a perda e a desilusão. Ao dar-lhe a possibilidade de utilizar com mestria as ferramentas da aprendizagem em todas as facetas da vida, promovemos uma atitude assertiva e a capacidade de procurar alcançar as expectativas. Se proporcionarmos estes incentivos com uma estrutura e limites adequados e os combinarmos com carinho e um verdadeiro sentido de admiração pela sua individualidade, estaremos a ajudá-la a estabelecer os seus próprios objectivos e a sua própria disciplina".

[188] T. Berry Brazelton e Stanley I. Greenspan: *A Criança e o seu Mundo, requisitos essenciais para o crescimento e aprendizagem*, op.cit., pág.199 a 200.

solucionar problemas, a aprender a antecipar situações difíceis e a aprender a lidar com a frustração, o sentimento de perda e a humilhação.

Mas para que as crianças interiorizem os limites e gostem de aprender, é preciso que os adultos que com elas interagem lhes forneçam as ferramentas necessárias para conhecerem, compreenderem e dominarem o seu mundo. Isto implica, dizem Brazelton e Greenspan, reconhecer os estádios de desenvolvimento e usar abordagens educativas que se ajustem à criança[189]. Dar mais e esperar mais das crianças deveria caracterizar não apenas a vida familiar, mas também as escolas, instituições de educação, serviços sociais e sistema legal, instituições religiosas e outras organizações comunitárias.

Mais uma vez, o confronto entre o que analisam os psicólogos acerca do desenvolvimento humano e as reais condições de existência de muitas famílias, assim como o confronto entre essas exigências e as concepções de vida e de educação que prevalecem hoje nas sociedades mais desenvolvidas, leva a admitir que a predisposição para o consumo de drogas é, em boa medida, resultante de vulnerabilidades socialmente produzidas. A crise profunda dos laços sociais, nas suas variadíssimas manifestações, expõe os indivíduos a uma multiplicidade de riscos, face aos quais não adquiriram as capacidades internas de resistência e superação.

Diz Manuela Fleming[190] que passados muitos anos após a criação de instituições e redes de cuidados especializados, não se conseguiu ainda chegar a uma definição clara e rigorosa do que é a toxicodependência. A dificuldade reside na circunstância de, como assinala Cândido Agra, estarmos em presença de um fenómeno altamente complexo que só poderá ser compreendido a partir de uma abordagem transdisciplinar, que o mesmo é dizer através da integração de conhecimentos provenientes de áreas disciplinares distintas.

A ruptura com os conceitos mais correntes sobre a toxicodependência, da "droga - doença", da "droga – delinquência", da "droga – vício" e a sua substituição

---

[189] T. Berry Brazelton e Stanley I. Greenspan: *A Criança e o seu Mundo, requisitos essenciais para o crescimento e aprendizagem*, op.cit., págs 200 e seg.. "O objectivo dos pais estabelecerem limites deveria ser passar gradualmente esta tarefa para a criança. Ajudá-la a escolher as sanções e procurar formas de lidar com sentimentos fortes encoraja-as a assumirem a responsabilidade.
A disciplina no final de um dia de trabalho**.** A primeira hora depois dos pais chegarem a casa deveria estar centrada nas necessidades da criança e na aproximação entre todos. Só assim os pais se sentirão habilitados a estabelecer os limites necessários.
Os pais como equipa. A disciplina funciona melhor se os pais tiverem tempo um para o outro e puderem estabelecer limites e manterem-nos como uma equipa. A modelação da autodisciplina feita pelos pais é uma forma eficaz das crianças aprenderem a se autodisciplinarem. Os pais solteiros precisam de reconhecer as suas necessidades de afecto e apoio".

[190] Manuela Fleming*, Família e Toxicodependência,* op. cit., pág. 11.

pelo conceito "droga – plano de significação existencial" representa, quanto a nós, um avanço teórico significativo. [191]

Só a constituição da ciência do comportamento aditivo, promovendo a comunicação entre saberes das ciências biomédicas, das ciências psicológicas e do comportamento e da sociologia, conduzirá à formalização de uma síntese teórica susceptível de restituir a complexidade causal subjacente ao consumo de drogas[192].

Para a construção dessa síntese há entretanto que assumir algumas teses teóricas a respeito da relação entre o indivíduo e a sociedade, tomando-o como actor social e sujeito autopoiético. Sendo certo que está submetido a um jogo de determinações, necessidades e contingências exteriores que configuram o quadro objectivo de relações em que constrói a sua existência, o indivíduo é, ao mesmo tempo, criador de si e construtor activo do seu percurso existencial. Esta perspectiva equivale a assumir que não basta alterar os constrangimentos externos para que automaticamente ocorram mudanças na organização interna do indivíduo, que existe uma margem de decisão individual sem a qual as mudanças do mundo externo não se repercutem no mundo interno[193].

O objecto de investigação de que aqui damos conta representa um esforço de reflexão sobre as possíveis relações existentes entre constrangimentos sociais e estruturas psicológicas específicas de adolescentes originários de meios sociais altamente vulneráveis. Representa igualmente um esforço de reflexão sobre as relações acima referidas e o consumo de drogas. Trata-se, pois, de analisar a existência de possíveis nexos causais entre as trajectórias de vida, atravessadas por vários tipos de rupturas, e a entrada numa carreira de dependência de psicotrópicos. Explicitando mais detalhadamente o objecto de estudo, digamos que interessa esclarecer como certos constrangimentos estruturais induzem formas específicas de inter-relação entre o indivíduo e a sociedade, que, por sua vez, organizam estruturas subjectivas, também elas específicas.

Seguindo elementos de reflexão desenvolvidos por G.H. Mead, um dos grandes teorizadores da perspectiva interaccionista, podemos considerar que não interessa apenas conhecer o comportamento aparente, externo ou visível do indivíduo,

---

[191] Cf. Cândido da Agra: **"***Droga: Dispositivo crítico para um novo paradigma "* in Actas do Seminário «Droga: Situação e Novas Estratégias», promovido pela Presidência da República, Junho de 1997, Centro Cultural de Belém, Lisboa.

[192] Cândido da Agra, "*Sujeito Autopoiético e Toxicodependência"*; Centro Internacional de Criminologia Comparada, Universidade de Montreal, 1991.

[193] Celina Manita, Jorge Negreiros e Cândido da Agra, "*Determinações e significações na relação droga-crime*"- Lisboa: GPCCD, 1996.

mas também o que este autor designa por "actividade encoberta"[194] do acto, sem deixar, todavia, de assumir a precedência da sociedade sobre o self. Interessante, a nosso ver, é registar o seu confronto teórico com Watson, segundo o qual apenas o comportamento externo pode ser estudado cientificamente, sem, todavia, abdicar na sua obra *Mind, Self and Society* [195] de um certo *behaviorismo* social.

Vejamos, então, como Mead concebe a influência da sociedade sobre o indivíduo. Para começar, há que reter que, na sua perspectiva, o que distingue as sociedades humanas das infra-humanas não é o comportamento cooperativo, uma vez que estas últimas o podem fazer exclusivamente em função das características biológicas dos seus membros, inalteráveis ao longo de sucessivas gerações, mas a diversidade de padrões accionados na vida quotidiana. Para haver cooperação entre seres humanos, é necessário que alguns mecanismos estejam presentes de forma a que cada actor individual possa entender as linhas de acção dos outros e possa, ao mesmo tempo, direccionar o seu próprio comportamento, acomodando-se às referidas linhas de acção. Pode concluir-se, assim, que só existe associação humana quando cada actor individual percebe a *intenção* dos actos dos outros e constrói, em consequência, a sua própria resposta baseado naquela intenção.

Os jovens de cujas vidas aqui procuramos dar conta, deram os primeiros passos da sua, ainda curta, vida em contextos familiares e sociais povoados por adultos dominados pela desorientação, pela falta de energia para enfrentar o trabalho, pela carência de recursos culturais para levar a cabo as tarefas educativas, tudo isso, é preciso sublinhar, num contexto social que não providencia as formas de protecção social adequadas às necessidades educativas dos mais jovens, nem a protecção social da vida familiar. Viver a vida, desde a mais tenra infância, num universo de outros significativos cujas possibilidades de inserção social dependem, muitas vezes, da adesão a práticas que envolvem a transgressão das convenções constitui certamente uma circunstância que não se escolheu e a que não se pode fugir facilmente.

O comportamento humano, diz Mead, envolve sempre uma resposta às *intenções* dos outros, não somente às suas acções. Por isso, não pode prescindir de um certo consenso de sentidos compartilhados, sob a forma de compreensões e expectativas comuns.

---

[194] Cfr. Teresa Maria Frota Haguette*, Metodologias qualitativas na sociologia*, Editora Vozes, Petrópolis, 2005, págs 26 e seguintes.
[195] Cfr. Teresa Maria Frota Haguette*, Metodologias qualitativas na sociologia*, op.cit., págs 26 e seguintes.

Pensando nas vidas dos jovens de que nos socorremos para pensar a droga enquanto manifestação de um comportamento aditivo[196], faz sentido questionar até que ponto a existência quotidiana que se desenrola num território onde a maioria dos seus habitantes nada tem a ganhar porque, também, nada tem perder, provoca a emergência de subculturas que tendem a inverter a escala de valores. O sentido comum atribuído ao tráfico de droga, como prática justificável pela necessidade de alimentar os filhos, assim como aos diversos tipos de expedientes para satisfazer necessidades e desejos interditos pelas vias consideradas mais normais é o que povoa o universo simbólico dos jovens em causa. Por outras palavras, cabe admitir a hipótese de estes jovens não haverem tido oportunidades de partilhar outras experiências, tal como não tiveram oportunidade de contactar com outras formas de responder às dificuldades da existência sem passar pela transgressão. O comportamento é social quando diferentes seres humanos respondem da mesma forma ao mesmo gesto e partilham as mesmas experiências.

Ao afirmar que o ser humano possui um self, G. H. Mead pretende salientar que o indivíduo age socialmente na relação com as outras pessoas, ao mesmo tempo que interage socialmente consigo próprio. A construção do *self* depende das "definições" devolvidas pelos outros que assim servem de referencial para que o indivíduo possa ver-se a si mesmo. A sociedade representa, pois, o contexto dentro do qual o *self* surge e se desenvolve. Isto significa que se não estiver integrado num contexto de interacção com outros, o indivíduo não pode, sequer, pensar sobre si próprio.

Na continuação do exercício de aplicação da teoria de Mead ao caso específico dos jovens que estamos a analisar, não parece descabido assinalar que o fechamento das suas sociabilidades num círculo restrito de actores socialmente muito idênticos não poderá deixar de pesar sobre a natureza do estádio de imitação na primeira infância, expondo-os ao contacto regular e relativamente generalizado com o tráfico e o consumo das drogas. Expondo-os, sobretudo, a modos de vida cujo traço característico mais forte será a capitulação face aos pesados constrangimentos e à competição social. Diria Pierre Bourdieu que enfrentam o mundo com "as armas dos desarmados". Num submundo relacional onde a maioria define como legítimas práticas de ganhar a vida alternativas ao trabalho considerado honesto, que na realidade não são mais do que a manifestação de uma terrível impotência para se fazer valer numa sociedade fortemente competitiva, não há margem para duvidar que os mais novos, à

[196] Terminologia de Cândido da Angra in "*Sujeito Autopoiético e Toxicodependência"* Centro Internacional de Criminologia Comparada, Universidade de Montreal, 1991.

falta de outro “nós” a que pertencer, não podem deixar de se identificar com essa espécie de subcultura.

É somente quando a criança passa a “assumir o papel dos outros”, tornando-se capaz de fazer o jogo de diferentes papéis, que se pode dizer que construiu aquilo a que Mead chama *generalized other* ou papel colectivo[197]. Ora, se a rede relacional é privilegiadamente formada por actores sociais que, sem possibilidades, sequer, de pensar um projecto de vida cuja concretização justificaria a concentração em metas parciais e intermédias, como esperar que a relação com o tempo carregue mais significado do que a sucessiva repetição de horas e dias sempre iguais? Como esperar alguma coisa da vida, como concentrar energias em projectos, se todos, ou quase todos, à volta não visionam outro horizonte que não seja o da sobrevivência, apesar de se identificarem profundamente com os padrões de consumo e de vida socialmente tidos como aceitáveis?

### *7.1 Jovens de lugares de exílio*

Continuando a problematizar o nosso objecto de estudo, isto é, os constrangimentos sociais e psicológicos específicos que se abatem sobre os adolescentes originários de meios sociais altamente vulneráveis e que os predispõem para o consumo de drogas, estamos agora em condições de complexificar a perspectiva teórica adequada à apreensão do que mais profunda e, até, indirectamente favorece a emergência do fenómeno.

Os jovens que seleccionamos para este estudo são originários do sub proletariado, uma categoria social cujas condições de existência e modos de vida assumem contornos bem específicos, pelo que é de formular a hipótese de existir um tipo particular de situação de dependência das drogas a requerer um diagnóstico peculiar e modalidades de tratamento, também elas específicas.

A consideração dos processos e dinâmicas de tipo macro estrutural, que são responsáveis pela privação severa de uma pluralidade de recursos condicionadores do desenvolvimento pessoal e social, representa, a nosso ver, uma exigência incontornável se queremos compreender como é gerada a predisposição para o consumo das substâncias em causa neste grupo social.

Esta predisposição é, para além de produto da inter-relação de variáveis biológicas, psicológicas e sociais, produto de processos de construção e simbolização

---

[197] Cfr. Teresa Maria Frota Haguette, *Metodologias qualitativas na sociologia*, Editora Vozes, Petrópolis, 2005, págs 26 e seguintes.

individual e social. E, como defendem os autores da linha interaccionista[198], o significado que os seres humanos atribuem às coisas não é simplesmente o resultado da sua actividade pensante individual, mas, um fruto da interacção social que mantêm uns com os outros. Cada um é, em si mesmo, o que o outro lhe devolve de si.

A realidade social, por sua vez, não se esgota na interacção social, nos mecanismos culturais que os seres humanos accionam para construírem simbolicamente as suas interpretações do mundo social. É preciso ter em conta que os diversos campos da vida social são atravessados por lógicas de competição e concorrência das quais decorre um desigual acesso à posse dos recursos socialmente valorizados. Dito de outro modo, as regras do jogo social nos vários campos da vida social (economia, certificação escolar, práticas culturais e produção simbólica, etc.) induzem uma pluralidade de desigualdades, de que resulta uma estrutura social hierarquizada em termos do conjunto de capitais a que cada um pode aceder (económico, simbólico, social)[199]. Em suma, a socialização do indivíduo depende estreitamente do lugar que a sua família ocupa na estrutura social, que o mesmo é dizer das condições de vida material, social e simbólica próprias desse lugar.

A trajectória de vida dos indivíduos está marcada por uma socialização inicial, ou seja pelas oportunidades que existiram, ou não, nos seus contextos de interacção social, que o mesmo é dizer, por uma socialização cuja qualidade depende das experiências proporcionadas e acumuladas que, por sua vez, estão na origem da aquisição de uma "estrutura de interpretação da realidade social"[200].

A problematização avançada por Giddens e, muito em especial, por Pierre Bourdieu representa um avanço teórico e metodológico muito valioso, precisamente por haverem recuperado as perspectivas provenientes do interaccionismo e da etnometodologia, evitando, ao mesmo tempo, reduzir a acção humana a uma produção de seres com capacidade para reflectir sobre o que fazem. Se é verdade que todo o ser humano dispõe de capacidade para interpretar os contextos da sua acção, podendo, por isso, ser considerado um "teórico social prático", isto é, um sujeito que acciona conhecimentos, esquemas de interpretação, "recursos práticos cuja utilização é precisamente a condição para a produção de

---

[198] Blumer , *El interaccionismo simbólico: perspective y método*, Hora, Barcelona, 1982.
[199] Cfr. Pierre Bourdieu, …….
[200] Molitor, M. "L'Herméneuthique Collective", in J. Remy e D. Ruquoy (Dir.)*, Méthodes d'Analyse de Contenu et Sociologie,* pp. 19-53. Cit. In J. Machado Pais, "Dos relatos aos conteúdos de vida" in *Ganchos, Tachos e Biscates – Jovens, trabalho e futuro*, capítulo 4, Ambar, Porto, 2001.

qualquer encontro"[201], não é menos verdade que essa mesma capacidade é social e historicamente condicionada.

Sabendo-se que o consumo deste tipo de produtos é uma prática transversal a todas as classes sociais, não deixa de ser pertinente, averiguar até que ponto os adolescentes, cujas famílias de origem não lhes puderam facultar certas aprendizagens socialmente necessárias, constituem um caso específico, requerendo análises igualmente específicas.

Na primeira parte deste trabalho, concretamente na parte consagrada à pertença familiar dos jovens, ficou claro que as suas condições de existência material, social e cultural são francamente precárias, que a sua vida quotidiana foi, desde muito cedo, atravessada pela privação. As causas mais directas da instabilidade familiar dos jovens que entrevistamos parecem estar ligadas à dependência de drogas ou de álcool dos próprios progenitores, não sendo de excluir outras causas, tais como a impossibilidade de dominar as condições da existência e o desencorajamento a respeito das possibilidades de retirar realização pessoal do trabalho, ou, ainda, a falta de sentido da vida. Apesar de não possuirmos elementos que permitam compreender, em profundidade, as histórias de vida dos seus pais, os testemunhos dos jovens referem, alguns deles com visível desespero, a indisponibilidade de quem lhes deu a vida física, a violência das suas reacções, por manifesta falta de capacidade para enfrentar as obrigações inerentes à protecção e educação dos filhos. Referem a solidão, o desamparo, a desorientação face a um quotidiano recheado de conflitos, agressões e de violências, as mais diversas.

Tivemos ocasião de, na primeira parte, assinalar uma série de factores que não cessam de desencadear o enfraquecimento da coesão social e, logo, contribuem fortemente para precipitar situações de vulnerabilidade, em particular dos mais desmunidos. Tivemos, também, ocasião de assinalar que os consumos de drogas são transversais a todas as classes sociais, não existindo hoje evidência empírica sobre a sua prevalência nos grupos sociais com recursos mais escassos. Uma das explicações possíveis para essa transversalidade da predisposição para o consumo é a fragilização dos laços sociais e a ascensão de um tipo de individualismo negativo. Tal como pudemos demonstrar na primeira parte, o individualismo que se consolida nos dias de hoje ocorre numa sociedade fragmentada e sem coerência interna, numa sociedade privada de uma cultura comum capaz de conferir sentido às acções colectivas. Ocorre, enfim, numa sociedade onde cada um constrói o seu próprio sistema de valores, ao sabor dos seus interesses ou inclinações individuais,

---

[201] Anthony Giddens : *A Constituição da Sociedade*, Livraria Martins Fontes Editora, São Paulo, 1989.

onde a instabilidade e a incerteza dominam a vida de um cada vez maior número de indivíduos, inclusive dos estatutos relativamente elevados. A perversidade social destas evoluções recentes é tanto maior quanto são concomitantes com formas de socialização dos mais jovens que lhes prometem um mundo sem obstáculos, sem dificuldades, sem sacrifícios, que, enfim, os levam a identificar-se com padrões da sociedade de consumo, sem, entretanto, haverem adquirido as disposições interiores compatíveis com a participação na competição social.

Como já havia demonstrado Durkheim, os laços colectivos desempenham um papel crucial no estabelecimento de limites ao desejo individual, dão corpo a valores e metas que, possuindo um valor moral superior ao do interesse de cada um, asseguram a coesão social. Ou seja, ao assegurarem uma partilha de crenças, sentimentos, valores, fornecem a cada um os instrumentos necessários para elaborar os seus desejos pessoais e enfrentar as frustrações decorrentes dos limites impostos pelo mundo exterior. Só as convicções profundas acerca do valor e da autoridade moral de certos princípios permite suportar as frustrações impostas pela realidade externa, sem derrapar para as margens da sociedade ou sem cair na autodestruição. Quem não pôde aprender a identificar os limites objectivamente inscritos na organização social e a com eles conviver ficou impossibilitado de desenvolver defesas, assim como ficou incapacitado de adquirir a resistência psicológica necessária para encontrar realização pessoal e prazer na superação de obstáculos e dificuldades. Nas sociedades tradicionais as regras tendem a ser bem conhecidas e generalizadamente defendidas. À medida que as sociedades crescem, tornam-se mais heterogéneas, e experimentam mudanças sociais rápidas, de tal modo que as normas se tornam desconhecidas, pouco claras ou mesmo desajustadas às novas condições que são criadas. Durkheim utilizou o termo anomia para referir esta situação.

**Vasco**

> Como sabe, fui retirado à família logo em pequeno… puseram-me num colégio… passei por vários, de onde fugi muitas vezes… quando fugi do colégio da HH para a casa do meu irmão, foi aí que comecei a conhecer a droga. Primeiro comecei a fumar tabaco, depois o pessoal fazia charros. Eu via mas nem sabia bem o que era. Então falei com o meu irmão, porque não sabia o que era aquilo. Comecei a consumir haxixe. Tinha então 11 ou 12 anos e consumi muito até aos 14 anos. Depois aos 15 ou 16, comecei a experimentar a coca. Mas aí já foi quando vivia no Porto. …
> Quando fumava haxixe, “ganza”, parece que dava poder, fazia-me sentir bem, a gente brincava, riamo-nos… “batia”, ficava assim todo às “ondas”, todo “lourado”, roubava com os meus amigos, tudo… era como se ninguém nos pudesse parar… Então quando tinha 13 anos, o meu irmão foi preso porque começou de novo a traficar e foi condenado a sete anos de prisão …

Eu fui para um colégio em Campanhã, no Porto… eu ia à escola de DD e juntei-me às pessoas que conhecia e fumava "ganza" e fazia disparates … comprava a droga a uns que andavam no colégio, ou que iam lá, mas não iam às aulas…
Era fácil arranjar a droga… conhecidos, amigos de amigos,… e há em muito lado, mas geralmente eu comprava na escola… não tinha medo… havia sempre quem tinha para vender…
Fumávamos de manhã, almoçava na escola e, de tarde, íamos roubar e fazer "merda" … roubávamos lojas, carros, pessoas, roubávamos para ter dinheiro e comprar mais e beber e consumir… Sentia que podia fumar à minha vontade, consumia e não acontecia nada. Quanto mais fazia, mais queria.
Parece que gostava da vida que estava a levar. Nunca se pensa mais nada. Se calhar, sentia-me um homem diferente. Era um homem que tinha problemas familiares e, de repente, mudou de vida. Fumava droga e era outra experiência de vida… nessa fase ainda pensava que roubar era necessário, era para a droga… tinha de me safar… tinha de me fazer à vida…
Fui expulso porque fumava no colégio, virava-me a todos, não queria saber do que me diziam, só fazia o que queria, não ia à escola. … Quando mudei outra vez de colégio, tinha 16 anos, mas fiquei na mesma escola. É nesta altura que comecei a consumir a "branca". Foi um colega meu que ma deu e eu gostei. Depois, há um momento, no Natal, em que o meu irmão veio cá fora e fica em casa desse meu colega que já tinha vinte e tal anos e vivia sozinho. Consumimos os três. Geralmente comprávamos sempre à mesma pessoa, mas se ela acabava procurávamos outros sítios e outras pessoas… não era difícil… conhecíamos os lugares e quem vendia…
A heroína era diferente da "ganza". Podia ficar todo luso, mas só no momento em que puxa, depois porque depois fico todo mole, não conseguia andar. A branca é diferente, quer mais e mais. Ficava com ansiedade …
Continuava no colégio, mas só consumia… Roubava e fazia "merda"… Chegava ao colégio e portava-me mal, berrava com os monitores, com todos … só queria estar só … Os meus dias eram só a consumir, consumir, consumir … Consumia em casa desse meu colega… nessa fase já não queria saber de ninguém… só da droga…
Comecei a perceber que a droga não resolvia nada, não resolvia os meus problemas, mas não conseguia parar. Com a droga só arranjava mais problemas e, então, rejeitava os outros e no colégio só fazia "merda", como, por exemplo, comecei a roubar, havia pessoas que já não confiavam em mim, roubava coisas de valor, se havia alguém que me queria ajudar, eu empurrava, batia, não queria saber, faltava às aulas …
Não consigo explicar o que sentia … acho que me sentia mal, sentia-me só, não queria viver … queria enterrar-me, enterrar-me … não conseguia parar, sei lá, pensava assim, agora que comecei, vou enterrar-me. Já tinha problemas, já tinha a droga, roubei, sei lá, não via saída … Os problemas? achava que eram problemas de infância, o meu pai ter-me batido sem eu perceber porquê, o meu irmão preso … se calhar meti-me na droga para não viver esses sentimentos …

## Ilídio

Foi no colégio que comecei a consumir. Tinha onze anos quando vi o meu sobrinho a fumar haxixe e também quis experimentar para saber como era. Depois também fui para a escola e também tinha lá amigos negativos, éramos um grupo e, nos intervalos, íamos para a casa de banho fumar haxixe. Aprender a fumar foi fácil… há sempre quem já tenha experimentado e ajude os outros… dinheiro para a droga, não precisava…

davam-ma… eram sempre os amigos… não sei como a arranjavam, não sei quem lhes vendia…
Quando a directora do colégio soube dos meus consumos, ficou chateada e disse à minha assistente social e ela trouxe-me para aqui (para a clínica) … fumava haxixe. Fumava cerca de 5 cigarros por dia. Fumava porque dá "moca", dá tonturas e dá fome. Gostei. Mas se estivesse sempre a fumar já não dava. Dava prazer… continuei porque gostava da "moca"…acho que era porque custava menos viver os problemas e as tristezas quando estava com a "moca"… eu não tinha família, não é, a minha mãe tinha-nos abandonado a mim e ao meu irmão…do resto dos irmãos nem sabia… Mas os meus comportamentos com os outros não mudavam… era sempre a mesma pessoa, falava com os colegas e os monitores do colégio… nunca fui agressivo, hoje acho que estou pior quanto a isso…

**Filipe**

No colégio, comecei a fumar haxixe e vivia revoltado, sempre revoltado… depois de fazer o 6º ano, no colégio, comecei a fumar e a consumir haxixe. Então só fazia disparates. Estava sempre revoltado e com raiva de tudo e todos. Nada me interessava. Nada. Nem aulas, nem pessoas, nada. Não queria nada nem fazer nada… eu acho que tudo piorou desde que a assistente social e a paróquia, pensando que era melhor para todos, nos tirou ao nosso pai, nos afastou [aos irmãos] e nos pôs em colégios… sim, porque a nossa mãe… essa abandonou-nos… ela diz que era por o meu pai ser alcoólico…
Comecei a fumar porque os meus amigos fumavam. Comecei no colégio…sentia-me mais forte com aquele grupo de amigos… eles fumavam e eu queria pertencer ao grupo… fiz como eles … não tinha medo de fumar… eu acho que naquela altura já não tinha medo de nada…pelo menos assim pensava… todo eu era revolta… lembra-se que lhe disse que até perdi o medo de o meu pai me bater? Nunca pensei se fazia mal ou se ia contra as regras…isso era coisa de que não falávamos… de resto eu só fazia disparates… com os amigos sentia-me seguro para poder consumir… eles já eram mais experimentados e eu não precisava de fazer nada…eram eles que me davam… Disparates? Ora, era arrogante quando falavam para mim, quando os professores ou os monitores me chamavam a atenção… recusava-me a fazer qualquer coisa… e quando me irritava, partia tudo… agredia as pessoas, dava empurrões, batia… tudo isto porque sentia raiva… porque ninguém acreditava em mim… porque ninguém me respeitava, porque ninguém me dizia porque é que eu era assim… triste e revoltado acho que é o que melhor me caracterizou sempre… hoje acho que já sou diferente, não porque não viva esses sentimentos na mesma, mas porque aprendi a controlá-los… aqui na Comunidade.

**Clara**

Estava eu no colégio, aos 14 anos, quando consumi pela primeira vez, porque os amigos me disseram para eu experimentar, que era fixe, dava uma "moca" fixe e depois quando eu fugi do colégio, então comecei a consumir muito, todos os dias, fumava muitos charros, haxixe, com esse grupo de amigos, e depois comecei a traficar com uma colega… traficava para poder fazer negócio e ter dinheiro para eu continuar a consumir… aprendi com os amigos a fumar e a desenrascar-me na venda da droga… sabia os sítios onde devia ir… não tinha medo… se tinha não pensava nisso… sabia que não era permitido, que era ilegal, mas não pensava nisso… só pensava em ter dinheiro e consumir… eu só vendia a quem já

consumia… não era eu que obrigava ninguém… não tinha negócio, era só vender para eu poder também continuar a consumir… só que um dia a polícia veio ter comigo e disse-me que me ia trazer para uma clínica… eu já sabia que era para aqui (a clínica do Outeiro) porque conheci gente que veio para cá… depois eu disse à polícia que não, que não queria vir, disse que não era nenhuma drogada, para estar na clínica… eu queria era voltar para casa…para os meus tios que me acolheram… não, para os meus pais eu não queria nem quero ir… aí ainda seria muito pior… é um bairro, há muita droga… mas principalmente eu não quero nada com eles… trataram-me mal e eu não quero a vida que tive…também não quero voltar para o colégio… não gostei de lá estar… quero é voltar a estar nos meus tios…

**Júlia**

Quando comecei a consumir tinha cerca de doze ou treze anos… consumia "ganza" com um grupo de amigos. Não contei a ninguém, nem à minha irmã. Primeiro uma vez por semana e depois os meus consumos começaram a ser diários. Quando consumia era fora do colégio… Consumi lá uma vez mas fui apanhada. Estava com a minha melhor amiga e o castigo que tive foi que a minha amiga ficou proibida de entrar no colégio durante um mês. Com essa idade, no colégio autorizavam que eu fosse passar um fim-de-semana a casa de amigas. Só que depois saíamos para a noite e isso eu nunca disse no colégio porque era contra as regras.
Quando comecei a fumar charros era muito arrogante, impulsiva e tinha uma imagem muito forte, insultava as pessoas, não acatava nenhuma regra. Desse tempo lembro-me que comecei a ficar mais irreverente, ainda não era completamente malcriada, mas os meus comportamentos começaram a alterar-se. No início era cumpridora mas depois deixei de o ser. Aos quinze, dezasseis anos apanhei uma grande "piela" em casa de um amigo meu e telefonaram para o colégio e uma educadora, com quem hoje me dou bem, teve de ir lá buscar-me de táxi. E foi aí que no colégio começaram a perceber o que eu fazia, o porquê de eu ficar sem aparecer durante uma semana… eu fugia do colégio. Não só consumia "ganza" como bebia álcool, muito álcool. Durante alguns tempos as coisas continuaram a rolar, ora fugia, ora regressava, até que comecei a dizer que precisava de ajuda e que no colégio ninguém me ajudava… acho que a droga serviu para me pôr de bem comigo, para me fazer sentir bem…para procurar descontracções instantâneas, momentâneas, e como gostava…porque, para preencher o vazio servia o álcool…
O começar a consumir acho que teve a ver com estas duas situações. Por um lado acho que a mudança dos meus comportamentos começou quando começou a mudança de instituições. Conhecer gente nova, caras novas, não poder ter uma vida normal como outros, com pai e mãe, tal qual os meus amigos. Amigos a sério são de fora do colégio. Eu recusava-me a criar relação com adultos e mesmo com os colegas do colégio; por outro lado a vida com a minha mãe… foi uma "cena" que me revoltou imenso e me metia muita raiva. Se a minha mãe me quisesse tanto eu nunca ficaria a viver com a minha avó. Eu consumia, "ganzava-me" e distraía o meu pensamento dessas minhas "cenas". Iludia-me. Quando o colégio decidiu que eu vinha para esta comunidade terapêutica foi por causa dos meus consumos, e dos meus comportamentos. As fugas, o fechar-me no quarto, não ouvir ninguém, passar o tempo ao telemóvel, isolar-me. Eram comportamentos relacionados também com os consumos, porque uma pessoa quando consome torna-se diferente, começa a ter comportamentos desviantes. Nunca roubei porque mantinha os consumos com dinheiro que, se eu não tinha, pedia à minha mãe. Eu tenho amigos que traficam e, por isso, também consumia à "borla"… nunca tive necessidade, pois, de roubar nada para ter acesso à "ganza"…ou usava a mesada que a minha mãe me dava ou os amigos davam-me… sempre comprei a amigos… não eram

bem amigos, eram mais conhecidos, conhecidos do liceu, de saídas à noite, amigos de amigos… o namorado da minha irmã também fuma… a minha irmã também já fumou, depois deixou, depois voltou… mas a minha melhor amiga já deixou.
Acho que sempre me foi fácil o acesso à droga… no meu liceu fumava-se droga… a primeira vez que experimentei foi com uns amigos, gostei, e depois continuei… quando consumia era geralmente em grupo, mas às vezes sozinha…é fácil para toda a gente consumir… porque basta querer, porque é fácil arranjar quem venda, há muitos que fumam e que vendem, e droga há em todo o lado…
Nunca tive medo nem de experimentar nem que me descobrissem… aliás eu contei à minha mãe e ela só me disse "tem cuidado que isso faz mal"… mas a minha mãe é igualzinha a mim, com a diferença que tem mais maturidade e é mais velha, mas também é um "poço de aceitação"… a minha mãe é uma adulta adolescente, ou seja, é adulta mas tem facetas de adolescente… a minha mãe também chegou a consumir, foi ela quem me disse, na altura foi o meu pai que lhe arranjou… recorda-se que eu lhe disse que o meu pai também traficava… eu quando soube que o meu pai vendia droga revoltou-me… não sei bem quando soube, com que idade, mas essas conversas foram tidas com a minha avó, a minha irmã, a minha mãe…hoje, sobre o meu pai, não penso nisso… mas sempre me revoltou ter sabido que ele também morreu por causa da droga…
Eu acho que traficar droga é uma maneira fácil de ganhar dinheiro… não acho que seja uma maneira correcta, mas cada um sobrevive como pode… os traficantes a sério, mas a sério, vivem bem mas é à custa da droga. Não acho legítimo porque se está a vender uma coisa que prejudica a sociedade e cada vez mais morre gente por causa disso…eles podiam vender era qualquer coisa que ajudasse a matar a dependência!!! Estou a ser irónica… porque as pessoas também se querem drogar… mesmo quando as pessoas sabem que precisam de ajuda, preferem adiar… mas entre os traficantes eu penso que há diferenças… por exemplo, se alguém rouba num supermercado porque tem filhos para criar é uma coisa, se é para se drogar e vender é outra… ou então quem vende, não consome, mas vende para outros se drogarem… eu acho que estas situações são diferentes… acho que deviam ser confrontados e as penas deveriam ser diferentes… por exemplo, eu não prendia o do supermercado ou o que rouba para vender e consumir, dava-lhes uma pena como o ter de fazer um trabalho para a comunidade… para muitas pessoas que traficam, as que têm mais dificuldades na vida, está difícil encontrar trabalho e o recurso à venda de droga é admissível, de certo modo, porque permite fazer face aos problemas familiares… há sempre quem compre, quem queira consumir… quanto aos grandes traficantes, que nem se drogam mas que vivem da morte de muitos outros, acho que deviam ser presos e que quando saíssem deviam fazer um trabalho numa clínica para verem como deixam as pessoas…

A construção do *self* envolve a incorporação de um processo social que pode ser analisado a partir de dois enfoques distintos: o *eu*, constituído pela tendência impulsiva do indivíduo, pelo aspecto inicial, espontâneo e desorganizado da experiência humana; o *mim*, formado pelo *outro* incorporado no indivíduo. Em suma, o *self* inclui o conjunto organizado de atitudes e definições, compreensões e expectativas comuns ao grupo, conjunto esse que resulta de um processo de interacção entre um *eu* e um *mim*, sendo que o primeiro culmina sempre no segundo.

Ou seja, o comportamento humano pode ser visto como uma série perpétua de iniciações de actos propulsionados pelo *eu* e de acções retroactivas sobre esses mesmos actos, sempre em função dos princípios de classificação e das compreensões fornecidas pelo grupo.

Se os outros que incluem o mundo relacional são colectivamente atingidos pela impossibilidade de ocupar um lugar na sociedade, por via da posse de recursos económicos, sociais e simbólicos, e, por isso, se tornam mais vulneráveis a consumos que lhes permitem sair, ainda que ilusoriamente, da impotência, do medo e da inferioridade, percebe-se quanto estas definições, atitudes e compreensões que prevalecem no colectivo impedem o indivíduo de percepcionar outros caminhos.

Diz G. Herbert Mead que nem o *self*, nem o *mim* são estáticos. Evoluem ou modificam-se na sequência de mudanças relevantes nos padrões e conteúdos das interacções que o indivíduo pode vivenciar, não só na sua relação com os outros, mas, também, consigo mesmo. A circunstância de possuir um *self* torna o indivíduo capaz de ter uma vida mental, que o mesmo é dizer, capaz de dar indicações a si próprio, de dirigir e controlar o seu comportamento, ao invés de se tornar um agente passivo dos impulsos e dos estímulos. O cérebro é necessário para a emergência da mente, mas, por si só, não faz a mente. É a sociedade-interacção social que proporciona o processo que faculta ao indivíduo a possibilidade de interagir consigo próprio, designadamente fornecendo-lhe os símbolos significantes e os contextos de interacção que permitem o processo social de comunicação. A mente é social na precisa medida em que é indissociável do processo de comunicação.

Voltando às condições de existência dos jovens, é altura de levar mais longe a análise das oportunidades de relacionamento social a que podem aceder. De facto, o processo de aprendizagem de símbolos, categorias, atitudes, valores, gostos, sentimentos, não termina na primeira infância, uma vez que, cada vez mais, outras instituições assumem parte relevante nas tarefas da socialização das gerações mais jovens. A escola, os *media*, os companheiros, a música, o cinema, o desporto, entre outros, desempenham um papel cada vez mais relevante na formação do *mim*. Todavia, os jovens cujos percursos pretendemos dar a conhecer constituem, a nosso ver, um exemplo de impossibilidade de usufruir dos contextos de socialização posteriores à socialização familiar e de vizinhança enquanto oportunidade de participar em relações sociais mais diversificadas e, logo, enquanto oportunidade de assimilar novos símbolos significantes.

A escola não representou para estes jovens uma oportunidade de descobrir objectivos, interesses e gostos, nem, tão pouco, constituiu um lugar a que se

sentissem pertencer e em que descobrissem alguma utilidade para conduzir a sua vida. Todos eles atribuem o facto de não terem interesse pela escola à sua própria responsabilidade. À excepção de uma jovem que refere, de passagem, os professores que dão a matéria muito depressa, sem cuidarem de se certificar se os alunos aprenderam, todos os restantes evidenciam a aceitação do facto de pouco ou nada terem feito na escola como fruto de uma característica pessoal, de uma escolha típica da falta de experiência e de maturidade. A passagem pela escola, longe de permitir a descoberta de um potencial de capacidades, é uma experiência que confirma a separação social já vivenciada no meio familiar e de residência. Apesar de reunir jovens de meios sociais os mais diversos, o território escolar acaba por ser um meio onde se somam lado a lado, muitas vezes com desconfiança e medo, grupos de jovens que não se comunicam, nem misturam. Os depoimentos colhidos são bem a evidência de que muitos dos que frequentam a escola não o fazem com a intenção de ir às aulas, aprender e trabalhar, mas apenas para se encontrarem com os companheiros que com eles partilham a mesma impossibilidade de se motivarem para os estudos. Para todos estes jovens, a escola funciona, como analisou Pierre Bourdieu[202], entre outros, como um lugar de reprodução social, que o mesmo é dizer, não facultou o acesso a um capital cultural susceptível de viabilizar a participação em redes de relacionamento social mais diversificadas do ponto de vista da posição social dos participantes.

Para que a escola pudesse contribuir para induzir mudanças relevantes nos padrões e conteúdos das interacções que estes indivíduos podem vivenciar na sua relação com os outros e consigo mesmos, seria necessário que lhes proporcionasse condições adequadas aos seus percursos de vida anteriores e aos seus contextos de vida extra escolares. As incapacidades da dita escola democrática para criar as reais condições geradoras de motivação e sucesso escolar foram teorizadas por inúmeros autores e deram lugar a múltiplos estudos, dispondo-se hoje de um vasto e profundo conhecimento sobre os mecanismos que levam os excluídos da escola a considerarem-se a si próprios como os responsáveis dessa exclusão, ou seja, a verem como falta de gosto e de interesse o que, na realidade, é fruto de violência simbólica e de dominação cultural. Não possuindo os instrumentos conceptuais para rebater e negociar o rótulo de alunos desinteressados, estes aceitam o rótulo e passam a ver-se a si próprios como indivíduos pertencentes a essa categoria.

Os processos de comunicação que prevalecem na escola, pelo menos em muitas, são dominados por leituras estereotipadas, redutoras, muitas vezes, até,

[202] Pierre Bourdieu

impregnadas pelo preconceito etnocentrista, leituras essas que conduzem à profunda desvalorização dos jovens cuja origem social os confinou a um universo subcultural simbolicamente inferiorizado. As definições do papel do professor e do aluno, em termos estritamente funcionalistas ou burocráticos, que o mesmo é dizer, desprezando a pessoa, na complexidade de factores que constroem a sua história, determinam um modo de relacionamento do professor com os alunos pautado pela incomunicabilidade, distância, opressão. As relações são dominadas por representações que, ao aprisionarem a pessoa numa imagem desfavorável, não lhe permitem evoluir, descolar-se dos símbolos significantes anteriormente interiorizados e abrir-se a novos significados. Desistem daquilo que, na realidade, lhes é negado, mas vivem essa situação como se a desistência fosse escolha sua. Não percebendo que os interesses se educam, vivem o seu desinteresse como se ele fosse resultado de uma falha, de alguma incapacidade inata cuja posse não depende da vontade, ou de uma falha de carácter, quando, de facto, é a escola que lhes nega a possibilidade de descobrir o interesse pelo estudo.

Perdido o domínio sobre as aprendizagens, sem que ninguém cuide de orientar a recuperação, a vivência da sala de aula é uma sucessão infindável de momentos vazios, inúteis, para além da constante actualização de sentimentos de frustração. Se atentarmos que a imposição legal da escolaridade obrigatória dá lugar ao accionamento de sanções para os que não cumprem essa obrigatoriedade, não fica muito difícil perceber que esse tempo imposto na escola seja preenchido com múltiplas actividades transgressoras, desde o mau comportamento na sala de aula, à desautorização do professor, à violência na relação entre pares, ao vandalismo contra o edificado, o roubo, o tráfico e o consumo de drogas.

**Rafael** (17 anos)

Nasceu em 30 de Junho de 1991, em Tomar, fruto de uma relação ocasional. Nunca conheceu o seu pai, nem sequer sabe o seu nome. No seu bilhete de identidade não há nome do pai. A mãe dedicava-se à prostituição em bares de alterne e nunca teve condições para dedicar ao Rafael os cuidados que um recém-nascido requer. Foi, logo após o seu nascimento, entregue aos cuidados de uma ama e, ao longo dos primeiros anos de vida teve que mudar várias vezes de ama e de local de residência sempre que a actividade da mãe a obrigava a mudar de cidade. Começou por morar em Tomar, depois passou para Leiria, seguiu-se Lisboa, Viseu,

Aveiro e, por fim, outra vez, Leiria. Não se lembra quantas vezes mudou de ama, mas sabe que foram muitas.

Entrou na escola primária com 6 anos de idade. Lembra-se que na primeira vez que foi à escola, a ama lhe deu muito material e que já sabia fazer contas de somar… lembra-se que, no 2º ano, era o melhor da classe em leitura porque passava os tempos livres a ler livros de banda desenhada, "Tio Patinhas", "Mónica", "Cebolinha", "Pato Donald" que a mãe lhe mandava pelo correio. Sempre gostou de ler.

> O que te lembras mais da tua vida na escola? Reprovei no 2º ano porque, além de faltar muito, tive que mudar de escola porque a minha mãe se deslocou para outra cidade.
> "E, então porque faltavas muito?"
> "Por acaso, não me lembro…"
> "Hoje, és capaz de perceber o que te levava a faltar muito nessa altura?"
> "Não gostava, não achava interessante…"
> "Não encontras mais nenhuma razão?"
> "Também era um bocadinho gozado na escola… gozavam-me por eu ter uma mãe prostituta… mas eu não acreditava… negava até ao fim… gostava muito dela… ela era tudo para mim… era o meu apoio…"
> "Mas, então uma mãe que não estava contigo era o teu apoio? Não foram as amas que te deram apoio?"
> "Não, elas deixavam-me tardes inteiras a brincar sozinho com os outros miúdos de quem tomavam conta"
> "Elas deixavam-te sozinho… e a tua mãe… como podes dizer que ela era o teu apoio se ela raramente estava contigo?"
>
> Porque quando estava, levava-me a passear, dava-me carinhos, mas acho que eu disse que ela era o meu apoio porque primeiro via outros meus amigos e colegas com uma mãe e é difícil ver toda a gente com uma mãe e eu não, ou seja, o meu desejo era ver ela ao pé de mim, para me dar carinhos, atenções, dar-me força para eu não deixar de acreditar na vida , em mim e naquilo que eu sou capaz.
>
> No 3º ano da escola já nenhuma aprendizagem lhe importava e passou a ser um aluno problemático, segundo as suas próprias palavras, uma vez que não se concentrava, distraía os colegas na sala de aula e desrespeitava o professor, gozando-o, chamando-lhe nomes, pondo alcunhas etc.

Retomando a questão dos factores que predispõem estes indivíduos para o consumo de drogas, a reflexão que até agora desenvolvemos conduz-nos a uma nova interrogação. Será o desinteresse pela escola o efeito do consumo ou, pelo contrário, a prática do consumo é uma resposta ao vazio instalado por uma vida sem sentido, sem rumo, sem objectivos? Será a delinquência, visível nos depoimentos recolhidos, um efeito do consumo de drogas? Ou será a delinquência um modo de vida já instalado anteriormente aos consumos? Não será, antes, o consumo de drogas parte de uma estratégia de fuga, ou denegação, de uma realidade que não se

consegue dominar? Não será essa prática a única oportunidade de experimentar um sentimento de poder de outra maneira inacessível? No caso destes jovens, droga e delinquência serão apenas duas manifestações de uma imbricada constelação de factores, todos eles concorrendo para a inviabilização das oportunidades de crescer como ser individual e social?

**Amélia**

> "Fiz o 8º ano, mas cheguei a frequentar o 9º ano. Eu ia à escola. Não me dava era com outras pessoas. Com colegas e professores. Mas tinha notas e comportamentos bons… quero dizer, ia passando, embora tivesse reprovado algumas vezes, por faltas… mas nesse tempo ainda ia à escola, embora não me sentisse lá bem… não sei bem explicar, mas acho que me sentia humilhada, sofrida… e não percebia para que me servia o que para lá se dizia…a vida que eu tinha com o meu pai dispensava bem a escola, percebe? Lembra-se de eu ter dito que eu roubava para ele nos supermercados, e quando ele ficava nas obras eu ia sempre ter com ele… até um dia… Não me lembro sequer de alguma vez falar com o meu pai sobre se a escola era ou não importante… na altura também não pensava nisso… sabia que não queria levar uma vida de vazio mas acho que não era a escola que o pudesse preencher… Aos catorze anos já não ia à escola, já tinha mesmo abandonado. Foi então que lá [no colégio] elas meteram-me na escola. Já estava a fazer o 9º ano. Quando me deram o passe para eu ir à escola, em vez de ir à escola, eu ia para Valongo ter com os meus amigos. Nunca dei grande valor à escola para a minha vida… mas também não me lembro de alguém ter falado comigo sobre isso…no colégio podiam insistir para eu ir … mas acho que, na altura, nem percebia se era ou não importante para a vida… ".

**Daniela**

> "Foi com a idade de 8 anos que a minha avó me matriculou a primeira vez na escola… Eu no princípio não ia à escola. Depois ia, mas não ia às aulas. Às vezes apetecia-me fugir mas para onde… é que não sabia (…) Cheguei a andar na escola. Mas eu só fiz o 5º ano… era um tempo de conhecer regras e a imposição de limites… já não era para mim… nessa altura já eu tinha começado a fazer vida de roubos e de falta de regras… tinha o meu grupo… não só comecei a faltar à escola como comecei a roubar, consumir drogas… nunca ninguém se preocupou se eu ia ou não à escola… só a minha avó pensou nisso, mas a minha avó também já não tinha mão em mim e então quando começaram os consumos, então é que, adeus escola… não aguentava estar lá, não ouvia nada do que os professores diziam, não queria saber daquilo para nada… só queria andar era com amigos e na rua…qualquer coisa que eu pudesse pensar para a vida não passava pela escola… era assim que eu via…

**Isabel**

> "Quando entrei para a escola tinha sete anos. Na escola era péssima, não me importava com isso. Faltava à escola e tinha faltas disciplinares. Muitas

vezes, já estava com o efeito do consumo. Fiz o 8º ano e cheguei a frequentar o 9º ano… continuava a ir às aulas, embora às vezes faltava. Depois ia para o ATL… mas ia porque me obrigavam porque não gostava… como já consumia, nas aulas não estava atenta nem me concentrava… passava o tempo a ser expulsa da sala… achava que não tinha sentido ir às aulas… parava pela escola porque era lá que me encontrava com os meus amigos, mas comecei mesmo a faltar muito… com o grupo de amigos que tinha, mais crescidos, com 12 anos, passava o tempo ou a consumir, a roubar ou a vender os objectos roubados pelos mais pequenos para fazermos negócio para a droga… era essa a nossa vida…
Acho que na minha família podiam acreditar que a escola era importante, mas nunca ninguém falou comigo sobre isso… pelo menos que eu me lembre… depois tinha o exemplo do meu irmão… ele levava a vida que queria e a escola não lhe fazia falta nenhuma… como já disse eu via-o como um herói… ninguém lhe tirava a liberdade… eu não pensava em mais nada a não ser em consumir, ir para as festas e ser livre… não ter ninguém a mandar em mim…nem pensava em ter um trabalho naquela altura… talvez em ter uma família, um dia…mas não metia na minha vida a escola…"

**Filipe**

"O meu pai queria que fossemos à escola… o meu pai tinha conversas connosco sobre o futuro, principalmente de noite, quando bebia… conversas que, como disse, hoje eu acho importantes… ele dizia que eu podia ser o que quisesse, mas falava na escola… mas foi o único com quem falei sobre a escola… mas eu comecei cedo a faltar às aulas… estava para aí no 5ºano… às vezes não ia… depois fui expulso por causa dos meus comportamentos de agressão aos colegas e porque me virava aos professores… já não ligava aos estudos e não fazia nada, já era um revoltado. Aos 13 anos, quando fui para o colégio, ainda ia às aulas. Fiz o 6ºano, que conclui a estudar à noite, quando estava lá no colégio. Eu já não gostava muito da escola e depois comecei a fumar e a consumir haxixe. Então só fazia disparates… não tinha nenhuma vontade de estar dentro da sala a ouvir os professores…depois, eu nem acatava nada do que me diziam, estava sempre revoltado, não me dava bem nem com colegas nem com professores… Estava sempre revoltado e com raiva de tudo e todos. Nada me interessava. Nada. Nem aulas, nem pessoas, nada… Não queria nada nem fazer nada. Só me importavam os meus irmãos e os meus amigos… a maior parte do tempo passava-o sozinho…".

**Sílvio**

Eu ia à escola mas não ia há muito tempo às aulas…andava com más companhias…lá no Cerco eu andava naquela escola grande…eu não ia às aulas porque não gostava da escola…nunca gostei de estar ali dentro da sala, não gostava do que para lá se fazia (…) olhe vinham lá com a tabuada, era uma seca. Nem fiz o 4º ano… em casa não se falava disso, se eu ia ou não…acho que a minha mãe queria que eu fizesse alguma escola para poder vir a ter um trabalho, mas também ela não sabia se eu ia ou faltava… com o meu pai nunca falei sobre isso e não sei se eles tinham o 4º ano ".

**Vasco**

"Até aos sete anos, nunca fui à escola … os meus pais não me puseram…não deviam achar importante, penso eu… quando eu estava no colégio em FF e na escola de YY … faltava às aulas, saía da escola e ia comprar droga … consumia na escola e comprava na escola … havia um rapaz, colega meu, que vendia na escola …. quando fui para outro colégio, puseram-me num curso de informática … só que faltava às aulas e ia ter com esse colega do bairro de YY … Fiz o 6º ano completo e tenho frequência do 7º ano, mas não acabei… as pessoas com quem me dava, como o meu irmão e os amigos com quem consumia não iam à escola e ninguém falava sobre isso… tendo consumido não era bom estar nas aulas… nessa altura não dava nenhum valor à escola… a escola era um dos lugares onde eu ia comprar a droga…mas não ia às aulas… no colégio já ninguém me dizia nada… eu passava o tempo virado a todos eles, colegas e monitores, até que fui expulso porque roubava… roubava no colégio objectos de valor… a escola não estava na minha vida… o futuro não interessava… com a droga… eu pensava na droga e como a podia obter, mais nada… e foi assim cada vez mais… quanto mais me metia mais queria…".

**Ilídio**

"Até ir para o colégio de TT, com 10 anos, nunca tinha ido à escola… na minha família nunca ninguém achou que era bom eu ir… não me puseram lá… No princípio eu ia à escola e era sossegado... eu tirei um curso de formação profissional de pasteleiro… continuei sempre na escola. Eu fiz até ao 5º ano, mas não concluí e depois é que fiz o curso de pasteleiro…mas foi no colégio que me propuseram… O meu irmão andava no 6º. Eu fui sempre sossegado e ele era rebelde. Agora trocamos… acho que a escola é importante para ter um trabalho e poder tirar carta e tudo isso… aqui na clínica também frequento as aulas de português e matemática e venho sempre… estou a dar matéria do 6º ano…"

**Leonel**

"Quando a minha mãe era viva, não andava na escola, não ia às aulas. Depois da minha mãe morrer andei, mas não ia às aulas. Não fiz o 4º ano… vivi a vida de rua, lá no meu bairro, no L… dava-me com gente muito mais velha que tomou conta de mim…eu achava que a escola não me servia para nada… com quem eu me dava ninguém falava de eu ir à escola… ou trabalhavam ou se drogavam…".

**Bernardo**

"Eu ia à escola mas só a EVT… não ia às aulas. Às 10 horas da manhã ia para a escola, não estava a fazer nada, ia consumir, depois à tarde andava por ali a fazer "merda" e à noite ia outra vez. Fiz o 4º ano de escolaridade completo… aí abandonei de vez… para a vida que eu levava a escola não era importante… importante eram os meus amigos, os assaltos, os roubos e os consumos… como disse, eu tirava prazer dos assaltos sucedidos, não éramos apanhados e na escola não estava a fazer nada… acabei por fazer várias coisas, até ter a experiência de ser disc-jokey e não precisei da

escola… o grupo com quem andava tinha um ou dois com curso, mas os outros não achavam que eu precisasse da escola para poder participar nas actividades do grupo… acho eu… comecei muito novo a ter bons momentos sem esforço, a não ser a cautela para não ser apanhado… nesse ambiente ninguém falava da escola e em casa também não… hoje acho que a escola é importante… para se ter um futuro… a vida que eu tive não foi nada, ou melhor, foi todo um caminho que não tem futuro… a continuar aquele caminho mais tarde ou mais cedo é para ser preso…".

**Clara**

"Eu ia à escola. Quando passei da família de acolhimento para o colégio estava a frequentar o 6º ano, mas não cheguei a concluir… aí, como lhe disse, tudo se complicou… comecei a dar-me com raparigas que consumiam drogas e comecei a faltar às aulas… eu sempre fui às aulas porque a minha família me mandava, sabia que era importante para vir a ter um trabalho, mas não se falava muito sobre a escola e o porquê de ter um emprego na vida… assim quando comecei a consumir essas ideias deixaram de ter valor…o importante era a vida que podia levar… era de mais liberdade… não pensava se estava a fazer mal a mim própria… claro que sabia que ao faltar não estava a cumprir, mas era-me indiferente… não percebia qual o sentido da escola… acho que nem pensava nisso… depois, tendo consumido não sabe bem-estar nas aulas… não se está com atenção nem apetece nada ouvir falar daqueles assuntos… às vezes até dá vontade é de virar tudo…".

**Rui**

"Eu às vezes ia à escola. Tenho o 4º ano. Comecei a fazer o 5º ano… já reprovei várias vezes… não gosto da escola … eu o que gosto é de futebol e de jogar *playstation*. Também ninguém me obrigava a ir à escola… a minha avó queria mas sabia lá se eu ia ou não ia…eu faltava às aulas e pronto… andava sempre com os meus amigos… nos roubos, nas brincadeiras e nos consumos… sei lá se a escola serve para alguma coisa…eu não acho nada interessante…
Aqui na clínica vou às aulas mas nem sempre…às vezes é o professor que me vem chamar…não gosto das aulas, não gosto do que se ensina, não percebo para que serve a escola…"

**Júlia**

"Frequentei o 8º ano de escolaridade com 16 anos. Desde os sete anos que sempre fui à escola. Era uma aluna razoável. Mas quando estava a fazer o sétimo ano, andava com amigos mais velhos consumidores de "ganza" e eu quis experimentar e chumbei… reprovei por faltas… nessa altura deixei de ir às aulas porque queria fazer outras coisas… foi quando comecei a conhecer pessoas diferentes, que faziam coisas diferentes… comecei a sentir mais liberdade e ora… até ao 6º ano sempre tinha estado habituada a uma certa rotina, era mais controlada… estas novas pessoas eram diferentes de tudo aquilo que eu tinha conhecido até aí… eram pessoas que tinham liberdade, faziam o que queriam e eu não… sempre tinha sido muito controlada no colégio… além disso foram essas pessoas que me trouxeram a experiência da droga… é um facto que foi quando comecei a fazer vida com estas

pessoas que se deu uma reviravolta na minha vida…começaram os consumos, a desistência das aulas, as saídas à noite…
Eu dava valor à escola mas o contacto com estas pessoas mudou tudo… eu deixei de encontrar sentido na vida que tinha e o sentido passou a vir de uma experiência que eu estava a querer ter, onde tudo era novo… é preciso não esquecer que eu era uma revoltada, nunca gostei de ser controlada, estava farta da minha vida, de viver sentimentos de desprezo ou pelo menos de rejeição e abandono por parte da minha mãe… era uma situação onde o que eu queria era entrar num mundo diferente…não tinha bem a ideia onde poderia conduzir esse mundo… mas tudo era novo…
Hoje penso que essa experiência, que foi afinal o que me trouxe aqui, também me permitiu aprender muita coisa, não foi propriamente tempo perdido por relação a um caminho de escolaridade… foi diferente… não sei como explicar, mas foi uma experiência de vida que me leva a já não viver muito no mundo da fantasia… conheço melhor as pessoas, já percebo como as coisas funcionam, já me sinto muito mais preparada para fazer escolhas sem ser influenciada pelos outros…
Retomei o estudo e antes de vir para cá estava a fazer o oitavo ano, tenho o 7º ano completo. Interrompi o oitavo ano para vir para a clínica. Aqui frequento o 8º ano de matemática e português. Sou assídua e faço os trabalhos… mas quero continuar a estudar. Como só tenho o oitavo ano incompleto e vou fazer 18 anos daqui por quatro meses, estou a pensar tirar um curso profissional, mas o que eu gostava era depois entrar na faculdade e tirar um curso de marketing ou criminologia… vou preparar-me através dos cursos profissionais para ter equivalência ao 12º ano…
Eu hoje acho que é muito importante fazer estudos para sermos alguém, para termos cultura, para sabermos as coisas, para termos educação… a escola é muito mais do que o lugar onde se aprende a ler e a escrever… a escola é tipo uma fonte onde nos podemos desenvolver… acho que deve ser… quero dizer, acho que há muita gente que abandona a escola porque não a vê assim… quero dizer que a organização da escola, as aulas, os alunos, os professores… sim, não são só os professores que têm a culpa…mas também há professores que se estão a "cagar", dão a matéria toda à pressa e não interessa se os alunos aprendem ou não…
O que a minha mãe pensa não sei… não sei a escolaridade da minha mãe, mas sei que ela já deu explicações de francês… sobre a importância que tem ou não para a minha mãe eu estudar, frequentar a escola, eu isso não sei… é assunto de que nunca falei com ela…
Sabe que eu gostava da escola, até era boa estudante… mas no último ano já não fui… para isso contribuíram tanto os meus comportamentos como o ambiente desta nova escola. Eu saí de um liceu porque foi o modo que pensaram ser mais correcto para me afastarem do grupo de amigos com quem consumia e, como foi a meio do ano, só encontramos essa escola onde o ambiente era de delinquência. Não fiz amigos, mas já era um momento mau da minha vida. Por isso acabei por vir parar aqui ".

## Virgílio

"Quando fui viver com a minha tia fui também para a escola mas comecei a fazer "porcaria", comecei a fazer "merda" … primeiro na escola, comecei a faltar às aulas, não acatava ninguém e comecei a ter amigos negativos que roubavam e comecei a roubar com eles. Como já lhe contei, vivíamos num bairro…era um bairro só de pessoas negativas…fumavam "ganza", havia tiroteio, traficavam … um gueto, sabe, um gueto… e eu andava com amigos dessa vida… por isso ninguém ia à escola… mas ninguém fazia muita questão que eu fosse… a minha mãe preocupava-se com a minha vida mas nem tinha tempo para saber se eu ia à escola ou o que é que eu fazia… mas

cedo deixei de ir, porque a vida que levava com o grupo com quem consumia não passava por ir à escola ou aprender o que lá se ensinava…
Não quero mais estudar… no tempo em que estive no colégio, cheguei a frequentar o 6º ano mas não completei… acho que a escola é uma treta… estar a levar com os professores todos os dias… sou uma pessoa que não tenho paciência para nada… posso ter paciência uns dias mas depois salta-me a tampa… eu sei que fazer a escola é para nosso bem, mas sou muito impaciente… mas a escola, para mim, só é um interesse mais ou menos…alguns professores são "fixes" outros professores são "maus"… os de matemática, história, educação física, são os bons… são bons porque têm paciência para explicar outra vez… há uns que não explicam mais do que uma vez… uma pessoa diz que não compreendeu e eles dizem… não percebeste? Então, melhor, olha, podes ir à tua vida… eu tive muitos professores maus…f oi a minha experiência…
Não digo que gostei da escola, mas o que se dá na escola é importante para a vida… por exemplo, se eu não sei ler e contar, podem enganar-me com o dinheiro…e é mais difícil encontrar um emprego… e não se pode tirar a carta de condução… e sei lá, deve haver outras coisas importantes para saber…
Hoje sei que é importante para mim o eu estudar. Temos falado sobre isso aqui na Clínica, com os professores… mas eu quero ser jogador de futebol, cantor ou corredor de karting… hoje acho que a escola é importante para o meu futuro, para a minha vida… sei que tenho de estudar mesmo para ser o que quero… Nunca antes conversei com a minha mãe sobre estudar… sei que ela gostaria que eu fosse estudar quando saísse daqui… foi ela quem me disse, agora… acho que se for estudar é para fazer a vontade à minha mãe… eu também posso sair e arranjar um emprego… de trolha, por exemplo… só há pouco tempo é que falei com a minha irmã sobre ter um projecto de vida…, como ter um trabalho e assim… mas do meu futuro não sei ainda muito bem como vou fazer…

## Juliano

Quando fui para o 5º ano, a escola que frequentei era no bairro onde vivia, o bairro das Amoreiras. A partir do momento em que comecei a consumir e a andar com o grupo do bairro que conheci na escola, deixei de ir às aulas… não cheguei a completar o 6º ano porque sempre faltei. Quando ia à escola gostava de educação física, matemática e área projecto…não gostava nada era de história, ficava a dormir na sala… não achava interessante, não sei dizer porquê… eu deixei de ir às aulas muito por influência do grupo de amigos, acho que foi isso… eles já não iam às aulas e como comecei a estar com eles todos os dias passei a fazer o mesmo… apetecia-me não fazer nada como eles, não queria saber dos estudos… era só roubar e droga…
A minha mãe sempre achou que nós devíamos ir à escola, eu e o meu irmão, sempre disse que fazia falta para o nosso futuro… a minha mãe, não sei bem, mas tem pelo menos o 4º ano de escolaridade…
Para mim, a passagem pela Clínica foi uma grande oportunidade para mudar o rumo da minha vida. Eu era um miúdo empenhado e inteligente, mas não ia à escola e andei naquela vida… aqui na Clínica estou a ter aulas todas as manhãs e estou a dar matéria do 7º e 8º anos, de português e matemática… acho mesmo que tenho aprendido…estou sempre disponível para fazer os trabalhos de qualquer uma das disciplinas…

Quando sair, e deve estar para breve, vou fazer a transição no Porto e entretanto vou preparar tudo com a minha irmã para ir logo para França…eu gostava de fazer um curso profissional de mecânica… a minha irmã que está em França já me falou disso… são cursos onde se aprende a falar francês, dão equivalência ao 9º ano, já se ganha algum dinheiro e dão acesso a uma profissão… eu gostava de ter uma profissão de mecânico porque gosto de arranjar coisas, como carros, motas… e outras coisas…
Naquela altura não dava valor à escola, mas hoje dou… acho que é importante porque sem escola não se consegue fazer nada… não se consegue arranjar trabalho, não se consegue tirar carta… acho que a escola deve ser obrigatória porque também pode ajudar as pessoas a desenvolverem-se… as pessoas vão ganhando cultura, assim, além de aprender a ler, a escrever e a contar, vão tendo possibilidade de ganhar outros conhecimentos que são importantes para a vida… para arranjar um trabalho, para poder ter uma vida independente, criar família, sustentar família… também se aprendem regras e modos de estar que são importantes, mas não me parece que sejam essas regras que afastam os jovens da escola… como eu, por exemplo, o que verdadeiramente afasta são as companhias, os motivos que elas apresentam que são mais importantes que a escola, em certa idade… motivos como roubar… sentir o receio das coisas, adrenalina, fugir… o que um tipo gosta é de curtir… sentir as coisas… acho que dá um sentido à vida que a escola na altura não dá… porquê não sei bem, não sei se é a idade, mas acho que também nos queremos afirmar perante os mais velhos… mostrar que também somos capazes de viver fora das normas e de nos safarmos… é uma espécie de concorrência entre os grupos nos bairros que é muito forte e por isso facilita o caminho dos comportamentos desviantes…

**Manuel**

Entrei para a escola com 5 ou 6 anos, ainda vivia no Canadá. Depois quando regressei aos Açores continuei na escola… aí lembro-me que frequentava a escola e tudo corria bem até começar a consumir drogas com 11 anos… aí reprovei uma vez no 5º ano, duas vezes no 6º ano e uma vez no 7º ano. Tenho o 7º ano completo e comecei a frequentar o 8º ano mas foi quando abandonei de vez a escola… nessa altura, com a vida de consumos e tráfico que levava não dava para ir à escola… já tinha um grupo de amigos, que tinha conhecido na escola e que começaram a consumir comigo… fui eu que os levei…
Naquela altura eu não dava importância nenhuma à escola… não pensava na importância da escola para o trabalho, não achava que a minha vida pudesse depender de alguma maneira de eu fazer ou não a escola… tanto o meu pai como a minha mãe queriam que eu continuasse a estudar, davam-me esses conselhos, mas eu nunca "dei ouvidos", como se costuma dizer… a certa altura também já ninguém em casa me mandava para a escola… eu acho que sabiam que eu não ia, mas não tinham a certeza… ou não queriam saber…
Comecei então a faltar às aulas quando estava no 5º ano… logo que comecei a consumir "ganza"… já era difícil encarar os professores… não podia estar nas aulas com atenção e concentrado tendo consumido… mas eu também tinha medo que os professores fossem contar aos meus pais. Nessa altura os meus pais ainda acreditavam mais em mim do que nas pessoas que lhes iam contar que eu consumia e por isso tinha receio… eu sempre neguei aos meus pais que consumia… por medo e por respeito…
Hoje acho que perdi muito tempo na vida e que a escola é importante… eu até podia já estar a concluir o 12º ano… mas só agora, sem consumo de

drogas, é que encontro valor na escola… foram os consumos de droga que me levaram a abandonar a escola.
Contudo acho que na minha idade devo mas é começar a trabalhar, com o meu pai, como ele tanto quer…

**Leonardo**

Na escola fiz o 4º ano. Reprovei uma vez no terceiro e quatro vezes no 5º ano. Tudo isto porque eu não ia às aulas. Andava sempre naquela vida com os meus colegas… vida de vandalismo… vida de roubos e comportamentos desviantes… eu não queria ir à escola… comecei a desistir muito cedo… aos 10 anos abandonei mesmo a escola… a minha família, a minha mãe e os meus avós, no princípio queriam que eu fosse, mas depois a minha mãe desistiu de me dizer para ir… eu acho que ela até ficou a ter medo do que eu podia fazer quando comecei a andar com bandidos… a minha mãe deixou de me pagar o ensinamento na escola, os livros, as refeições, o pagamento para o ano todo… a minha mãe deixou de acreditar que eu algum dia fizesse a escola… mas eu também achava que a minha mãe estava a gastar dinheiro desnecessariamente… achava que a escola não servia para nada… não servia para nenhum futuro… eu via os outros meus amigos e ninguém pensava que a escola fosse importante… o que pudéssemos fazer na vida não tinha nada a ver com a escola… todos os meus amigos pensavam e agiam igual… com a minha família, mesmo com a minha mãe, nunca falamos disso, nunca ninguém me falou se a escola era importante para ter um trabalho ou para estar melhor na vida… acho que ninguém pensava que a escola fosse útil… acho que o que a minha mãe desejava para mim é que eu não andasse na vadiagem e logo que pudesse tivesse um trabalho e a ajudasse, com ou sem escola…

**José**

Entrei para a escola com seis ou sete anos, perto de minha casa. Depois, quando estava no 6º ano mudei para a escola da PP… ao todo reprovei umas quatro ou cinco vezes… não completei o 6º ano… na escola nunca estava atento… tinha 10 anos quando comecei a fumar heroína… na primária nunca chumbei, foi depois… quando entrei para a C+S… bem, aí deixei de gostar da escola… com 10 anos comecei a andar com um bando, comecei a faltar à escola, a faltar às aulas… quando ia estava desatento, deixava-me adormecer e tudo… dentro da sala de aula… e cheguei a ser expulso da escola, durante uns dias… brincava, fazia zaragata, batia nos outros,… eu achava que o que se dava na escola não servia para nada… o tempo que lá passava era aborrecido… não queria estar nas aulas… era tudo uma chatice… as matérias, as contas e por aí fora… não tirava nenhum gozo de lá ir… eu gosto de ler, mas só banda desenhada… os livros do “tio patinhas”… não, nunca li um livro… nunca tive um livro… os da escola,… nem sei, não sei do que tratam, de letras e números… gosto mais de ler do que de escrever mas nunca li livros que não fossem essa banda desenhada…
Os meus pais obrigavam-me a ir à escola só que eu dizia que ia mas não ia… a escola não dava gosto… tinha um grupo de amigos e ia mas é sair com eles… dar umas voltas… íamos roubar… às lojas… roubar doces… assaltar pessoas para roubar telemóveis, dinheiro… no princípio era por divertimento, gozo, sentia-me poderoso… depois comecei a roubar para consumir… os meus amigos não… os meus amigos também não iam à escola, o meu irmão também não, que futuro, o que interessava a escola… nunca tive conversas

> com ninguém sobre porque havia de ir… os meus pais diziam para ir mas também se eu não fosse não acontecia nada de especial… era é tempo "queimado", que não servia para nada… estava preso, enquanto que quando saía com os meus amigos era como se tivéssemos essa liberdade… de fazer o que entendíamos e nada nos acontecia de mal…

A aplicação da teoria da interacção simbólica ao estudo da desviância sugere que é através da interacção com os outros que os indivíduos aprendem as práticas desviantes. O desenvolvimento de um auto conceito de desviante não é o produto directo da estrutura social mas de um face a face, específico de interacções. Essa aprendizagem pode ocorrer através de processos diferenciados cuja teorização deu lugar a três variantes do interaccionismo simbólico: teoria da associação diferencial, teorias da dissuasão, teoria da rotulação.

A teoria da associação diferencial[203] parte da observação comum de que muitas crianças que crescem nos subúrbios, onde há muitos delinquentes, estão mais predispostas para serem elas próprias delinquentes. A teoria da associação diferencial argumenta que as pessoas aprendem a ser desviantes quando a maior parte das relações é mais favorável à desviância do que ao conformismo. A associação diferencial encoraja a desviância por via de dois mecanismos. Se as interacções sociais se restringem, estritamente, aos desviantes, compreende-se que é a própria socialização inicial que conduz o indivíduo a identificar-se com o outro generalizado que prevalece no seu meio relacional. Se no nosso universo relacional, toda a gente rouba ou utiliza como critério mais importante para julgar as pessoas o ser capaz de bater nos outros, é grande a probabilidade de os mais novos interiorizarem essas regras como normais, embora estas possam ser muito diferentes das da sociedade convencional. O segundo mecanismo consiste no reforço, ou seja, uma subcultura desviante não compensará os indivíduos que aprendem e praticam normas convencionais, antes, pelo contrário, a subcultura desviante pode premiar a violação das normas. Através deste mecanismo, é possível aprender que a desviância é aceitável e compensadora. As pessoas desenvolvem uma identidade desviante porque estão inseridas numa cultura desviante. Podemos, então, compreender quanto a adaptação à escola poderá ser dificultada pelos valores próprios da subcultura em que se foi inicialmente socializado, muito em especial pela fraca ou nula importância atribuída ao conhecimento, ao estudo, aos livros, à reflexão, ao trabalhar a palavra e a comunicação. Não menos importante, para compreender essa dificuldade de

[203] Desenvolvida nos anos 40 por Edwin Sutherland. Cfs. Deviance, crime and social control", in Brinkerhoff and White, *Sociology* , University of Nebraska – Lincoln, St. Paul, West Publishing Company, 1991

adaptação, é dar conta que num contexto social esmagadoramente participado por adultos cuja relação com o trabalho foi sempre casual e intermitente, que não criaram raízes, nem puderam conceber uma carreira profissional, as probabilidades de valorizar a escola enquanto meio de formação para a vida profissional são escassas.

Não será excessivo considerar a hipótese de que a aprendizagem do consumo de drogas ocorre no seio de grupos cujo traço de união inicial foi a comum situação de se ser atingido por uma incapacidade de tirar partido das oportunidades supostamente oferecidas pela escola. Por outras palavras, o consumo de drogas pode ocorrer no seio de grupos formados por indivíduos cujo acesso a uma identidade só pode ser viável no quadro de uma cultura de inversão da escala de valores socialmente dominante. A ligação entre droga e desvio assume, nestes casos, um significado bem mais complexo do que naquelas outras situações em que a prática de actos desviantes é apenas determinada pela necessidade de assegurar os consumos.

**Juliano**

> "Quando comecei a fumar cigarros, tabaco, estava no 5º ano, depois, já no 6º ano, comecei a fumar "ganza". Tinha 10 anos. Comecei a fumar por causa dos meus colegas… eu era o único branco lá da sala e eles fumavam quase todos. Eu fumava para não me sentir só, para não me sentir diferente… eu sentia muita solidão e medo porque era novo e quando fui viver para o bairro tive de começar a fazer novos amigos e foram aqueles que eram da minha sala… eu era pequeno e naquele bairro só havia meia dúzia de brancos… eu juntei-me a estes amigos… o meu irmão não, embora também tivesse amigos rebeldes… eu comecei a fumar "charros" e havia dias que fumava 10 ou 11, estes os dias em que fumava menos, outros dias fumava muito mais…
> Para poder ter dinheiro para comprar a "ganza" roubava e usava o dinheiro que a minha mãe me dava para comer na escola… as primeiras vezes que consumi foi sempre no grupo. Eu nem sabia o que aquilo era, não tinha andado naquele ambiente… eles é que me deram. A primeira vez que fumei "ganza" estávamos quase todos numa vivenda desocupada e eles perguntaram-me se eu queria fumar… eu não quis logo, mas depois pedi e fumei…senti-me bem, um bocado tonto, fui para casa e dormi… nesta altura eu tinha dez ou onze anos e roubava em muitos sítios… era o que fazia diariamente… roubava nas lojas dinheiro das registadoras, outras vezes roubava produtos como os perfumes, e assaltava as pessoas e roubava-as… Aí, quando tinha telemóveis, por exemplo, vendia lá no bairro a outros mais velhos que também viviam esta vida… eu fazia o preço do telemóvel e comprava a droga… havia muita gente, quase todos, do meu bairro vendiam, não, vendem… a minha vida de todos os dias era com este grupo de amigos que era o grupo mais forte da escola… eu achava que tinha amigos, gostava da vida que estava a levar… era eu e os meus amigos… o meu mundo era esse…
> Eu comprava geralmente a droga no bairro… não tinha medo porque os meus colegas compravam e também vendiam … era uma coisa natural lá no bairro… também cheguei a comprar fora do bairro, todos se conhecem…às vezes comprava lá e às vezes vendia lá, quer os materiais quer "ganza", quando tinha a mais… comprava a mais e vendia, dava-me sempre lucro… tinha cuidado porque não gostava que me vissem a vender,

não queria dar a cara lá no bairro. Vendia só umas “ganzas”, para minimizar as situações, quer dizer era rápido e só para orientar aqueles que consumiam e na altura não tinham…
Para mim o acesso ao consumo foi sempre fácil porque sempre tive amigos que tinham, fumava quando queria, não tinha medo de ser apanhado a não ser quando ia roubar ou assim. Mas sempre roubei e consumi e nunca aconteceu nada, nunca ninguém me fez mal… só da última vez é que correu mal, quando fui assaltar uma loja de telemóveis… os polícias viram-nos, apesar de nos termos escondido, abriram a porta do prédio e levaram-nos para a esquadra e aí, por decisão do tribunal, vim para cá…
Eu fumava na rua, não tinha medo que me vissem, fumava e tinha poder… ou achava que tinha… só da minha mãe é que eu não queria que ela me visse… mas acho que não era medo, era mais respeito… a minha mãe nunca me viu nem fumar um cigarro… com o passar do tempo houve vezes em que eu já não dormia em casa e ela foi topando, mas quando ela começou a ficar desconfiada tentou falar comigo… Às vezes, em casa, a minha mãe queria que falássemos mas eu escapava… sei que por vezes a magoava… acho que ela sabia, mas não queria saber, não queria viver aqueles sentimentos… ela dizia-me “tu vais-te arrepender, andas com más companhias, a droga faz mal” e eu não respondia, era desonesto, fechava-me logo “eu mãe, achas?” … acho que a minha vida “foi um destino”, tive que passar por essa fase e as coisas reuniram-se ali no bairro para eu fazer este caminho… mas há sempre uma vontade que é de cada um… o meu irmão dava-se com outros rapazes e não andava, nem nunca andou, nestas vidas. Até vir, aos 15 anos para a Comunidade Terapêutica, a minha vida foi sempre esta… levantava-me de manhã, ia até à escola onde me encontrava com os meus colegas, e ia fumar e roubar, fumar e roubar…era tudo o que fazia…da droga só experimentei e consumi “ganza”… não conheci outras drogas…
Claro que agora estou aqui e com tudo o que aprendi sei que a minha vida será diferente... hoje penso que as drogas não ajudam a vida a ninguém. Penso que a vida que levei foi uma porcaria… não serviu para nada… fui um “burro”… foi uma vida cheia de nada, uma vida de vazio… devia ter aproveitado para estudar, tirar um curso, um curso profissional, em vez de andar numa vida de nada, de nada… era muito impulsivo, rebelde e mal comportado, magoava as pessoas e a mim próprio…
Eu acho que os traficantes estão a fazer-se à vida… uns nem são portugueses nem podem trabalhar e depois é uma maneira fácil de fazer dinheiro… é uma maneira fácil, “junkie”, de ganhar dinheiro… mas cada um safa-se como pode… é uma maneira injusta porque estraga a vida de outros, estraga a saúde… eu acho que os traficantes o fazem por algum motivo… há quem o faça para fazer dinheiro e nem se droga e há quem o faça para poder sustentar a família… para mim são situações diferentes…acho que as duas situações são crime mas não devem ser penalizadas igualmente… para os que encontram na venda da droga o dinheiro para sustentar a família, ser preso só agrava a situação…os filhos crescem revoltados, o pai na cadeia, os filhos vêm-se obrigados a roubar… acho que tinha de ser dada uma oportunidade de trabalho a esses que traficam para manter a família…os outros deviam ir “de cana”… considero este tipo de venda muito diferente da minha situação…eu vendia porque eles não tinham e era pouca quantidade, eu ajudava a orientar os que queriam, que já consumiam, mas não tinham… é claro que eu fazia negócio com a venda das drogas mas vendia a quem precisava dela… claro que não ia dar-lhes a droga porque a mim também me custava dinheiro para chegar a ela, comprar… mas eu vendia a quem já queria consumir… acho que esse facto de eu ter vendido nunca me criou situação de culpa porque, de facto, era muito diferente… eu vendia pouca quantidade, para quem consumia e não tinha, e para me fazer à vida… para eu próprio poder consumir.”

**Daniela**

Iniciei o consumo de drogas quando fui para casa da minha avó. Sabe, depois aí é um ambiente do "carago", sabe como é, é um bairro e o caraças, há sempre droga, há sempre lá droga e quem se drogue, e eu estava-me a "cagar" para a vida e então meti-me na droga. Eu acho que tinha para aí 9 ou 10 anos(…) Já sabia o que isso era… até tive um tio (irmão da minha mãe) que morreu sob o efeito de drogas…mas depois fui para casa da minha avó, comecei a meter droga, comecei a "cagar" para tudo. (…) Meti-me, era eu que queria, sabia onde arranjar, via-os para lá todos,. . . fumei por minha pressão, porque quis… tinha amigos com quem consumia, mas fui eu que quis… ninguém me obrigou... comecei a fumar haxixe e depois redondos, pastilha. … Roubava porque estava-me a "cagar" para a vida e roubava também para ter dinheiro para a droga. Muitas vezes a minha avó dava-me dinheiro para comer e eu, em vez de comer, ia mas é comprar droga. A minha avó queria que eu fosse à escola e regras e eu … só queria vida de rua. Consumia com amigos do bairro e da escola. …
(…) Roubava telemóveis e carros com o pessoal do meu bairro. Roubava porque estava-me a "cagar" para a vida e roubava também para a droga. Muitas vezes a minha avó dava-me dinheiro para comer e eu em vez de comer ia mas é comprar droga… Em casa do meu pai, no Porto, … eu ficava a consumir com os meus amigos e depois ficava toda aflita e vinha embora, já sabia que ia ouvir e chegava a casa toda «cega».

**Sílvio**

…e eu também andava metido na droga, por isso é que vim para a Clínica… como sabe, cresci numa família onde os meus pais se drogavam os dois. Além disso o meu pai era alcoólico… a droga estava ali, ali mesmo…em casa e no bairro… juntava-me com amigos que consumiam e então parecia que a droga deixava esquecer a violência lá em casa… fumava "ganza", uns 4 ou 5 charros por dia. Tinha dias em que não fumava…
Era fácil arranjar, havia sempre um amigo que tinha por ter roubado aos pais… comecei com 8 anos, acho eu… acho que não tinha medo… afinal os outros também consumiam… aprendi com outros e meti-me por minha vontade… eu tinha era revolta contra o meu pai… da minha mãe tinha pena, mas ela protegia-me… nunca pensei na droga como uma coisa má… era uma experiência que tinha com os amigos do bairro… eu já tinha deixado de ir à escola… não gostava, lembra-se do que lhe disse? A escola era uma prisão…
Gostava de andar na rua… com os outros… às vezes roubávamos coisas no supermercado… não éramos bem um bando… éramos antes um grupo de amigos mais ou menos da mesma idade que andava para lá, sem ter onde ocupar o tempo… inventávamos… e a droga que consumíamos fazia parte dessa forma de estarmos… havia muitos a consumirem, mais velhos… às vezes esses também nos davam… mas esses gajos mais velhos é que já tinham outra vida de roubos e vandalismo…
Eu nem pensava se era bom ou mau consumir e traficar…era o que muitos faziam no lugar onde vivia… lá no Cerco… mas havia gente que traficava para poder viver… não tinham trabalho e tinham de se fazer à vida… hoje sei que é tudo muito mau, faz mal a muita gente… e consumir também faz mal… mas naquela altura nem falava dessas coisas nem estava preocupado ou com medo… em grupo sentíamo-nos mais fortes e depois

> eu já tinha fugido de casa, de colégios… e a polícia sempre me levava a casa… nunca acontecia nada…

De algum modo, esta teoria abre uma via de comunicação com abordagens teóricas que assinalam a dominância das estruturas sobre a interacção. Ao considerar que a situação determina a identidade, a teoria da associação diferencial está bem longe de abordar a interacção como um mero encontro entre entidades individuais. Trata-se, a nosso ver, de uma perspectiva que encontrará na *strain theory* de Merton uma análise complementar.

Poder-se-á considerar a associação diferencial uma característica anormal da estrutura social? Até que ponto a emergência das periferias segundo uma lógica estritamente economicista, descurando necessidades tão fundamentais como a educação dos mais jovens, entregues a si próprios por falta de respostas adequadas às suas necessidades de desenvolvimento, representa um fenómeno estrutural? Até que ponto essa emergência de periferias segundo uma lógica de separação espacial em função do *status* social pode ser vista como uma característica anormal da estrutura social?

De que modo, a emergência de subculturas desviantes é efeito das lógicas estruturais que segregam os socialmente idênticos para espaços territoriais separados? De que modo, a tendência para separar os grupos sociais no espaço em função do seu poder económico induz a emergência de subculturas voltadas de costas umas para as outras? Até que ponto a edificação de uma sociedade de muros e condomínios fechados é a manifestação da ausência ou da fraqueza de laços unificadores para lá das diferenças?

A *strain theory* de Merton[204] aborda o desvio, em geral, como resultado de uma característica anormal da estrutura social, ou seja, como um processo social que é responsável pela produção de um desfasamento entre os objectivos culturalmente aprovados e a aquisição dos meios necessários para, de modo legítimo, os concretizar. Os objectivos culturalmente aprovados não podem ser alcançados por meios culturalmente aprovados. São as próprias instituições que, nas sociedades democráticas, criam essa separação na consciência dos indivíduos, fazendo aumentar ilusoriamente as expectativas e não cuidando de providenciar que adquiram os meios que tornariam essas expectativas realistas, muito em especial as atitudes e predisposições profundas compatíveis com a leitura lúcida da realidade. Nas culturas

[204] Brinkerhoff and White, Sociology , "Deviance, crime and social control", in Brinkerhoff and White, *Sociology* , University of Nebraska – Lincoln, St. Paul, West Publishing Company, 1991.

que enfatizam o sucesso económico, os objectivos da educação e da realização económica são amplamente partilhados. Porém, os meios para atingir estes objectivos não o são.

Merton argumenta que as pessoas das classes baixas têm menores oportunidades de serem bem sucedidas, uma vez que as normas respeitantes à realização não lhes são aplicáveis. Claro que nem toda a gente que pensa que as normas sociais não são aplicáveis à sua situação segue o caminho do crime.[205]

A ideia básica da teoria de Merton é que, nas sociedades complexas sujeitas a mudanças sociais rápidas, há deslocações entre fins e meios que encorajam os indivíduos a cometer actos que são definidos como desviantes. Esta teoria define explicitamente a desviância como um problema social mais do que uma perturbação pessoal. É uma propriedade da estrutura social, não do indivíduo. Como consequência, a solução para a desviância reside não na mudança do indivíduo desviante mas na redução do desfasamento entre objectivos e meios estruturados.

Prosseguindo o diálogo entre a *teoria da associação diferencial* e a *strain theory*, caberá questionar de que modo a constituição de periferias socialmente segregadoras e simbolicamente desvalorizantes contribui para a emergência desse desfasamento entre objectivos socialmente aprovados e meios legítimos requeridos para a sua satisfação? Quais os processos que conduzem os jovens residentes nesses lugares, onde se produzem subculturas desviantes, a identificar-se com os objectivos socialmente prescritos, apesar de não disporem dos meios necessários à sua concretização? Porque não se conformam com a sua situação de inferioridade quanto aos padrões de consumo socialmente mais prestigiados e se comportam de acordo com as suas reais possibilidades? As respostas a estas questões exigem que

[205] Cfr. Brinkerhoff and White, Sociology , “Deviance, crime and social control”, op.cit. pág. 194 “Merton identifica quatro caminhos de adaptação a situações de anomia: inovação, ritualismo, retraimento, rebelião. O modo de adaptação depende de o indivíduo aceitar, ou rejeitar, os objectivos culturais da sociedade e de aceitar, ou rejeitar, caminhos apropriados para os atingir. As pessoas que aceitam tanto os objectivos sociais como as normas sociais para os atingir são conformistas. Muitos de nós conformamo-nos grande parte do tempo. Quando as pessoas não conseguem atingir o sucesso preconizado pelos objectivos sociais, usando as normas sociais, o resultado será a desviância. A inovação pode ser uma forma de desvio; as pessoas aceitam os objectivos sociais mas desenvolvem meios alternativos para os atingir. Os inovadores, por exemplo, podem prosseguir uma realização académica através de trapaças, a realização atlética através de asteróides, ou o sucesso económico através da prostituição ou da venda de drogas. Nestes exemplos, o desvio advém do uso ilegítimo dos meios para realizar os objectivos sociais desejados. Outras pessoas que estão impedidas de realizar os objectivos desejados respondem rejeitando os próprios objectivos. Os ritualistas são servis a respeito das normas socialmente prescritas, mas os objectivos não são seguramente sucedidos. O seu maior desejo é não serem nunca notícia. Realizam o seu trabalho com muito cuidado, mesmo compulsivamente. Embora possam parecer conformistas, Merton diz que eles são desviantes porque rejeitaram a realização dos valores dominantes rejeitaram vir a possibilidade de mobilidade ascendente. Viraram as costas aos objectivos normativos mas são desesperadamente fiéis aos procedimentos. Os retraídos, em contraste, adaptam-se rejeitando ambos, meios e objectivos. São desistentes sociais: vagabundos, os que andam à deriva, gente da rua. O último modo de adaptação – rebelião – envolve a rejeição dos objectivos e dos meios sociais e a adopção de alternativas que desafiam os padrões usuais da sociedade. Rebeldes são as pessoas que iniciam comunidades ou revoluções para criar uma alternativa social. Ao contrário dos retraídos, empenham-se em trabalhar para uma sociedade diferente.

se ultrapasse a análise do quadro das interacções no seio de uma subcultura específica.

Para compreender como é gerado o referido desfasamento há que recorrer à análise relacional, que o mesmo é dizer perspectivar a génese e evolução dessas subculturas no quadro mais geral das relações interculturais. A associação diferencial poderá ser vista como uma característica estrutural, independentemente de a considerarmos, ou não, uma anormalidade, na medida em que o modo de organizar o espaço que lhe é inerente precipita os habitantes num jogo de desvalorização simbólica que, por sua vez, os remete para universos relacionais restritos. Ao mesmo tempo, os jovens residentes nesses habitats segregados são obrigados a frequentar o sistema de ensino durante um período cuja duração, mais ou menos longa, impulsiona uma inevitável elevação das expectativas, mesmo que esse tempo de vida escolar corresponda a sucessivas vivências do fracasso escolar, a um período de deambulação sem real investimento na aprendizagem e sem convicção acerca das vantagens da escola para a vida. Não havendo, do lado da escola, um trabalho de promoção do sucesso escolar e educativo, necessariamente exigente em termos de inovação pedagógica, não é descabido concluir que a produção social da elevação das expectativas é concomitante com a produção social da escassez dos meios legítimos compatíveis com a sua concretização.

Em que medida a associação diferencial conduz à interiorização de disposições de desafeição pelo estudo e pela escola e, em que medida este mesmo fenómeno induz nos professores a interiorização de estereótipos muito negativos acerca das capacidades e possibilidades dos jovens socializados nesses sub-universos sócio-culturais?

Duas outras correntes inscritas no interaccionismo simbólico ajudam a procurar respostas consistentes a estas questões.

A *teoria da dissuasão* sugere que a desviância tende a ocorrer quando as sanções sociais, formais e informais, providenciam insuficiente compensação para o conformismo. Apesar de considerar que o factor mais responsável pela desviância remete para o carácter disfuncional do sistema de sanções, esta teoria não deixa de sublinhar o papel activo do indivíduo na escolha do caminho do desvio ou do conformismo. Sustenta que o actor avalia os custos e os benefícios das sanções e, a partir daí, toma a decisão de se conformar ou ser desviante. Quando as estruturas sociais não providenciam adequadas compensações para o conformismo, uma grande parte de população irá escolher a desviância.

Os estudos empíricos mostram que três espécies de compensação são especialmente importantes na dissuasão da desviância: compensação instrumental, laços familiares e auto-estima.

A compensação instrumental está associada aos benefícios materiais que se podem retirar do emprego, sendo que os salários muito baixos são um dos principais factores indutores de crime em qualquer idade. Pessoas sem emprego ou com empregos pouco valorizados têm pouco a perder e talvez muito a ganhar com a desviância. Por outro lado, pessoas que podem ter ou que podem conceber vir a ter bons empregos, podem rapidamente concluir que têm muito a perder se se tornarem desviantes.

Quanto aos laços familiares, a evidência empírica mostra que as pessoas jovens cujas vinculações aos pais são fortes manifestam maior predisposição para o conformismo. Neste caso, em que existe proximidade entre pais e filhos, os jovens são mais vulneráveis às sanções informais. Chamando a atenção para o facto de o divórcio resultar, frequentemente, numa redução dos laços com os pais que não têm a custódia, esta teoria ajuda a explicar porque é que os jovens de famílias quebradas apresentam maior predisposição para se tornarem delinquentes.

A um nível mais simbólico, a teoria da dissuasão sugere que as pessoas escolhem a desviância ou o conformismo dependendo das possibilidades de aumentar a sua auto-estima. Para muitos de nós, a auto-estima aumenta com a conformidade; somos compensados por seguirmos as regras. Porém, as pessoas cujos esforços não são compensados podem encontrar na desviância um atractivo alternativo na sua busca de feedback positivo. Especialmente entre os rapazes da classe baixa, a delinquência pode ser um meio de restabelecer/aperfeiçoar a auto-estima.

De acordo com os teóricos da dissuasão, as sanções positivas tornam os indivíduos mais disponíveis para a conformidade, isto é, se têm algo a perder, seja um emprego, aprovação parental ou auto-estima cuidam de manter a conformidade com as normas estabelecidas. Quando as estruturas sociais falham na compensação da conformidade, os indivíduos têm menos a perder e a escolha da desviância pode ser uma alternativa mais compensadora.

Os argumentos desta perspectiva teórica ajudam a encontrar uma articulação consistente entre os fenómenos de cariz estrutural, caso das políticas de habitação conducentes à separação espacial em função dos recursos económicos, e os fenómenos do domínio da interacção social e simbólica. Ser jovem em determinados contextos residenciais segregados e simbolicamente muito desvalorizados equivale a ser visto pelos outros, por exemplo na escola, como alguém de quem não há muito a esperar, que não pode ir muito longe, em que não vale a

pena investir. Ora, como assinalaram os sociólogos interaccionistas que se dedicaram ao estudo da escola, as representações dos professores acerca das possibilidades dos alunos funcionam como uma profecia que se cumpre. Dito de outro modo, as visões muito negativas acerca das capacidades dos jovens socializados nestes submundos é um facto que prevalece na comunidade educativa, impedindo os jovens de desenvolverem a sua auto-estima, ao mesmo tempo que lhes fazem sentir que nada têm a ganhar, logo também nada têm a perder. Aqui reside uma das explicações mais consistentes para os problemas da indisciplina e violência dentro da escola.

Mais uma vez, encontramos elementos de reflexão que ajudam a consolidar a hipótese de o consumo de drogas ser, nestes casos, determinado pela necessidade de consolidar uma identidade, mesmo que esta possa suscitar uma fortíssima desvalorização simbólica. Ser publicamente nomeado por actos de coragem e de destemor, pelo medo provocado nos outros, é a compensação psicológica possível para a inexistência social.

A *teoria da rotulação* comporta uma abordagem que complementa, amplia e dá consistência às anteriores. Diz respeito ao processo através do qual o rótulo desviante é colocado a pessoas específicas e a comportamentos específicos. Esta teoria concebe a desviância como fenómeno relativo, uma vez que o comportamento desviante é apenas aquele que as pessoas assim rotulam.

O processo através do qual a pessoa é rotulada como desviante depende das reacções dos outros próximos que não concordam com o seu comportamento. A primeira vez em que a criança passa ao acto na sala de aula poderá decorrer de uma excitação ou má disposição. Este acto impulsivo que constitui a primeira desviância pode, entretanto, evoluir em função da interpretação que os outros constroem acerca desse acto. Se os professores, conselheiros, e outras crianças rotulam a criança como perturbadora e se ela aceita esta definição como parte do seu auto-conceito, então vai assumir o papel de perturbadora.

Uma questão crucial para os teóricos da rotulação é o processo através do qual um indivíduo se torna rotulado de desviante. Muitos teóricos da rotulação assumem uma perspectiva do conflito assumindo que o acto de rotular o comportamento do outro como desviante se inscreve num jogo de competição com outro a fim de proteger o seu próprio comportamento ou interesse. O acto de classificar os concorrentes como desviantes assenta em fenómenos de poder, donde decorre o facto de a desviância, tal como as sanções criminais, serem, com muito maior frequência do que na classe alta, atribuídas à classe baixa.

Ora, os testemunhos por nós recolhidos parecem ser muito claros quanto ao tipo de relacionamentos sociais de que os jovens puderam tomar parte na sua vida

quotidiana. Todos referem a ausência de adultos que lhes houvessem transmitido segurança e pudessem ser modelos consistentes para aprender a viver em sociedade. Não encontraram na escola uma única figura significativa que estivesse disposta a construir uma relação implicada na superação das dificuldades trazidas de casa. As expectativas negativas que os docentes constroem a seu respeito, designadamente sobre as suas capacidades e interesses, remetem-nos para uma profunda solidão no espaço escolar, solidão esta que só pode ser superada por via da integração num grupo de pares atingido pela mesma descrença dos educadores. Se existisse uma efectiva compreensão da especificidade das histórias destes meninos socializados em subculturas fragilizadas, o recurso a práticas cuidadosamente pensadas, implementadas e avaliadas, seria uma realidade nas escolas. Muito longe disso, o que nos dizem as histórias destes meninos e meninas é que o processo da sua rotulação continua a ser uma realidade recorrente que esconde, a não menos recorrente, indiferença a respeito do seu futuro.

Para os numerosos jovens que abandonaram a escola sem "trunfos", que vivem em famílias sem pai, que não dispõem de qualquer perspectiva de emprego, ou que, então, não estão dispostos a assumir os únicos empregos que lhes são acessíveis, a delinquência e/ou o consumo de drogas é a forma de socialização possível[206].

Nas sociedades onde o período de transição para a vida adulta se pode considerar muito longo, precisamente em função de uma escolarização obrigatória cada vez mais longa e cada vez menos garantia de inserção económica, a definição do lugar social de cada um toma contornos particularmente problemáticos, muito em especial para alguns segmentos da população juvenil.

Sendo já de si um período em que o acesso à identidade é dificultado pela relativa indefinição do estatuto, a transição para a vida adulta pode em muitos casos ficar seriamente comprometida. Se os que têm a possibilidade de continuar os seus estudos podem reivindicar um "estatuto de estudante", já os que se confrontam com um mercado de trabalho que não os quer são impedidos de ter acesso a um estatuto. São remetidos para uma situação de anomia que os precipita numa subcultura delinquente tanto mais tirânica quanto a autoridade dos adultos se evaporou completamente das suas vidas.

Desde o tempo da Escola de Chicago, Park e Burgess consideravam que os bairros degradados nos centros das grandes cidades constituíam o primeiro círculo da integração espacial e social dos recém-chegados – migrantes rurais e imigrantes

---

[206] Antoine Garapon, *Le Gardien des promesses*, Paris, Odile Jacob, 1996, pág.121, citado por Jean Paul Fitoussi, Pierre Rosanvallon, A nova era das desigualdades, op. cit., pág. 29

estrangeiros que acabariam por se juntar a uma classe operária em expansão. Hoje, estes segmentos da população encontram-se numa situação de relegação social, não apenas em termos espaciais mas também no que concerne ao processo de modernização social. Relegação social e relegação urbana reforçam-se mutuamente. No espaço simbólico, a figura destas categorias relegadas desenha-se em termos de medo, de "problema social", no melhor dos casos, de indiferença. O seu lugar social define-se em termos negativos, que o mesmo é dizer, pela carga que representam para a colectividade, ou seja, são quase sempre percepcionadas como categorias que se destacam pela sua perigosidade. Mas tratar-se-á ainda de um lugar? Pelo contrário, e é isso que diferencia a relegação social da desinserção individual, a integração em redes de sociabilidade pode ser forte, integração esta que, longe de diminuir a exclusão simbólica, muito contribui para a reforçar.

Os residentes destes lugares de exílio, os jovens sem emprego estável, os vagabundos, as famílias das cidades periféricas produzem formas de solidariedade restrita não negligenciáveis. Se é verdade que se trata de uma sociabilidade obrigatória, nascida da necessidade de sobreviver e de manter um laço social de dimensão local, se é certo que as rivalidades e os conflitos atravessam e fragilizam os grupos, mesmo assim, nos privaríamos de um elemento de análise importante se, muito rapidamente, assimilássemos a relegação social e urbana à anomia total, à desintegração social e ao estilhaçamento de todos os laços sociais.

Na realidade, nos lugares de exílio de que estamos a falar ocorrem processos de produção de normas e de contravalores que fornecem certas possibilidades de integração interna, embora nas margens da sociedade. Nos bairros desfavorecidos, a gestão dos constrangimentos exteriores (o desemprego, a fraca escolaridade, a discriminação no emprego) evidencia-se num modo de vida assente num "desenrasca" conhecido e admitido quer no seio dos pares, quer na família e no bairro. Esse modo de aceder aos meios de sobrevivência social, às vezes de sair da pobreza, induz uma forma de integração social no seio de um grupo que dispõe do seu sistema de valores, do seu tecido social, dos seus modelos de identificação valorizantes. Nas situações em que os constrangimentos simbólicos são fortes, as actividades ilegais, e a delinquência são transformadas em desenrasca valorizado[207] por via do mecanismo psicológico da inversão de sentido.

---

[207] François Dubet: *La galère: Jeunes en survie*, Feyard, Paris, 1987, p. 70. "A cidade de Los Angeles é um exemplo tipo da integração nas margens das populações dos guetos. Os gangues que partilham os bairros pobres representam para os jovens à deriva ao mesmo tempo uma família, uma identidade e um sistema de referências; sistema que institui o crime, a violência e a droga como normas de vida e os sublima para fazer deles valores "o que conta é Deus e o meu gangue. Somos uma família. Um por todos, todos por um".

A inversão do sentido normativo atribuído a um comportamento permite fazer certas coisas reprovadas socialmente e ao mesmo tempo preservar a auto estima. Para poder resistir à interiorização da estigmatização, precisa de transformar em positivo o que é designado como negativo pelo sistema de valores dominante. A marginalidade é descrita como uma forma positiva de liberdade, o roubo é situado, na escala de valores, acima da mendicidade ou da ajuda pública, estas sim, consideradas degradantes. A prostituição é preferível à caridade, a delinquência é uma corajosa maneira de ganhar a vida. Logo que o contra sistema de valores é partilhado por um grupo, pode falar-se de uma verdadeira integração no seio de um bando, gang, clã ou seita, mesmo que isso represente uma integração nas margens mais do que na sociedade global. Assim se constituem sociedades à margem que produzem o seu próprio ideal social, ideal que recusa as normas dominantes e se refere a uma contra cultura.

Todavia, a inversão do sentido normativo comporta ambiguidades e danos para a identidade individual. Com efeito, numerosos são os que vivenciam a marginalidade, não como uma escolha, mas como um mal menor ou como ostentação de uma máscara que, na realidade, dissimula um profundo sentimento de desvalorização. O facto de expressarem distância crítica a respeito da amoralidade da sociedade actual, não significa que não tenham interiorizado certos valores morais e que possam escapar ao ideal colectivo da sociedade global. Por isso, a anulação do modelo ideal pode acarretar um profundo desgosto de si próprios, cujo recalcamento exige esforços custosos que se traduzirão por um redobrar da agressividade e da violência, inclusive contra si próprio[208].

Em numerosos delitos é visível que o móbil principal é muito menos o ganho económico do que o benefício identitário que os jovens adquirem junto dos companheiros, e sobretudo dos adultos que assim pretendem desafiar. A sua origem mais profunda radica na crise do indivíduo, numa busca de visibilidade que só pode ser conseguida por via de práticas destrutivas. Consumir serve hoje, cada vez mais, a necessidade de partilhar valores, a necessidade de pertencer e fazer parte[209].

---

[208] Vincent de Gaulejac, Isabel Taboada Léonetti, *La lutte des places*, op.cit., pp. 71-73.

[209] François Dubet: *La galère: Jeunes en survie*, op.cit., pág 74 a 75 "Seja qual for o interlocutor do grupo, polícia, juiz ou trabalhador social, os primeiros tempos de trabalho dos grupos de jovens começam pela descrição da desorganização social da vida das cidades. O vocabulário é sempre o mesmo, o da degradação e da merda. «Está-se degradado, vive-se num contexto degradado, vive-se em habitações degradadas.» «Aqui, é a merda.» A paragem do bus chama-se a «paragem da angústia». A merda não é exterior, na cidade vizinha, ela está bem aqui, ao lado não é mais degradado do que aqui, pelo contrário. Tudo é degradado. As pessoas são pobres, não há nada, os comerciantes estão ausentes e os espaços de lazer propostos não correspondem em nada ao que um jovem pode desejar. Nas três cidades não estamos em lugares de passagem mas em locais banais, em que os muros são decorados de graffitis, em que os ascensores cheiram a urina, em que cada gaiola de escadas abriga o seu grupo de jovens, em que os relvados de jardim não têm senão o nome. A degradação é desde logo a pobreza e por vezes mesmo a miséria".

## Virgílio

Eu não sou bem consumidor de droga… sou de álcool… Na minha vida fumei tabaco e uma ou outra vez fumei haxixe, com os amigos. Talvez quando tinha aí uns dez anos, mas a droga tem pouco significado para mim e tabaco eu já nem fumo… A minha droga verdadeira era o álcool… bebia com os amigos do "gangue"… bebia, roubava, andava à porrada, de mota… agora não quero saber dos amigos do "gangue". Já lhe disse que eu tinha um "gangue"… roubávamos carros… depois fizemos um "gangue", o "gangue das seis e meia"… era assim que nos chamávamos…éramos cerca de doze ou treze, com idades compreendidas entre os 12 e os 14 anos…começamos a fazer assaltos, a pessoas, carros e a lojas…gostávamos de meter medo…

Eu era conhecido pelo "diabo"… tinha essa alcunha pelos meus comportamentos… roubava, roubava, roubava, quer dinheiro, quer álcool, nos supermercados…e assim era fácil beber todos os dias… fazia-o com amigos, outras vezes sozinho…mas normalmente com amigos… na altura identificava-me com esse nome porque tinha um comportamento do diabo… batia às pessoas, roubava, vandalismo… ia a muitas festas "Rap", bebia e às vezes consumia haxixe…

Com nove e dez anos eu comecei a beber e eu bebia era muito. Bebia para esquecer… álcool, só álcool… fazia muitas misturas de whisky, brandy, vodka, vinho tinto, coca cola e cerveja, muita cerveja… uma vez fui para uma colónia de férias e levei umas garrafas destas bebidas e com os amigos bebemos, bebemos, até cair para o lado… Tiveram que me pôr debaixo de um chuveiro para eu reagir… quando acordei sentia-me mal, cansado, com o corpo dorido, mau sabor na boca… mas eu sei que bebia e roubava e fazia muita vagabundagem, destruía coisas, assaltava lojas, roubava pessoas… tinha amigos com quem levava esta vida… era com eles que me sentia bem… era a vida de todos os dias, porque eu queria esquecer a vida que tinha…

Eu agora não quero nem vida de gangues nem vida de charros. Eu quero outra vida… quero uma vida normal… como já disse quero ter uma profissão… o que gostava mesmo era de ser cantor…

## Leonardo

Sempre levei esta vida de roubos, vandalismo e de vadiagem e foi a partir dos 10 anos que eu comecei a consumir álcool, muito álcool e "ganza" com os meus amigos… consumia sempre em grupo… só à noite… não queríamos que nos vissem… sei lá porquê… talvez algum medo … medo das famílias… consumíamos num terreno próximo do sítio onde vivíamos…

Não tinha medo de consumir, nem pensava que me pudesse fazer mal, ou que me acontecia algo de mal… fazia o que os outros faziam… era sempre no grupo que tinha acesso ao álcool e à "ganza"… nunca tive de ser eu a ir comprar, nem os meu amigos da minha idade… eram colegas mais velhos que consumiam drogas que arranjavam para nós…foi com eles que aprendemos a tratar a droga… só pagávamos o que

consumíamos… os mais velhos não nos pediam nada em troca…eram amigos…
Claro que para pagar roubávamos… O álcool também roubávamos nos supermercados…por isso consumi sempre dos 10 até aos 14 para os 15 anos, que foi quando entrei para a Comunidade…
Nunca tive medo de roubar… sempre achei que nada me acontecia… nem sequer pensava nas consequências do meu comportamento, do que me poderia acontecer se fosse apanhado… era a vida que tínhamos, eu e os outros…
A minha mãe não sabia das drogas mas do álcool sabia… ela nunca me proibiu de beber… ela sabia que eu bebia de vez em quando, não sabia é que eu bebia todos os dias… a minha mãe também bebia de vez em quando, em festas e às vezes, mas não era alcoólica…
Na zona onde residia, eu conhecia muita gente que consumia drogas e eu achava um comportamento normal… nem sequer pensava se fazia bem ou mal… era uma experiência como outra qualquer… fazia sentir bem, dava prazer…
Do haxixe gostei sempre… com o álcool é que às vezes ficava um bocado zonzo e ficava mal disposto… continuava sempre porque via os meus amigos a fazerem o mesmo… achava que se não fizesse como eles era menos do que eles… eu queria aquele grupo de amigos… era com eles que eu me sentia bem…
Nunca vi os meus amigos a traficarem e nem sabia o que isso era…os meus comportamentos graves eu acho que nem sequer passavam pelos consumos… todos o faziam, era normal… o que acho que eram graves eram os comportamentos delinquentes, mas na altura isso não contava para nada e eu nem dava nenhuma importância…

**Isabel**

Aos 7 anos tinha lá (no bairro onde morava) um grupo de amigos da minha idade que eram filhos de traficantes e de consumidores. Assim, aos 9 anos comecei a consumir haxixe com os amigos, na escola e em casa deles. Arranjávamos a droga vinda dos pais deles. Eles tiravam aos pais. Ao princípio, os pais não sabiam, mas depois começava a faltar a droga e os pais passaram a saber. Sentia-me bem. Sem preocupações. Fumava 6 a 7 charros por dia. Nos intervalos das aulas é que nos costumávamos juntar e fumávamos. O acesso às drogas era fácil, pois os amigos roubavam a droga aos pais.
Mais tarde, [com 12 ou 13 anos], já éramos crescidinhos, eu e os meus amigos, e os miúdos com 7/8 anos roubavam carros, computadores e assim, e davam-nos a nós para vender… era dessas vendas que conseguia o dinheiro para comprar a droga e continuar a consumir… Pensávamos que éramos os maiores… acho que fumar com os amigos era uma maneira de procurar refúgio para o que não tinha… uma família… um pai…
Lembro-me de uma vez o meu irmão ter ido lá ter comigo. Ele começou a chorar muito por eu consumir, ele já tinha cerca de 17 anos e consumia outras drogas, cocaína e heroína, e até já tinha SIDA … fez-me prometer que não iria consumir outras drogas. Este acontecimento marcou-me muito. (…) Quando eu tinha cerca de 13 anos, o meu irmão morreu com todas as doenças possíveis e imaginárias. Aí é que foi. Foi a coisa que mais me marcou. Lembro-me de me encontrar com ele muitas vezes. Ele era um sem-abrigo e parava no Bom Sucesso e estava a ressacar e eu lembro-me que fui com ele comprar droga. E lembro-me de ir lá só para estar com ele… o facto de o ver assim não me fazia desistir… já lhe disse que ele para

mim era um herói… ninguém lhe punha a mão… era dono de si… tinha conquistado a liberdade…
Nessa altura, já frequentava as festas e consumia Ecstasy. Era pouco. 2 ou 3 pastilhas nas festas… (…) Aos quinze anos, os meus comportamentos… comecei a ser muito mais rebelde. Tudo o que me diziam não ligava… tratava mal toda a gente… lembro-me de um Natal em que, por volta da meia-noite e meia quis sair e só cheguei por volta das cinco horas da manhã… nessa altura já tinha começado a consumir cocaína… podiam dizer tudo o que quisessem que eu só fazia o que queria… Eu queria liberdade, se calhar queria ser como o meu irmão. Nunca pensei que a droga me fosse fazer o que fez, tão mal. (…) O meu irmão era um exemplo a seguir. Ele foi sempre quem quis, fez sempre o que quis. Nunca ninguém lhe pôs a mão. Mas o meu irmão se calhar nunca teve ninguém que o quisesse ajudar. Tal como eu.
Na minha família só o meu padrinho falava comigo. Dizia que já estavam a sofrer muito… pedia para eu parar… Mas eu não tinha cabeça para isso. Queria sempre mais e mais…".

**Leonel**

Não me lembro que idade tinha quando comecei a consumir … para aí 10 ou 11 anos… não sei bem… roubei droga à minha mãe e tomei…fui ter com um amigo e pedi-lhe que me fizesse um charro… foi só um charro e fumei… Depois da minha mãe morrer, como já lhe disse já tinha morrido o meu pai que era traficante e morreu na cadeia e depois o meu irmão… fiquei só… sem família… passei a viver no mesmo bairro com amigos mais velhos que consumiam… foram eles que tomaram conta de mim… se não andasse com eles ficava na rua… nesses tempos não ia à escola… depois fui matriculado mas continuei a não ir… a droga… eram os amigos que me davam… arranjavam… foi com eles que aprendi tudo… a fumar e assim… não quero dizer como é que arranjavam dinheiro, não quero falar sobre esse tempo… digo que roubavam… eram um bando… eu não fazia nada… às vezes também roubava com eles… de dia andava com eles… não tinha ninguém… não havia conversas sobre a escola ou sobre o futuro… consumir era para esquecer os problemas… primeiro não, foi só uma experiência, e gostei, deu muita "moca" e depois sentia-me culpado e zangado e triste e foi para esquecer, esquecer os problemas… isso… foi isso… vivia com eles e fazia como eles… fumei sempre haxixe… 9 ou 10 charros por dia… às vezes menos… nem sequer pensava se me fazia mal… não queria saber de nada…não tinha interesse pela vida… só raiva e revolta… e tristeza…

**José**

Comecei a fumar com um primo meu, que tem agora 21 anos e está preso em Leiria por roubos, assaltos a lojas, carros… sozinho… não trabalhava com nenhum bando… quando consumia era com este primo… os meus amigos nem sabiam para o que eu queria o dinheiro… eles roubavam mas era para fumarem o "xamon", haxixe… era só isso o que eles fumavam… eu não, era heroína e muita, várias vezes ao dia…
Quando roubava e consumia droga não tinha medo de nada nem de ninguém… agora é que estou a começar a ter medo… sim, não percebia o mal que faz… só consumia com o meu primo mas em qualquer sítio… às vezes até em casa… o meu primo mora ao meu lado… eu consumia cerca de cinco vezes por dia… era a roubar que eu conseguia o dinheiro para a droga… também não tinha medo de consumir… no meu bairro era normal…

havia muitos jovens a consumirem e também heroína… as famílias sabiam mas não acontecia nada… a minha família é vendedora… os meus pais, tios, primos… às vezes também consumia com o meu irmão… o meu irmão esteve um ano em Lisboa num colégio, por decisão do tribunal… foi quando ele tinha 15 ou 16 anos… foi para lá por maus comportamentos na escola… o meu irmão também consumia heroína… e roubava…

Comecei a consumir porque o meu primo pôs-me a experimentar e eu gostei… gostei sempre… aprendi a fumar e a preparar a heroína com o meu primo… gostei e continuei sempre… a minha vida era diferente da dos outros… e eu dava conta disso e, às vezes, sentia pena… os outros andavam sempre bem e eu andava sempre com a "moca"… eu estava muitas vezes triste… tinha prazer a consumir mas depois era só consumir, consumir e queria parar e não conseguia… via os outros a brincar e eu não era capaz, não conseguia… continuava a roubar mas já tinha pouca força… só que o meu primo continuava a roubar e ajudava-me… sim, ajudava-me a continuar… na altura nunca pensei se fazia mal ou se era crime ou não, se era contra as regras ou não, se era legítimo consumir ou traficar… nunca essas ideias me vieram à cabeça e nunca falei com ninguém sobre isso… hoje penso que tudo isto é passado… sobre o tráfico eu sabia que era proibido, sabia que a polícia anda atrás… cresci a ver fazer tudo isto às escondidas, para lá do bairro… por isso eu não traficava…tinha medo…

Hoje sinto-me culpado da vida que tive… sinto que fiz mal muitas vezes ao meu pai e à minha mãe, roubei-os, assim como aos meus irmãos…

Sinto que o ter-me metido na droga foi uma responsabilidade minha… só minha… fui eu que experimentei, ninguém me apontou uma arma à cabeça… fui eu que quis… claro que me "agarrei" porque ali tudo era mais fácil de acontecer, era mais fácil comprar porque a minha família é tudo vendedores…mas embora tudo no bairro ajude a uma pessoa se "agarrar", o começar é só culpa minha, porque eu é que experimentei… eu às vezes comprava droga à família, outras vezes roubava, outras vezes trocava por coisas… coisas que eu roubava nas lojas, como roupa, bonecos de decoração, sapatilhas, telemóveis… aos meus pais roubava ouro… roubei o ouro todo à minha mãe e vendi… os meus pais souberam que eu vendi à família e quando souberam a minha mãe até guerreou com a minha tia…mas o que a família queria era dinheiro… ninguém estava preocupado com a saúde minha ou de qualquer outro… eu achava normal traficar entre todos nós… como lhe disse, no meu bairro havia muitas guerras entre famílias e muitas vezes tudo tinha a ver com o tráfico da droga… por isso era normal a droga como era normal guerrear por causa dela… só agora aqui na Comunidade é que me apercebi do mal que é… tenho um tio e dois primos presos por venderem… mas eu achava normal… todos o faziam na minha família…

Para eles, os que não sabem ainda o que é estar preso, vender droga é uma forma de ganhar a vida, é um modo de estar, de ter dinheiro rápido e fácil… mas desde que aqui "me abriram os olhos" eu acho mal, acho que além de tudo faz mal a muita gente… agora que abri os olhos, sobre consumir também acho que é mal… há na Comunidade casos iguais e alguns bem piores do que o meu… por exemplo, também com álcool… há aqui gente que vem e depois vai logo embora… vêm tão doentes que não percebem porque é importante tratarem-se… eu também vinha muito doente… não comia nem tinha dentes nem força para nada… mas eu não quero nada do que eles fazem…eu só quero ir daqui quando estiver bem… há muitas coisas que começo a aprender com este programa… há coisas em que eu nunca tinha pensado, regras que nunca tinha conhecido…não se esqueça do que lhe disse antes, eu cresci num bairro onde há muito "guerrear" entre famílias, onde a violência e o tráfico das drogas são normais porque todos o fazem, onde há muita miséria e onde as pessoas são boas e más, mas é tudo feio… muitas regras acho que estou a aprendê-las pela primeira vez, assim como a pensar sobre assuntos como traficar, consumir e outros… é aqui que me têm "aberto os olhos"…

François Dubet refere a respeito dos jovens franceses residentes nos subúrbios que a degradação das condições de vida também se manifesta nas relações hostis ou difíceis que opõem os moradores desses lugares relegados. O recurso a cães treinados para atacar as pessoas, o uso de armas de fogo ou armas brancas, a destruição de vidros, paredes, mobiliário, tudo isso são alguns sinais da violência que impera nestes habitats. A aprendizagem social dos jovens inseridos nestes meios desde a infância ocorre num quadro de interacções pautadas pela agressividade e a desconfiança entre os adultos. As possibilidades de aprenderem a situar-se no mundo social não melhoram por via do seu ingresso na escola. Na realidade, as escolas têm-se tornado contextos de relacionamento social verdadeiramente problemáticos do ponto de vista da aprendizagem social. Não correremos o risco de enviesar a realidade se, como o próprio Dubet sublinha, dissermos que entre os professores prevalecem certos tipos de conduta, todos eles igualmente incapazes de cumprir as tarefas inerentes à educação. A imprevisibilidade do seu comportamento, o recurso exclusivo à punição como forma de regular todo e qualquer acto de indisciplina, mesmo que este seja de pequena gravidade, a perda de controlo sobre as condutas, a ponto de se deixarem bater ou desrespeitar, todas essas atitudes dos docentes contribuem para tornar impossível o trabalho de elaboração dos impulsos e dos desejos, a aprendizagem dos valores e das regras colectivas. Os muitos sinais de violência juvenil no seio da comunidade escolar expressam o vazio normativo que hoje impera neste importante contexto de socialização.

Os testemunhos que recolhemos revelam que, sem excepção, os jovens iniciaram a sua vida em famílias e contextos habitacionais gravosamente privados dos recursos de que mais decisivamente depende a obtenção de um lugar na sociedade. Na realidade, não é apenas a desqualificação profissional, a ausência de emprego e a inexistência de meios de ganhar a vida em moldes socialmente legítimos que definem o quadro de vida dos adultos que povoam o universo dos jovens cujas vidas pretendemos conhecer. Outras privações bem mais graves do ponto de vista da obtenção de um lugar social estiveram presentes nas suas curtas vidas, designadamente a restrição das redes de relacionamento social aos iguais e a desvalorização simbólica indutora de relegação social. Perante uma conjugação de factores tão perversos, as aprendizagens da vida social ficam inevitavelmente comprometidas, não sendo descabido conceber a hipótese de a toxicodependência ser induzida pela necessidade de pertencer.

Os jovens falam da violência e da droga como se de um modo de vida banal se tratasse, nem heróico, nem orgulhoso, elas fazem parte da própria vida do grupo. Quase todos já roubaram, tiveram cenas com a polícia, por vezes com a justiça por actos relativamente graves. A actividade delinquente está presente de forma banal, aparecendo como a organização possível num quadro de grande desorientação face aos constrangimentos da vida social. A ambivalência de sentimentos, entre a tendência para percepcionar este tipo de vida como diferença cultural ou um hábito de vida autónomo e uma afirmação de liberdade, e a tendência oposta para interpretar esse modo de vida como uma destruição interna.

Em suma, problematizar a multiplicidade dos fenómenos que podem estar na génese das toxicodependências implica uma análise aprofundada, quanto possível, da produção dos indivíduos, que o mesmo é dizer, da imbricação dos processos internos com os externos, sendo que estes delimitam o quadro objectivo de possibilidades e impossibilidades dentro das quais as opções individuais podem ser tomadas.

O inventário das abordagens teóricas sobre o desvio não fica completo se não fizermos referência à *teoria do conflito* que assinala como principal causa do desvio a competição social pela posse de recursos escassos. Em vez de ver o desvio como a resultante de uma característica anormal da estrutura social, caso do funcionalismo, esta teoria sublinha que o fenómeno constitui a reacção mais normal à competição institucionalizada nas sociedades. Os mais ricos desviam-se da norma porque pretendem conservar os seus privilégios, enquanto os menos ricos o fazem para satisfazer necessidades e desejos socialmente criados. Nesta perspectiva teórica, são as lógicas desigualitárias que perpassam a estruturação das instituições sociais as principais responsáveis pelo fenómeno, tanto mais quanto em certas conjunturas sociais, as desigualdades sociais podem tomar contornos particularmente agudos, gerando efeitos marcadamente perversos. É precisamente o caso da remissão dos cidadãos economicamente insolventes para meios residenciais incompatíveis com o acesso à valorização simbólica e com a participação em relações sociais diversificadas. Como é o caso, da reprodução cultural e social por via da escola.

Na realidade, a lógica competitiva que perpassa toda a organização social, muito em especial no domínio das actividades económicas, onde a competitividade é concebida como o meio mais adequado para resolver todos os problemas, desencadeia efeitos muito perversos do ponto de vista da coesão social.

Duas críticas básicas foram movidas à strain theory. Primeiro, os teóricos do conflito contestam as suas causas estruturais funcionais. A strain theory sugere que

a desviância resulta de uma falha de integração entre partes da estrutura social (normas, objectivos e recursos). Isto é, resulta de um estado anormal produzido por circunstâncias extraordinárias. Os teóricos do conflito, porém, vêem a desviância como um produto inevitável da competição na sociedade, na qual os grupos têm diferentes acessos aos recursos escassos. Sugerem que o desenvolvimento do processo de competição deve ser o foco real dos estudos da desviância. Segundo, a crítica da tese de Merton de que o desvio é mais característico das classes baixas. É evidente que muitas pessoas da classe baixa estão capacitadas para ajustar suficientemente a descida dos seus objectivos de forma a serem capazes de os atingir por via de meios respeitáveis. Além disso, há grande evidência de que muitos indivíduos bem sucedidos ajustam os seus objectivos tão alto, a ponto de não poderem atingi-los por meios legítimo, evidenciando que a discrepância entre meios e objectivos não é limitada à classe baixa. Apesar destas críticas, os sociólogos continuam a achar esta teoria bastante interessante e útil como uma explicação da desviância, desde logo porque sustenta o ponto de vista de que é a sociedade, não o indivíduo, a causa da desviância.

Aplicada à análise da questão da toxicodependência, esta abordagem teórica conduz-nos à formulação de algumas novas interrogações susceptíveis de aprofundar a compreensão dos factores e relações que estão na origem da dependência de drogas.

***Serão as predisposições para o consumo de drogas indistintamente as mesmas nos indivíduos originários das classes mais dotadas em capitais económico, cultural, social e simbólico e nos que herdaram uma posição destituída de todos esses capitais?***

Se, no caso dos jovens privados das possibilidades de conquistar um lugar social, a toxicodependência pode ser o desfecho da frustração profunda que decorre da morte social, pode ser a única via possível para suportar uma realidade insuportável, qual será a frustração profunda que atinge a vida daqueles que nunca foram privados desses recursos? Como explicar que a toxicodependência se expanda entre jovens que, ao contrário da privação, conhecem a abundância, a satisfação quase ilimitada de vontades e desejos?

A crise do laço social acarreta efeitos perversos quer para os que são compelidos para as margens da sociedade, quer para os que podem tirar o melhor partido das oportunidades socialmente estabelecidas. Se bem que a natureza dos problemas de uns e outros seja diversa, o que é deveras importante considerar a fim de pensar os modos de intervir no problema da toxicodependência, pode concluir-se que o factor estrutural responsável pela transversalidade social do fenómeno se prende com o facto de o capitalismo flexível não fornecer "razões profundas para os sujeitos tratarem uns dos outros e darem sentido às suas biografias e valores pessoais e colectivos"[210]. A qualidade fugidia da amizade e da comunidade local tanto ocorre entre os mais qualificados como entre os que, pura e simplesmente, não podem ocupar um lugar na sociedade, pela mais absoluta falta de qualificação e de recursos atitudinais para se entregarem à competição tenaz que hoje é lei nas modernas sociedades mais desenvolvidas.

### *7.2 A crise do laço social: emergência de um modo de socialização e de individualização inédito*

Na primeira parte deste trabalho tivemos ocasião de explanar algumas teses sobre a fragilização generalizada do laço social sob o avanço da chamada "nova economia". A desfiliação social de que fala Robert Castel[211] emerge de uma multiplicação de processos indutores da ascensão de um individualismo negativo, bem distinto daquele outro que havia sido conquistado na passagem à modernidade.

Ao contrário das sociedades de solidariedade mecânica, em que a pertença ao grupo representava o reconhecimento automático do estatuto do indivíduo, nas sociedades de solidariedade orgânica esse estatuto passou a depender da valorização pessoal perpetuamente submetida ao olhar do outro. Nas sociedades modernas, os laços sociais multiplicam-se e diversificam-se à medida que a divisão do trabalho se complexifica e especializa, de tal modo que as sociabilidades do indivíduo ocorrem em contextos diversificados, pelo que se pode dizer que a construção da identidade individual é o produto de um entrecruzamento de laços sociais específicos de cada contexto. Mais ainda, nas sociedades de solidariedade orgânica, a construção da identidade individual é objecto de lutas e de conquistas. Os sociólogos G. Simmel e

---

[210] Richard Sennett, *A corrosão do carácter*, op.cit., pág.22
[211] Robert Castel, *Les métamorphoses de la question sociale*, op.cit., pág.

Norbert Elias analisaram o laço social nas sociedades modernas como o entrecruzamento de vários laços, havendo assinalado que o indivíduo diversifica as suas pertenças. A complementaridade e interdependência funcional é o que permite desenvolver a consciência da individualidade. Tal como Durkheim, Simmel observa que a passagem do artesanato para a fábrica ocasionou uma intensa diferenciação de grupos ao mesmo tempo que fomentou a individualização crescente dos seus membros. A reconhecida importância deste autor para a análise dos laços sociais reside sobretudo na sua concepção dos indivíduos como "seres em ligação", seres que "separam o que está ligado e ligam o que está separado[212]. Falar de sociedade é falar de laço social e falar de laço social é, antes de tudo, partir da constatação de que o que liga os indivíduos são as influências e as determinações que estes vivem em comum[213].

Simmel observa que é preciso reter as relações entre os grupos a que os indivíduos pertencem, podendo ocorrer duas situações distintas, cada uma delas com consequências, igualmente distintas, no que respeita à construção da identidade individual. Se os grupos se organizam de forma concêntrica, encolhendo progressivamente da nação até ao território mais próximo, passando pelo estatuto profissional, a freguesia, o bairro, pode concluir-se que o indivíduo faz igualmente parte de todos, do mais restrito ao mais amplo, realizando em cada um deles uma função específica. Mas se os círculos são justapostos e, por consequência, independentes, a identidade do indivíduo pode tornar-se plural, uma vez que só ele pode encontrar as conexões entre os diferentes grupos em que participa.

Na análise de Simmel, a construção concêntrica de círculos foi uma etapa intermédia do processo histórico que conduziu à actual situação de justaposição. Nesta, os indivíduos são levados a realizar experiências sucessivas no curso da vida, a maior parte das quais não previsíveis, e a estabelecer progressivamente comunicação entre as novas associações e os primeiros laços que os determinaram unilateralmente na sua infância. A distância normativa entre os diferentes círculos a que pertencem pode ser mais ou menos grande. No caso de uma ascensão social rápida, essa distância é particularmente forte, obrigando a modificar os

---

[212] Serge Paugam, *Le Lien Social*, PUF, Paris, 2008

[213] Serge Paugam, *Le Lien Social*, op.cit., pág. 53 "O número elevado de círculos a que o indivíduo pode pertencer é um dos indicadores da cultura. " se o homem moderno pertence desde logo à família dos seus pais, depois à família que fundou e, ainda, à da sua mulher, ao seu ofício que, por seu turno, o integra em vários círculos de interesses (...) se está consciente de pertencer a uma nacionalidade e a uma certa classe social, se faz parte de algumas associações, pode dizer-se que pertence a uma grande variedade de grupos"..

comportamentos em função dos meios frequentados. Nestas sociedades complexas, os diferentes tipos de laços que se entrecruzam na vida pessoal não são sempre compatíveis entre si, constatando-se, além disso, que a diluição das antigas formas de sociabilidade de tipo comunitário cede lugar a novas formas de sociabilidade, de tipo societário, que não garantem a segurança dos primeiros laços. Como diz Simmel, "a cultura avançada alarga cada vez mais o círculo social a que pertencemos com toda a nossa personalidade, mas, por outro lado, ela abandona mais o indivíduo a si próprio e priva-o muito dos seguros e das vantagens do grupo restrito onde podia encontrar pessoas com interesses comuns compensar a solidão "[214].

Nos trabalhos que dedicou à análise da evolução das normas e regras de conduta nas sociedades da Europa ocidental desde o período medieval, Norbert Elias[215] constrói uma teoria da imbricação das relações humanas que muito ajuda a esclarecer o que está em causa quando falamos de laço social. No seu livro *O que é a sociologia*[216]*,* começa por recordar que o homem aspira a encontrar outros homens e que, para o fazer, depende, em grande parte, do outro. Esta dependência elementar não se limita às necessidades sexuais, uma vez que os homens têm igualmente necessidade uns dos outros para satisfazer aspirações afectivas. Sem propriamente pôr em causa a perspectiva durkheimiana dos laços sociais nas sociedades modernas, na dependência da divisão do trabalho e da complementaridade orgânica dos homens, Elias sublinha que tais laços não se confinam às interdependências impessoais. Na sua óptica, é preciso integrar na análise sociológica as interdependências pessoais e sobretudo os laços emocionais como factores de ligação social. Elias nota que quando as unidades sociais se alargam, novos laços afectivos aparecem, não se fixando somente nas pessoas, mas cada vez mais frequentemente, nos símbolos próprios de unidades maiores[217]. Dito de outro modo, para Elias, o laço afectivo não é

---

[214] Serge Paugam, *Le Lien Social*, op.cit., pág. 55.
[215] Norbert Elias, *A civilização dos mortos,* Paris, Calmann-Lévy*, 1973 e A dinâmica do Ocidente* Paris, Calmann-Lévy*,* 1975 cit in Serge Paugam, *Le Lien Social*, op.cit., p. 56.
[216] N. Elias, Qu'est-ce que la sociologie, La Tour d'Aigues, Ed, de Aube, 1991 in Serge Paugam, *Le Lien Social*, op. cit. p. 58.
[217] Serge Paugam, *Le Lien Social*, op.cit., pág. 60. "Estes laços emocionais por intermédio de formas simbólicas são tão importantes para as interdependências humanas como aqueles que emanam da sua especialização crescente. De facto, estes diferentes tipos de laços afectivos são indissociáveis. Este ponto é fundamental na análise dos laços sociais. Para Elias, as valências emocionais que ligam os homens não dizem unicamente respeito às relações interpessoais e às interacções de face a face, mas compreendem também os investimentos nos símbolos comuns, os quais constituem o cimento dos grupos e das unidades de maior dimensão, como os Estados nacionais, por exemplo. A fixação das valências individuais nas grandes unidades sociais é frequentemente tão intensa como a fixação sobre a pessoa amada".

propriamente um tipo de laço distinto dos outros, mas antes uma dimensão constitutiva do laço em si mesmo[218].

A função do laço social não se resume à protecção, no sentido da associação solidária. Na maior parte dos actos da vida quotidiana, o indivíduo está sob a pressão do olhar do outro, o que o constrange a agir em conformidade com as regras e as normas sociais, mas, também e sobretudo, satisfaz a sua necessidade vital de reconhecimento, fonte da sua identidade e da sua existência enquanto homem. No laço que tece com os outros, o indivíduo procura uma aprovação. Elias nota que o reconhecimento como fonte do laço social não se limita à esfera do trabalho. Ele está no fundamento de todas as interacções humanas. Dito de outro modo, o sujeito só pode tomar consciência de si próprio quando aprende a considerar as suas acções através das trocas que estabelece com outras pessoas, elas próprias implicadas e orientadas umas em relação às outras.

Na linha de Elias, Paugam propõe uma definição de cada tipo de laço social a partir de duas dimensões: da protecção e do reconhecimento. Os laços são múltiplos e de natureza diferente mas todos eles trazem ao mesmo tempo a protecção e o reconhecimento necessários à existência social dos indivíduos. A protecção remete para o conjunto de suportes que o indivíduo pode mobilizar face às vicissitudes da vida (recursos familiares, comunitários, profissionais, sociais…). O reconhecimento remete para a interacção que estimula o indivíduo, pois que é através do olhar do outro ou dos outros que obtém a prova da sua existência e do seu valor. É neste sentido que o nós é constitutivo do eu. Os laços que asseguram ao indivíduo protecção e reconhecimento revestem, por consequência, uma dimensão afectiva que reforça as interdependências humanas.[219] No prolongamento desta reflexão, quatro

---

[218] Serge Paugam*, Le Lien Social,* op.cit., pág. 61 “Os laços afectivos que ligam os homens aos Estados nacionais têm hoje o primado sobre os que os ligavam às cidades, às tribos ou às aldeias. Trata-se sempre de um tipo de unidade que controla severamente a violência física nas relações internas do grupo, mas que aprende a servir-se dela e frequente a encoraja nas relações com os outros grupos”.

[219] Cfr. Serge Paugam, *Le Lien Social*, op.cit., pág. 64

| *Tipos de laço* | *Formas de protecção* | *Formas de reconhecimento* |
|---|---|---|
| *Laço de filiação* (entre pais e filhos) | Contar com a solidariedade inter geracional/Protecção chegada | Contar com os seus pais e os seus filhos /Reconhecimento afectivo |

grandes tipos de laços sociais podem ser distinguidos: o *laço de filiação*, o *laço de participação electiva*, o l*aço de participação orgânica* e o *laço de cidadania*.

*O laço de filiação* remete para o reconhecimento da parentalidade biológica entre a criança e os seus progenitores, constituindo, na sua dimensão biológica ou adoptiva, o fundamento absoluto da pertença social. Sociólogos, psicólogos e psicanalistas analisaram a função socializadora e identitária deste laço. A abordagem sociológica do grupo familiar foca particularmente a sua função de socialização, percorrendo o processo de transformação das estruturas familiares no curso do desenvolvimento histórico das sociedades hoje consideradas desenvolvidas. Nas sociedades pré modernas, os indivíduos estiveram irremediavelmente ligados à família, desde logo em razão da função económica que esta desempenhava. A família era uma unidade de produção e de socialização pelo que a sobrevivência não poderia ser assegurada fora desta estrutura. Com o avanço da industrialização e a generalização do sistema de protecção social, as relações entre os membros da unidade familiar transformam-se profundamente, designadamente com a transferência para o Estado de parte das responsabilidades que outrora cometiam à família. A família deixou de ser um grupo a que os indivíduos estão inevitavelmente presos, desde logo para sobreviver, e passou progressivamente a ser vista como o lugar da procura da felicidade privada. Apesar desta mudança profunda, a família continua a suscitar uma implicação durável e um investimento afectivo importante por parte dos seus membros.

Na abordagem psicológica da família elege-se a função de protecção e de reconhecimento como condição necessária ao equilíbrio do indivíduo desde o seu nascimento. A filiação é frequentemente associada à noção de vinculação, no sentido da relação que une dois ou vários indivíduos através da valorização da importância

| | | |
|---|---|---|
| *Laço de participação electiva* (entre cônjuges, amigos, próximos escolhidos) | Contar com a solidariedade electiva; Protecção chegada | Contar com a interacção electiva; Reconhecimento afectivo ou por semelhança |
| *Laço de participação orgânica* (entre actores da vida profissional | Emprego estável; Protecção contratualizada | Reconhecimento pelo trabalho e a estima social que daí decorre |
| *Laço de cidadania* (entre membros de uma mesma comunidade política) | Protecção jurídica (direitos civis, políticos e sociais) a título do princípio da igualdade | Reconhecimento do indivíduo soberano |

que eles têm um para o outro ou uns para os outros[220]. Bowlby admitiu que podem existir vinculações secundárias, mas os resultados das suas investigações levaram-no a sublinhar a relação estreita entre a qualidade das vinculações vividas na primeira infância, nomeadamente entre a mãe e o filho, e a capacidade deste para posteriormente estabelecer relações íntimas, equilibradas e satisfatórias. O "eu" pressupõe, como Mead sublinhou, que a criança possa esperar que a pessoa amada lhe dê, de forma durável, o seu afecto. Se a criança não está segura do amor materno não lhe é possível adquirir confiança em si própria e enfrentar a solidão. Ao amor como forma de reconhecimento corresponde uma relação prática específica: a confiança em si.

O *laço de participação electiva* releva da socialização extra familiar no decurso da qual o indivíduo entra em contacto com outros indivíduos que conhece no quadro de grupos e instituições diversas: vizinhança, grupos de amigos, comunidades locais, instituições religiosas, desportivas, culturais, etc. O carácter electivo deste laço deixa aos indivíduos a liberdade real de estabelecer relações interpessoais segundo os seus desejos, aspirações e inclinações emocionais. Trata-se de um laço que remete para as várias formas de vinculação não constrangedora, tais como, por exemplo, a formação do casal que faculta ao indivíduo a integração numa outra rede familiar e o correspondente alargamento do seu círculo de pertença. Enquanto que no laço de filiação, o indivíduo não tem liberdade de escolha, no laço de participação electiva ele dispõe de autonomia. Todavia, esta liberdade é condicionada por uma série de determinações sociais.

A amizade pode ser publicamente evocada e encorajada mas não é objecto de regulamentação estrita. Apesar de ser socialmente reconhecida e valorizada é percepcionada como desinteressada e desligada das contingências sociais que caracterizam as outras formas de sociabilidade. A definição mais corrente de amigo remete para a função de protecção, alguém com quem se pode contar em caso de problema grave. Dos amigos é, igualmente, esperada uma relação de

[220] Serge Paugam, *Le Lien Social,* op.cit., pág. 66. "O psiquiatra inglês John Bowlby' estudou as diferentes etapas do desenvolvimento da vinculação entre a mãe e o filho. Considera que a partir dos sete meses esta relação de vinculação se torna clara. No curso deste período, as separações são fonte de angústia tanto a mãe representa para o filho uma pessoa insubstituível. A vinculação corresponde a uma conduta interactiva: a criança exprime-o de maneira inata ou instintiva — uma resposta à solicitude da sua mãe quando ela lhe presta os cuidados e a atenção de quem necessidade de maneira vital. Pode-se então falar de pulsões de vinculação, a criança e a sua mãe sentem-se profundamente ligadas uma à outra e este laço comporta uma dimensão afectiva. A vinculação que daí resulta constitui uma espécie de «marca». Esta fase de unidade simbólica não é durável, cada um dos parceiros deve adquirir progressivamente a sua própria independência. A criança deve desenvolver progressivamente a sua capacidade de ser único, ela deve tomar consciência de que o amor materno é durável e sólido e que pode, apesar da separação temporária, apoiar-se sobre este laço intersubjectivo para satisfazer as suas exigências pessoais".

confiança, frequentemente associada a valores como a franqueza, a sinceridade, a honestidade, o desinteresse, a ausência de inveja. A amizade assenta sobre o sentimento de poder contar com o outro para além dos seus próprios limites, chegando a constituir, para algumas pessoas, um laço mais forte do que o laço de filiação. Ela é também um laço complementar. Numerosos adolescentes dizem aos seus amigos o que não podem dizer aos seus pais. Também neste tipo de relação, as investigações dão conta do fenómeno da homofilia, isto é, da probabilidade de estabelecer relações de amizade no seio do seu próprio meio social. Pode então falar-se de uma rede social de proximidade.

Os bandos constituem uma outra forma de participação electiva, em que a função principal da aliança pode ser a distinção relativamente a outros grupos enquanto estratégia de defesa contra a desvalorização.

Enfim, o laço de ordem comunitária pode ser apreendido como a expressão de uma participação electiva, ainda que não seja fácil distinguir o que decorre da escolha do indivíduo ou o que depende de constrangimentos que sobre ele pesam. Fazer parte de uma comunidade fechada pode contudo ser a expressão de uma dependência extrema do grupo, muito mais do que de uma decisão pessoal.

*O laço de participação orgânica* distingue-se dos precedentes na medida em que se caracteriza pela aprendizagem e o exercício de uma função determinada na organização do trabalho. Segundo Durkheim, o que faz o laço social nas sociedades modernas, solidariedade orgânica, é, antes de mais, a complementaridade de funções que confere a todos os indivíduos, por muito diferentes que sejam uns dos outros, uma posição social susceptível de dar a cada um tanto a protecção elementar como o sentimento de ser útil. Este laço é constituído no quadro da escola e prolonga-se no mundo do trabalho. Se este tipo de laço ganha todo o seu sentido do ponto de vista da lógica produtiva da sociedade industrial, não é forçoso concebê-lo como exclusivamente dependente da esfera económica. Como sublinhou Elias, nas sociedades caracterizadas por um nível elevado de interdependências de funções, a economia não é uma esfera autónoma. Ela não pode evoluir se paralelamente não evoluir a organização política e estatal.

Para analisar o laço de participação orgânica, é preciso considerar não somente a relação com o trabalho, nos termos em que Durkheim a analisa, mas também a relação com o emprego no âmbito da lógica protectora do Estado Social. Nas sociedades em que vigorou o Estado providência, a integração profissional não só

significa a expansão do trabalho, mas também formas de ligação baseadas na generalização de uma protecção elementar pressionada pelas lutas sociais no quadro do *welfare.*

O trabalho pode ser um factor de realização pessoal, mas também de frustração e até de alienação. O emprego, por seu turno, pode ser estável e assegurar um estatuto social valorizado fora do mundo do trabalho, mas pode ser instável e, assim, expor os assalariados à insegurança social. Nos últimos 20 anos, a relação com o trabalho e a relação com o emprego transformaram-se igualmente. Novos constrangimentos ligados às evoluções tecnológicas e às políticas de gestão de empresas afectam a relação com o trabalho, enquanto a evolução da economia e a intervenção dos poderes públicos modificaram a relação com o emprego.

Neste sentido, a expressão «ter um trabalho» significa para os assalariados a possibilidade de realização numa actividade produtiva e, ao mesmo tempo, a segurança de garantias face ao futuro. Podemos pois definir o tipo ideal de integração profissional como a dupla segurança do reconhecimento material e simbólico do trabalho e da protecção social que decorre do emprego[221].

O sistema de protecção generalizado que foi posto em prática no decurso do século XX está em recuo, daí decorrendo que numerosas franjas da população acabaram remetidas para uma situação cada vez mais precária. O sentimento de insegurança está hoje cada vez mais desenvolvido por causa da degradação do mercado de emprego[222], designadamente por via da expansão do desemprego e do avanço do emprego precário. O risco de perder o emprego ampliou-se

---

[221] Serge Paugam*, Le Lien Social,* op.cit., pág. 74 “Este tipo ideal que conjuga satisfação no trabalho e estabilidade de emprego pode ser qualificada de *integração assegurada*. Neste caso, os assalariados podem elaborar projectos de carreira e investir no trabalho para as realizar. As satisfações que delas retiram são a expressão de uma integração sucedida na empresa, em particular nas relações com os colegas e os superiores hierárquicos. É a partir deste tipo ideal de integração profissional que se torna possível estudar os seus desvios, os quais constituem outras tantas fontes possíveis de insatisfação para os assalariados. Retomando as duas dimensões de base, pode distinguir-se três tipos de desvio por relação à *integração assegurada*: a *integração incerta* (satisfação no trabalho e instabilidade de emprego), a *integração laboriosa* (insatisfação no trabalho e estabilidade de emprego) e a *integração desqualificante* (insatisfação no trabalho e instabilidade de emprego). Esta tipologia permite analisar as desigualdades que hoje atravessam o mundo do trabalho”.

[222] Serge Paugam, *Le Lien Social*, op. cit., p. 80. ”Lembremos que o número de desempregados passou, em França, de 500 000 no início dos anos setenta para cerca de 3 000 000 no início dos anos noventa. Os desempregados representavam menos de 4% da população activa em 1975 e 12% em 1994. Apesar de uma redução importante no final dos anos noventa, o desemprego era, em 2007,de cerca de 10 *%.* Passou-se, pois, de um desemprego residual para um desemprego de massa que alguns designaram de exclusão. A França não foi o único país atingido por este fenómeno. Todos os países europeus mas também os EUA se confrontaram em proporções variáveis, com um crescimento importante do número de desempregados”.

consideravelmente sob o impulso do incessante movimento de reestruturação das empresas. Em suma, as novas formas de produção em rede, assim como as políticas de flexibilização da mão - de - obra engendraram um profundo mal estar entre os assalariados. Essa mudança profunda dos modos de organizar a produção, tal como a analisou Richard Sennett, corre o risco de gerar a desqualificação social progressiva dos assalariados. O compromisso do pós-guerra que tinha permitido ampliar a assistência e conciliar eficácia económica e solidariedade social foi abalado. Desde logo, a noção de solidariedade orgânica parece bastante problemática. Como conceber a solidariedade num mundo económico que empurra os mais vulneráveis para a inactividade ou para a precariedade institucionalizada[223]?

A ruptura do laço de participação orgânica gerada pela cessação constrangida da actividade profissional não se traduz apenas por um enfraquecimento do nível de vida, mas, também, pela desqualificação social dos indivíduos por ela atingidos. Ser constrangido a solicitar os serviços de acção social para obter com que viver altera frequentemente a identidade e afecta o conjunto das relações com os outros. Experimentar o sentimento de estar a cargo da colectividade equivale a pertencer a uma categoria socialmente desvalorizada, sem dignidade no duplo sentido de honra e de consideração.

O mesmo pode ocorrer com aqueles que não podem reconhecer-se no seu trabalho seja pela desconsideração social que lhe é atribuída, seja porque podem ser facilmente dispensados. Para os assalariados que se encontram próximos da *integração incerta*, a impossibilidade de estabilizar a sua situação profissional equivale à privação de um futuro. Para os assalariados próximos da *integração laboriosa*, o sofrimento no trabalho resulta da fraca consideração pelo que são e pelo que transportam para a empresa. Enfim, para os assalariados próximos da *integração desqualificante*, a execução de um trabalho sem alma e o futuro incerto são fonte de desespero e de humilhação. A desqualificação social dos assalariados começa, pois, a partir do momento em que são mantidos numa situação que os priva de toda, ou parte, da dignidade que geralmente se atribui aqueles que contribuem, pelos seus esforços, para a actividade produtiva necessária ao bem - estar da colectividade: um meio de expressão de si, um benefício decente, uma actividade reconhecida, uma segurança.

[223] Serge Paugam, *Le Lien Social*, op. cit., pág. 82.

O filósofo Gilles Lipovetsky[224] desenvolve uma análise concordante com a de Sennett, alargando-a, todavia, às dimensões cultural e ideológica que, mais amplamente, condicionam as aspirações e desejos dos indivíduos. Assinala que, em ruptura com o instituído desde os séculos XVII e XVIII, está em marcha uma segunda revolução individualista, isto é, um processo de personalização que não pára de remodelar em profundidade o conjunto dos sectores da vida social. Constituição da *affluent society* e a fixação das instituições nas motivações e nos desejos, incitando à participação e à psicologização das *modalidades* de socialização, são as duas dimensões fundamentais desse processo de personalização.

No pós segunda guerra mundial, a conjugação de uma série de mudanças profundas, designadamente a organização científica do trabalho na indústria, a adopção de políticas económicas keynesianas e de políticas sociais redistributivas induziu a ascensão de um modo de vida sem precedentes na história das sociedades em geral. A melhoria dos níveis de rendimento e o bem-estar das populações conduziram a uma profunda transformação dos padrões de comportamento dos consumidores, doravante possuidores de rendimentos superiores aos requeridos para satisfazer as necessidades de subsistência. Sob o impulso de uma política económica apostada na criação da sociedade de consumo e apoiada na publicidade, emerge uma forte pressão para a homogeneização dos modos de vida, que o mesmo é dizer, para a imposição de um modelo de comportamento em termos de aquisição de bens, tidos como sinónimo de pertença a uma sociedade desenvolvida e de estatuto social. Nestas sociedades, crescimento económico suscitou a penetração dos modos industriais de produção em domínios da existência, tais como o lazer, a cultura, a vida doméstica, podendo dizer-se que a massificação do consumo está, igualmente, ligada ao alargamento dos direitos dos assalariados, designadamente à diminuição dos horários de trabalho, descanso semanal e férias pagas, com a correspondente libertação de tempo individual para actividades extra trabalho. Tal libertação deixou de ser prerrogativa exclusiva das classes melhor posicionadas na hierarquia social, generalizando-se à totalidade das classes sociais.

À medida que industrialismo e capitalismo penetram cada vez mais na área dos “tempos livres”, que assim passam a constituir novas oportunidades de investimento e de mercado, é imperioso criar novas apetências e modalidades de

[224] Gilles Lipovetsky, *A era do vazio* – Ensaio sobre o individualismo contemporâneo, Editora Relógio d’ Água, Lisboa, 1989 e *A Felicidade paradoxal* – Ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo, Edições 70, Lisboa, 2007.

consumo, desenvolver bens dirigidos ao lazer, expandir produtos e actividades de entretenimento, oferecer serviços ligados ao turismo, etc.

As sociedades industriais avançadas estruturaram-se como sociedades de consumo, em estreita ligação com a produção de massa, a melhoria dos níveis de rendimento e bem-estar, o alargamento dos mercados, as oportunidades de industrialização das actividades de lazer e cultura. O consumo passa a servir a afirmação de estatutos, de práticas de integração e diferenciação social[225].

Do ponto de vista ideológico, o centro de gravidade da vida dos homens desloca-se do trabalho para o não - trabalho. Todavia, essa associação entre lazer e consumo, que se generaliza a todas as camadas sociais em geral, não deixa de evidenciar uma tendência forte no sentido da afirmação da distinção social. A força da publicidade e do marketing no sentido da homogeneização dos padrões de consumo não deixou, todavia, de ser concomitante com a pressão para a segmentação dos produtos e dos mercados em função do sexo, dos grupos etários, dos níveis educativos, dos lugares de residência, da posição e carreira profissional, do ciclo de vida familiar, etc. Ter em conta a psicologia do consumidor, as suas motivações, desejos, modelos de identificação e de projecção, foi a estratégia adoptada para persuadir a comprar. A publicidade mediática assinala incansavelmente a aspiração à

---

[225] Cfr. Augusto Santos Silva, *Dinâmicas sociais do nosso tempo*, Editora da Universidade do Porto, 2002, págs. 130 a 139. "Jean Baudrillard é o autor mais importante na abordagem destas dimensões. Para ele, a nossa relação com os objectos é confirmada por quatro lógicas distintas.

A primeira é a lógica funcional: o objecto serve para qualquer coisa e é apreciado em função da sua utilidade prática. É o valor de uso que conta. Compramos o frigorífico para conservar os alimentos, ou a camisola para nos protegermos do frio.

A segunda é a lógica da equivalência económica. O objecto tem um dado valor de troca, pode ser apreciado em função do seu preço, quer dizer, do que vale em comparação com outros objectos, ou com o equivalente geral que é a moeda, numa certa situação de mercado. O frigorífico e a camisola são mercadorias, a que acedemos em função dos nossos rendimentos, dos respectivos preços – e das escolhas que realizamos, considerando necessidades, rendimentos, preços e satisfações alternativas.

A terceira é a lógica simbólica. A nossa relação com o objecto é uma relação de sentido, na qual fazemos certo investimento pessoal, afectivo, na qual nos projectamos e revemos. Muitas vezes, essa relação é grupal, partilhamo-la com membros do nosso colectivo, em função de atitudes e valores colectivos – recusamos carne de porco em obediência à religião judaica, ou aderimos à Coca-cola porque nos julgamos ocidentais, modernos e jovens. A essa relação grupal acrescentamos, em regra, sentidos pessoais, que têm a ver com a nossa condição, a nossa trajectória, a nossa personalidade. Assim, a camisola pode ser preferida por razões afectivas – foi alguém querido que no-la deu, ou fez, ou fomo-nos afeiçoando a ela; escolhemos o frigorífico da mesma marca do da casa paterna; etc, etc.

A quarta é a lógica do valor/signo. Adquirindo, detendo e usando certo objecto, nós comunicamos qualquer coisa a outrem, exprimimo-nos e identificamo-nos publicamente. Valoramos os objectos como indicadores, como sinais, que revelam os nossos gostos, as nossas posições, o nosso standing – a forma como nos colocamos ou queremos colocar nas hierarquias sociais. Neste plano, o frigorífico é uma objectivação do conforto, do bem-estar; a camisola, certa camisola, é o sinal de juventude, ou actualização, ou distinção pessoal…. Na lógica do objecto signo já não prevalece a relação entre a coisa e a necessidade que satisfaz, mas o valor que a coisa tem dentro de um código de valores que resulta da relação sistemática (e dinâmica, isto é, variável) entre as coisas significantes. Esse valor tende a ser definido não pela utilidade do objecto, mas pela sua marca. Neste sentido, o sistema dos objectos tende a constituir-se como um código expressivo. "A circulação, a compra, a venda, a apropriação de bens e de objectos/signos diferenciados constituem hoje a nossa linguagem e o nosso código, por cujo intermédio toda a sociedade comunica e fala"

realização pessoal, ao estilo de vida, à expressão própria, elegendo o hedonismo como valor supremo. Aceder ao automóvel, às viagens em tempo de férias, aos aparelhos de som mais sofisticados, aos electrodomésticos, à compra de casa própria e da segunda habitação, facultar aos filhos uma pluralidade de oportunidades, como estudar música, praticar um desporto, dispor de computador, frequentar espectáculos, adquirir roupas das marcas mais prestigiadas, etc, todas essas necessidades são forjadas pelo *inferno climatizado* e «totalitário» da *affluent society*[226].

A par dessa climatização, a publicidade e o marketing não deixam de apostar forte na diversificação dos públicos consumidores, da vontade de autonomia e de particularização dos grupos e dos indivíduos: neo-feminismo, libertação dos costumes e das sexualidades, reivindicações das minorias regionais e linguísticas, desejo de expressão e de realização do eu, movimentos alternativos. A sociedade pós-moderna coincide com a apoteose do consumo sob uma dinâmica de obsolescência acelerada, de mobilidade e de desestabilização. Acabada a idolatria do *american way of life*, diz Lipovetsky, emerge uma cultura pós-moderna cujas características são a busca da qualidade de vida, a paixão da personalidade, a sensibilidade extrema, a desafeição pelos grandes sistemas de sentido, o culto da participação e da expressão, a reabilitação do local, do regional, de certas crenças e práticas tradicionais[227].

A cultura pós-moderna exacerba o individualismo. Como? Diversificando as possibilidades de escolha, dissolvendo as referências, minando os sentidos únicos e os valores superiores da modernidade, modelando uma cultura por medida. Por outras palavras, uma cultura que permite que cada um se emancipe dos valores outrora tidos como revolucionários e universais.

Com a passagem à sociedade pós moderna, o individualismo limitado dá lugar a um individualismo total, ou seja, a uma forma de individualidade dominada por um narcisismo exacerbado. Que o mesmo é dizer, uma forma de individualidade centrada sobre a própria "realização emocional, ávida de juventude, de desportos, de

---

[226] Gilles Lipovetsky, *A era do vazio – Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*, op. cit., p. 10.

[227] Gilles Lipovetsky, *A era do vazio – Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*, op. cit., p. 12.

"A cultura pós-moderna representa o pólo «superestrutural» de uma sociedade que sai de um tipo de organização uniforme, dirigista, e que, para o fazer, mistura os últimos valores modernos, reabilita o passado e a tradição, revaloriza o local e a vida simples, dissemina os critérios da verdade e da arte, legitima a afirmação da identidade pessoal de acordo com os valores de uma sociedade personalizada onde o que importa é que o indivíduo seja ele próprio, e onde tudo e todos têm direito de cidade e a serem socialmente reconhecidos, sendo que nada deve doravante impor-se imperativa e duradouramente, e todas as opções, todos os níveis, podem coabitar sem contracção nem relegação".

ritmo, menos empenhada em triunfar na vida do que em realizar-se de modo contínuo na esfera íntima”[228].

Como muitos sociólogos assinalaram, também Lipovetsky sublinha que o fenómeno social hoje mais decisivo já não é pertença e o antagonismo de classe, mas a pulverização do social. Diz este autor que os desejos individualistas nos esclarecem actualmente mais do que os interesses de classe, que a privatização é mais reveladora do que as relações de produção, que o hedonismo e o psicologismo se tornaram mais importantes de que os programas e formas de acção colectivos. Ligada à transformação dos estilos de vida, induzida pela revolução do consumo, a manifestação mais recente da ideologia individualista traduz-se por um exacerbamento, sem precedentes, dos desejos e dos direitos do indivíduo. Viver livre e sem coacção, escolher sem restrições o seu modo de existência passa a ser o facto social e cultural mais significativo do nosso tempo.

O ideal moderno da subordinação do individual às regras racionais colectivas tem vindo a ser pulverizado e substituído por valores hedonistas, pelo culto do respeito pelas diferenças, da libertação pessoal, da descontracção, do psicologismo, da expressão livre. A lógica da vida política, produtiva, moral, escolar, que consistia em mergulhar o indivíduo numa rede de regras uniformes vem cedendo lugar a um processo de personalização que não cessa de promover a realização pessoal e o respeito pela singularidade subjectiva como valor fundamental.

À sociedade moderna alicerçada na ruptura contra os particularismos e as tradições, em nome da razão e do universal, e crente no progresso sustentado pela ciência e pela técnica, sucede a “sociedade pós-moderna em que reina a indiferença de massa, em que domina o sentimento de saciedade e de estagnação, em que a autonomia privada é óbvia, em que o novo é acolhido do mesmo modo que o antigo, em que a inovação se banalizou, em que o futuro deixou de ser assimilado a um progresso inelutável”[229]. Na sociedade pós-moderna, observa Lipovetsky, já nenhuma ideologia política é capaz de inflamar as multidões, já não há ídolos nem tabus, já não existe projecto histórico mobilizado. Doravante “é o vazio que nos governa, um vazio sem trágico nem apocalipse”[230].

Não se pense, entretanto, que essa prevalência da esfera privada sobre a esfera colectiva, que deu lugar ao narcisismo, significa, observa Lipovetsky, um total descomprometimento político. Representa, isso sim, uma descrispação dos temas

---

[228] Gilles Lipovetsky, *A era do vazio – Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*, op. cit.,pág. 13.
[229] Gilles Lipovetsky, *A era do vazio – Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*, op.cit., pág. 11.
[230] Gilles Lipovetsky, *A era do vazio – Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*, op. cit., pág. 11.

políticos e ideológicos e um concomitante sobre-investimento nas questões subjectivas[231]. Significa sobretudo que as questões decisivas da vida colectiva conhecem o mesmo destino que os êxitos dos tops. Ou seja, desmoronam-se, deslizam e apagam-se numa indiferença descontraída. O que mais profundamente caracteriza o individualismo não é a inteira desconexão do indivíduo da sociedade mas a instabilidade e a volatilidade, assim como a redução da carga emocional investida no espaço público ou nas esferas transcendentes.

Do mesmo modo que o narcisismo não pode ser assimilado a uma despolitização estrita, também não deve ser visto como um absoluto fechamento sobre si próprio. Na realidade, é inseparável de uma atracção particular pelo relacional, como o atesta a proliferação das associações, dos grupos de assistência e do auxílio mútuo. O individualismo não reside propriamente numa independência associal, mas nas ligações e conexões com colectivos de interesses miniaturizados, hiperespecializados: grupos de viúvos, de pais de filhos homossexuais, de alcoólicos, de gagos, de mães lésbicas, de bulímicos"[232]. Solidariedade de micro-grupo, participação e animação benévola, «redes situacionais», nenhum destes fenómenos contradiz a hipótese do narcisismo. Pelo contrário, confirmam a tendência para a sua consolidação.

O aspecto mais notável do narcisismo é, por um lado, a retracção dos objectivos universais e, por outro lado, o desejo das pessoas se encontrarem com outras parecidas, com seres que partilham as mesmas preocupações imediatas e circunscritas. Os indivíduos reúnem-se porque são semelhantes, porque se encontram directamente sensibilizados pelos mesmos objectivos existenciais[233]. O narcisismo da época pós moderna caracteriza-se pela necessidade de pertencer a grupos de seres "idênticos", que além de tornarem o indivíduo útil e lhe permitirem a exigência de novos direitos, o libertam e contribuem para a resolução dos seus problemas íntimos através do "contacto", do "vivido", do discurso na primeira pessoa. Exemplo desse movimento em busca da realização subjectiva é a vida associativa.

Todavia, este processo de personalização constitui, em si mesmo, uma procura paradoxal, na precisa medida em que a solicitação da subjectividade é feita num contexto anónimo e vazio pelo facto de ninguém se interessar pela sua expressão, a não ser o próprio. Expressão a todo o custo, primado do acto de comunicação sobre a natureza do que é comunicado, indiferença pelos conteúdos,

---

[231] Gilles Lipovetsky, *A era do vazio – Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*,,op. cit.,pág. 14 "*Windsurf, skate*, asa delta, a sociedade pós-moderna é a época do *deslizar*, imagem desportiva que ilustra de perto um tempo em que a *res publica* já não tem qualquer elo sólido, qualquer ponto de ancoragem emocional estável".

[232]Gilles Lipovetsky, *A era do vazio – Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*,,op. cit.,,pág. 14 a15

[233]Gilles Lipovetsky, *A era do vazio – Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*,,op. cit.,,pág. Pág. 15

reabsorção lúdica do sentido, comunicação sem finalidade nem público, emissor tornado o seu principal receptor, tudo isso caracteriza o narcisismo[234].

Por todo o lado, continua Lipovetsky, a coerção é substituída pela comunicação, o interdito pela fruição, por toda a parte se tende a instituir um clima de proximidade, de ritmo e de solicitude liberta do registo da lei. A sedução deixou de se circunscrever às relações interpessoais e tornou-se o processo geral que tende a regular o consumo, as organizações, a informação, a educação, os costumes. Toda a vida das sociedades contemporâneas é doravante governada por uma nova estratégia que destrona o primado das relações de produção em proveito de uma apoteose das relações de sedução[235].

A pluralidade de estratégias de sedução que sustentam a expansão do consumo instala um modo de socialização dos indivíduos segundo uma lógica de personalização liberta de imperativos categóricos, de rigidez e de estandardização. O culto da espontaneidade estimula o indivíduo a ser «mais» ele próprio, a «sentir», a analisar-se, a libertar-se dos papéis e «complexos». A educação, de autoritária que era, tornou-se altamente permissiva, atenta aos desejos das crianças e dos adolescentes, enquanto que, por todos os lados, a vaga hedonista desculpabiliza o tempo livre, encoraja cada um a realizar-se sem constrangimentos e a aumentar os seus ócios[236].

---

[234] Gilles Lipovetsky, *A era do vazio – Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*, op. cit., pág. 16 "Daí essa plétora de espectáculos, de exposições, de entrevistas, de declarações totalmente insignificantes e que já nem sequer visam obter um efeito de «ambiente»; é outra coisa que está em jogo, a possibilidade e o desejo de expressão, seja qual for a natureza da «mensagem», o direito e o prazer narcísico do indivíduo que se exprime para nada, para si apenas, mas veiculado e amplificado por um *medium*. Comunicar por comunicar, exprimir-se sem outro objectivo além do de se exprimir e ser registado por um micro público, o narcisismo revela aqui como noutros lugares a sua conivência com a dessubstancialização pós-moderna, com a lógica do vazio".

[235]Gilles Lipovetsky, *A era do vazio – Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*, op. cit., pág. 19. "Mesmo no mundo do trabalho, o processo de personalização começa a reordenar, muito timidamente ainda, a ordem da produção. Apesar da resistência mais tenaz que este opõe à lógica da sedução, a tendência para a personalização também aqui se manifesta Riesman já a observava, mostrando como a cordialidade imposta, a personalização das relações de trabalho e dos serviços se substituíam pouco a pouco ao enquadramento funcional e mecânico da disciplina. Mais ainda, assistimos à multiplicação dos técnicos da comunicação e dos psicoterapeutas de empresa. Abatem-se as paredes que separam os escritórios, o trabalho é feito em espaços abertos; a concentração e a participação são solicitadas por todos os lados. Fazem-se aqui e ali tentativas, muitas vezes apenas a título experimental, de humanização e de reorganização do trabalho manual: alargamento das tarefas, grupos autónomos de trabalho. A futura tecnologia electrónica, o número crescente de empregos de informação permitem imaginar alguns cenários futuros: desconcentração das empresas, desenvolvimento do trabalho a domicílio. Já hoje assistimos à flexibilização do tempo de trabalho: horários móveis ou à escolha, trabalho intermitente. Para além das características específicas destes dispositivos, desenha-se uma mesma tendência, que define o processo de personalização: reduzir a rigidez das organizações, substituir os modelos uniformes e pesados por dispositivos flexíveis, privilegiar a comunicação em relação à coerção".

[236]Gilles Lipovetsky, *A era do vazio – Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*, op. cit., p. 21.
"A sedução repercute-se na linguagem. Já não há surdos, cegos, coxos; estamos no tempo dos que ouvem mal, dos invisuais, dos deficientes; os velhos tornaram-se pessoas da terceira ou da quarta idade; as criadas, empregadas domésticas; os proletários, parceiros sociais; as mães solteiras, mães celibatárias. Os cábulas são crianças com problemas ou casos sociais, o aborto é uma interrupção

Mas, diz Lipovetsky, a sedução nada tem a ver com a representação falsa e com a alienação das consciências. Longe de ser um agente de mistificação e de passividade, a sedução deve ser entendida como a *destruição cool* do social através de um processo de isolamento, que já não surge administrado pela força bruta, mas através do hedonismo, da informação e da responsabilização. A apatia não é uma ausência de socialização, mas uma nova socialização flexível e «económica». Baseando-se na organização incessante de combinações inéditas, o capitalismo descobre na indiferença uma condição ideal para a sua experimentação, que pode agora realizar-se com o mínimo de resistência. Todos os dispositivos se tornam possíveis num tempo mínimo, a inconstância e a inovação capitalistas já não defrontam com as adesões e fidelidades tradicionais, as combinações fazem-se e desfazem-se cada vez mais depressa[237]. O homem indiferente não se apega a nada, não tem uma certeza absoluta, está preparado para tudo e as suas opiniões são susceptíveis de modificações rápidas.

A despolitização e a dessindicalização ganham proporções nunca antes atingidas, a esperança revolucionária e a contestação estudantil desapareceram, a contra-cultura esgota-se, raras são as causas ainda capazes de galvanizarem a longo prazo as energias. A *res publica* encontra-se desvitalizada, as grandes questões «filosóficas», económicas, políticas ou militares suscitam mais ou menos a mesma curiosidade desenvolta do que um qualquer *fait divers*; todos os «cumes» se abatem pouco a pouco, arrastados pela vasta operação de neutralização e banalização sociais. Só a esfera privada parece sair vitoriosa desta vaga de apatia; zelar pela própria saúde, preservar a sua situação material, perder os «complexos», esperar que

---

voluntária da gravidez. Até os analisados são analisandos. Tudo o que exibe uma conotação de inferioridade, de deformidade, de passividade, de agressividade, deve desaparecer em proveito de uma linguagem diáfana, neutra e objectiva – tal é o último estádio das sociedades individualistas".

[237] Gilles Lipovetsky, *A era do vazio – Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*, op. cit., pág. 42. "Porque é que um sistema cujo funcionamento exige a indiferença se esforça continuamente por conseguir participação, educação, interesse? Contradição do sistema? Muito mais do que isso, simulacro de contradição na medida em que são precisamente as mesmas organizações que produzem a apatia de massa que apelam à participação. Quanto mais os políticos se explicam e exibem na televisão, mais toda a gente se está marimbando, quanto mais comunicados os sindicatos distribuem, menos lidos são, quanto mais os professores se esforçam por fazer com que os alunos leiam, mais estes deixam de lado os livros. … compreende-se porque é que o sistema reproduz numa escala alargada os aparelhos de sentido e de responsabilização cuja tarefa consiste em produzir um empenhamento vazio: pensem o que quiserem da televisão, mas tenham-na ligada; votem em nós; paguem as quotas; cumpram a palavra de ordem de greve; partidos e sindicatos não exigem mais do que esta «responsabilidade» indiferente o narcisismo designa a emergência de um perfil inédito do indivíduo nas relações consigo próprio e com o seu corpo, com outrém, com o mundo e com o tempo, no momento em que o «capitalismo» autoritário dá a vez a um capitalismo hedonista e permissivo. A idade de ouro do individualismo, concorrencial ao nível económico, sentimental ao nível doméstico, revolucionário ao nível político e artístico, chega ao fim; afirma-se um individualismo puro, desembaraçado dos últimos valores sociais e morais que coexistiam ainda com o reinado glorioso do *homo aeconomicus*, da família, da revolução e da arte; emancipada de qualquer enquadramento transcendente, a própria esfera privada muda de sentido, entregue como está apenas aos desejos em transformação dos indivíduos. Se a modernidade se identifica com o espírito de empresa, com a esperança futurista, é claro que o narcisismo inaugura, pela sua indiferença histórica a pós-modernidade, a última fase do *homo aequalis*."

cheguem as férias: viver sem ideal e sem fim transcendente tornou-se possível. … sob muitos aspectos, esta fórmula traduz o novo espírito do tempo, este neo-narcisismo que nasce da deserção do político. Fim do *homo politicus* e advento do *homo psychologicus*.

Viver no presente, apenas no presente e não já em função do passado e do futuro é o que caracteriza e engendra a sociedade narcísica, uma sociedade onde viver para si próprio, sem qualquer preocupação com as tradições nem com a nossa posteridade. Uma sociedade em que o sentido histórico sofre a mesma deserção que os valores e as instituições sociais.

Para que o deserto social seja viável, o *Eu* deve tornar-se a preocupação central. O narcisismo, nova tecnologia de controlo flexível e autogerido, socializa, dessocializando, põe os indivíduos de acordo com um social pulverizado, glorifica a plena realização do *Ego* puro. Mas, todavia, quanto mais o *Eu* é objecto de atenção e de interpretação, mais a incerteza e a interrogação crescem. O neo-narcisismo não se contentou em neutralizar o universo social, esvaziando as instituições dos seus investimentos emocionais, corroeu o *Eu*.

Tal como o espaço público se esvazia emocionalmente por excesso de informações, de solicitações e de animações, também o *Eu* se tornou um "conjunto frouxo", se dissolveu por força da nova ética permissiva e hedonista. O esforço deixou de estar na moda, tudo o que possa significar coerção ou disciplina austera é desvalorizado em proveito do culto do desejo e da sua realização imediata. A cultura da expressão e a ideologia do bem-estar estimulam a dispersão em detrimento da concentração, o temporário em vez do voluntário, o aniquilamento dos sistemas psíquicos organizados e sintéticos em favor da fragmentação[238]. Desde há vinte e cinco ou trinta anos, são as desordens de tipo narcísico que constituem a maior parte das perturbações psíquicas tratadas pelos terapeutas, enquanto as neuroses «clássicas» do século XIX, histerias, fobias, obsessões, a partir das quais a psicanálise se constituiu, deixaram de representar a forma predominante dos sintomas. As perturbações narcísicas apresentam-se sob a forma de "perturbações caracteriais" cujo traço mais característico remete para um mal-estar difuso e invasor, para um sentimento de vazio interior e de absurdo da vida, para uma incapacidade de sentir as coisas e os seres.

---

[238] Gilles Lipovetsky, *A era do vazio – Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*,,op. cit.,pág. 56 "A falta de atenção dos alunos, de que todos os professores hoje se queixam, não é senão uma das formas desta nova consciência *cool* e desenvolta, ponto por ponto análoga à consciência telespectadora, captada por tudo e por nada, ao mesmo tempo excitada e indiferente, sobressaltada pelas informações, consciência opcional, disseminada, nos antípodas da consciência voluntária, «intro-determinada».

Ter relações interindividuais sem ligação profunda, não se sentir vulnerável, desenvolver a sua própria independência afectiva, viver sozinho, tal seria o perfil de Narciso. O medo de sofrer decepções, das paixões incontroladas, traduz um processo subjectivo de “fuga diante do sentimento”, processo este patente, aliás, na separação que todas as ideologias “progressistas” pretendem estabelecer entre o sexo e o sentimento. Quando se prega o *cool sex* e as relações livres, quando se condenam o ciúme e a possessividade, trata-se de facto de climatizar o sexo, de o expurgar de toda a tensão emocional e de conseguir assim um estado de indiferença, de desprendimento, não só a fim de o indivíduo se proteger contra as decepções amorosas mas também contra os seus próprios impulsos, que podem sempre ameaçar o seu equilíbrio interior. A libertação sexual, o feminismo, a pornografia trabalham para o mesmo fim que consiste em erguer barreiras contra as emoções e manter afastadas as intensidades afectivas. Fim da cultura sentimental e emergência de uma cultura cool onde cada um vive no seu *bunker* de indiferença, ao abrigo das paixões e da dos outros.

A sentimentalidade sofreu o mesmo destino que a morte, tornando-se, tal como ela, embaraçosa. É incómodo exibir os próprios afectos, declarar ardentemente o fogo íntimo, chorar, manifestar com demasiada ênfase os impulsos internos. O pudor sentimental é exigido por um princípio de economia e de sobriedade constitutivo do processo de personalização. Deste modo, é menos a fuga perante o sentimento que caracteriza o nosso tempo do que a fuga perante os *signos* da sentimentalidade. Não é verdade que os indivíduos procurem um desprendimento emocional e se protejam contra a irrupção do sentimento. A proliferação de clubes de encontros, de “pequenos anúncios”, das “redes” de comunicação que alimentam a esperança de encontros, de ligações, de amor, é a evidência de quanto a procura subjectiva de relações intensas não esmoreceu, apesar de, cada vez mais, esbarrar com enormes dificuldades de concretização. Homens e mulheres continuam a aspirar tanto como antes (ou talvez nunca tenha havido até tanta procura afectiva como nesta época de deserção generalizada) à intensidade emocional de relações privilegiadas, mas quanto mais forte é a expectativa mais raro parece tornar-se o milagre fusional, ou, em todo o caso, mais breve.

Quanto mais a cidade desenvolve as possibilidades de encontros, mais sós se sentem os indivíduos, quanto mais livres e emancipadas das coacções antigas as relações se tornam, mais rara é a possibilidade de conhecer uma relação intensa. Por toda a parte encontramos a solidão, o vazio, a dificuldade de sentir, de ser transportado para *fora de si*, donde uma fuga para a frente, procurando uma “experiência” emocional forte. “Porque não posso amar e vibrar? Desolação de

Narciso, demasiado bem programado na sua absorção em si próprio para poder ser afectado pelo Outro, para sair de si – e, no entanto, insuficientemente programado, pois que deseja ainda um mundo relacional afectivo"[239].

O neo-narcisimo define-se pela desunificação, pela fragmentação da personalidade, a sua lei é a coexistência dos contrários. *Cool* nas suas maneiras de ser e de fazer, liberto da culpabilidade moral, o indivíduo narcísico é, no entanto, propenso à angústia e à ansiedade, gestor da sua saúde, constantemente preocupado com ela, e arriscando a vida nas auto-estradas e nas montanhas.

As análises precedentes dão conta de uma evolução complexa que, atingindo todos os domínios da vida social, concorre para a generalização dos mecanismos de vulnerabilização da vida social e individual, expondo todos os sujeitos sociais, em geral, a rupturas e fragilidades peculiares. Uma delas, tal como assinala Lipovetsky, é a que remete para a dissipação das causas colectivas universais, para o esfumar das utopias congregadoras de sonhos e de ideais que ajudem a relativizar as frustrações, que animem e enriqueçam a existência, que confiram uma dimensão de transcendência à criação humana, arrancando-a à trivialidade.

Todavia, há que assinalar que essa pluralidade de mudanças que mais recentemente têm enfraquecido o *laço de cidadania* está longe de se repercutir indiferenciadamente sobre todos os cidadãos, independentemente dos recursos por estes detidos. O laço de cidadania que outrora foi gerador de valores comuns e ajudou a superar clivagens, oposições e rivalidades[240], enfim, do laço que havia permitido fazer recuar a pobreza e unir os indivíduos em torno de um grande projecto nacional está hoje fragilizado nos seus fundamentos. As grandes instituições de socialização, como a família, a escola, o mercado de trabalho, as organizações sindicais, o sistema de justiça, o próprio Estado, perderam grande parte do seu potencial para gerar a integração e a coesão sociais.

Ora, a história dos jovens que seleccionamos para o nosso estudo de caso é bem a evidência de uma acumulação de rupturas que constrangem a existência desde as fases mais precoces da vida. A vida familiar devastada pela

---

[239] Gilles Lipovetsky, A era do vazio – Ensaio sobre o individualismo contemporâneo, op. cit., pág. 60

[240] Serge Paugam, *Le Lien Social*, op. cit., p. 75. "Nas sociedades democráticas os direitos dos cidadãos conheceram um desenvolvimento peculiar, podendo identificar-se três gerações sucessivas: a dos *direitos civis* que protegem o indivíduo no exercício das suas liberdades fundamentais, nomeadamente face aos empreendimentos considerados ilegítimos pelo Estado; a da afirmação dos *direitos políticos* que lhe asseguram uma participação na vida pública; e, finalmente, a dos *direitos sociais* que lhe garantem uma certa protecção face aos azares da vida. Nas sociedades em que o Estado Providência mais se desenvolveu, a organização da educação, da protecção no trabalho, dos socorros aos mais infelizes encontrou a sua justificação e legitimidade no reconhecimento de que só pode ser cidadão quem possuir a capacidade de ser autónomo. O laço de cidadania assenta, pois, sobre uma concepção exigente dos direitos e dos deveres do indivíduo".

incapacidade ou impreparação dos adultos, quer para assegurar a satisfação das necessidades materiais, quer para assumir a função protectora e socializadora dos jovens, é, a nosso ver, uma realidade que decorre da insipiência das políticas de família, de educação, de redistribuição, de emprego. Como é visível nas narrativas dos próprios jovens, muitos dos direitos considerados essenciais nas sociedades mais desenvolvidas não estão ao seu alcance.

Os pilares do contrato social que sustentou os regimes social democratas, designadamente a ideia de que a justiça só pode existir entre os homens se estes se tornarem associados solidários, a perspectiva de que os riscos devem ser socializados e as desigualdades sociais esbatidas, foram abandonados em favor do mercado. Não serão, precisamente, estes jovens, aqueles sobre quem mais gravosamente recai a paulatina destruição do Estado Providência e a ideologia da responsabilidade individual? Não será a pobreza que constrange a vida das suas famílias o reflexo de políticas que esquecem que os indivíduos só podem tornar-se responsáveis se lhes forem asseguradas as possibilidades reais de exercerem a sua liberdade, que o mesmo é dizer, se o princípio da igualdade de oportunidades for efectivamente respeitado. Se analisarmos o funcionamento do sistema de ensino nesta perspectiva da criação de uma igualdade de oportunidades, não é difícil demonstrar que este princípio é pouco respeitado. A escola não consegue apagar o peso da socialização familiar sobre os desempenhos escolares, assim como não consegue evitar a desunião entre os alunos. Na realidade, uma parte dos fracassos na criação da igualdade de oportunidades pode ser atribuída ao funcionamento da escola. A adopção do princípio da igualdade escolar exigiria que se assumisse que a liberdade individual só pode ser alcançada na condição de a cada um serem oferecidas reais possibilidades de a exercer plenamente. Em vez de incriminar os mais fracos, tornando-os responsáveis pela sua sorte, será necessário colocar a questão do lugar dos mais desfavorecidos no sistema social. Será normal que os menos qualificados sejam também os menos protegidos em termos de apoio social? Será normal que as crianças dos meios desfavorecidos sejam condenadas a fracassar no sistema escolar sem ter tido a oportunidade de adquirir as bases necessárias à sua integração social? Será normal que os menos qualificados tenham menos acesso à formação contínua que os mais qualificados?

A contradição entre a igualdade formal dos indivíduos e a força das desigualdades da vida económica e social não pode ser facilmente resolvida. O mundo do trabalho está hoje confrontado, como vimos, com a tendência bastante geral para a

individualização e o acréscimo de novas formas de sofrimento, as quais se sobrepõem a um risco acrescido de insegurança do emprego. O compromisso fordista dos trinta gloriosos anos permitiu conciliar eficácia económica e solidariedade social. O que é feito dele nos dias de hoje?

Mas, para compreender o que confere o carácter de uma engrenagem viciosa à vida dos jovens cujas histórias procuramos construir interessa ainda atentar que a transformação global das sociedades se caracteriza não somente por uma transformação do laço social, mas também por uma redefinição progressiva da relação entre os diferentes tipos de laços sociais[241].

Serge Paugam[242] refere que se podem hoje distinguir dois tipos de rupturas cumulativas: a *aprendizagem insucedida* e a *degradação estatutária*[243]. O primeiro tipo de ruptura remete para os casos dos indivíduos que, desde a sua infância, conheceram numerosas dificuldades ligadas à pobreza ou às carências do

---

[241] Cfr, Serge Paugam, *Le Lien Social*, op.cit., pág. 89

**A ruptura dos laços sociais**

| | Défice de protecção | Défice de reconhecimento |
|---|---|---|
| Laço de filiação | Impossibilidade de contar com os pais ou com os filhos em caso de dificuldade | Abandono, maus - tratos, rejeição, sentimento de não poder contar com os seus pais ou com os seus filhos |
| Laço de participação electiva | Isolamento relacional | Rejeição do grupo de pares. Traição, abandono |
| Laço de participação orgânica | Laço ocasional com o mercado de trabalho. Desemprego de longa duração, entrada numa carreira de assistido | Humilhação social, Identidade negativa, sentimento de ser inútil |
| Laço de cidadania | Afastamento dos circuítos administrativos; incerteza jurídica; vulnerabilidade por relação às instituições; ausência de papéis de identidade; exílio forçado | Descriminação jurídica; não-reconhecimento de direitos civis, políticos e sociais; apatia política |

[242] Serge Paugam, *Le Lien Social*, op. cit., pág. 94
[243] Serge Paugam, *Le Lien Soci*al, op. cit., pág. 94 e seguintes
"*A degradação estatutária* ocorre em indivíduos habitualmente protegidos de todas as adversidades da vida, quer pelo seu estatuto social, quer pelo seu nível de vida e pelo tecido das suas relações sociais. Apesar disso, podem conhecer a experiência de uma degradação estatutária que leva a perder sucessivamente tudo o que fazia com que fossem seres socialmente distintos. Nos anos 80, os serviços sociais e as associações caritativas começaram a ser procuradas por quadros que conheceram sucessivamente a perda do seu emprego, uma ruptura afectiva e uma crise identitária. Considerado como uma das causas maiores da degradação do laço social, o desemprego foi frequentemente estudado como um processo de acumulação progressiva de handicaps e de rupturas. As investigações colocaram a tónica na degradação do nível de vida, mas também sobre o enfraquecimento da vida social e a marginalização por relação aos outros trabalhadores. Inquéritos realizados mostraram que o desemprego contribui para enfraquecer a intensidade das trocas sociais".

seu meio familiar e social e para os quais a vida não foi senão uma sucessão de rupturas. O segundo corresponde, ao contrário, a casos de homens e de mulheres que num dado momento da sua vida experimentaram situações que os precipitaram numa espiral de fracassos e de ruptura dos laços sociais.

As histórias de vida de que aqui damos conta parecem evidenciar a situação que o autor acima citado designa por *aprendizagem insucedida*. As rupturas típicas deste caso remetem quer para as condições sociais e culturais da socialização da criança, quer para as questões relativas à vinculação entre a criança e os seus pais, nomeadamente à sua mãe. Embora focando aspectos diferentes, as abordagens psicológica e sociológica concordam que as relações familiares assumem um papel primordial na constituição da personalidade da criança e na aprendizagem das normas e das exigências da vida social. Os psicólogos procuram pôr em evidência as correlações entre o desenvolvimento da criança e o seu meio familiar. Os sociólogos[244] confirmam a influência determinante do meio familiar, evidenciando a insegurança da criança do subproletariado num meio que lhe é adverso. Ao longo da escolaridade, as desigualdades não param de aumentar. A instituição escolar revela-se praticamente impotente para regular as perturbações das crianças e adolescentes originários de meios sociais desfavorecidos. A precariedade económica engendra uma desorganização familiar e predispõe as crianças para vivenciar uma escolaridade difícil. É assim que a ruptura escolar se prepara desde os primeiros anos de escolaridade. As crianças com insucesso escolar conhecerão, quase inelutavelmente, o fracasso no mercado de trabalho. Confrontar-se-ão com toda a precariedade. Tais dificuldades têm também uma repercussão na saúde psicológica de quem as vivencia: sentimento de não ser útil, de não se sentir bem na sua pele e de ser rejeitado ou desvalorizado, angústia e incapacidade de se concentrar, perda do sono, sentimento de estar constantemente sob pressão e incapacidade para enfrentar e ultrapassar dificuldades, olhar as coisas sob uma perspectiva positiva e ter confiança em si.

---

[244]Serge Paugam, *Le Lien Social*, op.cit., pág. 95 "Jean Labbens estudou nos anos 1960 a condição de subproletarido dos bairros de realojamento da região parisiense, ele sublinhou que, para 90% das famílias realojadas e 80% dos indivíduos, a pobreza não corresponde a um «acidente», mas a uma herança. Muitos deles vinham da Assistência Pública, numerosos outros tinham vivido em habitações degradadas e num clima de insegurança, confrontados desde muito jovens com a violência e o alcoolismo dos seus pais. O inquérito possibilitou-lhe ainda observar de modo minucioso como as crianças destes alojamentos pobres se comportavam na escola. Graças aos sociogramas que permitiram caracterizar a intensidade e a qualidade das relações entre os alunos, ele pode sublinhar a marginalização das crianças destes bairros por relação às outras crianças. Ele concluiu: - Uma criança que é marginal na escola vê acrescidas as dificuldades que já antes tinha para adquiri os conhecimentos necessários ao seu futuro, mas ainda ele apreende mal o seu papel no grupo; é pois duplamente mal preparada, por falta de instrução e por fragilidade da sua sociabilidade, para tarefas de adulto".

## III – DAS MODALIDADES DE TRATAMENTO: MODELO PORTAGE

Ao longo das três últimas décadas tem-se assistido a uma diversificação de iniciativas do Estado na área das toxicodependências, patente na multiplicidade de projectos que envolvem instituições públicas e privadas (Instituto de Reinserção Social, Hospitais, Centros de Saúde, Clínicas, Autarquias, Estabelecimentos de Ensino, Instituições Particulares de Solidariedade Social...) e se definem como prioritariamente orientados quer para provocar mudanças de comportamento e aquisição de novos valores, quer para a redução de riscos e de danos, e, ainda, para o tratamento e reinserção de adolescentes dependentes de substâncias psicotrópicas.

Pretende-se, com tal multiplicidade de iniciativas, enfrentar os vários tipos de problemas decorrentes da imparável expansão dos consumos de substâncias psicotrópicas, inclusive por indivíduos cada vez mais novos. Simultaneamente, são realizadas alterações legislativas que consagram a superação da perspectiva que associa o consumo a comportamento desviante por uma outra que interpreta tais práticas como indício de doença. Assim se evolui de uma perspectiva criminalizante e punitiva para uma visão teoricamente mais interessada no tratamento tendo em vista a recuperação da capacidade de viver uma vida livre de drogas.

O direito de ter acesso ao tratamento passa a ser reconhecido na própria legislação, cabendo ao Ministério da Saúde a responsabilidade de disponibilizar recursos para tratar ou internar os indivíduos em instituições adequadas. Teoricamente, as Políticas Sociais mais recentes expressam, nos textos oficiais, a intenção de potenciar a igualdade de oportunidades no acesso aos meios de tratamento requeridos para inverter trajectos de vida marginais, remetam eles para a criação de estruturas organizacionais capacitadas para se constituírem em contextos de ressocialização ou para programas de acção assentes na concertação interinstitucional.

Reportando-nos à política de reinserção social especificamente dirigida aos adolescentes, procuraremos analisar a intervenção desenvolvida no âmbito de uma comunidade terapêutica do sector privado. Interessa-nos reflectir acerca da (in)adequação deste tipo de estrutura aos problemas e necessidades específicos dos adolescentes, particularmente dos que são originários das fracções inferiores das classes populares. Adolescentes cujas vidas, já reportadas em pontos anteriores, foram marcadas por fortíssimos constrangimentos que os impediram de obter recursos essenciais para acederem à inclusão social e à conquista de um sentido para a vida.

Vejamos, então, como o tratamento dos adolescentes dependentes de droga e álcool é perspectivado na comunidade terapêutica onde encontramos os "nossos" jovens.

Os seus princípios orientadores fundamentais remetem para a abstinência, a modelagem do comportamento, e, finalmente, para a reestruturação dos grupos primários, designadamente a família e o grupo de companheiros.

## Capítulo 8 - ABORDAGEM TERAPÊUTICA DA CLÍNICA DO OUTEIRO

A Clínica do Outeiro prossegue um programa de tratamento das toxicodependências[245] orientado para a promoção do crescimento pessoal, considerado como um processo resultante de três aquisições fundamentais: conhecimento de si próprio, tendo em conta o tempo passado, presente e futuro; obtenção da maturidade a partir do exercício de uma liberdade responsável. O indivíduo terá de aceitar uma mudança no seu *estilo de vida* e reaprender valores éticos e morais; aquisição da capacidade de tomar decisões e desenvolver o *locus de controlo interno.*

No espaço da Comunidade Terapêutica, ao indivíduo é progressivamente conferida a capacidade de escolha entre várias opções, responsabilizando-o pela(s) respectiva(s) consequência(s) que daí derivam. Os princípios orientadores da intervenção apoiam-se na ideia de que só é capaz de lidar adequadamente com as rotinas da vida diária, o indivíduo que haja interiorizado valores, critérios, regras, que haja, enfim, adquirido um quadro de referência. Os residentes da Comunidade Terapêutica deverão optar livremente por aderir ao processo terapêutico, podendo abandonar o tratamento em qualquer momento.

Um dos mais importantes instrumentos terapêuticos é a interajuda, que se operacionaliza com recurso à confrontação, uma estratégia a que se recorre com o objectivo de pôr em causa os erros e distorções cognitivas que levam o toxicodependente a prosseguir a sua auto-destruição. Através desta metodologia de intervenção, procura-se, de forma continuada, manter o indivíduo em contacto com a sua realidade. O confronto entre o real e a fantasia é o meio que se considera apropriado para induzir a necessidade de mudança, uma vez que esta não ocorrerá se sobre o indivíduo não for exercida pressão nesse sentido. Os seus pares e os

[245] Manuel de Freitas Gomes, Rui Morgado e Teresa Souto: "A Clínica do Outeiro e o seu programa para tratamento das Toxicodependências", 2001, publicação para o 10º Aniversário da Clínica do Outeiro.

monitores desempenham um papel fulcral neste processo de confronto entre a fantasia e a realidade.

O indivíduo tem ainda de aprender a “linguagem dos sentimentos”, isto é, tem que ser capaz de identificar o que sente e em que situações, os motivos que o levam a sentir desse modo, e, finalmente, saber lidar com o que sente.

O espaço terapêutico, propriamente dito, é criado através da interacção quotidiana entre toxicodependentes e profissionais, sendo que parte destes é formada por toxicodependentes em recuperação que fizeram o programa com êxito. A sua integração na equipa profissional é, desde logo, pertinente porque fornecem testemunhos consistentes sobre o que sentem e fazem os toxicodependentes. Por isso, são elementos preciosos para desmontar as fantasias que instalam o toxicodependente fora da realidade. Com o suporte de profissionais especializados é possível compreender, mais profundamente, de que forma o indivíduo se organiza no mundo das drogas.

Na Comunidade Terapêutica não existe a dicotomia “Nós/Eles”. Todos podem assumir qualquer função, sendo que o indivíduo poderá percorrer um caminho que se inicia com as tarefas mais simples e vai progredindo para a execução de tarefas de maior responsabilidade. A vida na Comunidade Terapêutica organiza-se através da participação de todos nas tarefas requeridas, tais como preparação de alimentos, limpeza dos jardins e dos espaços colectivos, limpeza dos quartos pessoais, tratamento das roupas, serviços de telefone e de recepção, responsabilidades na realização das actividades terapêuticas. Ao residente é delineado um trajecto que pressupõe a conquista gradual de cargos e de estatutos, tendo forçosamente que ocupar algumas das posições mais elevadas na hierarquia social da instituição para que o programa se considere completo. O resultado do desempenho é sempre avaliado, dando lugar a reforços positivos ou negativos que, em algumas situações, se expressam através de sanções que podem traduzir-se na regressão do estatuto e/ou demissão de um cargo.

Esta estrutura hierárquica permite que cada um saiba a quem se dirigir para resolver um problema e, além disso, confere responsabilidades a fim de que os residentes aprendam a dar e receber directrizes, treinando as competências necessárias ao exercício do poder e à aceitação da autoridade e responsabilizando-se pelo bem estar de si próprio e do colectivo.

Na base da *hierarquia* estão os ***novos membros*** cujas obrigações remetem para o cumprimento das regras da casa[246], para a compreensão das ferramentas da terapia[247] e dos objectivos dos grupos terapêuticos. O estatuto imediatamente superior é o dos ***membros responsáveis*** que executam tarefas com alguma responsabilidade, essencialmente de cariz mais físico e logístico. Poderão, também, ter a seu cargo um novo membro, ajudando-o a adaptar-se à comunidade, dando-lhe todo o apoio para que progrida na sua inserção e atinja os objectivos contratualizados semanalmente. Quando atingem o estatuto de membros responsáveis, os indivíduos possuem já algumas competências de mobilização das ferramentas terapêuticas, designadamente no que respeita à confrontação dos membros menos experientes com a sua própria vida e à assumpção de responsabilidades de liderança da equipa.

Com estatuto mais elevado, os ***middle peers*** assumem responsabilidades sobre os ***membros responsáveis***, pressionando-os para que atinjam os objectivos definidos. Devem ter a capacidade de partilhar a sua vida a fundo, devem ser um "*role model"* e constituir uma força positiva na casa. Deles espera-se que se envolvam nas decisões e actividades da comunidade, que tenham capacidade para confrontar e ser confrontados, compreender e aplicar os valores inerentes a uma verdadeira relação de amizade.

Subindo mais um degrau na hierarquia, temos os ***velhos membros*****,** responsáveis pelos ***middle peers*** e pelos ***novos membros***. Devem constituir um exemplo positivo, comportando-se de uma forma responsável e consistente em todos os aspectos; devem ter a capacidade de pensar sobre si próprios e expressar as suas ideias de uma forma clara e devem, também, ensinar e aplicar os valores que lhes foram transmitidos e trabalhar para um estilo de vida positivo. Espera-se deles que já tenham interiorizado a capacidade de questionar, propor e intervir junto dos monitores em prol de um melhor funcionamento da comunidade.

No topo da hierarquia surge o ***staff-aid***. Estes devem ser transparentes, ter a capacidade de coordenar as várias actividades da comunidade e tomar decisões, ter espírito de iniciativa, saber impor a autoridade e saber definir projectos para o futuro.

Os ***staff-aid***. constituem modelos "vicariantes" para os residentes em tratamento. Organizando e gerindo o funcionamento institucional e o programa de tratamento, quer no seu conjunto, quer individualmente, têm como funções liderar as reuniões e os grupos conforme indicação e de acordo com a coordenação da equipa técnica.

---

[246] Respeitar os horários da comunidade, respeitar cargos e estatutos, não exercer qualquer tipo de violência física ou verbal, não consumir qualquer tipo de droga, álcool ou medicamentos não prescritos e não estabelecer qualquer tipo de contacto físico ou sexual.

[247] Confrontação, partilha de sentimentos.

Todas as directrizes e decisões tomadas pelos monitores e/ou técnicos devem ser respeitadas e cumpridas, sendo que todos os cargos e estatutos estão imbuídos de algum grau de poder, de acordo com a posição na hierarquia.

No interior de cada estatuto poderão diferenciar-se vários cargos. Com excepção dos novos membros, todos os restantes estatutos são passíveis de receber um cargo que implicitamente traduz a evolução do indivíduo, em matéria de responsabilidade e autonomia no estatuto. Todos os cargos são atribuídos por nomeação do corpo terapêutico ou pelo monitor responsável com o conhecimento prévio dos restantes terapeutas. A finalidade de experimentar a vivência destes cargos é treinar responsabilidades, liderança, relação com o poder, gestão do tempo e saber lidar, designadamente, com as frustrações advindas da não adesão ou de incumprimentos ocasionais daqueles por quem se é responsável. O treino de todas estas competências, em comunidade, é uma aprendizagem essencial para que os indivíduos se possam inserir positivamente em contextos sociais reais, ajustando os seus interesses à organização social.

A comunidade terapêutica representa um contexto altamente estruturado em torno de limites ético-morais bem estabelecidos. Neste espaço, as pessoas trabalham conjuntamente, ajudando-se a si próprias na precisa medida em que ajudam os outros. A retirada do indivíduo da sociedade, para passar a viver num contexto protegido que cria a oportunidade de aprender a comportar-se de acordo com princípios, valores e regras, explícita e sistematicamente, trabalhadas e defendidas por todos, é considerada uma condição necessária para diminuir o risco e concentrar a atenção na problemática pessoal nuclear.

Para que o indivíduo tome progressivamente consciência da problemática da dependência é preciso que lhe seja facultada a possibilidade de exercitar um trabalho terapêutico a tempo inteiro. Viver num espaço fechado, numa nova família onde é possível experienciar a atenção, a compreensão e o suporte dos indivíduos que partilham vivências semelhantes constitui o elemento facilitador necessário para que o indivíduo tome uma consciência crescente da problemática da dependência e outras de índole pessoal adjacentes, para que aprenda, enfim, a expressar as experiências emocionais mais gratificantes e mais dolorosas. Neste mesmo espaço, os indivíduos aprendem a desenvolver a capacidade de dar expressão às suas competências e potencialidades, atributos que são transferíveis para um novo estilo de vida, mais feliz, mais produtivo e isento de drogas, aprendendo a retirar prazer de situações que resultam do esforço e da conquista, bem como a lidar com a frustração.

Os princípios reguladores da interacção na comunidade asseguram que o indivíduo possa experimentar novos valores e adequar os seus comportamentos sem medo de eventuais fracassos.

Para que a mudança intrapessoal aconteça não só é preciso que o próprio toxicodependente se empenhe nisso, mas, também, que lhe seja proporcionado um meio relacional organizado em torno da entreajuda. Entreajuda esta que se concretiza em quatro condições básicas e essenciais na comunidade terapêutica: o ***respeito pela dignidade*** da pessoa, reconhecendo a sua capacidade ou potencialidade para ultrapassar as próprias dificuldades, desde que para tal trabalhe; o recurso à ***modelagem*** através da contribuição de monitores que fizeram o seu próprio processo terapêutico. A sua integração na equipa terapêutica, funcionando como modelos de identificação, assegura a congruência do trabalho terapêutico, desde logo, porque identificam as estratégias de ocultação, recalcamento e fuga que estão subjacentes à dependência e que impedem o autoconhecimento. Sendo a partilha de história pessoal um elemento fundamental do tratamento, entende-se que todos os técnicos terão de ser ou indivíduos especializados na área ou ex-residentes devidamente treinados e qualificados para actuarem como modelos credíveis para os residentes; a ***empatia*** enquanto capacidade de compreender e aceitar o outro na sua singularidade, com base num adequado conhecimento da sua realidade e num esforço de "se colocar no seu mundo"; o ***pragmatismo*** que consiste em experimentar novos comportamentos que permitam acreditar na viabilidade de um estilo de vida positivo.

Esta Comunidade Terapêutica enuncia a sua intervenção como uma abordagem inovadora inspirada no modelo terapêutico "Le Portage"[248], uma abordagem isenta de drogas, de álcool e de medicamentos de substituição, que dá uma particular importância à auto-ajuda e à inter-ajuda e que aposta na criação de um

---

[248] Manuel de Freitas Gomes, Rui Morgado e Teresa Souto: "A Clínica do Outeiro e o seu programa para tratamento das Toxicodependências", op.cit. pág. 27. O modelo terapêutico da "Portage" comporta uma filosofia base na qual estão inseridos princípios fundamentais para a sua compreensão:

" Estou aqui à procura de mim mesmo. Confuso e com medo levei a minha vida na sombra das drogas. Rejeitei todos aqueles que se preocupavam comigo e me amavam. Tornei-me num estranho para a minha família. A culpa, a mentira e a dor eram os meus companheiros mais íntimos; as drogas e o álcool os meus amigos mais queridos.

Não pertencia a lado nenhum, nem a ninguém.

Sentia-me desesperadamente só.

Aqui, finalmente, encontrei verdadeiros amigos.

Não necessito mais de ser o gigante dos meus sonhos ou o anão dos meus medos. Posso ser genuíno e exprimir as minhas emoções. Os meus amigos são um espelho de mim mesmo. Aquilo que temos em comum aproxima-nos.

A determinação, o amor e a esperança que agora sinto tornaram-se razões para a minha vida.

Partirei mais consciente de mim mesmo e dos outros, confiante e atento para não mais viver na sombra da dependência".

ambiente de suporte semelhante a uma família, providenciando aos residentes um apoio constante desde a pré-admissão até à graduação.

A Portage procura criar um ambiente que permita aos indivíduos reflectirem sobre si próprios e aprenderem a lidar com os seus sentimentos, desenvolvendo um estilo de vida produtivo, auto-suficiente e responsável. Mais concretamente, trabalha para que o residente aprenda a pensar e a desencadear a mudança pessoal interna a partir das interpelações do referente externo.

A valorização da rotina, baseada numa autodisciplina rígida, impõe-se, desde logo, porque se concebe que a substituição dos comportamentos desadequados por outros mais adequados, requer um treino intensivo sem o qual não será possível interiorizar alternativas de comportamento.

De acordo com o modelo terapêutico definido, os objectivos a alcançar remetem para a aprendizagem de um sistema de valores dignos de respeito e confiança; para a prestação de auxílio aos indivíduos no sentido do seu ajustamento ao meio exterior; para o desenvolvimento de formas positivas de satisfação de necessidades, sem o recurso às drogas; para o desenvolvimento de um processo psico-educacional consonante com determinadas técnicas terapêuticas sustentadas em pressupostos teóricos de proveniências diversas, designadamente das teorias comportamentalista, da aprendizagem social e do cognitivismo.

### *8.1 Componente comportamentalista do programa Portage*

De acordo com o ***comportamentalismo***, a vida subjectiva do sujeito traduz-se em acontecimentos objectivos directamente observáveis. Admitindo-se que existe sempre uma correspondência entre actividade interna e os actos que o indivíduo expressa nos seus contextos de vida, é possível esclarecer as relações, funcionais ou disfuncionais, entre acontecimentos do meio externo e as respostas do sujeito. Um dos caminhos para desencadear um processo de avaliação e conceptualização comportamental é precisamente levar o sujeito a pensar essa relação, uma vez que desta reflexão decorrerá uma tomada de consciência do seu funcionamento interno.

Além desse pressuposto de que o comportamento se traduz por acções observáveis, logo objectivas, esta teoria comporta, ainda, a particularidade de atribuir ao determinismo externo um peso muito maior na estruturação interna do indivíduo do que às características inatas ou internas do organismo. Desta perspectiva decorre a ideia de que todo o comportamento, seja ele funcional ou disfuncional, pode ser

explicado com base em princípios e leis da aprendizagem. Ou seja, de que todo o comportamento pode ser regulado.

No âmbito de uma das variantes do comportamentalismo, a do *condicionamento clássico*[249], foi possível demonstrar que um estímulo inicialmente neutro adquire o poder de provocar uma resposta se for repetidamente associado com outro estímulo. Este modelo teórico postula que é possível, mediante o recurso aos processos e leis de aprendizagem, descondicionar condicionamentos previamente adquiridos, e, assim, tratar, por recurso às teorias da aprendizagem, várias perturbações do comportamento humano. Todo e qualquer outro comportamento, inclusive o disfuncional ou o neurótico, obedece às mesmas leis de aprendizagem e condicionamento.

Pensada a intervenção terapêutica à luz destes pressupostos teóricos, chegou-se à consagração de duas estratégias consideradas como adequadas para induzir a modificação comportamental: *inibição recíproca e contra-condicionamento*; *extinção ou habituação***,** em que se procura uma exposição repetida aos estímulos condicionados, na ausência do estímulo incondicionado[250].

Na variante comportamentalista conhecida por *condicionamento* operante[251] são as consequências do comportamento que passam a ser vistas como os principais factores reguladores da aprendizagem. Os estímulos discriminativos

---

[249] Manuel de Freitas Gomes, Rui Morgado e Teresa Souto: "A Clínica do Outeiro e o seu programa para tratamento das Toxicodependências", op.cit. pág. 31. Os estudos de Pavlov, Thorndike, Guthrie, Watson e Mowrer fizeram com que a "aprendizagem" passasse a ser objecto de estudo central da psicologia. Pavlov, durante os seus estudos sobre digestão, verificou que os cães evidenciavam uma resposta que ele denominou de "salivação psicológica". Isto é, os animais não só salivavam na presença da comida, como também face a outros estímulos que lhe apareciam associados.
Foi neste contexto que Pavlov decidiu implementar uma investigação sistemática. Começou então o procedimento experimental, consistindo na apresentação repetida do som de uma campainha simultaneamente (ou alguns segundos antes) à apresentação da carne. Ao fim de alguns ensaios, o animal estava capaz de reagir ao estímulo neutro (campainha) através de uma resposta de salivação.
Assim, inicialmente, temos um estímulo incondicionado (EI- alimento) que produz uma resposta natural e espontânea. Os resultados da experiência mostram-nos que o estímulo que previamente era neutro (campainha) passa a ser um estímulo condicionado, uma vez que passa a provocar uma resposta semelhante (salivação) à do alimento, após um emparelhamento repetido com este. A salivação no final da experiência constitui uma resposta condicionada (RC).

[250] Manuel de Freitas Gomes, Rui Morgado e Teresa Souto: "A Clínica do Outeiro e o seu programa para tratamento das Toxicodependências", op. cit., pág.31. Exemplo: no caso do cão de Pavlov seria fazer tocar a campainha sem que, consequentemente ao seu som, lhe fosse administrado o alimento.

[251] Manuel de Freitas Gomes, Rui Morgado e Teresa Souto: "A Clínica do Outeiro e o seu programa para tratamento das Toxicodependências", op.cit., pág. 33. No processo histórico de evolução do paradigma do comportamento operante destacam-se dois grandes autores:- Thorndike que, a partir das suas experiências, enuncia duas leis que regulam o comportamento : a lei da prática e a lei do efeito; SKinner que, também a partir das suas experiências, define as duas principais leis do paradigma operante: quando a ocorrência de um comportamento é seguida da apresentação de uma consequência reforçadora, a força deste comportamento aumenta; quando a ocorrência de um comportamento deixa de ser seguida de uma consequência reforçadora, a força do comportamento diminui. Assim, em termos operacionais temos:
E-O-R-K-C: E – estímulo; O – organismo; R – resposta; K – padrão de reforço; C – consequência

indicam ao sujeito as vantagens e as desvantagens de desenvolver um determinado comportamento.

As noções de *reforço* e *punição* indicam os dois caminhos, complementares um do outro, que permitem controlar os estímulos. Através do *reforço* é possível aumentar a frequência e a intensidade de um comportamento. Através da retirada do estímulo positivo ou da manifestação de aversão, isto é, da *punição*, é esperado produzir o efeito contrário. Podendo ser positivos ou negativos, contínuos ou intermitentes, primários ou secundários, estes dois tipos de reforços servem para extinguir aprendizagens anteriormente adquiridas.

Na sua globalidade as técnicas comportamentalistas, que procuram diminuir ou consolidar um comportamento através da manipulação das consequências e dos estímulos antecedentes, são de grande eficácia na resolução dos mais variados problemas clínicos e educacionais. Convém ter presente que a aprendizagem em questão é progressiva e requer uma grande repetição. Estas estratégias assumem uma importância crucial na fase inicial do programa.

### *8.2 Componente cognitivista do Programa Portage*

Para os racionalistas, as emoções são consideradas como um produto directo dos pensamentos, das imagens ou das atribuições feitas pelas pessoas às percepções. Os transtornos emocionais são entendidos como a consequência de crenças irracionais, incorrectas e negativas. O tratamento visa eliminar as emoções negativas por via da modificação das crenças irracionais que lhe dão origem[252].

A noção de cognição da psicologia experimental data do século XIX, quando dois psicólogos pioneiros, Wilhelm Wundt [253] e Wiliam James [254] se interessaram em particular pelos aspectos da cognição, designadamente os processos de percepção da informação, seu armazenamento e utilização. Entende-se por cognição o processo de obtenção, organização e utilização do conhecimento intelectual. A cognição implica uma compreensão da relação entre causa e efeito,

---

[252] Hassan Rahioui e Michel Reynaud, *Terapias Cognitivo-comportamentais e Adicções*, op.cit., pág. 44 A noção de cognição da psicologia experimental data do século XIX, quando dois psicólogos pioneiros que se interessaram em particular pelos aspectos da cognição, designadamente os processos de percepção da informação, seu armazenamento e utilização. A psicologia cognitiva começou a ser aceite como alternativa ao comportamentalismo. Os conceitos de processamento de informação, memória de armazenamento temporário, filtros selectivos foram usados para questionar as limitações do comportamentalismo na ciência psicológicaWilhelm Wundt e Wiliam James 1888

[253] Cfr. Nicholas Allen, " Psicoterapia Cognitiva" in *Uma introdução às psicoterapias* (coord. Sidney Bloch), Climepsi Editores, Lisboa, 1999, pág. 181

[254] Cfr. Nicholas Allen, " Psicoterapia Cognitiva" in *Uma introdução às psicoterapias,* op.cit., pág. 181

entre a acção e a sua consequência. As teorias da aprendizagem cognitiva centram-se, pois, na análise dos planos mentais (estratégias cognitivas) utilizados pelo indivíduo para se compreender a si próprio e para compreender o ambiente.

O terapeuta deverá essencialmente analisar e tentar ajudar o indivíduo a modificar as suas expectativas positivas a respeito do consumo da substância, as expectativas negativas que decorrem do desmame e da abstinência, assim como a sua eficácia pessoal e os seus esquemas disfuncionais.

Em psicologia cognitiva, e em especial na abordagem de Beck [255] e colaboradores, considera-se que os indivíduos agem como sistemas que tratam estímulos externos, analisando-os e interpretando-os de forma a fazerem sentido, a poderem interagir com as informações armazenadas na memória e a organizarem uma resposta cognitiva, emocional e comportamental. Ou seja, com o objectivo de se adaptarem ao ambiente, os indivíduos accionam estratégias cognitivas que conduzem a uma determinada forma de apreender a realidade.

Este sistema cognitivo não está isento de disfunções. Compreendendo-se facilmente que um erro de interpretação possa resultar em conteúdos de pensamento equivocados, pode admitir-se que a perturbação do pensamento favorecerá o aparecimento de desordens emocionais e de distúrbios de comportamento.

A reestruturação cognitiva faz parte das técnicas de psicoterapia de tipo cognitivo, técnicas estas que se interessam pelos mecanismos do raciocínio e visam a modificação dos pensamentos irracionais, erróneos e afastados da realidade.

Nos estudos de Beck e colaboradores, o conceito de *esquema cognitivo* torna-se essencial para compreender o conjunto dos comportamentos, cognições, reacções fisiológicas e emocionais que constituem os elementos fundamentais da psicopatologia[256]. Abriram caminho a estratégias terapêuticas centradas no “aqui e

---

[255] Hassan Rahioui e Michel Reynaud, *Terapias Cognitivo-comportamentais e Adicções*, Climepsi Editores, Lisboa, 2008, pág. 118 - Devemos a Beck as principais ideias sobre a terapia cognitiva, ainda que, na década de 1960, esta tenha beneficiado da influência de outros investigadores, como Ellis (Ellis, 1962) ou Lazarus (Lazarus, 1966), que demonstraram o poder das cognições sobre as emoções. Por dedução clínica, seguindo o método empírico, e sustentado em trabalhos científicos, Beck (Beck, 1976) propõe um modelo de referência cognitivo-comportamental que será apoiado por muitos investigadores e clínicos.

[256] Hassan Rahioui e Michel Reynaud, *Terapias Cognitivo-comportamentais e Adicções*, op.cit.,, pág. 119. Os esquemas cognitivos são as estruturas de base da organização cognitiva, são constituídos por um conjunto estruturado de conhecimentos que intervêm em diferentes processos de tratamento da informação, permitindo a selecção de um novo dado no ambiente, a abstracção do seu significado, a sua interpretação, a sua integração e a construção de uma nova lembrança que irá enriquecer o esquema. Os esquemas permitem designar, classificar, interpretar, avaliar e atribuir significado aos objectos e aos acontecimentos. Parte das informações contidas nos esquemas cognitivos correspondem a crenças e a programas de execução automatizados de comportamentos ou de respostas emocionais. O esquema cognitivo produz pensamentos automáticos e imagens mentais que correspondem ao que a pessoa percebe como habitual, conscientemente e sem demasiado esforço Os esquemas cognitivos contêm igualmente distorções cognitivas. Trata-se de erros de lógica que levam a uma leitura errónea da realidade que, embora estejam presentes nos sujeitos normais, são muito frequentes e intensos em pessoas que apresentam uma perturbação psicológica.

agora" que tentam evidenciar e corrigir os erros de raciocínio e mecanismos de pensamento que sustentam o comportamento problemático.

Beck e colaboradores propuseram um modelo específico que permite identificar sistematicamente três esquemas cognitivos característicos dos indivíduos com comportamentos aditivos. O primeiro remete para uma expectativa (*esquema antecipatório)* positiva acerca do consumo da substância, antecipando a obtenção de uma vantagem ou compensação. Por exemplo, consumir álcool na expectativa de que tal ajude a divertir-se mais e melhor. Um outro esquema cognitivo típico do consumidor de drogas é o que remete para a esperança de reduzir uma sensação desagradável ou aliviar um sofrimento (*esquema de alívio* na terminologia do autor). Por exemplo, consumir cannabis contribui para diminuir as angústias. Finalmente, é comum os consumidores accionarem um *esquema permissivo* que corresponde a um raciocínio desculpabilizante: "sou capaz de parar quando quiser".[257]

---

Na *inferência arbitrária*, o sujeito tira conclusões sem provas ("a cannabis não é perigosa para a saúde").

Na *abstracção selectiva*, o sujeito foca-se num pormenor, ignorando todos os outros aspectos de uma situação ("não tive um único momento de prazer hoje").

A *sobregeneralização* leva-o a generalizar a partir de um simples acontecimento (" hoje voltei a beber, portanto vou ter uma recaída").

No que diz respeito ao *raciocínio dicotómico,* o sujeito raciocina a partir de duas opções contrárias, como bom-mau, bem-mal, êxito-insucesso, sem contemplar pontos intermédios (" se não conseguir ser o melhor, então nem vale a pena fazê-lo").

Finalmente na *personalização*, o sujeito responsabiliza-se por acontecimentos externos que nada têm a ver consigo ("não me cumprimentou de manhã, devo ter feito alguma coisa que o deixou indisposto"). Na maioria das vezes, estas diferentes distorções encontram-se intricadas umas nas outras. Permitem manter a crença de que o esquema se encontra intacto, na medida em que a informação que confirma a crença é conservada, enquanto a informação que contraria a crença é modificada ou rejeitada. O que mantém as crenças do esquema cognitivo num estado patológico é, portanto, a utilização de distorções cognitivas.

[257] Hassan Rahioui e Michel Reynaud, *Terapias Cognitivo - Comportamentais e Adicções*, op. cit., pág. 121. A presença destes esquemas foi confirmada de maneira controlada numa população francesa de toxicómanos (Tison e Hautekeete, 1988) e de dependentes alcoólicos (Hautekeete, Cousin e Graziani, 1999).

| | Esquema antecipatório | Esquema de alívio | Esquema permissivo |
|---|---|---|---|
| Álcool | Se quero divertir-me, tenho de beber | Tomar um copo far-me-á sentir menos triste e afastará as preocupações | Não vou conduzir, por isso posso beber. Só um copo não me fará mal. |
| Tabaco | Fumar ajuda-me a concentrar-me no trabalho | Fumar deixa-me mais relaxado | Não fumo muito e, além disso, compenso com o desporto. |
| Cannabis | Deliramos e divertimo-nos mas depois de fumar charros | Aborreço-me menos se fumar um charro | É menos grave consumir uma droga leve do que uma droga dura |
| Heroína | Sentimo-nos muito relaxados com uma dose de heroína | A heroína é a única coisa que me faz sentir bem | Tenho cuidado com o que compro: é droga de qualidade |

Em face de estímulos de risco, designadamente o acesso fácil ao álcool ou a substâncias ilícitas, o envolvimento em situações de comemoração, a proximidade com indivíduos relacionados com o consumo e os estados emocionais de tristeza, ansiedade, etc., os indivíduos activam esquemas antecipatórios que suscitam fortes desejos de consumir. Impulsionados por expectativas positivas, caso do consumidor festivo, ou motivados pela necessidade de encontrar tranquilidade e alívio, certos indivíduos não conseguem deixar de activar estes esquemas quando os contextos se tornam favoráveis. Este desejo provocaria, seguidamente, a activação de um esquema permissivo que autorizaria a passagem ao acto, determinando de certa forma a tolerância do desejo. No decorrer da fase permissiva, o sujeito concentra-se na elaboração de um plano de acção para obter e consumir o produto. Os meios utilizados para o conseguir variam bastante, de acordo com o indivíduo, o contexto e o produto procurado, podendo conduzir a atitudes extremas.

Quando não se encontra em estado de privação, o indivíduo consegue reconhecer os efeitos do produto psicotrópico na sua vida. No entanto, quando as crenças são activadas, ocorre um bloqueio cognitivo que reduz a sua consciência das consequências do consumo da substância e intensifica o recurso a estratégias para obtenção do produto. Quando estas crenças se tornam prevalecentes, os conhecimentos acerca das desvantagens do produto tornam-se inacessíveis.

É possível a co-presença de dois pensamentos conflituais que oscilam entre a rejeição da tentação de consumir ("não quero voltar a beber"; "estar embriagado é perigoso") e a desculpabilização do acto ("se beber, é a última vez que o faço"; "se tiver cuidado não há perigo"). Estas crenças podem ser activadas ao mesmo tempo ou em momentos diferentes. O comportamento poderá variar da abstinência ao consumo, consoante a crença que estiver mais activa. O conflito entre desejo de consumir e desejo de manter a abstinência causa um grande desconforto.

Para Beck e colaboradores[258], o consumo de substâncias origina uma sequência de crenças, de pensamentos e de comportamentos que acaba por criar um círculo vicioso. O núcleo das crenças que se organizam em torno da convicção de que se está "preso na solidão" é concomitante com a vivência de emoções de tristeza, de frustração ou de fúria, que, por sua vez, vão conduzir à necessidade de produzir crenças que afirmam o valor salvador da droga: "a droga é um escape", " a droga

| | | | |
|---|---|---|---|
| Ecstasy | Se queremos festejar a noite toda, somos obrigados a tomar comprimidos de ecstasy | Deixo de pensar nos problemas quando estou sob o efeito do ecstasy | O ecstasy não causa dependência |

[258] Hassan Rahioui e Michel Reynaud, *Terapias Cognitivo - comportamentais e Adicções*, op. cit., pág. 135.

torna-me mais sociável". Assim se segue uma série de pensamentos automáticos inspirados pela necessidade imperativa de recorrer ao consumo da substância, que, por seu turno, induzem o accionamento de estratégias que permitam a sua aquisição e o seu consumo. Assim se fecha o círculo vicioso que reforça as crenças da inevitabilidade da solidão.

Os objectivos da terapia cognitiva visam reduzir a angústia, ensinando as aptidões necessárias para reconhecer, avaliar e mudar processos cognitivos relevantes, a fim de, em fases posteriores, modificar os conjuntos de atitudes e crenças persistentes que formam a base da vulnerabilidade do paciente[259].

A abordagem de um problema envolve os seguintes passos: identificar pensamentos automáticos; testar a sua precisão e viabilidade; desenvolver alternativas realistas; e identificar e desafiar esquemas de base inadaptados.

Existem três tipos de fenómenos cognitivos que determinam a psicopatologia, sobretudo as perturbações emocionais: *pensamentos automáticos*, *distorções cognitivas* e *esquemas*. Os pensamentos automáticos são-no na medida em que afluem espontaneamente, sendo, muitas vezes, difícil resistir-lhes. Apesar da natureza ubíqua destes pensamentos automáticos, muitas pessoas não estão conscientes deles e precisam de ajuda para desenvolver a habilidade de os "apanhar" antes de prosseguir com a terapia.

As *distorções da cognição* traduzem-se em interpretações incorrectas da realidade que reforçam as conclusões negativas. Beck[260] descreve tipos específicos de distorções cognitivas, designadamente a *sobregeneralização* (apenas um caso é tomado como exemplo de uma vasta gama de situações), o *pensamento dicotómico* (considera unicamente pontos de vista extremos), a *abstracção selectiva* (prestar atenção somente a aspectos negativos de uma situação), o *personalizar* (assumir que o próprio é a causa de um evento ou das acções de outrem), as afirmações de *"ter de"* (imperativos absolutos são aplicados ao comportamento do próprio ou de outros), o *catastrofizar e minimizar* (salientando resultados negativos e diminuindo os positivos).

Os estados psicopatológicos resultam de esquemas cognitivos que facilitam a interpretação de situações em termos de ameaças ao *self*, designadamente a perda, o fracasso, a rejeição e o perigo. Estes esquemas não são acessíveis sem uma considerável introspecção, uma vez que a sua influência tende a ser exercida através de processos inconscientes.

A diferenciação das psicoterapias relaciona-se com o papel atribuí*do* ao indivíduo no seu próprio processo de mudança. *No modelo cognitivo comportamental*,

---

[259] Nicholas Allen, "Psicoterapia Cognitiva" in (coordenação Sidney Bloch) *Uma introdução às psicoterapias*, op.cit., pág.185

[260] Hassan Rahioui e Michel Reynaud, *Terapias Cognitivo - comportamentais e Adicções*, op. cit., pág. 45

o indivíduo é o principal condutor do processo, sendo que ao terapeuta apenas cabe ajudá-lo a compreender o que está errado e a modificar a sua relação com o mundo**.** O indivíduo terá que ser incentivado a confrontar e treinar aptidões adequadas às dificuldades, até que se torne capaz de ser o terapeuta de si próprio. Cabe-lhe um trabalho activo, designadamente por via da reflexão sobre as concepções erradas que mantém sobre o seu próprio mundo.

Uma outra característica do modelo cognitivo comportamental consiste em desdramatizar a existência humana uma vez que se assume que a génese das perturbações remete para as leituras e visões que o sujeito constrói acerca dos acontecimentos da vida, leituras e interpretações que são indissociáveis de estados emocionais, positivos ou negativos. Como característica do modelo há ainda a referir que a atenção do terapeuta está mais direccionada para os distúrbios do presente que para os acontecimentos do passado. O passado do indivíduo é apenas tido em consideração para compreender o presente e encontrar "denominadores comuns" do comportamento do indivíduo que facilitem a acção do terapeuta. Esta linha teórica de explicação do comportamento humano foi, em alguma medida, confirmada pelas investigações de Bandura[261] quando provou que o ser humano tem a possibilidade de aprender um repertório vasto de comportamentos, através da simples observação de modelos, sem necessidade de percorrer cadeias intermediárias de estímulo-resposta e de reforço. Uma constatação que permitiu concluir que o comportamento pode ser inteiramente aprendido em função do controlo cognitivo, sem necessitar dos condicionamentos clássico ou operante. Tudo isto levou a que gradualmente se fosse reconhecendo que as cognições do ser humano têm uma importância considerável na forma como este se observa a si próprio e estrutura o mundo à sua volta. As cognições são reconhecidas como capazes de influenciarem a génese, a manutenção ou a correcção de comportamentos inadequados. Passam a ser utilizadas para modificar a forma como o indivíduo se vê a si mesmo e ao ambiente que o rodeia.

### *8.3 Contributo da teoria da aprendizagem social para o Programa Portage*

"Embora uma grande quantidade de aprendizagens tenha lugar através do treino e reforço directo, grande parte do reportório comportamental da pessoa pode

[261] Manuel de Freitas Gomes, Rui Morgado e Teresa Souto: "A Clínica do Outeiro e o seu programa para tratamento das Toxicodependências", op. cit., pág. 50.

ser adquirido através da imitação ou daquilo que a pessoa observa nos outros"[262]. Albert Bandura demonstrou que é possível aprender uma grande variedade de comportamentos sem que se torne necessária a experiência directa acompanhada das respectivas consequências. A tese central da sua teoria da aprendizagem social destaca o *comportamento dos outros* como uma das mais importantes fontes de influência da aprendizagem humana. Os processos de comunicação transmitem uma infinidade de modelos aos cidadãos, modelos, esses, que fornecem desempenhos quer para os comportamentos mais simples, quer para os mais complexos e em diferentes contextos.

À luz do paradigma da aprendizagem social, grande parte da aprendizagem resulta de um processo de observação de modelos sociais e das suas respectivas consequências. Diz Bandura que tudo o que é aprendido como resultado da experiência directa e dos seus efeitos, pode também ser aprendido vicariantemente, através da observação das respostas dos outros e das respectivas consequências que essas respostas ocasionam. Face à grande quantidade de modelos que nos são oferecidos, dispomos de numerosos modelos que nos permitem aprender uma pluralidade de modos de ver e de fazer. Todavia, é preciso ter em atenção que o que aprendemos depende de uma complexa rede de variáveis envolvidas na situação e do sujeito.

A teoria da aprendizagem social constitui um paradigma de transição entre as perspectivas comportamentais e as perspectivas cognitivas, na precisa medida em que rompe com a explicação do processo de aprendizagem em termos de mera relação entre um estímulo e uma consequência, ao mesmo tempo que formula uma teoria da cognição social baseada na interacção entre as características da situação externa ao sujeito e os processos cognitivos do observador.

Bandura interessou-se particularmente pela clarificação do papel relativo da observação e do reforço na aquisição e desenvolvimento de novos comportamentos. Os trabalhos de investigação que foram conduzidos nesta perspectiva revelaram que a ***modelagem*** constitui um factor de *aprendizagem de um comportamento*, enquanto que a ***prática acompanhada*** é um factor de reforço que constitui um meio essencial de *reprodução motora* desse comportamento. O reforço ou a punição, sejam, eles, simbólicos ou reais, contribuem para a inibição ou desinibição do comportamento aprendido. Considerando que as regras envolvem componentes cognitivos abstractos,

---

[262] Óscar F. Gonçalves, *Terapia Comportamental – Modelos Teóricos e Manuais Terapêuticos*. O Paradigma da Aprendizagem Social ", 1990

ou seja, implicam a percepção do que há de comum a situações particulares, as mais distintas, que o mesmo é dizer, uma generalização, entende-se que o processo de aprendizagem seja mais eficaz quando se visa a modelagem de um discurso interno. Dito de outro modo, quando o indivíduo compreende o valor da regra, independentemente do modelo que lhe proporcionou a sua transmissão.

O processo de modelagem de um discurso interno é designado por ***modelagem cognitiva***[263]**.** Investigações posteriores vieram demonstrar que a aprendizagem de um comportamento era mais eficaz quando se procurava uma ***combinação de modelagem cognitiva ilustrada com modelagem comportamental***. Como refere Bandura[264], "os referentes comportamentais conferem significado às alterações cognitivas". Os sujeitos podem aprender um pensamento ou uma regra unicamente através da observação de um modelo, verbalizando os seus pensamentos. No entanto, o aumento da eficácia do processo de aprendizagem depende de a verbalização das cognições se fazer acompanhar da respectiva ilustração comportamental[265].

Se, teoricamente, as mudanças são conceptualizadas em termos de alterações cognitivas, ou seja, a aprendizagem só se processa por via de uma alteração dos processos ou estruturas cognitivas, não é menos verdade que os métodos utilizados na aprendizagem são sobretudo de natureza comportamental.

A aparente divergência entre teoria e prática pode ser reconciliada, como diz Bandura, se percebermos que os processos cognitivos são mais rapidamente induzidos e alterados através de experiências consistentes provocadas por execuções eficazes[266]. Segundo a sua conhecida teoria da auto-eficácia, os julgamentos que os indivíduos fazem sobre a sua própria eficácia pessoal constituem preditores preciosos do seu envolvimento e persistência em diferentes tarefas. As percepções ou julgamentos de auto-eficácia, quer sejam apropriados ou inapropriados, realistas ou irrealistas, têm a sua origem em ***quatro fontes de aprendizagem*****:** experiências de prática eficaz; experiências vicariantes; persuasão verbal; estados fisiológicos.

---

[263] Manuel de Freitas Gomes, Rui Morgado e Teresa Souto: "A Clínica do Outeiro e o seu programa para tratamento das Toxicodependências", op. cit., pág. 38. De entre muitas das pesquisas realizadas por seguidores de Bandura, nomeadamente Michael Mahoney e Goodwin, foi possível reter que, quando se pretende promover a redução de comportamentos agressivos, os observadores podem aprender um discurso interno de controlo através de um processo de modelagem e estão capazes de generalizar esse discurso, desde que sejam instruídos para tal e desde que lhes seja, no decurso do processo, proporcionada uma possibilidade de prática.

[264] Hassan Rahioui e Michel Reynaud (coord.) Terapias Cognitivo-Comportamentais e Adicções, capítulo 2, op. cit., p. 44.

[266] H. J. Aubin: "Modelos cognitivos-comportamentais das adicções" in Hassan Rahioui e Michel Reynaud (organ.) *Terapias Cognitivo-Comportamentais e Adicções* Climepsi editores, Lisboa, 2008, pág.44.

Assim, para Bandura, as aprendizagens, quer elas se verifiquem por observação, quer se verifiquem por experiência, produzem os seus efeitos através da alteração cognitiva das percepções dos sujeitos acerca da sua eficácia pessoal e são estas que constituem os mediadores capazes de predizer as execuções futuras do sujeito.

Em suma, se a modelagem constitui um processo fundamental na aquisição dos reportórios comportamentais dos sujeitos, ela não dispensa o reforço da prática do comportamento compatível com o modelo. Isto significa que o sujeito desenvolve percepções de auto-eficácia que irão orientar e produzir as suas acções futuras através da observação dos outros e da auto-observação da sua própria prática e das suas reacções. Se é legítimo afirmar que a ***modelagem*** constitui uma condição essencial para a ***aprendizagem de um comportamento*****,** é preciso sublinhar que o ***aperfeiçoamento desse comportamento*** só é possível através da ***prática*** e do ***reforço*****.**

A modelagem ou aprendizagem vicariante constitui um elemento fundamental para a aquisição de um comportamento e a prática, acompanhada de reforço, vai ser o elemento fulcral para a sua execução e fixação. Os sujeitos podem apreender um pensamento ou uma regra unicamente através da observação de um modelo. É a este processo de modelagem de um discurso interno que se dá o nome de ***modelagem cognitiva*****.** Exemplo**:** No programa "Le Portage" os residentes, através da observação de modelos efectuam várias aprendizagens. O corpo de monitores, os staff-aid, os velhos membros e os jobs funcionam como modelos. Através da observação das suas condutas, bem como das suas respectivas consequências, os residentes aprendem respostas motoras e principalmente regras e podem alterar o seu discurso interno[267].

---

[267] Manuel de Freitas Gomes, Rui Morgado e Teresa Souto: "A Clínica do Outeiro e o seu programa para tratamento das Toxicodependências", op.cit., pág. 39 a 41. São quatro as modalidades de aprendizagem concebidas por este autor no quadro da sua teoria da aprendizagem social: ***aprendizagem directa*** ou por "tentativa e erro" que consiste em descobrir, com base na exploração de possíveis, a resposta mais adequada à obtenção do efeito desejado; ***aprendizagem vicariante*** ou modelagem que consiste em interiorizar um determinado comportamento através da observação de um modelo que executa esse mesmo comportamento. O processo de base nesta modalidade é a imitação; ***modelagem abstracta*** que requer a possibilidade do indivíduo observar vários diferentes comportamentos relativos à mesma situação, acontecimento, problema, etc., e ser capaz de extrair regras, abstraindo-se das particularidades; ***modelagem criativa*** que envolve a capacidade do sujeito, após observação de cada conduta/comportamento, ser capaz de introduzir novos aspectos na realização do comportamento.
***O processo de aprendizagem por observação*** não é um processo automático, assenta em toda uma série de sub-processos cognitivos, designadamente, a ***atenção*****,** a ***retenção***, a ***produção*** e a ***motivação***.
Não basta a simples exposição do modelo para assegurar a aquisição de uma resposta motora ou cognitiva. São os ***processos de atenção*** que regulam a direcção das percepções do observador, dependendo, estes, de dois grupos de características: as características dos modelos e as características do observador.
….Das características dos modelos há que salientar a "saliência", a "afectividade", a complexidade do modelo, a prevalência, o valor funcional que uma resposta tem para o observador é também determinante na mobilização dos seus processos de atenção. Quanto às características do observador são de destacar

Os ***processos de retenção,*** sem os quais o acontecimento não exercerá influência relevante sobre o repertório comportamental, dependem de uma variedade de factores, designadamente da capacidade de codificação e organização simbólica, da prática cognitiva. É necessário que o sujeito seja capaz de transformar as observações numa série de símbolos verbais e imagéticos. São estas simbolizações que irão constituir guias das execuções dos sujeitos. É ainda imprescindível que o indivíduo organize esta simbolização em relação com outras representações cognitivas, de modo a que a informação codificada adquira sentido e funcionalidade. A probabilidade da retenção de um comportamento depende, em boa medida, do exercício simbólico, ou seja de uma prática cognitiva. Na impossibilidade de exercitar de imediato um comportamento que estamos a aprender, é necessário recorrer à sua repetição imagética ou proposicional de modo a facilitar a sua retenção.

Mas também é condição fundamental para a retenção de um comportamento que ele seja exercitado. A maior eficácia da aprendizagem por observação verifica-se quando o comportamento modelado é exercitado simultaneamente a nível simbólico e comportamental.

Uma importante componente da modelagem diz respeito à tradução das representações simbólicas em programas comportamentais específicos. Quais são então os **factores** que influenciam a capacidade de **reprodução motora de um comportamento?** Numa fase inicial do processo de reprodução de um comportamento, o sujeito tem, antes de mais, de dispor de um modelo internalizado do comportamento e dos seus respectivos componentes. Todavia, todas as aprendizagens adequadas requerem um processo de monitorização que só a prática pode assegurar, donde a necessidade de treino, até que as ideias se traduzam em execuções correctas. Para que esse treino seja eficaz, no sentido de provocar o aperfeiçoamento da reprodução motora do comportamento em causa, é necessário que ao indivíduo seja devolvida pelos staffs uma constante informação sobre os modos como este executa o referido comportamento. Só a partir dos dados provenientes da observação que os outros fazem das suas execuções, o indivíduo

---

a capacidade perceptual, as disponibilidades perceptuais, as capacidades cognitivas, nível de activação, as preferências adquiridas. Ninguém pode ser provocado por estímulos que não é capaz de processar sensorialmente, do mesmo modo que as disponibilidades perceptuais dos sujeitos são, em larga medida, determinadas pelas suas aprendizagens passadas. O mesmo se pode dizer a respeito da influência das capacidades cognitivas dos sujeitos sobre a captação e processamento da informação, sobre a influência exercida pela a história dos reforços passados na formação dos padrões de atenção do indivíduo. Em suma, os processos de atenção dependem, e, em larga medida, da interacção entre as características do modelo e as características do observador. Como salientou Bandura, «as nossas percepções são guiadas por pré-percepções»[267] Não há aprendizagem sem atenção e o investimento da atenção no modelo resulta de uma interacção entre o observador e o objecto de observação.

....

pode elaborar uma representação do seu próprio comportamento. Ou seja, o aperfeiçoamento de uma aprendizagem implica ajustamentos progressivos que ocorrem à medida que a representação cognitiva do comportamento se consolida.

Todavia, há que ter em conta que a aprendizagem por observação não é possível se, apesar da capacidade de simbolização, o sujeito não dispõe da capacidade física ou das condições necessárias à execução de um dado comportamento.

À luz do paradigma da aprendizagem social não existe uma relação linear entre aquisição e reprodução de um comportamento. A eficácia da modelagem, para além de tudo o que já foi referido, depende grandemente dos processos motivacionais.

Quais são os **componentes emocionais** que podem influenciar as possibilidades de um comportamento se instalar solidamente na prática?

A quantidade de reforço que um sujeito recebe pela realização do comportamento influencia significativamente a quantidade e a qualidade da reprodução motora (*reforço externo*). É mais provável que o comportamento seja reproduzido quando é acompanhado de um reforço positivo, assim como é mais improvável a sua reprodução quando acompanhado de punição.

É ainda mais provável que o comportamento venha a ser reproduzido se o indivíduo observar que ao modelo é atribuído um reforço positivo (reforço vicariante). A probabilidade de reprodução de uma resposta também é influenciada pelo tipo e quantidade de reforço observado quando o modelo executa (*reforço vicariante*). Em síntese, a observação de modelos a serem reforçados por uma determinada execução potencia fortemente a probabilidade de emissão de uma resposta imitativa por parte do observador.

O *auto-reforço* pela reprodução do comportamento de um modelo influencia igualmente a quantidade e a qualidade das respostas produzidas.

Na medida em que os padrões ou sistemas de valores de um sujeito determinam os significados atribuídos a determinadas tarefas e a determinados tipos de reforço, é muito importante identificar em cada indivíduo os seus componentes motivacionais, para que os processos e incentivos sejam adequados às suas características. Em síntese, entre a apresentação de um modelo e a reprodução de um comportamento há uma série de componentes cognitivo-comportamentais que vão determinar a eficácia do processo[268].

---

[268] Manuel de Freitas Gomes, Rui Morgado e Teresa Souto: "A Clínica do Outeiro e o seu programa para tratamento das Toxicodependências", op. cit., pág. 45. Para pensar a intervenção terapêutica interessa ter em conta que a reprodução motora de um comportamento pressupõe uma série sequencial de cinco etapas: atenção, retenção, iniciação, monitorização e aperfeiçoamento. Interessa igualmente ter em conta

Um outro dado importante para pensar a intervenção terapêutica é que a teoria da aprendizagem social estabelece uma ruptura com a noção de *determinismo unidireccional* ou bidireccional na explicação de um comportamento humano. As pessoas, comportamentos e ambientes interagem reciprocamente, ou seja, não existe liberdade sem condicionalismo, sem constrangimentos externos. A liberdade é um exercício de auto-influência.

É dito em textos de apresentação da Comunidade que o processo de mudança individual deverá passar pela criação de uma disciplina pessoal, pela alteração e aprendizagem de comportamentos, assim como pela (re)estruturação cognitiva. Para isso, é preciso criar um contexto de tipo "familiar", o mais aproximado possível da primeira instância de socialização em que os laços e vínculos afectivos são condição necessária ao crescimento psicológico e social dos indivíduos. É na família que cada um dos seus elementos se conhece e se reconhece e, para tal, tem necessariamente que criar laços afectivos de amor e de sofrimento. Sem dúvida que este contexto de tipo familiar constitui um espaço privilegiado para a elaboração e aprendizagem de dimensões significativas da interacção intra e interpessoal. Vivem-se múltiplas emoções e afectos, positivos e negativos, que à medida que vão sendo consciencializados, identificados e geridos dão ao indivíduo o sentimento de ser quem é.

Por outro lado, ao proporcionar uma família também se proporciona a exploração de uma diversidade de papéis a que se associam distintos graus de poder e de autonomia. Assim se permite o treino de comportamentos diferenciais, nomeadamente a gestão de poder (lidar com e ser agente de), assertividade, tomada de decisão. No desempenho destas funções e tarefas, que são garante da rotina diária de funcionamento da comunidade terapêutica, é possível identificar dificuldades comportamentais.

As ferramentas da terapia" diversificam-se segundo uma pluralidade de estratégias, tais como partilhar sentimentos, confrontar e exigir mudança.

A ***exigência de mudança*** pressupõe que o indivíduo identifique as áreas comportamentais problemáticas para o que a pressão positiva do grupo, a inter-ajuda, assume uma enorme importância e pertinência, na medida em que permite enriquecer a argumentação que dá sustentabilidade à mudança. No quotidiano da comunidade

---

que os processos vicariantes de instrução e modelagem são essenciais nas duas primeiras etapas, enquanto que a prática e o reforço são essenciais para o desenvolvimento das três últimas etapas.

terapêutica recorre-se a vários indicadores/sinalizadores que facilitem este processo, nomeadamente a *verbal reprimand* (V.R.), o *pedido/solicitação* (*demand*), a *chamada de atenção* (*pull-up*) e os *slogans*. Os V.R, pedaço de papel onde constam a data, nome da pessoa a quem se destina, o comportamento desadequado/desadaptativo sinalizado e o nome da pessoa que está a registar esse V.R, fazem parte de uma estratégia que visa sinalizar comportamentos desadequados que vão sendo observados e que têm de ser assumidos pelo próprio. De salientar que o próprio indivíduo deve recorrer a esta estratégia, sinalizando os seus comportamentos desajustados ao longo do dia.

De todos estes *verbal reprimands* é feito um registo pelo responsável do grupo, com o objectivo de, em momentos predefinidos, estruturar "V.R. Teaching" que correspondem a chamadas de atenção efectuadas por elementos do grupo, com cargos ou estatuto igual ou superior ao do individuo, e que visam a sua consciencialização da necessidade de mudança de comportamentos desadequados, avançando estratégias alternativas para gestão dessa(s) dificuldade(s). A demand equivale a um pedido de execução de um comportamento a um indivíduo (ex: partilhar sentimentos com o monitor, implicar-se na reunião da manhã) que resiste ou tem manifesta dificuldade de o implementar.

A *pull-up* constitui uma chamada de atenção para atitudes/comportamentos negativos generalizados existentes no grande grupo e que necessitam de ser alterados (ex: quem são as pessoas que não arrumam a cadeira no final da reunião da manhã; quem são as pessoas que não partilham na reunião da noite há mais de uma semana). O indivíduo pode fazer esta chamada de atenção sozinho ou com outro, devendo confrontar os elementos do grupo que têm de assumir o referido comportamento. Caso não assumam o comportamento, o elemento que promove a confrontação deve registar o correspondente V.R., de modo a que na reunião da manhã seguinte esses mesmos elementos sejam novamente confrontados.

Os *slogans* servem para reforçar a filosofia do programa. Alguns exemplos: Só tu o podes fazer, mas não o podes fazer sozinho; a honestidade é a chave; orgulho e qualidade; é melhor compreender do que ser compreendido. A confrontação está directamente relacionada com a corrente de intervenção cognitivista de que este modelo está fortemente imbuído. Confrontar permite pôr em causa avaliações, interpretações, crenças que vão sendo notórias na atitude individual ou que surgem à medida que o indivíduo vai partilhando a sua trajectória de vida como forma de se dar a conhecer ao grupo. Consequentemente, o indivíduo necessita de (re)estruturar ou

reformular avaliações e/ou interpretações distorcidas que comprometem a sua adequada valorização das circunstâncias de vida interna e externa. Esta tarefa é primariamente da responsabilidade do próprio sujeito apesar de a sua passagem à prática pressupor a intervenção de uma terceira pessoa. Em fase inicial do programa, é imprescindível garantir a aprendizagem desta estratégia por via da modelagem. Com o treino e o recurso diário à "ferramenta da terapia", o grau de profundidade que pode ser atingida pelo próprio sujeito neste questionamento dependerá de aspectos motivacionais, assim como das competências cognitivas.

Relativamente aos sentimentos e à sua partilha, de novo, o agente central é o próprio indivíduo. Porém, numa fase inicial do processo psicoterapêutico, a modelagem desempenha um papel muito significativo. A identificação dos sentimentos vividos em determinada circunstância relacional será sempre o requisito prévio para que, posteriormente, seja possível partilhá-los com outros. Na fase inicial do programa, e para uma generalidade dos indivíduos, esta tarefa assume um grau de dificuldade muito significativo. A familiarização com a tarefa é tanto maior quanto outros elementos do grupo, em fase mais avançada do processo terapêutico, venham partilhar os seus sentimentos. Não se pode deixar de enfatizar que esta estratégia terapêutica contribui de forma relevante para um crescente conhecimento de si próprio e uma auto-avaliação mais adequada. Por isso mesmo, é uma forma de intervir no domínio da auto-estima.

Todo o processo de auto-conhecimento, central na identificação das áreas comportamentais a modificar, assim como das dificuldades intra e inter-pessoais significativas, tem início no âmbito do grupo. Trata-se de um auto-relato que tende a tornar-se cada vez mais completo e complexo, à medida que as memórias vão sendo re-activadas.

Ao conjunto das estratégias de intervenção, acrescenta-se, na rotina diária da comunidade, um conjunto de grupos e reuniões com estrutura, objectivos e estratégias diversas. Salientar-se-ão as mais significativas, nomeadamente: *reunião da manhã*, *reunião da noite*, *grupo de contratos terapêuticos*, *grupo de planificação e feedback* do fim-de-semana; *grupo de iguais*, *grupo de "request"* (privilégios) e *grupo de sentimentos*.

A *reunião da manhã* orienta-se segundo determinados objectivos terapêuticos, nomeadamente iniciar formalmente as actividades terapêuticas diárias do grande grupo, reflectir sobre o estado geral actual da família e das instalações. O

funcionamento global da comunidade é avaliado em função de critérios tais como o grau de envolvimento dos residentes, a honestidade, a adequação atitudinal. Trata-se de uma tarefa que se estrutura a partir da leitura da filosofia que preside ao funcionamento da comunidade, seguindo-se a chamada de atenção dos residentes que se comportam de forma mais desadequada ou negativa pelos restantes elementos e as perguntas relacionadas com o que se está a passar na comunidade, avisos, atribuição de um tema para o dia e orientação terapêutica geral, sintetizada numa expressão ou valor. Por exemplo: Só tu o podes fazer, mas não sozinho.

A *reunião da noite* subordina-se à concretização de vários objectivos terapêuticos, tais como permitir que qualquer um dos residentes partilhe o seu dia, alguma realidade ou acontecimento específico. Os restantes elementos são livres de poder dar feedback relativamente ao que foi partilhado.

*O grupo de contratos terapêuticos* reúne semanalmente com o objectivo de contratualizar o trabalho do indivíduo em torno de aspectos ou dificuldades, bem como registar as estratégias a serem utilizadas para tal.

*O grupo de planificação e feedback do fim-de*-semana tem por objectivo discutir a conquista de privilégios, designadamente visitas e saídas, acompanhado ou sozinho. Na semana seguinte, usualmente à 2.ª feira, o grupo avalia o sentir do indivíduo nessa experiência, as eventuais dificuldades encontradas, podem avançar sugestões de aspectos a serem futuramente trabalhados.

*O grupo de* iguais pode ser dirigido de acordo com dois objectivos centrais: a avaliação dos pedidos de mudança de grupo de iguais ou a discussão de tema específico de acordo com a fase do programa em que o grupo se encontra. No primeiro caso, os residentes que pretendam mudar de fase devem justificar a sua pretensão, sendo confrontados pelo restante grupo sobre terem, ou não, atingido as expectativas inerentes à fase anterior. Na segunda situação, pode optar-se por efectuar várias dinâmicas de grupo adequadas à abordagem do tema em questão.

*O grupo de privilégios (“request”*) obedece a uma metodologia de intervenção que pretende trabalhar limites comportamentais, prevendo um conjunto de privilégios a que o residente pode aceder, desde que o grupo lhe reconheça mérito para tal. Assim, o indivíduo tem de solicitar o referido privilégio e, mais tarde, perante o grupo justificar o seu merecimento. Preferencialmente, recorre-se à estratégia de confrontação. A decisão de concessão do privilégio é tomada pelo grupo a que o residente pertence e deve basear-se no trabalho que o residente tem realizado

relativamente ao seu contrato terapêutico. A sequência de privilégios contempla um telefonema à chegada à comunidade, a que se seguem sucessivamente dois telefonemas semanais de 10 minutos, seis horas de visita, um dia de saída acompanhado, dois dias de saída acompanhado, um dia de saída sozinho, dois dias de saída sozinho.

*O grupo de sentimentos* é um espaço destinado a promover a expressão de sentimentos que os residentes identificaram e previamente partilharam com um outro residente. Estes sentimentos podem ter sido ocasionados por situações de maior tensão ou conflitualidade, estar relacionados com as vivências quotidianas ou com algum tipo de confrontação. A expressão honesta e verdadeira desses sentimentos é de grande relevância neste grupo.

No dia-a-dia da Clínica é favorecido o exercício comportamental de muitos comportamentos desejáveis. É o que se pretende, por exemplo, com as chamadas de atenção [269] e as comunicações para sair do isolamento[270] para onde os residentes foram remetidos por incumprimento dos objectivos. Com essas chamadas de atenção, o residente apercebe-se do comportamento incorrecto que teve e será levado a reflectir sobre o modo como deveria ter agido nessa situação. Ao ser chamado à atenção desses comportamentos, o sujeito deverá consciencializar a necessidade de mudança. Através das solicitações escritas para sair da situação de isolamento, o residente não só assume o seu "erro" como se compromete a agir de forma alternativa e mais adequada na situação que o levou a ser excluído pelos outros. O exercício comportamental de uma resposta aprendida é uma condição fundamental para a sua retenção. Essa eficácia é aumentada se houver simultaneamente uma exercitação simbólica. A retenção de um comportamento depende das competências cognitivas dos sujeitos bem como dos esquemas conceptuais prevalecentes.

A conjugação de técnicas concebidas a partir do comportamentalismo com outras originárias da perspectiva cognitivista aumenta a eficácia da gestão de reforços. Por exemplo, a ferramenta da terapia "confrontação", que é uma técnica de cariz cognitivo, é muitas vezes utilizada no sentido de constranger o residente a identificar os estímulos que antecederam os seus consumos, bem como promover uma efectiva consciencialização das consequências.

---

[269] VR'S" (verbal reprimand), os "VR'S Teaching's (ensinamento ou chamada de atenção)
[270] "Ban" ou "G.I Ban" (circunstâncias de afastamento do grupo, das tarefas terapêuticas regulares e onde existem restrições comunicacionais)

Para reforçar os comportamentos que se aproximam progressivamente do comportamento-alvo, há que identificar quais os aspectos mais críticos/problemáticos da sua conduta, assim como pensar o conjunto de reforços a mobilizar para gerar a mudança.

A mobilização dos reforços positivos e negativos é realizada através de uma técnica designada por *learning* (experiência de aprendizagem)**,** técnica eclética que sintetiza as diversas correntes teóricas da psicologia e que se adequa a uma grande variedade de condutas disruptivas que, entretanto, devem ser bem discriminadas.

De entre esses "learnings", com alguma frequência recorre-se a "chave da honestidade". De salientar que esta designação remete não só para a conduta que se pretende trabalhar – a honestidade, como para um dos slogans mais comuns em programas de auto-ajuda: "A Honestidade é a chave". Complementarmente, destaca um dos valores que se pretende promover ou restituir ao indivíduo.

Esta experiência de aprendizagem é atribuída a indivíduos já com algum tempo de tratamento e que mantêm de forma exacerbada tendência à mentira. Simbolicamente devem transportar consigo a "chave da honestidade" – que consiste numa pequena tábua que tem esculpida uma chave com o respectivo slogan. Em momentos do dia pré-definidos, o residente tem que perante o grupo assumir o número de vezes que foi desonesto e pode ser questionado sobre as circunstâncias que o levaram a assumir tal comportamento.

O impacto emocional desta estratégia pode ser aumentado (quando clinicamente ajustado) com a sugestão ao sujeito de, em determinados momentos, relatar mentiras ou desonestidades que foi assumindo ao longo do seu trajecto de vida, anterior ao início do tratamento. Desta forma, torna-se possível para si e para os outros percepcionar um padrão comportamental que necessita de ser alterado na medida em que é pilar no processo de mudança pessoal.

Já relativamente à tendência de alguns sujeitos para considerarem que têm sempre razão na avaliação e/ou interpretação de factos, o "learning" concebido designa-se por "*dono da razão*" ou "o juiz".

O residente a quem foi atribuído este "learning" é compelido, em todos os momentos terapêuticos (seja qual for a tarefa física em execução), a argumentar, a dar opiniões sobre todos os eventos terapêuticos a decorrer. Sempre que dá opiniões ou quando o não faz é provocado com a intenção de o fazer sentir-se mal. A pessoa, de tanto ser obrigada a argumentar e de tanto ser confrontada por esse comportamento, acaba por diminuir a frequência do comportamento.

De referir que essa diminuição passa também por um intenso trabalho a nível das cognições, já que todas as confrontações são direccionadas para levar o indivíduo a identificar como é que percepciona a origem dos comportamentos, a saber: em que situações ocorria/ocorre esse comportamento, que figuras significativas estão associadas a essas situações, que sentimentos experimenta antes e depois do comportamento, e em que medida o olhar dos outros sobre o comportamento lhe devolve sentimentos positivos ou negativos.

Neste exemplo, e numa perspectiva cognitiva de prescrição paradoxal, ao sujeito é solicitado a reprodução exaustiva do comportamento, de modo a que o mesmo perca o seu valor reforçador e, assim, se consiga a sua diminuição ou eliminação.

Um outro exemplo de "learning" é designado "progress report das ferramentas da terapia". Regra geral é sugerido a residentes que no final de dois meses de internamento ainda mantêm o estatuto de novo membro e demonstram dificuldades na compreensão e/ou implementação das ferramentas de terapia. Neste caso particular, o indivíduo é compelido a usar todas as ferramentas da terapia, incluindo a participação activa em todas as reuniões, sendo que existe uma forte pressão por parte da "família" para que o faça[271]. Quando não cumpre é chamado à atenção. Ou seja, utiliza-se este "learning" com a finalidade de levar o indivíduo a participar, quebrando a resistência à comunicação com os outros, de acordo com o referencial terapêutico que lhe é proposto.

Para um indivíduo que tenha dificuldade em fazer-se respeitar, poder-se-á atribuir um "learning" designado "tomar riscos". Regra geral, este "learning" é utilizado com residentes que já deveriam ter assumido maiores responsabilidades no cargo que desempenham e no estatuto que alcançaram e que continuam inibidos/coartados no exercício do poder, por medo de falhar ou de sofrer consequências. Com este "learning" pretende-se que o indivíduo estruture o sentido de autonomia e de liderança e deixe de se remeter para estratégias sistemáticas de securização por inibições/medos vários. Para que o comportamento seja alterado, o indivíduo é compelido a tomar decisões de forma autónoma sem consultar os monitores e a confrontar os monitores sobre decisões por estes tomadas.

Um outro exemplo do conjunto de técnicas designadas por "learning" é o que se utiliza para dotar os residentes de maior capacidade de resistência à frustração. A aplicação desta técnica efectua-se através da criação de situações em

[271] De sublinhar que a pressão exercida pela "família" é uma estratégia comum a todos os "learnings", constituindo um alicerce da terapia.

que o residente vive momentos de intensa frustração, sendo colocado perante tarefas minuciosas e de longa duração.

Socorrendo-nos de mais um exemplo para enriquecer a compreensão deste instrumento terapêutico, vale a pena referir a técnica utilizada para estimular o residente a reflectir sobre si próprio, revivendo situações de sofrimento experimentadas na sua vida, e às quais ele oferece resistência a partilhar. O residente é acompanhado, ao longo de todo o dia por um outro residente, devendo ir partilhando momentos da sua vida especialmente traumáticos e que sistematicamente omite.

De notar que os indivíduos a quem são impostos "learnings" têm necessariamente de preencher, diariamente, um documento escrito onde enunciem, com rigor e objectividade, as ferramentas terapêuticas que utilizaram, o número de pessoas com quem fizeram terapia e o tempo que despenderam nessas actividades; têm ainda de produzir um texto de reflexão sobre o que aprenderam.

Se os "learnings" visam trabalhar uma conduta geral desadequada, não são as únicas estratégias de que se pode lançar mão no contexto desta intervenção terapêutica.

Considerando que a sanção e o reforço negativo estão muito ligados entre si, com frequência, se recorre a estas estratégias para gerir ou modelar comportamentos. Em qualquer circunstância em que a sanção é aplicada, a mesma deve ser retirada assim que surjam consistentemente os comportamentos adequados.

Exemplo: um residente que acorde tarde tem uma consequência de se levantar sempre mais cedo do que os outros ou de trabalhar durante o tempo livre. Assim que o residente demonstre ser capaz de cumprir adequadamente com o horário de acordar, a sanção atribuída deve ser retirada.

Caso ocorra retorno a um padrão de incumprimento, de novo, se pode instituir a mesma sanção ou uma outra que vise corrigir o comportamento.

Um outro exemplo será ser "shot down" que equivale a uma sanção correspondente à destituição de um cargo ou à regressão no estatuto.

Uma outra estratégia frequentemente utiliza passa pela exclusão temporária (por período variável) que consiste em retirar o sujeito do contexto de normal funcionamento, como consequência da realização de um comportamento indesejável.

Pretende-se que o indivíduo possa reflectir e ponderar sobre o por quê da sua conduta, de forma a explicá-la ao grande grupo e, simultaneamente, perceber o impacto que esse comportamento tem sobre terceiros e no contexto em que se encontra inserido. Exemplos desta situação são o "G.I. Ban" e o "Ban". No último caso, ao sujeito é sugerido que se afaste das normais actividades terapêuticas e que deixe

de comunicar com os restantes elementos do grupo até que consiga encontrar uma explicação para a conduta desadequada/disruptiva que assumiu.

Relativamente ao “G.I. Ban”, a opção pelo mesmo pressupõe a quebra de regras cardinais de funcionamento, o abandono/fuga ou o agravamento da conduta que se tentou gerir com recurso prévio a “Ban”. O “G.I. Ban” representa um isolamento e afastamento do grupo e das suas actividades terapêuticas regulares de forma mais duradoura e mais incisiva. As restrições comunicacionais são abrangentes – usualmente só pode interagir com o chefe ou com elementos da equipe técnica, ao longo do dia é-lhe sugerida uma ou mais tarefas que executa completamente à parte do restante grupo. Durante as refeições deverá permanecer sozinho e geograficamente numa zona mais distante.

## Capítulo 9 - COMO SUPERAR AS RUPTURAS QUE OCORRERAM NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Vimos em pontos anteriores que os jovens que encontramos na Clínica do Outeiro são protagonistas de trajectos que não lhes proporcionaram as oportunidades de se estruturarem como seres humanos saudáveis. Como tivemos ocasião de analisar anteriormente, os adolescentes cujas vidas procuramos reconstruir chegaram à comunidade terapêutica com níveis de instrução muito baixos e, pior do que isso, sem haverem descoberto algum interesse ou vantagem na formação escolar. Chegaram à adolescência sem haver desfrutado de possibilidades de construir uma identidade, logo, sem qualquer ideia realista a respeito do futuro. Os testemunhos anteriormente registados demonstram, sem margem para dúvidas, que as suas vidas se organizaram em torno do vazio, o que está, por exemplo, patente no seu alheamento total da escola e da formação, assim como na sua aparente indiferença a respeito do futuro profissional. Chegaram à Clínica desprovidos de trunfos decisivos para a inclusão social, com especial destaque para a mais elementar ausência de conhecimentos e de disposições compatíveis com as exigências dos contextos de trabalho na sociedade dos nossos dias. Revelam desconhecimento, indiferença, até desprezo, por normas sociais básicas para alcançar uma posição na sociedade, nomeadamente um trabalho, para construir e manter uma família, para aceitar a disciplina e adquirir a tenacidade necessárias para levar a cabo uma qualificação escolar e profissional.

Originários de famílias feridas por grave incapacidade de assegurar as tarefas da sua socialização, quase todos foram reconduzidos para estabelecimentos onde não lhes foram oferecidas as condições indispensáveis, quer para reparar os acontecimentos traumáticos que perturbaram o seu desenvolvimento psíquico e social, quer para se apropriarem dos conhecimentos e construírem as estruturas cognitivas fundamentais para poderem evoluir intelectual e culturalmente. Nessas instituições que os acolheram, após retirada da família, foi manifesto o insuficiente investimento na qualificação escolar e profissional e na criação de condições de comunicação emocional que potenciem a «experimentação emocional correctiva». Estabelecimentos onde os próprios profissionais que interagem quotidianamente com os adolescentes não dispõem de formação científica e humana para se constituírem em figuras significativas e modelos de referência.

À luz da teoria da identidade de Erikson podemos concluir que os dilemas e tensões próprios de cada estádio de desenvolvimento não puderam ser superados e que as inconsistências da sua organização interna começaram a ocorrer em fase muito precoce das suas existências.

Diz este autor que o desenvolvimento da identidade se processa em estreita relação interactiva entre o indivíduo e o seu ambiente[272], sendo que, o adolescente dificilmente poderá construir uma identidade sólida se a imagem que possui de si mesmo e a imagem que os outros lhe restituem não for positiva. Ficará mergulhado numa certa alienação, formando o que Erikson intitula identidade difusa[273], isto é, uma identidade impregnada de falta de auto-estima, impulsividade e conformismo. As profundas rupturas no processo socializador, designadamente devido à inconsistência ou ambivalência dos laços afectivos com outros significativos, em particular com os progenitores ou outros adultos[274], familiares ou não, geraram fortes vulnerabilidades no processo de formação da sua identidade. Todavia, este autor sustenta que é possível reparar as falhas que ocorreram na construção identitária por força da inexistência de condições adequadas à resolução dos conflitos, desafios e tensões próprios do desenvolvimento do ser humano, desde que sejam estabelecidas as condições necessárias e adequadas à sua resolução.

Reportando-nos a distintas linhas de pesquisa que têm vindo a ser desenvolvidas[275], a reparação da desintegração da realidade interiorizada ao longo do

---

[272] Norman Sprinthall,e Andrews Collins, *Psicologia do Adolescente- Uma abordagem desenvolvimentista,* Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1999

[273] Erik Erikson, *Psicologia do Adolescente- Uma abordagem desenvolvimentista,*capítulo V, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1999, págs. 192-195

[274] René Zazzo, "A Vinculação – Uma nova Teoria sobre a origem da afectividade" in op.cit., pág. 35

[275] Nuno Torres e João Paulo Ribeiro (org.) , *A Pedra e o Charco - Sobre o conhecimento e intervenção nas drogas*, Íman Edições, Almada, 2001

trajecto de vida e, particularmente, na socialização primária, exige um forte envolvimento com outros significativos que contribuam, intensamente, para a redefinição do mundo vivido e uma reinterpretação da experiência original. A observação dos comportamentos dos outros (modelos), a pressão do grupo de pares e a auto-observação da sua prática e das suas reacções constituem instrumentos terapêuticos fulcrais para a alteração de um discurso interno longamente interiorizado.

### *9.1. Desenvolver sentimentos de pertença e de auto-valorização*

A ideia de que só podemos satisfazer as nossas necessidades, por vias realistas, se estivermos em relação com outros e se dispusermos de alguém que se preocupe connosco e com quem nos preocupemos está presente numa abordagem terapêutica que, a nosso ver, tem interesse comparar com as que anteriormente explanamos a respeito do modelo Portage. Referimo-nos à abordagem denominada por "terapia da realidade"[276] que postula a ligação ao terapeuta e aos outros como a condição determinante da satisfação das nossas necessidades fundamentais. Todos necessitamos de ter uma consciência aguda da existência dos que se preocupam connosco, mesmo que se encontrem distantes.[277] Sem essa ligação, ou seja, se na nossa vida não existirem pessoas que nos apoiam e ajudam a enfrentar a realidade, então, tenderemos a satisfazer as nossas necessidades por vias irrealistas. Passaremos por toda a espécie de problemas psicológicos, desde a ansiedade ligeira à recusa total da realidade[278]. Os conselhos, por melhor intencionados que sejam,

---

[276] William Glasser: *La Thérapie de La Réalité*, Les Éditions Logiques, Paris, 1996

[277] William Glasser: *La Thérapie de La Réalité* op. cit., pág. 17 e 18 Se o prisioneiro ou o náufrago sentem que ninguém se preocupa mais com o que lhes acontece, colocar-se-ão, pouco a pouco, em posição de perder o contacto com a realidade, de satisfazerem cada vez menos as suas necessidades e acabarão por morrer ou enlouquecer. Um exemplo eloquente de duas pessoas que se sustentam mutuamente em grandes provas foi-nos recentemente fornecido na sequência de um acidente de um avião no deserto de neve do norte do Canadá. Uma jovem mulher e um piloto experimentado conseguiram sobreviver quarenta e nove dias sem comer antes de serem socorridos. Eles não estavam só em excelentes condição física, como eles não descreveram a sua experiência como uma coisa horrível. Os dois garantiram que se apoiaram, e que eles tinham confiança que acabariam por ser socorridos. Ainda que as circunstâncias os tivessem levado a apoiarem-se um ao outro, eles já estavam suficientemente ligados a outras pessoas para não desistirem. Eles sobreviveram porque não perderam o contacto com a realidade e que eles satisfizeram as suas necessidades da melhor maneira que eles puderam.

[278]William Glasser: *La Thérapie de La Réalité* op. cit., pág. 18. O que designamos por senilidade não é senão em boa medida a reacção das pessoas idosas à sua solidão. Eles podem, muito bem, estar fisicamente próximos de muita gente, mas ninguém verdadeiramente se preocupa com eles. Um magnífico exemplo literário é-nos dado pela peça The Silver Whistle (Le sifflet d'argent), na qual um jovem que não faz nada de bom se disfarça de velho para poder entrar no que ele acreditava ser o calor e o conforto de um albergue para idosos. Ele encontrou, pelo contrário, os ocupantes terrivelmente decrépitos e senis. Levando-os a preocuparem-se uns com os outros, ele fê-los reviver muito mais do que ele poderia pensar. Tendo eu próprio conhecido uma experiência semelhante com um cliente de 95 anos, eu pude testemunhar o efeito quase miraculoso que se obtém a levar um homem desta idade a implicar-se de novo na vida depois de ter acreditado que isso não seria possível. O homem senil e fraco que ele era

fracassam sempre que os indivíduos não se sentem suficientemente implicados. Sem esta implicação, não se pode ajudar ninguém a satisfazer as suas necessidades.

Nesta perspectiva, que tem pontos de contacto como o modelo de intervenção inspirado no programa Portage, toda a psicoterapia deve necessariamente lidar com duas necessidades psicológicas: a necessidade de amar e de ser amado e a necessidade de sentir que se conta para si mesmo e para os outros. Ajudar os indivíduos a satisfazer estas duas necessidades representa o fundamento da terapia da realidade, sabendo-se, no entanto, que a capacidade de as concretizar varia consideravelmente[279], pelo que importa, entretanto, reconhecer que a definição de amor não está isenta de ambiguidades. Ou seja, que estamos em presença de uma noção que está longe de ser evidente e simples[280].

Os argumentos invocados para sustentar o fundamento da implicação do terapeuta remetem para o facto de o ser humano só poder satisfazer as suas necessidades se estiver em relação com outros. Se não dispusermos de alguém que se preocupe connosco e com quem nos preocupemos, não conseguiremos atingir as nossas necessidades fundamentais.

### *9.2. Dimensão moral do comportamento humano*

Um outro ponto em que a "terapia da realidade" se demarca de outras formas de terapia, designadamente das que se inspiram na psicanálise, é que a dimensão moral de todo o comportamento constitui um ponto nuclear do trabalho

---

tornou-se um membro activo, vigoroso e autónomo, do grupo de pacientes do seu sanatório, e isso em apenas três meses.

[279] William Glasser: *La Thérapie de La Réalité* op. cit., pág. 20. Em todos os cantos do mundo, mesmo nos mais evoluídos cultural e economicamente, encontramos muitas pessoas cujas necessidades psicológicas não estão satisfeitas, em virtude de não serem capazes de dar e receber amor e que nem para si, nem para os outros, admitem possuir algum valor. A necessidade de sentir que temos valor por nós e pelos outros é de uma importância igual à necessidade de amor.

[280] William Glasser: *La Thérapie de La Réalité* op. cit., pág. 21 Tomemos como exemplo a criança mimada: ela recebe, sem dúvida, amor em abundância, mas os seus pais não fazem a diferença, no entanto fundamental, entre amá-lo e aceitar o seu comportamento, bom ou mau. Por certo que é preciso amar a criança, mas amá-lo não significa aprovar tudo o que ela faz, de olhos fechados. A criança sabe bem distinguir entre o bem e o mal, e ela fica frustrada quando recebe amor por um comportamento que ela sabe que é mau, não o deixa experimentar o sentimento do seu valor. Numa tal situação, ela actua segundo o esquema familiar da criança mimada, com o fim de levar os seus pais a impor, mais do que o seu amor, os limites para o seu comportamento assim como certas exigências. Logo que os seus pais o fazem, o comportamento da criança melhora

terapêutico. Não é possível pensar e estabelecer laços sem abordar de frente a questão do bem e do mal. A terapia da realidade assume que é fundamental ensinar as melhores formas de as pessoas satisfazerem as suas necessidades. Se toda a sociedade é fundada sobre a moral, como remeter a pessoa para a realidade, se nos demitimos de com ela reflectir sobre as qualidades do seu comportamento. Não será irrealista admitir que basta perguntar a um jovem porque é que roubou um carro, ou consome drogas, para que este, uma vez descobertas as razões, seja capaz de resolver os seus conflitos e mudar de comportamento? A resposta da "terapia da realidade" é que para pôr um fim ao comportamento inadequado, o indivíduo precisa de satisfazer as suas necessidades, sendo que, todavia, para as satisfazer, deve necessariamente compreender as regras de comportamento socialmente admitidas.

A introdução da moral na psicoterapia implica capacitar os indivíduos para que se tornem juízes da qualidade dos seus actos. Não mudarão se não avaliarem o seu próprio comportamento e se não desenvolverem a capacidade de decidirem sobre a qualidade moral dos seus actos. Um terapeuta da realidade não tem medo de colocar a questão do bem e do mal à pessoa que trata, de lhe perguntar se considera que adopta verdadeiramente a atitude responsável.

Suscitar a consciência do cliente sobre o mau carácter do seu comportamento actual ou da sua irresponsabilidade representa uma componente crucial do tratamento psicológico, na precisa medida em que a reflexão moral pode constituir um instrumento poderoso para mudar. Quando se mostra ao indivíduo que aquilo que ele faz pode estar mal, em vez de o ajudar a encontrar desculpas, ele descobre que a terapia não é um jogo intelectual que consiste em dissertar sobre a natureza do conflito. Descobre que alguém se preocupa verdadeiramente com ele, o que representa um passo essencial no estabelecimento do laço necessário à terapia.

Por isso, para que a terapia seja sucedida, o terapeuta deve reconhecer que existem regras de comportamento aceites quer pelos indivíduos, quer pela sociedade, que constituem os melhores meios para satisfazer as necessidades humanas fundamentais. É preciso colocar os indivíduos perante a contradição entre os valores que reconhecem e a vida que levam.

Levar um indivíduo a admitir expressamente os valores em que verdadeiramente acredita faz parte da terapia cuja tarefa principal é ajudá-lo a adequar a sua vida a esses valores. Quando não se insiste sobre as normas e os valores, o melhor que a terapia pode fazer é ajudar os clientes a sentirem-se mais à vontade na sua irresponsabilidade. É por partir do pressuposto de que a pertença e o sentimento do próprio valor são as duas necessidades mais essenciais ao equilíbrio dos indivíduos, que a terapia da realidade se esforça no sentido do ajustar os

comportamentos às normas. A intervenção terapêutica consiste não propriamente em atenuar a dor causada por acções irresponsáveis, mas, isso sim, em desenvolver na pessoa a capacidade de retirar satisfação das responsabilidades assumidas e de suportar as dores que necessariamente acompanham a concretização de uma vida bem preenchida.

A arte da terapia da realidade consiste em levar a pessoa a avaliar a sua vida, a rever os seus valores e a tomar decisões mais eficazes. Para estabelecer uma relação que favoreça a mudança, o "terapeuta da realidade" deve seguir alguns dos mais importantes princípios concebidos por Rogers a respeito da relação de ajuda: escutar a pessoa; ajudar o indivíduo a encontrar meios mais eficazes para satisfazer as suas necessidades; demonstrar a sua implicação para ajudar o indivíduo; estabelecer uma relação autêntica; centrar-se sobre o presente; não julgar nem punir; ajudar a pessoa a evitar a armadilha das desculpas para explicar os seus comportamentos destrutivos; favorecer a aprendizagem da responsabilidade e da integridade.

Reportando-nos novamente aos jovens que conhecemos na Clínica do Outeiro e cujos percursos de vida nos dispusemos a reconstruir, é altura de começar a problematizar os obstáculos que tornam a aprendizagem acima referida dilemática, assim como as condições necessárias à sua implementação.

Sendo inquestionável que a toxicodependência na adolescência assume contornos específicos por relação aos adultos, desde logo porque a pertença a um grupo de pares é mais premente nesta fase do desenvolvimento, é preciso ter em conta as necessidades específicas desta fase do desenvolvimento psicológico e social dos seres humanos. É preciso, igualmente, ter em conta que as vidas dos adolescentes a que nos referimos foram, desde muito cedo, oprimidas pela falta de algumas das condições que os especialistas consideram determinantes para a formação do ego, que o mesmo é dizer, para aprender a elaborar os impulsos, tendo em conta as realidades exteriores.

Se tomarmos a teoria do desenvolvimento psicossocial de Erik Erikson como uma ferramenta de análise não poderemos deixar de concluir que o crescimento psicológico destes adolescentes foi seriamente dificultado, uma vez que não lhes foi permitido superar, de modo adequado, os estádios e fases inerentes ao desenvolvimento. As interacções que os envolveram e de que fizeram parte não permitiram resolver as sucessivas crises psicossociais inerentes ao desenvolvimento psicossocial. O contexto material e relacional em que ocorreram as suas curtas vidas, nem de perto, nem de longe, lhes proporcionou as condições necessárias para saírem

da crise inerente a cada um dos estádios de desenvolvimento, desde logo porque a vertente negativa prevaleceu, com muita força, sobre a vertente positiva das suas existências.

A perspectiva que Erik Erikson sustenta a respeito do desenvolvimento psicossocial é, quanto a nós, particularmente fértil para compreender os fenómenos que estão em causa quando pretendemos pensar os caminhos da libertação das drogas e da inclusão social. A riqueza das suas formulações teóricas decorre de ter abordado a formação do ego em estreita interacção com o contexto social externo, assim como de ter desenvolvido uma concepção da identidade como processo ao mesmo tempo singular e colectivo, como processo dinâmico que ocorre ao longo de todo o ciclo vital, assim rompendo com a ideia da identidade como substância, como dado inato e estável[281].

Vale a pena seguir de perto a série de estádios do desenvolvimento psicossocial por si identificados a fim de tentar perceber quais os desafios específicos e as atitudes básicas que não puderam ser superados de modo positivo pelos jovens em questão e que acabaram por marcar a sua evolução como seres sociais. Vale, igualmente, a pena estabelecer esse contraponto com a teoria para reflectir acerca da qualidade e natureza das condições de que decorrerão as possibilidades de reparar as falhas na construção identitária e gerar a mudança no sentido de uma estruturação mais consistente do objecto interno.

Segundo Erikson, o indivíduo sairá de cada um dos estádios com um sentido de si próprio reforçado, ou debilitado, sendo que a resolução positiva se traduz num ganho psicológico, emocional e social que confere equilíbrio mental e capacidade de um bom relacionamento social. Se a resolução da crise for negativa, o indivíduo sentir-se-á socialmente desajustado e tenderá a desenvolver sentimentos de ansiedade e de fracasso.

Diz este autor que a qualidade da resolução de cada estádio influencia a qualidade da resolução dos estádios posteriores, embora não se possa concluir que a não resolução de um determinado estádio bloqueie inelutavelmente a progressão desenvolvimental do indivíduo para o estádio seguinte. Por exemplo, uma criança cuja mãe a constrangeu a uma relação ambivalente não ficará impedida de evoluir para outros estádios de desenvolvimento se, posteriormente, lhe for proporcionado um ambiente compensatório. Poderá, assim, vir a adquirir alguma confiança básica que lhe possibilite sair de si própria e explorar o meio mais activamente, que o mesmo é dizer, poderá vir a resolver adequadamente as tarefas próprias do seu percurso

[281] Erik Erikson & Erikson, *O ciclo da vida completo*, Artes Médicas, Porto Alegre, 1998, cit. in Carlota Teixeira, *O Tecer e o Crescer – Fios e Desafios,* Dissertação de Mestrado em Ciências do Serviço Social, Instituo de Ciências Biomédicas de Abel Salazar,, Universidade do Porto, *2009*

anterior, assim como a evoluir favoravelmente para as tarefas típicas da fase posterior[282]. Em suma, poderá reestruturar o padrão de vinculação anteriormente inseguro.

As vidas dos jovens com quem estabelecemos relação na Clínica do Outeiro são um exemplo particularmente dramático de como o processo de construção do eu pode ser dificultado uma vez que nunca esteve, nem está, ao seu alcance adquirir um sentimento de si minimamente consistente. Pode dizer-se que o seu processo identitário não lhes permitiu a construção de um eu integrado, tal a prevalência dos conflitos, contradições e ambivalências insuperáveis nas suas curtas vidas. Se é verdade que a resolução de crises é uma constante em todo e qualquer percurso existencial, não é menos verdade que o tipo de crises que atravessam a vida destes jovens é, pela força avassaladora da sua negatividade, incompatível com a formação de um ego saudável.

Os discursos proferidos pelos próprios jovens sugerem que os conflitos inerentes ao primeiro estádio – *confiança/desconfiança* [283] não puderam ser convenientemente elaborados, uma vez que às suas figuras maternas faltou a energia, a disponibilidade e o descentramento necessários para que não viessem a desenvolver, em fase muito precoce da vida, medos, receios, sentimentos de

---

[282] Cfr. Carlota Teixeira, O Tecer e o Crescer – Fios e Desafios, op.cit.,pág. 79

[283] Cfr. Carlota Teixeira, *O Tecer e o Crescer – Fios e Desafios* , pág. 81 e 82. Ao longo do primeiro ano de vida, a relação criança – adulto facilita, ou não, o desenvolvimento de uma segurança íntima em relação ao eu e ao mundo. Os prestadores responsivos atentam às necessidades e solicitações do bebé e investem afectivamente nele e, desse modo, tendem a desenvolver na criança este sentimento de confiança. Sentimento este que nasce da constatação de que, quando necessita, o adulto está presente para satisfazer as suas necessidades. Quando esta responsividade é frágil, e o adulto atende, ou não, às necessidades e solicitações do bebé, desenvolve-se um sentimento de insegurança, de "não saber com o que contar", que pode traduzir-se em padrões comportamentais de apatia ou de irritabilidade, e dificuldades no estabelecimento de uma interacção mutuamente gratificante. Estas experiências, essencialmente orais, constituem o primeiro sentido rudimentar da identidade; é através da mãe - ou figura cuidadora - que o bebé tem o primeiro contacto com o mundo da cultura, com as regras subjacentes a essa cultura, presentes no comportamento da mãe, ou figura substituta, em relação à criança. Desenvolvido este sentimento de confiança básica, a capacidade exploratória da criança alarga-se, fruto também das competências motoras, sensoriais e cognitivas que vai adquirindo. Quanto maior a capacidade exploratória, maior a riqueza de experiências e de estímulos, o que reforça na criança o sentimento de capacidade, por um lado, e ajuda à aquisição de novas competências e habilidades, por outro. A experimentação, a repetição, a procura de novas soluções, ajudam a criança a desenvolver mecanismos adaptativos cada vez mais apropriados. Pelo contrário, uma criança insegura, ou presa a uma relação ambivalente, terá maior dificuldade em explorar o meio e, portanto, as suas competências e estratégias de lidar eficazmente com o mundo podem sair prejudicadas, bem como o sentimento de ser capaz. O afastamento progressivo da mãe representa a consciência crescente de que é um ser distinto, mas acarreta simultaneamente um sentimento de perda básica que pode, no entanto, ser compensado quando se aprende que se pode confiar na continuidade e consistência da satisfação das próprias necessidades. Por seu lado, a percepção gradual de que pode controlar os seus impulsos constitui igualmente um factor fundamental no processo de autonomização. Quando o sentimento de confiança na continuidade e uniformidade de cuidados não se desenvolve, a criança terá mais dificuldade em resolver eficazmente o conflito entre o desejo da fusão e o desejo de autonomia.

desconfiança que acabaram por se reflectir nas relações futuras. Não encontraram nos seus pais, ou outros adultos, fontes de segurança e de identificação.

Originários de famílias consideradas como maltratantes ou negligentes, muitos deles foram institucionalizados e, assim, compelidos a uma separação que, todavia, não representou uma verdadeira oportunidade de desfrutarem de um envolvimento emocional adequado. Tivemos já ocasião de, na primeira parte, assinalar que estas instituições estão longe de assumir as necessidades próprias das crianças. São, desde logo, incapazes de proporcionar a resolução adequada do conflito inerente ao primeiro estádio de desenvolvimento, integrando as crianças num quadro relacional portador de segurança.

As perturbações da vinculação foram em todos eles agravadas pela institucionalização, já que, como se depreende dos seus testemunhos, as instituições para que foram remetidos não representaram um espaço reparador, capaz de desencadear a aprendizagem da confiança em si e nos outros, não lhes ofereceram ambientes responsivos, afectuosos, significativos, antes pelo contrário, exacerbaram, ainda mais, as lacunas desenvolvimentais que acima foram referidas.

Não lhes havendo as famílias proporcionado o ambiente indispensável à superação da tensão entre o par *autonomia/dúvida e vergonha*, faz todo o sentido, quanto a nós, continuar a pensar nos previsíveis desfasamentos entre o que a teoria nos revela como determinante para crescer e a realidade cruel dos meninos cujas vidas aqui procuramos construir.

O autor caracteriza-o por uma contradição entre os impulsos e as normas e regras sociais que é preciso começar a integrar desde a mais tenra infância, sendo para tal necessário que o meio exterior proporcione os estímulos indispensáveis para fazer coisas de forma autónoma e evite a extrema rigidez que deixará a criança com sentimentos de vergonha.

De facto, afirmar uma vontade é um passo importante na construção de uma identidade. A criança coarctada na sua capacidade exploratória, seja em virtude de um super controlo das figuras significativas, seja porque as suas realizações não são valorizadas, seja, ainda, porque o seu meio é pobre ou vazio de estimulação, tende a perder o sentido de autodomínio, do querer e do conseguir. Limitada ou impossibilitada de descobrir as suas próprias capacidades, instala-se numa situação favorável à interiorização de uma propensão para duvidar de si mesma, o que, por sua vez, induz uma propensão para se retrair quando enfrenta situações até aí desconhecidas.

Por outro lado, se não conhece limites, se tudo lhe é permitido, se as suas explorações não são orientadas, se não é confrontada com os insucessos e ajudada a ultrapassá-los, se nada lhe é negado, se livremente explora tudo o que pretende, o

seu desenvolvimento pode igualmente ficar perturbado. O sentimento de que pode fazer tudo, sem restrições, pode ser tão impeditivo da realização como a vergonha e a dúvida. Se não existem “contentores” que definam o que pode ou não ser feito, base da aprendizagem da interacção social, da capacidade de concentração, da resistência à frustração, do comportamento dirigido, a criança perde-se na sua própria ânsia de autonomia. Vergonha e dúvida são, portanto, factores importantes para o desenvolvimento do indivíduo, independente e responsável, desde que sejam convenientemente elaboradas, que o mesmo é dizer, desde que não instalem sentimentos de incapacidade.

O balanço entre estes dois pólos representa a base para o desenvolvimento de uma moralidade que ditará restrições ao desejo de autonomia, pela aprendizagem dos constrangimentos internos e externos. Uma certa contenção, derivada da percepção destes limites, é útil porque obriga o indivíduo a reflectir sobre as vantagens e limites das suas acções. Por sua vez, uma certa impulsividade pode ser libertadora, não só na medida em que permite a expressão genuína do querer individual, mas também porque estimula o indivíduo a confrontar-se com situações mais complexas e, eventualmente, conflituais, e, assim, desenvolver respostas adaptativas mais elaboradas.

Faz, pois, todo o sentido interrogar até que ponto a institucionalização proporcionou a estes jovens, retirados do ambiente familiar, experiências suficientemente estimulantes das suas capacidades exploratórias e de realização. Dos testemunhos recolhidos, não nos parece excessivo deduzir que nesses lugares de substituição da família de origem não lhes foram proporcionados modelos relacionais (re)organizadores do psiquismo para que pudessem vir a resolver os seus conflitos de identidade. Nem, tão pouco, assumiram como tarefa essencial a oferta de projectos de ocupação vocacionados para proporcionar actividades propiciadoras de descoberta e de desenvolvimento das cognições.

As experiências de institucionalização não constituíram, muito longe disso, espaços contentores de base segura, onde os jovens se pudessem desenvolver como seres autónomos, responsáveis e moralmente capazes, desde logo devido à ausência de prestadores de cuidados verdadeiramente envolvidos numa relação segura.

As questões da separação, da perda e dos sentimentos de pertença não podem ser superadas se o ambiente externo for desprovido de mecanismos de contenção e de reparação das feridas narcísicas, base para que possam acreditar no futuro. Se à sua volta não existirem adultos que lhes devolvam a esperança e acreditem incondicionalmente neles, sobretudo porque, muitas vezes, essa esperança

foi coisa que nunca conseguiram criar ou tolerar em si próprios[284]. Sem isto, os jovens permanecerão presos a um sofrimento que não sabem codificar ou a que não sabem dar significado. Ouvir e estar disponível para partilhar um sofrimento pode, assim, ser muito mais essencial do que perguntar ou interpretar. Mas fazer disto o trabalho diário exige dos adultos uma estrutura psíquica bem organizada, capacidade de reflexividade contínua sobre as representações e as práticas e, sobretudo, relações verdadeiras e empáticas, que se efectivem como modelos de relação plausíveis.

A intervenção na Clínica do Outeiro elege a aprendizagem de valores tais como a responsabilidade, autenticidade, solidariedade, respeito por si e pelo outro. Neste sentido, pode concluir-se que a sua intervenção é perfeitamente concordante com o princípio da "terapia da realidade" que consagra a dimensão moral do comportamento como uma componente incontornável da terapia.

**Júlia**

> Foi o colégio que tratou de eu vir para a Comunidade. Já cá estou há dez meses… o colégio tem um peso muito importante na minha vida… a minha perspectiva sobre o colégio mudou, mudou agora que eu me sinto bem comigo mesma e vejo as coisas de uma maneira mais sólida… foi desde que vim para cá que eu comecei a criar laços com as pessoas… do colégio vêm visitar-me e eu vou lá… estou muito mais apaziguada… aqui na clínica aprendi a ser "eu"… aprendi a gostar de mim, não tentar parecer o que não sou, mas a sentir; aprendi a ter auto-controlo, a saber gerir as minhas emoções para controlar os meus comportamentos… aprendi a fazer-me respeitar… aprendi a ser contrariada… tive que me abrir à mudança… é muito difícil cumprir este programa, mas retira-se da vida aquilo que se investe nela…
> (…) Eu estou aqui para mudar os meus comportamentos desviantes… eram comportamentos como tomar álcool, fumar "erva", começar a faltar às aulas, mentir, saídas nocturnas sem dar conhecimento no colégio (quando ia ficar a casa de amigas)… olhe, o começar a ser muito arrogante, o não parar para ouvir os outros… eu julgo que a razão para todos esses comportamentos foi sobretudo porque comecei a ser muito revoltada… era uma revolta causada pela minha vida, ou melhor, pela ausência da minha mãe e por ela me ter entregue à minha avó…
> …esta revolta cresceu dos doze para os treze anos e a oportunidade para estes comportamentos aumentarem também coincidiu com o mudar de escola… conheci outras pessoas e isso teve influência, outros amigos… por exemplo, com a "erva", eu experimentei porque quis, mas porque eu via-os a eles todos satisfeitos e também quis experimentar… gostei e portanto continuei…
> …mas vim para a Comunidade para mudar esses comportamentos… para poder mudar é necessário que eu esteja aberta à mudança… querer mudar é portanto fazer sacrifícios… não há mudança sem sacrifício… não é fácil mudar, custa muito mudar uma "coisa em ti" que já tens há dezassete anos…sacrificar é abandonar uma ideia que se pensa ser correcta e ouvir a opinião de outro, é corrigir um comportamento… é muito importante aprender a fazer-nos respeitar, sermos pessoas humildes, lutadoras, com objectivos todos os dias,

[284] Pedro Strecht, *Preciso de Ti*, op.cit. pág.77.

sermos consequentes, não minimizar nem racionalizar sentimentos, sermos pessoas abertas, sabermos pedir ajuda…e sabermos contar com o outro e pedir ajuda…

…a terapia, no caso da partilha de sentimentos com confrontação, visa precisamente fazer a pessoa que tem um acto incorrecto tomar consciência e acabar por se sentir mal com o ensinamento que lhe é dado e fazer com que diminua a frequência do comportamento até mudar… por exemplo, eu era uma pessoa fechada e aqui, com a partilha de sentimentos fui aprendendo a confiar nos outros… à medida que os outros nos falam das experiências e dos sentimentos deles nós vamos começando a falar dos nossos… fazendo isto todos os dias com uns e com outros vamos melhorando a nossa forma de estar… vamos mudando as atitudes…

…uma outra situação que se passa comigo é o facto de eu ter dificuldade em lidar com sentimentos, como o estar "farta", revoltada, o sentir-me inferior, humilhada, impotente, desrespeitada e só, só… quanto ao sentimento de estar "farta", por exemplo de estar na Comunidade, eu vou pedindo que me ajudem, vou partilhando esse sentimento e, como sei que devo cá continuar, que tenho objectivos a atingir, vou "pondo cá fora" esse sentimento para não acumular raiva dentro de mim…

…o sentimento de estar só, que me é muito difícil lidar, e que vivo mesmo quando estou com muita gente, ou por exemplo quando me reencontro com amigos que já não me dizem nada…eu mudei e eles não e isso faz-me sentir só… viver este sentimento é muito difícil para mim porque o vivi muito relativamente à minha mãe, então é como reviver essa situação sempre que me sinto só…

…fazer terapia é ainda mudar comportamentos como os que decorrem da impulsividade. … eu era muito impulsiva… agia sobre o impulso de qualquer sentimento que mexesse comigo, como por exemplo quando me irritava muito, destruía as coisas… uma vez irritaram-me tanto que eu parti o meu quarto todo…partir as coisas acalmava-me… dirigia a minha raiva para os objectos, porque estava em casa; se fosse na rua eu armava uma "cena" e fazia a pessoa sentir-se mesmo inferior, humilhada… eu tinha uma imagem de mim que eu queria conservar, porque eu por dentro não sou assim… é essa imagem que aqui na Clínica se ajuda a mudar… eu ainda tenho que limar muitas arestas…por exemplo, apesar de salvaguardar a "imagem" já ser algo que me faz sentir mal, o facto é que faço ainda coisas na mesma, não sou capaz de ir pedir desculpa a outra pessoa para quem fui incorrecta… ora, a terapia o que pretende atingir é também aprendermos a ser verdadeiros connosco e com os outros, sem precisarmos de recorrer a essa "imagem"… por exemplo, para me sentir bem, eu tinha que ser "superior" a alguém… sempre escondi a minha sensibilidade e sempre me mostrei durona porque achava que isso fazia de mim alguém mais importante e me defendia da dor e do sofrimento… escondia a sensibilidade para que os outros não me gozassem… eu tive essa experiência de ser gozada… fui gozada por amigos e por um namorado que tive… tinha necessidade de me sentir "superior" porque vivi inferioridades, senti-me muitas vezes inferior na minha vida quando pensava relativamente à dos outros…os meu amigos davam-se com as mães e eu não… isso fazia-me sofrer e sentir inferior, a minha mãe não me ter ligado "pívia"…

…todas estas mudanças são essenciais porque vão contribuir para fazer de mim uma melhor cidadã…rica por dentro…a manutenção dos comportamentos que eu tinha pode levar, caso não mudasse, a uma escalada de comportamentos e, se não for agora, pelo menos mais tarde, poder vir a ser delinquente… fazer mal a mim e à sociedade…

…sobre o programa ainda lhe posso dizer que a chave é a honestidade… as pessoas voltam a adquirir valores básicos: higiene pessoal, cuidar de si mesmo e, aos poucos, vai-se trabalhando a auto-estima... o cuidado que temos connosco e com as nossas próprias

roupas… temos sempre, sempre, sempre, de respeitar o outro para nos fazermos respeitar… ter objectivos, ser pessoas trabalhadoras, ganhar as coisas por mérito e sentir-se bem consigo próprio, por afinal ter conquistado as coisas, ter atingido o objectivo… esta é uma outra faceta do programa… à medida que a pessoa vai superando objectivos, vão-se estabelecendo objectivos mais difíceis… a luta por alcançar os objectivos terapêuticos também traz a possibilidade de ganhar (sempre lutando) outros objectivos como sejam o acesso aos telefonemas, as saídas e as visitas… todo o trabalho deve ser feito com orgulho e qualidade… aprender a estar na família é difícil, mas no fundo é aprender as regras da casa e começar a cumpri-las; ir cumprindo a terapia, ou seja, fazermo-nos confrontar na nossa vida e confrontar os outros, aprender a conhecer melhor a nós próprios e darmo-nos a conhecer aos outros e depois as coisas vão-se desenrolando e tudo gera terapia, tudo. Há ainda um outro conjunto de regras muito importantes que ajudam a viver em família que são as regras da casa, como o cumprir os horários da família, fazer a higiene pessoal todos os dias, não emprestar nem pedir nada emprestado, andar sempre acompanhado, respeitar cargos e estatutos… depois as regras cardinais, muito importantes para cumprir o programa, que consistem em não resistir à terapia, não haver contacto afectivo ou sexual, não consumir medicação sem ser prescrita pelo médico… afinal aprender a sermos nós próprios sem ter de recorrer às drogas ou assim… por exemplo, desde que estou cá também reforcei a relação com a minha mãe com quem tinha reatado quatro ou cinco meses antes de vir para cá… hoje já conseguimos falar sem ser sempre a discutir… por exemplo, neste Natal fui a casa dela e as coisas correram bem…

…quando sair daqui ainda não decidi como vou fazer… estou agora a tratar da minha reinserção social…mas não é para viver com a minha mãe… ou retorno ao colégio ou vou viver com a minha irmã que entretanto arranjou uma casa… tenho objectivos, tenho que ver o que será melhor para mim… agora quando for de visita ao colégio também vou consultar as pessoas de lá sobre isto… por agora tenho a certeza que quero continuar o programa e levá-lo até ao fim.

**Amélia**

…aqui na comunidade aprendi muitas coisas… aprendi a aprofundar o conhecimento de mim própria, a identificar os sentimentos, a perceber as razões dos comportamentos e sobretudo percebi as dificuldades deste processo de libertação dos consumos de droga… aprendi a aceitar-me a mim mesma sem precisar de me fazer arrogante…aprendi a aceitar o confronto comigo própria e a aceitar que outros o possam fazer para me ajudarem… aprendi regras, horários… a ter orgulho em mim… a ter gosto por vir a trabalhar… a construir uma família… aprendi que quando fazemos bem aos outros, quando podemos ajudar, isso também nos faz bem… são muitas as terapias… as mais importantes são o confronto, a partilha de sentimentos e, talvez o aprender a responsabilizar-nos por um colectivo, uma “família” … tudo o que aprendi ajudou-me a mudar os meus comportamentos, a ter regras, a não ser arrogante e a apreciar estar atenta aos outros…

...uma coisa muito importante é que comecei a perceber que posso ter uma vida mais feliz se me esforçar por ter um trabalho…por ter objectivos… e para isso tenho de ter regras… e fazer sacrifícios…nem tudo acontece de um dia para o outro…as coisas demoram tempo a

alcançar… isto é ainda uma coisa que me custa a aceitar… estou sempre ansiosa para concretizar os meus objectivos… às vezes ainda me custa aceitar a necessidade do esforço… cresci sem saber o que isso era… quando queria alguma coisa… comida, por exemplo, roubava… era o que fazia quando o meu pai me pedia e não havia dinheiro… se queria roupa o meu namorado dava-me… ele não queria que eu me drogasse… mas também foi pouco tempo como já lhe contei… a vida de droga foi uma vida de nada…
…custou-me muito, [o início na Comunidade] custou-me muito porque é difícil falar de mim… depois, porque não encontrava sentido para estar aqui… eu tinha vivido muito tempo sem regras… só a fazer o que me apetecia… é verdade que eu não era feliz, como já lhe disse, mas quando comecei o programa nem sequer imaginava que podia vir a tornar-me uma pessoa mais forte… mas aprendi, cresci muito aqui, cresci mesmo muito… aprendi regras e aprendi valores… a honestidade e a solidariedade são coisas importantes e isso eu aprendi nesta família… sim, é como se fosse uma família… ajudamo-nos e ajudamos os outros e eles a nós…
… é claro que me custa falar dos sentimentos… porque digam o que disserem, o eu falar dos sentimentos não me resolve os problemas… por exemplo, eu posso falar dos meus sentimentos por ele, mas isso não me traz de volta o meu pai… ele desapareceu… desapareceu… não sei nada dele… dói-me, isso dói-me... quando sair daqui ainda não sei… ando a pensar nisso… não sei se vou para um colégio ou se vou viver com a minha mãe… eu aqui tenho estudado, mas não sei se vou continuar… gostava de arranjar um trabalho… queria refazer a minha vida.

**Filipe**

"Hoje, continuo a achar que sofri injustiças, que me magoaram, mas já mudei… é bom para mim falar, dantes não era assim, dantes não falava de nada mas, hoje, já sei controlar o meu comportamento, os meus sentimentos… mudei, porque já não faço disparates. Já sei controlar essa revolta. … eu agora aprendi a controlar os meus sentimentos… e os meus comportamentos… eu, hoje, não ando à porrada… não resolvo assim as coisas… mesmo aqui, às vezes, querem que eu entre nessas coisas, ainda no outro dia, mas eu não entro… eu agora penso em tudo… às vezes quando eu estou só, julgam que eu quero isolar-me, porque estou a pensar coisas, coisas más, mas não é isso… eu estou é a arrumar os meus pensamentos… as minhas ideias… estou a pensar tudo para saber como hei-de agir, para controlar as situações, para fazer como aprendi…eu quero é ir embora. … gosto de cá estar, mas estou cansado…
…o programa é difícil, é duro… mas acho que me falta pouco… eu quero ir ver as minhas irmãs, mas acho que aqui ainda não acreditam. (…) Eu gostei de vir para cá… sinto-me bem… agora sinto-me mesmo muito bem… acho que só me falta aprender uma coisa… mas acho que ainda não acreditam que mudei, nem mesmo os Staffs… acho que ainda não acreditam…
…é difícil para mim fazer-me respeitar… o programa é difícil porque temos que aprender a vida em família… temos de aprender a cumprir as nossas tarefas, até regras e valores… a honestidade … o respeito por nós e pelos outros… e temos que nos saber impor… vigiar para que os outros também cumpram… eu às vezes aqui tenho dificuldades… tenho medo de não me fazer respeitar… mas eu até já fui chefe, do team…

Também é difícil *partilhar sentimentos* e pedir ajuda… porque pensar sobre o nosso passado dói… eu não percebo como querem que seja… primeiro, mandavam-me controlar-me, ser mais calmo… e agora, dizem-me para ser mais impulsivo… não percebo! É difícil para mim levar os outros a cumprirem e a aceitarem as minhas directrizes… tenho medo… tenho medo que não me aceitem… tenho medo que não gostem de mim…que me não faça respeitar… tenho medo de activar o meu sistema nervoso como antigamente se eles não me aceitarem… mas acho que hoje já sou capaz de controlar a revolta… acho que ainda nunca fui capaz de falar assim tão claro! (…) Mesmo se ainda é um pouco difícil falar de algumas situações da minha vida… a minha mãe, não lhe quero mal… não lhe quero mesmo mal… quero que tenha a vida dela e já perdoei… hoje já me sinto outro… sinto-me bem… antigamente não falava com ninguém… não era capaz… hoje é diferente… sinto que cada vez que falo me faz bem… às vezes a minha maneira de falar muda, quando falo desses assuntos, como o do meu monitor… ainda hoje, eu sei… (*mudou o tom de voz, deixou de olhar de frente para o interlocutor e ficou a olhar para o chão, encolhendo o corpo)*

*…o* que eu gostava era de ir ao colégio e dizer tudo o que penso e que sinto ao meu monitor… falar de tudo o que se passou, mas mostrar-lhe como estou diferente… também gostava de ir aos cursos onde andei e que abandonei… ir mostrar a todos, colegas e amigos, professores, como estou diferente… queria que vissem como hoje sou uma pessoa com auto-confiança... queria que vissem como sei falar de tudo, de todos os problemas, como controlo os meus sentimentos e os meus comportamentos… gostava mesmo… gostava muito que as minhas irmãs me vissem agora…é importante que mudem a imagem que fizeram de mim… quero que vejam que podem acreditar em mim… que confiem em mim… eu gostava era de viver com as minhas irmãs… se elas não quiserem? Se elas não quiserem acho que vou aceitar… acho que sou capaz de aceitar que não tenham as mesmas ideias do que eu… há muitos problemas porque as pessoas não sabem aceitar que os outros possam ter ideias diferentes… eu acho que isso já compreendi e que sou capaz de lidar com os sentimentos se as minhas irmãs não quiserem viver comigo…

*S*obre o meu futuro… já pensei nisso, talvez venha a ficar no Porto… talvez a viver numa casa, com algum dos meus amigos positivos, algum ex-residente … para um colégio não quero voltar… mas também já não tenho idade para ir para colégios… quero viver numa casa… talvez com outros companheiros…

Os professores ficam às vezes surpreendidos comigo aqui nas aulas… às vezes parece que não ouço, que estou virado para dentro, mas não, estou a ouvir e a pensar, a pensar em tudo… eu penso em tudo… sinto-me muito mais auto-confiante… falta-me pouco… eles têm de acreditar em mim… não sei se vou continuar a estudar… o que eu queria mesmo era ter um trabalho…começar uma vida nova… sim, eu ainda ajo muito em sentimentos e nessas alturas só me apetece partir tudo… andar à porrada… dá-me raiva… porque eu cresci revoltado… mas já estou muito melhor… é verdade, ainda tenho esses comportamentos… viu na sala de aula, pois, atirar-me para o chão… não respeitar o professor… não fazer os trabalhos… talvez isso, sou teimoso mas nem sempre sou para as coisas que devem ser… quero ir-me embora mas sei que pode ser mau… tenho medo do que vai ser lá fora…

Faz, pois, todo o sentido reflectir sobre o funcionamento da Clínica do Outeiro no que respeita ao tratamento dos reais problemas que impedem os jovens de

crescer individual e socialmente. Até que ponto ela constitui um meio faclitador da reparação e desenvolvimento dos laços vinculativos iniciais, indispensáveis na construção do eu, até que ponto cuida de criar as condições de desenvolvimento emocional e cognitivo.

Como defende Winnicott[285], a realidade que apreendemos é mediatizada pelos outros significativos, de tal forma que a visão que estes constroem acerca do mundo se transforma "no" mundo[286]. Como assinalam Berger e Luckmann, o ponto inicial da apreensão da realidade é a interiorização dos princípios de classificação, de interpretação e de sentido que fazem parte do mundo dos outros significativos, apreensão que começa com o facto de o indivíduo "assumir" o mundo daqueles que fazem parte do seu universo interactivo.

Ora, se atentarmos no facto de os adolescentes aí acolhidos haverem sido retirados da família, faz todo o sentido que nos interroguemos se lhes são proporcionadas figuras responsivas e atentas com as quais seja possível recriar a relação simbiótica inicial e assim poder partir para a autonomização.

Quais as principais necessidades que a instituição terapêutica deve cuidar de reparar para que os adolescentes se tornem adultos socialmente integrados, responsáveis e psiquicamente organizados? Quais os principais obstáculos que enfrenta para criar um contexto de ressocialização verdadeiramente reparador? Como poderiam ser contornados?

Terá a instituição terapêutica capacidade para organizar a sua dinâmica relacional em torno da reparação das conquistas típicas dos 3º e 4º estádios do desenvolvimento?

### *9.3. Será que a oferta de um meio terapêutico fechado pode suprir as falhas persistentes que avassalam o mundo social dos adolescentes em causa?*

Diz Erikson que o terceiro estádio, da *iniciativa/culpa*, é um período decisivo para uma maior compreensão das coisas e das pessoas, assim como para a obtenção de uma linguagem que permite manter conversas, colocar questões, verbalizar necessidades, desejos, sentimentos e pensamentos, que torna possível experimentar e projectar-se em papéis diversificados, tudo isso base indispensável na construção da identidade.

---

[285] Cfr. Carlota Teixeira, *O Tecer e o Crescer – Fios e Desafios* , pág. 84 e 85
[286] Peter Berger & Thomas Luckman, *A construção social da realidade*, op. cit., p.22

Se as faltas são reforçadas, se a depreciação não é saudavelmente temperada com um reforço positivo daquilo que consegue fazer, a criança poderá fechar-se no medo do insucesso, recusando ter iniciativa sempre que se depara com uma situação que lhe surge como complexa (ou simplesmente nova). O sucesso neste estádio parece ser fulcral para o desenvolvimento da identidade, na medida em que, por um lado, a criança sente, sem culpabilidade, que pode ser o que imaginar ser, que os papéis que a sociedade lhe oferece podem ser desempenhados por ela se assim o desejar. Por outro lado, o sentimento de iniciativa é temperado pela consciência dos limites impostos pelas convenções culturais, apreendidas no meio social em que vive. Só a interiorização das normas e regras de conduta, dos valores éticos e morais permite encontrar este equilíbrio. Por essa via, os limites externalizados pelas figuras parentais vão constituir constrangimentos internos, ou a consciência individual, que orienta para atitudes adaptativas em função dos contextos objectivos.

Todavia, as vidas “dos nossos adolescentes” são um exemplo severo de quanto podem pesar as desigualdades sociais nesse processo de interiorização de regras e normas morais. E é porque não é independente das condições e modos de vida das famílias que a interiorização de regras e limites pode ser impossível.

Nascer numa família que não consegue providenciar autonomamente a sobrevivência dos seus membros, cuja relação com o trabalho é pouco ou nada indutora de sentimentos de valorização e de pertença social, que enfrenta a sobrevivência no dia a dia e não perspectiva o futuro, é uma situação muito diversa da que ocorre numa família de classe média ou alta. A própria relação com as regras sociais, assim como com os valores que lhes estão subjacentes, depende estreitamente da materialidade da existência quotidiana, do universo de relações em que se pode tomar parte, tal como do valor simbólico que é socialmente atribuído ao meio de que se faz parte.

Se é certo que só a assimilação de uma cultura permite ao indivíduo uma iniciativa produtiva, integradora e potenciadora da sua criatividade, porque balizada por interdições que ditam até onde se pode ir, não é menos certo que existem subculturas que estão longe de proporcionar ao indivíduo a resolução adequada desta fase de desenvolvimento psicossocial.

Noutros termos, e procurando descortinar relações entre a interioridade individual e o meio relacional dos adolescentes, pode dizer-se que a interiorização das interdições desempenha um importante papel na construção do superego de que falava Freud, sem ignorar que essas mesmas interdições são construídas no quadro de uma cultura particular através da vida em grupo. Assim, se a Psicologia reforça a necessidade de interiorização das regras e das figuras de autoridade, incorporadas na

instância da personalidade designada de superego, a Sociologia, por seu turno, abre um campo de reflexão sobre as causas das rupturas no processo de socialização, demonstrando as circunstâncias em que o indivíduo (não) tem oportunidade de criar um universo simbólico objectivado em tipificações socialmente válidas[287].

Assim, a resolução das crises de identidade será sempre um processo determinado por influências internas e externas, pelo que compreender e intervir na sua dinâmica implica ter-se presente esta interdependência de factores.

Faz, então, todo o sentido formular uma nova pergunta, susceptível de favorecer o aprofundamento da nossa reflexão crítica. Se a identidade é um processo dialéctico entre interioridade individual e meio relacional, é preciso que nos interroguemos acerca das alterações do meio social externo consideradas adequadas.

**Certo que o internamento fornece um ambiente reparador, mas será o retorno à vida "normal" possível quando nada foi transformado no seu mundo? *Se nada foi feito para que se apropriem de trunfos decisivos, como, por exemplo, a escolarização, que esperar do seu retorno ao mundo real? Será possível provocar mudanças da identidade profunda sem criar uma verdadeira ampliação das oportunidades de se apropriarem dos conhecimentos adequados à idade em que se encontram? Como induzir mudanças cognitivas profundas se os adolescentes mantêm a percepção de que nunca serão capazes de aceder ou participar, por meios socialmente legítimos, nos estilos de vida considerados normais na sociedade em que vivemos?***

Erikson[288] refere consequências psicopatológicas dos conflitos inerentes à superação da crise entre a iniciativa e a culpa que se podem vir a expressar quer sob a forma de culpa em face de qualquer actividade propiciadora de prazer, quer através de uma actividade incansável de grande exibição da iniciativa e grande dependência face ao meio.

Se a iniciativa impera sem quaisquer limites internos e externos, fica irremediavelmente ameaçada a possibilidade de desenvolver um sentimento de

---

[287] Cfr. Carlota Teixeira, *O Tecer e o Crescer – Fios e Desafios* ,op.cit. pág. 102
Psicologia e Sociologia complementam-se, assim, no esclarecimento da pluralidade de factores e respectivas relações mútuas que (in)viabilizam a resolução equilibrada do conflito iniciativa/vergonha e culpa. A Psicologia, esclarece que o equilíbrio entre estes dois termos é a causa próxima do sucesso deste processo. A Sociologia, por seu turno, explica que este equilíbrio pode ser dificultado, ou mesmo impedido, por constrangimentos sociais exteriores à família e ao indivíduo, e que se lhe sobrepõem. De facto, e como há muito Merton assinalou, certas "anormalidades" da estrutura social dão lugar à produção de (sub)culturas que se afastam daquela que é maioritária ou dominantemente aceite. A actividade social comporta formas de agir, de pensar e de sentir que o indivíduo não escolheu e que, precisamente por este motivo, lhe são exteriores.
[288] Erik Erikson, *Adolescence et Crise*, Flammarion, France, 1972, pág. 126

pertença, básico para a construção de uma identidade sadia. Quando é a culpa que pesa, o sentimento de vergonha pode acompanhar o indivíduo durante toda a vida, impedindo-o de ter iniciativa e remetendo-o, igualmente, para situações de dependência.

Existem numerosas situações em que a ausência de regulação ligada a uma iniciativa sem limites se combina com um pesado sentimento de culpa.

Ora, os adolescentes cujas vidas em parte reconstituímos neste trabalho são um exemplo muito particular desta combinação. O que queremos dizer é que o sentimento de culpa que pesa sobre as suas vivências está longe de se circunscrever à problemática das interdições impostas no seio familiar.

O sentimento de culpa decorrente de ter nascido de uma prostituta, de um pai alcoólico, dependente de psicotrópicos, traficante de droga, de um pai maltratante, que não é capaz de desempenhar as responsabilidades que cometem à paternidade, etc., não tem nenhuma espécie de semelhança com a culpa abordada pela psicanálise. Nestes casos, estamos a falar de adolescentes que não se podem orgulhar dos seus pais, na precisa medida em que os processos de classificação social interpretam tais acidentes em termos de inferioridade das capacidades individuais. Processos de classificação que ignoram os jogos e as dinâmicas sociais envolvidos nas classificações e, sobretudo, ignoram os processos sociais que precipitaram os indivíduos nas rupturas acima referidas.

Ser pobre, ser desempregado, toxicodependente, prostituta, traficante de drogas, evidenciar condutas violentas contras as coisas e as pessoas, tudo isso remete para situações que suscitam forte desvalorização simbólica. A rotulação e desvalorização simbólica que recai sobre estes adolescentes representam uma situação de terrível desproporção entre o reforço e a interdição. Ou seja, à partida considerados inferiores e incapazes, situação aliás muito presente no desinvestimento de que são frequentemente objecto por parte de educadores e professores, como poderão ser levados a adquirir a vontade de aderir às normas socialmente estabelecidas[289]?

---

[289] Cfr. Carlota Teixeira, *O Tecer e o Crescer – Fios e Desafios* ,op.cit., pág. 104
Situação igualmente desequilibrada, embora nas antípodas da anterior, é a que ocorre em famílias que vêem o interdito como factor traumático, ou que se demitem de exercer um papel de autoridade. Tudo concedem, dando origem ao nascimento de um sentimento de iniciativa sem limites que, paradoxalmente, não deixa de gerar também situações de grande dependência em relação ao meio, que se constitui como fonte de satisfação dos impulsos a qualquer custo. São meninos que querem tudo pronto, sem precisar de trabalhar para conquistar, que não sabem "unir a disciplina aos sonhos"[289], que procuram usar processos "mágicos" para lidar com as suas frustrações, que têm dificuldade em pensar antes de reagir. Dependentes da satisfação imediata, tornam-se presas do consumo desmedido, nele procurando formas de compensar o vazio interior.
Quer o excesso de permissividade, quer o de rigidez podem ocorrer em famílias superprotectoras ou em famílias negligentes que deixam os seus filhos entregues a si próprios. No primeiro caso, as regras são inexistentes, e a criança aprende que pode fazer tudo o que deseja, ou porque tudo lhe é concedido ou

***Como ajudar uma criança que, pelo simples facto de ter nascido numa dada família carregada de estigmas, se vê como um ser marcado por uma inferioridade profunda de que não se pode libertar? Como nela desenvolver sentimentos de auto-estima quando foi diariamente confrontada com a inoperância do esforço e do mérito?***

Apesar das mudanças que vêm ocorrendo nas sociedades pós industriais, a família continua a ser o primeiro e o mais importante agente do desenvolvimento, assume o papel de grupo primário que assegura a aprendizagem das normas e regras mais elementares de convivência, de aceitação de si e do outro. Desprovidas deste grupo de socialização primária, os indivíduos enfrentam dificuldades acrescidas em termos de integração e aceitação plena das normas sociais, com as quais frequentemente não se identificam.

***Como poderá a vivência do internamento interferir nestes processos? Como conseguir que o primeiro mundo deixe de permanecer "entrincheirado" na consciência destes adolescentes? Como proporcionar que se apropriem do "outro mundo"? Como superar os dilemas que a distanciação e reinterpretação simbólica do mundo original implicam? Cabe, então, questionar se e até que ponto o internamento pode suprir carências emocionais, gerar sentimentos suficientemente positivos, a ponto de ser possível enfrentar e elaborar frustrações e desenvolver uma consciência moral***?

Tendo sido abandonados ou rejeitados, sentem-se como se houvessem cometido algo muito grave. A incapacidade dos pais tende a ser entendida como uma falha própria, o que reforça o peso depressivo da sua auto-imagem negativa. Tiveram poucas oportunidades de internalizar, de forma consistente, regras e limites, dada a ausência, fragilidade ou desorganização das figuras de autoridade, oscilando entre a permissividade extrema e a violência, consoante o estado de espírito, humor ou necessidades.

Comportará o trabalho terapêutico desenvolvido na Clínica ferramentas capazes de suscitar a (re)construção de imagens internas suficientemente

---

porque ninguém se preocupa verdadeiramente com ela e, sem limites exteriores, explora tudo o que a rodeia sem qualquer tipo de censura. No segundo caso, a criança é limitada na sua iniciativa, culpabilizada de tudo o que de mau acontece, seja porque é encarada como um "empecilho", que dá trabalho, está sempre a reivindicar e a chamar a atenção, desviando tempo e energia dos adultos que preferem investi-los noutras actividades.

compensatórias a ponto de desinstalar o peso insuportável da culpa, seja ela consciente ou inconsciente. Se atentarmos que a socialização primária dos adolescentes em causa não lhes permitiu que aprendessem disposições, valores, atitudes e comportamentos concordantes com os padrões dominantes, como não lhes permitiu que se apropriassem das cognições básicas para uma adaptação à realidade, é pertinente questionar até que ponto a Comunidade Terapêutica reúne as condições relacionais assemelháveis às que teoricamente devem existir nos ambientes de socialização primária.

***A Comunidade Terapêutica recria ambientes de socialização primária, em que o respeito e atenção são sistematicamente reafirmados, quer na empatia e na prestação de cuidados, quer na criação de um ambiente assimilável ao de uma família harmoniosa? Proporciona a reelaboração simbólica do mundo e a apropriação de signos ajustados à comunicação interna (formação do eu individual) e externa (formação do eu social)? Possibilita a construção de vínculos, base da desejada reestruturação interior?***

Para responder a este desafio, seria preciso proporcionar às crianças suficientes oportunidades de experimentação de papéis, facultar-lhes a integração numa cultura valorizadora da cooperação e do respeito, e que providenciasse o contacto com modelos de referência. Uma cultura em que todos se implicassem genuinamente num trabalho verdadeiramente terapêutico de (re)organização e (re)aprendizagem, que funcionasse como meio contentor sem o qual não é possível organizar a própria contenção. Se essa interiorização não é conseguida, a consciência moral não se desenvolverá e o resultado que mais provavelmente daí decorrerá será uma espécie de adaptação “à superfície”. Não haverá uma verdadeira incorporação dos valores, nem desenvolvimento de uma verdadeira moralidade, a relação da criança com a regra é essencialmente instrumental, mudando conforme o meio. Cria-se, assim, o que Winnicott designou de “falso-self” e que corresponde à inexistência de realidade interior reconhecida como autêntica e única.

**Manuel**

> Quando vim para cá [Comunidade Terapêutica] não conhecia em nada o programa… como disse vim por decisão do tribunal, embora eu mesmo antes já tivesse falado com o meu médico para fazer um tratamento… eu tinha feito três tentativas de tratamento lá nos Açores mas só fazia desintoxicação… das três vezes, passadas duas ou três semanas estava de novo a consumir… é uma ilusão pensar que sozinhos conseguimos

> deixar a droga…mas eu acho que nunca se quer deixar… acabamos por aprender a viver uma vida sem limites, sem regras, sem valores… o que se passa com os outros, o que querem, se lhes damos ou não desgostos, nada disso conta… contamos nós e a droga… os outros, só na medida em que precisamos deles para o nosso negócio…
> Penso que este programa nos pode preparar bem para quando formos lá para fora… é um programa com muitas regras que é importante interiorizar e ganhar consistência… as regras ajudam a ter controlo sobre nós próprios e ajudam lá fora a estabelecer limites na vida e a não recair em comportamentos, a não recair em drogas… para aprender estas regras é muito importante fazer as terapias como a partilha de sentimentos e a confrontação… é claro que custa… é difícil aceitar os erros… é difícil reconhecer que não fazemos o certo… é difícil pedir ajuda… depois de muito tempo numa vida de consumos, habituamo-nos a fazer só o que queremos… pensamos que somos os maiores… que temos poder para enfrentar tudo e todos.
> A partilha de sentimentos ajuda as pessoas a falar de si próprias e quando estão mal a mostrar o porquê e assim os outros também podem ajudar-nos… ao ouvir o que os outros têm para nos dizer, também aprendemos a viver os sentimentos, e como os ultrapassar… é uma terapia difícil porque obriga a "quebrar" imagem, a sermos nós mesmos e a pedir ajuda… a confrontação ajuda porque permite tomar mais consciência das dificuldades da pessoa e ajuda a encontrar caminhos para resolver situações difíceis que temos… por exemplo, temos algum problema com qualquer pessoa, pedimos confrontação e vamos querer perceber em que é que estamos a errar com ela, porque é que estamos a errar, ou o que se passa com o outro…
> O cumprimento das regras é muito importante porque, por exemplo, eu sempre gostei de desafiar regras e ganhar essa noção de que há regras a respeitar é muito importante para ganharmos consciência de nós próprios, de quem somos… de que existem outros…
> Neste programa também se passam muitas mensagens sobre o valor da amizade, sobre o valor da honestidade, sobre o valor do respeito pelos outros e de nos fazermos respeitar… de novo as regras, sabe que, com a vida das drogas perde-se tudo… perde-se auto-estima, perde-se o valor de si próprio, perde-se o respeito, perdem-se as regras… não há limites para nada, vale tudo… e as regras e os valores são importantes para a vida, para ganhar o valor e o respeito por si próprio e pelos outros…
> O meu grande objectivo é concluir o programa… acho difícil mas estou convicto de que vou conseguir… lá fora esperam-me grandes desafios… tenho assuntos familiares a resolver, mas tenho um projecto de vida… tenho ainda esse problema com o meu pai que de vez em quando tem recaídas… e vou ter de saber lidar com isso… até porque o que ele quer e já me tem falado é que eu trabalhe com ele nas agências de viagens e na mediação de seguros.

Desde o início da idade escolar até à adolescência decorre um período decisivo na formação da identidade, a que Erikson chamou o estádio da ***produtividade/inferioridade***. É um período em que as capacidades da criança se desenvolvem essencialmente em contexto escolar, expondo-a ao primeiro impacto com um mundo exigente e competitivo, onde quem trabalha é valorizado e quem fica para trás é depreciado. A escola possibilita uma socialização mais intensa e mais rica,

uma grande diversificação de contactos, quer com professores, quer com outros adultos e crianças. Alarga-se o leque de possibilidades de observação e de constatação de outros papéis sociais, não apenas àqueles que são directamente observados, mas também aos que chegam de forma indirecta por via de relatos, histórias, filmes, brincadeiras e jogos com as outras crianças.

Nesta fase, é preciso que a criança seja incentivada na sua exploração para que, à medida que as suas capacidades são reconhecidas, descubra que faz coisas com utilidade e lógica, o que lhe dá um sentido simbólico de participar no mundo dos adultos. Um ambiente que proporcione a possibilidade de se sentir útil, de participar na vida dos adultos, pode, por si mesmo, reforçar sentimentos de ser capaz. Esta é também a base para começar a pensar no futuro profissional, uma vez que o sentimento de capacidade permite criar objectivos de vida que, a priori, surgem como possíveis. Se não pode experimentar papéis, ou lhe são apenas reservados apenas os que são considerados "menores" ou subalternos, o mais provável é que os sentimentos de incapacidade sejam reforçados[290]. O papel do ambiente familiar ou institucional é incentivar a autonomia, mas consciencializando os limites à realização dos sonhos e desejos.

Os adolescentes cujas vidas procuramos reconstituir neste trabalho foram crianças que, fruto das suas vivências, não conseguiram (ainda) resolver o conflito produtividade/inferioridade, não tiveram ainda oportunidade de ultrapassar de forma adequada os desafios acima assinalados. Retirados das suas famílias e institucionalizados, a sua socialização primária esteve muito longe de lhes permitir conhecer e interiorizar as exigências, valores e normas do contexto escolar. Não será, por isso, de estranhar que a superação desta fase da construção da identidade seja muito mais problemática para estas crianças e jovens que desacreditam das suas próprias capacidades de corresponder ao que é exigido na escola.

---

[290] Cfr. Carlota Teixeira, *O Tecer e o Crescer – Fios e Desafios*, op. cit., pág. 119. Betelheim na interpretação psicanalítica da história do Capuchinho Vermelho, corrobora esta perspectiva acerca do equilíbrio entre limites e possibilidades. A criança que começa a libertar-se dos pais e a deixar-se seduzir pelo prazer, tem que interiorizar os obstáculos e as armadilhas do mundo, e encontrar formas de os ultrapassar. Confiar nas boas intenções de toda a gente, acreditar ingenuamente em tudo o que nos dizem e propõem, significa de facto que estamos à mercê de armadilhas. O risco faz parte das nossas vidas, e exerce algum fascínio, mas é necessário saber dosear e controlar esses riscos. Se não houvesse dentro de nós alguma coisa que nos fizesse gostar do lobo mau, ele não teria qualquer poder sobre nós. O lobo representa, nesta interpretação psicanalítica, todas as tendências associais e animalísticas que existem no ser humano, a vontade de dar azo à satisfação de todos os impulsos libidinais, sem qualquer tipo de censura. Vermelho é a cor simbólica das emoções violentas, em que se incluem a agressividade e as pulsões sexuais. O perigo do Capuchinho Vermelho, que encarna a criança deste estádio, é a sua sexualidade nascente, para a qual não está ainda emocionalmente amadurecida. Por isso, ela pode fazer coisas sozinha (atravessar a floresta para ir a casa da avozinha), mas tem de conhecer os seus limites (os conselhos da mãe, as regras sociais, …), sob pena de se colocar em risco.

De facto, o meio escolar representa o primeiro grande confronto não somente com a diferença, mas irremediavelmente com a inferioridade, sentimento que, muitas vezes, é reforçado pela própria comunidade educativa. Na escola, não raro os problemas comportamentais e de aprendizagem são associados às disfunções da vida familiar. Se as expectativas dos adultos são baixas, as crianças tendem a integrar a imagem desvalorizada de si próprias que lhes é devolvida pelos outros e a incorporar os correspondentes sentimentos de inferioridade. Como tivemos ocasião de verificar em pontos anteriores, o percurso escolar dos adolescentes em questão revela um profundo desinteresse pela aprendizagem, uma profunda desafeição pela escola e um alheamento face às vantagens que dela possam resultar para a vida presente e futura.

Originários de famílias quase ou totalmente abandónicas, entraram na escola em clara desvantagem, o que acabou por reforçar sentimentos de diferença e de não pertença que, por sua vez, os empurraram para a apatia e a desmotivação a respeito da aprendizagem[291]. Apesar de possuírem um potencial cognitivo perfeitamente dentro da média, o seu desempenho fica muito aquém das suas capacidades. E como, muitas vezes, foram objecto de baixas expectativas, acabaram por corresponder ao padrão esperado, fazendo jus ao fenómeno da "profecia que se cumpre", ou seja, correspondendo em consonância com a percepção do que deles era esperado. Nem a escola, nem as instituições que os acolheram após a retirada da família foram capazes de suprir as falhas da socialização primária, tão pouco conseguiram deixar de se constituir em mais um contexto exclusor.

Não faltam análises que assinalam os processos de selecção particularmente penalizadores que a escola mobiliza a respeito das crianças de origem social mais baixa[292]. Desprovidos de uma socialização primária eficaz, do ponto de vista das aprendizagens consentâneas com a adaptação escolar, não puderam usar a escola como meio de demonstração da sua capacidade produtiva. Perante a incapacidade do sistema educativo[293] para responder às suas necessidades de descoberta e afirmação das suas competências, resta-lhes enveredar por vários tipos de estratégias defensivas, de que a inversão da escala de valores é um dos exemplos mais preocupantes.

Cabe que nos interroguemos, então, acerca das respostas concebidas e implementadas na Comunidade Terapêutica para colmatar essa falha profunda na construção da identidade que decorre de não lhes ter sido possível descobrir as capacidades próprias de seres da sua idade.

---

[291]Cfr. Carlota Teixeira, *O Tecer e o Crescer – Fios e Desafios* ,op.cit., pág. 121
[292] Cfr. Carlota Teixeira, *O Tecer e o Crescer – Fios e Desafios* , op.cit., pág. 122
[293] Tradicionalmente montado para instruir, mais do que para educar, Op. cit., pág. 122

Será a Comunidade Terapêutica um espaço contentor onde os adolescentes possam reelaborar os sentimentos de inferioridade, desde logo por lhes proporcionar condições de retorno ao trabalho escolar e às tarefas da aprendizagem?

Constituirá a Comunidade Terapêutica um lugar onde é possível descobrir, de modo efectivo, as capacidades de que não foi possível tomar consciência numa fase bem mais precoce da existência? Assumirá esta Comunidade Terapêutica que somente através da descoberta das capacidades é possível evitar e superar saídas através da expulsão imediata do sofrimento? Assumirá a Comunidade Terapêutica que a descoberta das capacidades é uma condição necessária para que a violência e a agressividade deixem de ser a única estratégia de alívio, para que o bem - estar individual deixe de ser conseguido à custa da transferência do sofrimento para os outros?[294]

Assumirá a Comunidade Terapêutica que para estruturar a fragilidade psicológica destes adolescentes muito contribuíram certas lógicas sociais que os impedem de diversificar e enriquecer o seu capital de relações sociais? Como evitar que enveredem, designadamente à saída, pela diluição da identidade num grupo (gang) que coarcta um eventual desejo de autonomia evolutiva? Como conseguir que o indivíduo não fique "preso" ao grupo, que lhe serve simultaneamente de carrasco e de referência identificatória se não forem ampliadas as oportunidades de interagir com uma variedade de pessoas e de contextos portadores de referências culturais plurais? Como evitar que sejam remetidos para universos simbólicos que reforçam a aprendizagem de estratégias e padrões comportamentais dissidentes do que é dominantemente aceite? Como evitar que só possam aceder à identidade e ao sentimento de pertença se inseridos num grupo que cultiva a inversão da escala de

---

[294] Pedro Strecht, *Preciso de Ti. Perturbações Psicossociais em Crianças e Adolescentes*, op.cit.,pág. 167 Refere-se a estas crianças e adolescentes como "zé-ninguém de rua sem…", e identifica alguns aspectos que frequentemente caracterizam a sua organização psíquica: Fragilidade do eu, com forte predomínio do agir, que se constitui como tentativa de sobrevivência do verdadeiro "self". As feridas narcísicas precoces, em que as experiências repetidas de perda contribuem para um sentimento de aniquilamento e de desconhecido interior, orientam-na para mecanismos de defesa que a levam a "atirar" para o meio estes sentimentos. A criança torna-se, assim, "a ferida que fere, a que aniquila por medo de ser aniquilada, a que abandona por receio de ser abandonada, a que destrói e odeia numa tentativa de expulsar uma fonte interna de sofrimento"; Fragilidade ou ausência do superego, traduzida numa fragilidade do sistema de censura, e que condiciona a elaboração de sentimentos de culpa e, consequentemente, o desenvolvimento de estratégias de reparação. Assim, as crianças e adolescentes continuarão dependentes dos "grilos-falantes", com grande dificuldade em obedecer a regras e figuras de autoridade: a obediência, quando é conseguida, muitas vezes à força de estratégias fortemente coercivas, é-o apenas em função do imediato; quer dizer, não é vivida como algo que se deve fazer para se sentir melhor consigo mesmo, para diminuir sentimentos internos de culpa. Assim, logo que termina o sistema de coerção, os comportamentos regressam, como se nenhuma aprendizagem tivesse acontecido; Distorção do ideal do eu, que aparece como exigente e megalómano, numa colagem identificatória às personagens com poder exterior. A sua conduta orienta-se então em função da obtenção de poder, mesmo que por meios inaceitáveis e exclusores (tráfico e venda de drogas, sensação de omnipotência, fantasias absolutamente irrealistas daquilo que vão fazer ou ser, furtos, roubos, violência, …).

valores socialmente estabelecida?

**Bernardo**

Estou aqui na clínica para fazer o programa e me limpar disso, das drogas… dos crimes, dos assaltos e dos roubos que fiz, como sabe num gang… é como fazer "clean-up"… entrei aqui num aspecto e já me sinto muito melhor psicologicamente…
Aqui na comunidade, além de aprendermos a respeitar regras, horários e a cumprir tarefas, temos de fazer a terapia… a terapia ajuda a compreender os sentimentos e o porquê de agirmos de uma maneira e não de outra… ajuda a perceber que não basta desejar uma coisa e querê-la de qualquer maneira… é preciso ter regras, é preciso ter objectivos, é preciso batalhar por eles, é preciso lutar para alcançar as coisas… mas eu isso até acho que sei… o que eu preciso é de aprender a dar valor a outras coisas na vida porque sempre tive dinheiro fácil, consumo fácil…posso dizer que com o grupo com quem andei tinha as motos que queria e essas coisas… tinha tudo fácil… também preciso de aprender a respeitar os outros… preciso de aprender a tirar sentimentos positivos de coisas que sejam boas para a minha vida…
Aqui são muitas coisas para aprender… é um outro mundo… viver na droga e no crime… aprende-se a viver a vida sem limites… para além dos companheiros do grupo nada mais conta… estes são importantes porque é com eles que mantemos os roubos e os consumos… a família também conta, mas é diferente… é uma "imagem"… esses não sabem o que fazemos… a vida do crime e das drogas leva-nos a ter a sensação de poder… só fazemos o que queremos… julgamo-nos sempre os maiores… somos capazes de enfrentar todos… pelo menos pensamos que dominamos tudo e todos… até um dia… como me aconteceu…
Sim, porque na vida que levei eu tirava sentimentos positivos, mas agora é outra coisa… é preciso tirar esses sentimentos sem drogas, sem crime, através de outras actividades… eu ainda tenho um objectivo que é ser campeão nacional de skate… tira-se um sentimento muito bom, muito grande… eu até tenho o sentido de ser campeão mais a nível europeu, porque ainda que de amadores, campeão nacional, já eu fui!... Sim, aqui vou às aulas… português e matemática… bem, eu não gosto muito… sim, eu sei que vou precisar de estudar… mas também posso trabalhar com a minha família… ainda não pensei nisso… enquanto estou aqui sei que é um tempo em que lá fora me vão retirando de muitas queixas… mas não sei o que vai ser o futuro…
Hoje já sou capaz de ver a minha vida como a vida que nunca devia ter levado… o pior caminho que eu podia ter levado… não é futuro… não é vida para ninguém… se não tivesse acontecido nada disso, hoje em dia estava bem na vida… tenho medo de quando sair de cá… está a ver, depois de tanta "merda" que fiz lá por Gaia, os companheiros presos… tenho medo de vinganças…
Mesmo aqui dentro, tenho uma personalidade assim, de dizer à pessoa o que sinto… quando conheço alguém, eu sinto se gosto ou não e se não gosto, digo logo à pessoa «não vou com a tua cara, não gosto de ti» …e isso às vezes é mau… mas é… às vezes também me engano… um dos meus comportamentos de que tenho medo é da raiva, dos nervos… quando eu começo a gaguejar… dos nervos… não tenho explicação, não sei porque sou assim… embora aqui comecei a perceber… os sentimentos, as memórias desses sentimentos… é que eu era um prepotente, eu próprio me rejeitava… claro que achava que os outros me

> rejeitavam, que tinham medo de mim, mas eu é que era prepotente, arrogante e rejeitava-me… talvez por não ter tido quem me fizesse frente… quem me impedisse desde cedo, de viver uma vida marginal… mas a minha mãe também não saberia como… mas eu também só agora comecei a aceitar que tenho medos… que queria mais e mais ser gostado… pela minha mãe… pai não tinha.

A circunstância de serem muito escassas as oportunidades destes adolescentes experimentarem papéis em contextos diversificados, em contacto com grupos de referência sociologicamente diversificados e heterogéneos, não lhes deixa outra alternativa que não seja aderir aos modelos dos grupos que lhe são acessíveis, o que reforça a necessidade de se imporem como subcultura. Por outras palavras, não lhes resta outro meio de acesso a uma imagem pública que não seja a afirmação de uma cultura que suscita temor e preocupação e que contrasta violentamente com a cultura dominante da sociedade em geral. São subculturas "malignas"[295], ineficazes, desajustadas, sem qualquer sentido nos contextos da vida social considerada normal. Apesar disso, não deixam de constituir a única possibilidade de aceder ao sentimento de pertença, constituem uma estratégia identitária própria dos que lutam com "as armas dos desarmados", nas palavras de Pierre Bourdieu[296].

Será de toda a pertinência que nos interroguemos, então, acerca da adequação do modelo terapêutico adoptado pela Comunidade à superação das rupturas que estiveram e estão presentes nas vidas dos adolescentes de cujas vidas aqui procuramos dar conta. Será possível suscitar as aprendizagens cruciais para a adaptação ao mundo social num contexto que não deixa de ser artificial, desde logo porque não pode reproduzir toda a gama de problemas e desafios que o mundo real impõe aos indivíduos? Poderão os constrangimentos criados no universo terapêutico reproduzir minimamente a pluralidade e diversidade das exigências impostas pela sociedade actual? O programa Portage foi concebido no pressuposto de que a realidade exterior, objectiva, tem primado sobre a realidade subjectiva, ou seja que para induzir mudanças da realidade interna é necessário adoptar a prática regular dos comportamentos desejáveis. Ora, o que é, quanto a nós, crucial interrogar a respeito da ressocialização dos jovens de cujas vidas aqui damos parcialmente conta é se tal tarefa pode ser cumprida mantendo intactas as suas condições de existência fora da comunidade terapêutica. A especificidade dos seus trajectos de vida remete para a acção de lógicas e processos sociais extremamente desigualitários que os privaram de

---

[295] Robert Merton, *A Ambivalência Sociológica*, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1979.
[296] Pierre Bourdieu*, La Misère du Monde,* « Les exclus de l'intérieur » Èditions de Seuil, Paris, 1993 , pág.605 a 620.

desenvolver as capacidades e estruturas cognitivas da sua idade. Se o seu mundo fora da Clínica permanece o mesmo, será possível desencadear a motivação para mudar? E se isso acontecer, será possível conservar e actualizar as aprendizagens realizadas no contexto terapêutico?

Porque nunca conheceram adultos capazes de representar a desejada figura de segurança, em que se pudessem apoiar em caso de dúvida, porque nunca desfrutaram da dependência na fase inicial da sua vida, esses jovens evidenciam um temor da aproximação/separação, transportam a desconfiança básica original para as relações posteriores, ficam prisioneiros da necessidade de depender, ao mesmo tempo que temem essa dependência. Mesmo necessitando de ajuda, tendem a não a solicitar, silenciam-se e procuram encontrar em si próprios estratégias de resolução das suas necessidades, não fosse esta ajuda acordar em si a vontade de esperar de alguém o cuidado incondicional recalcado ou secretamente desejado. Deixados sozinhos nas suas aprendizagens, foram impedidos de desenvolver a sua capacidade de concentração e tolerância à frustração, ao mesmo tempo que se agravavam as dificuldades de pensar, de aprender e de reter as coisas.

Voltando às perguntas, é pertinente que nos interroguemos, então, acerca das possibilidades de gerar a actualização dessas capacidades se não forem proporcionadas sociabilidades que recriem afabilidades, harmonias e afectos afincadamente apostados numa verdadeira apropriação do saber-estar, saber-ser e saber - fazer conducentes à integração social[297].

Se dentro da clínica é possível recriar um ambiente, em alguma medida, propício à reelaboração da dialéctica entre produtividade e inferioridade, será isso suficiente para retomar a vida fora da instituição? De que relações pode dispor o adolescente quando volta ao mundo “normal”? A que contextos de interacção social pode aceder? Que condições de aprendizagem estão ao seu alcance? Que vínculos lhe será possível estabelecer? Que modelos relacionais farão parte do seu universo?

Quem e como lhe é garantido o acesso a contextos sociais efectivamente reparadores? Que condições assegurarão a ruptura com o mecanismo de identificação ao agressor? Que condições assegurarão a não submissão aos modelos relacionais

[297] Cfr. Carlota Teixeira, *O Tecer e o Crescer – Fios e Desafios* ,op.cit., pág. 126 São capuchinhos vermelhos, à descoberta de como lidar com os lobos maus. Mas, por vezes, na sua vida só existiram lobos maus, o que as obrigou a aprender a viver com eles, vitimizando-se, anulando-se, identificando-se com eles e reproduzindo depois as suas atitudes. Ou então encontraram lobos que alternavam entre os papéis de lobo mau e de lobo bom, sem que a criança percebesse porquê. Umas vezes prestam cuidados, outras abandonam e maltratam. Como perceber onde está o lobo mau? Ou se ele existe? Como descodificar as situações que a colocam em risco? Como se perceber a si próprio como lobo mau, se aprendeu que “ser mau é a melhor maneira de ser bom?

que conhecem? Que condições assegurarão o contacto com modelos de relação válidos? Fora da comunidade terapêutica a que relações podem aceder, que práticas farão parte do seu quotidiano?

Como tivemos ocasião de assinalar em pontos anteriores, os jovens de que falamos são destituídos dos recursos escolares indispensáveis para algum dia lhes ser possível pensar num projecto profissional e de vida. Ora, se nada, ou muito pouco, é feito neste domínio, trabalhando para uma mudança da atitude profunda a respeito da escola e da aquisição do conhecimento, que esperar das condutas à saída da comunidade? Como poderão ver-se a si próprios quando voltam a ser confrontados com a inferioridade e a falta de domínio sobre o curso da vida? Como conseguir que a verdadeira dor deixe de ser defensivamente escondida e transformada em raiva e em ódio? Como conseguir que os outros, ignorados na sua dimensão de pessoa, deixem de ser usados como "instrumento" ao serviço da sobrevivência na luta por necessidades investidas como gratificantes e poderosas?

Em *A terapia da realidade*, William Glasser diz que é fundamental não ficar nas generalidades, que é imperioso orientar a pessoa para a direcção que pretende dar à sua vida, levar a pessoa a tomar consciência de que na realidade está a escolher a direcção da sua vida actual e a tornar-se responsável pelo próprio comportamento[298]. Diz, ainda, este autor que o terapeuta que aceita as desculpas do paciente, que ignora a realidade ou o deixa atribuir a infelicidade a um pai ou a uma perturbação afectiva pode tornar, momentaneamente, feliz o seu cliente, permitindo-lhe fechar os olhos sobre as suas responsabilidades. Mas não faz mais do que dar-lhe "doces psicológicos", bastante semelhantes aos prazeres fugazes que ele poderia ter obtido no álcool, nas pílulas, ou no ouvido complacente de um amigo.

---

[298] William Glasser: *La Thérapie de La Réalité* op. cit., pág. 46 As pessoas irresponsáveis, sempre à procura de uma felicidade sem responsabilidade, apenas encontram breves períodos de felicidade, e não a profunda satisfação que acompanha um comportamento responsável. Quando enfrentam um problema, podem tentar ignorá-lo, evadir-se através do álcool ou tentar sair dele racionalizando o seu comportamento, tudo isto com o fim de viver um instante de felicidade. Mas logo que são finalmente confrontados com a realidade, quando não podem mais ignorar ou racionalizar o seu comportamento sofrem e pedem ajuda com toda a urgência. Mas a única ajuda que lhe pode fazer bem, é a que lhe vai ensinar esta responsabilidade que evita com tanta teimosia. A infelicidade não é uma causa do comportamento irresponsável, acompanha-o. O que é que se ganha em ceder a um adolescente irresponsável que diz ter necessidade de um carro para ser feliz? Uma quantidade enorme de pais aprenderam, por si próprios, que não se compra a felicidade de uma criança. Um carro não serve nunca para aumentar o nível e a importância da sua responsabilidade, apenas lhe dá breves momentos de felicidade enquanto o comportamento se vai deteriorando cada vez mais. É preciso ajudá-la a abrir-se sobre a vida, fazê-la antever novos horizontes, ampliar o campo dos seus interesses, fazê-la compreender que para além das suas dificuldades, há a vida.

Na *psicoterapia da realidade*, as relações que o terapeuta estabelece com os clientes são relações baseadas na *implicação* e não na *transferência.* Contrariamente à ideia, quase universalmente admitida, nada do que se produziu no passado, mesmo se o afectou ou ainda afecta profundamente, deverá ser usado pelo indivíduo como justificação para não investir na criação de laços com os outros. Apesar de poderem existir razões inconscientes para que o indivíduo não se ligue aos outros, a terapia deve centrar-se na sua vida actual e nas suas condutas. Não procura nem os conflitos inconscientes, nem as suas razões.

Trata-se, a nosso ver, de uma tese cuja pertinência está inexoravelmente associada às oportunidades efectivamente oferecidas ao indivíduo. Com efeito, se é certo que o recurso aos factos do passado como justificação para aceitar práticas pouco adequadas no presente nada contribui, em si mesmo, para melhorar os desempenhos, não deixa de ser fundamental equacionar os constrangimentos objectivos do mundo externo, pois deles decorrem, muitas vezes, reais impossibilidades de alterar o curso da existência. A leitura sociológica dos constrangimentos que objectivamente se impõem aos indivíduos é, quanto a nós, uma ferramenta necessária para apreender a complexidade dos fenómenos que estão em causa e identificar as condições concretas da transformação e do desenvolvimento do indivíduo. Como pode um jovem quase analfabeto, que não adquiriu as disposições mínimas para enfrentar as tarefas do estudo, evoluir neste plano se não lhe forem oferecidas condições de ensino – aprendizagem adequadas? Não faltam estudos científicos demonstrativos de que aprender requer da parte de quem ensina o domínio de certos recursos teóricos e pedagógicos que escasseiam no sistema de ensino actual. Assim como não há lugar para grandes dúvidas acerca das lógicas de selecção social que perpassam o funcionamento escolar e actuam no sentido da reprodução de desigualdades de acesso ao saber e à posição social que este condiciona. Como pode um jovem totalmente desprovido deste tipo de trunfos enfrentar a realidade se não dispuser de uma estrutura que o enquadre e lhe proporcione as condições compatíveis com a aquisição de reais aprendizagens e de descoberta das capacidades pessoais?

A este respeito, o trabalho da Comunidade Terapêutica é, na nossa perspectiva, manifestamente insuficiente, quer pela escassez de recursos disponibilizados para implicar os jovens no trabalho escolar, quer por enveredar pelo tipo de ensino mais institucionalizado e, logo, manifestamente incapaz de gerar a mudança das disposições profundas dos jovens a respeito da escola, bem como da percepção do seu lugar na hierarquia social.

E o mesmo se poderá problematizar a respeito das redes de relacionamento social de que fazem ou virão a fazer parte. Se o universo relacional dos jovens permanece fechado num estreito círculo de interacções, se não lhes forem criadas oportunidades de cooperar regularmente com meios sociais portadores de referências e práticas distintas das que lhes são habituais, como alterar as suas práticas? Se o indivíduo continuar preso em contextos sociais atingidos por desvalorização simbólica profunda e socialmente relegados, será lucidez esperar que venha a adoptar valores, regras e práticas consonantes com a assumpção de responsabilidades?

Sem negar que o indivíduo possa ter tido um passado problemático, os terapeutas da realidade pensam que procurar no passado o que não correu bem não o ajudará. Que bem pode fazer descobrir que a pessoa não ousa afirmar-se porque teve um pai dominador? O cliente e o terapeuta podem estar os dois conscientes deste facto, podem mesmo discutir durante anos, contudo isso em nada ajudará o cliente a afirmar-se. Quanto mais sabe porque é que não é capaz de se afirmar, menos inclinado estará para o fazer, porque compreende demasiadamente bem que afirmar-se é psicologicamente doloroso[299]. Para a terapia da realidade, o tipo de relação estabelecida entre o seu pai e o cliente não é relevante. O que se pretende, acima de tudo, saber é o que se passa agora e em todos os aspectos da vida do cliente.

Mas, perguntamos nós, a vida da pessoa depende exclusivamente de si própria e da relação com o terapeuta?

As perspectivas terapêuticas exclusivamente centradas no indivíduo esbarram numa limitação de fundo que descura a formação de estruturas adequadas ao desencadear de uma acção colectiva. Como assegurar que aos indivíduos são asseguradas condições de inclusão nos planos económico, social e simbólico se nada é feito nesse sentido? Se à saída da Comunidade Terapêutica, a vida volta às mesmas privações, se os contextos de socialização continuam a inviabilizar o desenvolvimento de sentimentos de pertença e de valorização, como poderá ocorrer a actualização e conservação de atitudes trabalhadas no período de internamento?

A crítica da terapia convencional, que subscreve o pressuposto da não implicação pessoal com o cliente, assenta essencialmente no facto de o terapeuta

---

[299] William Glasser: *La Thérapie de La Réalité* op. cit.,pág 74. A maior parte dos clientes remeter-se-á antes para o terapeuta pedindo-lhe de: " Agora que eu sei o motivo pelo qual não consigo afirmar-me, o que é que me vai fazer perder este medo?". A resposta do terapeuta não deixará de ser também frágil: "Você não tem nada a temer, o seu pai já não está em cena." Seria maravilhoso se a terapia fosse assim tão simples, bastaria que o cliente conhecesse a razão do seu medo para que este desaparecesse.

convencional não responder às necessidades mais profundas do indivíduo[300], pois que o que estes verdadeiramente procuram não é reviver as relações pessoais fracassadas, passadas ou presentes, mas uma relação humana que satisfaça as suas necessidades de valorização e de pertença. Na terapia da realidade interessa assumir que as causas do comportamento desajustado não devem ser tomadas como justificação, que o mesmo é dizer, que o conhecimento das razões não leva, por si, à satisfação das necessidades[301]. A tónica colocada no inconsciente desvia a irresponsabilidade do indivíduo da verdadeira questão e fornece-lhe uma outra desculpa para evitar que enfrente a realidade. Nunca será demais insistir, diz William Glasser, sobre o facto de uma terapia que explora o inconsciente induzir efeitos perversos.

Na terapia da realidade, é essencial procurar estabelecer o laço apropriado com a pessoa, estabelecer um laço mais intenso do que o que está estabelecido na terapia convencional. Na verdade, sempre que as relações descuram certas exigências *do* comportamento, ficamos impossibilitados de nos corrigirmos quando agimos incorrectamente. Se não avaliamos o nosso próprio comportamento e nada fizermos para o aperfeiçoar quando ele não corresponde a uma exigência, ficaremos impedidos de satisfazer a necessidade de ter valor e sofreremos de modo tão agudo como quando não conseguimos amar ou ser amados. A moral, as exigências, os valores, ou os comportamentos positivos e negativos, de tudo isso depende intimamente a satisfação da nossa necessidade de sentir o nosso valor pessoal[302]. Os

---

[300] William Glasser: *La Thérapie de La Réalité* op. cit., págs. 75 -76. O terapeuta não diz ao cliente que ele tem medo de se afirmar porque o seu pai o tratou duramente. Em vez disso, ele só faz a metade do caminho que o conduz a uma certa implicação pessoal, dizendo-lhe: "Você trata-me como se eu fosse o seu pai, e acusa-me de ser o responsável pela sua incapacidade em se afirmar." Ironicamente, o cliente acusa efectivamente o seu terapeuta de ser responsável da sua incapacidade em se afirmar, mas porque ele é como o seu pai: porque é difícil de estabelecer uma relação sólida com um terapeuta que, em vez de se esforçar para estabelecer uma forte relação pessoal com o seu cliente, segundo a sua própria identidade, prefere desempenhar o papel de qualquer um outro que não o seu.

[301] William Glasser: *La Thérapie de La Réalité* op. cit., pág 77. É pouco razoável pensar que um homem vai perder a sua fobia a partir do momento em que tenha compreendido a origem ou a representação actual dessa origem que a relação transferencial lhe confere. Com efeito, ele continua a experimentar esta fobia por causa de um comportamento irresponsável actual, um comportamento que pode estar ou não directamente relacionado com essa fobia. Se examinarmos a sua vida actual com detalhe, encontraremos, aí, com efeito, um comportamento de que ele está perfeitamente consciente, e que não o leva a satisfazer as suas necessidades. Mas logo que através da terapia da realidade o ajudarmos a agir de modo a satisfazer as suas necessidades, a sua fobia desaparece.

[302] William Glasser: *La Thérapie de La Réalité* op. cit., pág 24. No decorrer da vida de cada um, de tempos a tempos, o mundo e o lugar que nele ocupamos mudam, o que exige que aprendamos e reaprendamos a satisfazer as nossas necessidades em novas condições e com novos constrangimentos. Para que tal satisfação ocorra, é absolutamente necessário que nos preocupemos com os outros. Se, em algum momento da vida, este laço se rompe, rapidamente ficaremos incapazes de satisfazer as nossas necessidades. É por isso que se pode dizer que todos aqueles que apresentam um qualquer problema psicológico grave têm falta, nesse momento, de uma boa relação com alguém e estão, por esse facto, incapazes de satisfazer as suas necessidades.

seres humanos tendem a evidenciar sintomas tanto mais graves, quanto as suas necessidades não estejam preenchidas.

A "terapia da realidade" implica que compreendamos que todo o problema da pessoa representa uma manifestação de incapacidade de satisfazer as suas próprias necessidades, e que sejamos capazes de ver por trás de um comportamento, aparentemente irracional, a melhor maneira de agir numa situação desconfortável e por vezes extremamente infeliz. Todo o comportamento desajustado traduz uma tentativa de regular o problema fundamental de todos os mesadaptados, ou seja, uma incapacidade de satisfazer as próprias necessidades. Mais, a "terapia da realidade" pressupõe ter em conta uma característica comum a todos aqueles que revelam dificuldades em satisfazer as suas necessidades: a *recusa da realidade do mundo que os rodeia*.

A negação parcial ou total da realidade é comum a todos os pacientes, sendo que a terapia só se revelará eficaz se os levar a abandonar esta atitude negativa face ao mundo e a reconhecer que, não somente a realidade existe, como só é possível satisfazer as próprias necessidades no quadro de certos limites impostos por essa realidade. Não basta, todavia, ajudar o indivíduo a fazer face à realidade, é, igualmente, preciso que este aprenda a satisfazer as suas necessidades.

Na ausência de normas e valores interiorizados, o sentimento de culpa é extremamente frágil, o outro não é visto de forma empática, de tal modo que, em casos extremos, pode mesmo deixar de existir a empatia própria da espécie. Não ignorar estas lacunas identificatórias precoces na intervenção com estes adolescentes implica acções práticas de reparação[303]. Cabe, pois, que nos interroguemos acerca do trabalho efectivamente feito no sentido de providenciar mudanças a nível cognitivo, emocional e volitivo.

A sociologia é quanto a nós uma ferramenta imprescindível para pensar e conceber intervenções acerca do tratamento da acima referida *recusa da realidade* que impõe constrangimentos à vida de todos nós. Autores como Pierre Bourdieu,

---

[303] Cfr. Carlota Teixeira, *O Tecer e o Crescer – Fios e Desafios*, op.cit., pág. 127 Todas as crianças neste estádio de desenvolvimento estão a aprender a fazer frente e dominar o lobo. Mas nem todos os lobos são apreendidos de igual forma. O capuchinho vermelho da história foi alertado para os perigos da floresta, e mesmo assim teve dificuldade em cumprir as ordens da mãe, figura significativa por excelência, modelo relacional seguro e consistente. Porque o apelo do risco, a necessidade de explorar, é uma componente do desenvolvimento do ser humano. Mas quando o capuchinho recebe ordens contraditórias, ou nenhuma ordem ou imposição lhe é ditada, o risco é substancialmente maior e não admira que estas crianças "se metam na boca do lobo" ou se transformem, elas próprias, em lobos, por vezes única estratégia de sobrevivência.

Giddens e Norbert Elias, Luckmann e Berger são referências valiosas para compreender as relações entre os fenómenos da consciência e a realidade exterior a essa mesma consciência. No seu *estruturalismo construtivista*, Bourdieu assinala que as condições de existência, nas suas componentes material, simbólica, cultural e social, estruturam disposições internas profundas que podem, entretanto, evoluir e mudar à medida que os quadros objectivos em que decorre a vida se diversificam, ampliam e complexificam. Na relação entre consciência realidade, o dado primeiro é a realidade que age e estimula a percepção, fornece quadros de significação e de sentido, proporciona experiências e vivências. Elias observa que o ser humano é inexoravelmente fruto das relações que enquadram as interacções da sua vida quotidiana, só existe e se constrói por via das relações. Luckmann e Berger perspectivam a formação da identidade do indivíduo segundo uma óptica muito próxima. A formação da consciência começa por ser interiorização da realidade objectiva, das classificações prevalecentes no grupo social em que decorrem as relações que preenchem a vida do indivíduo e que o levam a identificar-se com esse grupo e a percepcionar o seu lugar por relação aos que diferem deste grupo.

Ora, quando analisa de perto as condições de socialização dos indivíduos numa sociedade desigualitária, a sociologia desvenda que a sua relação com a realidade é condicionada pelo lugar que o grupo a que pertencem ocupa na estrutura social. Em termos mais concretos, é possível demonstrar que a fuga e a denegação da realidade são fenómenos socialmente produzidos por força de certas lógicas e dinâmicas institucionais. A produção de desfasamentos entre objectivos socialmente prescritos e a posse de os meios para os concretizar foi denunciada pelo sociólogo norte americano Merton, dando conta de que a formação de expectativas desfasadas da realidade entre os mais jovens está bem longe de ser meramente a resultante de modos individuais de percepcionar a realidade. É o caso, por exemplo, da ampliação da escolaridade obrigatória sem cuidar de oferecer condições específicas aos herdeiros das camadas sociais mais baixas. A oferta de uma escolaridade mais longa pode desencadear efeitos altamente perversos nos indivíduos a quem, por força da sua herança cultural e da inadequação das práticas pedagógicas da escola, não é garantido o acesso à cultura certificada. O tempo de deriva na escola pode, então, ser um tempo de aprendizagem da idealização da realidade e de aprendizagem da irresponsabilidade.

Ora, poderá uma terapia unicamente assente numa relação entre terapeuta e indivíduo proporcionar as condições necessárias à mudança intrapsíquica e das práticas?

**Leonardo**

> Eu faço pouca terapia… só de vez em quando, porque acho que as pessoas não me ajudam… talvez… talvez eu não me queira ajudar… eu acho que as pessoas não acreditam que eu possa mudar o meu comportamento e por isso preferem já não "gastar o seu latim"… eu acho que posso mudar mas é difícil e precisava de mais ajuda… durante anos aprendi a viver de um modo que aqui tenho de contrariar, como a viver só como eu queria, sem regras… viver nas drogas é viver para as drogas… nada nos interessa… só a droga… também não se fazem amigos… não há nada para falar a não ser o ter a droga… ou fazer disparates… roubar outros…acho que nunca pensamos se é bem ou mal… não interessa… o que precisamos é de ter a droga… eu sinto que precisava de ser mais ajudado… mas também não sei como me podem ajudar mais… talvez tirando-me os castigos… tirando-me de GI… mas os castigos também são por eu ser desonesto com as pessoas, só que às vezes sou acusado injustamente, como acho que foi a última vez… eu acho que não me faço de vítima, mas não sei… sei que é difícil seguir estas regras e a terapia… dos vários instrumentos da terapia custa-me mais ser confrontado do que partilhar sentimentos… confrontar custa-me mais porque é mais difícil ter que responder e ter de fazer perguntas aos outros…também não me apetece… há muitas regras e isso começa a revoltar-me, como por exemplo ter de cumprir direcções… eu não estava habituado a cumprir regras e agora tenho de cumprir e isso é difícil para mim… eu acho que aqui há valores muito importantes para aprender, como por exemplo a honestidade e a solidariedade… assim, nas palavras, eu não acho difícil ser isso, mas depois acabo sempre por não conseguir agir… eu acabo sempre por "copar" culpa por ser desonesto e também não ajudar os outros… acho muito difícil porque é preciso estar sempre a fazer perguntas e a ouvir e é preciso estar atento aos outros… e isso é difícil de fazer… Acho que isto aqui é para me fazer bem… para me preparar para quando eu for lá para fora… aqui acho, com o que estou a aprender, que quando sair não vou voltar a tocar nas coisas que tocava antes…drogas e álcool… não vou voltar a ter os comportamentos que tinha antes… o que neste programa é mais difícil de aguentar é quando estou de castigo… custa-me mais e sinto-me mais sozinho… claro que esse tempo em que estou de castigo é para eu reflectir nos maus comportamentos que tive e na porcaria que fiz… comportamentos maus como andar à porrada, não cumprir as direcções, estar fechado às pessoas, maltratar as pessoas, fugir… já fugi muitas vezes… depois a polícia traz-me… fujo porque de vez em quando fico revoltado com coisas que acontecem, como por exemplo quando me acusam ou quando estou de castigo e começam a "picar-me" mais e eu não aguento… e fujo e vou até ao Porto, mas já cheguei a ir a casa; meto-me escondido na casa de banho do Alfa… já uma vez fui apanhado mas não tenho medo…quando fui apanhado fui para a polícia de Aveiro e depois trouxeram-me para aqui…
> Eu acho que tenho estas dificuldades de fazer o programa pela vida que tive antes de vir para aqui, porque esses valores não estavam na minha vida antes e agora é difícil tê-los e fazer… esta experiência pode ser útil para eu vir a mudar os meus comportamentos, mas acredito que quando sair não os vou repetir…

A minha mãe até já mudou de casa e eu já não volto a estar com aqueles companheiros… sim, tenho consciência que pode haver outros noutro local, mas também já percebi que quando sair daqui posso voltar para a escola, tirar um curso de hotelaria e ajudar a minha mãe… mas acho que devo passar ainda aqui mais algum tempo para aprender mais estratégias para alterar os meu comportamentos que ainda são quase iguais… acho que devo começar a abrir-me mais aos outros, a deixar de andar com as pessoas que não devo… os que têm tantas dificuldades como eu e que estão sempre na mesma atitude… que resistem mais ao programa… devo pedir ajuda às pessoas que estão mais avançadas… acho que apesar de eu já ter tempo de casa, 14 meses, há pessoas que com o mesmo tempo ou menos já têm experiência aqui… são pessoas que fizeram o programa e eu tenho resistido… essas pessoas é que me podem ajudar mais.

**Vasco**

Desde que estou na clínica, já falei com a minha mãe e acho que correu bem… falei com o meu pai, mas não correu bem… não nos entendemos… quero falar com ele sobre o que aconteceu, porquê ou, então, passar a fazer diferente… hoje, somos dois homens, eu quero outra vida, começar a estar com ele de novo mas não dá… não nos entendemos, começamos logo a discutir … tenho tristeza, quando vejo os outros a terem visitas dos pais… tenho medo… tenho medo de vir a ter problemas se o encontrar…. provoca-me sentimentos de me sentir rejeitado, rejeitado e só… e não posso encontrar-me com o meu irmão porque não é bom, não é positivo… quando penso na altura em que vou sair, tenho medo, porque sei que não posso contar com o meu pai, nem com a minha mãe, nem com o meu irmão, estou só e tenho medo de fraquejar … e isso dói, dói. … também não posso contar com a minha mãe, não posso vê-la muito, ele pode bater-lhe, mas ela gosta dele.
Eu vim para cá por decisão do tribunal… não fui eu que quis… nunca tinha feito nenhuma tentativa de tratamento… no princípio pensava que iria parar de consumir quando eu quisesse, mas depois percebi que não… como já lhe disse, a partir de certo momento era só consumir, consumir… já não tinha nada a perder…já tudo estava perdido… era só esperar por morrer… eu não tinha regras, não queria fazer nada, não queria estar com ninguém… tanto fazia que falassem para mim ou não… não me ligava a ninguém… era só a droga… só ela é que importava… se no colégio eu comecei a sentir-me mal, quando comecei a consumir foi cada vez pior… como já lhe contei, cheguei a um ponto que já só queria morrer… todos estes anos a minha vida não valeu nada.
Foi difícil começar a fazer o tratamento… ainda é… nalgumas situações… às vezes tenho recuos… custa aprender ou reaprender tudo na vida… custa ter de aprender regras, responsabilidades… respeito por nós e respeitar os outros… custa ter de estar atento aos outros… aprender a gostar de nós e a dar valor a coisas como a amizade e a honestidade…a saber distinguir o que é bem e mal… mas também é muito difícil aceitarmos que não tivemos, desde crianças, uma vida de jeito… ter que reconhecer que se quer um pai mas que não nos conseguimos entender com ele… que ele não é o que queríamos que fosse… às vezes os sentimentos complicam-se… ora gostamos, ora sentimos que só nos fizeram mal, mas que mesmo assim se eles não nos ligam isso dói… acho que este tempo aqui na clínica me tem feito muito bem… já aprendi muitas coisas sobre mim e como devo fazer para contrariar os meus comportamentos… a terapia é a partilha de sentimentos e a confrontação… também há as outras regras e responsabilidades, sobre nós e com o grupo… a família… acho que o programa nos dá ensinamentos para viver sem drogas… sim, mostra que estas fazem mal e

que não serve de nada consumir para esquecer os problemas… sim, de certa maneira eu percebia isso mas não sabia como parar de consumir… até não era capaz … eu acho que sofri em pequeno, mas que nunca soube como podia ter uma vida diferente da que levei… e depois com a droga parecia que ia ser o maior… que podia ter tudo o que quisesse e mandar na minha vida… mas o que eu queria era dar uma "imagem"… mas eu também não sabia viver uma vida que não fosse a fazer porcaria… eu nem sei bem explicar isto… porque é que eu comecei a ter uma vida marginal… talvez porque era revoltado… e depois me sentia sozinho e rejeitado pelo meu pai… e de certo modo também pela minha mãe… nunca mais me visitaram [no tempo em que estive no colégio]… só tinha o meu irmão e ele também já levava essa vida… eu acho que devia estudar e tirar um curso profissional porque a escolaridade que eu tenho não chega para ter um emprego… hoje é difícil… mas o que eu quero é ter um trabalho… ter uma vida de homem normal… sei que não vou poder contar com a família… ainda é muito difícil para mim aceitar essa situação… aqui vou às aulas, aqui na clínica… não, não tenho exames… mas assim começamos a lembrar a escola… ainda não sei muito bem como vai ser o meu futuro… ando a pensar sobre isso e falo com os monitores… mas quero ir embora…

## Virgílio

Eu estou aqui na Comunidade para mudar os meus comportamentos como roubar, vandalismo, arrogância com as outras pessoas, consumo de álcool, aprender a lidar com os sentimentos de raiva, solidão… estou aqui para aprender a ter outros interesses, para me ajudar a mim próprio e à minha família, para quando eu crescer não ir parar a uma prisão…se eu continuar a fazer as "merdas" que eu fazia, mais tarde ou mais cedo é certo que vou parar a uma prisão… roubar é crime, roubar… e drogar e tomar álcool e … e… por aí fora… para mudar estes comportamentos tenho de pensar na vida e manter consistência… tenho que andar bem e sentir-me bem sempre, não é só um dia bem e outro mal… e quando não estiver bem tenho de saber como lidar com isso, sem ser a fazer "merda", cheio de raiva e de revolta… quando temos uma vida de vandalismo, de roubos, álcool, destruição, é um modo de estar que nos leva a pensar que somos os maiores… é uma espécie de poder… fazer medo aos outros e tirar prazer com isso… acho que não fui feliz em criança… não sei explicar, mas a minha vida começou a piorar cada vez mais… só comecei a arranjar problemas… mas também eu tinha aqueles sentimentos… olhe, ainda hoje tenho dificuldade em falar deles.
Este programa está a ajudar-me… eu ainda tenho alguns comportamentos que tinha lá fora, ainda sou arrogante com os outros e digo coisas sem pensar e magoo os outros… mas o programa está a ajudar-me a mudar e não viver só para a minha "imagem", está a ajudar-me a não beber, por exemplo… eu bebia só para não viver os meus sentimentos de revolta, de raiva, de tristeza… a minha mãe nunca sabia ou raramente soube destes meus comportamentos mas, por exemplo, quando eu pensava que os meus pais se iam separar e que o meu pai batia na minha mãe eu, em vez de falar disso com a minha mãe, ia mas é beber… quando eu pensava na vida que tinha tido, a vergonha que sentia, eu ia mas é beber… aqui, para além de uma das regras não permitir beber álcool, uma das terapias que ajuda para aprender a lidar com os sentimentos é "levar na cabeça", ou seja, "dar teaching's", ser chamado à atenção… outra terapia é o grupo de sentimentos… o grupo de sentimentos ajuda porque nós dizemos palavras que são os sentimentos que estamos a viver, como por exemplo sentir-me revoltado, impotente, hostil… e as pessoas ajudam-me a pensar nas razões porque

> eu estou a viver esses sentimentos e como posso aprender a lidar com eles… Um outro exemplo, é quando não me aguento com a impulsividade, o querer muito agir de certa maneira e aí a terapia é de pedir confrontação… e falar faz bem… desabafar com as pessoas os sentimentos que vivo, ou partilhar com outros, por exemplo no night meeting, onde ouço feed-backs do que estou a sentir… tudo isto me ajuda para o futuro, porque aprendo valores, o respeito por mim próprio e pelos outros, e aprendo a escolher o caminho que eu quero para a minha vida… por exemplo, quando eu for a casa ou lá para fora, tenho de ter consistência quando os meus colegas me vierem desafiar para ir roubar… eu tenho que saber dizer não, tenho de viver a culpa, a revolta, tenho consciência das consequências e já não vou com eles… a vida que eu tinha não era boa…
>
> Eu não gostava da vida que tinha, assim aqui na Clínica não me custa muito fazer o exercício para mudar, porque sei que é importante para a minha vida.
>
> Desde que cá estou já fugi três vezes, mas voltei sempre… só uma vez é que a polícia me trouxe, das outras vim por minha iniciativa. Aqui já mudei os meus comportamentos. Já controlo a minha revolta, já controlo a minha agressão física, a minha impotência… desde que estou na Clínica fez-me bem mudar de atitude com as pessoas… estou a pensar fazer o programa até ao fim… o mais difícil do programa é fazer a terapia… como lhe disse há confrontar, partilhar sentimentos e pedir ajuda… de todas as terapias esta ultima é que me custa mais… não consigo "quebrar imagem"… sabe, mas partilhar sentimentos também é difícil… desde que cá estou ainda não fui a casa porque ainda não conquistei esse objectivo… agora também tenho de começar a pensar sobre o meu futuro… eu tenciono fazer o programa até ao fim e isso vai ajudar-me a ver melhor o que vou fazer… regressar ao lar é uma ideia que me agrada, mas não tenho bem a certeza… também depende da minha mãe, vamos ver.

Como provocar a reelaboração das aprendizagens precoces, a reformulação das aquisições primárias que foram obtidas precisamente no contexto afectivo mais significativo? E como levar a reconhecer que estas aquisições entram em conflito com o desejado sentimento de pertença e participação social? Como "dar a volta", criando estratégias alternativas à fatalidade de não conseguir sobreviver psicologicamente a não ser à custa da inversão de valores, e de uma adaptação nas margens do sistema social? Há que "desconstruir" a forma como a(s) realidade(s) foram incorporadas, ou seja, reelaborar o vivido e o aprendido, o que implica recusar os sub-universos simbólicos apreendidos no contexto das relações afectivas mais significativas. Implica questionar as competências das figuras significativas. Implica confrontar-se com a diferença e a inferioridade, pôr em causa todas as suas vivências e aprendizagens, enfim, abrir-se a novas interpretações que permitam integrar o passado num plano mais suportável para se poder projectar no futuro. Implica aceitar que os seus pais e contexto próximo, as únicas fontes de segurança conhecidas,

estão, afinal, “em contra mão” e perceber que “o certo está errado”[304].

Como deverá a Comunidade organizar-se em função deste objectivo?

Como pretender que os referidos adolescentes façam os percursos normativos estabelecidos pela psicologia? Que oportunidades lhes são oferecidas? Corresponderão àquilo de que realmente necessitam? Terá esta instituição capacidade para substituir o papel familiar na construção de relações afectivas saudáveis, base da aprendizagem dos afectos, das normas e valores vigentes, da construção de uma identidade saudável, em que o indivíduo se reconheça como ser autónomo, capaz e igual entre iguais?

Específico do estádio do desenvolvimento que ocorre no período da adolescência, é o dilema que Erickson denomina ***identidade/confusão de identidade***, um período decisivo para a aquisição de uma identidade psicossocial, desde logo porque requer do adolescente que seja capaz de definir o seu próprio papel no mundo e que tome consciência da sua singularidade. A recapitulação e redefinição dos elementos de identidade adquiridos anteriormente desembocam numa crise peculiarmente intensa em virtude das incertezas e indagações acerca do futuro. Este autor considera a adolescência a fase mais crítica do ciclo vital, estando a sua superação dependente da aquisição das competências que ao longo dos anteriores estádios de desenvolvimento psicossocial deveriam ter sido adquiridas. O adolescente que possui a capacidade de pensar abstractamente pode projectar-se no futuro, tecer itinerários de vida, formular juízos de valor, questionar o instituído e pensar formas de organizar e lidar com a realidade. A capacidade de reflectir acerca do seu próprio pensamento e do pensamento dos outros permite encontrar uma forma particular de ser, de pensar, de actuar e sentir, em suma, permite definir a própria identidade.

A adolescência é teoricamente um período de procura e especulação, em que a vida é pensada em função do futuro, em que os papéis sociais até aí desempenhados são revistos, procurando ajustá-los aos sonhos, projectos e exigências sociais. A adolescência equivale a um período de permissividade selectiva[305] em que o jogo e a contestação representam uma espécie de espera dos futuros investimentos adultos. É nesta altura que vários agentes de socialização exercem pressão para que o jovem assuma responsabilidades e tome decisões, principalmente do foro escolar e profissional. Erikson considera que os rituais sociais de entrada na idade adulta, tal como a escolha da área profissional, facilitam a

---

[304] Cfr. Carlota Teixeira, *O Tecer e o Crescer – Fios e Desafios* ,op. cit., pág. 128.
[305] Cfr. Carlota Teixeira, *O Tecer e o Crescer – Fios e Desafios* ,op. cit., pág. 134.

preparação para a aquisição de papéis na sociedade. Esta tarefa será facilitada se já existir confiança naquilo que se pode e quer ser livremente, o que depende dos contextos de vida presentes e anteriores.

Erikson tem bem a noção de que a crise de identidade individual é inseparável do contexto social em que se insere o indivíduo, dependendo a sua resolução grandemente das condições que o meio oferece ou ofereceu ao adolescente. A construção da identidade necessita do contributo das pessoas significativas com que o adolescente convive, figuras que funcionam como modelo de identificação, como um espelho que lhe devolve a imagem que a sociedade tem a seu respeito. Só um meio minimamente estruturado e seguro, onde o indivíduo se sinta genuinamente aceite, onde possa experimentar papéis reais e imaginários, lhe permite adquirir aquilo que, para Erikson, são as características dominantes na definição do conceito de identidade, a saber, o sentimento de unidade das experiências de si próprio na interacção com o mundo social e o sentido de interdependência entre o conceito que tem de si próprio e a realidade.

Quando não adquire a sua identidade, o adolescente permanece num estado de confusão, tem dificuldade em perceber quem realmente é, quais as suas capacidades e o caminho que o futuro pode representar.

Ora, os testemunhos por nós recolhidos junto dos adolescentes internados na Comunidade Terapêutica do Outeiro são bem reveladores de que as tarefas próprias desta etapa estão completamente ausentes das suas vivências subjectivas. São bem reveladores de como e quanto podem estar ausentes as oportunidades de explorar e conjecturar acerca do futuro, tal o fechamento de horizontes que pesa sobre as suas vidas. Como pensar sobre o futuro quando o presente é mais do que a incessante repetição das mesmas privações, do que a constante confirmação da ausência de capacidades e da impossível saída?

**José**

> O programa ajuda a ter valores e regras que quando andamos na droga não tínhamos… sim, com a droga fica tudo pior… já não se obedece a ninguém nem queremos saber de ninguém… se no bairro foi difícil aprender a não ser violento, com a droga ainda é pior… tudo nos desinteressa… só conta é mesmo a droga…o conseguir chegar a ela… e o drogarmo-nos… depois não há mais nada… nem amigos… o programa ensina a ter bons comportamentos para quando formos lá para fora

podermos arranjar um trabalho e mantê-lo, ensina horários e a cumpri-los… ensina a compreender os desejos e os sentimentos e a desabafar sobre o que vivemos quando andamos na droga… ensina a viver com as contrariedades e a lutar pelo que se quer sem desistir… por exemplo, quando sou contrariado normalmente eu explodia, berrava, insultava, partia coisas… mas aqui eu desabafo logo com os outros, partilho os sentimentos de tristeza, frustração e isso ajuda a compreender e a encontrar razões para controlar os comportamentos… por exemplo, ontem telefonei à minha mãe e ela não atendeu… e eu senti-me contrariado, revoltado e fiquei triste e eu não sou capaz de ficar muito tempo com estes sentimentos… triste… e dá-me logo para "avariar", começar a ter comportamentos maus, aos chutos e berros, guerrear com os outros, e aqui começar a insultar os staffs e dizer que me vou embora… aqui aprendo a ter regras e a cumprir coisas que lá fora nunca tinha aprendido… aqui aprendo a apreciar as coisas, a vida, a ajuda dos outros e a ajudar outros, a tirar prazer disso, a tirar prazer de coisas que antes não sabia, como por exemplo a respeitar os outros, aprendo a fazer-me respeitar… aprendo a controlar os meus comportamentos para saber agir nas situações…
Eu quero construir a minha vida lá fora… quero tudo do melhor… quero ter mulher, filhos, um carro, uma boa casa… são sonhos que tenho… quando sair daqui tenho de arranjar um trabalho… é claro que ponho a possibilidade de continuar a estudar e tirar um curso… quero tirar um curso de mecânica… eu agora sei que sem estudos é muito difícil ter um trabalho bom, que dê bom dinheiro… eu tenho esperança de que quando sair daqui vou poder ir ter com a minha irmã que está em França… acho muito difícil continuar a minha vida voltando para o lugar onde vivi… a minha irmã também já me disse que quando eu sair daqui me arranja trabalho lá… e a possibilidade de poder estudar… eu sei que droga há em todo o lado, e por isso tenho que aprender o que aqui me pode ajudar a resistir no futuro… mas viver com os meus pais era voltar ao mesmo… ao lugar onde comecei a consumir, a estar com as mesmas pessoas, a passear nos mesmos sítios… a estar com uma família de vendedores… acho que lá seria muito mais difícil resistir.

**Daniela**

Depois de estar cá um mês, fui expulsa porque consumi heroína cá dentro. Lembras-te de T.? Ela tinha saído e trouxe-a escondida e disse-me para consumir com ela e eu experimentei… então, não me queriam deixar regressar mas eu pedi muito, queria muito ficar por cá, porque eu sabia que era o melhor sítio para mim… aqui eu posso ter muitos objectivos, eu posso aprender sobre mim… mas custou-me muito, o que eu queria era a minha liberdade… Eu gostava mesmo era de ser independente, de ter a minha própria vida…o que eu gostava mesmo era de ser cabeleireira! (…) Eu sei que posso fazer um curso mas eu sempre gostei de viver no risco, a minha vida foi sempre assim, às curvas, nos limites, eu gosto do risco …é verdade, eu só tenho o 5º ano e estou num grupo a dar coisas do 7º e 8º anos… sei que aprendo rápido, é por isso que me cansam as aulas de português… eu já sei o que lá se dá…
Eu tenho uma coisa em mim, dentro de mim, tenho uma força… não sei se fazia os exames… mas acho que posso aprender… mas não gosto da escola… é verdade que não sigo as regras na sala de aula, que não uso a linguagem que deve ser… mas isso é quando estou a *agir em sentimentos …*

Aqui, dentro da clínica é como se fossemos uma família… tenho uma pessoa, a única pessoa na vida que é uma amiga, verdadeiramente uma amiga… só conheci cá… ela é uma força muito positiva… já quis muitas vezes fugir, já tive vontade e ela sempre me diz que se eu tentar, faz queixa de mim…não acha que será bom para mim… tem razão… ela é a pessoa que sabe tudo da minha vida e eu da dela… o programa é difícil… temos de aprender regras e valores e temos de partilhar com outros… contar a nossa vida, falar do sofrimento, partilhar sentimentos para podermos seguir em frente… o confronto também é difícil… estamos a qualquer momento do dia a ser confrontados com o que fazemos para nós e para a comunidade… temos que assumir muitas tarefas… tarefas de vida de todos os dias e tarefas de ajuda aos outros… também temos que aprender a confrontar os outros…

Eu o que gostava era de ter a minha própria vida e de, por exemplo, assim uma tarde, dizer à minha mãe: olha, vem tomar um café comigo, ou assim… com a minha mãe, a minha cabeça quer, mas o coração não deixa … se calhar por ser a mãe que foi… apesar do meu pai e da minha irmã me terem ajudado, não foi como devia ter sido… a minha vida podia ter sido outra… mas a minha mãe, a minha mãe … rejeitou-me…

Eu para um colégio nunca mais vou… viver com a minha mãe… não sei ainda… não sei se sou capaz de lhe perdoar… eu já aprendi muito com o programa aqui na clínica… estou muito melhor… mas ainda sou arrogante… às vezes… custa-me aceitar as regras… o programa tem-me ajudado a perceber os meus comportamentos, os meus sentimentos e a saber lidar com eles… mas não sei se já consigo fazer sozinha o que queria… Como lhe disse, eu gosto do risco e sou muito independente… não me dou bem com regras… mas já sei que são precisas… talvez eu tivesse vivido muito tempo da minha vida só a fazer o que eu queria e por isso agora é muito difícil mudar… eu percebo as coisas mas nem sempre consigo fazer o que devo… sou muito impulsiva… as drogas eu sei que não quero, mas tenho medo do que será a minha vida futura… aqui aprendemos como nos podemos defender… é preciso ter objectivos… esforçarmo-nos por cumprir tarefas… aceitar regras… gostar de ajudar… ser honesto… mas é preciso acreditar que podemos ter uma vida normal… ter um trabalho… ter uma casa… era assim que eu gostava de viver… e depois ter amigos… para isso é preciso ganhar dinheiro… a trabalhar… e é como lhe digo, eu gostava de ser cabeleireira… eu sei que para isso tenho de estudar mais… não sei o que vai acontecer quando for lá para fora.

**Sílvio**

Eu agora quero mesmo é ter outra vida… o que eu gostava era de ficar na clínica… porque posso ajudar as pessoas… e quero continuar a estudar… agora vou aos fins de semana com a minha mãe para C… com a minha mãe e o meu padrasto … gosto dele, ele trata-me muito bem, gosta de mim e ensina-me um trabalho… eu ajudo-o aos fins-de-semana, quando vou a casa… ele trabalha a fazer colunas, colunas de som. Já o tenho ajudado… quando eu sair de cá (da fase de transição), se calhar é o que eu vou fazer… é trabalhar com o meu padrasto nos trabalhos que ele faz… ele paga-me e é uma maneira de eu juntar dinheiro para depois eu ter a minha vida… eu, um dia, também, vou ter um sítio onde morar, uma casa, posso casar e é preciso ter dinheiro... o que eu gostava mesmo de fazer na vida, era ser jogador de futebol …

Foi a polícia que me trouxe, eu, por mim, não vinha… a assistente social é que me trouxe… mas ela enganou-me, disse que era para eu ir ao médico e vim, mas era para a clínica… fugi muitas vezes, fugi para aí umas trinta vezes… só que depois vinham atrás de mim… é que lá, em BB, tenho

uma família muito grande (a comunidade), somos para aí uns oitenta… e eles gostam de mim.
Eu, se quisesse, tinha mesmo fugido… só que eu corria, corria pelos campos fora e depois escondia-me no meio dos campos e aí eles vinham e apanhavam-me… até que houve uma vez que fugi com outro e depois fomos parar assim numa loja, uma mercearia. Inventamos uma história porque queríamos comer e não tínhamos dinheiro… e depois o homem chamou a bófia e quando chegou a polícia, quis saber como era e eu comecei a dar com os braços e as pernas e a dizer que não voltava. Eles agarraram-me e meteram-me no carro e trouxeram-me… acabei por fazer o programa… foi bom para mim…a minha família de BB é que me ajudou a decidir ficar na clínica… estou cá há 18 meses…
Gosto de cá estar, do programa… gosto de muitas coisas, por exemplo, sentámo-nos em frente a outro e podemos falar sobre os nossos sofrimentos, as nossas dores, o que nos põe tristes, o que nos faz raiva e assim falamos com outros e ficamos bem … em vez de ir por aí fazer disparates… como, por exemplo, andar por aí a dar porrada uns aos outros, insultar todos, bater, partir coisas, não aceitar ordens de ninguém, não ter regras… como regras, aprendi a fazer a cama, limpar, ajudar na preparação dos alimentos, respeitar os outros, não insultar, não estragar as coisas… e outras coisas… falamos das “merdas”… não tenho problema em falar disto tudo porque para mim é uma forma de ajudar outras pessoas e isso para mim é muito importante, faz-me bem… é nisto que o programa faz bem… ajuda a crescer… confio muito nos monitores, porque me sinto bem a falar com eles, porque sei que me podem ajudar… antes de vir para a Comunidade eu tinha muitos comportamentos maus… como insultar, roubar, não ter regras, não acatar ninguém, não respeitar os outros e também porque consumia… fica-se ainda pior, quando se consome… dá vontade de fazer disparates… fica-se muito arrogante… e não queremos saber de ninguém… é só revolta… eu acho que era assim pela vida que tive… por causa do meu pai… ele era alcoólico, sabe, não é? E os meus pais também se drogavam os dois… e isso era muito, muito triste eu ver... eu não queria aquilo para os meus irmãos… não queria que eles viessem a assistir ao mesmo que eu, que passassem pelo mesmo… só que eu não sabia como podia parar com tudo aquilo… é por isso que às vezes, como já lhe contei, me apetecia matar o meu pai… aqui aprendemos a saber muito sobre nós… a perceber o que temos de fazer para mudar os nossos comportamentos… é preciso ter objectivos, saber pedir ajuda, cumprir regras e horários… cumprir tarefas…custa partilhar sentimentos… é preciso falar do que nos dói… é preciso falar do sofrimento… mas isso ajuda a mudar os comportamentos… porque vamos ouvindo os outros… vamos percebendo que podemos confiar nos outros… eu acho que não confiava em ninguém… eu também não gostava de ser contrariado… começava logo a destruir tudo… virava-me às pessoas… era assim que eu pensava ser o maior… mas aqui na Comunidade também se aprende a ter respeito por nós sem precisar de parecer o que não somos… sem precisar de esconder quem nós somos… também aprendemos a perceber os outros e porque é que muitas vezes nos “dropam” a “merda”… são sentimentos acumulados… raivas… e como nos fechamos, vai ficando pior e depois quando estamos mal acabamos por mandar isso para os outros… mas aqui também se aprende a gostar mais de nós… porque se aprende a tratar de nós, da higiene, das roupas… aqui também aprendemos que é preciso lutar para alcançar um objectivo, por exemplo, para podermos conquistar os telefonemas, as saídas, as visitas… não, não temos escola, mas eu penso que é importante eu estudar para ter um trabalho… mas não sei… talvez eu vá trabalhar com o meu padrasto…

**Rui**

> Na clínica, no princípio gostava…. agora já não estou a gostar, mas já estou a contrariar. Estou a gostar mais porque já arranjei um amigo e já estou a contrariar-me para ficar aqui… estou aqui pelo Tribunal, porque fiz porcaria lá fora… fiz asneiras, aquilo que não devia fazer, como, por exemplo, roubava dinheiro à minha avó… ia comer aquilo que queria, fumava droga, comprava tabaco e dizia que era para o meu tio, roubava gajos e mais nada! …
> Não sei se estar aqui me faz bem… não sei se isto faz bem… preferia estar em casa… estou com saudades da minha família! Ainda não fui a casa e não sei porquê… perguntei uma vez mas disseram-me que ainda não andava numa boa "track"… não gosto de confrontar, nem de "dealar"… não tenho que falar de mim… não tenho que contar o que me custa viver e os meus sentimentos... não sei se isso serve para alguma coisa. Não gosto disto. Devia ser um colégio normal… não é preciso nada disto para deixar de consumir. Os outros? Não deixam se não quiserem… eu, se quiser, deixo… não preciso disto… não gosto de estar aqui… são sempre as mesmas coisas… regras e mais regras… direcções… tarefas.
> Desde que estou aqui, ninguém veio visitar-me … eu acho que o meu pai vem cá no meu dia de anos, em Agosto… falei ao telefone com a minha avó ela diz para eu ficar aqui, para aturar isto…
> Quando penso na minha família, penso que tinha carinho de muitos… da minha mãe, do meu pai, da minha avó, do meu tio, da namorada do meu tio, das minhas tias, dos meus primos… não sei o que quero… fico assim… ora quero, ora não quero… não sei para que serve isto…
> Quando eu sair daqui, vou para a casa do meu tio na Holanda, é o que eu quero e ele quer-me lá… o meu tio é com quem queria mesmo estar… queria estar com todos mas viver em casa do meu tio… porque lá eu brinco, saio, ando de bicicleta com ele, passeio, jogo *play station*… não há assim aquelas regras como aqui.

Para Erikson, a essência da identidade é a fidelidade, ou seja, o desenvolvimento de uma saudável interacção com a sociedade, de tal modo que o adolescente se vai tornar fiel a uma ideologia e a uma profissão. A fidelidade permite que o indivíduo assuma um compromisso com determinados valores que sente como seus. Cabe à sociedade criar condições para que o adolescente possa desenvolver este sentido de fidelidade, oferecendo-lhe princípios, ideias e valores, tarefas e modelos que ele possa adoptar ou contestar. De facto, tal como a integração e a adopção de modelos vigentes, também a contestação assume um papel fundamental na construção da identidade. A escolha profissional é um elemento relevante na emergência da identidade do jovem, escolha para a qual muito contribuem as capacidades adquiridas nos estádios anteriores.

Ora, voltando aos adolescentes que encontramos na Clínica do Outeiro, o

que nos diz a observação é que lhes foi, de todo, impossível superar os dilemas deste estádio de desenvolvimento da identidade, que lhes foram negadas quaisquer possibilidades de vivenciarem um sentimento de produtividade mais forte do que o sentido da inferioridade. Pode dizer-se, sem correr o risco de forçar a realidade, que se encontram numa paralisia operacional que os impede de explorar o seu potencial.

Enredados em dificuldades relacionais, sentem-se incapazes de encontrar em si próprios os recursos necessários para gerir uma relação equilibrada com os pais, ou com as outras figuras significativas do meio familiar, e, assim, ficam afectivamente mais dependentes do meio. Daí a necessidade dos grupos de pares, das atitudes consumistas, do hedonismo, que, nos seus contextos relacionais muito fragilizados, muito contribuem para os escravizar. Não tendo figuras consistentes de identificação, buscam no meio os elementos identitários que lhe permitam criar a ilusão de serem autónomos.

Presos entre a necessidade de se sentirem ligados a alguém e a necessidade de salvaguarda narcísica, estes adolescentes tornaram-se incapazes de utilizar, em proveito próprio, um espaço relacional alargado onde poderiam encontrar uma “moratória psicossocial” adaptativa. Esclareça-se, mais uma vez o olhar sociológico se reveste de grande pertinência explicativa, que foi a severa falta de oportunidades de relacionamento com adultos disponíveis, para neles se implicarem de modo incondicional e lhes fornecerem modelos consistentes, que inviabilizou a experimentação de papéis adultos. Foram os adultos apercebidos como demasiado inconsistentes, demasiado imprecisos, indecisos e tristes, ou demasiado depressivos que os tornaram incapazes de elaborar a ausência e adiar a satisfação dos desejos. Uma vez que não foram interiorizados de forma suficientemente consistente e gratificante, os adultos significativos e securizantes não podem ser trazidos para o espaço psíquico de forma suficientemente durável quando estão ausentes. Desta impossibilidade de aceder a uma verdadeira relação de objecto decorre uma crescente dependência em face do meio, na ilusão de encontrar substitutos da relação objectal.

A fragilidade relacional dos adolescentes de que falamos tem origem em feridas narcísicas profundas e dolorosas que só podem ser superadas na medida em que lhes sejam proporcionados contextos de (re)ssocialização reparadores, onde possam vivenciar a aceitação, os afectos, a (in)dependência. Onde sejam apoiados a reelaborar o conceito de si, a adicionar novos elementos positivos à sua identidade e, em certa medida, reorganizar-se. Não é o trauma original que se torna o grande vilão da saúde psíquica, como Freud pensava, mas a sua contínua realimentação. Cada gesto hostil das outras pessoas reforça sentimentos de incapacidade e de baixa auto-

estima. Quebrar o ciclo equivale a deixar de alimentar o desprezo e a indiferença, colocando no seu lugar figuras simbolicamente carregadas de afecto e que permitam construir uma auto-imagem positiva.

Experienciaram precocemente lacunas que instalaram imaturidades estruturais, tais como fragmentação do eu, dificuldades ao nível escolar, mesmo quando o potencial cognitivo se encontra dentro da média, discurso muito ligado ao concreto, sinal de pobreza psíquica, falta de referências, regras e limites, atrasos de linguagem, problemas de comportamento, patologia psicossomática, depressões com vários níveis de profundidade e gravidade decorrentes da carência de valorização e confirmação narcísica pelas figuras significativas. As falhas na auto-estima desencadearam tristeza, inibição, dificuldades de aprendizagem, comportamentos agidos e aditivos, pré-delinquentes[306]. Não lhes foi permitido usufruir de moratórias institucionalizadas que lhes facilitassem ou inibissem a experimentação de papéis, os pusessem em relação com modas, rituais, aprendizagem escolar, etc., isto é, lhes fornecessem modos de socialização capazes de ajudar a resolver a crise de identidade. No que respeita à orientação para os valores[307], diz Erickson que, neste nível de desenvolvimento, o justo e o injusto já não se confundem com o que leva à recompensa ou ao castigo, passam a ser definidos pela sua conformidade com as normas sociais e morais vigentes. O indivíduo procura cumprir os seus deveres e respeitar a ordem estabelecida, orienta-se por uma moralidade interpessoal, isto é, uma tendência para agir de modo a ser bem visto aos olhos dos outros, a merecer o seu respeito e consideração. Isto pressupõe que a crise de desenvolvimento psicossocial anterior tenha sido bem sucedida, pois sem a interiorização das regras e valores, o indivíduo permanecerá numa moralidade pré-convencional. O que se espera de um percurso desenvolvimental sadio é que, resolvida a crise de identidade, o jovem possa progredir no sentido da moralidade pós-convencional, em que o valor moral das acções depende menos da sua conformidade com as normas morais e sociais

---

[306] Cfr. Carlota Teixeira, *O Tecer e o Crescer – Fios e Desafios*, op.cit., pág. 141

[307] Cfr. Carlota Teixeira, *O Tecer e o Crescer – Fios e Desafios*, op.cit., pág. 136 Erikson define três estádios fundamentais: moral, ideológico e ético. É o progresso nos estádios de orientação para os valores que dá conteúdo ao ideal do eu orientado para uma realidade socialmente relevante, que não é mais do que a substituição do super ego tirânico e dominador por um super ego mais flexível e adaptativo, pela integração de valores orientados para o desenvolvimento e o bem comum. Este processo dá um sentido de rectidão e estabilidade, num processo de diferenciação psicológica da identidade do eu e identidade de papéis que parece ser básico para o desenvolvimento do ego. A orientação de valores tem nesta fase a função de ajudar o ego a ter um sentido de segurança que deriva da consciência de poder escolher entre diferentes papéis. O superego não muda o seu conteúdo e estrutura em resposta às circunstâncias, como faz o ego, tornando-se assim, isolado da experiência, como uma moralidade cega, categorial e rígida; no entanto, a sua importância é fundamental para a transformação do ideal do eu numa consciência ética compatível com a aquisição de valores que abrem o caminho de um bom funcionamento enquanto adulto.

vigentes num contexto particular e mais da sua conformidade com princípios éticos universais.

Este processo de auto-construção pessoal, emergente de um vasto conjunto de interacções recíprocas, demonstra que a realização de um adolescente, e de qualquer ser humano em geral, passa, necessariamente, pela sua acção participativa na sociedade e pela inserção num vasto conjunto de interdependências exteriores, quer sejam naturais, humanas, económicas, sociais ou culturais, assumindo compromissos com o meio, integrando-se no próprio contexto, e adaptando-se à evolução do mesmo.

Em síntese, as oportunidades de resolução adequada da crise de identidade própria da adolescência dependem basicamente da qualidade relacional, do sistema de valores dominante, do envolvimento e apropriação dos espaços, dos afectos, das tarefas e das decisões, das oportunidades, das condições de vida material, social e simbólica, bem assim como da construção de imagens internas securizantes que permitam o confronto com o real, sem perda da imagem própria.

Dependendo dos contextos e exigências, há crianças que têm de "crescer depressa demais", sem tempo para este papel de re-síntese identitário, ou que, já adultos, e portanto numa fase em que seria de esperar que a identidade estivesse definida, continuam a ter as benesses próprias dos adolescentes, a serem desculpabilizados de tudo, pelos outros ou pelos próprios que, não tendo desenvolvido as necessárias competências adaptativas não conseguem auto-responsabilizar-se, sentir culpa ou remorso. Uma e outra situação podem igualmente deixar sequelas, mantendo o indivíduo em confusão de identidade e, portanto, em situação de dependência.

O desejável, portanto, é que o adolescente chegue a esta etapa com alguma confiança em si e nos outros, com um sentimento de autonomia e capacidade, e que o contexto social o apoie no acesso a uma identidade própria. O jovem vê reflectida no seu grupo de amigos parte da sua identidade, e preocupa-se muito com a opinião dos mesmos. Por vezes, procura amigos com "maneiras de estar" divergentes daquela em que cresceu, de forma a poder pôr em causa os valores dos pais ou outras figuras de autoridade, testando possibilidades para construir a sua própria "maneira". O grupo permite um jogo de identificações e a partilha de segredos e experiências essenciais para o desenvolvimento da personalidade[308].

A questão que se coloca, uma vez mais, é a de saber até que ponto o

[308] Cfr. Carlota Teixeira, *O Tecer e o Crescer – Fios e Desafios*, op.cit., pág. 134.

ambiente institucional será capaz de se organizar de forma suficientemente consistente a ponto de permitir ao adolescente reelaborar a sua vida psíquica, de lhe permitir que resolva, em certa medida, os seus conflitos de identidade. As exigências que se colocam ao contexto institucional são enormes uma vez que as tarefas inerentes à superação da confusão da identidade, da dependência e da fragilidade psíquica são impossíveis de concretizar sem uma *estrutura de plausibilidade*, um *aparelho de conversa*, como lhe chamam Peter Berger e Luckmann[309], que mais não representam do que um novo sistema de classificação das realidades do mundo que nos rodeia. Como salientam estes dois autores, nessa obra de referência, o desalojamento da realidade subjectiva incorporada na primeira socialização só poderá ocorrer num ambiente colectivo onde as interacções significantes são intensas e carregadas de emoção e de afectos. Para "desmantelar", desintegrar a realidade subjectiva, são necessárias condições sociais e conceptuais específicas. Não é possível a transformação radical da realidade subjectiva, incluindo da identidade, sem a identificação com outros significativos, com quem se possam repetir as experiências infantis da dependência emocional. A mais importante exigência é a criação de um aparelho legitimador que permita a apropriação e manutenção da nova realidade e o abandono ou repúdio das realidades "alternativas". A velha realidade será, então, reinterpretada dentro do aparelho legitimador da nova realidade, o que envolve a ruptura subjectiva com o mundo anterior do indivíduo[310].

Que respostas devem orientar o trabalho institucional para ajudar os adolescentes a resolver saudavelmente a crise de identidade?

A experimentação de papéis assume uma dimensão particular, pois a identidade apoia-se fortemente naquilo que socialmente somos capazes de fazer. De tal forma que cada pessoa é mais ou menos aquilo que se espera que ela seja. Ao desempenhar papéis, o indivíduo participa de um mundo social. Ao interiorizar estes papéis, esse mesmo mundo torna-se subjectivamente real para ele. Em virtude dos papéis que desempenha, o indivíduo é introduzido em áreas específicas do conhecimento socialmente objectivado, não somente no sentido cognitivo restrito, mas também no sentido do conhecimento de normas, valores e mesmo emoções.

Ora, a observação directa que pudemos fazer da Clínica do Outeiro deixa-nos algumas dúvidas acerca da adequação do seu programa às características específicas dos adolescentes de cujas histórias aqui procuramos dar conta. O seu programa terapêutico não toma, quanto a nós, na devida conta a questão da severa

---

[309] Peter Berger e Thomas Luckmann, A construção social da realidade, Editora Vozes, Petrópolis, Brasil, 1973, pág. 202 e seguintes.
[310] Peter Berger, Thomas Luckmann, A construção social da realidade, op. cit., pág. 211.

carência de oportunidades que objectivamente pesaram e continuam a pesar sobre as suas possibilidades de desenvolvimento psicossocial. Trata-se de um programa terapêutico eventualmente bem adequado a adolescentes e jovens das classes médias, cujas famílias lhes providenciaram e continuam a providenciar trunfos cruciais para a inclusão social. Por exemplo, se considerarmos a componente cognitiva do programa logo compreenderemos que o sucesso desta abordagem está dependente de certas estruturas mentais, aquisições cognitivas e conceitos que, por sua vez, condicionam a adesão à terapia. Nas situações dos adolescentes originários de certas subculturas, tais como a cultura da pobreza ou as culturas desviantes, a adesão às terapias esbarra, desde logo, com o não domínio de conceitos e a insipiência do pensamento abstracto. Não raro, o desprezo por valores e regras foi interiorizado na primeira socialização, logo como realidade natural que não se questiona. Além disso, há que considerar que a ruptura com tais subculturas é impossível sem a tal estrutura de plausibilidade de que falam Berger e Luckmann. Ou seja, se não existir uma rede de relacionamento social portadora de valores, padrões de conduta, objectivos e práticas suficientemente consistentes e coerentes não será possível desencadear a desestruturação das disposições profundamente instaladas.

Como poderá a Comunidade Terapêutica responder a essa necessidade de recriar ambientes reparadores e estruturantes, se parte significativa do que preenche a vida fica fora da acção terapêutica? Em termos mais concretos, basta pensar na formação escolar e profissional dos jovens, que, seguramente, deveria fazer parte do projecto de vida de todos, para perceber quanto a intervenção terapêutica está longe de encarar algumas necessidades elementares para poder evoluir para a vida adulta responsável. E que dizer da falta de família de que muitos dos jovens internados padecem? Na escassez de laços primários e intermediários que os liguem à sociedade, que lhes devolvam sentimentos de pertença e de valorização, que previsão podemos fazer acerca do futuro após saída da comunidade?

William Glasser diz que a teoria e a prática da terapia da realidade são incompatíveis com o conceito, largamente aceite, de doença mental. A crença de que as pessoas podem sofrer de uma doença mental particular que requer um diagnóstico e um tratamento específico é um erro que se transforma numa barreira importante à adopção de um tratamento psicológico apropriado. A maior parte dos terapeutas convencionais pensam que o comportamento desviante é fruto de uma série de experiências infelizes que podem ser superadas por via da terapia. Após a sua tomada de consciência, o indivíduo restabelece-se, à semelhança da doença física tratável com o medicamento adequado.

A terapia da realidade contrapõe que de nada serve, por exemplo, tratar um jovem delinquente como alguém que é portador de uma doença mental, se isso implica ser tratado como ser incompreendido ou maltratado. Por esse caminho, o seu comportamento jamais mudará. Se não for levado a compreender claramente que tem de se ajudar a si mesmo, apesar do que lhe aconteceu no passado, a psicoterapia nada fará progredir. Infelizmente, diz o autor, o ensino da psiquiatria, da psicologia e do trabalho social tende a subordinar-se ao pensamento tradicional que considera o diagnóstico de doença mental como indispensável a um tratamento bem sucedido[311]. A psicoterapia convencional gasta demasiado tempo a discutir os diagnósticos da história pessoal, a escalpelizar cirurgicamente esse passado, como se bastasse obter uma compreensão das raízes psicológicas dos problemas para mudar a atitude face à vida.

Ora, o passado não pode ser tomado como justificação para limitar o presente. Não podendo mudar o que aconteceu no passado, nem aceitando que este possa limitar o presente e o futuro, a *terapia da realidade* centra-se especialmente no presente e no futuro. A psicoterapia convencional insiste que a pessoa só pode mudar se penetrar e compreender o seu inconsciente, o que equivale a considerar que os conflitos inconscientes são mais importantes do que os problemas conscientes, e, por essa via, conduz a privilegiar os processos conducentes à tomada de consciência desses conflitos graças à transferência, à interpretação dos sonhos e à associação livre, assim como à intuição do terapeuta. Considerando as motivações inconscientes como extremamente importantes, a terapia convencional sustenta que é preciso fazer com que o indivíduo tome consciência das razões, até aí inconscientes, do seu comportamento. Para além da transferência, o terapeuta recorre também a testes de projecção, à associação livre, à análise dos sonhos e aos lapsos, métodos que fornecem uma compreensão do funcionamento do inconsciente do indivíduo, mas que, na realidade, não ajudam na terapia. Por meio da "transferência", o terapeuta revive com o cliente as suas dificuldades passadas e explica-lhe porque é que ele repete este mesmo comportamento inadequado. Graças às explicações que o terapeuta lhe dá sobre o seu comportamento transferencial, o indivíduo vê o seu passado sob um

[311] William Glasser: *La Thérapie de La Réalité* op. cit., pág 72. Gastam-se milhares, todos os anos, para tentar diagnosticar tipos de doenças mentais na vã esperança de que este diagnóstico será útil no tratamento. É desolador ouvir jovens internados em psiquiatria discutir constantemente para saber se tal cliente é nevrótico porque tem medo de deixar a sua casa, ou psicótico porque se imagina com um inimigo invisível o vai enfrentar. Nos dois casos, ele sofre com efeito da incapacidade de satisfazer as suas necessidades. Quer ele tenha medo da realidade (atitude convencionalmente designada de nevrótica), quer a negue (psicótica), isso pouca diferença faz na sua vida e no tratamento não faz nenhuma……

novo ângulo, o que supostamente lhe permitirá abandonar as antigas atitudes e aprender a elaborar melhores relações com as pessoas.

A terapia da realidade preocupa-se muito mais com os comportamentos do que com as intenções. Uma vez estabelecido o laço, o terapeuta começa a mostrar ao cliente os aspectos irrealistas do seu comportamento irresponsável. Se o cliente pretende defender a sua concepção da realidade, o terapeuta deve estar preparado para discutir com ele, mas sem deixar de insistir sobre o facto de que o que acima de tudo lhe interessa é o seu comportamento e não as suas ideias. Esperar que as intenções mudem entrava a terapia, enquanto que mudar o comportamento conduz rapidamente a uma mudança de ideias que podem por sua vez levar a uma satisfação das necessidades e, no final, a um melhoramento do comportamento.

Compreender um obstáculo não produz a mínima mudança do comportamento. Para mudar, é preciso aprender a comportar-se de forma responsável. Não raro, a tomada de consciência de um bloqueamento inconsciente serve mais fornecer desculpas e justificações para não mudar. Se o indivíduo encontra razões psicológicas, reforçadas pelo terapeuta, para não mudar, então consolidará a dificuldade de se reaproximar dos outros. Se lhe é permitido refugiar-se no passado e se lhe dado apoio no sentido de evitar as suas responsabilidades presentes, pode dizer-se que a terapia tornou o cliente mais frágil.

Na terapia da realidade, insiste-se sobre o comportamento, não se remete a mudança de atitudes para a tomada de consciência, uma vez que, em muitos casos, não é essa consciência que levará à mudança. O mais decisivo para a terapia é o estabelecimento de um laço sólido com o indivíduo, após o que lhe serão ensinadas novas formas de se comportar. A atitude mudará, quer haja, ou não, compreensão dos comportamentos anteriores. Por sua vez, esta nova atitude agirá no sentido da mudança do comportamento. Mas, o principal de todo o processo decorre de uma mudança inicial de comportamento, devendo o terapeuta trabalhar precisamente para obter essa mudança.

Colocando a tónica no comportamento e no reforço dos laços com o indivíduo, o terapeuta não hesita em felicitá-lo quando se comporta de forma responsável e em manifestar-lhe a sua desaprovação quando acontece o contrário. O indivíduo tem absoluta necessidade de um tal julgamento, expressão natural da confiança existente entre duas pessoas. Essa será uma prova da sinceridade da relação. Na terapia da realidade, as emoções e os sentimentos não estão nunca

separados do comportamento. Mais importante do que compreender os pensamentos inconscientes que acompanham um comportamento, do que justificar o comportamento desviante pelo passado, é ter um conhecimento rigoroso da sua vida actual[312]. Para que a pessoa se torne responsável é preciso colocar a tónica no presente. Se é certo que o passado contribuiu para fazer da pessoa o que ela é no presente, não é menos certo que não podemos mudar esse passado. Apenas podemos evitar que o presente seja a perpetuação do modo de viver no passado. A tarefa principal é enfrentar o presente, não o trabalho fácil de contar a história da sua irresponsabilidade e de nela encontrar justificações. Importante é que o sujeito não se sirva do conhecimento do seu passado para justificar o seu comportamento irresponsável no presente.

Nas situações em que os indivíduos partilham os mesmos problemas, a terapia de grupo é extremamente eficaz, na precisa medida em que a criação de laços de implicação e de pertença está longe de ser concretizável no âmbito de uma relação individual. As numerosas hipóteses de implicação pessoal do grupo potencia um progresso terapêutico mais rápido, os indivíduos que vivem situações semelhantes remetem-se rápida e mutuamente para a realidade e não hesitam em sugerir aos outros as melhores maneiras de a enfrentar. O terapeuta orienta então o grupo para se implicarem reciprocamente, de uma forma cada vez mais intensa, intervindo quando o grupo esquece a realidade e sugerindo melhores modos de a enfrentar quando o grupo dela se distancia.

Os princípios teóricos que sustentam a intervenção terapêutica da Clínica do Outeiro integram numerosos elementos considerados fundamentais pela corrente da terapia da realidade, tornando evidente, na nossa interpretação, que não há antagonismo entre as correntes comportamentalista e construtivista, que é possível arquitectar um modelo de intervenção baseado numa eficiente comunicação entre estas duas correntes.

---

[312] William Glasser: *La Thérapie de La Réalité* op. cit., pág 50. Não se atribui nunca aos outros a irresponsabilidade do cliente; Não se acusa a sua mãe, o seu pai ou qualquer outra pessoa com uma relação íntima com o cliente, mesmo que esta pessoa se tenha mostrado irresponsável. O cliente não pode mudá-los, ele não pode senão aprender melhores maneiras de viver com estas pessoas ou sem elas. Nunca encorajamos as manifestações de hostilidade ou impulsos irresponsáveis, porque isso só serve para agravar o problema. Não se condena nunca a sociedade. Se, por exemplo, um negro se sente mal tratado pela sociedade branca isso não deverá nunca apesar de tudo levá-lo a ter actos irresponsáveis. Uma raiva cega pelos seus opressores nunca lhe trará nada nem a ele nem a qualquer um que se encontre numa situação semelhante.

O núcleo problemático do modelo de intervenção adoptado pela Comunidade Terapêutica remete, quanto a nós, para a definição dos contextos capazes de promover o crescimento pessoal, o aprofundamento do auto conhecimento, o desenvolvimento da responsabilidade, da autonomia e, finalmente, a capacitação individual no processo de tomada de decisão em indivíduos adolescentes cuja trajectória de vida não lhes permitiu adquirir conhecimentos, competências, valores, gostos, disposições indispensáveis. E não os adquiriram porque os seus contextos de vida inviabilizam, em muitos aspectos, o tipo de desenvolvimento psicossocial que a psicologia estabelece como normal.

Poderá a Comunidade Terapêutica compensar o que a sociedade retirou e retira aos indivíduos? Como actualizar o que se aprendeu durante o internamento se a vida fora continua a ser a repetição da mesma falta de oportunidades? Como ampliar o capital social, cultural e simbólico destes jovens cuja dependência de drogas foi precipitada pelas dificuldades de construir uma identidade?

O programa terapêutico defende, aliás em consonância total com o que defende a terapia da realidade, que a mudança das representações e dos modos de classificar não ocorrerá se, em primeiro lugar, não houver mudança do comportamento. Uma tal perspectiva equivale a reconhecer que os fenómenos da consciência ocorrem sempre em função dos contextos sociais específicos e das variadas oportunidades que estes proporcionam. Ora, no caso dos adolescentes cujas trajectórias sociais aqui procuramos dar conta, parece-nos crucial não passar à margem das suas condições de vida severamente incompatíveis com a estruturação de uma organização interna minimamente saudável.

Sem tratar de ampliar as oportunidades, designadamente proporcionar redes de relacionamento social em que possam encontrar quem lhes devolva sinais de respeito, consideração e expectativas positivas a respeito das suas próprias capacidades, que lhes permitam libertar-se dos avassaladores sentimentos de culpa que advêm do facto de não se poderem orgulhar dos seus progenitores, como assegurar que os comportamentos adequados se reproduzam no quotidiano e substituam os habitus instalados?

William Glasser insiste que o comportamento responsável é o primeiro passo que determina as possibilidades de mudança, mas que para isso é preciso criar uma relação de verdadeira implicação sem a qual não é possível satisfazer as necessidades de pertença e de valorização pessoal. Aqui reside, quanto a nós, o nó

problemático do programa terapêutico uma vez que fora da comunidade não lhes são asseguradas as condições para que possam fazer parte de redes relacionais em que a implicação e os vínculos sejam efectivamente uma realidade.

Quando os contextos relacionais em que decorre a vida são favoráveis ao exercício de regras claras, são exigentes em matéria de cumprimento e respeito pelos valores colectivamente partilhados, demonstram compreensão a respeito das necessidades que não sabem expressar ou que preferem recalcar, fornecem um suporte para que a realização das tarefas não seja inviabilizada por efectivas dificuldades cognitivas, então, a evolução é possível. Por exemplo, no que diz respeito à escolarização e às tarefas inerentes ao estudo e à aprendizagem é fundamental perceber que o fracasso nos estudos está longe de ser o simples resultado da falta de assiduidade e de esforço. Fundamental é perceber que quer a falta de assiduidade, quer a resistência ao esforço são fenómenos derivados de uma causa mais profunda, e muitas vezes incompreendida, que remete para a incompreensão do papel da cultura de origem na aprendizagem. Se, voltando à escola, estes adolescentes tornam a ser confrontados com práticas pedagógicas e modos de relacionamento que não tomam na devida conta as suas matrizes de percepção e de sentido e se estruturem em torno de classificações instituídas que lhes devolvem a imagem de seres inferiores e incapazes, o mais certo é que retornem às condutas de desistência e conformismo com a sua posição subalterna na sociedade. Fundamental é assumir, na nossa perspectiva, que a irresponsabilidade de que estes adolescentes dão sinais evidentes não é propriamente o resultado de uma escolha, de se contentaram com uma vida fácil, mas, antes, de processos sociais que não lhes permitiram desenvolver as suas capacidades e potencialidades. Pior do que isso, estiveram envolvidos em processos sociais que os levaram a atribuir a responsabilidade dos seus fracassos a si próprios, que os aprisionaram na única forma possível de construção da identidade que é a inversão da escala de valores e a inserção nas margens da sociedade.

Se é certo que o modelo terapêutico mais adequado é aquele que aposta na mudança das condutas e não escamoteia a assumpção de valores morais, nem a implicação dos terapeutas na vida dos adolescentes, não é menos certo que sem refazer as condições de uma vida “normal” a consolidação dos comportamentos e a mudança das cognições será sempre improvável.

A organização do quotidiano durante o tempo de permanência na Comunidade Terapêutica é administrada por monitores calorosos que aplicam os princípios da terapia com a ajuda do colectivo. Existe um programa de estudos das

matérias escolares das áreas da matemática e do português ensinados por professores destacados pela Direcção Regional de Educação, sem qualquer espécie de enquadramento num programa de formação com vista à obtenção de conhecimentos e certificados. Apesar de a frequência das aulas ser obrigatória, ocupando 3 a 4 horas por dia, os adolescentes faltavam frequentemente, além de ser evidente a sua falta de empenho e interesse pelo trabalho escolar. Por seu turno, os professores evidenciavam falta de capacidade para os motivar para o estudo, adoptavam práticas pedagógicas expositivas e revelavam dificuldade de interagir com os adolescentes, além de não manifestarem abertura para pensar modos de trabalhar os conteúdos escolares segundo moldes menos abstractos e descolados dos problemas da vida real. A adequação das práticas pedagógicas à cultura de origem destes adolescentes é uma condição necessária da aprendizagem muito bem estudada pela sociologia da educação e valeria a pena considerar, se verdadeiramente pretendemos arrancá-los à ignorância e à marginalização do mercado de trabalho. Por outras palavras, se verdadeiramente compreendemos que a falta de trunfos que condicionam drasticamente a entrada no mundo do trabalho e a futura autonomia económica dificilmente os adolescentes podem deixar de enveredar por estratégias defensivas de aceitação e conformismo, sem que isso signifique, todavia, uma ruptura com os padrões de consumo da sociedade em que vivemos. Daí à delinquência o caminho a percorrer é muito curto e as aprendizagens que a terapia permitiu iniciar tenderão a ser esquecidas por falta de actualização.

Na Comunidade Terapêutica, todas os residentes têm um horário que preenche a totalidade do dia. Há todavia que reflectir, na nossa perspectiva, sobre o conteúdo substantivo das ocupações e a sua respectiva ligação às variadíssimas exigências que o mundo real impõe aos que hoje se encontram nessa etapa da vida que é a adolescência.

A nossa observação directa da Comunidade leva-nos a pensar que o investimento nas aquisições relevantes para enfrentar a vida “normal” não é adequado no caso dos adolescentes originários de meios sociais e familiares altamente vulneráveis. Além da instrução a que não tiveram acesso e a que seria preciso dar resposta consistente, nada lhes é proporcionado em termos de exploração de papéis que quando adultos terão que desempenhar. Referimo-nos, por exemplo, à necessidade de lhes proporcionar conhecimentos sobre as actividades profissionais valorizadas no mercado de trabalho, sobre as formações profissionais disponíveis e as respectivas exigências que acarretam. Não menos importante, na nossa perspectiva,

para o desenvolvimento cognitivo e emocional dos adolescentes tão gravosamente penalizados desde o seu nascimento seria a oferta de um programa cultural verdadeiramente orientado para o alargamento dos interesses, dos gostos e para a implicação em práticas colectivas geradoras de partilha e ligações. Mais uma vez, a nossa observação directa do terreno nos confirma a ideia de que no caso destes adolescentes, privados de contacto com as expressões culturais mais elaboradas, o contexto recriado na Comunidade Terapêutica é manifestamente insuficiente para neles induzir a implicação em práticas recorrentes que os fazem sentir-se ligados a um colectivo pelo qual são responsáveis.

O que nos parece é que o programa terapêutico adoptado privilegia a terapia e secundariza outros domínios de aprendizagem e socialização cruciais para a inserção social. Uma tal orientação poderá ser adequada e produzir os efeitos desejados em adolescentes de proveniências sociais mais favoráveis. No caso daqueles a quem não foi permitido superar os dilemas e tarefas próprias do normal desenvolvimento psicossocial, nos termos definidos por Erikson, por exemplo, o que nos parece é que seria preciso um programa global de reeducação. Sem isso, será muito improvável arrancá-los à dependência de drogas e à fuga para estratégias de inversão da escala de valores e de inserção nas margens da sociedade.

O princípio teórico que subscreve o primado da mudança do comportamento a fim de que seja possível induzir a das atitudes é, quanto a nós, de grande pertinência teórica e prática. O que não está suficientemente reflectido no programa que a Comunidade Terapêutica importou do Canadá é, precisamente, a questão da diversidade social e cultural dos indivíduos, postulando indistintamente a mesma intervenção para todos, independentemente da sua história, recursos, conhecimentos, instrumentos intelectuais, capitais económico, cultural e social.

Certo que as suas infelicidades não poderão ser justificação para os comportamentos desajustados e irresponsáveis, certo que podemos e devemos aceitar as suas narrativas sem opor nenhuma crítica, certo que lhes deve ser dito, de forma calorosa mas firme, que são responsáveis pelos seus actos, pouco importando que a sua vida passada tivesse sido infeliz, caótica ou sem amor. Certo que descobrir até que ponto o passado foi terrível não ajuda em nada, se a pessoa nunca conseguir aprender a comportar-se de forma mais razoável.

Mas, se não atentarmos que condições de vida há que são demasiado penosas e impeditivas da organização interna e do controlo sobre a existência, como

poderemos ajudá-los a viver melhor no futuro? Como conseguir que, por exemplo, venham a estabelecer melhores relações com os seus pais, em vez de se fixarem, sem parar, na análise do modo como estes os trataram? Será isso possível, se a família permanecer imutavelmente encerrada nos mesmos conflitos e dificuldades que incapacitaram estes adolescentes de se desenvolverem cognitiva, psicológica, cultural e socialmente?

Assim, e em primeiro lugar, a formação/reconstrução da identidade pessoal e social dos adolescentes começa por exigir uma rede interinstitucional que a par do tratamento terapêutico do adolescente, encare a (re) organização do sistema familiar ou de sistemas alternativos, o seu retorno à formação em condições adequadas às suas necessidades, o seu envolvimento em redes de relacionamento que verdadeiramente signifiquem uma ampliação do seu capital social.

A intervenção da comunidade terapêutica não contempla a alteração dos padrões de relacionamento familiar e a capacitação dos seus membros para o efectivo exercício das funções parentais, pelo que, findo o tratamento, o indivíduo retorna ao mesmo ambiente emocionalmente perturbador.

Também não é missão da comunidade terapêutica assegurar as condições de acesso à escolarização, afinal, um trunfo indispensável para ocupar um lugar na sociedade. Como garantir, então, uma interiorização profunda dos valores, atitudes e regras, como garantir a interiorização de uma imagem mais positiva de si próprios, se o retorno a uma vida repleta de precariedade, de insegurança e carente de sentido é uma realidade a que se não pode escapar? Se o tempo de internamento não representou uma oportunidade para adquirir trunfos que autorizam a descoberta de um sentido para a vida, designadamente a instrução, se saídos da comunidade terapêutica, os indivíduos voltam a ser prisioneiros da tremenda escassez de oportunidades que assolou a sua ainda curta existência, que repercussões pode ter a intervenção terapêutica? Não residirá aqui um dos factores explicativos das baixas taxas de sucesso do tratamento? Existirá alguma relação entre as oportunidades sociais dos indivíduos, designadamente os níveis de instrução, as condições materiais e relacionais das suas famílias, que foram tratados em comunidades terapêuticas e a predisposição para se libertarem da dependência?

Exigir excelentes performances nas diversas matérias escolares seria, seguramente, uma via essencial para gerar a adesão a padrões de responsabilidade e comprometimento com os outros muito mais evoluídos. Mas, tal não será realizável se os problemas do insucesso e do abandono escolar nos jovens das camadas sociais mais desqualificadas, tal como o problema da sua desafeição pela escola, não forem

convenientemente compreendidos e contrariados. A firmeza e a exigência de que estes adolescentes precisam não dispensam uma grande entrega e implicação dos docentes que se encarreguem da sua formação escolar. Não são susceptíveis de ser escolarizados em contextos burocráticos onde cada um se limita a desempenhar um papel rotineira e abstractamente estabelecido. William Glasser diz, a propósito de adolescentes que se afastam dos comportamentos responsáveis, que "jamais o calor humano pode tomar lugar sobre a disciplina ou a disciplina sobre o calor humano"[313]. Nós contrapomos que a disciplina e o calor humano só ganham eficácia no quadro de um programa global de intervenção com respostas diversificadas em função dos vários domínios da existência e em que todos demonstrem um real interesse na sua evolução.

A aplicação rigorosa de regras compreensíveis, uma estratégia tanto mais decisiva quanto, com demasiada frequência, os adultos a quem comete a educação escolar se demitem de regular os comportamentos dos jovens, tão baixas são as expectativas que a seu respeito formaram, só pode ser eficaz se lhes devolvermos a convicção de que nos interessamos seriamente pelo seu progresso. Os jovens devem saber que nunca nos satisfazemos com o status quo, mas que tentamos constantemente dar-lhes oportunidades de melhorarem e de encontrarem uma certa felicidade. Testemunhos de experiências levadas a cabo em contextos diversos, com adolescentes de proveniência social semelhante[314] apoiam, com alguma consistência, a hipótese de só ser possível desencadear mudanças da identidade profunda a partir de uma intervenção global em que a implicação pessoal de cada técnico se enquadra na oferta de condições globais de vida, tomada como um todo indissociável. A absorção de formas de cultura mais elaborada, designadamente do campo da literatura, da música e do teatro é uma possibilidade real, apesar dos trajectos anteriores haverem sido preenchidos pelo vazio. Tão real a ponto de progressivamente perderem os sinais exteriores que os distinguem dos jovens de outros estatutos sociais. Desafio maior é o que provém de adolescentes sem família que conheceram os lares de acolhimento e as instituições durante anos e que já perderam a esperança de atrair o interesse genuíno de alguém, que resistem perante a oportunidade de lhes ser demonstrado interesse e implicação.

A conservação das condutas (re) aprendidas na comunidade terapêutica só pode acontecer se os adolescentes dispuserem de reais oportunidades para

---

[313] William Glasser, *La Thérapie de la Réalité*,.op. cit, pág. 97

[314] Trabalho desenvolvido no âmbito da Associação Qualificar para Incluir que observamos de perto na condição de fundadora e de docente de alunos que realizam os seus estágios curriculares nesta instituição.

ampliarem as competências sociais e comunicacionais, entretanto adquiridas, se puderem tomar parte em relações sociais positivas e obtiverem o nível de conhecimentos indispensáveis para projectar uma vida profissional e familiar[315] em moldes compatíveis com o que é considerado normal na sociedade em que vivemos, aqui e agora.

Em suma, as respostas não são fáceis, nem enquadráveis em qualquer tipo de receita. Requerem, além da mobilização de vastos conhecimentos científicos, pessoas e instituições envolvidos num trabalho de longa duração, energia e entrega incansável.

**Carla**

Da sua passagem pela Comunidade Terapêutica, Carla refere não ter a certeza de querer mudar de vida. Há um mês na Comunidade, à data da entrevista, revela alguma resistência face ao programa, não admitindo poder dele retirar qualquer vantagem para organizar a sua vida, nem tão pouco para deixar as drogas.

> Ando a pensar… também acho que ando a fazer um balanço sobre os comportamentos que tenho tido na minha vida e sobre as razões para eles… eu sei que esta vida de drogas é uma vida de nada, de vazios, mas não sei se não vou escolher este caminho… não vim para cá por minha vontade… foram os meus pais adoptivos que acharam que eu devia fazer um tratamento… não sei o que esperar daqui, mas à partida não me parece que vou gostar… as pessoas são muito duras… sim, os monitores… como hei-de dizer… são rígidas, pouco flexíveis, não me parece que seja desta forma que nos vão convencer de alguma coisa… eu até já sei os problemas que as drogas trazem… mas é um direito que tenho de escolher esse caminho… de resto eu até era boa aluna… se eu quiser também deixo de consumir…
> Os meus problemas têm a ver é com o meu passado… o ser filha de quem fui… de pais consumidores e ter assistido ao que vi… violência entre eles e o terem-me rejeitado e usado para os seus consumos… é claro que eu já tive outras oportunidades na vida, mas o meu passado marca-me… nunca consegui criar relação com os meus pais adoptivos… também os desiludi, como já lhe disse… mas acho que a minha mãe adoptiva nunca me compreendeu… também é duro ouvir dizer que já se tinha arrependido de me adoptar…
> Não sei, mas não me parece que precise deste programa… não, não conheço bem as terapias, também parecem um pouco complicadas, mas não é por isso… mas acho que não é aqui que vou repensar a minha vida… também não gosto dos outros que aqui estão… só comecei a fazer uma amiga… não, não me parece que eu preciso de aprender regras ou a respeitar os outros… isso são coisas que se eu quiser faço…

[315] Velasquez, Mary Marden at all : "How to Help People Change – The Transtheoretical Model", in *Group Treatment for Substance Abuse – A Stages of Change Therapy Manual*, The Guilford Press, New York, 2001

eu tornei-me rebelde porque quero uma vida diferente… quero actividades de risco… como fazer surf e andar de moto… os meus pais não mo autorizam… não tenho de seguir o que eles querem… eu sei o que pode ser melhor para mim… e não é com certeza a vida que me querem impor… se calhar faço muitas coisas porque não gosto de mim… não gosto da minha imagem… mas não há forma de esquecer o passado… e não me parece que para isso tenha de estar internada numa clínica.

**Ilídio**

Para mim foi triste vir para a clínica porque me custou deixar o meu irmão e o meu primo e ter vindo para aqui sozinho… a assistente social explicou que eu vinha para cá para deixar de consumir drogas e que depois voltava para a minha avó e os meus irmãos… ficando cá, acho que vou ficar mais forte para lá fora saber lidar com as drogas e com amigos negativos… e com os meus problemas …

Neste momento, o que quero mais é sair daqui e ir ter com o meu irmão e fazer a nossa vida. Já estou cá há um ano e três meses… tive aqui maus momentos, maus momentos porque não fiz o que devia, não fiz terapia… por exemplo, devia fazer e não fiz, ajudar outros que gostavam de mim e eu só pensava em mim e não ajudei, falar de mim, custa-me muito… custa fazer terapia… custa falar de mim e dos meus problemas com outros, com outros que não conheço, porque custa aqui na comunidade é difícil cumprir com todas as regras mas, principalmente com a terapia… é difícil fazer a terapia… o que me custa mais é ser confrontado e partilhar sentimentos… confrontar custa ainda mais porque é mais difícil ter que responder e ter de fazer perguntas aos outros… às vezes também custa ter de cumprir direcções… porque às vezes não apetece fazer as tarefas… também custa assumir responsabilidades… é preciso estar atento a nós e aos outros… é isso que se espera na vida desta família… que ajudemos para também dessa maneira nos ajudarmos a nós próprios… eu no colégio também tinha regras e cumpria… os horários, por exemplo, o ir às aulas, o respeitar os outros… eu não tinha problemas com os outros… também era bem comportado com os professores e com os colegas… vim para aqui por causa das drogas… eu gostava era de voltar para a minha avó… agora já sou mais crescido e não queria ir para o colégio… eu vou começar a trabalhar… sim, eu sei que é todos os dias, mas eu não me importo… o meu medo é de voltar a consumir, porque aí tudo se estraga… foi difícil habituar-me aqui… durante todo este tempo eu já fugi muitas vezes, mas voltei sempre e nunca consumi das vezes em que fugi… fugi para casa da minha avó… voltava sempre porque quero me tratar, porque tenho medo de algum dia voltar a consumir, porque não quero ter uma vida com droga, porque quero ter um trabalho e fazer a minha vida, mas tenho medo de voltar a consumir… na casa da minha avó, ia buscar carinho, ia procurar carinho… aqui tenho amigos, posso ajudar amigos a ficarem mais fortes mas não posso ter aquele carinho da minha avó… falo de festas e de mimos… e isso a minha avó dá-me e depois dá-me dinheiro para os transportes para eu regressar à clínica. …

Quando sair daqui penso arranjar trabalho, talvez num café junto ao restaurante onde a minha mãe trabalha e vai ser uma surpresa, uma grande surpresa para a minha mãe… ela vai ficar contente, mesmo que tenha outra vida, vai ficar surpreendida de ver este seu filho agora crescido e a trabalhar.

## Leonel

Aqui, na clínica, aprendi muitas coisas, por exemplo, a respeitar os outros, a ouvir e ficar calado, a falar com modos… há muitas diferenças por relação ao que era… já respeito os outros, já tomei uma posição face às drogas… já mudei algumas das atitudes… a droga era um problema mas também eram as minhas atitudes… eu não sei explicar porque era assim… com raiva… desconfiado… não sei bem… por ter sofrido… ter perdido a minha mãe… ter vivido sozinho… e os amigos não eram bem amigos… davam-me protecção… eram mais velhos…
(…) Faço terapia, mas não partilho muito os sentimentos desse tempo… não falo desse tempo… desde que vim contei pouco… só conto o que quero falar, mas faço terapia, ajudo os outros… isso faz-me bem.
Quando penso no futuro, penso que queria estudar, estudar é o mais importante, é o principal. Gostava de viver num ambiente sem droga… fora do ambiente que conheci eu gosto de estar cá, tenho amigos, mas não quero ficar cá para sempre… quero ter uma vida normal, quero ter um sítio para viver… o principal é estudar… talvez eu possa fazer como S. que vive num colégio e está a estudar… talvez possa ir viver para o mesmo sítio que S… não sei ainda como vai ser o meu futuro… aqui é que não quero ficar…

## Clara

Lembro-me agora que não devia ter fugido do colégio… que eu devia pensar mais no que queria, não era assim à toa… sempre agi sem pensar… era o impulso e pronto… devia pensar mais antes de fugir porque eu, no colégio, podia ir aos fins-de-semana a casa e agora, aqui, não posso… podia estar com os meus tios nos fins-de-semana e agora não… devia ter pensado mais… deu-me um “bite” na cabeça e fugi…
Com os meus tios, queria muito estar… com os meus pais não. Não quero estar com eles porque acho que não vai ser bom para mim, porque me dão muita liberdade e a liberdade é perigosa para mim, ainda para a idade que eu tenho… e depois eles moram num sítio onde há drogas…é mais difícil resistir… e eles também não me dão regras… não há respeito…
Aqui, às vezes, sinto-me revoltada… por exemplo, quando sou contrariada. Fico fora de mim e dá-me vontade de sair porta fora… Muitas vezes até dou por mim a dizer «porque é que eu estou aqui» e «porque é que eu não morro, poderia estar melhor …».
Quando fico com nervos, viro-me às pessoas e às coisas, atiro tudo pelo ar e insulto todos. Mas depois se for para casa dos meus pais verdadeiros, sei que não vou ter nada para mim de bom. Moram num bairro, em Campanhã, onde há droga e violência e não é bom para mim viver lá.
No princípio não queria estar aqui… depois comecei a encaixar isto, mas antes ainda fugi aí umas três vezes. Uma delas ainda consumi. Sempre dizia que não queria vir, dizia que me queria ir embora. Agora, às vezes, eu não sei, mexe comigo, fico confusa porque me perguntam porque é que estou aqui, por exemplo o meu irmão que está num colégio em VV… e eu não quero que ele saiba do consumo porque não quero ser este exemplo para ele… e assim digo que é por causa de comportamentos, eu não quero dar maus exemplos aos meus irmãos… depois tenho irmãos que não vejo há 3 anos. Também soube que tenho um primo que está preso por causa de tráfico de drogas… eu gostava de visitar o meu primo e de estar com os meus irmãos… depois também não conheço metade da minha família (biológica) mas a minha família também é desleixada. Eu sinto-me mal com isso… depois, os meus pais fazem chantagem com isso

e dizem que se eu quiser me tiram daqui… mas eu não quero porque quero levar a minha vida para a frente e direita… e tudo isto toca-me… porque o que mais quero, o que mais gosto da vida, são os meus irmãos… e gosto dos meus tios…
Olhe, eu tenho sentimentos pelas pessoas mas parece que não tenho. Eu insulto as pessoas mas isso é uma capa de defesa, porque eu gosto delas. E isso custa-me, mexe comigo. A minha «relação de amizade» dava-me bons conselhos. Senti-me traída por ele porque disse que quando fosse de «request» eu devia voltar e ele, que me disse de fazer assim, não o fez, foi e não voltou… Isso mexe comigo, fico assim, quero e não quero… tenho medo… medo de não conseguir mudar e voltar a viver uma vida de "merda"… quando afinal tenho os meus tios… eu sei que estou na clínica, estou para me tratar, para aprender a viver sem consumir drogas, para mudar os meus comportamentos, a mentira, o roubo, a rejeição a quem me faz bem, o não escutar os que me querem dar bons conselhos… eu acho que são comportamentos que estão ligados ao meu passado, como ver violência em casa, de ver os meus pais a baterem-se, a baterem aos meus irmãos, os meus pais a baterem a mim … o não ter carinho, atenção dos meus pais… já quando estava nos meus tios falava disto… eu dizia que não gostava dos meus pais e que não os queria ver e eles diziam que não me iam obrigar a nada. …
Custa muito fazer o programa, porque é difícil fazer a terapia… é difícil partilhar sentimentos… porque temos de falar do que sentimos, de falar do que nos magoa e das pessoas que nos magoaram… é difícil porque obriga a ser sinceros não só com os outros mas connosco mesmos… na partilha de sentimentos e no confronto não podemos fugir…é aquilo e é aquilo mesmo… são muitas vezes as nossas memórias que temos de lembrar… mas sei que a terapia me faz bem… é difícil partilhar sentimentos, falar do que nos dói, do que nos revolta… é difícil mudar o que já temos dentro de nós há muitos anos… como, por exemplo, ser contrariada e não magoar os outros; como por exemplo, cumprir regras; como por exemplo, aprender a lidar com as minhas raivas sem explodir em sentimentos contra outros… ou dizer palavrões… agredir… conhecer o porquê dos meus sentimentos, parar para pensar e não acumular raivas para não estar sempre revoltada…eu quero um futuro diferente…
No futuro, quero estudar, tirar um curso, quero ir para casa dos meus tios… … não quero mais colégios… quero ter o meu irmão perto de mim, quero ter uma vida boa... quero ser auxiliar educativa de bebés, acho que é preciso o 9º ano … não sei se vou conseguir continuar a estudar… talvez, se os meus tios me aceitarem… também já percebi que estudar é importante para ter uma profissão…sim, eu sei que é preciso esforço…é verdade, é por isso que às vezes não sei se já estou preparada… foi muito tempo a drogar-me… acaba por nos fazer não dar valor a nada… não há regras nem respeito… é só o que queremos… é assim uma espécie de liberdade, mas que não chega a ser nada porque é um tempo que não serviu para nada.

**Juliano**

Hoje, o balanço que faço desde que vim para cá é muito positivo, muito bom… O que mais admiro aqui na Comunidade é que encontrei pessoas com vidas parecidas com a minha e são essas pessoas que me tentam ajudar e que eu tento ajudar também… eu acredito que a partir daqui, depois de concluir o programa, posso estar em condições para me defender de perigos e ter uma vida normal, abandonando os comportamentos e atitudes anteriores da vida que levava…acredito que ainda vou a tempo de fazer um curso profissional… penso ir para França, onde vive a minha irmã mais velha (já tem família constituída) e

para onde foi recentemente o meu irmão gémeo…penso poder vir a ter um trabalho e crescer como muitos outros, abandonando a vida de rebeldia, os maus comportamentos, os actos desviantes e toda a indiferença ou agressividade para com os adultos quando me chamavam a atenção.

Quando consumimos é mesmo assim… o que os outros querem, o que os outros dizem ou o que sentem não nos interessa… fica-se indiferente… as regras e os valores não são para quem consome… não interessa se é bem ou mal… acho que ninguém que se droga pensa nisso… talvez no início, mas depois, com o tempo, aprende-se um modo de viver a vida que tem a ver é com o consumo… aí as regras são as do consumo e do que é preciso para ter produto sempre e quando se quer… acho que fica tudo muito pior quando se consome… o que se passa à nossa volta, a escola, o trabalho, a família, nada nos interessa…nem sequer o que pensam de nós…

A terapia é muito importante porque me ajuda a aliviar os meus sentimentos, a perceber os outros, a entender o meu ponto de vista, o porquê, e o dos outros, a aprender estratégias para me defender bem lá fora… ajuda-me a conhecer-me a mim próprio e também me ajuda a perceber o porquê de eu consumir… eu pensava que eu consumia porque me apetecia… aqui descobri que, embora fosse eu a querer consumir, de facto eu também sofri a influência dos outros… mas eu percebi que procurava tapar a minha solidão, o meu vazio, o meu isolamento, sendo como eles… eu encontrava neles o exemplo, precisava de ser igual a eles para me sentir bem…aqui aprendi que posso ser eu próprio, autêntico, sem ter que ser igual a outros, nem ter que agredir ou magoar outros… aprendi que é importante estar atento às contrariedades, e perceber que alcançar alguma coisa tem o seu tempo…

Uma das estratégias que aprendi é de partilhar com as pessoas o que sinto… claro que não é como aqui o partilhar sentimentos, mas é, sim, falar das coisas de modo a que as pessoas possam também perceber que não estou bem… saber pedir ajuda… é também não me fechar em mim mesmo, não me isolar e estar atento aos outros… outra estratégia muito importante é estar atento a mim, ou seja, pensar e ter objectivos e viver um dia de cada vez, sabendo que as coisas dão trabalho a alcançar. Não posso ter tudo logo… desejo e tenho… não, tenho de ir construindo o caminho para alcançar os objectivos e saber que nem sempre é fácil… há obstáculos… lembrar muitas vezes este tempo aqui na Clínica… por exemplo, se quero estudar, este é um objectivo da minha vida, tenho de pensar que vou ter de me esforçar e que não posso desistir perante as dificuldades.

## REFLEXÕES FINAIS E CONCLUSÕES: NOVO PONTO DE PARTIDA

Na primeira parte deste trabalho procuramos relacionar as práticas de consumo e dependência de drogas com a dissipação dos laços colectivos que podem preservar os indivíduos da perda de sentido da existência, evitar o isolamento social e providenciar meios de acção colectiva orientados para a concretização de modos alternativos de existência.

A reflexão que aí foi desenvolvida destaca uma pluralidade de manifestações das dinâmicas de desfiliação social e de ascensão do individualismo negativo que não deixarão de aumentar a vulnerabilidade dos indivíduos face aos constrangimentos que se vêm expandindo sob o impulso do retorno ao capitalismo concorrencial. Nas sociedades que haviam evoluído para o Estado de Bem Estar Social, cuja edificação comportou sacrifícios e custos humanos elevados, avança um intenso processo de desligação social, ao mesmo tempo que as instituições realizam um trabalho de inculcação ideológica que consiste em fazer crer que tudo é acessível a todos. Por outras palavras, certas instituições, como, por exemplo, a escola, simulam a acessibilidade universal dos recursos para cuja distribuição concorrem, envolvendo-se numa verdadeira produção colectiva de fenómenos de fuga e idealização da realidade.

Apesar da acentuada perda de poder negocial das classes trabalhadoras, de que a crise do movimento sindical é uma manifestação importante e de que advieram consequências particularmente gravosas no que toca às possibilidades de exercer algum domínio sobre a própria existência, encontramo-nos hoje bem longe das formas de acção colectiva que corporizavam a união política de agentes movidos por interesses, uma visão e projecto de sociedade, em alguma medida alternativo ao modelo do capitalismo concorrencial puro e duro.

Para aprofundar apenas um pouco as afirmações que acabámos de fazer, atentemos, para começar, no “formidável” trabalho de idealização da realidade que o sistema de ensino leva a cabo nas modernas sociedades mais desenvolvidas dos nossos dias. Com efeito, não parece exagero de pessimismo ler a actual tendência para alargar o tempo de retenção das gerações jovens no sistema de ensino, que a escolaridade obrigatória de doze anos ilustra, como um exemplo paradigmático desse processo de simulação da realidade que é atribuir uma certificação a quem não realizou aprendizagens significativas, nem sequer as mais elementares. À luz da leitura durkheimiana dos factos sociais, designadamente da coesão social, não será fácil fugir à interpretação que atribui a concessão de diplomas, sem as

correspondentes aprendizagens, à produção de anomia e consequentemente de uma patologia social. De que serve a obtenção de diplomas a que não corresponde a aquisição de conhecimentos e competências utilizáveis no mundo real? Que estruturações psicológicas ocorrem quando se é ensinado a participar, anos a fio, num jogo de faz de conta, em que os que, à partida, deveriam ser referências exemplares, modelos vicariantes, diria Bandura, dão sinais de que todos os limites podem ser contornados e de que é mais importante parecer do que ser? A fuga da realidade é um facto social produzido em instituições que mobilizam recursos financeiros e humanos consideráveis e que se impõem aos indivíduos com uma força a que individualmente não se podem opor. Sabemos que as drogas são "boas" porque induzem sensações de poder, de domínio, de segurança, de capacidade e de estar bem na própria pele. Sensações, estas, que tendem a estar ausentes na vida quotidiana, sempre que deparamos com as provas a que a vida real nos submete.

Aprender a fazer de conta que se aprende, em vez de perceber que existe uma relação entre sucesso das aprendizagens e o esforço, trabalho e aplicação que nos dispomos a investir, em vez de interiorizar que o acesso ao conhecimento só é possível com disciplina, remete para práticas que, repita-se, o sistema de ensino impõe a muitos milhares de jovens. Não será, então, exagero concluir que a predisposição para o consumo de drogas, afinal uma via de acesso a um prazer que advém da sensação de poder ultrapassar limites, é um facto social com todas as características que Durkheim assinalou.

O mesmo tipo de análise, sobre a diluição da compreensão dos limites, a recusa de que estes existem, assim como da impreparação para os superar, pode ser feito a respeito da família, do marketing, da política, dos media, etc. Nas sociedades consideradas mais avançadas dos nossos dias, os processos de fragmentação originam, como Sennet se empenhou em demonstrar, uma multiplicação de grupos específicos, fechados sobre si próprios, em torno dos seus interesses particulares, ao mesmo tempo que se exprime a tendência para perder de vista os valores e projectos colectivos, de carácter universal, mais susceptíveis de avançar contributos para a coesão da sociedade como um todo.

Para compreender esse enfraquecimento dos valores, normas e projectos colectivos, assim como o abandono das causas universais e dos projectos políticos alternativos, evidenciando uma crise civilizacional no mundo considerado mais desenvolvido, não deixará de ser necessário considerar a orientação política dos Estados no sentido de assegurar e legitimar a desregulação da vida económica, abandonando compromissos entre o capital e o trabalho e, sobretudo, recuando na afirmação de direitos essenciais para a vida dos cidadãos, como é o caso do direito ao

trabalho. A desarticulação entre o funcionamento da economia e o da sociedade é, certamente, um factor estrutural com peso determinante sobre os projectos de vida dos cidadãos, em geral, e dos mais novos, em particular. Para além do que acima se disse acerca das tendências fortes que conduzem o funcionamento da escola, cabe, igualmente, reter que a concepção de projectos de vida, antecipando o que se deseja vir a concretizar no futuro, é afectada por dinâmicas estruturais muito pesadas impulsionadas por poderosos agentes económicos mundiais. O valor económico e social a atribuir aos diplomas e conhecimentos adquiridos na escola remete para lutas de interesses e de poder que poderão conduzir a uma desvalorização forte dos certificados. Em muitos casos, a obtenção de diplomas de nível elevado deixou de ser a garantia de um emprego e de uma posição social. A própria acção da lei da oferta e da procura que impera no mercado de trabalho, num contexto de retracção da oferta de emprego, se encarrega de constranger segmentos significativos das gerações mais jovens à terrível frustração de verem dissipar-se as expectativas de compensação do esforço a que se entregaram durante anos. O contributo das dinâmicas económicas para a destruição da coesão social, ou, dito de outro modo, para impedir que os indivíduos adiram convicta e colectivamente a valores, é uma realidade que se impõe a todo o indivíduo que faz o percurso para a vida adulta. De facto, grande é a probabilidade de as incertezas que hoje invadem a relação dos jovens com a realidade social e o seu futuro lugar na sociedade gerarem grande desorientação e dificuldade de encontrar sentido na existência colectiva. As instituições de ensino fabricam maciçamente a idealização da realidade na precisa medida em que contribuem para a descida drástica da qualidade do ensino e para a banalização das aprendizagens. O que interessa é o certificado, não o saber a que, teoricamente, ele deveria corresponder. Além disso, o próprio sistema de sanções que vigora nestas instituições, pela notória desproporção entre os custos e os benefícios da transgressão, é um claro incentivo ao desprezo pelos limites, inclusive pelos que remetem para certos valores morais nucleares para a vida colectiva. As instituições empresariais, por seu turno, estão longe de assegurar a plena integração do capital humano que o sistema de ensino produz. A incorporação do capital humano pelas empresas é sempre restrita e selectiva, evidenciando uma clara e profunda desimplicação a respeito da vida de milhões de seres humanos, seja lançando-os no desemprego, seja não lhes proporcionando uma vida profissional compatível com valores, tais como a implicação, a participação política, a solidariedade com todos os oprimidos por um sistema económico pautado por lógicas de exclusão maciça. Como analisa Richard Sennet, e muitos outros, a evolução do sistema económico capitalista tem ocasionado rupturas sociais que implicam uma verdadeira destruição de valores essenciais para que a

existência faça algum sentido. Recorde-se o que diz este autor a respeito da cultura no novo capitalismo e suas relações com os valores que dão consistência à vida familiar. Nas empresas vigora o princípio da dita flexibilidade que aconselha a não se ligar a nada, a não se prender a fidelidades, a estar disponível para mudar a todo o momento, a entregar-se a uma luta sem tréguas para aumentar os conhecimentos e adequar as competências às evoluções tecnológicas, a desvincular-se de toda e qualquer forma de acção colectiva para aumentar o poder negocial das condições de trabalho, apela, inclusive, a mudanças de local de residência, seguindo a constante deslocalização das empresas. A vida familiar, por seu turno, requer implicação, vínculos estáveis, permanência no mesmo local, a fim de que os mais jovens possam criar relações igualmente estáveis com os seus pares. As contradições entre as exigências da vida económica e as da vida familiar não deixam de, em muitos casos, afectar a consistência dos laços entre as gerações. Não falta, aliás, evidência de que emerge na família a tendência para compensar o enfraquecimento das interacções quotidianas, da comunicação e do envolvimento no dia - a - dia dos filhos através do consumo de objectos e bens. Certas formas de consumo, tal como o das drogas, são, aliás, classificadas como comportamento aditivo, na precisa medida em que este responde à necessidade compulsiva de preencher um vazio que nunca deixará de o ser.

O desenvolvimento da sociedade de consumo foi concomitante com a difusão de certas modas educativas que tendem a dificultar seriamente a percepção de que a vida colectiva obriga a construir valores e a estabelecer limites éticos ao desejo e à acção individuais. Não faltam, com efeito, estudos sobre a demissão da família a respeito da inculcação nos mais novos de valores que ligam os indivíduos entre si, os ajudam a controlar os desejos egoístas e os tornam disponíveis para relativizar os seus interesses e frustrações[316]. Tivemos ocasião de reter análises que salientam quanto e como as famílias que superprotegem, que se sacrificam para que os seus filhos beneficiem de uma multiplicação de bens, sem cuidar de lhes mostrar o que estes custam a conseguir, que lhes devolvem constante compreensão pelos seus comportamentos, mesmo pelos mais desajustados, que nunca lhes encontram defeitos, ou, então, não estão dispostas a enfrentá-los, se revelam incapazes de criar pessoas responsáveis. Produzem seres omnipotentes, impreparados para enfrentar obstáculos, frágeis perante qualquer situação em que o seu valor não é confirmado. Por motivos bem distintos dos que estão presentes nos jovens oriundos dos meios desfavorecidos, revelam dificuldade em compreender e interagir com os outros. Inseguros porque não construíram a sua auto imagem em bases realistas, no

[316] Cfr. Aldo Naouri, *Educar os filhos. Uma urgência nos dias de hoje*, Publicações D. Quixote, Lisboa, 2008

confronto com frustrações e testando a capacidade de as superar, os jovens cujos pais se submeteram ao império das suas vontades não puderam interiorizar valores morais e valores colectivos. Incapazes de elaborar desejos e emoções, não conseguem encontrar prazer, nem realização nas lutas, por vezes muito árduas, que a sociedade lhes impõe. Não havendo desenvolvido um narcisismo consistente, o que só ocorreria se o construíssem à custa de uma efectiva elaboração das frustrações, aceitando que a desejável valorização pelos outros é sempre resultado de uma negociação em que o outro tem necessariamente um lugar.

Nos jovens que nada receberam dos seus pais, completamente destituídos de capital social porque foram remetidos para guetos onde as oportunidades de relacionamento são socialmente muito selectivas, que se habituaram a nada esperar e a nada ter, cujos quotidianos são uma interminável repetição do vazio de perspectivas, a problemática narcísica toma facetas distintas. A fragilidade do seu auto conceito resulta de uma combinação de factores muito mais diversificados e eventualmente mais pesados. Neste caso, o que pesa na deficiente elaboração narcísica é a falta de tudo o que é relevante para crescer, de atenção e cuidados incondicionais dos progenitores, de instrução, de poder sentir orgulho nos pais, de um lugar respeitado onde viver, de amigos socialmente respeitados, do próprio valor. A perda de sentido da vida assenta numa conjugação tão perversa de factores, a ponto de a sobrevivência só ser viável por via da inversão da escala de valores e da adesão a condutas desviantes.

Logo, se a toxicodependência é um fenómeno que tende a manifestar-se em todas as classes sociais, os motivos não serão os mesmos, o que implicará uma reflexão sobre as formas de tratamento adequadas a essa diversidade. Voltaremos ao assunto mais adiante.

Se a droga permite a fuga e a ilusão de que se domina a existência, se o que está na origem dessa necessidade de fuga é o vazio deixado pela ausência de sentido, pela carência de valores que nos liguem aos outros e nos comprometam numa construção conjunta, poder-se-á concluir que todos os jovens se confrontam com o mesmo fenómeno? Não será preciso reter que no caso dos jovens abandonados a si próprios, obrigados a “escolher” entre duas alternativas igualmente penosas, sobreviver ou morrer, o problema não residirá precisamente no facto de nunca lhes haver sido demonstrada uma solidariedade activa, condição para acreditarem na partilha de valores?

Prosseguindo na nossa reflexão acerca dos factores sociais que induzem as predisposições para consumir drogas, é, quanto a nós, pertinente assinalar a

fragilização dos laços e das solidariedades sociais gerada pela crise de representação política.

Não faltam estudos que assinalam o desinteresse das classes trabalhadoras pela acção política contra um sistema económico e social injusto em virtude de a sua motivação central se haver deslocado para o consumo. A concentração das classes assalariadas nas condições de vida, assim como o seu significativo alheamento das relações sociais de produção, é um fenómeno que dá conta da sua progressiva conformidade com o sistema. Durante os chamados trinta gloriosos anos, pós segunda guerra mundial, o contrato social que então vigorou gerou níveis consideráveis de coesão social, essencialmente à custa da redistribuição assegurada pelo Estado Providência. A par da criação desse tipo de laços sociais foi ocorrendo uma progressiva secundarização dos laços sociais primários, firmados na base de sociabilidades intensas, informais, baseadas na proximidade territorial, no inter-conhecimento e na troca de uma pluralidade de serviços.

À luz da matriz teórica que Durkheim utilizou no *Suicídio*, poderíamos interpretar este período da história das sociedades ocidentais como uma conjuntura favorável à formação de expectativas elevadas a respeito das possibilidades de ultrapassar limites, assim como à incessante elevação das aspirações. O desenvolvimento destas sociedades ocasionou que as relações sociais de tipo comunitário dessem lugar a relações de tipo societário, que o mesmo é dizer, a relações em que a decisão e escolha individual são mais acarinhadas do que a subordinação ao grupo ou à tradição. O tipo de individualismo que estas sociedades permitiram expandir representou uma libertação dos constrangimentos inerentes ao funcionamento dos grupos primários e das formas mais tradicionais de exercício da autoridade, em que a subordinação do indivíduo ao grupo representava, de algum modo, uma perda de liberdade individual, entretanto, compensada, pela pertença a uma colectividade coesa. Nesse contexto, de forte expansão económica, de significativa melhoria das condições de vida e de ascensão social sem precedentes na história, germinaram ideologias, valores, concepções da existência que deram lugar a uma clara prevalência do ter sobre o ser. Paradoxalmente, nessas sociedades de bem - estar, em que se assiste a uma extraordinária proliferação de actividades expressamente dedicadas ao conforto, à saúde, ao lazer, à fruição do tempo livre, irrompe o fenómeno das toxicodependências. Evidenciando um contraste entre os progressos alcançados, pela ciência, pela técnica e pela inovação organizacional nas empresas, pela participação cívica e política, e o bem - estar individual, a toxicodependência pode ser vista como um fenómeno anómico. Continuando a tirar partido da matriz teórica durkheimiana, este fenómeno pode ser interpretado como

efeito de uma evolução social que não produziu formas de vinculação colectiva suficientemente fortes para que os indivíduos não descolassem a realização das suas aspirações dos outros igualmente pertencentes à mesma sociedade, como um todo. No fundo, nessas sociedades, fundadas num contracto social - democrata, a extraordinária expansão do consumo, a que a publicidade e o marketing deram um impulso significativo, parece ter alienado os indivíduos de todas as camadas sociais de se unirem numa acção colectiva pelo aperfeiçoamento do sistema social como um todo.

Valerá a pena aprofundar um pouco mais o tratamento que pela sociologia foi dado ao tema do laço social, a fim de procurarmos estabelecer, com a clareza possível, algum nexo entre esta problemática e a ascensão das práticas de consumo de substâncias psicotrópicas. Simmel, por exemplo, pôs em evidência, aliás como o próprio Norbert Elias, que a consagração de um sistema de protecção generalizado nas sociedades de solidariedade orgânica levou a que a obtenção do reconhecimento pessoal passasse a ser uma luta que os indivíduos têm que enfrentar autonomamente. Nestas sociedades, o reconhecimento nasce da participação em trocas da vida social e depende, muito mais do que nas sociedades em que o indivíduo pertencia a um círculo estreito, de conquistas e lutas que esteja capaz de travar. Além disso, sublinha este sociólogo, na sociedade moderna, o indivíduo diversifica as suas pertenças, define-se pela sua complementaridade com outros e por uma relação de interdependências mútuas. O homem é, antes de tudo, um ser de ligação. Nós somos sempre "aqueles que separam o que está ligado e ligam o separado"[317]. Falar de sociedade é falar de laço social, e falar de laço social é, antes de tudo, partir da constatação de que os indivíduos estão ligados por influências e determinações recíprocas. Na linha de Durkheim, e do paradigma do consenso que está subjacente às suas abordagens, Simmel analisa a sociedade como um todo funcional que os indivíduos fazem e sofrem ao mesmo tempo, como a consequência de um processo de socialização que conduz o indivíduo a realizar, no curso da sua vida, experiências sucessivas, na sua maior parte imprevisíveis, que o obrigam a ligar - se progressivamente a novas associações que se acumulam aos primeiros laços. Ora, dessa diversidade de círculos, tão característica das sociedades de solidariedade orgânica, decorre a possibilidade de não existir entre eles uma conformidade normativa, sendo que a distância pode, todavia, ser maior ou menor consoante a posição social de que os indivíduos são originários.

---

[317] G. Simmel, *La tragédie de la culture*, Paris, Éd. Rivages, 1988, p.66; *Sociologie et épistémologie*, Paris, PUF, 1981, p. 90; Sociologie. *Études sur les formes de socialisation*, Paris, PUF, 1999, p.690

No caso de ascensão social rápida, a distância é particularmente forte, o que obriga a mudar o comportamento em função dos meios frequentados. Dito de outro modo, nas sociedades industriais e pós industriais, altamente complexas em virtude do desenvolvimento da divisão social do trabalho, os diferentes tipos de laços que se entrecruzam na vida pessoal nem sempre são sempre compatíveis entre si.

Simmel assinalou que esta nova configuração dos laços sociais se fez acompanhar de fragilidades específicas, pois que o alargamento do círculo social envolveu, em contrapartida, o abandono do indivíduo a si mesmo, ao acarretar a privação do suporte e das vantagens do grupo restrito.

N. Elias[318] aborda a evolução das normas e das regras de conduta nas sociedades da Europa ocidental depois da época medieval, elegendo, como ponto forte dos seus estudos, a transformação do modo de regulação dos afectos, das pulsões e das emoções. A sua perspectiva é que o mecanismo de proibição exterior das pulsões, típico das sociedades pré industriais, deu lugar a um mecanismo de autocontrolo e de auto constrangimento. Por via do aprofundamento da divisão do trabalho, tal como Durkheim, Weber e Simmel assinalaram, e de uma monopolização da violência pelo Estado, foram criadas as condições essenciais para que indivíduo e sociedade passassem a ser pensados como duas realidades opostas. Elias corrobora a ideia, já abordada nos sociólogos que o precederam, de que a consciência da individualidade é, paradoxalmente, tanto mais forte quanto as dependências recíprocas que ligam os indivíduos entre si são mais intensas[319]. Os indivíduos estão ligados uns aos outros por cadeias de dependência recíproca que variam consoante as diversas dimensões das formações sociais, sendo que, no estado actual das estruturas da sociedade humana, emerge uma pluralidade dos laços sociais, ou níveis de integração. É por esse facto que a expressão “nós”, e, de uma maneira mais geral, o habitus social dos indivíduos se podem diferenciar segundo uma pluralidade de

---

[318] N. Elias, *La civilisation des moeurs*, Paris, Calmann – Lévy, 1973, *La dynamique de l'Occident*, Paris, Calmann – Lévy, 1975, *La société des individus*, Paris, Fayard, 1999 cit.in. Paugam, *Le Lien Social*, págs. 56 e 57.

[319] Com o conceito de configuração, Elias coloca o problema das interdependências humanas no centro da reflexão sociológica. A sua teoria da civilização condu-lo a elaborar um esquema conceptual de imbricação das relações humanas. A imagem da rede sugere a complexidade das interdependências entre os indivíduos. Tem por finalidade tornar compreensível o conceito de configuração.

“uma rede é feita de múltiplos fios ligados entre si. Todavia, nem o conjunto desta rede, nem a forma que toma cada um dos diferentes fios se explicam a partir de um só destes fios, nem de todos os fios; explica-se unicamente pela sua associação, a sua relação entre si. Esta relação cria um campo de forças cuja ordem se comunica a cada um dos fios, e se comunica de maneira mais ou menos diferente segundo a posição e a função de cada um dos fios no conjunto da rede. A forma de cada fio modifica-se quando se modificam a tensão e a estrutura do conjunto da rede. E todavia esta rede não tem nada de diferente da reunião dos diferentes fios; e ao mesmo tempo cada fio forma no interior deste todo uma unidade em si; ocupa um lugar particular toma uma forma específica”, in N. Elias, *La société des individus,* op. cit., pp. 70-71.

níveis de integração, que o mesmo é dizer, segundo uma multiplicidade de estratificações.

De facto, os indivíduos operam uma selecção dos elementos do “nós” quando designam assim a sua família e o seu círculo de amigos, as cidades e aldeias que habitam, os grupos nacionais. O envolvimento que se exprime através do emprego do pronome “nós” é geralmente mais forte quando se trata da família, da comunidade local ou regional e da pertença nacional. Para Elias, os homens aspiram a encontrar outros homens, têm necessidade uns dos outros para satisfazer aspirações afectivas, alguns procuram fixar-se, outros, pelo contrário, desenvolvem a procura de um ponto de ancoragem à imagem do homem aberto à descoberta de contactos e de relações susceptíveis de lhe trazer uma estimulação emocional. Por relação a Durkheim, para quem os laços sociais nas sociedades modernas dependem da divisão do trabalho e da complementaridade orgânica dos homens, Elias, sem pôr em questão esta interpretação, sublinha que é preciso integrar na análise sociológica as interdependências pessoais e, sobretudo, as ligações emocionais como factores de laço social. Ora, tomar em conta os laços afectivos pessoais conduz a analisar o conjunto da rede relacional do indivíduo como uma teia tecida a partir dele e constitutiva do seu eu.

O autor nota que quando as unidades sociais se expandem, os laços afectivos já não se fixam somente nas pessoas, mas, cada vez mais frequentemente, sobre símbolos próprios de unidades maiores, os emblemas, as bandeiras e outros conceitos carregados de afectividade. Ponto fundamental na análise dos laços sociais é que os laços emocionais que ligam os indivíduos não dizem exclusivamente respeito às relações interpessoais e às interacções de face a face, mas compreendem, igualmente o investimento em símbolos comuns que constituem o cimento dos grupos e das unidades de grande dimensão, como, por exemplo, os Estados nacionais.

A fixação de emoções e afectos individuais nas grandes unidades nacionais é, muitas vezes, tão intensa como a fixação numa pessoa amada. Também nesse caso, o indivíduo que se investiu é perturbado no mais profundo de si quando a unidade social, tão amada, é destruída ou vencida, quando o seu valor e dignidade se afundam. Dito de outro modo, para Elias, o laço afectivo não é propriamente um laço distinto dos outros, mas mais uma dimensão constitutiva do próprio laço. Assim, uma vez que as emoções são inseparáveis da formação do “nós” elas devem ser tomadas em conta enquanto tais na análise dos diferentes tipos de laços.

Examinando as diferentes configurações que suscitam este laço, o autor constata que o laço social cria um tipo de unidade que controla severamente a violência física nas relações internas do grupo, mas que ensina a servir-se dele e,

muitas vezes, encoraja a recorrer a ele nas relações com outros grupos. A função primária deste tipo de associação é proteger o grupo da ameaça que os outros fazem pesar sobre ele, seja permitir a anulação dos outros. Para Elias, são unidades ofensivas e defensivas. Estas unidades, que eram organizadas em estados anteriores de evolução à escala de uma aldeia ou de um castelo, são representadas hoje pelos Estados nacionais. Lembremos que a função protectora atribuída ao Estado nacional se reforçou no século XX pelo accionamento do sistema de protecção social generalizado.

Voltando ao problema da toxicodependência como efeito de uma conjuntura social que segrega uma multiplicação de riscos estruturais a que a existência individual não pode escapar, poderemos enunciar uma primeira ideia síntese. Que, como muito bem observou Elias, o trabalho de conciliação dos vários mundos em que se processa a vida individual é, acima de tudo, tarefa do indivíduo. Jamais a tese sustentada pelos sociólogos funcionalistas de que as instituições devem ser dirigidas numa perspectiva de complementaridade harmoniosa foi posta em prática, o que está patente nas múltiplas contradições que entre a família, a comunidade de residência, a escola, o trabalho que são amplamente observáveis nas sociedades complexas. Ora, se aos indivíduos é deixada a responsabilidade de ajustarem esses mundos, se só a eles cabe enfrentar os desfasamentos entre os hábitos sociais adquiridos no círculo familiar e, por exemplo, os que são requeridos na escola ou no trabalho, compreende-se que estamos realmente perante uma conjuntura social de alto risco. E de alto risco porque a busca da liberdade individual é tarefa que implica o confronto e experimentação de inúmeras situações por conta própria e sem quaisquer referências. É um exercício solitário que remete exclusivamente para o indivíduo a responsabilidade de elaborar os seus próprios hábitos sociais e que o confronta com a carência de afectos e emoções que só o “nós” permite vivenciar.

Ora, se é legítimo, neste sentido, falar de uma sociedade de risco transversalmente a todos os indivíduos independentemente do seu lugar na estrutura de distribuição dos recursos, económicos, sociais, simbólicos, culturais, percebe-se que o risco há-de ser exponencialmente crescente para aqueles cuja socialização primária ninguém cuidou de harmonizar com o mundo da escola, do trabalho e com a sociedade, em geral.

Esclareça-se que a ruptura do laço social não é um mal em si, podendo verificar-se processos em que se reveste de positividade, em particular quando o distanciamento face aos seus pais ou à pertença social de origem representa uma

ascensão social. Diz Paugam[320] que existe um risco de cair num certo miserabilismo sempre que a ruptura do laço é vista como uma espiral negativa para o indivíduo, mas que, todavia, é preciso igualmente desconfiar da glorificação do indivíduo liberto de todo o constrangimento, capaz de criar, a todo o momento da sua vida, outros laços para compensar aqueles que acabaram de se romper.

Uma configuração alargada dos laços sociais reforça a autonomia do indivíduo, mas acompanha-se, também, de fragilidades específicas. A autonomia exige indivíduos fortes, capazes de encontrarem, em si próprios, e no seu meio, os recursos para fazer face às provas da vida. No caso dos indivíduos menos favorecidos, essa autonomia significa que a severa restrição das vantagens proporcionadas pelo grupo de pertença engendrou que fossem abandonados a próprios numa idade demasiado precoce.

Estudar o laço social implica, pois, analisar não somente a sua multiplicidade e intensidade, mas também as suas fragilidades e as suas eventuais rupturas. Há que reconhecer que a protecção e o reconhecimento estão hoje fragilizados, que o sistema de protecção generalizado, posto em prática no decurso do século XX, está em recuo, havendo lançado numerosas franjas da população na precariedade e ameaçando seriamente o seu futuro.

Colocar a questão da insegurança social nos países desenvolvidos pode parecer paradoxal já que vivemos, como assinala Robert Castel, em sociedades das mais seguras que jamais existiram, no sentido em que garantem as liberdades fundamentais e a segurança dos bens e das pessoas no quadro de um Estado de direito, que protegem contra os principais riscos susceptíveis de engendrar uma degradação da situação dos indivíduos, nomeadamente a doença, o acidente, a velhice, o desemprego.

Todos os países europeus, mas, também, os EUA se confrontaram em proporções variáveis, com um crescimento importante do número de desempregados. O desemprego e, igualmente, a multiplicação dos empregos de estatuto precário, o que designamos por sub-emprego, a ampliação do risco de perder o emprego, assim como as políticas de flexibilização da mão-de-obra engendraram um profundo mal-estar entre os assalariados. Uma evolução que corresponde ao que é costume designar de “crise da sociedade salarial”. O compromisso do pós-guerra que havia permitido ampliar a assistência e conciliar eficácia económica e solidariedade social foi abalado pela “nova questão social”. A protecção social tornou-se muito desigual

[320] Serge Paugam, *Le Lien Social*, op.cit., pág.78

segundo os assalariados, de tal modo que os menos qualificados são hoje também os menos protegidos.

Desde logo, a noção de solidariedade orgânica, mais ainda do que durante o período da industrialização dos gloriosos anos trinta, parece à primeira vista bastante problemática. Como conceber a solidariedade num mundo económico que empurra os mais vulneráveis para a inactividade ou para a precariedade institucionalizada? Este processo conduziu a um aumento considerável da população socialmente desqualificada.

A noção de solidariedade numa perspectiva de universalidade dos direitos, de prevenção e de redistribuição institucionalizada são, pouco a pouco, substituídas por noções de responsabilidade individual. De resto, a solidariedade é frequentemente compreendida como uma acção minimalista, reservada à esfera da assistência para os mais desfavorecidos.

A primeira ruptura do laço de participação orgânica diz respeito ao desemprego, quer dizer à cessação constrangida da actividade profissional, a qual, quando é durável, se traduz por um enfraquecimento do nível de vida. As investigações sobre as experiências vividas de desemprego, de pobreza e de constrangimento que remete para a assistência permitiram verificar o risco de as pessoas que experimentam essa situação se sentirem e serem socialmente desqualificadas.

Existem numerosos casos de descriminação no acesso aos direitos sociais. Em todas as sociedades modernas, mas de forma variável de um país para outro, subsiste ainda uma proporção significativa de indivíduos que experimentam o sentimento de estarem desligados da sociedade na qual vivem, de não possuírem qualquer pertença política, de serem como estrangeiros face ao jogo que os responsáveis políticos produzem.

Para explicar essa desligação da sociedade, os sociólogos atribuem importância às condições sociais e culturais da socialização da criança, enquanto que os psicólogos são sensíveis às questões relativas à vinculação entre a criança e os seus pais, nomeadamente à sua mãe. Mesmo se as suas abordagens diferem, eles estão de acordo sobre o papel primordial das relações familiares na constituição da personalidade da criança e na aprendizagem das normas e das exigências da vida social. Muitas dessas abordagens puseram em evidência que as crianças confrontadas, desde muito jovens, com a violência e o alcoolismo dos seus pais são marginalizadas pelas outras crianças e impedidas de com estas estabelecerem relações. Uma criança que é marginal na escola é duplamente mal preparada por falta

de instrução e por fragilidade da sua sociabilidade, vê acrescidas as dificuldades de adquirir os conhecimentos necessários ao seu futuro, não pode aprender o seu papel no grupo.

O comportamento social das crianças originárias de meios desfavorecidos foi objecto de observações e de estudos nas creches antes da idade escolar[321]. Os resultados confirmaram a influência determinante do meio familiar. Os psicólogos notaram sinais de violência incontrolada, traduzindo uma falta de confiança em si, atraso de linguagem, dificuldade de concentração. Insegura, a criança do sub-proletariado encontra-se num meio que lhe é adverso. Os sociólogos da educação observam que ao longo da escolaridade, as desigualdades não param de aumentar. O próprio facto de ter um pai que é quadro superior aumenta as possibilidades de ter uma escolaridade primária sem reprovações. A instituição escolar revela-se praticamente impotente para regular as perturbações das crianças e adolescentes originários de meios sociais desfavorecidos. A precariedade económica engendra uma desorganização familiar e predispõe as crianças para conhecerem uma escolaridade difícil. É assim que a ruptura escolar se prepara desde os primeiros anos de escolaridade. As crianças com insucesso escolar conhecerão, quase inelutavelmente, o fracasso no mercado de trabalho. Confrontar-se-ão com toda a precariedade. As dificuldades que ocorrem na juventude frequentemente se repercutem na saúde psicológica, instalando falta de auto-estima, sentimento de não ser útil, de não se sentir bem na sua pele e de ser rejeitado ou desvalorizado, angústia e perturbações psicossomáticas, designadamente incapacidade para se concentrar, perda do sono, sentimento de estar constantemente sob pressão, e incapacidade para enfrentar e ultrapassar as dificuldades, para olhar as coisas sob uma perspectiva positiva e ter confiança em si.

Como diria Amartya Senn, para que o indivíduo se torne responsável é preciso começar por lhe assegurar possibilidades reais de exercer a sua liberdade, é preciso desenvolver uma redistribuição equitativa não apenas no que diz respeito aos bens materiais, aos recursos e aos lucros, mas, também, no que respeita às "capacidades" de desenvolver modos de funcionamento humanos, a fim de viver uma vida decente e de usufruir do bem-estar. A questão da responsabilidade individual está, desde logo, mal formulada no quadro da escola, dada a suposição de que o lugar obtido por cada aluno decorre apenas das suas capacidades e mérito, independentemente do seu nascimento e da sua fortuna.

O modelo da escola republicana postula a igualdade fundamental dos indivíduos, mas instaura entre eles uma competição, considerada justa. Todavia, não é

[321] Serge Paugame, Le Lien Social, op. cit. pág. 96.

difícil demonstrar que o princípio da igualdade das oportunidades é pouco respeitado. A escola não consegue apagar o peso da socialização familiar sobre os desempenhos escolares, mas também não consegue evitar a “desunião” ou a ruptura das relações sociais entre os alunos de origens sociais diversas. Sabemos que uma parte dos fracassos da igualdade de oportunidades pode ser atribuído ao funcionamento da escola, em si mesma, uma vez que se demitiu de assegurar aos mais fracos as condições necessárias para acederem às bases mínimas do saber, para evitar a desunião escolar dos alunos e atenuar, assim, o sentimento de humilhação.

Por tudo isso, é preciso superar a oposição entre responsabilidade individual e responsabilidade social, passando a considerá-las como duas dimensões ligadas que se reforçam mutuamente. Numa sociedade democrática, a liberdade individual só é atingida na condição de oferecer a cada um a possibilidade real de a exercer plenamente. Esta ambição passa pelo recurso à noção de responsabilidade social.

A ética social torna-se então prioridade para aqueles que têm menos, por referência aos princípios da igualdade de oportunidades e da igualdade dos resultados. Em vez de incriminar os mais fracos, tornando-os responsáveis pela sua sorte, será necessário colocar a questão do lugar dos mais desfavorecidos no sistema social. Será normal que os menos qualificados sejam também os menos protegidos em termos de apoio social? Será normal que as crianças dos meios desfavorecidos sejam condenadas a fracassar no sistema escolar sem terem tido a oportunidade de adquirir as bases necessárias à sua integração social? Será normal que os menos qualificados tenham menos acesso à formação contínua que os mais qualificados? A contradição entre a igualdade formal dos indivíduos e a força das desigualdades da vida económica e social não pode ser facilmente resolvida. Ela requer todavia a elaboração de políticas públicas que visem dotar as populações mais desfavorecidas das capacidades de usufruir do progresso social, de aceder aos serviços públicos e aos direitos, de se libertarem, pelo menos parcialmente, das protecções primárias, antes de mais, na esfera doméstica e nos laços de proximidade, assim como aderir plenamente às instituições públicas, o que passa pela confiança nesta últimas.

Mais de um século depois de Durkheim, o laço de participação orgânica tem um papel primordial na regulação social. Republicano por convicção, estava convencido do papel fundamental do Estado enquanto poder capaz de fazer a lei para todos, mostrando que os poderes parciais que fazem parte de um todo. Era necessário, por exemplo, não deixar a família gerir-se inteiramente por ela mesma. Era preciso, segundo ele, proteger as crianças contra o risco de um autoritarismo parental excessivo e garantir a todos o acesso à escola. A sociedade de indivíduos livres e iguais não é possível sem o recurso ao poder do Estado.

Situados os factores de risco social que predispõem os indivíduos para os consumos de substâncias psicotrópicas é altura de sintetizar algumas ideias a respeito do modelo de tratamento a cujo estudo nos dedicamos.

Um primeiro aspecto que se impõe à nossa observação á manifestamente baixa taxa de sucesso após o internamento. Grande número de indivíduos não chega a concluir o programa e, logo, a tomar parte em todas as terapias que lhe são inerentes. Outros concluem o protocolo de tratamento mas voltam aos consumos após algum tempo, não sendo raros os casos de múltiplos tratamentos na sequência de sucessivas recaídas.

Apesar da evidência empírica confirmar os baixos resultados das intervenções terapêuticas, parece que este problema não suscitou investigações especificamente centradas nas razões dessa baixa eficácia das intervenções terapêuticas disponíveis. O estudo deste facto é quanto a nós crucial, desde logo para aprofundar o conhecimento dos factores causais do fenómeno. O facto de se tratar de um fenómeno que acarreta grande sofrimento e enormes custos humanos, sociais e económicos é um outro motivo pertinente para conferir ao tratamento o estatuto de objecto de investigação.

Uma hipótese que nos interessaria explorar é a da possível existência de alguma correlação entre a origem social dos consumidores de drogas e o êxito da intervenção terapêutica. Na falta de registo dos casos acompanhados na Clínica do Outeiro que nos permitissem explorar relações entre os níveis de escolarização dos adolescentes, o seu capital social e simbólico e alguns indicadores de adesão ao tratamento, não é possível construir dados consistentes que forneçam alguma consistência empírica à hipótese acima formulada. Todavia, não é teoricamente descabido considerar que quer a adesão ao tratamento, quer a adaptação social após a saída possam ser profundamente condicionadas pelos recursos cognitivos, culturais e sociais dos adolescentes. O programa terapêutico, explanado na terceira parte, assenta numa síntese de teorias e técnicas cuja aplicação implica que os adolescentes compreendam o processo terapêutico, o que, por sua vez, não deixará de requerer um certo nível de desenvolvimento cognitivo e cultural. Os adolescentes das fracções sociais mais baixas, cuja primeira socialização ocorreu no quadro de subculturas que não podem partilhar os valores e objectivos dominantes da sociedade, poderão aderir a um programa terapêutico que não encara a sua matriz cultural, cuidando de elevar o seu capital cultural e escolar?

Desconhecemos o percurso destes adolescentes após a saída da comunidade terapêutica, o que, por si só, justificaria uma vertente de investigação especificamente centrada na reconstituição das oportunidades e meios de vida pós

tratamento. Sabemos que saíram da comunidade terapêutica com os mesmos recursos académicos que traziam à entrada, que com as suas famílias não desenvolvida qualquer tipo de intervenção, terapêutica ou outra, não foi, igualmente, desenvolvida uma intervenção no sentido de lhes ampliar os suportes de sociabilidade, de protecção e de obtenção uma educação compatível as exigências da sociedade actual.

Uma outra hipótese que nos interessará explorar em posterior investigação é que remete para possível insuficiência de articulação entre as terapias psicológicas e as realidades a que os adolescentes são obrigados a conhecer a fim de conquistarem um lugar na sociedade. Esta questão leva-nos a problematizar um programa terapêutico, "pronto - a - vestir", independentemente da diversidade sócio cultural dos indivíduos. Serão a auto - estima e o sentido de pertença recuperáveis no quadro de terapias accionadas num contexto que se pode considerar artificial, na precisa medida em que está preservado de muitos dos desafios que estão presentes na vida "normal"? Será que o trabalho terapêutico incorpora e trata os reais desafios a que o indivíduo não pode escapar no mundo real? Nos casos dos adolescentes cujas histórias reconstituímos neste trabalho, a libertação das drogas não exigirá um trabalho de ressocialização? E será possível levar a cabo uma ressocialização sem assegurar a reelaboração profunda e ampla das cognições incorporadas?

Por seu turno, e essa é uma terceira hipótese a explorar, se uma das raízes mais fundas da fuga para as drogas é a ausência de "causas" que façam dos laços sociais universais o alimento da procura e do sonho de ir mais longe e de desafiar limites, caberá questionar se a terapia, demasiado centrada nos fenómenos psicológicos, não descurará componentes filosóficas e políticas cruciais para superar vazios interiores profundos?

Se nos detivermos na constatação dos inúmeros factores estruturais que permitem falar, a justo título, de sociedades de risco, não escaparemos à sensação de que nenhuma intervenção pode fazer face a constrangimentos tão pesados, donde ser muito improvável, não só tratar como prevenir as dependências de drogas. Apesar de indispensável para construir uma leitura lúcida da natureza do problema, essa abordagem macrosociológica não permite inferir a impossibilidade de construir caminhos consistentes do ponto da superação do fenómeno.

A grandeza dos problemas estruturais não é, todavia, impeditiva de que se concebam e empreendam acções coerentes em termos de resposta aos reais problemas dos indivíduos. No caso específico dos adolescentes desprovidos de todos os meios necessários para fazerem parte da sociedade, os programas terapêuticos têm que ser simultaneamente programas de ressocialização, o que não pode ser

realizado no quadro restrito de uma comunidade terapêutica. A acumulação de rupturas nos curtos percursos de vida dos jovens implica respostas diversificadas que, por seu turno, não deixarão de requerer investimentos convictos com vista à reunião dos meios necessários para que obtenham instrução, relacionamentos sociais mais diversificados, acolhedores e securizantes e desafiadores. No fundo, essa é a nossa convicção, o tratamento das toxicodependências obterá maior eficácia se as instituições forem capazes de contrariar o fenómeno da corrosão do carácter de que fala Sennett, ou seja, se derem contributos relevantes para que a preocupação com os outros cresça e a reconstrução dos laços sociais seja possível. E isso, como acima já se disse, passa pela criação de condições de efectiva concretização do direito de crescer a todos.

A vida associativa será uma via de integração social quer para os menos, quer para os mais favorecidos à escala local. Apesar de incapaz de investir muito significativamente sobre os movimentos da vida económica, o associativismo pode propor regras constitutivas da solidariedade entre os membros da sociedade compreendida como um todo. Se direccionar a sua intervenção para o envolvimento de um número crescente de cidadãos na elevação das oportunidades não somente dos excluídos, mas, igualmente, dos que, apesar de possuidores de recursos, não conhecem modos de se ligarem nem de se sentirem preenchidos, o associativismo representará o exercício da margem de liberdade possível no que respeita à diminuição dos riscos sociais. A acção colectiva em torno da reunião de condições e de projectos de vida será, além do mais, a condição necessária para que as intervenções terapêuticas não fiquem prisioneiras de um psicologismo que oscila entre a ingenuidade e o cinismo. A sociedade é regulada por uma ordem que só é determinística enquanto permanece desconhecida. Cabe, em particular, aos cidadãos que podem aceder à compreensão dessa ordem determinística lançar as bases de experimentações expressamente concebidas para responder às necessidades que analisamos ao longo deste trabalho.

BIBLIOGRAFIA

**Agra Cândido da:** « Entre Droga e Crime: Actores, Espaços,Trajectórias » Colecção Comportamentos, Editorial Notícias, 1998

**Agra, Cândido da: "**Droga: Dispositivo crítico para um novo paradigma*"* in *Actas do Seminário* «Droga: Situação e Novas Estratégias», promovido pela Presidência da República, Junho de 1997, Centro Cultural de Belém, Lisboa

**Agra, Cândido da:** "Sujeito Auto-Poiético e Toxicodependência*"*, Centro Internacional de Criminologia Comparada, Universidade de Montreal, 1991

**Agra, Cândido da:** « A toxicomania: desordens bioquímicas e ordem social» in *Revista Psicologia*, 1982

**Agra, Cândido da:** « Da Rapsódia à Sinfonia - Sentido para a composição de um sistema de pensamento na área das drogas », Porto, 1994

**Alarcão, Madalena:** *(Des) Equilíbrios Familiares*, Quarteto Editora, Coimbra, 2000

**Allen, Nicholas**: " Psicoterapia Cognitiva" in *Uma introdução às psicoterapias* (coord. Sidney Bloch), Climepsi Editores, Lisboa, 1999

**Almeida, João Ferreira, Capucha, Luis Antunes,** at all: *Exclusão Social, Factores e Tipos de Pobreza em Portugal,* Celta Editora, Oeiras, 1992

**Anatrella, Tony**: *Liberdade Destruída*, Principia, Publicações Universitárias,S. João do Estoril, 2004

**Angel, P.; Richard, D. ; Valleur, M**. : *Toxicomanias,* Climepsi Editora, Lisboa, 2002

**Anzieu, D. Bowlby, J. at all:** *A Vinculação, ("Attachment":1974),* Socicultur, Lisboa, 1978

**Atger,F.** "Vinculação e Adolescência" in *Vinculação: Conceitos e aplicações*, Coordenação de Nicole Guedney e Antoine Guedney, Climepsi, 2004

**Bagagem, Maria da Purificação**: "O grupo familiar de pertença dos jovens em estudo" in *Droga: A desintegração familiar e social dos jovens*, Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2000

**Bardin, Laurence** : *Análise de Conteúdo*, Edições 70, 1977

**Becker, Howard** : *Outsiders*. *Études de sociologie de la deviance*, A. M. Métailié, Paris, 1985

**Berger, Peter e Luckmann, Thomas**: *A construção social da realidade*, Editora Vozes Lda., Brasil, 1973

**Blumer** : *El interaccionismo simbólico: perspective y método*, Hora, Barcelona, 1982

**Botella, Luís** : "Diálogo, relações e mudança: uma aproximação discursiva à psicoterapia construtivista", in *Psicoterapia, discurso e narrativa: a construção conversacional da mudança*, (Coords. Miguel M. Gonçalves e Óscar F. Gonçalves), capítulo IV, Quarteto Editora, Coimbra, 2001

**Bourdages, Louise et all.,** (coord.),: *Le «je» et le «nous» en histoire de vie*, L'Harmattan, 1998, Paris

**Bourdieu, Pierre**: La Misére du Monde, Éditions de Seuil, Paris, 1993

**Bourdieu, Pierre** : "Comprendre" in *La misère du monde,* Éditions du Seuil, Paris, 1993, págs. 903-926

**Bourdieu, Pierre** (1979): *La Distinction. Critique Social du Jugement*, Les Éditions de Minuit, Paris

**Bowlby, John** : *Perda, Tristeza e Depressão*, volume 3 da trilogia Apego e Perda, Martins Fontes, S. Paulo, 2004

**Brazelton, T. Berry e Greenspan, Stanley I**.: *A Criança e o seu mundo - requisitos essenciais para o crescimento e aprendizagem*- Editorial Presença, 5ª edição, Lisboa, 2006

**Brinkerhoff, David B. e Whi, Lynn K.** : "Deviance: Crime, and Social Control" in *Sociology*, West Publishing Company, St. Paul, New York, Los Angeles, S. Francisco, 1985

**Canavarro, Maria Cristina***: "Psicologia da Gravidez e da Maternidade", Quarteto Editora, Coimbra, 2001*

**Castel, Robert**: *As metamorfoses da questão social – Uma crónica do salário*, Editora Vozes, Petrópolis, 2003

**Castells, Manuel** , *The Network Society,* Backwell, Oxford, 1997

**Cathy Spatz Widom, Barbara Luntz Weiler Linda B. Cottler** "Childhood Victimization and Drug Abuse: A Comparison of Prospective and Retrospective Findings" in Journal of Consulting Clinical Psychology, American Psychological Association, Inc., vol. 67, nº 6, 1999, pág. 867-880.

**Charmaz, Karen.** "*Constructing grounded theory. A practical guide through qualitative analysis"*. London: Sage Publications.

**Coulon, Alain**:*L'Ethno- Méthodologie*, PUF, 1987

**Curry , Augusto**: *Nunca desista dos seus sonhos*, Pergaminho, Cascais, 2005

**Curry, Augusto**: *Pais brilhantes, professores fascinantes*, Pergaminho, Cascais, 2007

**Davidson, Robin:** "Questões motivacionais no Tratamento do Comportamento Aditivo" in *Psicoterapia e Tratamento de Adições*, Capítulo 11, Ed. Artes Médicas, Porto Alegre, 1997

**Denzin, Norman K. :** *Interpretive Interactionism,* Applied Social Research Methods Series, volume 16, Sage Publications, London, 1990

**Denzin, Norman K. Lincoln, Y.:** *Handbook of Qualitative Research,* Thousand Oaks, Sage Publications, 1994

**Dias, Fernando Nogueira**: *Padrões de Comunicação na Família do Toxicodependente* – Uma análise sociológica, Instituto Piaget, Lisboa, 2001

**Dias, Isabel** : *Violência na Família – Uma Abordagem Sociológica*, Edições Afrontamento, Porto, 2004

**Dubar, Claude** : *A Socialização – construção das identidades sociais e profissionais*, Porto Editora, Porto, 1997

**Dubet , François**: *La galère: Jeunes en survie*, Feyard, Paris, 1987

**Durkheim, E**.: Le Suicide.Étude de sociologie, edições Quadrige, 2007

**Elias, Norbert e Scotson, John L**.: *Os Estabelecidos e os Outsiders,* Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2000

**Elias, Norbert** *: A civilização dos mortos,* Paris, Calmann-Lévy*,* 1973

**Elias, Norbert***: A dinâmica do Ocidente,* Paris, Calmann-Lévy*,* 1975

**Erikson, Erik***: Adolescence et Crise*, Flammarion, France, 1972

**Erikson, Erik & Erikson :** *O ciclo da vida completo*, Artes Médicas, Porto Alegre, 1998

**Erikson, EriK:** *Psicologia do Adolescente – Uma Abordagem Desenvolvimentista,* capítulo V, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 1999

**Esteves, António e Azevedo, José** (organizadores):Metodologias Qualitativas para as Ciências Sociais, Instituto de Sociologia, Faculdade de Letras, Universidade do Porto, 1998

**Farate, Carlos** : “Dependência e Dificuldades Relacionais, *in O Acto do Consumo e o Gesto que Consome*, Capítulo I, Editora Quarteto, Coimbra, 2001

**Fernandes, Luis :** “Psicologia Ecológica dos Usos de Drogas” in *Cadernos de Consulta Psicológica,* 6, 1990, págs. 55-66

**Fernandes, Luis e Pinto, Marta de Sousa** :”Do que se tem ao que não há: práticas de investigação e comunidade científica das drogas em Portugal” in *Toxicodependências*, volume 8, nº 3, 2002, págs. 3-11

**Fernandes, Luis e Ribeiro, Catarina**): “Redução de Riscos, Estilos de Vida JUNKIE e Controlo Social”, in *Sociologia - Problemas e Práticas*, nº 39, Celta, Lisboa, 2002, págs. 57-68

**Ferrarotti, Franco** *Histoire et Histoires de Vie*, Librairie des Méridiens, Paris ,1983

**Filipe, António:** “As políticas de luta contra a droga (1980-2001)” in A Pedra e o Charco- Sobre o conhecimento e intervenção nas drogas, Íman Edições, Almada, 2001

**Fitoussi, Jean-Paul e Rosanvallon, Pierre**: *A Nova Era das Desigualdades*, Editora Celta, Oeiras, 1997

**Fleming, Manuela:** *Famílias e Toxicodependência*, Edições Afrontamento, Porto, 1995

**Fleming, Manuela**: “Autonomia adolescente e atitudes dos pais” –in Psicologia, VIII, 3: 301-315, 1992

**Filipe, António:** “As políticas de luta contra a droga (1980-2001)” in A Pedra e o Charco- Sobre o conhecimento e intervenção nas drogas, Íman Edições, Almada, 2001

**Fitoussi, Jean-Paul e Rosanvallon, Pierre**: *A Nova Era das Desigualdades*, Editora Celta, Oeiras, 1997

**Fleming, Manuela:** *Famílias e Toxicodependência*, Edições Afrontamento, Porto, 1995

**Fleming, Manuela**: “Autonomia adolescente e atitudes dos pais” –in Psicologia, VIII, 3: 301-315, 1992

**Garapon, Antoine***: Le Gardien des promesses*, Paris, Odile Jacob, 1996

**Gaulejac, Vincent de e Léonetti, Isabel Taboada**: *La lutte des places*, Epi, Paris, 1994

**Giddens, Anthony:** *Novas Regras do Método Sociológico,* Zahar editores, Rio de Janeiro, 1978

**Giddens , Anthony** *: A Constituição da Sociedade*, Livraria Martins Fontes Editora, São Paulo, 1989

**Giddens, Anthony** *: Sociologia,* Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2000

**Gimeno, Adelina:** *A Família, o Desafio da Diversidade,* Instituto Piaget, Lisboa, 2001

**Glasser, William** : *La Thérapie de la Réalité*, Les Éditions Logiques, Paris, 1996

**Gleitman**, **Henry** : "A Adolescência", in *Psicologia*, Capítulo 14 – O desenvolvimento social, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2002

**Goffman, Erving** : *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, Zahar, Rio de Janeiro, 1982

**Gomes, Manuel de Freitas; Morgado, Rui e Souto, Teresa**: "A Clínica do Outeiro e o seu programa para tratamento das Toxicodependências", 2001, publicação para o 10º Aniversário da Clínica do Outeiro

**Gonçalves, Óscar:** "O Paradigma da Aprendizagem Social" in *Terapia Comportamental – Modelos Teóricos e Manuais Terapêuticos*, Edições Afrontamento, Porto, 1990

**Gonçalves, Óscar:** *Terapias Cognitivas: teorias e práticas*, Bibliotecas das Ciências do Homem, Edições Afrontamento, Porto, 1993

**Gros, Marielle Christine**: *Espaço Residencial e Modo de Vida – Contributos da Sociologia para a Reabilitação de uma Área Urbana Degradada,* Tese de Doutoramento, Universidade de Aveiro, 1998

**Haguette, Teresa Maria Frota**: *Metodologias Qualitativas na Sociologia*, Editora Vozes, Petrópolis, 2005

**Hill, Manuela Magalhães e Hill, Andrew:** *Investigação por Questionário*, Edições Sílabo, Lisboa, 2002

**Kaufmann, Jean-Claude** : L' Invention de Soi – Une théorie de l'identité, Armand Colin, 2004

**Lahire, Bernard**: *Portraits sociologiques – Dispositions et variations individuelles*, Nathan, Paris, 2002

**Lipovetsky, Gilles**: *A Era do Vazio – Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*, Editora Relógio D'Água, Lisboa, 1989

**Lipovetsky, Gilles:** *A Felicidade paradoxal* – Ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo, Edições 70, Lisboa, 2007

**Lowenstein, William at all:** *A metadona e os tratamentos de substituição*, Climepsi Editores, Lisboa, 1998

**Manita, Celina, Negreiros, Jorge e Agra, Cândido da:** "*Determinações e significações na relação droga-crime*"- Lisboa: GPCCD, 1996

**Marcelli, Daniel et Braconnier, Alain**: Adolescence et psychopathologie, Masson, Paris, 2000

**Merton, Robert***: A Ambivalência Sociológica*, Zahar Editores, 1979

**Merton, Robert**: *Sociologia – Teoria e Estrutura*, Editora Mestre Jou, S. Paulo, 1968

**Miler, William:** *Entrevista motivacional – preparando as pessoas para a mudança de comportamentos aditivos*, Artmed Editora, Porto Alegre, 2001

**Morel, Alain; Hervé, François e Fontainel, Bernand: "**A questão da Adolescência**",** in *Cuidados ao Toxicodependente*, Climepsi Editores,1998

**Morel Alain; Hervé, François e Fontainel, Bernand: "**Abordagens e Modelos**",** in *Cuidados ao Toxicodependente*, Climepsi Editores, 1998

**Negreiros, Jorge: "**A prevenção do consumo de drogas: Teoria, Investigação e Prática", in *A Pedra e o Charco - Sobre o conhecimento e intervenção nas drogas*, Íman Edições, Almada, 2001

**Negreiros, Jorge:** *Delinquências Juvenis: trajectórias, intervenções e prevenção*, Notícias Editorial, Lisboa, 2001

**Oatley, Keith e Jenkins, Jenniffer M.:** *Compreender as Emoções,* Instituto Piaget, Lisboa, 2002

**Ogde, J.** : *Psicologia da Saúde*, Climepsi Editores, Lisboa, 1999

**Olievenstain, Claude e Parada, Carlos:** *Droga, Adolescentes e Sociedade,* Epistemologia e Sociedade, Lisboa, 2002

**Pais, J. Machado**: "Dos relatos aos conteúdos de vida" in *Ganchos, Tachos e Biscates – Jovens, trabalho e futuro*, capítulo 4, Ambar, Porto, 2001

**Paugam, Serge***: Le Lien Social*, PUF, Paris, 2008

**Perret, Bernard e Roustang, Guy**: A Economia Contra a Sociedade, Quadratim, Instituto Piaget, Lisboa 1996

**Pineau, Gaston et Jobert, Guy** (1989): *Histoires de Vie*, Approches multidisciplinaires, vol. 2, L'Harmattan, Paris

**Poiares, Carlos:** “Droga, Lei & Saber - Abordagem Psicocriminal” in *A Pedra e o Charco - Sobre o conhecimento e intervenção nas drogas*, Íman Edições, Almada, 2001

**Rahioui, Hassan e Reynaud, Michel***: Terapias Cognitivo-comportamentais e Adicções*, Climepsi Editores, Lisboa, 2008

**Relvas, Ana Paula:** “ Estórias de Famílias, História Familiar e Toxicodependência: da compreensão à Intervenção” capítulo IV, in *Por detrás do Espelho*, Quarteto, Coimbra, 2000

**Ribeaud, Marie-Catherine et les equipes A.T.D**.: Service et Science: *Les Enfants des Exclus* –L’avenir enchaîné des enfants du sous-prolétariat, Lutter/Stock, 1976

**Ribeiro, Jorge da Silva** “O dilema das abordagens à droga: racionalidade ou Irracionalidade?” in *A Pedra e o Charco- Sobre o conhecimento e intervenção nas drogas,* Íman Edições, Almada, 2001

**Ricoeur, Paul**: *Oneself as Another*, University of Chicago Press, Chicago, 1992

**Ricou, Miguel**: “A Dependência: Doença ou Alienação Social?” *Dependências Individuais e Valores Sociais*, Gráfica de Coimbra, 2004, pág. 83 a 99

**Sanches, Manuel Peres:** “Adictos: O processo de mudança na Comunidade Terapêutica” in *A Pedra e o Charco - Sobre o conhecimento e intervenção nas drogas,* Íman Edições, Almada, 2001

**Saraceno, Chiara:** *Sociologia da Família,* Editorial Estampa, Lisboa, 1997

**Sennett**, **Richard:** *A Corrosão do Carácter*, Terramar, Lisboa, 2001

**Sennett, Richard** *A Cultura do Novo Capitalismo*, Relógio D’Água Editores, Viseu, 2007

**Simmel**, **G.** *La tragédie de la culture*, Paris, Éd. Rivages, 1988

**Silva, Augusto Santos** : *Dinâmicas sociais do nosso tempo*, Editora da Universidade do Porto, 2002,

**Soares, Isabel:** “Vinculação: Questões Teóricas, Investigação e Implicações Clínicas” in *Revista Portuguesa de Pedopsiquiatria*, nº 11, 1996

**Soares, Isabel; Machado, Graça:** “Avaliação da vinculação em jovens e adultos” in Almeida, L. ; Ribeiro, I. (orgs.) *Avaliação Pedagógica. Formas e Conteúdos*, Braga, 1993

**Sprinthall, N.; Collins, A. :** *Psicologia do Adolescente – Uma abordagem desenvolvimentista,* Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1999

**Strecht, Pedro**: *Preciso de ti*, Assírio & Alvim, Lisboa, 1999

**Strecht, Pedro***: Vontade de Ser*, Assírio & Alvim, Lisboa, 2000

**Strecht, Pedro***: Interiores*, Assírio & Alvim, Lisboa, 2001

**Teixeira, Carlota**: *O Tecer e o Crescer – Fios e Desafios, Dissertação de Mestrado em Ciências do Serviço Social,* Instituo de Ciências Biomédicas de Abel Salazar, Universidade do Porto, 2009

**Tinoco, Rui & Pinto, Severiano** (2001): "Abordagem biográfica das toxicodependências – o biograma como instrumento de intervenção clínica" in *Toxicodependências*, volume 7, nº1, 2001, págs. 17-23

**Tinoco, Rui** : "Indeterminação biográfica – de condição natural a uma fissura na história do sujeito" in *Toxicodependências*, volume 8, nº3, 2002, págs. 61-69

**Torres, Nuno e Ribeiro, João Paulo** (org.): *A Pedra e o Charco - Sobre o conhecimento e intervenção nas drogas*, Íman Edições, Almada, 2001

**Valleur**, **Marc**: "Adicção: todos viciados" in Le Point Sur, Sciences Humaines, nº185, Agosto –Setembro, 2007

**Vasconcelos, Luís Almeida** : *Heroína – Lisboa como Território Psicotrópico nos Anos Noventa,* 2003

**Velasquez, Mary Marden at all:** "How to Help People Change – The Transtheoretical Model", in *Group Treatment for Substance Abuse – A Stages of Change Therapy Manual*, The Guilford Press, New York, 2001

**Villers, Guy de** (1993): "L'histoire de vie comme méthode clinique" in *Penser La Formation*, Cahiers de la Section des Sciences de l'Education – Pratiques et Théorie, nº 72, Université de Genève – Faculté de Psychologie et des Sciences de l'Education, Genève, pags. 135-155

**Winnicott, W.** : *O brincar e a Realidade*, Imago Editora, lda., Rio de Janeiro, 1975

**Xavier-Colle, François**: *Toxicomanias, sistemas e famílias*, Climepsi Editores, Lisboa,

PERIÓDICOS

Jornal Público de 10 de Março de 2006 – texto de Pedro Strecht

Jornal Público, Revista Pública nº 450, - "sobre os tweens"- Texto de Ricardo Dias Felner

# Anexos

**Guião da entrevista: variáveis e indicadores seleccionados**

A realização das entrevistas biográficas foi assim precedida da elaboração do seguinte guião:

- Trajectórias de vida e contextos de socialização;
- Dinâmicas familiares, realçando-se as relações entre progenitores e progenitores e filhos, para compreender designadamente os processos de comunicação intra-familiares, a clareza na definição de limites, o clima familiar, os acontecimentos significativos e as perdas e rupturas dos laços familiares;
- Percursos escolares e profissionais;
- Trajectórias de consumos;
- Meios que permitiram garantir os consumos;
- Razões que os adolescentes atribuem para o início dos consumos;
- Eventuais tratamentos anteriores.

**Condições sociais de existência**

**1.1 Lugar de residência**

- Onde viveu: locais
- Com quem viveu
- Desde que idades e até que idades
- Motivos pelos quais mudou de local de residência

**1.2 Acontecimentos significativos no grupo familiar**

- Separação dos pais
- Morte de um dos progenitores ou elemento significativo do agregado
- Vítima de maus tratos por agressão física (ameaças, escoriações)
- Vítima de maus tratos por agressão psicológica (expressões orais, queixas sistemáticas, insultos, desvalorização, ...)
- Vítima de violação, incesto

**1.3. Clima familiar**

- Relação com e entre familiares

- Como avalia a relação entre os progenitores
- Como recorda as relações entre si e os progenitores

- Modos de abordar os problemas familiares
  - Analisados em momento próprio e no colectivo dos elementos familiares
  - Discutidos entre os progenitores e posteriormente informados os outros elementos
  - Não há conversa regular sobre os problemas e o modo como cada um os vive e sente
- Clareza na definição de limites: cumprimento ou não de regras e normas.
- Demonstração de interesse dos progenitores relativamente à atenção prestada aos problemas; esclarecimento sobre dificuldades
- Demonstração de afectos entre os adultos e o próprio (envolvimento emocional coerente com os sentimentos expressos pelo filho)
- Existência de situações de crise ou ruptura

**2. Percurso escolar e profissional**

- Que estabelecimentos escolares frequentou
- Em que locais
- Com que idade entrou na escola
- Até que idade frequentou a escola
- Porque abandonou/mudou
- Problemas experimentados
- Como eram os seus comportamentos face à escola
- Sentimentos vividos

**3.Trajectória de consumos**

***3.1 Condições em que iniciou o consumo***

- Com que idade começou a consumir
- Durante quantos anos consumiu
- Como iniciou os consumos
- Com que drogas e com que frequência
- Em que locais costumava consumir

***3.2. Condições facilitadoras da adesão ao consumo regular***

- Consumia sozinho ou em grupo?
- Quem o/a ajudou a aprender a preparar a droga?
- Quando experimentou, gostou logo?
- Porque continuou?
- Sabia que era ilegal?
- Não tinha medo das drogas?
- O grupo ajudou a perder o medo de consumir?

***3.3. Racionalizações para manter os consumos***

- A família sabia que consumia?
- Como fez para evitar que a família soubesse?
- Tinha medo que descobrissem, porquê?
- Sabia que a droga podia fazer mal?
- O que sentia quando consumia?

***3.4. Condições de acesso aos produtos***

- Como conseguia a droga? Era fácil ou difícil o acesso às drogas?
- Precisava de roubar para ter dinheiro para a droga?
- Não tinha medo?
- Alguma vez foi apanhado? O que te aconteceu?
- Sabia que roubar podia ser perigoso?
- O grupo ajudou a ganhar confiança para roubar?
- O que lhe pedia o grupo? Que obrigações tinha para com eles?

***3.5. Opinião do próprio sobre o consumo e tráfico de drogas***

- Tinha ideia que o seu comportamento era mal visto por outros?
- O que pensa desse comportamento de roubos?
- Também traficava?
- O que pensa de quem consome drogas?
- E de quem trafica? Acha legítimo?
- Acha que consumir drogas é uma doença ou um comportamento de desvio às normas?